BERNARD CORNWELL

STONEHENGE

CRÔNICAS SAXÔNICAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

STONEHENGE

BERNARD CORNWELL

4a EDIÇÃO

Título original: *Stonehenge*

© 1999, *by* Bernard Cornwell

© Ilustrações *by* Rex Richolls

A ilustração do losango utilizada na capa e no início de cada capítulo, é uma reprodução fiel de um dos três losangos de ouro encontrados nas escavações de Bush

Barrow, Wiltshire, num dos túmulos encontrados perto do monumento de Stonehenge. Reprodução permitida pelo Devizes Museu (Wiltshire Archaeological and Natural History Society)

Reservados todos os direitos desta obra para publicação em Portugal de acordo com a legislação em vigor por:

PLANETA EDITORA, LDA.

Travessa do Noronha, 21-1. 1250-170 Lisboa Telefone: 213978756 Fax: 213951026 Apartado 2657 1117 Lisboa Codex Portugal

Tradução: *Carmo Vasconcelos Romão*

Revisão: *Luís Milheiro*

Capa: *Estúdios Planeta, sobre ilustração de David Scutt* Composição, impressão e acabamento: *Grafitexto,* Lisboa

Depósito legal 155039/00 ISBN 972-731-101-6

Proibida a reprodução no todo ou em parte, por qualquer meio, sem prévia autorização do editorEm memória de Bill Moir 1943-1998

”Desapareceram os bosques dos druidas, tanto melhor: Stonehenge permaneceu mas que diabo é aquilo?”

Lord Byron, *Don Juan* Canto XI, verso XXV.

PRIMEIRA PARTE

O Templo do Céu*(Os* DEUSES FALAM POR SINAIS. PODE SER UMA FOLHA CAINDO NO VERÃO, o grito de um animal moribundo ou a ondulação feita pelo vento num lago. Pode ser o fumo junto ao solo, uma abertura nas nuvens ou o voo de uma ave.

Mas naquele dia os deuses enviaram uma tempestade. Foi uma tempestade enorme, uma tempestade que seria recordada, embora o povo não nomeasse o ano por essa tempestade. Pelo contrário, chamaram-lhe o Ano em que chegou o Forasteiro.

Isto porque um forasteiro chegou a Ratharryn no dia da tempestade. Era um dia de Verão, o mesmo em que Saban quase assassinou o seu meio-irmão.

Naquele dia os deuses não falaram. Gritaram.

Saban, como todas as crianças, andava nu no Verão. Tinha menos seis anos que o seu meio-irmão, Lengar, *e* como ainda não passara as provas da idade adulta, não tinha cicatrizes tribais nem marcas de morte. Mas as provas estavam apenas a um ano de distância e o pai instruíra Lengar para que levasse Saban à floresta e lhe ensinasse onde se encontravam os veados, onde se escondiam os javalis, onde ficavam as tocas dos lobos. Lengar ofendera-se com a tarefa, portanto, em vez de ensinar o irmão, arrastou-o por moitas de espinhos de modo a fazer sangrar a pele do rapaz queimada pelo sol.

Nunca te vais tornar um homem escarneceu Lengar.

Sensato, Saban nada disse.

Havia já cinco anos que Lengar era um homem, de modo que tinha no peito as cicatrizes azuis da tribo *e* nos braços as marcas de caçador. Trazia consigo um arco feito de teixo, com pontas de osso e uma corda de tendão bem esticada e untada com gordura de porco. Vestia uma túnica de pele de lobo e tinha o cabelo comprido entrançado, atado com uma fita de raposa. Era alto, de rosto estreito, sendo considerado um dos grandes caçadores da tribo. O seu nome significava Olhos de Lobo, uma vez que o seu olhar tinha uma tonalidade amarelada.

Tinham-lhe dado um nome ao nascer mas, como muitos na tribo, recebera outro ao tornar-se adulto.18

Saban também era alto e tinha longo cabelo negro. O seu nome significava Favorito e na tribo muitos pensavam que era adequado, já que apenas com doze Verões, Saban prometia ser formoso. Era forte e esguio, trabalhava muito e sorria quase sempre. Lengar raramente sorria. ”Tem uma sombra no rosto”, diziam dele as mulheres, apenas quando não as pudesse ouvir, pois era provável que Lengar viesse a ser o próximo chefe da tribo. Lengar e Saban eram filhos de Hengall, e este o chefe do povo de Ratharryn.

Durante todo aquele longo dia, Lengar levou Saban através da floresta. Não encontraram veados, javalis, lobos, auroques ou ursos. Limitaram-se a caminhar, tendo chegado à tarde ao sopé da colina, para ver que toda a terra a ocidente estava sombreada por uma massa de nuvens negras. Os relâmpagos riscavam o monte de nuvens escuras em direcção à floresta longínqua, deixando o céu a arder. Lengar acocorou-se, com uma mão no arco polido, observando a tempestade que se aproximava. Devia ter já iniciado o regresso a casa, mas queria assustar Saban, de modo que fingiu não estar preocupado com a tempestade, que era uma ameaça dos deuses.

Foi enquanto observavam a tempestade que chegou o forasteiro.

Montava um pequeno cavalo castanho, branco de suor. Como sela usava um cobertor de lã dobrado e as rédeas eram fios de fibra de urtiga, embora nem necessitasse delas, já que estava ferido e parecia cansado, deixando a sua pequena montada escolher o atalho que subia a escarpa íngreme. O forasteiro tinha a cabeça baixa e os calcanhares pendiam-lhe quase até ao chão. Vestia uma capa de lã tingida de azul e trazia um arco na mão direita, enquanto do ombro esquerdo pendia-lhe uma bolsa cheia de flechas ornamentadas de penas de gaivota e corvo. Usava uma barba negra e curta, e as marcas tribais do seu rosto eram cinzentas.

Lengar sussurrou a Saban que ficasse em silêncio, seguindo depois o forasteiro para oriente. Lengar tinha uma flecha metida no arco, mas o forasteiro nem uma só vez se voltou para ver se estava a ser seguido, de modo que Lengar contentou-se em deixar a flecha descansar na corda. Saban gostaria de saber se o cavaleiro ainda vivia, pois parecia um morto, inerte, atirado para o lombo do cavalo.

O forasteiro era um Fronteiriço. Até Saban o sabia, pois apenas o Povo da Fronteira montava pequenos cavalos peludos e usava cicatrizes cinzentas no rosto. O Povo da Fronteira era inimigo, porém Lengar não soltou a flecha. Limitou-se a seguir o cavaleiro, levando Saban atrás de si, até que por fim o Fronteiriço chegou à beira das árvores onde cresciam fetos. Aí, o forasteiro parou o cavalo e ergueu a cabeça para olhar a suave elevação, enquanto Lengar e Saban se acocoravam, escondidos por trás dele.

O forasteiro olhou os fetos e mais ao longe o pasto, onde o solo era mais fino, depois das marcações. Havia túmulos espalhados pela crista baixa do terreno. Os porcos comiam os fetos, enquanto o gado preferia a terra de19

pastagem. Aqui ainda havia sol. O forasteiro manteve-se muito tempo nos limites do bosque, em busca de inimigos, mas sem os ver. Para norte do sítio onde se encontrava, havia campos de trigo limitados por espinheiros, sobre os quais as primeiras nuvens, arautos da tempestade, seguiam a sua sombra; porém à sua frente havia sol. Havia vida diante de si e escuridão por trás. O pequeno cavalo, solto, agitou-se subitamente junto aos fetos. O cavaleiro deixou-se levar.

O animal subiu a encosta suave até aos túmulos. Lengar e Saban esperaram até o forasteiro desaparecer no horizonte, depois seguiram e, chegando ao cimo, acocoraram-se numa vala funerária, para verem que o cavaleiro se tinha detido junto ao Velho Templo.

Ouviu-se o ribombar de um trovão e uma rajada de vento alisou a erva em que o gado pastava. O forasteiro escorregou de cima do cavalo, atravessou a enorme vala do Velho Templo e desapareceu no meio das frondosas aveleiras que cresciam dentro do recinto sagrado. Saban percebeu que o homem vinha em busca do santuário.

Mas Lengar estava atrás do Fronteiriço, e Lengar não era dado a piedade.

O cavalo abandonado, assustado pela trovoada e pelo gado, trotou para ocidente da floresta. Lengar esperou até que o cavalo desaparecesse por entre as árvores, levantou-se da vala e correu em direcção às aveleiras, para onde o forasteiro se dirigira.

Saban foi atrás, entrando onde nunca estivera nos seus doze anos de vida. No Velho Templo.

Uma vez, há muitos anos, há tantos que ninguém vivo se lembrava desses tempos antigos, o Velho Templo fora o maior santuário da zona central. Nesses tempos, quando os homens vinham de longe para dançar no recinto do templo, a barreira de greda que o cercava era tão branca que parecia cintilar à luz da Lua. De um lado a outro do anel cintilante iam cem passos e, nos tempos antigos esse espaço sagrado fora percorrido pelos pés dos dançarinos que rodeavam a casa dos mortos formada por três anéis de troncos cortados de carvalho. Os troncos nus e macios tinham sido oleados com gordura animal e enfeitados com ramos de azevinho e hera.

Agora a barreira estava coberta de relva sufocada por ervas daninhas. Pequenas aveleiras haviam crescido na vala e outras invadido o enorme espaço dentro da barreira circular, de modo que, à distância, o templo parecia um bosque de pequenos arbustos. Os pássaros faziam os ninhos onde outrora os homens dançaram. Por cima do emaranhado de aveleiras, via-se ainda o poste de carvalho da casa dos mortos, mas este estava agora inclinado e a madeira, outrora lisa, apresentava-se picada, negra *e* grossa devido aos fungos.20

O templo fora abandonado, todavia os deuses não esquecem os seus santuários. Por vezes, em dias calmos quando a neblina se estende sobre as pastagens ou a lua cheia se mantém imóvel sobre o círculo de greda, as folhas das aveleiras estremecem como se o vento passasse por elas. Os dançarinos partiram, mas o poder ficou.

E agora o Fronteiriço entrara no templo.

Os deuses gritavam.

As sombras das nuvens engoliam a pastagem, enquanto Lengar e Saban corriam em direcção ao Velho Templo. Saban tinha frio e estava assustado. Lengar também estava receoso, mas o Povo da Fronteira era famoso pelas suas riquezas e a ganância de Lengar era superior ao medo de entrar no templo.

O forasteiro atravessara a vala e subira a barreira, mas Lengar dirigiu-se à antiga entrada sul, onde uma estreita vereda levava ao frondoso interior. Uma vez atravessada a vereda, Lengar pôs-se de gatas e rastejou por entre as aveleiras. Saban seguiu-o com relutância, sem querer ficar sozinho na pastagem quando estoirasse a ira do deus da tempestade.

Para surpresa de Lengar, o Velho Templo não estava completamente coberto de

arbustos, pois havia um espaço limpo no local onde se situara a casa dos mortos. Alguém da tribo deveria ainda visitar o Velho Templo, porque as ervas daninhas foram arrancadas, a relva cortada com uma faca e apenas uma caveira de boi se encontrava aí, no local onde se sentava agora o forasteiro, encostado à única coluna que restava do templo. O rosto do homem estava pálido e tinha os olhos fechados, mas o seu peito subia e descia com a respiração difícil. Trazia uma fila de pedras negras na parte interior do pulso, apertadas por atilhos de couro.

Havia sangue nas suas calças de lã. O homem pousara o arco e a aljava das flechas junto da caveira do boi e agarrava agora um saco de couro junto ao ventre ferido. Havia três dias que fora apanhado numa emboscada, dentro da floresta. Não vira quem o atacara, apenas sentira uma dor atroz, resultante da lança que lhe atiraram, depois picara o cavalo e deixara que este o levasse para fora de perigo.

Vou buscar o pai murmurou Saban.

Não vais sussurrou Lengar, mas o ferido devia tê-los ouvido, pois abriu os olhos e fez uma careta, inclinando-se para diante, de modo a pegar no arco.

No entanto, o forasteiro estava mais lento devido à dor e Lengar foi muito mais rápido. Largou o arco saiu do esconderijo e correu pela casa dos mortos apanhando o arco do forasteiro com uma mão e a aljava com a outra. Com a pressa espalhou as flechas de modo que apenas restava uma na bolsa de couro.21

O rolar dos trovões soou a ocidente. Saban estremeceu, temendo que o som aumentasse, enchendo o ar com a raiva do deus, mas o trovão afastou-se, deixando o céu mortalmente calmo.

Sannas disse o forasteiro, acrescentando depois palavras numa língua que nem Lengar, nem Saban falavam.

Sannas? perguntou Lengar.

Sannas repetiu o homem ansioso. Sannas era a grande feiticeira de Cathallo, famosa em toda a terra. Saban calculou que o forasteiro quisesse ser tratado por ela.

Lengar sorriu.

Sannas não pertence ao nosso povo afirmou. Sannas vive a norte. O forasteiro não compreendeu o que Lengar disse.

Erek pronunciou e Saban, ainda escondido nos arbustos, perguntou a si próprio se seria o seu nome, ou talvez o nome do seu deus. Erek disse o ferido com maior firmeza, mas a palavra nada significava para Lengar, que retirara uma flecha da aljava do forasteiro e a enfiava no arco. Este era feito de tiras de madeira e chifre, coladas e ligadas com tendões; o povo a que Lengar pertencia nunca usara uma arma assim. Preferiam um arco mais longo, feito de teixo, de modo que sentia curiosidade por aquela estranha arma. Esticou a corda, experimentando-lhe a força.

Erek! gritou muito alto o forasteiro.

És do Povo da Fronteira afirmou Lengar. Não tens nada a fazer aqui.

Esticou de novo o arco, surpreendido pela tensão de uma arma tão curta.

Traz-me um curandeiro. Traz-me Sannas disse o forasteiro na sua própria língua.

Se Sannas estivesse aqui afirmou Lengar, reconhecendo apenas o nome matava-a primeiro. Cuspiu. Isto é o que eu penso de Sannas. É uma vaca enrugada, uma semente do mal, estrume de sapo feito carne. Cuspiu de novo.

O forasteiro inclinou-se para diante e com dificuldade pegou nas flechas que tinham caído da aljava, formando com elas um pequeno feixe que segurou como uma faca, como se se quisesse defender.

Traz-me um curandeiro implorou na sua língua. Os trovões rugiam a ocidente e as folhas das aveleiras estremeceram quando uma rajada de vento frio anunciou a tempestade. O forasteiro olhou de novo Lengar nos olhos e não viu neles piedade. Apenas a satisfação que Lengar encontrava na morte. Não, disse. Não, por favor.

Lengar soltou a flecha. Estava só a cinco passos do forasteiro e a pequena seta atingiu o alvo com força doentia, empurrando o homem para o lado. A flecha enterrou-se profundamente, deixando apenas a ver-se sobre o peito do forasteiro um palmo da sua haste, enfeitada com penas pretas e brancas.22

Saban pensou que o Fronteiriço estava morto porque não se mexeu durante

muito tempo, mas depois o feixe de setas que fizera cuidadosamente caiu-lhe da mão, quando se esforçou por se endireitar.

Por favor disse em voz baixa.

Lengar! Saban agitava-se nas aveleiras. Deixa-me ir buscar o pai.

Calado! Lengar retirara uma das suas flechas de penas negras da aljava e colocara-a no arco curto. Caminhou na direcção de Saban, apontando-lhe o arco, sorrindo ao ver o terror no rosto do meio-irmão.

O forasteiro olhava também para Saban, vendo um rapaz alto e bonito, com cabelo negro emaranhado, olhos ansiosos.

Sannas implorou o forasteiro a Saban, leva-me a Sannas.

Sannas não vive aqui disse Saban, entendendo apenas o nome da feiticeira.

Nós vivemos aqui anunciou Lengar, apontando agora uma flecha sua ao forasteiro. És um Fronteiriço, dos que roubam o nosso gado, escravizam as nossas mulheres e enganam os nossos mercadores.

Soltou a segunda flecha que, como a primeira, bateu no peito do forasteiro, desta vez nas costelas do lado direito. Mais uma vez o homem tombou para o lado e de novo se esforçou por se endireitar como se o seu espírito recusasse deixar-lhe o corpo ferido.

Posso dar-te poder disse, enquanto um fio de sangue borbulhante lhe escorria da boca para a barba curta. Poder murmurou.

Mas Lengar não entendia a língua do homem. Disparara duas flechas e mesmo assim o homem recusava-se a morrer, de modo que pegou no seu arco, colocou uma flecha na corda e enfrentou o forasteiro. Esticou para trás

a arma enorme.

O forasteiro abanou a cabeça, mas já conhecia o seu destino; olhou então Lengar nos olhos para lhe mostrar que não tinha medo de morrer. Amaldiçoou o seu assassino, embora duvidasse que os deuses o escutassem, pois era ladrão e fugitivo.

Lengar soltou a corda e a flecha de penas pretas enfiou-se no coração do forasteiro. Deve ter morrido imediatamente, porém tentara ainda erguer o corpo, como se quisesse desviar-se da seta de sílex; depois caiu, estremeceu enquanto lhe batia o coração e ficou imóvel.

Lengar cuspiu na mão direita, esfregando depois o cuspo no interior do pulso esquerdo, onde o arco do forasteiro lhe tinha ferido a pele; ao olhar para o meio-irmão, Saban percebeu a razão por que o forasteiro usava a fita de pedra no braço. Lengar executou uns passos, celebrando a morte, mas estava nervoso. Não tinha a certeza se o homem estava realmente morto, pois aproximou-se do corpo com todo o cuidado, tocando-lhe com a extremidade de osso do arco, preparado para saltar para trás, se o corpo voltasse à vida e se atirasse a ele, mas o forasteiro não se mexeu.23

Lengar aproximou-se de novo para arrancar a bolsa da mão do forasteiro já morto, afastando-a do corpo. Olhou por uns momentos o rosto acinzentado do cadáver e depois, confiante de que o espírito do homem tinha de facto partido, arrancou o cordão que atava a bolsa. Espreitou para dentro dela, ficou imóvel um instante e depois gritou de alegria. Tinham-lhe dado o poder.

Saban, aterrorizado pelo grito do irmão, recuou, mas em seguida avançou de novo, enquanto Lengar esvaziava o conteúdo da bolsa na relva, junto à caveira esbranquiçada do boi. Para Saban, parecia que um raio de sol se tinha escapado dela.

Havia dezenas de pequenos ornamentos de ouro, em forma de losango, cada um deles do tamanho da unha de um polegar e quatro placas grandes, também com a forma de losangos, com as dimensões de uma mão. Os losangos, grandes e pequenos, tinham pequenos orifícios feitos nos vértices, de modo a poderem ser metidos num tendão ou cosidos numa peça de vestuário; todos eles eram feitos de folhas de ouro muito finas, com linhas rectas gravadas, embora o padrão nada significasse para Lengar que arrancou a Saban um dos mais pequenos, que este se atrevera a apanhar da relva. Lengar juntou-os todos, grandes e pequenos, num monte.

Sabes o que é isto? perguntou ao irmão mais novo, apontando para lá.

Ouro respondeu Saban.

Poder corrigiu Lengar. Olhou para o morto. Sabes o que se pode fazer com ouro?

Usá-lo na roupa? sugeriu Saban.

Imbecil! Podem comprar-se homens. Lengar recuou. As sombras das nuvens eram agora muito escuras e as aveleiras agitavam-se ao sabor do vento fresco. Compram-se lanceiros continuou. Compram-se archeiros e guerreiros! Compra-se poder!

Saban apanhou um dos pequenos losangos, depois afastou-se do caminho, quando Lengar tentou recuperá-lo. O rapaz recuou através da pequena clareira e, quando lhe pareceu que Lengar não o perseguiria, acocorou-se e espreitou o bocadinho de ouro. Parecia uma coisa estranha para comprar poder. Saban conseguia imaginar os homens a trabalhar por comida, por vasos de barro, por sílex, por escravos ou por bronze, que poderia ser transformado em facas, machados, espadas e punhos de lanças, mas por este metal brilhante? Não podia cortar, existia simplesmente, porém, mesmo naquele dia nublado, Saban podia ver que o metal cintilava, cintilava como se um bocado de sol estivesse preso dentro dele; estremeceu de súbito, não por estar nu, mas porque nunca antes havia tocado em ouro, nunca tivera na mão uma raspa do Sol todo-poderoso.

Temos de o levar ao pai disse em tom reverente.24

Para que esse velho tolo o acrescente ao seu tesouro? perguntou Lengar em tom de desprezo. Voltou ao corpo e dobrou a capa por cima das hastes das flechas, vendo que as calças do morto estavam presas por um cinto com uma fivela de ouro maciço, enquanto tinha mais losangos pequenos ao pescoço pendurados num tendão.

Lengar olhou para o irmão mais novo, lambeu os beiços e pegou numa das flechas que caíra das mãos do forasteiro.

Segurava ainda o seu arco comprido, colocando na corda a flecha de penas pretas e brancas. Olhava para as aveleiras, evitando deliberadamente o olhar do meio-irmão, mas Saban percebeu imediatamente o que passava pela cabeça de Lengar. Se Saban sobrevivesse para contar ao pai acerca deste tesouro do Povo da Fronteira, então Lengar perdê-lo-ia, ou pelo menos teria de lutar por ele; mas se Saban fosse descoberto morto, tendo nas costelas uma flecha de penas pretas e brancas, pertencente ao Povo da Fronteira, ninguém suspeitaria que Lengar fosse o autor da morte, nem que este se tinha apropriado de um enorme tesouro em seu proveito. Os trovões ribombavam a ocidente e o vento frio achatava o cimo das

aveleiras. Lengar esticava o arco, embora não olhasse para Saban.

Olha para isto! exclamou subitamente Saban, segurando no pequeno losango. Olha!

Lengar aliviou a pressão da corda enquanto espreitava e nesse mesmo instante, o rapaz partiu como se fosse uma lebre saltando das ervas. Correu através das aveleiras *e* pela vereda larga da entrada do Velho Templo pelo lado do Sol. Havia aí mais postes apodrecidos, tais como os, que rodeavam a casa dos mortos. Teve de se desviar para ultrapassar os tocos e, enquanto girava por entre eles, a flecha de Lengar passou-lhe junto à orelha.

Um trovão rasgou os céus e a chuva começou a cair. As gotas eram enormes. Um raio cintilou pela outra encosta. Saban correu, dando voltas e curvas, sem se atrever a olhar para trás, para ver se Lengar o perseguia. A chuva caía cada vez mais forte, enchendo o ar com o seu malévolo rugido, mas servindo de biombo para o esconder enquanto corria para norte e depois para oriente, em direcção à aldeia. Gritava enquanto corria, esperando que os donos dos rebanhos pudessem estar ainda nas pastagens, porém não viu ninguém até ter passado os túmulos no cimo da colina, atravessando o atalho lamacento entre os pequenos campos de trigo que eram açoitados pela chuva torrencial.

Galeth, tio de Saban e mais cinco homens, regressavam à aldeia quando ouviram os gritos do rapaz. Voltaram-se na direcção da colina, enquanto Saban corria à chuva agarrando-se ao gibão de pele de veado do tio.

Que se passa, *rapaz? perguntou* Galeth. Saban agarrou-se ao tio.

Tentou matar-me! exclamou ofegante. Tentou matar-me!

Quem? perguntou Galeth. Era o irmão mais novo do pai de Saban, alto, de barba cerrada e famoso pelos seus feitos de força. Dizia-se que Galeth25

uma vez tinha erguido sozinho um poste do templo, que não era dos mais pequenos, mas sim um enorme tronco cortado, que sobressaía por cima dos outros postes. Tal como os companheiros, Galeth transportava um enorme machado de lâmina de bronze, pois estavam a derrubar árvores quando a tempestade chegara. Quem tentou matar-te? perguntou Galeth.

Foi ele! gritou Saban, apontando para a colina onde Lengar acabara de aparecer

com o arco na mão e uma nova flecha metida na corda.

Lengar parou. Nada disse, limitando-se a olhar para o grupo de homens que agora abrigava o seu meio-irmão. Retirou a flecha da corda. Galeth olhou o sobrinho mais velho.

Tentaste matar o teu próprio irmão? Lengar riu-se.

Eu não. Foi um Fronteiriço.

Desceu lentamente a colina. Tinha o longo cabelo negro molhado da chuva, muito liso e colado à cabeça, dando-lhe um ar assustador.

Um Fronteiriço? perguntou Galeth, cuspindo para afastar o azar. Havia muita gente em Ratharryn que achava que Galeth e não Lengar deveria ser o próximo chefe, mas a rivalidade entre tio e sobrinho empalidecia diante da ameaça de um ataque do Povo da Fronteira. Há Fronteiriços na pastagem? perguntou Galeth.

Só aquele disse Lengar em tom descuidado. Meteu a seta do Fronteiriço dentro da bolsa. Só aquele repetiu. Agora está morto.

Então estás a salvo, rapaz disse Galeth a Saban. Estás a salvo.

Ele tentou matar-me insistiu Saban. Foi por causa do ouro! Mostrou o losango como prova.

Ouro, eh? perguntou Galeth tirando a pequena lasca da mão de Saban. Foi isto que encontraste? Ouro? É melhor levá-lo ao teu pai.

Lengar lançou a Saban um olhar do mais profundo ódio, mas agora era tarde de mais. Saban vira o tesouro e estava vivo, pelo que o pai viria a saber do ouro. Lengar cuspiu, depois voltou-se e começou a subir de novo a colina. Desapareceu na chuva, arriscando-se à fúria da tempestade, de modo a poder resgatar o resto do tesouro.

Foi esse o dia em que o forasteiro chegou ao Velho Templo durante a tempestade; o dia em que Lengar tentou matar Saban e o dia em que tudo mudou no mundo de Ratharryn.

O deus da tempestade rugiu naquela noite através da campina. A chuva achatava

as plantas, transformando em ribeiros os atalhos da colina. Inundou os pântanos a norte de Ratharryn e o rio Mai transbordou pelas margens, arrastando árvores caídas do vale profundo, que vieram desde as terras mais altas até ao enorme círculo onde Ratharryn fora construída. O fosso que rodeava26

a aldeia inundara e o vento levantava o telhado de colmo das cabanas e gemia por entre os postes de madeira dos anéis dos seus templos.

Ninguém sabia quando chegara a primeira pessoa à terra junto ao rio, nem como tinham descoberto que Arryn era o deus do vale. Porém, este deve ter-se revelado a essa gente, já que deram o seu nome ao novo lar e construíram templos nas colinas que rodeavam o vale. Eram templos simples, meras clareiras na floresta, em que um anel de troncos de árvores era deixado erguido e, durante muitos anos, ninguém sabia quantos, o povo seguia os atalhos do bosque até estes anéis de madeira, onde implorava aos deuses que o protegesse. A seu tempo, o povo de Arryn limpou a maior parte dos bosques, cortando carvalhos, olmos, freixos e aveleiras, para plantar cevada ou trigo nos pequenos campos. Pescavam no rio consagrado a Mai, esposa de Arryn, criavam gado nas pastagens e porcos nas zonas de floresta que ficavam entre os campos; os jovens da tribo caçavam javalis, veados, auroques, ursos e lobos nos bosques selvagens, que tinham sido afugentados para além dos templos.

Destes, os primeiros apodreceram e ergueram-se novos, que, por sua vez envelheceram; mesmo assim, continuavam a ser anéis de madeira, embora fossem agora postes cortados, erguidos entre uma barreira e um fosso que alargava o círculo à volta dos anéis. Sempre um círculo, pois a vida era um círculo. O céu era um círculo, o limite do mundo era um círculo, o Sol era um círculo e a Lua crescia até o ser e era por isso que os templos em Cathallo, Drewenna, Maden e Ratharryn, afinal em todos as aldeias espalhadas pela região, eram feitos de círculos.

Cathallo e Ratharryn eram tribos gémeas do centro. Estavam ligadas pelo sangue e eram tão ciumentas como duas esposas. Uma vantagem para uma delas era uma afronta para a outra e, naquela noite, Hengall, chefe do povo de Ratharryn, estava preocupado por causa do ouro do Fronteiriço. Esperara que Lengar lhe viesse trazer o tesouro, mas embora este tivesse de facto voltado com uma bolsa de couro, não se dirigira à cabana do pai; quando Hengall enviou um escravo exigindo que o filho lhe levasse os tesouros, Lengar respondera que estava demasiado cansado para isso. Assim, Hengall consultava agora o sumo sacerdote

da tribo.

Vai desafiar-te avisou Hirac.

Os filhos devem desafiar os pais respondeu Hengall.

O chefe era um homem alto e pesado, com cicatrizes no rosto e uma barba enorme, hirsuta e engordurada. A sua pele, como a da maior parte do povo, era escura, pois estava entranhada de fuligem, sujidade, terra, suor e fumo. Por baixo da sujidade, os seus grossos braços exibiam inúmeras marcas azuis, que mostravam quantos inimigos tinha morto em combate. O seu nome significava simplesmente Guerreiro; porém Hengall, o Guerreiro, preferia de longe a paz à guerra.**27**

Hirac era mais velho que Hengall. Era magro, doíam-lhe as articulações e tinha uma barba branca rala. Hengall podia conduzir a tribo, mas Hirac falava com os deuses, de modo que o seu conselho era indispensável.

Lengar vai combater-te avisou Hengall.

Não vai.

Pode ser. É jovem e forte disse Hirac. O sacerdote estava nu, tendo a pele coberta com uma pasta seca de greda e água, na qual uma das suas esposas traçara uns desenhos ondulantes feitos com os dedos abertos. A caveira de um esquilo pendia-lhe ao pescoço de um fio de couro e trazia à cintura um círculo de cascas de nozes e dentes de urso. Tinha o cabelo e a barba cobertos de lama vermelha, que secava e estalava devido ao imenso calor da fogueira de Hengall.

E eu sou velho e forte afirmou Hengall. Se ele lutar comigo, mato-o.

Se o matares, então apenas te restam dois filhos sussurrou Hirac.

Resta-me um filho resmungou Hengall, olhando furioso para o sumo sacerdote, pois detestava que lhe recordassem o reduzido número de filhos que concebera. Kital, chefe do povo de Cathallo, tinha oito filhos, Ossaya, que fora chefe de Maden, antes de Kital o ter conquistado, gerara seis, enquanto Melak, chefe do povo de Drewenna, tinha onze, de modo que Hengall sentia-se envergonhado de ter concebido apenas três filhos e ainda mais por um deles ser aleijado. Claro que também tinha filhas e algumas delas haviam sobrevivido, mas filhas não

eram filhos. Nem contava com o segundo filho, o rapaz aleijado, um imbecil gago que se chamava Camaban. Reconhecia Lengar e também Saban, mas não o filho do meio.

Lengar não vai desafiar-me declarou Hengall. Não se atreve.

Não é cobarde avisou o sacerdote. Hengall sorriu.

Não. Não é cobarde, mas apenas combate quando sabe que pode vencer. É por isso que, se sobreviver, será um bom chefe.

O sacerdote estava acocorado junto ao poste central da cabana. Tinha entre os joelhos um monte de pequenos ossos: as costelas de um bebé que morrera no Inverno anterior. Mexia-lhes com um dedo longo coberto de greda, colocando-os em padrões ao acaso que estudava com a cabeça de lado.

Sannas vai querer o ouro disse, pouco depois, fazendo em seguida uma pausa para que aquela afirmação agoirenta produzisse efeito. Hengall, como qualquer outro ser humano, receava a feiticeira de Cathallo, mas parecia evitar tal pensamento. E Kital tem muitos lanceiros acrescentou Hirac, à laia de aviso.

Hengall empurrou o sacerdote, fazendo-o desequilibrar.

Deixa que eu logo trato das lanças, Hirac. Diz-me o que significa o ouro. Como veio aqui parar? Quem o mandou? Que faço com ele?28

O sacerdote olhou à volta da grande cabana. De um lado, um biombo de couro escondia as escravas que serviam a nova mulher de Hengall. Hirac sabia que havia um enorme tesouro já escondido dentro da cabana, enterrado debaixo do chão ou oculto num monte de pedras. Hengall sempre amealhara, nunca fora gastador.

Se ficares com o ouro, os homens tentarão tirar-to disse Hirac. Este ouro não é vulgar.

Nem sequer sabemos se é o ouro de Sarmennyn afirmou Hengall, embora sem muita convicção.

É disse Hirac, apontando para o pequeno losango trazido por Saban, que cintilava no chão de terra, entre os dois. Sarmennyn era uma região fronteiriça

muitas milhas a ocidente e, durante as duas últimas luas, tinham-se ouvido rumores acerca de um grande tesouro que o povo de Sarmennyn perdera. Saban viu o tesouro continuou. É o ouro dos Fronteiriços e estes adoram Slaol, embora lhe dêem outro nome... Fez uma pausa, tentando lembrar-se qual era, mas sem o conseguir. Slaol era o deus do Sol, um deus poderoso, mas o seu poder rivalizava com o de Lahanna, a deusa da Lua, e os dois, que já tinham sido amantes, estavam agora separados. Era essa a rivalidade que dominava Ratharryn e fazia de cada decisão um tormento, pois o gesto feito a um dos deuses ofendia o outro; a tarefa de Hirac era manter satisfeitos todos os deuses rivais, não apenas o Sol e a Lua, mas o vento e o solo, o ribeiro e as árvores, os animais e as ervas, os fetos e a chuva, os inúmeros deuses, espíritos e forças invisíveis. Hirac pegou no pequeno losango. Slaol enviou-nos o ouro afirmou. O ouro é o metal de Slaol, mas o losango é o símbolo de Lahanna.

Estás a dizer que o ouro pertence a Lahanna? sussurrou Hengall. Hirac nada disse durante algum tempo. O chefe aguardava. A tarefa do sumo sacerdote era determinar o significado dos estranhos acontecimentos, embora Hengall fizesse os possíveis para influenciar esses significados em favor da tribo.

Slaol poderia ter conservado o ouro em Sarmennyn disse por fim Hirac. Mas não o fez. Assim, será esse povo a sofrer a sua perda. A sua chegada aqui não *é* de mau agouro.

Ainda bem grunhiu Hengall.

Mas a forma do ouro diz-nos que já pertenceu a Lahanna e que esta tentou recuperá-lo continuou Hirac, cauteloso. Saban não disse que o forasteiro perguntava por Sannas?

Disse.

E Sannas reverencia Lahanna, acima de todos os deuses continuou o sacerdote. Assim, Slaol deve tê-lo enviado para nós, de modo a que ela não lhe conseguisse chegar. Mas Lahanna vai ter inveja e exigir-nos alguma coisa.

Um sacrifício? perguntou Hengall desconfiado.29

O sacerdote acenou afirmativamente e Hengall fez um ar de zangado, imaginando o número de cabeças de gado que o sacerdote quereria matar no templo de Lahanna; porém, Hirac não propôs qualquer depradação na riqueza da

tribo. O ouro era importante, a sua vinda era extraordinária e *a* resposta deveria ser igualmente generosa.

A deusa vai querer um espírito disse o sumo sacerdote. Hengall alegrou-se quando se apercebeu que o seu gado estava a salvo.

Podes levar o imbecil do Camaban ofereceu o chefe, falando do seu desonroso segundo filho. Dá-lhe alguma utilidade. Esmaga-lhe o crânio.

Hirac balançava-se, de joelhos, com os olhos semicerrados.

Está marcado por Lahanna disse em voz baixa. Camaban saíra de sua mãe com um sinal no ventre em forma de quarto crescente, o que, tal como o losango, era a forma sagrada da Lua. Lahanna pode zangar-se se o matarmos.

Talvez ela gostasse da sua companhia sugeriu Hengall maliciosamente. Não o terá assinalado para que lho enviassem?

É verdade confessou Hirac e a ideia deu-lhe coragem para tomar uma decisão. Vamos ficar com o ouro e aplacamos Lahanna com o espírito de Camaban.

Muito bem disse Hengall. Voltou-se para o biombo e chamou alguém. Uma escrava apareceu nervosamente à luz da fogueira. Se tenho de combater com Lengar amanhã de manhã, o melhor será fazer já outro filho disse o chefe ao sumo sacerdote. Apontou à rapariga o monte de peles que lhe servia de cama.

O sumo sacerdote juntou os ossos do bebé e apressou-se a partir para a sua cabana, apanhando a chuva que, cada vez mais forte, lhe retirava a greda da pele.

O vento continuava a soprar. Os relâmpagos desciam até à terra tornando o mundo escuro como breu e branco como greda. Os deuses gritavam e os homens apenas podiam temê-los.SABAN RECEAVA ADORMECER, NÃO POR CAUSA DO DEUS DA TEMPESTADE que martelava a terra, mas por pensar que Lengar poderia vir durante a noite para o castigar por ter levado o losango. Porém, o irmão mais velho deixou-o descansado e, de madrugada, Saban saiu da cabana da mãe para o vento húmido e gelado. Os restos da tempestade lançavam nuvens de bruma para a enorme barreira de terra que rodeava a aldeia, enquanto o Sol escondia o rosto por trás das nuvens, aparecendo apenas de vez em quando, como um disco baço coberto de vapores acinzentados. Durante a noite, caíra um telhado de colmo, encharcado pela água da chuva e o povo estava

maravilhado por a família não ter ficado esmagada. Uma fila de mulheres e escravos percorria o caminho a sul da barreira para arranjar água no rio inundado, enquanto as crianças levavam os vasos de urina da noite anterior para os poços dos curtidores, que tinham transbordado; todavia, todos se apressavam a voltar, desejosos de não perder o confronto entre Lengar e o pai. Até a gente que vivia para lá da grande barreira, nas cabanas das terras mais altas, tinham ouvido a notícia e, de repente, arranjaram um pretexto para vir naquela manhã a Ratharryn. Lengar descobrira o ouro do Povo da Fronteira. Hengall queria-o e a vontade de um deles teria de prevalecer.

Hengall foi o primeiro a aparecer. Saiu da cabana trajando uma enorme capa de pele de urso e passeou-se pela aldeia com aparente despreocupação. Cumprimentou Saban despenteando-lhe o cabelo, depois falou com os sacerdotes sobre os problemas de substituir um dos grandes postes do templo de Lahanna *e* por fim, sentou-se num banco à porta da cabana, escutando os relatos ansiosos dos danos feitos pela chuva daquela noite nos campos de trigo.

Podemos sempre comprar cereal anunciou Hengall em voz alta, para que o maior número possível de pessoas o pudesse ouvir. Há quem diga que a riqueza escondida na minha cabana devia ser usada para arranjar armas, mas o melhor seria servir-nos para comprar cereal. Temos ainda os porcos para comer *e a* chuva não mata os peixes do rio. Não morreremos de fome. Abriu a capa e bateu no enorme ventre nu. Não vai encolher este ano! O povo ria.31

Galeth chegou com meia dúzia de homens e acocorou-se junto à cabana do irmão. Todos eles traziam lanças e Hengall compreendeu que o tinham vindo apoiar, mas não mencionou que estivesse à espera de um confronto. Pelo contrário, perguntou a Galeth se tinha encontrado um carvalho suficientemente grande para substituir o pilar podre do templo no santuário de Lahanna.

Encontrámos, mas não o cortámos.

Não o cortaram?

O dia ia adiantado e os machados estavam rombos. Hengall sorriu.

Porém, ouvi dizer que a tua mulher está grávida.

Galeth parecia modestamente satisfeito. A primeira mulher morrera-lhe havia um ano, deixando-o com um filho um ano mais jovem que Saban; acabara agora de

tomar uma nova esposa.

Está admitiu.

Então pelo menos uma das tuas lâminas está afiada disse Hengall, provocando mais risos.

Mas estes calaram-se abruptamente, pois Lengar escolheu esse momento para sair da sua cabana e, naquela manhã cinzenta, brilhava como o próprio Sol. Ralla, sua mãe e a esposa mais velha de Hengall, deveria ter ficado acordada naquela noite de tempestade, enfiando os pequenos losangos em tendões, para que o filho os pudesse usar como colares, tendo também cosido as quatro peças de ouro maiores directamente no gibão de pele de veado sobre o qual usava o cinto de fivela de ouro que pertencera ao forasteiro. Seguiam Lengar dez jovens guerreiros, todos eles seus íntimos companheiros de caça, e atrás desse bando de lanceiros ia um grupo lamacento de crianças entusiasmadas que, brandindo paus, imitavam a arma de caça que Lengar empunhava.

A princípio, Lengar ignorou o pai. Passeou-se antes por entre as cabanas, passando pelos dois templos construídos dentro da grande barreira e dirigindo-se depois às casas dos oleiros e aos poços dos curtumes a norte da aldeia. Os seus companheiros trocavam as lanças e cada vez mais gente se juntava atrás dele, até que por fim conduziu a entusiasmada procissão por um atalho sinuoso que serpenteava por entre os colmos encharcados das cabanas baixas e redondas. Só depois de ter percorrido duas vezes a aldeia é que se dirigiu ao pai.

Hengall ergueu-se quando o filho se aproximou. Deixara Lengar gozar a sua hora de glória e agora, levantando-se, sacudiu dos ombros a capa de urso, lançando-a com o pêlo para baixo, sobre a lama a seus pés. Limpou o rosto da humidade da bruma, usando as pontas da enorme barba, depois esperou de peito nu, para que todo o povo de Ratharryn pudesse ver como eram grossas as marcas azuis dos inimigos mortos e dos animais chacinados que tinha entalhadas na pele. Ficou em silêncio, deixando o vento passar-lhe pelas farripas de cabelo negro.32

Lengar parou em frente ao pai. Era da mesma altura dele, mas menos musculoso. Numa luta seria provavelmente o mais rápido, enquanto Hengall seria o mais forte, porém este último não se mostrava receoso de um tal confronto. Bocejou e depois acenou afirmativamente ao filho mais velho.

Trouxeste-me o ouro do forasteiro. Muito bem. Apontou para a capa de urso que se encontrava no chão, entre eles. Põe tudo aí, filho resmungou.

Lengar ficou imóvel. A maior parte da tribo que os observava pensava que iriam lutar, pois os seus olhos mostravam um amor pela violência que raiava a loucura; porém, o olhar do pai era firme e Lengar preferiu discutir em vez de erguer a lança.

Se um homem encontra um veado no bosque, tem de o entregar ao pai? perguntou em voz muito alta, para que todos o ouvissem. A gente de Ratharryn tinha-se agrupado junto às cabanas mais próximas, deixando espaço para o confronto *e* alguns deles gritavam agora, concordando com Lengar. Este prosseguiu, encorajado pelo apoio: Ou se encontrar mel de abelhas selvagens, terei de suportar as picadas e depois entregar o mel ao meu pai?

Sim disse Hengall, bocejando de novo. Na capa, meu rapaz!

Um guerreiro chega à nossa terra exclamou Lengar, um forasteiro do Povo da Fronteira, e traz ouro. Mato o forasteiro e fico com o ouro. Não será meu?

Alguns, por entre a multidão gritaram que o ouro era, de facto, dele, mas não tantos quantos os que gritaram anteriormente. A figura de Hengall e o seu ar despreocupado eram intrigantes.

O chefe pegou numa bolsa que tinha no cinto e retirou o pequeno losango que Saban trouxera do Velho Templo. Deixou cair a lasca de ouro na capa.

Agora põe aqui o resto disse para Lengar.

O ouro é meu! insistiu Lengar, mas desta vez apenas Ralla, sua mãe, e Jegar, um dos amigos mais íntimos, gritaram o seu apoio. Jegar era um homem pequeno e magro, da mesma idade de Lengar, mas já um dos maiores guerreiros da tribo. Em combate, matava com um abandono semelhante ao de Lengar *e* desejava avidamente uma luta, mas nenhum dos seus outros companheiros de caça tinha estômago para se defrontar com Hengall. Contavam com Lengar para vencer o confronto e parecia que este o iria fazer por meio da violência, pois erguera de súbito a lança, mas em vez de apunhalar com ela segurou-a bem no alto de modo a chamar a atenção para o que ia dizer.

Encontrei o ouro! Matei pelo ouro! O ouro veio ter comigo! E vai ficar agora

escondido na cabana do meu pai? Para se encher de pó? Aquelas palavras provocaram murmúrios de simpatia, pois muita gente em Ratharryn se sentia ofendida com o modo como Hengall juntava tesouros. Em Drewenna ou Cathallo, o chefe exibia a riqueza, recompensava os guerreiros com bronze,**33**

enfeitava as mulheres com metal brilhante e fazia grandes templos, mas Hengall guardava a riqueza de Ratharryn na sua cabana.

O que farias com o ouro? interveio Galeth. Estava agora de pé e tinha solto o rabo-de-cavalo, de modo que o cabelo lhe caía negro e despenteado junto ao rosto. Parecia um guerreiro no início da batalha. Tinha erguido a lança. Conta-nos, sobrinho desafiou-o. Que farias com o ouro?

Jegar ergueu a lança de modo a responder ao desafio de Galeth, mas Lengar baixou a arma do amigo.

Com este ouro gritou, batendo nos losangos que trazia ao peito podíamos arranjar guerreiros, lanceiros, archeiros e acabar para sempre com Cathallo!

As vozes que a princípio o tinham apoiado voltaram a gritar, pois havia muitos em Ratharryn que temiam o crescimento de Cathallo. No Verão anterior os guerreiros de Cathallo tomaram a aldeia de Maden, que ficava entre Ratharryn e Cathallo e raramente passava uma semana sem que invadissem a terra de Hengall à procura de gado ou porcos; não agradava a muitos membros da tribo que Hengall parecesse nada fazer para acabar com aqueles ataques insultuosos.

Houve um tempo em que Cathallo nos pagava um tributo! gritou Lengar, encorajado pelo apoio da multidão. Em que as suas mulheres vinham dançar aos nossos templos! Agora acobardamo-nos sempre que se aproxima um guerreiro de Cathallo! Rebaixamo-nos a Sannas, essa cadela horrorosa! E onde estão o ouro, o bronze e o âmbar que nos podiam libertar? E para onde irá este ouro, se eu o entregar? Para ali! Ao dizer estas últimas palavras apontou com a lança para o pai. E que fará Hengall com o ouro? perguntou Lengar. Vai enterrá-lo! Ouro para as toupeiras! Metal para os vermes! Um tesouro para as larvas! Esforçamo-nos por encontrar sílex, enquanto temos ouro!

Hengall abanou tristemente a cabeça. A multidão que aclamara as últimas palavras de Lengar, estava agora silenciosa à espera que a luta começasse. Os homens de Lengar deviam ter pensado que o momento estava próximo pois encheram-se de coragem e agruparam-se atrás do seu chefe, com as armas

erguidas. Jegar dançava de um lado para outro mostrando os dentes e apontando a lâmina da lança ao ventre de Hengall. Galeth aproximou-se de Hengall, pronto a defender o irmão, mas Hengall afastou-o com um gesto, baixou-se e retirou a sua clava de guerra do esconderijo debaixo do telhado de colmo do beiral da sua cabana. A clava era um pau de carvalho da grossura do pulso de um guerreiro, com uma enorme saliência de pedra cinzenta que poderia esmagar o crânio de um adulto como se fosse um ovo de carriça. Hengall ergueu a clava e depois acenou com a cabeça em direcção à capa de pele de urso. O tesouro todo, rapaz disse, insultando deliberadamente o filho. Todo, na capa.34

Lengar olhou para ele. A lança tinha um alcance maior do que a clava, mas se a primeira estocada falhasse sabia que a massa de pedra lhe quebraria o crânio. Assim, Lengar hesitou e Jegar empurrou-o para lhe passar à frente. Hengall apontou a clava a Jegar.

Matei o teu pai, *rapaz*, quando desafiou a minha chefia disse em tom de desprezo. Depois esmaguei os seus ossos e dei a carne aos porcos, mas guardei a sua queixada. Hirac!

O sumo sacerdote, com a pele malhada de sujidade e greda, bamboleou-se diante da multidão.

Sabes onde está escondida a queixada? perguntou Hengall.

Sei respondeu Hirac.

Então, se este verme não recuar, lança-lhe uma maldição de sangue disse Hengall, olhando firmemente para Jegar. Gela-lhe as partes baixas. Enche-lhe o ventre de vermes pretos.

Jegar hesitou um segundo. Embora não temesse a clava de Hengall, temia a maldição de Hirac, por isso recuou. Hengall olhou de novo para o filho.

Na capa, filho disse baixinho. E despacha-te! Quero o meu pequeno-almoço!

O desafio de Lengar caiu por terra. Por um instante pareceu querer atirar-se ao pai, preferindo a morte à desonra, mas depois desistiu e, com um gesto desesperado, deixou cair a lança, retirou o ouro do pescoço e cortou os pontos que lhe seguravam os losangos ao gibão. Colocou-os todos sobre a pele de urso, depois desapertou o cinto e atirou-o com a sua enorme fivela de ouro para cima

dos losangos.

Encontrei o ouro protestou fracamente quando terminou.

Tu e Saban encontraram-no concordou Hengall. Mas encontraram-no no Velho Templo e não nos bosques, o que significa que o ouro nos foi enviado a todos! E porquê? O chefe ergueu a voz de modo a todo o povo o poder ouvir. Os deuses não revelaram as suas intenções, de modo que temos de esperar para saber a resposta. Mas é o ouro de Slaol e se ele no-lo enviou deve ter uma *razão.* *Prendeu* a capa de urso com o pé, arrastando-a e aos tesouros para a entrada da cabana de onde se estendeu um par de mãos de mulher para puxar para dentro o monte cintilante. Um leve gemido percorreu a multidão, pois todos sabiam que passaria muito tempo antes de voltarem a ver o ouro. Hengall ignorou o gemido. Há aqui aqueles que gostariam que eu conduzisse os nossos guerreiros contra o povo de Cathallo gritou. E há pessoas em Cathallo que gostariam que os seus jovens nos atacassem! Porém, nem todos em Cathallo desejam entrar em guerra connosco. Sabem que muitos dos seus jovens morreriam e que, mesmo se vencessem a guerra, ficariam enfraquecidos pela luta. Assim, não haverá guerra terminou abruptamente.**35**

Fora um longo discurso para Hengall, que raramente revelava os seus pensamentos. Confessem a alguém os vossos pensamentos e entreguem a alma, dissera uma vez, mas agora dificilmente revelaria algum segredo ao afirmar a relutância que sentia pela guerra. Hengall, o Guerreiro, detestava combater. A actividade desta vida é plantar cereal e não armas, gostava ele de dizer. Não se importava de conduzir bandos para combater os Fronteiriços, pois estes eram forasteiros e ladrões, mas detestava combater contra as tribos vizinhas, porque eram primos e partilhavam a mesma língua e os mesmos deuses de Ratharryn. Olhou para Lengar.

Onde está o Fronteiriço morto? perguntou.

No Velho Templo resmungou Lengar em tom aborrecido.

Leva um sacerdote ordenou Hengall a Galeth e livra-te do corpo. Meteu-se na cabana, deixando Lengar derrotado e humilhado.

As últimas brumas desapareceram quando o Sol atravessou as nuvens finas. O colmo coberto de musgo fumegava lentamente. O entusiasmo de Ratharryn terminou por ali, embora houvesse ainda os efeitos da tempestade para o povo se

maravilhar. O rio inundou as margens, o grande fosso que ficava dentro da barreira circundante transbordara e os campos de trigo e cevada tinham ficado completamente rasos.

E Hengall continuava a ser o chefe.

A enorme barreira de barro definia Ratharryn. O povo continuava maravilhado com o facto dos seus antepassados terem feito uma tal muralha, cinco vezes a altura de um homem, circundando as cabanas onde viviam cerca de cem famílias. A barreira fora construída com terra e greda misturada com armações de veados e ossos de boi, encimada com caveiras de gado, lobos e lanceiros inimigos, para afastar os espíritos da floresta escura. Todas as aldeias, e mesmo as casas pobres nas terras altas, tinham caveiras para assustar os espíritos, porém Ratharryn colocava as caveiras no enorme muro de terra que também servia para deter e assustar as tribos inimigas.

As famílias viviam todas na parte sul do cercado, enquanto a norte ficavam as cabanas dos oleiros e carpinteiros, a forja do único ferreiro da tribo e os poços dos curtidores. Dentro da muralha havia ainda espaço para abrigar o gado *e os* porcos de uma ameaça inimiga e nessa altura a multidão aglomerava-se nos dois templos construídos dentro do círculo murado. Os dois santuários eram anéis de postes de madeira. O maior tinha cinco anéis e era um templo a Lahanna, a deusa da Lua, enquanto o mais pequeno, apenas com três, era para Arryn, deus do vale e para Mai, sua esposa, que era a deusa do rio. Os postes mais altos desses templos erguiam-se a três vezes a altura de Galeth, que era o homem mais alto da tribo, mas mesmo assim eram mais pequenos do que um terceiro templo, que ficava a sul da barreira circundante.36

Este era formado por seis anéis de madeira, dois deles com lintéis também de madeira ligando o cimo dos postes, e pertencia a Slaol, deus do Sol. O Templo do Sol fora deliberadamente construído fora da aldeia, pois Slaol e Lahanna eram rivais e os seus templos tinham de ser separados, de modo que os sacrifícios feitos num não pudessem ser vistos no outro.

Slaol, Lahanna, Arryn e Mai eram as divindades principais de Ratharryn, mas muita gente sabia que havia uma centena de outros deuses no vale, outros tantos nas colinas, muitos mais para lá dos montes e uma miríade no vento. Nenhuma tribo conseguia construir templos para cada um dos deuses, nem sequer saber quem eram todos eles; para além dessa multidão de deuses desconhecidos, havia

os espíritos dos mortos, dos animais, dos ribeiros, das árvores, do fogo, do ar, espíritos de tudo o que trepava, respirava, matava ou crescia. Se um homem ficasse em silêncio num monte, na calma da tarde, podia por vezes ouvir os seus murmúrios e esses murmúrios poderiam enlouquecê-lo a menos que orasse constantemente nos santuários.

Depois havia um quarto santuário, o Velho Templo, que se encontrava na encosta sul, coberto de aveleiras e sufocado por ervas daninhas. Esse templo fora dedicado a Slaol, mas alguns anos antes, ninguém se lembrava quando, a tribo construíra um novo templo a este deus junto à aldeia e o antigo santuário fora abandonado. Fora-se simplesmente deteriorando, contudo, deveria ainda possuir poder, pois fora aí que aparecera o ouro do Fronteiriço. Agora, na manhã após a grande tempestade, Galeth levou três homens ao antigo templo para descobrir o corpo e enterrá-lo. Os quatro homens foram acompanhados de Neel, o mais jovem dos sacerdotes de Ratharryn, que os protegia do espírito do forasteiro morto.

O grupo deteve-se no alto da colina, fazendo uma vénia aos túmulos que ficavam entre o Velho Templo e a aldeia. Neel uivava como um cão, para atrair a atenção dos espíritos dos antepassados, de modo a explicar-lhes a incumbência que trouxera os homens até ao cume. Enquanto Neel cantava estas notícias aos mortos, Galeth olhava para o caminho sagrado que saía para ocidente, mais recto que o voo de uma flecha. Os antepassados tinham-no construído mas, tal como o Velho Templo, estava coberto de vegetação, abandonado e nem sequer os sacerdotes conseguiam dizer por que razão os seus longos fossos e muros tinham sido improvisados na terra. Hirac pensava que fora feito para aplacar Rannos, o deus do trovão, mas não tinha a certeza e também não se importava. Nesta altura, Galeth encostava-se à lança à espera que Neel detectasse um augúrio. Parecia-lhe que o mundo estava errado e a deteriorar-se, tal como o antigo caminho sagrado do Velho Templo. Tal como Ratharryn se deteriorava sob o cerco de más colheitas e persistentes doenças. Havia um cansaço no ar, como se os deuses estivessem fartos de rodear eternamente o mundo verde e esse sentimento assustava Galeth.**37**

Podemos ir declarou Neel, embora nenhum dos homens que o acompanhava visse que sinal teria o jovem sacerdote detectado na paisagem. Talvez fosse a passagem de um farrapo de bruma contra o ramo de uma árvore, o voo baixo de um falcão ou mesmo o movimento de uma lebre na erva alta, mas Neel estava confiante que os espíritos ancestrais tivessem dado a sua aprovação. Assim, o

reduzido grupo encaminhou-se para um pequeno vale, subindo depois a encosta do Velho Templo.

Neel conduzia-os por entre os postes apodrecidos do caminho, metendo-se pelo meio das aveleiras. O jovem sacerdote, com a túnica de pele de veado encharcada pelas ervas molhadas, deteve-se, surpreendido, ao chegar à casa dos mortos. Franziu a testa e assoprou, tocando depois nas partes baixas para afastar o mal. Não era o corpo do forasteiro que o fazia tomar essa precaução, mas o facto do espaço central do santuário ter sido deliberadamente limpo de ervas daninhas e aveleiras. Parecia que alguém adorava aqui em segredo, embora a presença de uma caveira de boi sugerisse que quem quer que tivesse vindo a este local esquecido, orava a Slaol, pois o boi era o animal deste deus, tal como o texugo, o morcego e o mocho pertenciam a Lahanna.

Galeth tocou também nas partes baixas, mas para se guardar do espírito do forasteiro morto, que se encontrava deitado de costas com três setas saindo-lhe ainda do peito. Neel pôs-se de gatas e ladrou como um cão, para afastar o espírito do morto para longe da sua carne fria. Ladrou e uivou durante muito tempo, depois ergueu-se repentinamente, esfregou as mãos e disse que o cadáver estava a salvo.

Dispam-no disse Galeth aos seus homens e cavem-lhe uma sepultura na vala.

O forasteiro não teria cerimónia fúnebre, pois não era de Ratharryn. Era um mero Fronteiriço. Ninguém dançaria nem cantaria para ele, pois os seus antepassados não eram os desta tribo.

Apesar da sua enorme força, Galeth teve dificuldade em retirar as flechas, pois a carne fria do forasteiro apertara-se à volta das varas de madeira; por fim soltaram-se, mas as setas de sílex ficaram dentro do cadáver, tal como devia ser. Todas as tribos atavam a cabeça das setas com pouca força, de modo que os animais ou inimigos não pudessem puxar o sílex farpado que, assim, apodreceria na ferida. Galeth atirou fora as três varas e em seguida despiu o corpo, deixando-lhe apenas o bocado chato de pedra atado ao pulso. Neel temia que a pedra, maravilhosamente polida, fosse um amuleto mágico que pudesse contagiar Ratharryn com um espírito negro vindo dos pesadelos do Povo da Fronteira; apesar de Galeth insistir que apenas servira para proteger o pulso do homem da fricção do arco, o jovem sacerdote não se deixou convencer. Tocou nas partes baixas para afastar o mal e depois cuspiu na pedra.

Enterra-a!38

Os homens de Galeth usaram picaretas de corno de veado e pás de osso de boi para aprofundar a vala do lado por onde o sol entrava no templo e então Galeth arrastou o corpo nu pelas aveleiras *e* atirou-o para a cova rasa. O resto das flechas do forasteiro foram partidas e atiradas para junto dele, lançando-lhe depois terra com os pés e pisando-a para alisar. Neel urinou na sepultura, murmurou uma maldição ao espírito do morto e voltou para o templo.

Ainda não acabámos? perguntou Galeth.

O jovem sacerdote ergueu a mão, a exigir silêncio. Rastejava por entre as aveleiras, com os joelhos dobrados, parando passo sim, passo não, para escutar, como se perseguisse um enorme animal. Galeth deixou-o ir, partindo do princípio que Neel se assegurava de que o espírito do forasteiro não se agarrava ao templo, mas depois ouviu-se o ruído de pés, um latido e um uivo aflito de dentro das aveleiras. Galeth correu para o centro do santuário e encontrou Neel segurando pelas orelhas uma criatura que se debatia. O cativo do sacerdote era um jovem sujo, com o cabelo negro e hirsuto sobre um rosto nojento, tão nojento que mais parecia um animal que um ser humano. O jovem esquelético batia nas pernas de Neel e guinchava como um porco, enquanto Neel o sacudia com toda a força, na tentativa de o calar.

Deixa-o ir ordenou Galeth.

Hirac quere-o disse Neel, conseguindo pelo menos enviar um soco ao rosto do jovem. Quero saber porque estava aqui escondido! Farejei-o! Animal nojento cuspiu no rapaz e depois bateu-lhe de novo. Sabia que alguém interferira aqui prosseguiu Neel triunfante, apontando com a mão livre para o espaço cuidadosamente limpo onde se encontrava a caveira do boi. E foi este miserável!

A última palavra transformou-se num grito de agonia enquanto o sacerdote soltava de repente a orelha do rapaz e se dobrava de dores. Galeth viu que o rapaz metera a mão debaixo da túnica franjada a osso de Neel para lhe apertar as partes baixas e depois, como a cria de uma raposa inesperadamente solta dos dentes de um cão, caiu de gatas e desapareceu por entre as aveleiras.

Apanhem-no! gritou Neel. Agarrava o baixo-ventre com as mãos e balançava-se para a frente e para trás, de modo a conter a sua agonia.

Deixa-o disse Galeth.

Hirac quere-o insistiu Neel.

Então Hirac que o venha buscar retorquiu Galeth zangado. Vai, vai! Empurrou o sacerdote magoado do centro limpo do templo e depois acocorou-se junto às aveleiras, debaixo das quais a estranha criatura tinha desaparecido.

Camaban? chamou Galeth para dentro das folhas. Camaban? Não houve resposta. Não te vou fazer mal.

Toda a gente me faz m-m-mal disse Camaban do interior dos arbustos.39

Eu não, disse Galeth, sabes que não. Houve uma pausa e depois Camaban apareceu nervosamente de dentro da moita de aveleiras. O seu rosto era longo e magro, com um queixo proeminente e enormes olhos verdes desconfiados. Vem falar comigo disse Galeth, retirando-se para o centro da clareira. Não te faço mal. Nunca te fiz mal.

Camaban avançou com os pés e as mãos no chão. Podia pôr-se de pé, podia até caminhar, mas tinha um andar grotesco, já que nascera com o pé esquerdo torto, razão pela qual lhe chamaram Camaban. O nome significava Criança Torta, embora a maior parte das crianças da tribo lhe chamassem Porco, ou coisas piores. Era o segundo filho de Hengall, mas este rejeitara-o e banira-o de dentro dos muros de Ratharryn, condenando-o a tentar arranjar meios de subsistência entre o povo que vivia para lá da grande barreira. Camaban tinha dez anos quando fora expulso e isso passara-se quatro Verões antes, o que fazia com que muita gente se espantasse por sobreviver ainda à sua expulsão. A maior parte dos aleijados morriam muito novos ou então eram escolhidos para serem sacrificados aos deuses, mas Camaban sobrevivera. Naquele momento, se não fosse aleijado e banido, teria já passado pelas provas da idade adulta, porém a tribo não queria recebê-lo como homem, de modo que era ainda uma criança, uma criança torta.

Hengall teria preferido matar Camaban à nascença, porque um filho aleijado era um presságio desastroso, pior do que uma filha; no entanto o rapaz nascera com uma marca vermelha em forma de quarto crescente no ventre e Hirac declarara que estava marcado por Lahanna. A criança poderia ainda vir a andar, dissera o sumo sacerdote, de modo que lhe dessem tempo. A mãe de Camaban implorara também pela vida do filho. Era na altura a esposa mais velha de Hengall e fora estéril durante tanto tempo, que se pensara que nunca viesse a dar à luz. Tinha

orado a Lahanna, como fazem todas as mulheres sem filhos, e fizera também uma peregrinação a Cathallo, onde Sannas, a feiticeira, lhe dera ervas para comer e a obrigara a deitar-se uma noite inteira na pele ensanguentada de um potro recém-morto. Camaban chegou nove luas depois, mas nasceu aleijado. A mãe implorara por ele, mas fora a marca da Lua no ventre do rapaz que convencera Hengall a poupá-lo. A mãe de Camaban não tivera outros filhos, mas amara o seu filhote lobo e, quando morreu, este uivara como uma cria órfã. Hengall silenciara o filho com pancada e depois, enojado, ordenara que o aleijado fosse mandado para fora da barreira de Ratharryn.

Tens fome? perguntou então Galeth ao rapaz. Sei que sabes falar disse depois de esperar pela resposta. Agora mesmo falaste! Tens fome?

Tenho sempre fome respondeu Camaban, espreitando desconfiado por baixo da cabeleira emaranhada.

Vou mandar que Lidda te dê de comer disse Galeth. Mas onde há-de ela deixar a comida?40

Ao p-p-pé do rio respondeu Camaban onde morreu o filho de Hirac. Toda a gente conhecia aquele local inóspito, a jusante do ribeiro da aldeia. O filho do sumo sacerdote afogara-se ali e agora crescia no local um abrunheiro por entre amieiros e salgueiros, que Hirac afirmava ser o espírito do filho.

Não queres aqui? perguntou Galeth.

Isto é secreto! afirmou ferozmente Camaban, apontando depois para o céu. Olha! disse entusiasmado. Galeth olhou *e* não viu nada. O p-p-poste! gaguejou Camaban. O p-p-poste.

Galeth olhou de novo.

O poste? perguntou e depois lembrou-se que fora deixado um poste da casa dos mortos no Velho Templo. Tornara-se um monumento familiar, salientando-se e inclinando-se da moita de aveleiras, mas agora encontrava-se quebrado. A metade inferior estava ainda enfiada na terra, mas a superior erguia-se, chamuscada e rachada por entre os arbustos. Foi atingido por um raio disse Galeth.

Slaol disse Camaban.

Slaol não ripostou Galeth. Rannos. Rannos era o deus do relâmpago.

Slaol! insistiu Camaban zangado. Slaol!

Pois seja, Slaol disse Galeth bem-humorado. Olhou para o rapaz desgrenhado, cujo rosto se contorcia de raiva. Que sabes tu de Slaol?

Ele f-f-fala comigo afirmou Camaban.

Galeth tocou nas partes baixas para evitar o desagrado do deus.

Fala contigo?

Por vezes durante toda a noite respondeu Camaban. E ficou zangado porque L-L-Lengar voltou e l-l-levou o tesouro. O tesouro *é de* Slaol, sabes? afirmou-o com toda a convicção.

Como sabes que Lengar levou o tesouro? perguntou Galeth.

P-p-porque o vi! Estava aqui! Ele tentou matar Saban e não me viu. Eu estava aqui.

Camaban virou-se para se voltar a meter por entre as aveleiras. Galeth seguiu-o, rastejando por um caminho aberto através das ervas daninhas até ao local em que Camaban entrançara alguns ramos flexíveis, de modo a fazer uma cabana para viver.

É aqui que vivo disse Camaban, enfrentando o tio com ar de desafio. Sou o g-g-guardião do templo.

Galeth teve vontade de chorar de pena ao ouvir a patética afirmação do rapaz. A cama do sobrinho era um monte de fetos encharcados, por baixo dos quais se encontravam os seus parcos pertences: a caveira de uma raposa, um vaso quebrado e uma asa de corvo. A sua única roupa era uma pele apodrecida de ovelha que cheirava como o poço dos curtidores.41

Ninguém sabe então que vives aqui?

Só tu, disse o rapaz confiante. Nem sequer d-d-disse a Saban.

As vezes traz-me comida, m-m-as peço-lhe que ma leve ao pé do rio.

Saban traz-te comida? perguntou Galeth, surpreendido e satisfeito. Dizes então que Slaol fala contigo aqui?

l Todos os d-d-dias gaguejou Camaban.

I Galeth sorriu com aquele absurdo, mas Camaban não o viu, pois voltou-se para meter a mão por entre as folhas e retirou um arco curto de um esconderijo. Era um arco do Povo da Fronteira, o arco do forasteiro, com os pendões a envolverem as ripas de madeira e chifre.

L-L-Lengar usou-o ontem à noite disse Camaban. De qualquer modo o homem estava a morrer. Fez uma pausa com ar preocupado.

¡Porque é que H-H-Hirac me quer? perguntou.

Galeth hesitou. Não queria dizer que Camaban deveria ser sacrificado,

Embora não pudesse haver outra razão para a exigência de Hirac.

Quer m-m-matar-me disse Camaban calmamente. Não é verdade?

Galeth acenou relutante. Queria dizer ao seu sobrinho banido que fugisse, que se metesse nos bosques em direcção a ocidente ou a norte, mas de que serviria tal conselho? A criança acabaria por morrer de qualquer maneira, appanhado por animais ou capturado por quem o escravizasse, de modo que seria melhor se fosse entregue a Lahanna.

Irás para a deusa, Camaban disse Galeth. Vais ser uma estrela e olhar lá de cima para todos nós.

Quando? perguntou Camaban, parecendo pouco afectado pela promessa do tio.

Amanhã, creio eu.

O rapaz fez a Galeth um sorriso malicioso.

B P-p-podes dizer a Hirac que v-v-vou estar em Ratharryn de manhã.

Voltou-se para guardar de novo o seu precioso arco no esconderijo. Havia lá

mais coisas escondidas aí: a bolsa vazia do forasteiro, uma pele de cobra,

Os ossos de uma criança assassinada, mais ossos com pequenas marcas talhadas dos lados e, o mais precioso de tudo, dois dos pequenos losangos de ouro que Camaban recolhera, enquanto Lengar perseguira Saban. Agarrou neles e

fechou-os com força na mão, sem os mostrar a Galeth.

Pensas que sou louco, não é verdade? perguntou.

Não respondeu Galeth.

M-m-mas sou disse Camaban. Era o louco de Slaol e sonhava sonhos.

Mas ninguém reparava, pois era aleijado. Por isso queriam matá-lo.

Na manhã seguinte Neel mandou dois homens escavarem uma campa no templo de Lahanna, junto ao anel de postes exterior. Os homens concordaram42

que era um dia auspicioso para o sacrifício, pois as nuvens que tinham vindo atrás da tempestade desfaziam-se rapidamente e Lahanna mostrava o seu rosto pálido no céu de Slaol.

Apareceram mais nuvens negras quando a multidão se juntou nos cinco anéis do templo, temendo alguns, que Hirac demorasse o sacrifício, mas este não devia estar preocupado com as nuvens, pois finalmente as dançarinas apareceram, saídas da cabana do sumo sacerdote. Estas mulheres traziam ramos de freixo cheios de folhas, com os quais varriam o solo, enquanto saltavam à frente dos sete sacerdotes, cujos corpos nus tinham sido branqueados com uma pasta de greda, onde tinham sido feitos desenhos com os dedos. Hirac trazia um par de hastes de veado preso à cabeça com atilhos de couro e os chifres abanavam perigosamente, enquanto dançava atrás das mulheres. Tinha à cintura um círculo de ossos e outros pendiam-lhe do cabelo incrustado de lama, trazendo ainda um cintilante talismã de âmbar ao pescoço. Neel, o sacerdote mais jovem, tocava uma flauta feita do osso da perna de um cisne, fazendo deslizar loucamente as notas enquanto dançava. Gilan, que era o mais velho, a seguir a Hirac, levava Camaban pela mão. Tinham permitido ao rapaz voltar naquele dia a Ratharryn e enquanto estivera dentro da barreira as mulheres tinham-lhe metido flores no cabelo negro, depois de o terem desemaranhado com pentes de osso, de modo que lhe caía agora liso até à cintura fina. Também estava nu e a sua pele lavada

parecia estranhamente limpa. Via-se-lhe no ventre liso a marca vermelha de Lahanna. Era alto, tal como os outros dois filhos de Hengall, embora de cada vez que o seu pé esquerdo avançava, todo o corpo se dobrava, num movimento grotesco. Hengall e os anciãos da tribo seguiam os sacerdotes.

À medida que a procissão se aproximava, quatro homens começaram a bater em tambores de madeira e a tribo iniciou a dança à volta do templo. A princípio balançavam-se apenas de um lado para outro mas, à medida que os tambores aumentavam o ritmo das batidas, começaram a mover-se à volta do círculo, seguindo o movimento do Sol. Detiveram-se apenas para deixar passar os sacerdotes e anciãos e, depois da procissão ter passado por eles, o anel de dançarinos fechou-se.

Apenas os sacerdotes e a vítima eram autorizados a passar pela estreita abertura na barreira que circundava o templo. Hirac foi o primeiro que se dirigiu para junto da sepultura recém-aberta, onde uivou à pálida Lua, de modo a chamar a atenção da deusa. Entretanto Gilan conduziu Camaban para o lado oposto do círculo, enquanto os outros sacerdotes saltavam por entre os anéis do templo. Um deles erguia bem alto o pau de caveira da tribo, para que os antepassados pudessem ver o importante acontecimento daquele dia em Ratharryn, enquanto outro levava um enorme fémur de auroque. Uma das extremidades do osso era uma massa áspera e nodosa, pintada de ocre vermelho. Era o Mata-Crianças da tribo, de modo que os pequenos que43

assistiam e dançavam com os pais ao ritmo dos tambores, olhavam-no cheios de cautela.

Hengall ficou à porta do templo. Só ele não dançava. A seus pés encontravam-se as oferendas à deusa: uma clava de pedra, uma barra de bronze e um pote do Povo da Fronteira, com desenhos de cordões salientes feitos no barro. Os sacerdotes que não trabalhavam no campo nem criavam gado ou rebanhos, guardariam essas oferendas para as trocar por alimentos.

A tribo dançou até sentir as pernas cansadas, até quase entrarem num transe, induzido pelos tambores e pelos seus próprios cânticos. Gritavam o nome de Lahanna, enquanto as varredoras, que afastaram os espíritos para que não tentassem intrometer-se na cerimónia, deixavam cair os ramos de freixo, começando a entoar um cântico repetitivo, que chamava a deusa da Lua. ”Vê-nos”, cantavam, ”olha para o que te trazemos, vê-nos”, e havia alegria nas suas

vozes, pois sabiam que a oferenda agradaria à deusa.

Hirac dançava com os olhos fechados. O suor desenhava córregos no padrão de greda da sua pele e, no seu êxtase, parecia prestes a cair na cova recém-aberta; porém, de súbito, ficou imóvel, abriu os olhos e uivou de novo à Lua, que ainda brilhava entre as nuvens brancas.

Caiu sobre o templo um silêncio profundo. Os dançarinos abrandaram e detiveram-se, o som esbateu-se, os tocadores de tambor descansaram os dedos e Neel calou a flauta de osso de cisne.

Hirac uivou de novo, erguendo depois a mão direita para pegar no Mata-Crianças. O sacerdote que segurava o pau de caveira seguia logo atrás dele de modo que os antepassados pudessem ver tudo o que acontecia.

Gilan fez avançar Camaban. Ninguém esperava que o rapaz viesse de livre vontade, mas, para grande surpresa, o jovem nu coxeou sem hesitar em direcção à cova e um suspiro de aprovação percorreu a tribo. Era melhor, quando o sacrifício era de livre vontade, mesmo que este sentimento fosse-proveniente da estupidez.

Camaban deteve-se junto à sua sepultura, exactamente onde o deveria fazer, e Hirac forçou um sorriso para acalmar quaisquer receios que o rapaz tivesse. Camaban pestanejou na direcção do sacerdote, mas nada disse. Não falara em todo o dia, nem mesmo quando as mulheres o magoaram ao puxarem-lhe os nós do cabelo com os pentes de dentes longos. Sorria.

Quem fala em nome do rapaz? perguntou Hirac.

Falo eu vociferou Hengall da entrada do templo.

Como se chama ele?

Camaban disse Hengall.

Hirac fez uma pausa, zangado por o ritual não estar a ser cumprido.

Como se chama ele? perguntou de novo, desta vez mais alto.

Camaban disse Hengall e depois, a seguir a uma pausa, filho de Hengall, filho de

Lock.44

Uma nuvem cobriu o Sol, lançando o templo na sombra. Alguns membros da tribo tocaram nas partes baixas para evitar o azar, mas outros repararam! que Lahanna ainda brilhava no céu. Quem possui a vida de Camaban, filho de Hengall, filho de Lock? perguntou Hirac. Sou eu disse Hengall e abriu uma bolsa de couro que tinha pendurada no cinto, retirando dela uma pequena bola de greda. Entregou-a a Neel, que a levou a Hirac.

A bola, do tamanho de um olho, era o símbolo gravado na altura do] nascimento de uma criança e era destruída quando esta se tornava adulta; até aí era possuidora do espírito da criança. Se esta morresse, a bola poderia ser desfeita em pó, o pó misturado com água ou leite e depois bebido, para que o espírito passasse para outro corpo. Se a criança desaparecia, arrancada pelos espíritos ou por um grupo de caçadores do Povo da Fronteira em busca de escravos, então a bola poderia ser enterrada junto a um poste do templo, de modo a que os deuses oferecessem protecção à criança desaparecida.

Hirac pegou na bola, esfregou-a nas partes baixas e depois ergueu-a no ar em direcção à Lua.

Lahanna! exclamou. Trazemos-te uma oferenda! Oferecemos-te Camaban, filho de Hengall, filho de Lock! Lançou a bola para a relva por trás da cova. Camaban sorriu de novo, parecendo por momentos querer avançar para a apanhar, mas Gilan murmurou-lhe que estivesse quieto e o rapaz obedeceu.

Hirac chegou-se mais à cova.

Camaban gritou, filho de Hengall, filho de Lock, ofereço-te a Lahanna! A tua carne será a sua carne, o teu sangue o seu sangue e o teu espírito o seu espírito. Camaban, filho de Hengall, filho de Lock, expulso-te da tribo em companhia da deusa. Destruo-te! E dizendo estas palavras ergueu o Mata-Crianças acima da cabeça.

Não! gritou uma voz assustada e a tribo estupefacta olhou e viu que fora Saban quem falara. Até o próprio rapaz parecia espantado, pois colocara a mão na boca, mas a sua aflição era simples. Camaban era seu meio-irmão. Não, por favor!

Hengall fez má cara, mas Galeth colocou uma mão consoladora no ombro de Saban.

Tem de ser murmurou Galeth ao rapaz.

É meu irmão protestou Saban.

Tem de ser insistiu Galeth.

Silêncio! vociferou Hengall, e Lengar, que se tinha mostrado mal-humorado desde a sua humilhação na manhã anterior, sorriu ao ver que o irmão mais novo estava também a perder os favores de seu pai.

Camaban, gritou Hirac, filho de Hengall, filho de Lock, entrego-te a Lahanna!45

Contrariado pela interrupção de Saban, baixou o enorme osso, de modo que a extremidade de ocre esmagasse a bola de greda em pequenos fragmentos. Bateu com esses fragmentos na terra e a multidão que assistia gemeu, enquanto o espírito de Camaban era assim anulado. Lengar sorriu, mas o rosto de Hengall nada revelava. Galeth encolheu-se e Saban chorava, mas não havia nada que pudessem fazer. Era um assunto para os deuses e para os sacerdotes.

Como se chama o rapaz? perguntou Hirac.

Não tem nome respondeu Gilan.

Quem é o seu pai? perguntou Hirac.

Não tem pai respondeu Gilan.

Qual é a sua tribo?

Não tem tribo entoou Gilan. Não existe.

Hirac olhou fixamente para os olhos verdes de Camaban. Não viu um rapaz, pois este já estava morto, o seu espírito vivo quebrado e esmagado na terra branca.

Ajoelha ordenou.

O jovem ajoelhou obediente. Para alguns membros da tribo parecia estranho que um rapaz tão alto fosse morto pelo osso de auroque, mas, excepto Saban, poucos em Ratharryn lamentavam a morte de Camaban. Os aleijados traziam má sorte, de modo que o melhor era morrerem e, para isso, Hirac ergueu o Mata-Crianças

acima da cabeça, olhou primeiro para Lahanna e depois para Camaban. O sumo sacerdote esticou-se para desferir o golpe mortal, mas não o fez. Ficou imóvel e lia-se-lhe o horror no rosto, um horror combinado, pois naquele momento abrira-se uma fenda nas nuvens que cobriam Slaol e um raio de luz invadiu o templo. Um corvo poisou num dos postes mais altos e grasnou furiosamente.

O Mata-Crianças tremeu nas mãos de Hirac, que não o conseguiu baixar.

Mata-o murmurou Gilan, mata-o! Mas Gilan estava por trás de Camaban e não podia ver o mesmo que Hirac. Este olhava para Camaban que deitara a língua de fora, e na língua estavam duas lascas de ouro. Ouro do Povo da Fronteira. Ouro de Slaol.

O corvo grasnou novamente e Hirac ergueu os olhos para o pássaro, sem saber o que a sua presença pressagiava.

Camaban guardou as peças de ouro dentro da bochecha, molhou um dedo e tocou na greda em pó da sua alma.

Slaol vai zangar-se, se me matares disse a Hirac sem gaguejar, lambendo depois a greda do dedo. Recolheu mais, juntando o seu espírito desfeito e comendo-o.

Mata-o! gritou Neel.

Mata-o! ecoou Hengall.

Mata-o! exclamou Lengar.

Mata-o! gritou a multidão.46

Mas Hirac não se movia. Camaban comeu mais greda, depois olhou para o sacerdote.

Slaol ordena-te que me poupes disse, muito calmo, ainda sem gaguejar.

Hirac recuou, quase até à cova e deixou cair o Mata-Crianças.

A deusa anunciou em voz rouca rejeitou o sacrifício. A multidão gemeu. Saban ria, com os olhos cheios de lágrimas. E a criança torta saiu em liberdade.DEPOIS DO MALOGRADO SACRIFÍCIO, O MEDO PERCORRIA

RATHARRYN, POIS NÃO havia piores augúrios do que um deus rejeitar uma oferenda. Hirac não queria dizer por que se recusara a matar a criança, apenas que recebera um sinal; depois retirou-se para a cabana, onde as suas esposas afirmavam que sofria uma febre e, duas noites depois essas mesmas esposas gemiam na escuridão, pois o sumo sacerdote tinha morrido. Culpavam Camaban, dizendo que o aleijado amaldiçoara HiraQ mas Gilan, que era agora o sacerdote mais velho de Ratharryn, afirmava que tinha sido um absurdo tentar matar uma criança marcada com o sinal de Lahanna. A culpa era exclusivamente de Hirac, dizia Gilan, pois infelizmente interpretara mal a mensagem dos deuses. O ouro fora para o Velho Templo, o que era seguramente um sinal de que Slaol queria o templo reconstruído. Hengall escutava Gilan, que era um homem alegre e eficiente, mas desconfiava da sua admiração por Cathallo.

Em Cathallo afirmava Gilan a Hengall têm um grande templo para todos os deuses e tem-lhes servido muito bem. Deveríamos fazer o mesmo.

Os templos custam tesouros disse Hengall tristemente.

Ignora os deuses retorquiu Gilan. E de que te servirão neste mundo todo o ouro, bronze e âmbar?

Gilan queria ser sumo sacerdote, mas só a idade não lhe conferiria essa honra. Era necessário um sinal dos deuses e todos os sacerdotes andavam já a procurá-los, para que, todos juntos, escolhessem um de entre eles para suceder a Hirac. Porém todos os sinais pareciam maus, pois nos dias que se seguiram ao fracassado sacrifício, os guerreiros de Cathallo tornaram-se mais atrevidos nas suas incursões ao território de Ratharryn. Dia após dia, Hengall ouvia falar de roubos de gado e de porcos, enquanto Lengar afirmava que os tambores de guerra deviam soar e um grupo de lanceiros ser enviado para norte de modo a interceptar os invasores; mesmo assim, Hengall queria afastar-se da guerra.

Em vez de enviar as lanças, mandou Gilan para falar com os governantes de Cathallo, embora ninguém soubesse o que seria falar com Sannas, a terrível feiticeira. Cathallo podia ter um chefe, podia mesmo ter grandes chefes guerreiros, mas era Sannas quem governava e muitos membros da tribo de48

Hengall temiam que ela tivesse lançado alguma maldição sobre Ratharryn. Senão, porque teria fracassado o sacrifício?

Os presságios eram ainda piores. Uma criança afogara-se no rio, uma lontra

rasgara uma dezena de armadilhas para peixe, uma víbora fora vista nos templos de Arryn e de Mai, e a nova esposa de Hengall abortara. Do Ocidente chegavam nuvens cinzentas de chuva. Gilan voltou de Cathallo, falou com Hengall, depois regressou ao Norte; a tribo interrogava-se a respeito das notícias que o sacerdote teria trazido e da resposta que Hengall teria enviado a Cathallo, mas o chefe nada dizia e o povo de Ratharryn continuava com as suas tarefas. Tinha de se trabalhar o barro, escavar sílex, tingir as peles, alimentar os porcos, mungir o gado, ir buscar água, reparar as casas, entrançar salgueiros para as armadilhas de peixe, cortar árvores da vasta floresta para fazer barcos. Da costa sul chegou um grupo de comerciantes com os bois carregados de marisco, sal e belos machados de pedra; Hengall cobrou os seus impostos, antes de os deixar viajar para norte, em direcção a Cathallo. Enterrou um machado no templo de Slaol, outro no de Lahanna, mas as oferendas não deram qualquer resultado, pois no dia seguinte os lobos chegaram à pastagem principal e levaram um vitelo, três ovelhas e uma dúzia de porcos.

Apenas Lengar não parecia afectado pelos terríveis presságios. Sofrera a humilhação de entregar o ouro ao pai, mas recuperara a reputação com as suas proezas de caçador. Dia após dia, ele e os seus companheiros traziam carcaças, presas e peles. Lengar pendurava as presas dos dois lados da sua porta, como prova de que os deuses lhe sorriam. Hengall, reunindo os restos de autoridade que ainda mantinha, proibira seriamente Lengar de se deslocar para os bosques do Norte, evitando assim confrontos com os lanceiros de Cathallo. Porém, um dia Lengar encontrou-se com uns fronteiriços na região sul e trouxe consigo seis cabeças de inimigos, que espetou em estacas sobre a barreira. Os corvos fizeram um festim com as cabeças de tatuagens cinzentas e, vendo os trofeus recortados na linha do horizonte, cada vez mais a tribo se convencia de que Lengar tinha o favor dos deuses e que Hengall estava amaldiçoado.

Mas, por fim, chegaram os mensageiros do Povo da Fronteira.

Chegaram exactamente no momento em que Hengall dispensava justiça, uma coisa que era feita em cada lua nova, quando o chefe, o sumo sacerdote e os anciãos da tribo se juntavam nos templos de Arryn e de Mai e escutavam as altercações acerca de roubos, ameaças, assassinatos, infidelidade e quebra de promessas. Podiam condenar um homem à morte, embora fosse raro, pois preferiam obrigar o culpado a trabalhar para a parte queixosa. Naquela manhã, Hengall franzia a testa ao ouvir uma queixa a respeito de uma marcação de estrema que tinha sido desviada. O argumento era apaixonante, mas foi

interrompido quando Jegar, amigo de Lengar, anunciou que chegavam cavaleiros fronteiriços, vindos de ocidente.49

Os Fronteiriços sopravam um corno de carneiro para proclamar que viajavam em paz, de modo que Hengall ordenou a Lengar que levasse um grupo de guerreiros para receber os estranhos, mas para não os autorizar a passarem do templo de Slaol, quando se aproximassem de Ratharryn. Hengall precisava de tempo para consultar os sacerdotes e anciãos e os primeiros queriam vestir as suas vestes de gala. Era necessário preparar comida, pois embora o Povo de Fronteira fosse considerado inimigo, estes visitantes vinham em paz e teriam de ser alimentados.

Os jovens sacerdotes prepararam um local de encontro na margem do rio, mesmo à saída da aldeia. Colocaram o pau de caveira na turfa, depois salpicaram água para marcar um círculo dentro do qual os visitantes se podiam sentar e no exterior colocaram caveiras de bois, machados de greda e ramos de azevinho para evitar qualquer malevolência que pudessem ter trazido consigo. O povo de Ratharryn juntou-se entusiasmado no exterior do círculo, pois ninguém se lembrava de tal coisa ter alguma vez acontecido. Os comerciantes fronteiriços eram visitantes bastante habituais, existindo também muitos escravos na aldeia, mas nunca antes tinham chegado emissários do Povo da Fronteira e a sua vinda prometia ser uma história que poderia ser contada e recontada nas longas noites.

Por fim, Hengall estava pronto. Os melhores guerreiros da tribo foram enviados para escoltar os forasteiros ao local de encontro, enquanto Gilan, que acabara de voltar da sua última missão a Cathallo, teceu encantamentos para impedir que a magia deles fosse prejudicial. Os Fronteiriços tinha o seu próprio feiticeiro, um coxo com o cabelo empastado em barro vermelho; vociferou para Gilan que, por sua vez, fez o mesmo e depois o coxo colocou uma costela de veado entre as pernas nuas, apertou-a aí durante um instante e em seguida deitou-a fora, para mostrar que se descartava dos seus poderes.

O feiticeiro coxo deitou-se no chão do local de encontro *e* a seguir nada mais fez, excepto olhar fixamente para o céu, enquanto os outros oito forasteiros se acocoravam em fila, de modo a enfrentar Hengall e os seus anciãos tribais. Os Fronteiriços tinham trazido o seu intérprete, um comerciante que grande parte do povo de Ratharryn conhecia e receava. Chamava-se Haragg e era gigantesco; era um homem enorme, de rosto brutal, que viajava com o filho surdo-mudo, mais alto e ainda mais assustador que ele. O filho não viera nesta embaixada e Haragg, que habitualmente chegava a Ratharryn com belos machados de pedra e

pesadas espadas de bronze, desta vez nada mais trazia que palavras, embora todos os seus companheiros trouxessem pesadas bolsas de couro, para as quais o povo de Hengall olhava intrigado. O Sol estava no zénite quando a reunião começou. Os forasteiros começaram por anunciar que vinham de Sarmennyn, um local o mais a ocidente a que um homem poderia chegar antes de encontrar o mar bravo e uma região, segundo diziam, de rochas duras, altos montes *e* solo fino. Continuaram50

dizendo que Sarmennyn era muito, muito longe, o que significava que tinham percorrido uma longa distância para falar com o grande Hengall, chefe de Ratharryn. Esta lisonja passou por Hengall com tanto efeito como a bruma da madrugada escorrendo por um poste do templo. Apesar do calor do dia, o chefe colocara nos ombros a sua negra pele de urso e empunhava a enorme clava de pedra. O chefe dos forasteiros, um homem alto e magro, com o rosto cheio de cicatrizes e cego de um olho, explicou que um membro do seu povo, jovem e tolo, roubara uns insignificantes tesouros pertencentes à tribo. O ladrão fugira. Agora os forasteiros tinham ouvido dizer que ele chegara à terra de Hengall, onde morrera, que era exactamente aquilo que merecia. Embora os tesouros fossem pequenos, os estrangeiros procuravam-nos e estavam dispostos a pagar bem por eles.

Hengall escutou a longa tradução de Haragg, objectando em seguida que estava a dormir e que não percebia a razão por que os Fronteiriços o acordaram, se tudo o que pretendiam era trocar umas coisas sem importância. Porém, como os forasteiros lhe tinham perturbado o sono, mas eram muito respeitosos, estava disposto a perder algum tempo, dado as ofertas que tinham trazido. Hengall não confiava em Haragg para lhes servir de intérprete, por isso, o seu discurso foi traduzido por Valan, um escravo que havia sido capturado ao Povo da Fronteira muitos anos antes. Valan servia Hengall havia já muito tempo, sendo mais seu amigo que escravo, estando mesmo autorizado a ter a sua própria cabana, gado e esposa. O homem de um só olho pediu desculpas por ter acordado o grande Hengall, e disse que teria de bom grado conduzido a transacção com um dos servos de Hengall, mas como o chefe tivera a amabilidade de escutar o seu pedido, poderia também fazer o enorme favor de confirmar se os tesouros desaparecidos estavam realmente à sua guarda.

Normalmente deitamos fora as coisas sem importância disse Hengall mas talvez os tenhamos guardado.

Apontou para a barreira, onde o grupo de crianças pequenas, aborrecidas com a conversa, saltavam entre as plantas de ísatis que cresciam mesmo por baixo das cabeças dos Fronteiriços que Lengar trouxera da floresta. Essas cabeças não tinham vindo do Povo da Fronteira de Sarmennyn, mas sim de outras tribos que viviam mais perto de Ratharryn; mesmo assim, a sua presença perturbava os visitantes.

As crianças gostam de coisas reluzentes disse Hengall, acenando em direcção às cabeças empaladas. Assim, talvez tenhamos guardado os vossos tesouros para entreter os pequenos. Mas disseste que tínheis trazido outras coisas para trocar por eles?

Os forasteiros colocaram os presentes na turfa. Havia belas peles de lontra e de foca, um cesto de conchas do mar, três barras de bronze, uma vara de51

cobre, uns curiosos dentes de tubarão, que afirmavam ter pertencido a monstros do oceano, uma porção de casca de tartaruga brilhante e, o melhor de tudo, uns bocados de âmbar que eram tão raros como ouro. Hengall devia ter notado que os sacos estavam ainda meios, pois esticou os braços, bocejou de novo, puxou os caracóis da barba e, finalmente, disse que, já que estava acordado, podia ir falar com a deusa Mai acerca da perspectiva de apanhar peixe no rio dela.

Vimos ontem uns lúcios enormes, não é verdade? perguntou a Galeth.

Uns lúcios enormes.

Gosto de comer lúcio acrescentou Hengall.

Os forasteiros juntaram apressadamente mais lingotes de bronze e o povo de Ratharryn murmurava de espanto com o valor dos presentes. E vinham mais ofertas; agulhas de osso muito bem talhadas, uma dúzia de pentes também de osso, um monte de anzóis para o peixe, três facas de bronze de grande delicadeza e, finalmente, um machado de pedra com uma cabeça maravilhosamente polida, de uma tonalidade azulada que faiscava com pequenos pontos cintilantes. Hengall desejou imediatamente o machado, mas obrigou-se a parecer pouco impressionado, enquanto se interrogava por que razão o Povo da Fronteira se dera ao trabalho de transportar ofertas tão miseráveis para tão longe da sua região.

O chefe dos forasteiros acrescentou um último tesouro: uma barra de ouro. A

barra era do tamanho de uma ponta de lança e suficientemente pesada para precisar de ser transportada com as duas mãos; a assistência respirou ofegante. Só por si, aquele bocado cintilante continha mais ouro do que o que havia em todos os losangos. O Povo da Fronteira era bem conhecido por ser cioso do seu ouro, porém agora ofereciam uma parte dele, o que era um erro, pois contrariava a sua informação de que os tesouros desaparecidos eram meras ninharias. Hengall, ainda fingindo indiferença, pressionou os forasteiros, até que estes confessaram com relutância que os tesouros desaparecidos não eram assim tão triviais, mas sim os objectos sagrados que todos os anos enfeitavam a noiva do Sol. Haragg admitiu de má cara que os tesouros tinham sido oferendas do seu deus do mar ao próprio Erek e que o povo de Sarmennyn temia que a perda trouxesse má fortuna. Os forasteiros já imploravam. Queriam de volta os seus tesouros e pagariam por eles um bom preço, por estarem aterrorizados com o desagrado de Erek.

Erek é o nome que dão a Slaol disse Valan a Hengall.

Este, satisfeito por ter conseguido a confissão dos forasteiros, manteve o que tinha dito:

Vamos pensar no assunto anunciou.

Trouxeram comida da aldeia. Havia carne de porco fria, pão simples, peixe fumado e tigelas de morrião e azedas. Os forasteiros comeram cheios de52

cautelas, com medo de serem envenenados, mas receosos de ofender, se rejeitassem a comida. Apenas o seu sacerdote não comeu, deixando-se estar deitado a olhar para o céu. Gilan e os sacerdotes de Ratharryn acocoraram-se todos juntos, murmurando ferozmente, enquanto Lengar e os amigos formavam outro pequeno grupo, na parte oposta do círculo. O povo veio inspeccionar as ofertas, embora ninguém se atrevesse a ultrapassar o círculo encantado para as tocar, pois os sacerdotes de Ratharryn não tinham ainda limpo os presentes da feitiçaria do Povo da Fronteira. Hengall consultou os anciãos e,; de vez em quando, fez perguntas aos sacerdotes, embora falasse principalmente com Gilan. O sacerdote tinha já feito duas visitas a Cathallo e falava insistentemente com Hengall, que o escutava, acenava afirmativamente e parecia convencido por aquilo que Gilan lhe dizia.

O Sol deslizava já para ocidente, quando Hengall retomou o seu lugar, mas a

tradição exigia que todos os homens da tribo pudessem dar a sua opinião antes de Hengall pronunciar o seu veredicto. Alguns homens levantaram-se e a maior parte aconselhou que se aceitasse o pagamento do Povo da Fronteira.

O ouro não é nosso, opinou Galeth. Foi roubado a um deus. Como nos poderá trazer sorte? Os forasteiros que levem os seus tesouros. Ouviram-se vozes a apoiar, depois Lengar bateu no chão com o pau da lança e os murmúrios calaram-se, enquanto o filho de Hengall se levantava para se dirigir à multidão.

Galeth tem razão! disse Lengar, causando surpresa entre os que pensavam que os dois homens nunca poderiam entrar em acordo. O Povo da Fronteira deve receber de volta os seus tesouros. Mas teremos de exigir um preço mais alto do que estes restos das suas cabanas. Apontou para os objectos empilhados diante dos forasteiros. Se o Povo da Fronteira quer que lhes devolvamos os tesouros, então que venham do seu país longínquo com todas as suas lanças e arcos, oferecendo-se para ficar ao nosso serviço durante um ano.

Haragg, o intérprete do Povo da Fronteira, conversou em surdina com os companheiros, que pareciam preocupados, mas Hengall abanou a cabeça.

Como iremos alimentar essa horda de Fronteiriços armados? perguntou ao filho.

Alimentar-se-ão das culturas e do gado que capturarem com as suas armas.

E que culturas e que gado serão esses? perguntou Hengall.

As culturas que crescem e o gado que pasta a norte da nossa terra respondeu Lengar em tom de desafio, enquanto muitos na tribo davam voz à sua concordância. A tribo de Sarmennyn era famosa pelos seus guerreiros. Eram homens esguios e esfomeados, de uma terra nua, que tomavam com as lanças aquilo que o solo não lhes dava. Certamente esses temidos guerreiros*53*

depressa subjugariam Cathallo e mais membros da tribo de Hengall erguiam as suas vozes em apoio a Lengar.

Hengall ergueu o enorme pau a pedir silêncio.

O exército de Sarmennyn disse nunca penetrou tanto na região. Porém agora vamos convidá-los? E se vierem com as suas lanças, arcos e machados, como nos veremos livres deles? O que os impedirá de se voltarem contra nós?

Seremos mais numerosos! declarou Lengar, confiante. Hengall tinha um ar escarninho.

Sabes quantas lanças possuem? perguntou, apontando para os forasteiros.

Sei que com a sua ajuda podemos destruir os nossos inimigos retorquiu Lengar.

Hengall levantou-se, sinal de que o tempo que Lengar tinha para falar se esgotara. Lengar manteve-se de pé por alguns instantes e em seguida baixou-se com relutância. Hengall falou em voz alta, de modo a chegar ao extremo mais afastado da multidão.

Cathallo não é nossa inimiga! Sim, Cathallo é poderosa, mas nós também o somos! Somos como cães. Podemos lutar e mutilar-nos uns aos outros, mas as feridas que infligirmos serão tão profundas, que nenhum de nós sobreviverá. Mas *se* caçarmos juntos, alimentar-nos-emos bem.

A tribo olhou para ele, surpreendida e em silêncio. Estavam à espera de uma decisão acerca dos losangos de ouro, mas em vez disso, o chefe falava dos problemas de Cathallo.

Juntos! gritou Hengall. Juntos, Cathallo e Ratharryn seriam mais fortes do que qualquer região desta terra. Assim, ligar-nos-emos num casamento de tribos.

A notícia causou um ruidoso suspiro de admiração da parte da assistência.

Na véspera do Solstício iremos a Cathallo para dançar com o seu povo.

A multidão pensou no assunto e depois um lento murmúrio de concordância espalhou-se entre eles. Havia apenas um momento, apoiavam avidamente a ideia de Lengar para conquistar Cathallo, agora mostravam-se seduzidos pela visão de paz apresentada por Hengall.

Gilan falou com o seu chefe e concordou que não seremos apenas uma tribo declarou. Seremos duas, unidas pelo casamento, como um homem e uma mulher.

E de que tribo será o homem? atreveu-se Lengar a perguntar. Hengall fingiu não o ouvir.

Não haverá guerra declarou, em tom decidido, olhando depois para os

forasteiros. E não haverá trocas continuou. Ofereceram os tesouros ao vosso deus, mas depois perderam-nos e nós recebemo-los. Apareceram no nosso Velho Templo, o que para mim significa que é aqui que devem ficar.54

Se devolvermos o ouro, insultamos os deuses que mandaram esses tesouros para a nossa guarda. O seu aparecimento é um sinal de que o templo deve ser retomado e assim será! Será reconstruído! Gilan, que tinha insistido nessa solução parecia satisfeito.

O homem de um só olho protestou, ameaçando trazer a guerra até Ratharryn.

Guerra? Hengall agitou a enorme massa. Guerra! gritou. Eu é que vos dou a guerra, se vierdes a Ratharryn. Urino nas vossas almas, escravizo os vossos filhos, transformo as vossas mulheres em objectos de prazer e faço os vossos ossos em pó. É essa a guerra que conhecemos! Cuspiu na direcção dos forasteiros. Pegai nos vossos pertences e ide ordenou.

O sacerdote dos forasteiros uivou ao céu e o chefe tentou um último apelo, mas Hengall não o escutou. Rejeitara a troca e o Povo da Fronteira não teve outro remédio senão pegar nas ofertas e voltar nos seus cavalos.

Mas naquela noite, quando o Sol se metia por entre as árvores a ocidente como um peixe apanhado numa armadilha de salgueiros entrançados, Lengar e uma dúzia dos seus principais apoiantes saíram de Ratharryn. Levavam os arcos, as lanças e os cães que corriam, presos por enormes cordas de couro; disseram que iam voltar para a caça. Porém, reparou-se que Lengar levara também uma escrava fronteiriça, uma mulher, o que chocou a tribo, pois as mulheres não acompanhavam as expedições de caça. Nessa noite, outra meia dúzia de jovens escapou-se de Ratharryn, de modo que, na manhã seguinte, a tribo horrorizada apercebeu-se de que afinal Lengar não fora à caça, mas que fugira e as mulheres tinham ido atrás dos seus amantes guerreiros. A ira de Hengall transbordou como a água do rio durante as cheias da tempestade. Insurgiu-se contra o maldito destino que lhe mandara um tal filho primogénito e depois enviou guerreiros atrás dele, embora ninguém esperasse que conseguissem apanhar os fugitivos, pois tinham partido havia muito tempo. Depois Hengall ouviu dizer que Jegar, considerado o melhor amigo de Lengar, estava ainda em Ratharryn e o chefe mandou-o chamar à porta da sua cabana, ordenando que se baixasse.

Jegar estendeu-se no chão, enquanto Hengall erguia a sua clava de guerra sobre a

cabeça do jovem.

Para onde foi o meu filho? perguntou friamente.

Para Sarmennyn respondeu Jegar. Para o Povo da Fronteira.

Sabias que planeava fazer isto e não me disseste? perguntou Hengall, cada vez com maior raiva.

O teu filho lançou-me uma maldição, se eu o traísse disse Jegar. Hengall manteve a clava erguida.

Porque não foste com ele? Não és o seu amigo do peito?

Não fui respondeu Jegar humildemente porque és o meu chefe, este é o meu lar e não quero viver num país longínquo ao pé do mar.55

Hengall hesitou. Queria apenas bater com a clava e salpicar a terra de sangue, mas era um homem justo, de modo que controlou a raiva e baixou a arma. Jegar respondera bem às suas perguntas e, embora Hengall não tivesse apreço pelo jovem, mesmo assim, ergueu-o, abraçou-o e deu-lhe uma pequena faca de bronze como recompensa pela sua lealdade.

Mas Lengar partira para o Povo da Fronteira. Por isso, Hengall queimou a cabana do filho e desfez em pó todos os seus vasos. Matou a mãe de Lengar, que fora a sua primeira esposa, e ordenou a Gilan que usasse o Mata-Crianças num rapaz que era popularmente conhecido como sendo filho de Lengar. A mãe do rapaz gritou implorando misericórdia, mas o osso de auroque ergueu-se e o *rapaz* morreu.

Nunca viveu decretou Hengall a respeito de Lengar. Já não existe.

O dia seguinte era a véspera do Solstício e a tribo iria para Cathallo. Para fazer a paz. E para enfrentar Sannas.

Na madrugada do dia em que a tribo se deveria dirigir para norte, o pai de Saban trouxe-lhe uma túnica de pele de veado, um colar de dentes de javali e uma faca de cabo de madeira e lâmina de sílex, para usar no cinto.

És meu filho disse Hengall, o meu único filho. Por isso, tens de parecer o filho

do chefe. Ata o cabelo atrás. Endireita-te! Acenou com ar cortês à mãe de Saban, sua terceira esposa, que havia muito tinha deixado de solicitar para a sua cabana e foi depois examinar o vitelo branco do sacrifício que seria conduzido para Cathallo.

Até Camaban foi a Cathallo. Hengall não queria que ele fosse, mas Gilan insistiu que Sannas quereria vê-lo em pessoa. Assim, Galeth foi buscar o aleijado ao seu esconderijo no Velho Templo e agora Camaban coxeava uns passos atrás de Saban, Galeth e Lidda, a mulher grávida do tio. Caminhavam para norte, ao longo dos montes, sobre o vale do rio e levaram uma manhã inteira para chegar ao cimo dessas terras altas, o que significava que estavam a meio caminho de Cathallo. Para muitos dos que se encontravam ali no alto a olhar para os bosques e pauis que ficavam mais à frente, aquela era a maior distância a que jamais se tinham afastado de casa.

O caminho descia agora, íngreme, para um frondoso bosque interrompido por pequenos campos. Era a terra de Maden, um local de solo rico, árvores altas e pântanos enormes.

Os homens da tribo de Hengall aproximaram-se mais das mulheres, ao entrarem na mata, e os rapazinhos receberam feixes de palha bem atados a paus, a que foi ateado fogo com uns carvões em brasa levados em vasos de barro perfurados. Os rapazinhos corriam para trás e para diante no atalho, agitando os paus fumegantes e gritando para afastar os espíritos malévolos56

que, de contrário, poderiam aparecer e engravidar as mulheres. Os sacerdotes entoavam cânticos, as mulheres apertavam talismãs e os homens batiam com os paus das lanças nos troncos das árvores. Foram precisos ainda mais cânticos para agradar aos espíritos, enquanto a tribo atravessava um emaranhado de pequenos ribeiros, perto de Maden.

Hengall caminhava à frente da sua tribo, mas esperou na margem de um dos maiores ribeiros que Saban o apanhasse.

Temos de falar disse ao filho e depois olhou para Camaban, que coxeava alguns passos atrás. O rapaz encontrara outra pele podre de ovelha para substituir a antiga túnica e trazia uma bolsa de couro cru, na qual guardara os seus poucos pertences, os ossos, a pele de cobra e os talismãs. Cheirava mal e tinha o cabelo de novo emaranhado e sujo. Olhou para o pai, encolheu os ombros e depois

cuspiu para o chão.

Hengall voltou-se desagradado e caminhou para a frente com Saban. Algum tempo depois, perguntou a Saban se tinha reparado como estavam cheias as searas de Maden. Parecia que a tempestade poupara aqueles campos, alvitrou Hengall invejoso, comentando depois ter visto uns belos porcos no bosque junto ao rio. Porcos e trigo, disse, era tudo o que o povo precisava para viver e por isso agradecia aos deuses.

Talvez apenas porcos reflectiu. Talvez não precisemos de mais nada para comer. Porcos e peixe. O trigo é um aborrecimento. Não se semeia sozinho, o problema é esse.

Hengall transportava uma bolsa de couro que tilintava à medida que andava; Saban calculava que contivesse alguns dos tesouros da tribo. Lá mais adiante, as pessoas tinham começado a cantar e o volume do cântico aumentava, à medida que o povo ia apanhando a melodia. Passou para os que caminhavam atrás, mas nem Hengall, nem Saban se lhes juntaram.

Daqui a uns anos disse Hengall abruptamente terás idade para te tornares chefe.

Se os sacerdotes e o povo estiverem de acordo afirmou Saban, cauteloso.

Os sacerdotes só precisam de subornos e o povo faz o que lhe mandarem. Um pombo saiu de entre as folhas, batendo as asas, e Hengall olhou para cima para ver em que direcção voava o pássaro, esperando que fosse um bom augúrio. Era, pois a ave partira na direcção do Sol.

Sannas vai querer ver-te disse Hengall, agoirento. Ajoelha diante dela e inclina a cabeça. Sei que é mulher, mas trata-a como um chefe. Franziu a testa. É uma mulher dura, dura e cruel, mas tem poderes. Os deuses adoram-na, ou então temem-na. Abanou a cabeça despenteada, espantado. Já era velha quando eu era rapaz!

Saban sentiu-se receoso com a perspectiva de conhecer Sannas.

Porque haverá de querer ver-me?**57**

Porque vais casar com uma rapariga de Cathallo disse Hengall simplesmente. Sannas irá escolhê-la. Não se toma uma decisão em Cathallo sem Sannas.

Chamam chefe a Kital, mas ele mama nas tetas da velha. Todos o fazem.

Saban nada disse. Sabia que não se podia casar sem passar pelas provas da idade adulta, mas agradou-lhe a ideia.

Assim, deves tomar uma noiva em Cathallo, como prova que as nossas tribos estão em paz. Percebes?

Sim, pai.

Mas em Cathallo não sabem que agora és o meu único filho disse Hengall. Também não vão gostar que sejas ainda um rapazinho. É por isso que tens’de impressionar Sannas.

Sim, pai disse de novo Saban. Apercebia-se então que Kital e Sannas esperavam que fosse Lengar a ir para Cathallo reclamar a noiva, mas Lengar partira e ele teria de ocupar o seu lugar.

Serás chefe disse Hengall pesadamente o que significa que tens de ser o chefe do nosso povo. Mas ser chefe não significa fazer aquilo que nos apetece. O povo não entende isso. Querem heróis, mas os heróis provocam a morte da sua gente. Os melhores chefes sabem-no. Sabem que não podem transformar a noite em dia. Apenas posso fazer o que é possível, nada mais. Posso destruir as represas dos castores para impedir que sequem as armadilhas para os peixes, mas não posso ordenar ao rio que o faça por mim.

Compreendo respondeu Saban.

E não podemos entrar em guerra disse Hengall, em tom impetuoso. Não estou preocupado com uma derrota, mas ficaremos enfraquecidos, quer vençamos, quer sejamos derrotados. Compreendes?

Sim.

Não é que tencione morrer já! continuou Hengall. Devo ter perto de trinta e cinco Verões. Pensa bem, trinta e cinco! Mas ainda tenho muitos bons anos à minha frente! O meu pai viveu mais de cinquenta.

E tu também, assim espero disse Saban, pouco à vontade.

Mas tens de te preparar prosseguiu Hengall. Passar as provas, ir à caça, arranjar cabeças do Povo da Fronteira. Mostrar à tribo que os deuses te favorecem. Acenou abruptamente e, sem mais uma palavra, voltou-se e fez sinal ao seu amigo Valan para lhes fazer companhia.

Saban esperou que Galeth o apanhasse.

O que queria ele? perguntou Galeth.

Dizer que tenho de me casar com uma rapariga de Cathallo disse Saban.

Galeth sorriu.

E assim deve ser. Galeth sabia que a decisão significava o favorecimento de Saban para ser o próximo chefe, mas não lhe guardava rancor por58

isso. Aquele homem enorme sentia-se mais feliz quando trabalhava com madeira e não tinha grandes desejos de suceder ao irmão. Deu um toque amigável na cabeça de Saban. Só espero que a rapariga seja bonita.

Claro que será disse Saban, embora receasse de súbito que pudesse não o ser.

A tribo cruzou o último pântano, subindo depois as colinas arborizadas, embora os bosques fossem rareando, para revelar os esplendores de Cathallo. Passaram por um antigo santuário, com os seus postes de madeira a apodrecer e o círculo tão coberto de aveleiras como o Velho Templo de Ratharryn; viram depois os túmulos nas encostas mais adiante. Essas encostas tinham a mesma altura que as que havia junto de Ratharryn, mas eram mais íngremes e entre elas estava a do famoso túmulo sagrado. Em Ratharryn não havia nada comparável e, embora alguns dos viajantes da tribo trouxessem consigo histórias de outras colinas com túmulos sagrados, todos concordavam que nenhum tinha as dimensões da de Cathallo. Era enorme, uma colina feita para se destacar das outras, porém tinha sido construída pelo homem; erguia-se do vale para tocar no céu e era de um branco cintilante, pois fora conseguida empilhando greda sobre greda. Era mais alta, muito mais alta que a barreira de Ratharryn; de facto, tão alta como as colinas circundantes.

Porque a fizeram? perguntou Lidda a Galeth.

É a imagem de Lahanna respondeu este com a voz emocionada de espanto,

explicando que a deusa da Lua, olhando de entre as estrelas podia ver-se reconstituída na terra e saberia que Cathallo a venerava. Ao ouvir tal explicação, Lidda tocou na testa em obediência à deusa, pois, como acontecia com todas as mulheres, adorava Lahanna acima de todos os deuses e espíritos. Porém, Camaban, que continuava a coxear mesmo atrás deles, riu-se de súbito.

Qual é a graça? perguntou Galeth.

Têm toupeiras gigantes em C-C-Cathallo respondeu.

Lidda tocou nas partes baixas. Sentia-se pouco à vontade, estando tão perto do aleijado, temendo pela criança que trazia no ventre; desejava que Camaban ficasse para trás, mas este mantivera-se teimosamente perto durante todo o dia e continuara a seguir-lhe os passos enquanto atravessavam um pequeno rio e subiam uma colina a oriente dos túmulos. Esta era coroada por um templo, que, por ser muito mais pequeno do que qualquer um dos de Ratharryn, fez suspirar de alívio a maioria da gente de Ratharryn, mesmo tendo marcos de pedra em lugar de postes de madeira. As pedras baixas estavam grosseiramente cortadas, parecendo meros tocos de rocha e algumas pessoas acharam-nas feias, comparadas com um poste adequadamente cortado. Um grupo de sacerdotes de Cathallo esperava no templo e foi a eles que foram feitas as primeiras ofertas de Ratharryn: o vitelo branco que fora conduzido com tanta dificuldade durante a viagem, era agora levado pela passagem que havia no fosso do templo. Os sacerdotes de Cathallo examinaram59

cautelosamente o animal. Talvez não fosse o vitelo mais branco de Ratharryn, mas mesmo assim era um bom animal com uma pele quase imaculada, de modo que se ouviram murmúrios ressentidos entre a gente de Hengall, quando os sacerdotes pareceram duvidar da qualidade do animal. Por fim, depois de o terem apalpado e cheirado consideraram-no de má vontade aceitável e arrastaram-no para o centro do pequeno templo, onde o esperava, com uma machada, um jovem sacerdote, nu e com um par de chifres de veado atado à cabeça. O vitelo parecendo aperceber-se do que lhe ia acontecer, tentou escapar-se aos homens que o seguravam, de modo que os sacerdotes lhe cortaram os tendões das pernas e o animal imobilizado berrou tristemente, enquanto a enorme machada subia e descia.

O povo de Hengall entoava o lamento de Lahanna, enquanto pisavam o sangue do vitelo e seguiam os sacerdotes por um caminho de pedras emparelhadas. O

templo podia não os ter impressionado, mas a avenida de pedras conseguira-o, pois estas eram maiores do que os marcos do templo e levavam ao campo aberto. A avenida marcada por seixos mergulhava do templo até ao vale, mas descrevia uma curva, antes de chegar ao enorme monte de greda, para se dirigir a norte, em direcção ao cimo de uma larga colina. Havia tantas pedras flanqueando o caminho sagrado, que nem as conseguiam contar, e todas eram tão ou mais altas que um homem. Algumas eram pilares, simbolizando Slaol, cada uma delas tinha por par uma laje em forma de losango em honra de Lahanna. As maravilhas de Cathallo eram afinal verdadeiras e o povo de Hengall seguiu os sacerdotes em silêncio para norte. Dançavam enquanto subiam, desajeitados, pois estavam exaustos, porém arrastando respeitosamente os pés de um para outro lado da avenida enquanto se encaminhavam para o cimo, onde algumas gentes de Cathallo se tinham reunido para ver os visitantes. Um grupo de guerreiros, com os corpos oleados e o cabelo entrançado, encostava-se às lanças para ver passar as mulheres, embora a visão de Camaban levasse os jovens a cobrir os olhos e a cuspir, para o caso do seu pé torto lhes trazer má sorte.

Saban, que nunca antes tinha visitado Cathallo, partira do princípio que as enormes pedras emparelhadas formavam um caminho que partia da aldeia até ao pequeno templo onde o vitelo fora sacrificado, mas ao passar pelo cimo da elevação, apercebeu-se subitamente que o pequeno templo, longe de ser o fim do atalho sagrado era simplesmente o seu princípio e as verdadeiras maravilhas de Cathallo ainda estavam por ver.

O povoado, sem muros, ficava para ocidente e não era nessa direcção que o atalho se dirigia. Pelo contrário, dirigia-se para a enorme barreira de greda que se erguia da depressão. Passaram rumores pela coluna de viajantes dizendo que a barreira branca rodeava o santuário de Cathallo e o povo de Hengall ficou em silêncio, maravilhado com o vasto muro que parecia tão alto e extenso como a barreira que rodeava Ratharryn. O longo cimo da muralha60

estava coberto de caveiras humanas e de animais, enquanto de dentro do enorme cercado vinha o pesado bater dos tambores de madeira. O caminho não levava directamente ao vasto templo; porém, à saída do] santuário, fazia uma volta dupla, de modo que as maravilhas dentro do grande círculo de greda só no último momento eram reveladas a quem se aproximasse.! Saban arrastou os seus passos de dança até à curva dupla e aí, de repente! visível para lá da saliência da enorme barreira circular, estava o santuário de Cathallo. A primeira impressão de Saban foi de estar a ver pedras. Pedras e mais pedras, pois o enorme espaço no

interior da enorme muralha de greda parecia cheio de blocos de pedra pesados, altos e cinzentos, alguns dos quais tinham sido recentemente molhados, de modo que os raios de luz cintilavam! na sua superfície rugosa. As pedras gigantes rodeavam um fosso que tinha] sido escavado dentro do muro de greda, tão profundo quanto a barreira era alta e a área cercada pelo fosso e pelo muro era quase tão grande como a própria Ratharryn; esta era a aldeia de uma tribo com espaço para o gado no Inverno, enquanto aquilo era apenas um templo.

Algumas mulheres de Ratharryn hesitavam antes de entrar no templo, pois as mulheres não eram autorizadas a penetrar nos santuários das suas tribos, excepto quando se casavam. Parecia que em Cathallo, homens e mulheres podiam entrar no círculo e, assim, o povo de Hengall atravessou o fosso a dançar, entrando no santuário de pedras.

Havia um enorme anel de blocos de pedra rodeando a beira do fosso, tendo cada um as dimensões dos feixes de feno feitos no Verão em Ratharryn. Havia dezenas dessas pedras enormes, demasiadas para poderem ser contadas; dentro do largo círculo estavam outros dois anéis de pedra, cada um com as dimensões do templo de Slaol em Ratharryn, ficando ainda mais pedras entre esses anéis interiores. Uma delas era em arco, um pedregulho com um enorme buraco; essa pedra fora erguida sobre outra, enquanto ali perto havia uma casa dos mortos feita de três enormes lajes. Saban olhava para tudo, estupefacto. Não percebia como poderia um homem erguer tais pedras e sabia que deveria estar num lugar onde os deuses operavam maravilhas. Apenas Camaban, encolhendo-se de cada vez que punha o pé torto no chão, não parecia impressionado.

As pessoas de Cathallo estavam em massa na parte interior da barreira e soltaram um grito de boas-vindas quando os visitantes entraram no círculo sagrado. O grito ecoou por todo o enorme recinto, e começaram depois a cantar.

Kital, chefe de Cathallo, esperava para saudar o povo de Hengall. Kital desejava impressioná-los e conseguira-o, pois vestira-se com uma túnica de pele de veado pelos tornozelos, túnica essa que fora branqueada com greda e urina, onde depois tinham sido cosidos anéis de bronze que reflectiam o sol; parecia assim cintilar quando se aproximou para cumprimentar Hengall. O chefe de Cathallo era alto, com o rosto longo, fino e bem barbeado, cabelo61

louro rodeado por uma fita de bronze onde espetara uma dúzia de compridas penas de cisne. Kital tinha a mesma idade de Hengall, mas havia no seu rosto

uma animação que lhe roubava anos e, além do mais, caminhava com um passo flexível e rápido. Abriu os braços num gesto de boas-vindas e, ao fazê-lo, ergueu as pontas da capa, revelando uma comprida espada de bronze que lhe pendia de um cinto de couro.

Hengall de Ratharryn anunciou, sê bem-vindo a Cathallo!

Hengall parecia um maltrapilho ao lado de Kital. Era mais alto e forte do que o chefe de Cathallo, mas o seu rosto barbudo era grosseiro, comparado com as feições aquilinas de Kital, tinha as roupas sujas e rasgadas, pois Hengall nunca fora homem de se preocupar com capas ou gibões. Conservava a lança afiada, penteava a barba para afastar os piolhos e achava que era esse o limite dos deveres de um homem em relação à sua aparência. Os dois chefes abraçaram-se, enquanto as duas tribos assistiam, murmurando o seu apreço pois, ao fazerem-no em público, os dois grandes homens garantiam a paz. Os chefes estreitaram-se por um instante, depois Kital afastou-se e, conduzindo Hengall pela mão, levou-o ao local onde Sannas esperava, por baixo de uma das grandes pedras que formavam a casa dos mortos.

A feiticeira trajava uma capa inteiriça feita de peles de texugo, com um xaile de lã servindo-lhe de capuz sobre a longa cabeleira branca. Saban olhou para ela; durante um terrível momento ela devolveu-lhe o olhar e ele afastou o seu, pois os olhos que espreitavam por baixo da sombra do capuz eram malévolos, inteligentes e aterradores. Saban sabia que era velha, dizia-se que mais velha do que qualquer homem ou mulher alguma vez tinha sido.

Kital e Hengall ajoelharam para falar com Sannas. Os tocadores de tambor, que batiam em enormes troncos ocos, continuavam o mesmo ritmo, enquanto um grupo de raparigas, nuas da cintura para cima e com rosas bravas, ulmárias e papoilas entrançadas nos cabelos, dançavam, arrastando os pés para a frente e para trás, andando para o lado, avançando e recuando, oferecendo as boas-vindas aos forasteiros que tinham vindo ao grande santuário. A maior parte dos visitantes olhava para elas de boca aberta, mas Galeth observava as pedras e sentia uma enorme tristeza. Não admirava que Cathallo fosse tão poderosa! Nenhuma outra tribo podia ter um santuário igual, nenhuma outra tribo poderia, como aquela, esperar conseguir o favor dos deuses. Galeth pensou tristemente que Ratharryn nada era, comparada com-aquilo, os seus templos eram ridículos e as suas ambições insignificantes.

Saban observava a feiticeira, sendo evidente que Sannas não estava satisfeita com as notícias trazidas por Hengall, pois voltou-lhe as costas, rejeitando-o com um gesto. Hengall olhou para Kital, que encolheu os ombros, porém Sannas voltou atrás e disse qualquer coisa em tom de desprezo, antes de entrar numa cabana que ficava junto ao círculo de pedra mais próximo. Hengall ergueu-se e voltou para junto de Saban.62

Tens de ir à cabana de Sannas avisou. Lembra-te do que te disse.

Saban, consciente de que estava a ser observado pelas duas tribos, dirigiu-se à cabana que ficava entre os dois círculos de pedra mais pequenos e era o único edifício dentro do templo. Era uma cabana redonda, um pouco maior que as de habitação, com um telhado alto e pontiagudo, mas umas paredes tão baixas, que Saban teve de se pôr de gatas para poder entrar. Lá dentro estava escuro, pois pouca luz do Sol entrava pela porta ou pela chaminé do pico do telhado, que era suportada por um enorme poste. Este era um tronco descascado, com os tocos dos seus muitos ramos de onde pendiam redes cheias de caveiras humanas. Um surto de finas gargalhadas sobressaltou Saban, que olhou à sua volta para ver uma dúzia de rostos espreitando dos cantos baixos da cabana.

Não lhes dês importância ordenou Sannas, numa voz rouca e baixa. Vem cá!

A feiticeira sentara-se sobre um monte de peles ao lado do poste e Saban, obediente, ajoelhou perto dela. Um pequeno lume ardia junto ao poste, enchendo a cabana escura de um fumo pungente que o fez lacrimejar enquanto curvava respeitosamente a cabeça.

Olha para mim! disse rispidamente Sannas.

Ele assim fez. Sabia que ela era velha, tão velha que ninguém sabia a sua idade, mais velha do que ela própria pensava ser, tão velha que já era velha quando a pessoa mais velha de Cathallo tinha nascido. Havia quem dissesse que ela nunca morreria, que os deuses tinham oferecido a Sannas a vida sem morte, o que pareceu verdadeiro ao espantado Saban, o qual nunca vira um rosto tão mirrado, tão enrugado e tão selvagem. Retirara o capuz, mostrando a cabeleira revolta, grisalha e lisa, pendendo junto a um rosto que mais parecia uma caveira, mas uma caveira com verrugas. Os olhos eram negros de azeviche, restava-lhe apenas um dente, uma presa amarelada no centro do maxilar superior. As mãos saíam-lhe dos lados da capa de texugo como garras enclavinhadas. Trazia âmbar

no pescoço esquelético; a Saban pareceu uma pedra preciosa pregada num cadáver seco.

Enquanto ela o observava, Saban, cujos olhos se habituavam à escuridão fumarenta, olhava nervosamente para as doze raparigas que o olhavam dos cantos da cabana. Havia asas de morcego pregadas ao poste, entre as vasilhas redondas que estavam penduradas nas redes, juntamente com as caveiras. No poste central havia também um par de chifres de veado, enquanto do telhado pendiam tufos de penas e molhos de ervas, tudo coberto de teias de aranha. Num cesto de verga junto ao lume encontravam-se ossos de pequenas aves. Saban pensou que aquilo não era uma cabana onde vivessem pessoas, mas sim um local para armazenar os tesouros rituais de Cathallo, uma espécie de sítio onde guardariam o Mata-Crianças da tribo.63

Diz-me então continuou Sannas numa voz mais áspera que um osso, diz-me Saban, filho de Hengall, filho de Lock, que nasceu de uma cadela da Terra da Fronteira apanhada num ataque, diz-me por que razão os deuses estão descontentes com Ratharryn.

Saban não respondeu. Estava muito assustado.

Detesto rapazes mudos rosnou Sannas. Fala, imbecil, ou transformo-te a língua num verme e vais chupar a sua baba todos os dias da tua miserável vida.

Saban fez um esforço para responder.

Os deuses... começou, depois, apercebeu-se de que falava em surdina, de modo que levantou a voz, decidido a defender a sua tribo. Os deuses enviaram-nos ouro, senhora, como poderão estar descontentes connosco?

Enviaram-vos o ouro de Slaol disse Sannas amargamente. O que aconteceu a partir daí? Lahanna recusou um sacrifício e o teu irmão mais velho passou-se para os Fronteiriços. Se os deuses enviassem um pote de ouro para Ratharryn, o que faríeis seria urinar todos dentro dele. As raparigas riram-se. Saban nada disse e Sannas olhou para ele. Já és um homem? perguntou.

Não, senhora.

Porém, usas uma túnica de homem. Estaremos no Inverno?

Não, senhora.

Então, despe-a exigiu. Despe-a!

Saban abriu apressadamente o cinto e retirou a túnica pela cabeça, provocando outro coro de risinhos vindo dos cantos da cabana. Sannas examinou-o dos pés à cabeça, dizendo depois, com desprezo.

É isto o melhor que Ratharryn tem para nos mandar? Olhem para ele, meninas! Parece uma coisa a espreitar da casca de um caracol.

Saban corou, agradecido por estar tão escuro na cabana. Sannas olhava-o contrafeita, a seguir meteu a mão numa bolsa e tirou de lá um embrulho de ervas. Retirou as folhas, revelando um favo de mel, do qual partiu um bocado que meteu na boca.

Hirac é um imbecil disse para Saban. Tentou sacrificar o teu irmão Camaban?

Sim, senhora.

Mas o teu irmão está vivo. Porquê? Saban franziu a testa.

Estava marcado por Lahanna, senhora.

Então porque tentou Hirac matá-lo?

Não sei, senhora.

Não sabes grande coisa, pois não? És um rapazinho miserável. E agora Lengar fugiu e tens de tomar o lugar dele. Olhou-o e depois cuspiu um bocado de cera para o lume. Mas Lengar nunca gostou de nós, pois não?64

Lengar queria entrar em guerra connosco! Porque é que Lengar não gostava de nós?

Não gostava de ninguém respondeu Saban.

Ela recompensou o comentário com um sorriso torcido.

Temia que lhe roubássemos a chefia, não é verdade? Temia que engolíssemos a pequena Ratharryn. Apontou para uma sombra no canto da cabana. Lengar

deveria casar com ela. Derrewyn, filha de Morthor, o sumo sacerdote de Cathallo.

Saban olhou para onde Sannas apontara e ficou quase sem respiração ao ver uma rapariga esguia de longa cabeleira negra e um rosto ansioso e belo. Não parecia mais velha que o próprio Saban, tinha olhos enormes e parecia trémula e nervosa, como se se sentisse tão pouco à vontade como ele, naquela cabana cheia de fumo. Sannas observava Saban e ria-se.

Gostas dela, não? Mas porque te haverias de casar com ela, em lugar do teu irmão?

Para podermos ter paz, senhora disse Saban.

Paz! vociferou a caveira. Paz! Porque haveríamos de comprar a vossa miserável paz com o corpo da minha bisneta?

Não estás a comprar paz, senhora atreveu-se Saban a dizer. Na minha tribo a paz não está à venda.

A tua tribo! Sannas inclinou-se para trás, cacarejando; de súbito, atirou-se para a frente, estendendo a mão adunca para agarrar as partes de Saban. Apertou-as obrigando-o a respirar com dificuldade. A tua tribo, rapaz vociferou, nada vale. Nada! apertou com mais força, procurando-lhe as lágrimas nos olhos. Queres ser chefe depois do teu pai?

Se os deuses assim o desejarem, senhora.

Já desejaram coisas mais estranhas afirmou Sannas, libertando-o por fim.

Balançava-se para a frente e para trás, com a saliva a escorrer-lhe da boca desdentada. Observava Saban, avaliando-o, concluindo que provavelmente o rapaz seria decente. Era corajoso, qualidade que apreciava, e inegavelmente bem-parecido, o que significava que fora favorecido pelos deuses; no entanto era ainda um rapaz e seria um insulto para o seu povo apresentar um rapaz para casar. Todavia, haveria vantagens num casamento entre Cathallo e Ratharryn, de modo que Sannas decidiu engolir o insulto.

Então casavas-te com Derrewyn para manter a paz? perguntou-lhe.

Sim, senhora.

És um imbecil afirmou Sannas. A paz e a guerra não fazem parte do teu dote e decerto não se encontram entre as pernas de Derrewyn. Estão com os deuses e acontecerá o que os deuses quiserem, de modo que, se decidirem que Cathallo governará Ratharryn, poderás levar todas as raparigas deste povoado para a tua cama fedorenta, que não fará qualquer diferença.65

Fechou os olhos e balançou-se para a frente e para trás, com o mel e a saliva a escorrerem-lhe pelo queixo, onde pêlos brancos saíam de sinais negros. Decidiu que era altura de atemorizar aquele rapaz de Ratharryn, de o assustar tanto, que nunca mais se atrevesse a pensar cruzar os seus desejos.

Sou Lahanna disse em voz profunda, pouco mais alta que um murmúrio e se te opuseres ao meu desejo, engulo a tua insignificante tribo, misturo-a com o fel que há no meu ventre e urino-a para uma vala cheia de porcaria. Depois riu-se e o riso transformou-se num ataque de tosse que a fez ofegar com falta de ar. Gemeu, quando a tosse passou, e abriu os olhos negros. Vai-te, disse, expulsando-o. Manda-me o teu irmão Camaban, mas vai-te. Vai, enquanto eu decido o teu futuro.

Saban esgueirou-se de novo para a luz do Sol e aí enfiou apressadamente a túnica. Os dançarinos arrastavam os pés para trás e para a frente, os tocadores de tambor continuavam a marcar o ritmo e Saban estremeceu. Atrás de si, de dentro da cabana veio uma gargalhada que o envergonhou. A sua tribo era tão pequena, o seu povo tão fraco e Cathallo tão forte. Parecia a Saban que os deuses se tinham voltado contra Ratharryn. Senão, porque teria Lengar fugido? Porque teria Lahanna recusado o sacrifício? Porque seria ele forçado a arrastar-se perante a bruxa de Cathallo? Saban acreditava nas suas ameaças, acreditava que a tribo corria o perigo de ser engolida e não sabia como a haveria de salvar. O pai avisara-o contra os heróis, mas Saban pensava que Ratharryn precisava de um. Hengall fora o herói da sua infância, mas agora sentia-se receoso, Galeth não tinha ambição e Saban ainda não era um homem nem sabia se conseguiria passar as provas. Porém, se pudesse, seria um herói, pois sem um, apenas previa desgostos para o seu povo. Seria simplesmente engolido.AQUELA NOITE A GENTE DE CATHALLO ACENDEU AS FOGUEIRAS DO SOLSTÍCIO, que cintilaram e fizeram o fumo elevar-se na paisagem. As fogueiras, ardiam para afastar dos campos os espíritos malignos e outras ardiam dentro do grande templo de Cathallo, onde doze homens cobertos com peles de boi saltavam por

entre as pedras. As peles formavam disfarces grotescos, pois as cabeças e os cascos dos animais não tinham sido retiradas. As enormes formas com chifres saltitavam por entre as chamas, enquanto os homens debaixo das peles gritavam, desafiando os espíritos maus que poderiam trazer a doença à tribo e aos seus rebanhos. Os homens-bois guardavam a prosperidade de Cathallo e existia uma enorme competição entre os jovens guerreiros para poderem ter a honra de dançar sob as peles dos animais, já que, quando a escuridão da noite era total e as chamas subiam em direcção às estrelas, doze raparigas nuas eram empurradas para o círculo de fogo, onde os homens as perseguiam gritando. A multidão, que até aí estivera a dançar junto ao anel de chamas, detinha-se para ver as raparigas esquivarem-se às voltas, fingindo fugir em pânico dos seus perseguidores de chifres, que se encontravam quase cegos e desajeitados devido às peles. Porém, uma a uma, as raparigas eram apanhadas, atiradas ao chão e cobertas ali pelos monstros de cornos ovacionados pela assistência.

Depois de terminada a dança dos bois, ambas as tribos saltaram as fogueiras. Os guerreiros competiam, para ver quem saltava a fogueira mais alta e larga, e mais do que um caiu dentro das chamas e teve de ser arrastado do braseiro aos gritos. Os velhos e as crianças saltavam as mais pequenas e depois o gado recém-nascido da tribo era conduzido através das brasas incandescentes. Havia quem mostrasse a sua bravura caminhando descalço sobre as brasas, mas apenas depois de um sacerdote ter pronunciado um encantamento para que os pés não se queimassem. À entrada da sua cabana, Sannas via-os e zombava do ritual.

Nada tem a ver com o encantamento disse amargamente. Desde que tenham os pés secos, não dói, mas se estiverem molhados é vê-los a saltar como borregos. Acocorou-se junto à palha e Camaban fez o mesmo a seu lado.

Podes saltar as chamas, filho disse Sannas.67

Não p-p-posso saltar respondeu Camaban, franzindo a cara num esforço para não gaguejar. Estendeu a perna esquerda de modo que a luz das chamas brilhou no alto torcido que tinha no pé. Se tentasse continuou, olhando para o pé r-r-rir-se-iam de mim.

Sannas segurava na mão o osso de uma anca humana. Pertencera ao seu segundo marido, um homem que pensara domá-la. Estendeu o braço e bateu ao de leve com o osso no pé grotesco.

Podia arranjá-lo disse, esperando pela reacção de Camaban e ficando desapontada por ele nada dizer. Mas só se quiser acrescentou com ar selvagem. Posso não querer. Apertou a capa contra si. Tive uma filha aleijada. Que estranha era. Anã e corcunda. Toda deformada suspirou ao recordar-se. O meu marido esperava que eu a curasse.

E curaste?

Sacrifiquei-a *a* Lahanna. Está enterrada ali, no fosso. Apontou com o osso na direcção da entrada sul do santuário.

Para que quereria Lahanna uma aleijada? perguntou Camaban.

Para se rir dela, claro respondeu Sannas abruptamente.

Camaban sorriu à resposta. Fora à cabana de Sannas à luz do dia; as raparigas tinham soltado exclamações horrorizadas ao ver o seu pé esquerdo, tinham estremecido ao sentir o cheiro da pele nojenta e depois troçaram da sua gaguez e do cabelo ferozmente emaranhado, mas Sannas não se juntara à risota. Examinara-lhe a marca da lua no ventre e de repente mandou as raparigas sair da cabana. Depois de terem partido, olhou para Camaban durante longo tempo.

Porque não te mataram? perguntou por fim.

P-p-porque os d-d-deuses tomam conta de mim. Ela batera-lhe com o osso na cabeça.

Se gaguejares quando falas comigo, rapaz, transformo-te num sapo ameaçou.

Camaban olhara para os olhos negros do seu rosto de caveira e em seguida, com muita calma, inclinara-se para diante e pegara no favo de mel envolvido em folhas que pertencia à feiticeira.

Dá cá isso! exigira Sannas.

Já que vou ser um s-s-sapo, é melhor que seja um sapo melado dissera Camaban. E Sannas rira-se daquilo, abrindo muito a boca para mostrar o seu único dente apodrecido. Ordenara-lhe que atirasse a túnica fedorenta para fora da cabana, arranjou-lhe depois um gibão de pele de lontra e a seguir insistira para que desembaraçasse os nós e retirasse a sujidade do cabelo.

És um rapaz muito bem-parecido disse com relutância, e era verdade, pois tinha um rosto esguio e bonito, o nariz comprido e direito e uns olhos verdes cheios de força. Interrogara-o. Como vivia? Como arranjava comida?68

Onde aprendera as coisas dos deuses? E Camaban respondera-lhe calmamente, não mostrando ter medo dela, de modo que Sannas concluiu que gostava daquele rapazinho. Era selvagem, teimoso, sem receios e, sobretudo, inteligente. Sannas vivia num mundo de tolos e, embora fosse apenas um jovem, estava ali um espírito. A velha e o rapaz aleijado conversaram até o Sol se pôr, as fogueiras se acenderem e os homens da dança do boi levarem as raparigas desgrenhadas para a turfa sombria por entre as pedras.

Agora estavam sentados a ver os dançarinos rodopiarem e passar pelas chamas. Algures no escuro uma rapariga gemeu.

Fala-me de Saban ordenou Sannas. Camaban encolheu os ombros.

É honesto e trabalhador disse, fazendo com que nenhum dos atributos parecesse uma virtude. Não é diferente do pai.

Virá a tornar-se chefe?

Em devido tempo, talvez disse Camaban descuidadamente.

Manterá a paz?

Como hei-de saber? respondeu Camaban.

Então e o que achas tu?

Que importa o que eu acho? Todos sabem que sou um imbecil.

E és imbecil?

É o q-q-que quero que pensem disse Camaban. Assim, deixam-me em paz.

Sannas acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Durante algum tempo ficaram os dois em silêncio, vendo o brilho das chamas colorir as lajes de pedra.

As fagulhas rodopiavam no céu, correndo entre as estrelas brancas e duras. Soou

um grito por entre as sombras, onde dois jovens, um de Ratharryn, outro de Cathallo, tinham começado a lutar. Os amigos separaram-nos, mas mesmo quando aquela luta terminou, outras começaram. O povo de Cathallo fora generoso com o seu licor de mel, especialmente destilado para a festa do Solstício.

Quando a minha avó era nova, não havia licor disse Sannas. Os Fronteiriços ensinaram-nos a fazê-lo e ainda fabricam o melhor. Ficou a pensar naquilo uns momentos e depois encolheu os ombros. Mas não sabem fazer as minhas poções. Podia dar-te uma bebida que te faria voar e alimentos que te dariam sonhos brilhantes. Os olhos dela brilhavam dentro do xaile em forma de capuz.

Quero aprender contigo disse Camaban.

Ensino raparigas, não rapazes afirmou a velha asperamente.

Mas eu não tenho alma argumentou Camaban. Foi quebrada pelo M-M-Mata-Crianças. Não sou nem rapaz, nem homem, sou nada.

Se és nada, o que podes aprender?STONEHENGE

69

Tudo aquilo que me p-p-possas ensinar. Camaban voltou-se para olhar para a feiticeira. E p-p-pago-te acrescentou.

Sannas riu-se, o ar sibilou-lhe na garganta, enquanto se balançava para diante e para trás.

E o que me poderá pagar um pária aleijado da pequena Ratharryn? perguntou, depois de se recuperar.

Isto. Camaban abriu a mão direita para revelar um losango de ouro. É parte do ouro do Povo da Fronteira continuou. O tesouro da noiva de Slaol.

Sannas estendeu a mão para o losango, mas Camaban fechou o punho.

Dá-mo, filho! disse a velha em tom sibilante.

Se disseres que me ensinas, entrego-to declarou Camaban. Sannas fechou os

olhos.

Se não mo entregares, aleijado horroroso, entrego o teu corpo aos vermes e envio a tua alma para a floresta sem fim entoou numa voz que já anteriormente aterrorizara três gerações da sua tribo. Vou fazer com que o teu sangue coagule e esmagar-te os ossos numa pasta. Vou fazer com que os pássaros te piquem os olhos, que as víboras te chupem as entranhas e os cães te comam as tripas. Implorarás misericórdia e eu limitar-me-ei a rir e a usar a tua caveira como vaso para urinar. Deteve-se, de súbito, pois Camaban erguera-se e partia a coxear. Onde vais? perguntou em tom sibilante.

Ouvi dizer que há um feiticeiro em Drewenna. Ele p-p-pode ensinar-me. Sannas fixou nele os olhos brilhantes do seu rosto de cadáver, mas o rapaz

manteve-se muito calmo e ela estremeceu de fúria.

Se deres outro passo, aleijado, ponho os teus ossos torcidos naquela vala, debaixo dos da anã.

Camaban segurou no losango de ouro.

Isto p-p-paga-te para me ensinares depois mostrou um segundo losango. E esta p-p-peça de ouro pagar-te-á, se me tratares do pé.

Vem cá ordenou Sannas. Camaban não se moveu, segurando apenas as peças de ouro que cintilavam à luz da fogueira. Sannas olhou-as, sabendo o mal que podia fazer com talismãs tão poderosos. Esperava conseguir mais algum ouro deste, mas cada peça era-lhe preciosa, de modo que controlou a fúria.

Eu ensino-te declarou calmamente.

Obrigado disse Camaban em voz baixa, ajoelhando em seguida diante dela e colocando reverentemente os dois losangos na sua mão estendida.

Sannas cuspiu no ouro, dirigindo-se depois, arrastando os pés, para a profunda escuridão da cabana onde o lume pouco mais era do que um monte de brasas apagadas.

Podes dormir do lado de dentro ou do lado de fora disse-lhe da escuridão. Não me importo.70

Camaban não respondeu, ficando a olhar para as enormes pedras do templo. As sombras dos amantes estavam agora imóveis, mas o lume fraco cintilava e pareceu-lhe que o anel de pedras brilhava na noite fumarenta. Era como se estivessem vivas e as pessoas mortas, o que o fez pensar no Velho Templo, que era a sua casa, lá tão longe. Inclinou-se para a frente, bateu com a testa no chão e jurou a todos os deuses que o estavam a ouvir que daria vida ao Velho Templo. Fá-lo-ia dançar, fá-lo-ia cantar, fá-lo-ia viver.

Hengall estava satisfeito com o resultado das negociações com Kital. A paz estava assegurada e seria selada com o casamento de Saban e Derrewyn.

Não que seja a rapariga que escolheria para ti resmungou Hengall enquanto caminhavam para sul em direcção a Ratharryn. É muito magra.

Muito magra? perguntou Saban, que achara Derrewyn muito bela.

As mulheres não fazem grande diferença do gado disse Hengall. O melhor é que tenham um bom traseiro. Não vale a pena casares-te com uma mulher magra, morrem todas quando dão à luz. Mas Sannas resolveu que havias de casar com Derrewyn e o casamento selará a paz, portanto, está decidido.

Hengall não só concordara com o casamento, como comprara também oito pedras enormes com as quais Gilan podia reconstruir o Velho Templo. O preço das pedras fora um dos losangos grandes e nove dos pequenos, o que Hengall considerara barato. Pensou que estava certo trocar uma pequena parte do ouro de Sarmennyn pelas pedras, pois estava agora seguro de que a chegada dos tesouros tinha sido uma mensagem de Slaol para reconstruir o Velho Templo e Gilan convencera-o de que Ratharryn deveria possuir um templo feito de pedra.

Não havia pedras em Ratharryn. Havia seixos no rio e algumas pedras maiores, que se podiam transformar em martelos ou machados, mas a aldeia não tinha pedras grandes que rivalizassem com os pilares e as lajes que rodeavam o templo de Cathallo. Ratharryn era um local de gredas brancas, erva e árvores, enquanto a terra de Cathallo era rica em grandes blocos de pedra que, espalhados pelos montes, à distância, davam ideia de um rebanho de enormes carneiros cinzentos. Sannas afirmava que as pedras tinham sido lançadas ali por Slaol numa vã tentativa de impedir que o povo de Cathallo erguesse um monte sagrado a Lahanna; porém, segundo outros, as rochas tinham sido atiradas para os montes por Gewat, o deus das nuvens, que quisera ver a sua própria imagem na face

verde da terra, mas as pedras que tinham chegado a Cathallo eram as que estavam mais perto de Ratharryn.

Saban gostara da ideia de construir uma coisa nova e impressionante em Ratharryn. Alguns membros do povo de Hengall resmungavam que os templos de madeira sempre tinham servido muito bem Ratharryn, mas os comerciantes, os homens que levavam as peles, o sílex e os vasos, para trocar por71

machados, marisco e sal, afirmavam que Drewenna possuía um enorme templo de pedra e que quase todos os santuários no longínquo Ocidente eram também feitos de pedras, de modo que a perspectiva de possuírem também um desses templos serviria para alegrar os espíritos da maior parte dos membros do povo de Hengall. Um novo templo feito de pedras, poderia restaurar a sorte da tribo e essa crença era suficiente para persuadir todos de que Gilan deveria ser o novo sumo sacerdote. Os outros sacerdotes afirmaram-no a Hengall e o chefe, que subornara quatro deles com barras de bronze, escravas fronteiriças e bocados de âmbar, para que a escolha fosse exactamente essa, aceitou gravemente o veredicto como tendo vindo dos deuses.

Assim, Gilan tornou-se o novo sumo sacerdote e a sua primeira exigência foi que a tribo limpasse o Velho Templo de ervas daninhas e aveleiras, de modo a que o santuário estivesse preparado para a chegada das pedras de Cathallo no novo ano.

Os homens fizeram o trabalho, enquanto as mulheres ficavam fora da barreira e dançavam em círculo. Entoavam ao mesmo tempo o cântico nupcial de Slaol. Só as mulheres cantavam essa bela canção e apenas em ocasiões da mais profunda solenidade. Era cantada em pedaços, com longas pausas entre a música, durante as quais, sem que aparentemente ninguém lhes dissesse quando, as dançarinas se mantinham imóveis diante dos degraus e o cântico recomeçava. As vozes sobrepunham-se umas às outras, numa harmonia entrelaçada e, embora nunca o tivessem ensaiado, parecia sempre assombrosamente belo, tal como os passos de dança que se detinham e avançavam em perfeito uníssono. As mães ensinavam às filhas as partes do cântico, aprendendo umas uma parte e outras outra, de modo que quando se juntavam, tudo se harmonizava. Muitas mulheres choravam enquanto cantavam, pois o cântico era um lamento. No dia anterior ao casamento de Slaol e Lahanna, o deus do Sol zangara-se com a noiva e abandonara-a, mas as mulheres viviam na esperança de que Slaol se compadecesse e voltasse para ela.

Gilan supervisionava a obra, detendo-se por vezes para ouvir a canção das mulheres e outras para ajudar os homens a arrancar as ervas daninhas e os arbustos. Algumas aveleiras eram árvores de porte médio e as raízes precisavam de ser soltas com picaretas de chifre de veado antes de serem arrancadas do solo. As árvores não podiam ser apenas cortadas, pois as aveleiras voltavam a crescer dos cepos, de modo que as maiores eram arrancadas pela raiz e os buracos destas, cheios de pedra calcária retirada do fosso. A caveira de boi que Camaban colocara no centro do templo foi enterrada no fosso, o seu esconderijo aberto, as ervas arrancadas, a erva cortada com facas de sílex e os restos queimados. O fumo da fogueira incomodava as dançarinas, de modo que estas se afastaram do templo enquanto os homens retiravam as ervas do fosso e do interior da barreira, de modo que o santuário ficou de novo rodeado pelo seu brilhante círculo de greda branca.72

Os velhos postes tão grossos e já podres que se tinham mantido na entrada do Sol e junto à casa dos mortos, foram lançados ao lume. Alguns deles eram enormes e os seus restos foram enterrados bem fundo; cortaram outros à superfície do solo, deixando os tocos a apodrecer. Uma vez que todas as ervas daninhas, árvores e postes foram retirados, os homens dançaram dentro do largo círculo, ao ritmo assombroso do cântico das mulheres. O templo estava de novo nu e limpo. Era constituído por uma barreira baixa, coberta de erva,! um fosso e uma barreira mais alta à volta de um círculo que nada continha. A tribo voltou a Ratharryn à luz da tarde. Galeth foi um dos últimos a sair e deteve-se no cimo do monte, sobre a aldeia, para se voltar e olhar para o templo. Desaparecera a moita de aveleiras que interrompera a sul a linha do horizonte, de modo que apenas se viam os túmulos dos antepassados, mas] diante desses montículos, branco, contrastando com a vertente escura da colina, o anel do templo parecia brilhar na luz mortiça da tarde. As sombras da barreira estendiam-se e Galeth reparou, pela primeira vez, que o anel de greda fora colocado numa encosta, de modo que estava ligeiramente inclinado na direcção em que o Sol se erguia no Solstício. É muito belo disse Lidda, a mulher de Galeth.

Realmente é concordou Galeth. Seria Galeth, prático, forte e eficiente, quem teria de erguer as pedras. Assim, tentava imaginar como ficariam os oito enormes blocos naquele local limpo de relva e greda. Slaol vai ficar satisfeito concluiu.

Naquela noite houve trovoada, mas sem chuva. Apenas trovões ao longe e na escuridão, morreram duas crianças da tribo. Tinham ambas estado doentes,

embora não se pensasse que morressem. Mas, de manhã o Sol ergueu-se para fazer brilhar o círculo de greda recém-limpo e o povo pensou que os deuses sorriam de novo para Ratharryn.

Derrewyn ainda não era mulher, mas era hábito, quer em Ratharryn, quer em Cathallo, que as raparigas prometidas fossem viver com a família do futuro marido. Assim Derrewyn foi para Ratharryn para viver na cabana da esposa mais velha de Hengall que ainda era viva.

A sua chegada perturbou a tribo. Podia estar a um ano da puberdade, mas a sua beleza florescera cedo e os jovens guerreiros de Ratharryn olhavam-na com mal disfarçado desejo, pois Derrewyn de Cathallo era uma jovem que fazia os homens sonhar. O cabelo negro dava-lhe por baixo da cintura e tinha pernas longas, muito morenas do sol. À volta do pescoço e dos tornozelos usava delicados colares de brancas conchas marinhas, todas parecidas e de um só tamanho. Tinha olhos escuros, rosto magro, de ossos salientes, e espírito rápido como o voo de um guarda-rios. Os jovens guerreiros da tribo de Hengall repararam nela, observaram-na e chegaram à conclusão que era**73**

mal empregada para Saban, que não passava de uma criança. Hengall, vendo tal desejo, ordenou a Gilan que produzisse um encantamento protector para a rapariga; assim, o sumo sacerdote colocou uma caveira humana no telhado da cabana de Derrewyn e a seu lado um falo de barro cru, para que todos os homens que vissem o feitiço entendessem a sua ameaça. Toquem em Derrewyn sem permissão e morrem, diziam a caveira e o falo e, a partir daí, os homens olhavam mas nada mais faziam.

Saban também olhava cheio de desejo e alguns membros da tribo reparavam que também Derrewyn olhava para Saban, pois este prometia vir a ser um homem muito belo. Estava ainda a crescer, mas atingira já a altura do pai e tinha a rapidez de visão e a certeza de mão de Lengar. Certeiro com o arco de teixo, era um dos corredores mais rápidos da tribo, sendo porém modesto, de temperamento calmo e muito estimado *em* Ratharryn. Prometia ser um bom homem mas, se falhasse nas provas, nunca seria considerado adulto, de modo que nos meses seguintes ao seu encontro com Derrewyn esteve ocupado a aprender os segredos da floresta e os hábitos dos animais. Observou os veados a lutar e acasalar, descobriu as tocas das lontras e aprendeu a roubar mel de abelhas em fúria. Não lhe era permitido dormir no bosque, já que era ainda criança, mas matou o primeiro lobo no princípio do Inverno, derrubando-o com

uma flecha certeira e usando um golpe do machado de pedra para acabar com a vida do animal ferido. Lidda, a mulher de Galeth, furou as patas do lobo, enfiou-as num tendão e ofereceu o colar a Saban.

Saban podia ser filho do chefe, mas tinha de trabalhar como os outros.

Um homem que nada faz, nada come gostava Hengall de dizer.

Galeth era o melhor madeireiro da tribo e havia sete anos que Saban aprendia a arte do tio. Conhecia os nomes de todos os deuses das árvores e a maneira de os aplacar antes de lançar o machado a um tronco, sabia transformar carvalhos e freixos em traves, postes e vigas. Galeth ensinara-lhe a fazer com sílex a lâmina de uma enxó e como atá-la ao punho com tiras molhadas de pele de boi, que encolhiam muito, de modo que a cabeça não se soltava durante o trabalho. Saban podia usar instrumentos de sílex, mas nem ele nem o filho de Galeth, nascido da primeira mulher deste, tinham autorização para tocar em dois preciosos machados de bronze trazidos de muito longe e que tinham custado a Galeth uma fortuna em porcos e gado.

Saban aprendeu a fazer malgas de madeira de faia e remos de salgueiro. Aprendeu também a afiar um ramo de teixo duro como uma pedra e a fabricar um arco para matar veados. Aprendeu a articular a madeira e a brocá-la com bicos de sílex, osso ou azevinho. Aprendeu a fabricar um barco oco com um tronco de ulmeiro e a torná-lo capaz de flutuar pelo rio até ao mar, de onde trazia sacos de sal, conchas e peixe seco. Aprendeu a martelar carvalho verde de modo a encolhê-lo para que coubesse em determinados sítios e aprendeu muito bem, pois no Inverno anterior às provas de Saban, Galeth74

confiou nele para que levantasse um novo telhado na cabana onde dormia Derrewyn.

Saban partiu o colmo podre, mas entregou primeiro a caveira a Derrewyn que, sabendo-se protegida por ela, beijou-lhe a testa, levantando a seguir os olhos para Saban.

O resto pediu a sorrir.

O resto?

O barro disse.

O falo de barro cru desfizera-se com o tempo, mas Saban recolheu o que podia do colmo podre e entregou-lho. Ela fez uma careta aos bocados sujos, mas encontrou um fragmento mais limpo que o resto e entregou-o a Saban.

Engole-o ordenou.

Engulo isto?

Engole! insistiu, rindo-se da expressão dele, enquanto enfiava o bocado de barro pela garganta abaixo.

Para quê? perguntou-lhe Saban, mas ela limitou-se a rir até que Jegar apareceu à esquina da cabana.

Jegar era agora o melhor caçador da tribo. Passava dias na floresta, chefiando um grupo de jovens que voltava com carcaças e chifres. Na tribo havia quem pensasse que Jegar deveria suceder a Hengall, pois era claro que os deuses o favoreciam, porém se Jegar partilhava essa opinião não dava sinais disso. Pelo contrário, era respeitador para com Hengall e tinha o cuidado de oferecer ao chefe os melhores nacos de carne da sua caçada; este, por sua vez, tratava com cautela o homem que fora antes o companheiro mais chegado de Lengar.

Jegar olhava agora para Derrewyn. Tal como os outros homens da tribo fora intimidado pela caveira no telhado, mas não conseguia esconder o seu desejo, nem o ciúme que sentia de Saban. No ano novo quando Saban realizasse as provas, seria perseguido no meio da floresta e toda a tribo sabia que Jegar e os seus cães estariam na sua pista. Se Saban falhasse, então não poderia casar-se.

Jegar sorriu para Derrewyn, que chegou a caveira aos seios e cuspiu. Jegar riu-se, lambeu a lâmina da lança e apontou-a a Saban.

Para o ano, pequeno, encontramo-nos entre as árvores. Tu, eu, os meus companheiros de caça e os meus cães.

Precisas de companheiros e cães para me derrotar? perguntou Saban. Derrewyn observava-o e o olhar dela tornava-o destemido. Diz-me lá o que vai acontecer para o ano, Jegar continuou. Sabia que era imbecil e perigoso provocar Jegar, mas receava que Derrewyn o desprezasse se fosse fraco e deixasse que Jegar o intimidasse. Que farás, se me encontrares na floresta? perguntou, saltando para o chão.

Desfaço-te, pequeno respondeu Jegar.75

Não tens força para isso afirmou Saban e pegou num enorme pau de freixo que usava para medir o comprimento das vigas que substituía. Era mais alto que Jegar e também sabia que este nunca se atreveria a matá-lo ali na aldeia, onde tanta gente o podia ver, mas mesmo assim arriscava-se a uma dolorosa sova. Nem conseguias desfazer um gatinho acrescentou com ar de desprezo.

Volta para o trabalho, rapaz disse Jegar, mas Saban limitou-se a atirar-lhe o pau, fazendo com que o outro, mais baixo, recuasse. Saban repetiu o gesto e a arma grosseira passou ao lado do rosto de Jegar. Desta vez o caçador rugiu e ergueu a lança. Tem cuidado avisou.

Porque haveria de ter cuidado contigo? perguntou Saban. O medo e a excitação competiam dentro dele. Sabia que era uma estupidez, mas a presença de Derrewyn levara-o a isso *e o* seu amor-próprio não o deixava agora recuar. És um cobarde, Jegar e vou dar cabo de ti disse puxando atrás a lança.

És uma criança! respondeu Jegar e correu para Saban, mas este calculara o que Jegar iria fazer e deixou cair a ponta da lança, que ficou metida entre as pernas de Jegar; depois girou a lança, fazendo-o tropeçar e quando ele caiu, Saban atirou-se para cima dele e esmurrou a cabeça do adversário. Deu-lhe dois socos antes de Jegar poder voltar-se para ripostar. Jegar não conseguiu usar a lança, pois Saban estava em cima dele, de modo que em primeiro lugar tentou afastá-lo com murros e depois arrancar-lhe os olhos com os dedos. Saban mordeu um deles sentindo o gosto do sangue, depois umas mãos agarraram-no e separaram-no de Jegar. Outras mãos retiraram Jegar.

Fora Galeth que afastara Saban.

Grande imbecil! exclamou Galeth. Queres morrer?

Estava a vencê-lo!

Ele é um homem. Tu és um rapaz! E vais ficar com um olho negro. Galeth afastou Saban e depois voltou-se para Jegar. Deixa-o em paz ordenou. A tua oportunidade virá no ano que vem.

Ele atacou-me! afirmou Jegar. Tinha a mão a sangrar no sítio onde Saban o tinha mordido. Chupou o sangue e depois pegou na lança. Havia raiva nos seus olhos,

pois sabia que fora humilhado. Um rapaz que ataca um homem, deve ser castigado insistiu.

Ninguém atacou ninguém disse Galeth. Era enorme e a sua ira assustadora. Aqui não aconteceu nada! Afastou Jegar. Não aconteceu nada! Voltou-se para Derrewyn, que assistira à luta com os olhos muito abertos. Vai tratar das tuas coisas, rapariga ordenou e depois empurrou Saban de novo para o telhado. E tu tens trabalho para fazer, portanto trabalha.

Hengall deu uma gargalhada quando soube da luta.

É verdade que ia vencer? perguntou a Galeth.76

Não se aguentaria muito tempo disse Galeth. Mas é verdade estava a vencer. É um bom rapaz aprovou Hengall. Um bom rapaz! Mas Jegar vai tentar impedir que passe nas provas avisou Galeth. Hengall recusou os receios do irmão mais novo. Se Saban quer ser chefe, tem de ser capaz de lidar com homens como Jegar. Riu de novo, encantado por Saban ter mostrado tal coragem, Olhas por ele durante o Inverno? perguntou. Merece mais do que uma lança nas costas. Vou vigiá-lo prometeu Galeth com ar severo. O Inverno revelou-se cruelmente duro e as únicas notícias boas dessa estação fria foram que os guerreiros de Cathallo tinham abandonado os ataques à terra de Hengall. A paz, que seria selada pelo casamento de Saban,! mantinha-se, embora alguns calculassem que Cathallo apenas esperava a morte de Hengall para se apoderar de Ratharryn tal como tinha conquistado Maden. Outros achavam que era o tempo que mantinha afastados os homens de Kital pois a neve caiu espessa durante muitos dias, de modo que as mulheres! tinham de partir o gelo do rio para irem buscar água para o dia. Houve alturas em que a neve dos montes soprava como fumo dos cumes baixos, em que as fogueiras pareciam não dar calor e as cabanas rodeadas de gelo estavam presas à terra branco-acinzentada que não oferecia esperança de vida. Morreram os fracos da tribo, os velhos, os jovens, os doentes, os amaldiçoados. Havia fome, mas os guerreiros caçavam nas florestas. Ninguém rivalizava com Jegar] e o seu bando que, dia após dia, traziam carcaças que eram esquartejadas fora da aldeia deixando fumegar as entranhas no ar frio, enquanto os cães esperavam os despojos. Os caçadores entregavam as caveiras dos veados às mulheres, que as metiam nos seus fornos de lenha até que ardessem completamente, mantendo depois a raiz dos chifres nas chamas, até estes se separarem do osso. Na Primavera haveria muito trabalho a fazer no Velho Templo e a tribo precisaria de dezenas de picaretas de chifre para cavar os

buracos para as novas pedras que seriam trazidas de Cathallo.

Aquele Inverno parecia não acabar. Foram vistos lobos junto ao rio, mas Gilan garantiu à tribo que tudo ficaria bem quando se construísse o novo templo. Este Inverno é o último dos nossos desgostos, disse o sumo sacerdote, o último de má fortuna antes do novo templo mudar o destino de Ratharryn. Haveria de novo vida, amor, calor, felicidade e todas as coisas seriam boas, afirmou Gilan à tribo.

Camaban tinha ido para Cathallo para aprender. Durante anos estivera só, tentando sobreviver para lá da barreira de Ratharryn e, durante esses anos, escutara vozes dentro da cabeça e pensara acerca daquilo que estas lhe**77**

tinham dito. Queria agora comparar esses conhecimentos com os do resto do mundo e ninguém era mais sábio que Sannas, a feiticeira de Cathallo. Assim, Camaban escutou-a.

No princípio, disse Sannas, Slaol e Lahanna tinham sido amantes. Deram a volta ao mundo numa dança infinita, muito juntos um ao outro; depois, Slaol reparara em Garlanna, a deusa da terra, filha de Lahanna, e apaixonara-se por ela, rejeitando a mãe.

Lahanna perdeu então o seu brilho e a noite chegou ao mundo.

Mas, garantiu Sannas, Garlanna manteve-se fiel à mãe, recusando-se a participar na dança de Slaol, de modo que o deus do Sol amuou e o Inverno desceu à terra. Slaol continuou amuado, sem escutar o povo da terra, pois esta recordava-lhe Garlanna. Era por isso, continuou Sannas, que Lahanna deveria ser adorada acima de todos os outros deuses, já que apenas ela tinha o poder de proteger o mundo da petulância de Slaol.

Camaban escutava-a, tal como escutava Morthor, pai de Derrewyn, que era sumo sacerdote em Cathallo. Morthor contou-lhe uma história semelhante, embora na sua versão fosse Lahanna quem amuara e quem escondera a face envergonhada, pois tentara em vão ofuscar o brilho do amante. Continuava a tentar diminuir Slaol e foram tempos terríveis, aqueles em que Lahanna deslizava para diante de Slaol trazendo a noite à luz do dia. Morthor afirmava que Lahanna era uma deusa arrogante e, embora fosse neto de Sannas e não estivessem de acordo, nunca discutiam.

Os deuses têm de estar equilibrados afirmava Morthor. Lahanna poderia tentar

castigar-nos porque vivemos na terra de Garlanna, mas esta ainda é poderosa e tem de ser aplacada.

Os homens não condenarão Slaol disse Sannas a Camaban. Não vêem nada de errado em apaixonarem-se por uma mãe e uma filha proferiu zangada. Os homens são como porcos rolando no seu próprio esterco.

Se visitares uma tribo desconhecida, com quem vais ter? perguntou Morthor. Com o chefe! Assim, deves adorar Slaol acima de todos os outros deuses.

Os homens podem adorar aquilo que quiserem afirmou Sannas. Mas são as preces das mulheres que são ouvidas e as mulheres rezam a Lahanna.

Porém numa coisa Sannas e Morthor concordavam: em que a tristeza do mundo chegara com a separação de Slaol e Lahanna e que desde aí as tribos dos homens tinham tentado equilibrar a sua adoração pelos dois deuses ciumentos. Hirac afirmara a mesma crença, uma crença que tomava as tribos do centro e as obrigava a serem cautelosas em relação aos deuses.

Camaban ouviu tudo isto, mas manteve em silêncio as suas opiniões. Viera para aprender, não para discutir, e Sannas tinha muito para lhe ensinar. Era a mais famosa curandeira da terra e o povo de uma dúzia de tribos vinha78

consultá-la. Usava ervas, fungos, lume, ossos, sangue, peles e encantamentos, As mulheres estéreis caminhavam dias a fio, para lhe implorar ajuda e todas as manhãs se encontrava um grupo desesperado de doentes, aleijados, coxos e tristes à espera dela na entrada norte do santuário. Camaban apanhava ervas ! e cogumelos para Sannas e cortava fungos de árvores a apodrecer. Secava os medicamentos em redes sobre o lume, cortava-os, fazia as infusões e aprendia os nomes que Sannas lhe indicava. Escutava enquanto as gentes descreviam os seus males e observava o que Sannas lhes dava, para depois notar o seu progresso para a cura ou para a morte. Muitos vinham queixando-se de dores, apenas dores, muitas vezes esfregando o ventre; então Sannas dava-lhes tiras de fungos para mastigar ou então obrigava-os a beber uma mistura espessa de ervas, fungos e sangue fresco. Outros queixavam-se de dores nas articulações, tão terríveis que os obrigavam a dobrar-se, tornando difícil a um homem lavrar o campo e a uma mulher usar a mó; se a dor realmente os incapacitava, Sannas deitava o paciente entre duas fogueiras, pegava na faca de sílex bem afiada e arrastava-a pela articulação dorida. Cortava para trás e para a frente, profundamente de modo a

que o sangue brotasse; então Camaban cortava as ervas secas nas feridas, colocando outras sobre os cortes recentes, até o sangue estancar. Depois Sannas pegava-lhes fogo, as chamas assobiavam deitando fumo e a cabana enchia-se com o cheiro da carne queimada.

Nesse difícil Inverno um homem enlouqueceu, batendo na mulher até esta morrer, atirando depois o filho mais novo para a cabana em chamas; Sannas disse que ele estava possuído por um espírito maligno. Trouxeram-lho, imobilizaram-no entre dois guerreiros, enquanto Sannas lhe abria o couro-cabeludo, afastava a carne e lhe abria um buraco no crânio com uma pequena marreta de pedra e uma fina lâmina de sílex. Retirou um círculo de osso, cuspiu-lhe no cérebro e exigiu que o espírito saísse. O homem sobreviveu, embora numa desgraça tal, que o melhor seria ter morrido.

Camaban aprendeu a arranjar os ossos, encher as feridas de musgo e teias de aranha e fazer poções que fazem os homens sonhar. Levava essas poções aos sacerdotes de Cathallo, que o tratavam com receio, pois fora escolhido por Sannas. Aprendeu a fazer o veneno glutinoso com que os guerreiros esfregavam as setas quando perseguiam os Fronteiriços nas enormes florestas a norte de Cathallo. O veneno era feito com uma mistura de urina, fezes e o suco de uma erva florida que Sannas considerava mortífera. Fazia a comida da feiticeira, moendo-a até ficar em pasta, pois tendo apenas um dente, não conseguia mastigar. Aprendeu feitiços, cânticos, o nome de mil deuses e quando não aprendia com Sannas, escutava os comerciantes que voltavam das suas longas jornadas com estranhas histórias. Escutava tudo, de nada se esquecia e mantinha as suas opiniões bem guardadas na cabeça. Essas não tinham mudado. As vozes que lhe tinham falado ainda lhe ecoavam no espírito, ainda o acordavam durante a noite e enchiam de espanto. Aprendera a curar, a assustar79

e a torcer o mundo aos desejos dos deuses, mas não mudara. Os conhecimentos do mundo não tinham perturbado os seus.

No coração do Inverno, quando Slaol estava mais fraco e Lahanna brilhava mais sobre o santuário de Cathallo, tocando as pedras com um raio de luz fria, Sannas trouxe dois guerreiros ao templo.

Chegou a hora disse a Camaban.

Os guerreiros deitaram Camaban de costas sob uma das pedras mais elevadas.

Um homem segurou-lhe os ombros, o outro o pé aleijado, voltando-o para a Lua.

Mato-te ou curo-te afirmou Sannas. Tinha na mão um maço de pedra e uma lâmina feita da omoplata de um morto que encostou ao grotescamente disforme peito do pé de Camaban. Vai doer disse a rir, como se a dor dele lhe desse prazer.

O guerreiro que segurava o pé estremeceu quando o maço martelou o osso. Sannas bateu de novo, mostrando uma força notável para uma mulher tão velha. O sangue brotava do pé, negro à luz da Lua, molhando as mãos do guerreiro e correndo pela perna de Camaban. Sannas bateu de novo com o maço na lâmina, depois retirou a omoplata e rangeu os dentes, enquanto obrigava o pé de Camaban a desenrolar-se.

Tens dedos! Espantou-se e os dois guerreiros estremeceram, voltando a cara, ao ouvir o estalar da cartilagem, o torcer do osso e o raspar da deformidade a ser endireitada. Lahanna! exclamou Sannas, martelando de novo a lâmina para dentro do pé de Camaban, forçando o gume afiado noutra parte da carne bulbosa a que o osso estava ligado.

Sannas endireitou o pé, depois fez-lhe uma tala de ossos de veado, que ligou com tiras de pele de lobo.

Usei osso para curar o osso disse a Camaban. Ou morres ou consegues andar.

Camaban olhou para ela, sem nada dizer. A dor fora maior do que alguma vez pensara, fora uma dor para encher todo o mundo iluminado pela Lua, mas não soltara um único gemido. Tinha lágrimas nos olhos, mas não emitira qualquer som e sabia que não iria morrer. Viveria, porque era essa a vontade de Slaol. Porque tinha sido escolhido. Porque era a criança torcida enviada para endireitar o mundo. Era Camaban.O INVERNO PASSOU. OS SALMÕES VOLTARAM Ao RIO E AS GRALHAS AOS ALTOS ulmeiros que cresciam a ocidente de Ratharryn. O cuco cantava e as libelinhas esvoaçavam onde o gelo do Inverno tinha fechado o rio. Os cordeiros baliam por entre os túmulos dos antepassados e as garças banqueteavam-se com os patinhos do rio Mai. O canto do melro ouvia-se nos bosques, onde, à medida que a Primavera avançava, os veados perdiam o seu pêlo acinzentado de Inverno e mudavam os chifres. O pai de Hengall afirmara ter visto uma vez os veados a comerem as velhas armações, mas na verdade era Syrax, o deus destes animais que andava pelos bosques e as recolhia para si. As armações dos veados eram apreciadas para fabricar utensílios, de

modo que os homens tentavam encontrá-las antes de Syrax.

Os campos eram lavrados. As gentes mais abastadas atavam o arado endurecido pelo fogo atrás de um boi, enquanto que outros utilizavam as famílias para arrastar pelo solo a ponta cortante. Antes que os sacerdotes viessem espalhar os primeiros punhados de sementes, abriam a terra de oriente para ocidente e depois de norte para sul. A colheita anterior fora má, mas Hengall armazenara sementes na sua cabana e agora lançava-as nos campos. Alguns terrenos estavam abandonados e cheios de erva, pois o solo estava cansado, mas na Primavera anterior os homens tinham cortado árvores à entrada da floresta, tinham também queimado outras já mortas no Outono e o solo recém-limpo era lavrado e semeado enquanto as mulheres sacrificavam um cordeiro. Os peneireiros voavam sobre o Velho Templo, onde as orquídeas floriam e flutuavam borboletas de asas azuis.

No Verão, quando os tordos se calavam, os rapazes da tribo de Hengall enfrentavam as provas para passarem à idade adulta. Nem todos as ultrapassavam e alguns nem sequer lhes sobreviviam. A tribo dizia que, de facto, era melhor um rapaz morrer, do que falhar, pois com esse fracasso arriscava-se ao ridículo para o resto da vida. Durante toda uma lua depois das provas, esse rapaz seria obrigado a usar roupa de mulher, a fazer tarefas femininas e a acocorar-se para verter águas. Não poderia arranjar esposa em toda a vida, nem ter escravos, gado ou porcos. Alguns dos que falhavam, podiam evidenciar talento para interpretar augúrios e sonhos e esses poderiam tornar-se81

sacerdotes, recebendo então os privilégios daqueles que tinham vencido as provas; porém, a maior parte dos que falhavam eram desprezados para sempre. Era melhor morrer.

Estás pronto? perguntou Hengall a Saban, na manhã do primeiro dia.

Sim, pai respondeu Saban com nervosismo. Não tinha a certeza de falar verdade, pois como se poderia alguém preparar para ser caçado por Jegar e pelos seus cães? Na verdade, Saban estava mesmo aterrorizado, mas não se atrevia a mostrar ao pai o seu receio.

Hengall, cujo cabelo ficara grisalho no Inverno anterior, mandara buscar Saban para lhe oferecer uma refeição.

Carne de urso. Vai dar-te força.

Saban não tinha apetite, mas obediente comeu e Hengall observava-o cada vez que metia comida na boca.

Não tive sorte com os meus filhos disse pouco depois. Saban, com a boca cheia da carne acre, não respondeu e Hengall gemeu ao pensar em Lengar e Camaban. Mas em ti tenho um filho como deve ser continuou para Saban. Prova-mo nestes próximos dias.

Saban acenou afirmativamente.

Se eu morresse amanhã, creio que Galeth seria o chefe rosnou Hengall, tocando nas partes para evitar a má sorte implícita nas suas palavras. Mas não seria um bom chefe. É bom homem, mas demasiado confiante. Acreditaria em tudo o que nos dizem de Cathallo e eles mentem tantas vezes, quantas dizem a verdade. Agora afirmam ser nossos amigos, mas gostariam de nos engolir. Querem a nossa terra. Querem o nosso rio. Querem os nossos alimentos, mas temem o preço que teriam de pagar. Sabem que os espancaríamos ferozmente, portanto, quando te tornares chefe, tens de ter provado ser um guerreiro, com o qual temam confrontar-se, mas tens também de ser inteligente, para saberes quando não deves lutar.

Sim, pai respondeu Saban. Mal ouvira palavra, pois estava a pensar em Jegar e nos seus cães de pêlo comprido, com as línguas penduradas por entre os dentes afiados.

Cathallo tem de te temer, como me temem a mim disse Hengall.

Sim, pai respondeu Saban. O sangue do urso pingava-lhe do queixo. Sentia-se enjoado.

Os antepassados contemplam-te continuou Hengall. Torna-os orgulhosos de nós. E uma vez um homem, casamos-te com Derrewyn. Será a primeira cerimónia do novo templo. Que tal? Deverá trazer-te os favores de Slaol.

Gosto de Derrewyn confessou Saban corado.

Não interessa se gostas dela ou se a detestas, tens de lhe dar filhos, muitos filhos. Usa a rapariga! Procria com ela e depois com outras mulheres, mas trata de ter filhos! O sangue é tudo.82

Com estas sentenças ainda nos ouvidos e sentindo a garganta amarga com o sabor rançoso do urso, Saban dirigiu-se ao templo de Slaol, mesmo atrás da entrada da aldeia. Estava nu, tal como os outros vinte e um rapazes que se juntavam debaixo dos altos postes do templo. Teriam todos de passar cinco noites nos bosques inóspitos e aí sobreviver, apesar de serem perseguidos pelos caçadores que eram os homens da tribo e que agora rodeavam o templo e vaiavam os candidatos. Todos eles empunhavam arcos ou lanças e chamavam mulheres aos rapazes, dizendo-lhes que haveriam de fracassar, ameaçando-os com aquilo que os espíritos maus e os animais da floresta lhes fariam. Os homens convidavam os rapazes a abandonar as provas antes de as iniciarem, dizendo que nem valia a pena tentar tornarem-se homens, pois era óbvio que eram franzinos e fracos.

Gilan, o sumo sacerdote, ignorava as vaias e as provocações, enquanto orava ao deus. As pequenas bolas de greda branca, símbolos da vida dos rapazes, tinham sido colocadas no centro do templo, sobre a campa da criança que fora sacrificada ao deus na consagração do templo. As bolas ficariam ali até ao fim, altura em que aqueles que se tornavam homens poderiam quebrá-las e os que fracassassem poderiam recolhê-las para devolver os símbolos de greda às famílias envergonhadas. Gilan cuspiu sobre os rapazes para os abençoar. Cada um tinha direito a uma arma. A maior parte segurava lanças ou arcos, mas Saban preferira levar uma faca que ele próprio fizera de um bocado de sílex raro na região, com tamanho suficiente para que a lâmina coubesse na sua mão. Tinha raspado a pedra escura até a transformar numa lâmina branca e perigosa. Não esperava conseguir caçar com a faca, pois mesmo que matasse o animal, não se atreveria a acender uma fogueira para assar a carne, não fosse o fumo atrair os caçadores.

É o mesmo que não levares arma nenhuma avisou-o Galeth, mas Saban queria a pequena faca, pois ao tocá-la sentia-se reconfortado.

Jegar provocava Saban da entrada do templo. O caçador enfeitara a lança com um molho de penas de águia e metera outras entre o seu longo cabelo.

Vou soltar-te os cães, Saban! gritou Jegar. Os cães enormes e peludos, salivavam atrás do dono. Desiste continuou. Que possibilidades tem uma criança mijona como tu? Não aguentas um dia.

Vamos arrastar-te derrotado gritou um dos amigos de Jegar. Depois podes vestir

a túnica da minha irmã e vais buscar água para a minha mãe.

Hengall escutou as ameaças, mas nada fez para as evitar. Estes eram os costumes da tribo e se Saban sobrevivesse à inimizade de Jegar e dos seus amigos, então a sua reputação cresceria. Hengall também não poderia tentar proteger Saban na floresta, pois assim a tribo declararia que o rapaz não tinha realizado as provas com justiça. Saban teria de sobreviver pelos seus próprios meios e, se fracassasse, os deuses diriam que não estava capaz de ser chefe.83

Deram aos rapazes meio dia de avanço. Depois, durante cinco noites de Verão tinham de sobreviver na floresta, onde os inimigos não seriam só os caçadores, mas também os ursos, os enormes auroques selvagens, os lobos e os bandos do Povo da Fronteira, que andavam à procura de escravos *e* sabiam que os rapazes se perdiam por entre as árvores. Os Fronteiriços rapariam a cabeça dos rapazes, cortavam-lhes um dedo e arrastavam-nos para uma vida de servidão e chicotadas.

Gilan terminou por fim as invocações e bateu as palmas, enxotando os rapazes assustados para fora do templo.

Corre para longe! gritou Jegar. Vou apanhar-te, Saban!

Os cães presos uivavam e Saban temia esses animais, pois os deuses tinham-lhes dado a capacidade de perseguir um homem durante muito tempo, por entre as árvores. Os cães pressentiam o espírito do homem, de modo que o conseguiam encontrar mesmo no escuro. Seguiam a pista de qualquer criatura pelo espírito, portanto os enormes cães peludos seriam os piores inimigos de Saban nos dias seguintes.

Saban correu para sul, atravessando a pastagem e o caminho levou-o até perto do Velho Templo, que ali aguardava as pedras de Cathallo. Quando passou pelo fosso, pensou ouvir a voz de Camaban a chamá-lo e deteve-se confundido, olhando para o santuário já limpo. Porém nada havia aí, a não ser duas vacas brancas pastando na relva. Os seus receios diziam-lhe que continuasse a correr em direcção às árvores, mas um instinto mais forte obrigou-o a atravessar a pequena barreira exterior, escalar o fosso de greda e subir pelo interior da barreira maior.

Sentiu o sol quente na pele nua. Manteve-se imóvel, sem saber porque tinha parado, mas logo outro impulso levou-o a ajoelhar na relva dentro do santuário,

onde usou a faca de sílex para cortar uma madeixa do seu longo cabelo negro. Colocou o cabelo sobre a erva e depois curvou a testa até ao chão.

Slaol! exclamou. Slaol! Fora ali que Lengar tentara matá-lo e Saban escapara àquele inimigo, de modo que orava para que o deus do Sol o ajudasse a evitar outro ódio. Saban orava, já havia dias, a todos os deuses de que se lembrava, mas naquele momento, dentro do quente círculo de greda na encosta tocada pelo vento, Slaol enviou-lhe uma resposta. Chegou-lhe como se viesse de lado nenhum e Saban soube de súbito que sobreviveria às provas e até que as venceria. Apercebeu-se que, de tanta ansiedade, estava a implorar a coisa errada. Pedira aos deuses que o escondessem de Jegar, pois este era o melhor caçador da tribo; então Slaol enviara a Saban o pensamento de que deveria deixar que Jegar o encontrasse. Era essa a dádiva do deus. Deixa que Jegar encontre a sua presa e depois fá-lo fracassar. Saban ergueu a cabeça ao brilho do céu e gritou os seus agradecimentos.

Correu para o bosque, onde sentiu de novo erguerem-se nele os seus receios. Era um local deserto e escuro, assolado por lobos, ursos e auroques.Havia bandos de caçadores fronteiriços em busca de escravos e, pior ainda,! proscritos. Quando um homem era banido de Ratharryn, a tribo não dizia quei partira da aldeia, mas sim que fora para a floresta. Saban sabia que tais proscritos erravam por entre as árvores, dizia-se que tão selvagens como qualquer animal. Corriam rumores de que se alimentavam de carne humana e que sabiam quando os rapazes da tribo se escondiam por entre as árvores, de modo que os buscavam. Todos esses perigos assustavam Saban, mas havia ainda coisas mais terríveis por entre as árvores: as almas mortas que não tinham passado! para os cuidados de Lahanna assolavam os bosques. Por vezes os caçadores] desapareciam sem deixar rasto e os sacerdotes calculavam que tinham sido] arrebatados pelos mortos ciumentos que tanto odiavam os vivos.

Toda a floresta era escura e perigosa, por isso estava sempre a ser cortada e as mulheres não podiam lá entrar. Podiam procurar ervas à entrada junto à aldeia ou atravessá-la acompanhadas por homens, mas não lhes era permitido passarem para lá dos campos mais afastados, receando-se que fossem assaltadas por almas ou espíritos, ou então capturadas pelos proscritos. Algumas mulheres, muito poucas, fugiam mesmo, para se reunirem com estes fugitivos e uma vez juntos, escondidos por entre as árvores, formavam pequenos clãs selvagens, que roubavam colheitas, crianças, manadas e rebanhos.

Porém, Saban não viu esses perigos enquanto atravessava a floresta em direcção ao ocidente. O sol fazia brilhar as folhas verdes *e o* vento quente murmurava nos ramos. Seguiu o mesmo caminho por onde ele e Lengar tinham perseguido o forasteiro que trouxera o tesouro a Ratharryn e, embora soubesse que corria riscos em passar por aquele atalho, ignorou-os, pois não queria que os cães de Jegar tivessem qualquer dificuldade em seguir-lhe o espírito através do emaranhado das árvores.

À tarde, quando chegou ao cimo de onde podia avistar as longínquas florestas a ocidente, Saban ouviu o leve som do soprar de um chifre de boi. Esse som agoirento informou-o que os caçadores de Ratharryn tinham partido. Trariam brasas acesas dentro de vasos, de modo que se decidissem passar a noite no bosque poderiam fazer enormes fogueiras para deter os espíritos e os animais. Saban não poderia usar tais defesas. Tinha apenas a ajuda de Slaol e uma pequena faca quebradiça feita de sílex.

Passou muito tempo em busca de uma árvore que servisse os desígnios de Slaol. Sabia que os cães de Jegar se deveriam precipitar pelo atalho, mas tinha um bom avanço e tempo suficiente; algum tempo depois decidiu-se por um carvalho que crescia baixo e largo, embora a meio do tronco houvesse um espaço de onde não saíam ramos. Poderia facilmente trepar a primeira parte da árvore, precisando depois de saltar, para se agarrar ao ramo conveniente que tinha a grossura do braço de um homem. Era o apoio perfeito e, se Jegar pensasse que Saban estava escondido por entre as folhas mais altas da árvore, treparia até elas. Saban saltou e agarrou-se com força, enquanto com os pés85

procurava apoio no tronco. Depois içou-se, escarranchou-se no ramo estreito da árvore.

Sentou-se de frente para o tronco, murmurando uma curta prece à árvore, para que esta lhe perdoasse a ferida que lhe ia infligir; a seguir usou a ponta da faca para cortar uma fenda estreita ao longo da superfície mais elevada do ramo. Depois, quando o corte ficou suficientemente largo e profundo, enfiou a lâmina de sílex na madeira de modo a que a superfície fibrosa, de lascas brancas, sobressaísse da casca. Executou bem o trabalho, pois, quando terminou a lâmina assentava com firmeza na fenda da árvore. Cuspiu no sílex para lhe dar sorte e depois desceu do ramo. Olhou para cima, certificando-se de que a pequena armadilha era invisível, recolheu e escondeu as pequenas lascas de madeira recém-cortada que tinham caído pelo tronco do carvalho.

Foi pela encosta abaixo até ao ribeiro que corria no sopé do monte e, uma vez aí, seguiu pela água pouco profunda, pois toda a gente sabia que os espíritos não a podiam atravessar. Enquanto estava metido no riacho, o espírito enfiava-se-lhe no corpo, não deixando qualquer pista para os cães de Jegar. Percorreu um longo caminho, murmurando por vezes uma prece para aplacar o espírito do ribeiro e voltou a subir o monte em busca de um local onde pudesse descansar.

Encontrou-o no sítio em que dois ramos saíam do tronco de um ulmeiro, tendo colocado, atravessados sobre eles, outros ramos mais pequenos, de modo a fazer um estrado onde se pudesse deitar em segurança. Estava escondido a uma altura suficiente para poder ver por entre as folhas as nuvens brancas percorrerem o céu luminoso e, esticando o pescoço, conseguia olhar para o chão, coberto de musgo, junto à árvore. Durante muito tempo, nada aconteceu. O vento agitava as folhas, um esquilo batia os dentes e duas abelhas voavam ali perto. Algures, um pica-pau bicava a casca de uma árvore, parava e recomeçava. Um restolhar de folhas mortas fez com que Saban espreitasse, receando o que pudesse vir a descobrir, mas apenas viu passar uma raposa com um mergulhão na boca.

Mais tarde os ruídos vivos dos bosques, os pequenos sons de garras, bicos e patas desapareceram e apenas se ouvia o suspiro do vento por entre as folhas e nas fendas das árvores. Tudo o que respirava escondia-se imóvel, pois sentia-se a presença de qualquer coisa nova e estranha. Havia perigo; a floresta sustinha a respiração e Saban escutava, até conseguir por fim ouvir o ruído que silenciara o mundo. Um cão ladrava.

O dia estava quente, mas de súbito a pele nua de Saban gelou.

Sentia os pêlos do pescoço eriçarem-se. Outro cão uivou e Saban ouviu então ao longe vozes de homem. Estavam na encosta, bem acima dele. Caçadores.

Conseguia imaginá-los. Deveria ser uma meia dúzia de jovens chefiados por Jegar, todos altos, fortes e bronzeados, com os longos cabelos entrançados86

e enfeitados com penas. Espreitariam o carvalho, encostando-se às lanças e gritando insultos para o local onde pensavam que se escondia Saban. Talvez perdessem algumas flechas na ramaria, na esperança de o fazer descer, para o levarem de volta para Ratharryn, fazendo desfilar a sua vergonha diante da cabana do pai. Porém, em pouco tempo se haviam de aborrecer e um deles que fosse Jegar, implorava Saban. Treparia o tronco do carvalho para o encontrar.

Saban estava deitado de olhos fechados, à escuta. Depois ouviu um grito. Não era apenas um grito, mas também um latido de protesto, dor e raiva; soube então que a pequena armadilha dera resultado. Sorriu.

Jegar caiu da árvore, praguejando pois tinha na palma da mão direita um profundo golpe. Guinchou e apertou a mão ensanguentada entre as pernas, enquanto se curvava para aliviar a agonia. Um dos amigos colocou-lhe musgo na ferida e ligou a mão com folhas; depois, furiosos, percorreram velozmente o cume, mas nem eles nem os cães uivantes se aproximaram de Saban. Seguiram o seu espírito até ao ribeiro mas aí os animais perderam-no e, pouco depois, abandonavam a caçada. O ruído dos cães afastou-se e pôde ouvir-se de novo a miríade de pequenos sons do bosque.

Saban sorriu. Reviveu o momento em que ouvira o grito e agradeceu a Slaol. Riu-se. Tinha vencido.

Tinha vencido, porém não se moveu. Agora tinha fome, mas não se atrevia a ir à procura de comida, no caso de legar andar pela encosta, de modo que ficou no seu pequeno estrado observando os pássaros que voltavam aos ninhos e o céu avermelhado com a ira de Slaol por o mundo ir passar para o cuidado de Lahanna. O frio subia do ribeiro. Um veado e a sua corça avançavam lenta e delicadamente, passando sob o teixo em direcção à água e indicavam com o seu aparecimento que havia caçadores escondidos lá em cima, no cume; mesmo assim, Saban não se moveu. A fome e a sede podiam esperar. Nas fendas entre a folhagem mais alta via o céu ficar enevoado e brumoso e aparecer depois a primeira estrela do rebanho de Lahanna. A tribo chamava Merra à estrela e esta recordava a Saban que todos os seus antepassados o estavam a observar, trazendo-lhe contudo o medo daqueles que tinham morrido na ignomínia e que se erguiam agora do seu sono diurno para deixar os seus espíritos famintos vaguear por entre as árvores escuras. À medida que se soltavam os terrores nocturnos da floresta, descobriam-se estranhas garras e dentes raivosos.

Saban mal dormiu, pelo contrário, deixou-se ficar deitado, à escuta dos ruídos da noite. Ouviu uma vez um estalar de ramos, o som de um corpo grande a passar pelos arbustos, depois de novo o silêncio, no qual imaginou uma cabeça monstruosa, garras estendidas procurando o ulmeiro. Soou um grito no cimo do monte, que fez com que Saban se enrolasse numa bola e gemesse. Um mocho piou. Os únicos consolos do rapaz eram as estrelas dos87

seus antepassados, a luz fria de Lahanna, cobrindo de prata as folhas e os seus pensamentos acerca de Derrewyn. Pensava muito nela. Tentou lembrar-se da imagem do seu rosto. Uma vez, pensando nela, levantou o rosto e viu um raio de luz deslizar por entre as estrelas, o que lhe deu a conhecer que um deus descia à terra; tomou-o como sinal de que ele e Derrewyn estavam destinados um ao outro.

Escondeu-se durante cinco dias e cinco noites, procurando comida apenas ao amanhecer e ao crepúsculo. Encontrou uma clareira na base do monte, no local em que o ribeiro fazia uma curva larga no seu curso e aí encontrou cerefólio e alho. Apanhou folhas de consolda e azedas, bem como rebentos de giesta já amargos, pois a época já tinha passado. O melhor de tudo era a erva-moira que encontrou mais acima, no monte onde tinha caído um enorme ulmeiro. Levou tudo para o seu estrado no teixo, retirando-lhe os bichinhos antes de as comer. Um dia conseguiu mesmo apanhar uma pequena truta nas ervas do ribeiro e mordeu avidamente a sua carne crua. À noite mastigava a resina que sai da casca da árvore, cuspindo-a quando já não tinha sabor.

Jegar desistira da caçada, embora Saban não o soubesse e um dia ao crepúsculo, quando procurava erva-moira junto ao ulmeiro apodrecido, ouviu passos e ficou imóvel. Escondeu-se na árvore caída, mas o local era precário e o coração batia-lhe célere.

Momentos depois passou uma fila de lanceiros do Povo da Fronteira. Eram todos homens, todos com lanças de ponta de bronze e com traços cinzentos tatuados nas faces. Não tinham cães consigo e pareciam mais dispostos a deixar o monte, do que a procurar uma presa. Saban ouviu chapinhar no ribeiro, ouviu o bater das asas das aves marinhas que fugiam na sua presença e depois fez-se de novo silêncio.

A última noite de Saban foi a pior. Choveu e houve muito vento, de modo que havia mais ruídos que nunca nas árvores, pois as copas agitavam-se no céu molhado. Os ramos estalavam e, ao longe, Rannos, o deus do trovão ribombava nas trevas. Estava escuro, muito escuro, sem o raio de luz de Lahanna atravessando ou espreitando por entre as nuvens. A escuridão era pior que uma cabana fria, pois era uma noite sem limite, cheia de horrores; no centro dela, Saban ouvia uma coisa grande e disforme estalar pela floresta, de modo que se enrolou no seu estrado pensando nas almas mortas e no seu desejo de carne humana, até que, molhado, frio e cheio de fome, viu a madrugada cinzenta diluir

a húmida escuridão por cima do monte. A chuva diminuiu, o céu ficou mais brilhante e depois os chifres de boi soaram, para dizer que a primeira prova tinha terminado.

Tinham saído de Ratharryn vinte e dois rapazes, mas apenas dezassete voltavam. Um tinha desaparecido e nunca mais foi visto, dois foram encontrados pelos caçadores e levados de volta para Ratharryn, enquanto mais outros dois ficaram tão aterrorizados com a escuridão das árvores, que tinham voltado**88**

de livre vontade para a sua humilhação. Mas os dezassete que se juntaram no templo de Slaol foram autorizados a atar o cabelo na nuca com um nó largo, seguindo depois os sacerdotes pelo caminho que levava à entrada de Ratharryn, ladeado de mulheres que lhes estendiam pratos com pão, carne de porco fria e peixe seco.

Comam insistiam com os rapazes. Devem ter fome, comam! Mas, embora esfomeados, nenhum tocou na comida, pois também esta era uma prova, embora fácil de ultrapassar.

Os homens da tribo esperavam ao lado de uma enorme fogueira que ardia dentro do grande muro e batiam com o punho das lanças no chão para aclamar e receber os dezassete. Os rapazes tinham ainda de enfrentar dois testes, e alguns podiam mesmo fracassar, mas já não eram vaiados. Saban viu Jegar com a mão ligada com folhas atadas com gavinhas e não conseguiu resistir a executar uns passos vitoriosos. Jegar cuspiu na sua direcção, mas por mera insolência. Perdera a oportunidade e Saban sobrevivera na floresta.

Na prova seguinte, os rapazes tinham de lutar contra homens. Não importava se venciam ou perdiam, afinal ninguém esperava que um rapaz quase morto de fome conseguisse derrotar um homem feito, mas era importante que combatessem bem e mostrassem coragem. Saban encontrou-se diante de Dioga, um escravo fronteiriço libertado, famoso pela sua força de urso. A multidão riu-se do contraste que havia entre o homem e o rapaz, mas Saban era mais rápido do que qualquer deles esperava. Escapou-se à investida de Dioga, deu-lhe pontapés, desviou-se de novo dele, bateu-lhe com a mão, troçou dele e atirou um soco que lhe atingiu o rosto; depois o outro, muito maior, apanhou por fim o rapaz, atirou-o abaixo e começou a estrangulá-lo com as mãos enormes. Saban arranhou o rosto tatuado de Dioga, tentando meter-lhe os dedos dentro dos olhos, mas este limitou-se a resmungar e apertou com os polegares a garganta de

Saban, até Gilan lhe bater com uma vara e o obrigar a largá-lo.

Muito bem, rapaz declarou o sumo sacerdote.

Saban sufocou quando tentou responder mas depois sentou-se com os outros rapazes recuperando o ar para os pulmões ávidos.

Por fim, os dezassete rapazes suportaram o fogo. Ficaram de pé, de costas voltadas para as chamas, enquanto um sacerdote aquecia a ponta afiada de um ramo de teixo até ficar incandescente. Depois colocava-a em brasa nas omoplatas e aí a mantinha até a pele fazer bolha. Gilan olhava-lhes para o rosto, certificando-se de que não choravam. Saban entoou o cântico furioso de Rannos, enquanto o fogo lhe queimava as costas e o calor era tal, que pensou gritar bem alto; porém, a dor passou e Gilan sorriu com ar de aprovação.

Muito bem disse de novo o sumo sacerdote. Muito bem! O coração de Saban estava tão cheio de alegria, que teria conseguido voar como um pássaro.89

Era um homem. Podia tomar noiva, possuir um escravo e gado, escolher outro nome para si e falar nos encontros tribais. Neel, o jovem sacerdote, apresentou a Saban a bola de greda onde estava abrigado o espírito da sua infância e Saban dançou sobre ela, aos saltos, partindo-a e desfazendo-a, enquanto pulava deliciado. O pai, incapaz de esconder o seu contentamento, ofereceu-lhe uma túnica de pele de lobo, uma bela lança e uma faca de bronze com cabo de madeira. A mãe deu-lhe um amuleto de âmbar, que Lengar lhe tinha ofertado, mas Saban tentou que ela o guardasse, pois estava doente; porém a mãe não quis. Galeth deu-lhe um arco de teixo, depois fê-lo sentar, para lhe tatuar no peito as marcas de homem adulto. Usou um pente de osso que mergulhava em ísatis, fazendo-o depois penetrar na pele; a dor nada significava para ele, pois já era um homem.

Agora podes escolher um novo nome disse-lhe Galeth.

Cortador de Mãos disse Saban troçando. Galeth riu-se.

Pensei logo que fosse obra tua. Mas fizeste um inimigo para toda a vida.

Um inimigo que terá dificuldade em segurar num arco ou *em* atirar uma lança respondeu Saban.

Mas um homem perigoso avisou-o Galeth.

Agora é um aleijado disse Saban, já que ouvira dizer que a faca de sílex atravessara os tendões da mão de Jegar.

Por isso é ainda um inimigo pior. Então, mudas de nome?

Vou mantê-lo afirmou Saban. O seu nome de nascimento significava o Favorito e ele achava-o adequado. Observou o sangue e o ísatis escorrerem-lhe da pele. Era um homem! Depois, sentou-se para festejar com os outros dezasseis que tinham passado as provas, comendo pão e mel; entretanto as mulheres da tribo entoavam o cântico de batalha de Arryn. No fim da refeição, o Sol estava a pôr-se e as raparigas, que durante todo o dia tinham permanecido sequestradas no templo de Lahanna, foram levadas para o templo de Slaol. A tribo colocou-se no caminho que ia da aldeia ao templo, dançando e batendo as palmas, enquanto os dezassete rapazes seguiam as raparigas, que nessa altura se transformariam em mulheres.

Derrewyn não se encontrava entre elas. Era demasiado valiosa como noiva para se entregar a uma noite de orgia, mas, na manhã seguinte, quando Saban voltava para a aldeia para encontrar um sítio onde pudesse erguer a sua cabana, Derrewyn felicitou-o. Deu-lhe um dos seus preciosos colares de conchas brancas. Saban corou com a oferta e Derrewyn riu-se da sua confusão.

Nesse mesmo dia Gilan começou a planear como haveria de colocar as oito pedras.90

Os novos homens não precisavam de trabalhar no dia seguinte às provas, de modo que Saban caminhou pelo monte acima, para ver Gilan começar a obra no Velho Templo. Havia borboletas por todo o lado, um exército de asas azuis e brancas flutuando sobre a erva coberta de flores, onde uma dezena de pessoas escavava a greda branca com picaretas de hastes de veado, de modo a abrir os fossos e erguer as barreiras que limitariam o novo atalho sagrado, conduzindo à porta do templo virada para o Sol.

Saban dirigiu-se para o lado ocidental do templo *e* sentou-se sobre a erva. Tinha junto a si a lança nova e interrogava-se quando a usaria numa luta. Agora era um homem, mas a tribo esperava que matasse um inimigo, antes de o considerar propriamente adulto. Sacou a faca de bronze que o pai lhe oferecera e admirou-a à luz do Sol. A lâmina era curta, um pouco mais pequena do que a sua mão, mas o metal fora trabalhado num milhar de pequenos cortes formando um padrão

complexo. Uma faca de homem, pensou Saban, voltando a lâmina de modo que o sol incidisse no metal.

Ouviu a voz de Derrewyn atrás de si.

O meu tio tem uma faca igual a essa. Diz que foi feita na terra que fica do outro lado do mar, a ocidente.

Saban voltou-se para olhar para ela.

O teu tio? perguntou.

Kital, chefe de Cathallo, claro fez uma pausa e acocorou-se a seu lado e passando o dedo delicado nas crostas vermelho-azuladas das suas novas tatuagens. Doeu muito? perguntou.

Não, vangloriou-se Saban.

Deve ter doído.

Um pouco admitiu.

É melhor ter essas cicatrizes do que ser morto por Jegar disse Derrewyn.

Não teria conseguido matar-me afirmou Saban. Só queria arrastar-me para Ratharryn e fazer com que andasse a carregar greda para o meu pai.

Creio que te teria matado insistiu Derrewyn, lançando-lhe depois um olhar enviesado. Cortaste-lhe a mão?

De certo modo admitiu Saban a sorrir. Ela riu-se.

Geil disse-me que talvez já não possa usar a mão convenientemente. Geil era a esposa mais velha de Hengall, com quem Derrewyn vivia e era famosa pelas suas habilidades de curandeira. Disse a Jegar que deveria ir a Sannas porque ela *é* muito mais poderosa. Derrewyn colheu uns malmequeres. Sabias que Sannas endireitou o pé do teu irmão?

Sim? perguntou Saban surpreendido.

Abriu-lhe o pé explicou a rapariga. Havia sangue por todos os lados. Fê-lo na

noite de lua cheia *e* ele não soltou um ai; depois ligou-lho a91

uns ossos de veado e ele teve febre. Começou *a* fazer uma grinalda com os malmequeres. Está melhor.

Como sabes? perguntou Saban.

Um mercador trouxe notícias enquanto estavas na floresta. Fez uma pausa para cortar com a unha afiada o pé do malmequer. Disse também que Sannas está zangada com o teu irmão.

Porquê?

Porque Camaban se foi embora respondeu Derrewyn, franzindo a testa. Foi-se embora mesmo antes de ter o pé curado e ninguém sabe para onde. Sannas pensou que pudesse ter vindo para aqui.

Não o vi disse Saban, sentindo-se um pouco aborrecido por não ter ouvido antes estas notícias acerca do irmão ou talvez estivesse desapontado por Camaban não ter vindo para Ratharryn, embora não se lembrasse de uma única razão para que ele quisesse visitar a tribo do pai. Saban gostava daquele meio-irmão desajeitado e gago e sentia-se aflito por Camaban ter partido sem se despedir.

Quem me dera que tivesse vindo para cá disse Saban. Derrewyn estremeceu.

Só o vi uma vez e pareceu-me assustador.

É só desajeitado disse Saban quase a sorrir. Dantes levava-lhe comida e ele gostava de tentar assustar-me. Gritava e saltava, fingindo estar louco.

Fingindo?

Gosta de fingir.

Ela encolheu os ombros e abanou a cabeça como se o destino de Camaban não tivesse importância. A sul do templo, um grupo de homens arrancava a lã do lombo dos carneiros, fazendo-os balir aflitivamente. Derrewyn riu-se dos animais despidos, enquanto Saban a olhava, maravilhado com a delicadeza do seu rosto e a suavidade das suas pernas morenas do sol. Não era mais velha do que ele, mas Saban achava que ela tinha a confiança que lhe faltava. A própria

Derrewyn fingia não reparar ser admirada, voltando-se apenas para olhar para o Velho Templo, onde Gilan era ajudado por Galeth e por Mereth, seu filho, apenas um ano mais jovem que Saban. Um ano apenas, todavia, como Saban era já um homem, a diferença entre ele e Mereth parecia muito maior.

Gilan e os dois ajudantes tentavam encontrar o centro do santuário e, para o fazer, tinham esticado um fio de fibra de casca de árvore sobre o círculo de relva dentro da barreira interior. Assim que tiveram a certeza de ter descoberto o máximo espaço dentro do círculo, dobraram o fio e ataram um bocado de erva à ponta dobrada. Deste modo, sabiam que tinham um fio com o comprimento igual à largura do círculo e que o nó de erva marcava o centro exacto da linha; voltavam agora a esticá-la várias vezes sobre a largura92

do círculo, numa tentativa para encontrar o centro do templo. Galeth pegava numa ponta do fio, Mereth na outra e Gilan encontrava-se no meio, perguntando constantemente aos dois ajudantes se estavam ao lado da barreira, sobre ela ou por trás; quando ficava satisfeito com os locais onde eles se encontravam, marcava o sítio em que o bocado de erva estava amarrado, espetando um pau no chão. Havia já uma dúzia deles, uns palmos distantes uns dos outros, não havendo mais do que um no mesmo sítio. Gilan continuava a fazer medições, na esperança de encontrar dois pontos concordantes.

Porque é preciso encontrar o centro do templo? perguntou Saban.

Porque na manhã do Solstício saberão exactamente onde Slaol se ergue e traçarão uma linha daí até ao centro do templo explicou Derrewyn, que era filha de um sacerdote e entendia dessas coisas.

Gilan decidira-se agora por um dos muitos paus, de modo que arrancou os outros do solo, antes de espetar desajeitadamente uma estaca no chão marcando o centro do santuário. Parecia que tinham terminado o dia de trabalho, pois Gilan enrolava o fio numa bola e, depois de murmurar uma prece, voltavam todos para Ratharryn.

Queres vir caçar? gritou Galeth para Saban.

Não respondeu este.

Agora que és homem estás com preguiça? perguntou Galeth, bem-disposto. Depois acenou e seguiu o sumo sacerdote.

Não queres caçar? perguntou Derrewyn a Saban.

Agora sou um homem explicou Saban. Posso ter a minha cabana, possuir gado e escravos e levar uma mulher para a floresta.

Uma mulher? perguntou Derrewyn.

Tu, afirmou. Levantou-se, pegou na lança e depois estendeu a mão. Derrewyn olhou-o por um instante.

O que aconteceu ontem à noite no templo?

Havia dezassete homens e catorze raparigas explicou Saban. Eu dormi.

Porquê?

Estava à tua espera disse sentindo o coração enorme e trémulo, parecendo-lhe que o que estava a fazer agora era mais perigoso do que dormir nas árvores escuras entre os inimigos fronteiriços e proscritos. Tocou no colar *de* conchas que ela lhe dera. Estava à tua espera repetiu.

Ela ergueu-se. Por um instante Saban pensou que Derrewyn lhe ia voltar as costas, mas a rapariga sorriu e pegou-lhe na mão.

Nunca estive na floresta disse.

Então é altura de lá ires afirmou Saban e conduziu-a para oriente. Era um homem.SABAN E DERREWYN SEGUIRAM PARA ORIENTE, ATRAVESSANDO o RIO MAI; seguiram depois para norte, passando a aldeia até chegarem a um lugar onde o vale era alcantilado e estreito, com árvores frondosas inclinando-se lá em cima sobre a água corrente. Havia muito que o canto do codornizão se afastara nos campos de trigo e agora apenas ouviam o correr do rio, o murmúrio do vento, o raspar das patas dos esquilos e a cadência do voo de um pombo por entre a alta folhagem. À beira-rio, junto da hortelã cresciam orquídeas de cor púrpura, enquanto a bruma clara das campainhas acentuava as sombras por baixo das árvores. As libelinhas rodopiavam brilhantes sobre o rio, onde pequenas aves lacustres pintalgadas de vermelho chapinhavam por entre os juncos.

Saban levou Derrewyn para uma ilha no rio, um local onde os salgueiros e

freixos eram frondosos, numa margem de relva alta e musgo espesso. Atravessaram a água até lá, deitaram-se depois no musgo e Derrewyn viu as bolhas de ar quebrarem-se à superfície da água sombreada pela folhagem, onde as lontras nadavam atrás dos peixes. Na margem oposta surgiu uma corça, que desapareceu aos saltos antes de ir beber, quando Derrewyn suspirou admirada, fazendo demasiado ruído. Depois quis apanhar peixes, de modo que pegou na lança nova de Saban e meteu-se nas poças, mergulhando de vez em quando a arma, quando passava uma truta ou um timalo, mas falhando sempre.

Aponta para baixo deles disse-lhe Saban.

Para baixo deles?

Vês como a lança se dobra dentro de água?

Parece que se dobra disse, fazendo de novo pontaria e voltando a falhar. A lança era pesada e cansava-a, de modo que a atirou para a margem, deixando-se ficar ali de pé com o rio a correr-lhe pelas pernas morenas.

Queres ser chefe da aldeia? perguntou a Saban algum tempo depois. Ele assentiu.

Sim, creio que sim.

Ela voltou-se de frente para ele.

Porquê?94

Saban não tinha resposta. Habituara-se à ideia, e pronto. O pai era chefe e, embora isso não significasse necessariamente que um dos filhos de Hengall tivesse de lhe suceder, a tribo pensaria primeiro neles e Saban era agora o único que poderia herdar esse cargo.

Creio que quero ser como o meu pai disse cauteloso. É um bom chefe.

O que faz um bom chefe?

Mantém as pessoas vivas durante o Inverno respondeu Saban. Limpa as florestas, resolve com justiça as disputas e protege a tribo dos inimigos.

De Cathallo? perguntou Derrewyn.

Só se Cathallo nos ameaçar.

Não ameaçam. Encarrego-me disso.

Sim?

Kital gosta de mim e um dos seus filhos será chefe a seguir a ele. São todos meus primos e todos me estimam. Olhou timidamente para Saban, como se este pudesse considerar esse facto surpreendente. Insistirei para que sejamos todos amigos disse ferozmente. É estúpido sermos inimigos. Se os homens querem lutar, deveriam ir à procura de fronteiriços. De repente salpicou-o. Sabes nadar?

Sei.

Ensina-me.

Atira-te lá para dentro sugeriu Saban.

E afogo-me declarou ela. Uma vez afogaram-se dois homens em Cathallo, não os encontrámos senão muitos dias depois e estavam todos inchados. Fingiu desequilibrar-se. Vou ficar como eles, toda inchada, mordida pelos peixes e a culpa vai ser tua, por não me teres ensinado a nadar.

Saban riu-se, mas levantou-se e despiu a sua nova túnica de pele de lobo. Até alguns dias atrás andara sempre nu no Verão, mas agora sentia-se embaraçado ao despi-la. Correu velozmente para a água que estava maravilhosamente fresca depois do calor que havia debaixo das árvores e nadou, afastando-se de Derrewyn, metendo-se numa lagoa profunda, onde o rio rodopiava em pequenas ondas. Quando chegou ao centro, agitou a água, mantendo a cabeça à tona e voltou-se para dizer a Derrewyn que entrasse no rio, descobrindo porém que ela já lá estava, muito perto, mesmo atrás dele. Ela riu-se da sua expressão espantada.

Há muito tempo que aprendi a nadar disse e depois de encher o peito de ar, mergulhou, levantando no ar as pernas nuas de modo a conseguir passar por baixo de Saban. Também ela estava nua.

Saban nadou até à ilha, onde se deitou na relva de barriga para baixo. Observava

Derrewyn mergulhar e nadar e continuava a fazê-lo quando ela chegou à beira do rio e saiu lentamente de dentro de água com o longo cabelo

negro escorrido, a pingar. Saban recordou-se de Mai, a deusa do rio, saindo de dentro de água na sua enorme beleza; depois ela ajoelhou junto a ele, arrepiando-lhe a pele das costas ao tocar-lhe com o cabelo nas cicatrizes das queimaduras. Ficou imóvel, consciente da presença dela, mas mal se atrevendo a mover-se não fosse assustá-la. Disse para consigo que fora para aquilo que a trouxera à floresta, embora agora, que o momento chegara, se sentisse consumido pelo nervosismo. Derrewyn devia ter-lhe adivinhado os pensamentos, pois tocou-lhe no ombro, obrigando-o a voltar-se, baixando-se depois para se abrigar nos seus braços.

Comeste o barro, Saban murmurou ela, passando-lhe o cabelo molhado nos ombros. O feitiço da caveira não pode atingir-te.

Tens a certeza?

Garanto-te murmurou e ele estremeceu, pois parecia-lhe que, de facto, Mai tinha saído da água em todo o seu esplendor. Apertou-a com força contra si e, como um imbecil, pensou que aquela felicidade duraria para sempre.

Naquela tarde, enquanto Derrewyn e Saban esperavam que o Sol se pusesse e que o crepúsculo trouxesse as sombras que secretamente os ocultassem a caminho de casa, ouviram cantar na encosta sobranceira à margem ocidental do rio. Vestiram-se, atravessaram o braço do rio e subiram em direcção ao som, mais alto a cada passo. Caminhavam os dois lenta e cautelosamente, mas nem precisavam de tanta preocupação para não serem vistos, pois os cantores estavam demasiado concentrados na sua actividade para reparar nos dois amantes por entre as árvores.

Eram mulheres de Cathallo que se alinhavam de ambos os lados de setenta homens cobertos de suor; estes puxavam longas cordas de couro torcido, ligadas a um enorme trenó de carvalho onde assentava a primeira das oito pedras de Ratharryn. Era uma das pedras mais pequenas, porém o seu peso era tal que os homens esforçavam-se e gemiam para continuar a fazer mover o trenó pelo rude caminho da floresta. Alguns seguiam adiante para alisar o atalho, cortando raízes e afastando com os pés tufos de erva mas, algum tempo depois, os homens que puxavam as cordas estavam simplesmente exaustos para continuar. Tinham trabalhado todo o dia, tinham mesmo puxado o enorme trenó, subindo a encosta

sul de Maden, porém estavam tão cansados que o deixaram a meio da encosta e caminharam para sul, em direcção a Ratharryn, onde esperavam que lhes dessem de comer. Derrewyn pegou no braço de Saban.

Vou com eles murmurou.

Porquê?

Assim, posso dizer que vim ao seu encontro. Desse modo ninguém perguntará onde estive. Pôs-se em bicos dos pés, deu-lhe um beijo no rosto e de seguida correu atrás das pessoas que se afastavam.96

Saban esperou até terem desaparecido e depois foi acariciar a pedra no seu trenó de madeira de carvalho. Estava quente ao toque e, quando o Sol penetrava a folhagem para brilhar sobre ela, pequenos raios de luz cintilavam na rocha. O toque da pedra coincidiu com um enorme sentimento de felicidade. Era um homem e tinha a mulher mais bela da terra. Abraçara Derrewyn na margem do rio e parecera a Saban que a vida era muito rica e cheia de esperança. Os deuses amavam-no.

Para Hengall era difícil pensar que os deuses o amavam, pois naquela noite um grande número de elementos do povo de Cathallo chegara a Ratharryn, precisando ser alimentados e alojados para dormir; ao pagar as peças de ouro pelas oito pedras, não se apercebera de que lhe custariam tanto em comida. Tinha ainda de fornecer mais homens para ajudar a içar as pedras e, como os iria procurar nas famílias mais pobres da aldeia, teria de lhes pagar em carne e cereal. Hengall via os rebanhos diminuir e começava a duvidar da sensatez do negócio, mas não tentou repudiá-lo. Enviou os homens para içar as pedras e, dia após dia estava-se no pino do Verão, as enormes pedras eram arrastadas para Ratharryn.

As quatro maiores mostraram-se muito difíceis. Havia um caminho a atravessar os terrenos pantanosos cortados por ribeiros, perto de Maden, mas era demasiado estreito para as pedras maiores, de modo que os homens de Kital içaram-nas primeiro para ocidente e depois voltaram-nas para sul, em direcção a Ratharryn. Porém havia uma colina no caminho, não tão íngreme como aquela por onde as quatro pedras mais pequenas já tinham subido, mas mesmo assim um obstáculo formidável, demasiado para os homens que arrastaram o primeiro dos enormes blocos de pedra. Arranjaram-se mais cordas e ataram-se mais homens ao trenó

mas, mesmo assim, a pedra não subia a encosta. Tentaram puxar o trenó com bois, mas quando os animais começaram a fazer força emaranharam-se uns nos outros sem conseguir avançar. Só quando Galeth teve a ideia de prender os bois a uma grande barra de carvalho, atando depois as cordas a essa barra e ao trenó, conseguiram fazer mover a pedra, arrastando-a assim para o cimo do monte, de onde, com os patins, junto à erva, foi impelida para diante. As outras três enormes pedras foram trazidas da mesma forma. Os sacerdotes penduraram flores nos chifres dos bois, os cantores rodearam-nos e houve alegria em Ratharryn. O Verão era ameno, as pedras tinham chegado em segurança e parecia terem-se já afastado os maus presságios do passado.

Chegou o Solstício. Acenderam-se as fogueiras e os homens *de* Ratharryn vestiram as peles de boi para perseguir as mulheres no templo de Slaol. Saban não se juntou aos homens-boi, embora o pudesse ter feito; preferiu antes ficar sentado junto a Derrewyn e quando as fogueiras baixaram, saltaram as chamas de mãos dadas. Gilan distribuiu o licor destilado para a noite dos festejos; alguns gritavam, pois tinham visões, outros tornavam-se belicosos ou sentiam-se97

doentes, mas por fim adormeceram. À excepção de Saban, que permaneceu desperto, já que Jegar, embriagado, o procurava com uma lança na mão esquerda e a vingança no espírito toldado pelo álcool. Saban manteve-se junto ao templo, guardando Derrewyn, que dormia, embora de madrugada tivesse, finalmente, cedido ao sono; nessa altura foi acordado por passos, erguendo rapidamente a lança. Vinha um homem a subir o caminho da aldeia e Saban acocorou-se, pronto a atacar, porém viu o reflexo da fogueira quase apagada na calva do homem *e* apercebeu-se que se tratava de Gilan e não de Jegar.

Quem está aí? perguntou o sumo sacerdote.

Saban.

Podes ajudar-me disse Gilan alegremente. Preciso de um ajudante. Ia pedir a Neel, mas está a dormir como uma pedra.

Saban acordou Derrewyn e os dois acompanharam Gilan ao Velho Templo. Era a noite mais curta do ano e o sacerdote olhava constantemente para o horizonte a nordeste temendo que o Sol se erguesse antes de lá chegarem.

Preciso de marcar o Sol nascente explicou, quando passavam pelos túmulos. Inclinou-se perante os antepassados e apressou-se a chegar ao local onde o

esperavam as oito pedras nos seus trenós, mesmo à entrada do fosso do templo. O céu a nordeste já se iluminava perceptivelmente, mas o Sol tinha ainda de abrasar as florestas longínquas.

Precisamos de marcadores disse Gilan, *e* Saban desceu à vala de onde trouxe doze grandes bocados de greda branca, ficando depois no caminho da entrada, enquanto Gilan se dirigiu para a estaca que marcava o centro do templo. Derrewyn, proibida de lá entrar por ser mulher, esperou entre os fossos e as barreiras do recém-aberto caminho sagrado.

Saban voltou o rosto para nordeste. O horizonte apresentava-se sombrio e os montes em frente estavam cinzentos e envoltos no fumo das fogueiras do Solstício já apagadas, que se erguia no vale de Ratharryn. Nas encostas mais próximas, os bois pareciam formas brancas e fantasmagóricas.

Em breve, em breve afirmou Gilan, orando para que as nuvens espalhadas no horizonte não escondessem o nascer do Sol.

As nuvens ficaram de um tom rosado, que escureceu e se espalhou, tornando-se vermelho, e Saban, olhando para o sítio onde o céu em brasa tocava no negro azeviche da terra, viu nele uma fenda sobre as árvores; de repente os bosques distantes rebrilharam intensamente quando o Sol começou a rasgar as nuvens.

Para a esquerda! exclamava Gilan. Para a esquerda! Um passo. Não, para trás! Aí! Aí!

Saban colocou o marcador de greda a seus pés, ficando depois a ver o Sol afastar as estrelas. A princípio, Slaol apareceu como uma bola lisa escorrendo fogo pela orla da floresta, depois o vermelho tornou-se branco, demasiado98

intenso para os olhos e a primeira luz do novo ano percorreu o novo atalho sagrado que conduzia à entrada do Velho Templo. Saban protegeu os olhos e viu as sombras da noite encolherem no vale.

À tua direita! gritou Gilan. À tua direita! Obrigou Saban a colocar outro marcador no local onde o Sol era por fim totalmente visível sobre o horizonte e esperou até que este brilhasse mesmo por cima da cabeça de Saban, fazendo-o nessa altura colocar o terceiro marcador. O som da tribo a entoar o cântico de boas-vindas ao Sol, chegou-lhes suavemente do outro lado da relva.

Gilan examinou os marcadores que Saban colocara com um murmúrio de satisfação, ao reparar que alguns dos antigos postes apodrecidos nos buracos assinalavam os mesmos alinhamentos.

Fizemos um bom trabalho disse em tom aprovador.

Que fazemos a seguir? perguntou Saban.

Gilan apontou para ambos os lados da entrada do templo.

Colocaremos duas das pedras maiores aqui, a servir de entrada disse, apontando a seguir para o sítio do caminho sagrado onde Derrewyn se encontrava. Colocamos outras duas ali para enquadrar o nascer do Sol no Solstício.

E as quatro pedras mais pequenas? perguntou Saban.

Marcarão os passeios de Lahanna respondeu o sacerdote, apontando para o outro lado do vale do rio. Conhecemos o ponto mais a sul em que aparece disse, voltando-se, e apontou na direcção oposta. E onde desaparece a norte. O rosto de Gilan parecia cintilar de felicidade, à luz da manhã. Será um templo simples, mas belo acrescentou em voz baixa. Muito belo. Uma linha para Slaol e duas para Lahanna, marcando o local onde se encontram no céu.

Mas estão separados argumentou Saban.

Gilan riu-se. Era um homem bom, majestoso e calvo, que nunca partilhara do temor que Hirac sentia em ofender os deuses.

Temos de equilibrar Slaol e Lahanna explicou. Cada um deles já tem um templo em Ratharryn, assim, como se sentiria Lahanna se oferecêssemos a Slaol um segundo santuário só para ele? Deixou a questão sem resposta. Creio que estávamos enganados em manter Slaol e Lahanna separados. Em Cathallo usam um templo para todos os deuses, então porque não haveremos nós de adorar Slaol e Lahanna num único local?

Mas mesmo assim, será um templo a Slaol? perguntou Saban ansioso, lembrando-se de como o deus do Sol o tinha ajudado no início da sua prova.

Mesmo assim, será um templo a Slaol concordou Gilan. Mas também reconhecerá Lahanna, tal como o santuário de Cathallo. Sorriu. Quando o

consagrarmos, casar-te-emos com Derrewyn como antecipação da reunião de Slaol com Lahanna.99

O Sol estava já suficientemente alto para fazer sentir o seu calor e os três voltaram para a aldeia. Gilan falava das suas esperanças, Saban dava a mão ao seu amor, o fumo das fogueiras do Solstício afastava-se e tudo estava bem em Ratharryn.

Galeth era o construtor do templo e Saban tornou-se seu ajudante. Colocaram primeiro as quatro pedras mais pequenas. Gilan calculara as suas posições, que tinham de ser aquelas, não por observação, já que as quatro pedras formavam dois pares e cada um deles apontava na direcção de Lahanna. Nos seus passeios pelo céu, ficava dentro da mesma larga cintura ano após ano, mas, durante a vida de um homem ia uma vez até ao norte e outra até ao sul. Os postes do templo já existente na aldeia marcavam os limites desses passeios a norte e a sul; se o homem desenhasse uma linha entre os pontos do horizonte em que a Lua nascia e se punha, nos seus extremos atravessaria a linha do nascer do Sol no Solstício, formando um ângulo recto. Assim, a tarefa de Gilan tornava-se simples.

Não acontece o mesmo em toda a parte explicou a Saban. Só aqui em Ratharryn é que a linha cruza perfeitamente. Não acontece em Drewenna, *em* Cathallo, nem em lado nenhum! Só aqui! Gilan estava espantado com o facto. Significa que somos especiais para os deuses disse em voz baixa. Significa, penso eu, que este é o centro de todo o mundo!

De verdade? perguntou Saban, impressionado.

De verdade afirmou Gilan. Claro que Cathallo diz o mesmo acerca do seu Monte Sagrado, mas receio que estejam enganados. Este é o centro do mundo disse, apontando para o Velho Templo. O local onde o primeiro homem foi feito. Estremeceu com a ideia, comovido com a alegria que lhe dava.

O sumo sacerdote tinha estendido um fio de urtigas ao longo da linha do nascer do Sol no Solstício, prolongando-o a partir do marcador de greda que indicava o local onde o Sol se erguia, fazendo-o passar pelo centro do templo e terminar na barreira a sudeste. Galeth unira dois bocados de madeira fina para fazer um ângulo recto, encostando-os ao fio e fazendo depois passar outro fio pela madeira transversal, podendo assim marcar uma linha que cruzava a linha do Sol num ângulo recto. Essa nova linha apontava para os extremos das viagens da

Lua, mas Gilan queria duas linhas paralelas, uma que apontasse para o limite mais a norte e outra mais a sul, de modo que desenhou a segunda linha e disse a Galeth que as quatro pedras mais pequenas teriam de ser colocadas dentro da barreira, nos extremos exteriores de ambas as linhas traçadas. Uma de cada par teria de ser um pilar e a outra uma laje; junto ao pilar olhando para a laje oposta, o sacerdote poderia ver onde Lahanna nascia e se punha e calcular a sua aproximação durante os seus mais longos passeios.Galeth tinha trinta homens a trabalhar, que a princípio se limitaram a abrir buracos para as pedras. Raspavam a turfa, depois furavam a greda dura com picaretas e partiam-na em torrões que eram apanhados com pás. Cavavam buracos fundos e Galeth fazia-os inclinar um dos lados para fazer uma rampa, de modo que as pedras pudessem deslizar para o seu lugar. Disse a Saban que não era muito diferente de erguer os grandes postes do templo. Quando os quatro buracos estavam abertos, trouxeram mais homens da aldeia! e a primeira pedra, o pilar mais pequeno, foi arrastada no seu trenó, passando pela entrada do Sol. Saban pensara que haveria uma cerimónia quando a pedra fosse trazida para o seu sagrado lar, mas não houve qualquer outro ritual a não ser a prece silenciosa oferecida por Gilan, com as mãos erguidas ao céu. Os patins do trenó deixaram cicatrizes na erva esmagada. Galeth alinhou a pedra com o buraco e mandou que os homens continuassem a puxar até que a ponta do trenó ficasse mesmo por cima da rampa que Saban alinhara com três vigas alisadas e esfregadas com gordura de porco, de modo a servirem de resvaladouro. Foram precisos doze homens, usando compridas alavancas de carvalho, para erguerem a pedra do trenó. Saban pensou que as alavancas *se* quebrariam, mas a pedra moveu-se aos poucos, esforço a esforço, e cada esforço a erguia um pouco mais, fazendo-a avançar. Os homens entoavam cânticos! enquanto trabalhavam e o suor escorria-lhes pelo corpo, mas por fim, o peso da pedra fê-la deixar o trenó e cair dentro da rampa. Afastaram-se, temendo que a pedra caísse sobre eles, mas não, tal como Galeth planeara, deslizou imponente pelas vigas engorduradas para se alojar ao fundo da rampa. Galeth limpou o rosto e soltou um enorme suspiro de alívio.

Para erguer os grandes postes do templo, Galeth endireitava-os, puxando os seus cimos em direcção ao céu, por meio de um enorme tripé, por onde passavam as cordas. Desta vez calculou que o pilar de pedra era suficientemente pequeno para ser empurrado e endireitado sem qualquer ajuda. Escolheu os doze homens mais fortes que tomaram os seus lugares ao lado da parte superior da pedra, que agora balançava sobre a beira da rampa. Os homens meteram os ombros sob a pedra e tentaram içá-la.

Empurrem! gritou Galeth. Empurrem! De facto assim fizeram, mas a pedra ficou parada a meio. Ergam-na! insistiu Galeth, acrescentando a sua enorme força à dos outros; mas a pedra não se movia.

Saban espreitou pelo buraco e viu que a pedra encalhara na parede de greda pedregosa. Galeth também o viu, praguejou e pegou no machado de pedra, com o qual partiu essa superfície para arranjar espaço para a pedra.

Os doze homens não tiveram dificuldade em aguentar o peso da pedra e, assim que a obstrução foi retirada, empurraram-na para cima. A pedra estava agora a uma altura pouco inferior à de um homem, com outro tanto enterrado no buraco, faltando apenas tapar a rampa e atirar terra e greda para dentro101

do buraco, à volta do pedregulho. Galeth recolhera enormes pedras do rio, que foram colocadas à volta da base do pilar, lançando a seguir as pedras de greda e com elas as hastes de veado que se tinham partido enquanto o buraco era escavado. Depois tudo foi pisado repetidas vezes até que por fim, tanto o buraco como a rampa estavam tapados, deixando de pé a primeira pedra do templo. Os três homens soltaram gritos de prazer..

Levaram até às colheitas para colocar as outras três pedras da Lua, mas por fim conseguiram-no, então os quatro blocos de pedra cinzentos ergueram-se num rectângulo. Galeth preparara um tripé baixo, de traves de carvalho, para erguer as lajes, pois estas eram mais pesadas que os pilares, mas o que tornou a elevação das pedras ainda mais fácil, foi a ideia de Saban de forrarem as paredes do buraco com madeiras oleadas de modo que o canto da pedra, ao meter-se na terra, não ficasse encalhado na greda. A quarta pedra que ergueram, apesar de ser uma das lajes mais pesadas, levou apenas metade do tempo do primeiro pilar. Galeth elogiou o sobrinho.

Os deuses deram-te inteligência.

A ti também.

Não. Galeth abanou a cabeça. Os deuses deram-me força.

As pedras da Lua estavam prontas. Agora, se se quisesse desenhar uma linha pelos pares, estendendo-a de ambos os lados até aos extremos da terra onde os nevoeiros cobriam perpetuamente os mares cinzentos, poderia ver-se a Lua nascer e pôr-se nos limites dos seus passeios e Lahanna, viajando eternamente

por entre as estrelas, poderia olhar para baixo e ver que o povo de Ratharryn tinha marcado as suas jornadas. Saberia que a tinham observado, saberia que a amavam e por isso deveria escutar as suas preces.

As quatro pedras maiores ficaram fora do templo, enquanto o povo de Ratharryn ceifava o trigo e a cevada daquele ano. Fora uma colheita abundante e as mulheres cantavam na eira lisa e endurecida por um dia inteiro de dança das colheitas. Saban e Derrewyn conduziram-na, fazendo com que as mulheres balançassem a sorrir, pois Derrewyn era jovem e feliz e sabiam que Saban era um jovem bom, honesto e forte, sendo por isso o seu próximo casamento tido como um bom augúrio. Apenas Jegar, que ainda não conseguia segurar o arco com a mão direita, usando apenas a lança desastradamente com a esquerda, parecia ofendido, mas pouco podia fazer. A inveja de Jegar piorou quando um bando de Fronteiriços tentou atacar a colheita de Cheol, uma aldeia perto de Ratharryn e Hengall, à frente de um bando de guerreiros, combateu-os, derrotou-os e trouxe seis cabeças de volta. Uma das cabeças fora tomada por Saban, embora na verdade tivesse sido Galeth quem segurara o aterrorizado guerreiro fronteiriço de modo a Saban poder matá-lo; mesmo assim, Saban foi autorizado a usar no peito uma marca azul de morte.

Depois dessa escaramuça e da colheita armazenada, os homens voltaram para terminar o trabalho que restava e Saban, que também ia com eles para102

trabalhar, deteve-se para observar o Velho Templo com as quatro novas pedras. De súbito, parecera-lhe diferente. O dia estava frio, a temperatura do Outono pairava já no ar, mas o Sol brilhava por entre as nuvens, iluminando as novas barreiras brancas do caminho sagrado e o círculo de greda branca do fosso e da barreira do templo. Nesse círculo estavam as quatro pedras com as suas sombras rígidas à luz da manhã. Galeth deteve-se ao lado de Saban.

Ficam bem disse, parecendo surpreendido, e era verdade. Ficavam esplendidamente, belas, importantes e até calmas. O templo não era maciço e imponente como o santuário de Cathallo, mas fora erguido na encosta verde da colina de modo que as quatro pedras pareciam flutuar no céu. O templo de Cathallo com as suas enormes pedras atarracadas, diminuídas pela enorme barreira, eram mais uma coisa da terra, enquanto este santuário era leve e delicado.

É um templo do céu afirmou Saban. Galeth gostou.

Um templo do céu. Porque não? É um bom nome. Bateu no ombro *de* Saban. É o nome correcto. O Templo do Céu! Ergueu um bocado de madeira e espreitou com atenção o horizonte. Procurava fumo que pudesse trair o acampamento de um grupo de caçadores, mas nada viu. Ouvira rumores de que andava um enorme bando de Fronteiriços na floresta, porém Hengall, tendo levado outro bando de guerreiros para ocidente e para sul, não encontrara sinais deles.

Esperemos que tenham partido comentou Galeth, tocando nas partes baixas. Pode ser que encontrem outra terra e não a nossa.

Havia várias gerações que o Povo da Fronteira ali vivia. Já ninguém vivo se lembrava de quando tinham chegado de uma terra do outro lado do mar oriental, mas todos sabiam que falavam outra língua e tinham costumes diferentes. Alguns, como os homens de Sarmennyn, que haviam perdido os losangos de ouro, tinham descoberto enormes extensões de terra deserta para viverem, mas outros vagueavam ainda pela floresta em busca de local para *se* estabelecerem; eram esses bandos sem casa que provocavam problemas em Ratharryn, já que as maiores aldeias da Terra da Fronteira ficavam muito longe.

Não se aproximarão de nós, pelo menos enquanto tivermos na barreira as cabeças dos membros da tribo deles declarou Saban.

Esperemos que não proferiu Galeth tocando de novo nas partes baixas, mas continuando a olhar para sul. Hengall poderia não ter encontrado os esfomeados fronteiriços, mas um grupo de caçadores descobrira um acampamento com cinzas ainda quentes *e um* comerciante avistara um enorme bando de homens de tatuagens azuis escondendo-se nas árvores frondosas. Tivemos uma boa colheita continuou Galeth. Se a dos Fronteiriços foi má, estarão de olho em nós.103

Dirigiram-se ao templo, onde a dificuldade de erguer as últimas pedras fez dissipar os temores de um ataque do Povo da Fronteira. Dois dos blocos de pedra deveriam ser erguidos de ambos os lados da entrada do Sol, eram duas vezes mais altos, duas vezes mais grossos e parecia que muitas vezes mais pesados que os pilares de pedra da Lua. Levaram quatro dias para erguer o primeiro, sem contar com os dias para abrir o buraco e mais três para levantar o segundo. As últimas duas pedras, as pedras do Sol que iriam servir de entrada para a avenida ao nascer do Sol no Solstício, eram ainda maiores. Guardaram a pedra maior para o fim e o buraco que abriram era tão profundo, que um homem de pé lá dentro não conseguia olhar por cima da borda. Fizeram a rampa e forraram-na de

madeira, matando outro porco, para que a sua gordura a pudesse untar. Depois, quando tudo estava pronto, iniciaram a colocação da pedra.

Foram precisos sessenta homens para retirar do trenó a enorme pedra do Sol. Galeth atou o bloco de pedra com cordas, prendeu-as a quarenta homens, fazendo-os puxá-las para a frente, enquanto os outros usavam alavancas para facilitar a retirada da sua cama de carvalho. Levaram um dia inteiro para tirar a pedra do trenó e grande parte do seguinte para a assentar correctamente na rampa, pois entrara torcida, de modo que tiveram de a endireitar com alavancas; mas ao fim de dois dias de trabalho, conseguiram assentá-la.

Galeth construíra um novo tripé de carvalho para erguer as pedras maiores. O instrumento tinha quatro vezes a altura de um homem e, como receava que as cordas feitas de pele que passavam pelo cimo pudessem colar, colocou um bocado macio de ulmeiro na articulação, depois de o ter untado com gordura. Amarrou as quatro cordas à volta da parte superior da pedra, passou-as por cima da peça de ulmeiro, atou-as depois a uma trave de carvalho onde estavam presos dezasseis bois. Os homens chicoteavam e aguilhoavam os animais, de modo que, suavemente, a pedra moveu-se numa lentidão agonizante. Prenderam-se então mais cordas à trave de carvalho e os homens foram ligados a elas ao lado dos animais; de novo os chicotes estalaram, os aguilhões picaram e os homens esforçaram-se por se equilibrar sobre a erva, para lentamente, muito lentamente, erguerem a comprida pedra. Quanto mais alto a içavam, mais fácil se tornava, pois as cordas puxavam agora o cimo da pedra directamente para o bico do tripé, enquanto no princípio do trabalho, as cordas formavam um ângulo estreito com a pedra. A base do bloco esmagou e fez rachar a madeira untada que forrava o buraco, depois, subitamente, Galeth gritou para os homens que conduziam os bois não usarem o chicote.

Devagar agora! gritou. Devagar! A pedra estava quase na vertical. Puxem outra vez!

Galeth gritou, as cordas rangeram, o tripé estremeceu e Saban receou que a pedra tivesse encalhado numa qualquer obstrução que não tivessem visto no fundo do buraco; contudo a pedra avançou na direcção da parede104

coberta de madeira e Galeth gritou aos homens que deixassem de puxar para cima, não fossem erguê-la sobre o buraco. As cordas alargaram, mas a grande pedra do Sol não caiu. Ficou ali, enorme e cinzenta, com mais de duas vezes a

altura de um homem.

Escoraram a base com pedras, encheram o buraco, soltaram as cordas é assim terminou o trabalho. O Velho Templo já não existia e Ratharryn tinha o seu santuário de pedra. Tinha o Templo do Céu.

O dia escolhido para a consagração do Templo do Céu mostrou-se propício, pois estava quente e sem nuvens, um dia de fim de Outono, roubado ao Verão. Toda a gente de Hengall compareceu à cerimónia. Chegaram das aldeias vizinhas e de outros povoados das terras altas, as mulheres reuniam-se no santuário de Lahanna, enquanto os homens dançavam à volta dos postes do templo, onde tinham espetado as lanças e amontoado os arcos, pois naquele dia não poderiam usar armas. O dia era dedicado aos deuses. Ao fim da tarde, Gilan conduziu a tribo da aldeia. Detiveram-se junto aos túmulos, onde o pau de caveira desfilou para contar aos antepassados o que estava a acontecer e depois dançaram até ao local em que o novo caminho sagrado separava a terra coberta de relva. Os sacerdotes da tribo estavam nus, os corpos cobertos de greda branca com padrões curvos desenhados com os dedos abertos, e hastes de veado na cabeça, tendo também o cabelo e a barba enfeitados com ossos e dentes de animais. A gente que seguia os sacerdotes vestira as suas melhores peles.

Saban e Derrewyn iam casar depois do pôr do Sol. Derrewyn usava um vestido de peles de veado muito claras, cosidas umas às outras, de modo que a sua tez parecia ainda mais morena, e tinham-lhe entrançado o cabelo com

pálidas rainhas-dos-prados. Os pais tinham vindo à cerimónia e Morthor, o pai, sumo sacerdote em Cathallo, dançava com os sacerdotes de Ratharryn; estes traziam consigo uma criança, uma menina loira de três anos que nascera surda. A menina, tal como Derrewyn, tinha o cabelo enfeitado com rainhas-dos-prados.

O sol abrasava as faces do povo que atravessava a beira da encosta de onde se estendia o caminho sagrado, limpo e branco que conduzia às oito novas pedras do Templo do Céu. Gilan empunhava o pau de caveira da tribo, enfeitado com azevinho, enquanto Neel, o sacerdote mais jovem, tinha um machado com a cabeça maravilhosamente talhada em pedra vulcânica e afiado por Galeth nessa mesma tarde.

O povo dançava, batendo com os pés por entre as barreiras de greda recém-construídas, assustando ao avançar as ovelhas que por ali pastavam. Quatro

homens marcavam o ritmo da dança em tambores de pele de cabra, tornando-o mais frenético quando os sacerdotes se aproximaram das quatro pedras maiores fazendo com que a tribo se balançasse de um lado para o105

outro. As mulheres conduziam o cântico de louvor a Slaol, e os homens repetiam o último verso de cada estrofe.

A tribo desviou-se para dançar à entrada do templo. Os sacerdotes entraram e, depois de terem enxotado os animais que pastavam na relva, formaram um círculo para realizar os passos complicados da sua própria dança. Os sacerdotes dançavam dentro e o povo cantava e dançava cá fora. Os homens formavam um círculo muito perto do fosso, com as mulheres do lado de fora, movendo-se todos no mesmo sentido que o Sol, enquanto Slaol se afundava no horizonte. À medida que o Sol se punha, os cânticos e a dança pareciam induzir as pessoas em transe. Algumas mulheres gritavam *em* êxtase, continuando a dançar, arrebatadas pela música, sem notarem o cansaço nas pernas. Só pararam quando o homem que trouxera os vasos de fogo da aldeia colocou as brasas sobre enormes montes de madeira de ambos os lados do templo. As chamas atearam-se rapidamente, os pequenos rebentos estalavam e o fumo fazia subir as fagulhas no ar. Galeth partira os enormes trenós e empilhara as enormes estacas. Lamentava um tal desperdício de boa madeira, mas os trenós tinham tido uma finalidade religiosa, portanto teriam de ser devolvidos aos deuses. As chamas subiam violentamente enquanto a tribo se reunia à volta dos dois pilares de pedra da entrada do Sol, no centro do caminho sagrado. Os tocadores de tambor estavam agora em silêncio, mas a dança continuava dentro das pessoas, de modo que alguns não conseguiam estar imóveis e balançavam-se para um lado e para outro; algumas mulheres gemiam, olhando para a enorme bola do Sol que se afastava no horizonte.

Slaol! gritavam. Slaol!

Slaol! gritou também Gilan para o Sol, erguendo os braços. Então Hengall pegou na mão da menina surda e conduziu-a ao centro do templo onde Galeth tinha aberto um buraco nem fundo, nem comprido, apenas o suficiente. A menina com flores no cabelo foi levada para a beira da cova e aí despiram-lhe a túnica pela cabeça, deixando-a nua. Gilan ajoelhou e entregou-lhe um vaso.

Bebe disse delicadamente e como ela era surda fez o gesto do que a menina teria de fazer. A criança pegou no vaso com ambas as mãos e riu-se para o rosto bondoso do sacerdote.

O vaso continha uma poção para provocar sonhos: uma poção feita com cogumelos e ervas, uma poção para levar a menina surda para os deuses e todo o povo olhava em silêncio enquanto a criança bebia. Fez uma careta, pois o líquido era amargo, mas depois riu de novo, deixando cair o vaso. Gilan ergueu-se e afastou-se para ver que augúrios trazia a poção.

A menina ficou ofegante como se não conseguisse respirar, depois gritou pela mãe com a voz deformada e tentou fugir em direcção à assistência, mas Neel apanhou-a e obrigou-a a entrar no buraco onde voltou a gritar. A mãe olhava chorando pela filha. Os augúrios eram maus. Deveria sorrir, rir, dançar,106

mas debatia-se agitada e os seus gritos arranhavam a alma dos membros da tribo. Para terminar o ruído, Gilan sacudiu-a violentamente, de tal forma que a deixou paralisada de terror; depois segurou-a a alguma distância e recebeu de Neel o machado de pedra.

Gilan ergueu a lâmina para o Sol moribundo, fez uma pausa e desferiu Um golpe com tanta força que as flores ensanguentadas caíram na relva, enquanto a criança, com o crânio aberto ao meio, morria sem soltar um ai. Fora para o céu. Fora para Slaol. Não haveria sepultura nem oferenda em seu nome, pois ela própria o era. Por essa razão não fora morta com Mata-Crianças, pois não tinha realmente morrido, pelo contrário, naquele momento, enquanto a tribo olhava num receoso silêncio, a sua alma subia ao céu para falar a Slaol daquele local que fora feito para ele. A criança de cabelo doirado era a mensageira de Ratharryn e guardaria o Templo do Céu até ao fim dos tempos. Gilan deitou o corpinho na cova. Partiu o vaso que contivera a poção] deixou-o cair a seu lado, colocou a bola de greda da vida da criança sobre o seu peito ensanguentado e em seguida os sacerdotes lançaram terra para cima do corpo, usando os pés. A mãe da criança gritava ainda de desgosto *e à* outras mulheres rodeavam-na para a consolar, garantindo-lhe que a filha não estava morta, mas feliz, no mundo celeste onde era companheira de folguedo dos deuses.

O Sol afundou-se no horizonte, enquanto Lahanna, enorme e pálida, se erguia a ocidente sobre as árvores. As fogueiras rugiam agora, as brasa enormes ardiam no seu seio, de modo que o fumo formava uma mortalha avermelhada sobre o templo. Dentro de momentos começaria aí a primeira cerimónia, quando Derrewyn e Saban executassem a dança do seu casamento nos degraus do centro do santuário, mas primeiro, Hengall deteve-se junto da cova da criança do Sol, e ergueu a mão.

Era tarefa sua informar a tribo do que tinham feito. Contar a história do Templo do Céu, de modo a que o povo a recordasse e a contasse aos seus filhos, e aos filhos dos seus filhos; assim ficou, com o braço erguido, em busca das palavras, calando os murmúrios da multidão. O brilho ofuscante do Sol desaparecera no crepúsculo, deixando atrás de si um céu debruado a vermelho, manchado de fumo, e foi nessa lívida bruma que Saban viu um raio. A princípio pensou que fosse o espírito da criança morta e alegrou-se, pois era sinal que o sacrifício tinha sido aceite. O raio era vermelho, reflectindo o Sol moribundo, todavia Saban viu que não se tratava da alma da menina, mas de uma flecha que partira do cimo escuro da colina mais a sul, onde os ossos de muitos antepassados dormiam nos seus túmulos. O voo da seta pareceu demorar muito tempo, embora, claro assim não fosse. Realmente, Saban mal tivera tempo de abrir a boca, quanto mais gritar, porém lembrar-se-ia sempre de que o tempo fora muito longo107

Viu a flecha chegar ao céu e depois começar a cair. A seta cintilou, o sílex negro reflectindo a luz da fogueira para penetrar as costas de Hengall.

Hengall cambaleou para diante. A maior parte das pessoas ainda não percebera o que estava a acontecer, mas reconhecera um mau presságio e os gemidos começaram apenas quando os sacerdotes correram para junto do chefe.

Saban aproximou-se a correr, procurando mais flechas que pudesse haver no céu. Caíam na turfa, atingindo os sacerdotes e uma fez mesmo ricochete numa pedra da Lua produzindo um pequeno estalo. Depois Saban viu as criaturas nuas que chegavam do horizonte a sul, todo incendiado de vermelho.

As próprias criaturas eram vermelhas. Gritavam enquanto avançavam aos saltos e, ao vê-las, o povo de Ratharryn começou a gritar, mas depois, quando se voltaram para fugir em direcção à aldeia descobriram mais criaturas atrás de si, algumas delas atacando montadas em pequenos cavalos peludos que galopavam ao longo das pequenas barreiras de greda do caminho sagrado.

Eram guerreiros do Povo da Fronteira, com os corpos pintados de ocre vermelho, a mesma substância que era por vezes utilizada para colorir a pele de importantes defuntos; assim, estes mortos-vivos gritavam ao aproximarem-se da tribo desarmada.

Os inimigos eram às dezenas e o povo, órfão de Hengall, apenas podia acocorar-

se aterrorizado. Morthor, o pai de Derrewyn ficou ferido, Gilan morrera, enquanto Neel, o jovem sacerdote, rastejava sobre a erva do templo com uma flecha na perna.

O chefe dos guerreiros vermelhos foi o último a aparecer. Apenas ele estava vestido e não usara ocre para tornar o rosto medonho. Caminhou em direcção ao templo, levando na mão direita o longo arco de teixo que usara para matar o pai de Saban.

Igualmente para matar o seu pai, pois o homem que chegara ao Templo do Sol com um sorriso no rosto era Lengar.

Que voltara a casa.

SEGUNDA PARTE

O Templo das SombrasO Povo DA FRONTEIRA

ACABOU RAPIDAMENTE COM A MATANÇA, POIS LENGAR não voltara à aldeia para ser chefe de uma tribo dizimada. Quando os gritos terminaram, ergueu-se sobre o corpo do pai, segurando o machado manchado de sangue que enviara a criança para os céus. Tinha deixado cair a capa para revelar um gibão onde estavam cosidas tiras de bronze que cintilavam à luz das fogueiras; trazia uma espada do mesmo metal à cintura.

Sou Lengar! gritou. Lengar! E se algum de vós disputa o meu direito a ser chefe de Ratharryn, venha então afirmá-lo!

Ninguém da tribo olhou para Saban, pois era considerado muito jovem para enfrentar o irmão, mas alguns voltaram-se para Galeth.

Desafias-me, tio? perguntou Lengar.

Assassinaste o teu pai disse Galeth, olhando horrorizado o corpo do irmão, que caíra sobre a cova da criança sacrificada.

Que melhor maneira há para me tornar chefe? perguntou Lengar e em seguida avançou uns passos em direcção ao rival. Os companheiros, os homens que fugiram com ele de Ratharryn no dia em que os emissários de Sarmennyn foram mal acolhidos, saíram do fosso no lado oposto de templo, mas Lengar deteve-lhes o avanço com um gesto.

Desafias-me? perguntou de novo a Galeth, aguardando depois em silêncio. Quando foi claro que nem Galeth, nem qualquer outro homem da tribo o enfrentaria, bateu com o machado na relva e dirigiu-se à entrada do templo do lado do Sol, onde ficou, alto *e* terrível, com o machado ensanguentado nas mãos.

Galeth e Saban! chamou. Vinde cá!

Galeth e Saban avançaram nervosamente, ambos à espera de serem atingidos por flechas vindos dos companheiros de Lengar, que aguardavam no lado oposto do templo, mas não se ouviu soar uma corda num único arco. Lengar sacou da espada quando os dois *se* aproximaram.

Há aqui quem tivesse esperança que um de vós me desafiasse disse Lengar. Até tu, irmãozinho. Mostrou os dentes a Saban, fingindo sorrir.

Saban nada disse. Viu apenas que Lengar tinha tatuado um par de chifres no rosto, um ao lado de cada olho, o que o fazia parecer ainda mais sinistro. Lengar ergueu a espada de modo a que a ponta batesse no peito de Saban.114

Que bom ver-te, irmão declarou.

Sim? perguntou Saban com a maior frieza possível.

Pensas que não tive saudades de Ratharryn? perguntou Lengar. Sarmennyn é um local deserto. Rude e frio.

Regressaste a casa para te aquecer? perguntou Saban sarcástico.

Não, pequeno, vim para casa para engrandecer de novo Ratharryn. Houve tempos em que Cathallo nos pagava um tributo, em que se orgulhavam quando uma mulher casava com um homem de cá, quando vinham dançar nos nossos templos e implorar aos nossos sacerdotes que os livrassem do mal, mas agora vendem-nos pedras. Bateu na que estava mais próxima. Pedras! pronunciou de novo a palavra. Porque não lhes compraram folhas de carvalho? Ou água? Ou estrume?

Galeth olhou para o cadáver do irmão.

Que queres de nós? perguntou lentamente a Lengar.

Tens de te ajoelhar na minha presença, tio declarou Lengar. Diante de toda a tribo, para mostrares que me aceitas como chefe. De contrário mando-te para os nossos antepassados. Se assim for, saúda-os da minha parte.

Galeth franziu a testa.

E se me ajoelhar, o que acontece?

Então serás o meu honroso conselheiro, meu parente e meu amigo afirmou Lengar efusivamente. Serás o que sempre foste, o construtor da nossa tribo e o conselheiro do seu chefe. Não voltei para deixar os Fronteiriços a governar aqui. Vim para tornar de novo Ratharryn grande. Apontou para os guerreiros vermelhos. Quando o seu trabalho estiver terminado, tio, voltarão para casa. Mas até lá, são nossos servos.

Galeth olhou novamente para o corpo do irmão.

Não haverá mais mortes na tribo? perguntou.

Não matarei ninguém que aceite a minha autoridade prometeu Lengar, olhando para Saban.

Galeth assentiu. Fez uma pequena pausa e depois caiu de joelhos. Quando ele se inclinou e tocou com as mãos nos pés de Lengar, ouviu-se um suspiro vindo da assistência.

Obrigado, tio disse Lengar. Tocou com a espada nas costas de Galeth, voltando-se depois para Saban. Agora tu, irmão.

Saban não se moveu.

Ajoelha murmurou Galeth.

Os olhos amarelados de Lengar, estranhamente brilhantes na escuridão, fixaram-se no rosto de Saban.

Não me importo, irmãozinho, se vives ou morres. Há quem diga que te deveria matar, mas precisará um lobo de recear um gato? Estendeu a espada e passou a lâmina fria pela face de Saban. Mas se não ajoelhares corto-te a cabeça e uso a tua caveira como vaso para beber.115

Saban não queria submeter-se, mas conhecia a loucura de Lengar e sabia que, se não cedesse, seria morto como um sapo. Engoliu o orgulho e obrigou-se a ajoelhar, enquanto da tribo subia outro suspiro, quando também ele se inclinou para beijar os pés de Lengar. Por sua vez, este tocou com a lâmina da espada na nuca de Saban.

Gostas de mim, irmãozinho? perguntou.

Não respondeu Saban. Lengar riu-se e retirou a espada.

Ergue-te ordenou, recuando em seguida, para olhar para a multidão silenciosa que assistia à cena.

Ide para casa! disse. Ide também vós acrescentou para Saban e Galeth.

A maior parte da multidão obedeceu, mas Derrewyn e a mãe correram para o fosso do templo onde Morthor caíra ferido. Saban foi ter com elas e viu que o sacerdote tinha sido atingido no ombro por uma flecha, cuja cabeça lho atravessara devido à enorme força com que fora disparada. Saban soltou o sílex, mas deixou a vara no sítio.

A flecha vai sair bem garantiu a Derrewyn. A pasta de greda que Morthor esfregara no peito estava manchada de vermelho e o pânico tornara-lhe a respiração ofegante. A ferida curar-se-á disse Saban ao assustado sacerdote, voltando-se a seguir porque Derrewyn de repente começara a gritar.

Lengar pegara no braço da rapariga, obrigando-a a voltar-se, de modo a ver-lhe o rosto à luz das grandes fogueiras. Saban ergueu-se, mas deu por si a olhar para a ponta da espada de Lengar.

Desejas alguma coisa da minha parte, irmãozinho? perguntou Lengar. Saban olhou para Derrewyn, que chorava, encolhendo-se devido à mão que lhe apertava o braço.

Vamos casar proferiu Saban. Ela e eu.

E quem decidiu tal coisa? perguntou Lengar.

O pai afirmou Saban. E também Sannas, a bisavó dela. Lengar fez uma careta.

O pai está morto, Saban, e quem governa agora sou eu. O que essa megera louca de Cathallo quer não importa aqui em Ratharryn. O que importa, irmãozinho, é o que eu quero. Deu uma ordem na áspera língua fronteiriça e meia dúzia de guerreiros vermelhos correram para seu lado. Um segurou a espada de Lengar, enquanto outros dois ameaçavam Saban com as suas lanças.

Lengar pôs as mãos na abertura da túnica de pele de veado que Derrewyn tinha vestida. Olhou-a nos olhos, sorriu ao ver neles o medo e depois rasgou a túnica com enorme força. Derrewyn gritou. Instintivamente Saban deu um salto em frente, mas uma das lanças dos Fronteiriços travou-lhe os tornozelos, ao mesmo tempo que outra lhe bateu na cabeça, poisando no seu ventre quando caiu no chão.116

Lengar rasgou os restos da túnica, deixando Derrewyn nua. Esta tentou esconder o corpo, mas Lengar impediu-a e abriu-lhe os braços.

Uma coisa de Cathallo disse, olhando-a de cima abaixo. Mas uma coisa bonita. Que se faz com as coisas bonitas? Fazia a pergunta a Saban, mas não esperava resposta. Esta noite temos de mostrar a Cathallo o que significa o poder de Ratharryn prosseguiu. E assim pegou no pulso de Derrewyn e arrastou-a em direcção à aldeia.

Não! gritou Saban, ainda pregado ao chão pela lança do Fronteiriço.

Calado, irmãozinho ordenou Lengar. Derrewyn tentou soltar-se, mas ele bateu-lhe com força no rosto, fazendo-lhe voar as flores do cabelo e quando teve a certeza de que ela obedeceria, puxou-a outra vez. Ela tentou soltar-se de novo, mas recebeu um segundo soco, mais forte que o primeiro; gemeu e seguiu-o então, atordoada. A mãe, ainda ajoelhada junto ao marido, protestou com um grito estridente, mas um guerreiro pintado de vermelho deu-lhe um pontapé na boca, reduzindo-a ao silêncio.

Saban, detido no Templo do Céu, apenas podia chorar. Guardavam-no dois guerreiros fronteiriços. Neel e Morthor, os dois sacerdotes feridos foram levados, deixando os corpos de Hengall e Gilan ao luar, junto a Saban, que soluçava como uma criança. Depois os Fronteiriços obrigaram-no a pôr-se de pé e conduziram-no para a aldeia como se fosse um animal.

O Templo do Céu fora consagrado, mas a desgraça descera sobre Ratharryn. O mundo de Saban escurecera. Os deuses gritavam de novo.

Grande parte dos guerreiros do Povo da Fronteira encontrava-se estacionada no cimo da barreira, de onde conseguia ameaçar o povo da aldeia de Ratharryn com os seus pequenos arcos e flechas afiadas, contudo alguns lanceiros fronteiriços montavam guarda à entrada da cabana de Hengall, para onde Lengar levara Derrewyn. A maior parte da tribo tinha-se reunido junto ao templo de Ãrryn e Mai; ouviram um soco e o choro de Derrewyn, depois mais nada.

Deveremos lutar contra eles? perguntou Mereth, filho de Galeth.

São muitos respondeu Galeth em voz baixa. Muitos. Parecia rendido, sentado no centro do templo, com a cabeça baixa. Além do mais, se lutarmos contra eles, quantos de nós não morreremos? Quantos restarão? Os suficientes para resistir a Cathallo? suspirou. Ajoelhei-me perante Lengar, de modo que é o meu chefe... Fez uma pausa. Por enquanto.

As duas últimas palavras foram ditas em voz tão baixa que nem sequer Mereth conseguiu ouvi-las. As mulheres choravam por Hengall à entrada do templo, pois ele fora um bom chefe, entretanto os homens lá dentro observavam o inimigo sobre a alta barreira de terra. Lahanna olhava-os sem se comover com a tragédia. Algum tempo depois, o povo assustado adormecia, com o sono entrecortado por gente que gritava nos seus pesadelos. 117

Lengar apareceu pouco antes da madrugada. A tribo acordava lentamente, consciente de que o novo chefe pisava corpos adormecidos para chegar ao centro do templo de Arryn e Mai. Trazia ainda o gibão com placas de bronze e a espada à cintura, mas não a lança ou o arco.

Não fazia tenções de que Gilan morresse disse sem qualquer arrependimento. O povo sentava-se, arrastando as capas com que se cobrira durante o sono, enquanto no exterior dos anéis do templo, as mulheres inclinavam-se para ouvir as palavras que Lengar proferia em voz baixa. Os meus companheiros mostraram mais zelo do que eu desejava continuou em tom pesaroso. Uma flecha teria sido suficiente, mas estavam assustados e pensaram que seriam necessárias mais.

Todos tinham já acordado. Homens, mulheres e crianças toda a tribo reuniram-se num grupo protector dentro e à volta do pequeno templo e todos escutavam Lengar.

O meu pai era um bom homem continuou Lengar, erguendo um pouco mais a

voz. Manteve-nos vivos nos Invernos duros e cortou muitas árvores para nos dar terra: não tínhamos fome e havia justiça. Devemos honrá-lo por tudo isso, de modo que lhe vamos fazer um túmulo.

Pela primeira vez o povo reagiu, murmurando a sua concordância e Lengar deixou que as vozes continuassem por mais algum tempo, antes de erguer a mão.

Mas o meu pai estava errado a respeito de Cathallo! Falava agora mais alto, com a voz quase dura. Temia-o, de modo que deixou que Kital e Sannas vos governassem. Ia ser a união das duas tribos, contudo no casamento é o homem que deve ser o senhor e em breve Cathallo dominar-vos-ia! As vossas colheitas seriam transportadas para os seus armazéns, mas as vossas filhas dançariam a dança do boi no templo deles e as vossas lanças combateriam nas suas batalhas. Mas esta terra *é nossa!* exclamou Lengar e alguns membros da tribo gritaram que ele tinha razão.

A terra é nossa, mas está cheia de fronteiriços! gritou Mereth zangado. Lengar fez uma pausa e sorriu.

O meu primo tem razão, dissera algum tempo depois. Trouxe fronteiriços para cá. Mas não são muitos. Têm menos lanças do que vós! O que os impede agora de vos matarem? Ou de me matarem? Esperou uma resposta mas nenhum homem falou. Lembrais-vos de quando o Povo da Fronteira veio aqui pedir a devolução dos seus tesouros? perguntou Lengar. Ofereceram-nos um preço bastante alto. E que fizemos? Voltámos-lhes as costas e usámos parte do ouro para comprar pedras a Cathallo. Pedras! Usámos ouro de Slaol para comprar rochas! Riu-se, e muitos que o ouviam sentiram-se envergonhados com o que a tribo tinha feito.

Não compraremos mais nada a Cathallo garantiu Lengar. Afirmam que querem a paz, mas têm a guerra escondida nos corações. Não suportam118

pensar que Ratharryn voltará a ser grande e tentarão esmagar-nos. No tempo dos nossos antepassados, esta tribo era mais forte que Cathallo! Pagavam-nos tributos e pediam a nossa aprovação. Agora desprezam-nos. Querem-nos impotentes, portanto teremos de os combater. Como os derrotaremos? Apontou para a barreira onde se encontravam acocorados os guerreiros fronteiriços. Venceremos Cathallo comprando a ajuda do Povo da Fronteira,! pois eles pagarão qualquer preço para que o ouro lhes seja devolvido. Aqui, somos nós os

senhores, não eles! Usaremos os guerreiros fronteiriços para nos tornarmos a tribo mais poderosa de toda a terra. Observou aqueles que o escutavam, avaliando o efeito das suas palavras. Foi por isso que voltei disse em voz baixa para terminar. Foi também por isso que o meu pai teve] de se ir juntar aos seus antepassados, de modo a Ratharryn se tornar conhecido] em toda a terra, temido em toda a terra e honrada na terra e no céu. A tribo começou a bater com as mãos no chão, em seguida os homens ergueram-se e aclamaram-no. Lengar convencera-os. Lengar vencera. Saban passara a noite na sua cabana, guardado por dois lanceiros vermelhos de Lengar. Chorava por Derrewyn e saber o que ela passara durante a noite causou-lhe tamanha dor, que se sentiu tentado a pegar na faca que o pai lhe oferecera e cortar a garganta; porém a ideia da vingança impediu-lhe a mão. Ajoelhara-se aos pés de Lengar, à entrada do Templo do Céu, mas sabia que o gesto não fora sincero. Mataria o irmão. Jurou-o na escuridão horrível, amaldiçoando-se logo a seguir por não se ter mostrado mais aguerrido no templo. Mas que poderia ter feito? Não possuía armas, portanto como haveria de ter combatido contra guerreiros com espadas, lanças e arcos? O destino esmagara-o e sentia-se à beira do desespero. Apenas ao chegar a madrugada, caiu num sono leve e povoado de sonhos.

Acordou-o Gundur, um dos homens que fugira de Ratharryn com Lengar.

O teu irmão quer ver-te disse.

Para quê? perguntou Saban com ar ofendido.

Levanta-te disse com desprezo.

Saban meteu a faca de bronze no cinto e pegou numa das suas lanças de caça antes de seguir Gundur e sair da cabana. Decidira matar imediatamente o irmão. Atirar-lhe-ia a lança sem qualquer aviso e, se morresse às espadas dos companheiros de Lengar, então teria vingado o pai. Os antepassados aprovariam e recebê-lo-iam na outra vida. Agarrou com força o cabo da lança e reiterou a sua decisão de atacar logo que entrasse na enorme cabana do chefe.

Mas um guerreiro fronteiriço retirou-lhe a lança mesmo antes de ele se ter inclinado para entrar. Saban tentou agarrar o cabo de freixo, mas o homem era muito forte e a breve luta deixou Saban humilhado, a espernear no chão.119

Viu que Galeth esperava por ele e que outros três guerreiros fronteiriços se encontravam por trás de Lengar, que observava a escaramuça divertido.

Pensaste vingar o nosso pai? perguntou Lengar a Saban. Saban esfregou o pulso magoado pela mão do fronteiriço.

Os antepassados hão-de vingá-lo afirmou.

Como vão os antepassados saber onde ele está? perguntou Lengar. Esta manhã cortei-lhe a queixada. Sorriu e apontou para o maxilar ensanguentado *e* barbudo de Hengall que tinha sido espetado num dos postes da cabana. Se a queixada de um defunto lhe fosse retirada, não poderia contar histórias aos seus antepassados. Cortei também a de Gilan, de maneira que bem podem balbuciar os dois na outra vida. Senta-te ao lado de Galeth e deixa de resmungar.

Lengar envolvera-se na capa de pele de urso do pai e encontrava-se rodeado pelos seus tesouros, todo eles desenterrados do chão ou retirados de baixo de montes de peles, onde Hengall escondera a fortuna.

Estamos ricos, irmãozinho! disse Lengar satisfeito. Ricos! Estás com ar cansado. Não dormiste bem? Gundur, sentado ao lado de Lengar, sorria, enquanto os três guerreiros fronteiriços que não percebiam o que se dizia, se limitavam a olhar fixamente para Saban.

Este olhava para a cortina de couro que escondia o abrigo das mulheres dentro da cabana, mas não viu sinal de Derrewyn. Acocorou-se diante dos tesouros da tribo ali amontoados. Havia barras de bronze, facas de pedra e sílex maravilhosamente polidas, sacos de âmbar, bocados de azeviche, grandes machados, aros de cobre, osso entalhado, conchas e, o mais curioso de tudo, uma caixa de madeira cheia de pedras estranhamente entalhadas. Eram pequenas, macias e redondas, nenhuma delas maior que a cabeça de um polegar, mas todas gravadas com espirais ou linhas.

Sabes o que são? perguntou Lengar a Galeth.

Não respondeu este, sem nada acrescentar.

Magia, suponho disse Lengar, fazendo passar uma delas de uma mão para a outra. Camaban deve saber. Ultimamente parece saber tudo. É pena que cá não esteja.

Viste-o? perguntou Galeth.

Esteve em Sarmennyn na Primavera disse Lengar com ar desinteressado. Tanto quanto sei, ainda lá está. Já andava bem, ou quase. Quis que viesse comigo, mas recusou. Sempre pensei que fosse imbecil, mas afinal não *é*. Tornou-se muito estranho, mas imbecil não é. É muito esperto. Talvez seja de família. Que se passa, Saban? Não vais chorar, pois não? É porque o pai morreu?

Saban pensou em pegar num dos preciosos machados de bronze e em avançar violentamente pela cabana, mas os lanceiros fronteiriços observavam-no com as armas em riste. Não teria qualquer possibilidade.**120**

Hás-de reparar, tio, que as peças de ouro de Sarmennyn não se encontram aqui.

Já reparei disse Galeth.

Tenho-as em segurança, mas não quero mostrá-las, para não tentar os nossos amigos fronteiriços explicou Lengar. Só cá vieram para levar o ouro. Lengar apontou com a cabeça os dois guerreiros que se sentavam silenciosamente atrás dele, com os rostos tatuados, parecendo máscaras na escuridão das sombras.

Não falam a nossa língua, tio continuou Lengar. Pode insultá-los como quiser, mas entretanto faça um sorriso. Preciso que eles pensem que somos seus amigos verdadeiros.

E não somos? perguntou Galeth.

Por enquanto respondeu Lengar. Sorriu, satisfeito consigo próprio. A princípio tinha pensado devolver-lhes o ouro se derrotassem Cathallo por mim, mas Camaban teve uma ideia melhor. É mesmo muito esperto. Entrou em transe e curou de uma terrível doença uma das esposas do chefe. Já o viste em transe? Fica com os olhos brancos, a língua sai-lhe da boca e treme como um cão molhado; quando tudo termina revela mensagens de Slaol!

Lengar esperava que Galeth partilhasse do seu divertimento, mas Galeth nada disse.

Bom, Camaban é esperto, curou a esposa do chefe e agora este pensa que ele nada pode fazer que seja mau. Imaginem! Camaban, o coxo, um herói! Assim, o nosso herói disse ao Povo da Fronteira que não só teriam *de* derrotar Cathallo para que o ouro lhes fosse devolvido, como precisariam também de nos dar um dos seus templos. Isto significa que têm de o transportar pela região, o que é

impossível pois são todos feitos de pedra. Riu-se. Assim, derrotaremos Cathallo e ficaremos com o ouro.

Talvez te tragam um templo disse Galeth secamente.

E talvez Saban sorria ripostou Lengar. Saban! Sorri quando olhas para mim. Perdeste a língua?

Saban enfiava as unhas nos calcanhares, na esperança que a dor lhe evitasse as lágrimas que trairiam o seu ódio.

Querias ver-me, irmão? perguntou asperamente.

Para me despedir de ti disse Lengar agoirento, esperando que o medo aparecesse no rosto do irmão, mas a sua expressão nada traía. A morte, pensou Saban, seria melhor do que esta humilhação. A ideia fê-lo tocar nas partes baixas, gesto que fez rir Lengar.

Não vou matar-te, irmãozinho disse. Deveria, mas sou misericordioso. Pelo contrário, vou tomar o teu lugar. Derrewyn casará comigo como símbolo de que Ratharryn é agora superior a Cathallo e dar-me-á muitos filhos. E tu, meu irmão, serás escravo. Bateu as palmas. Haragg! gritou.121

O comerciante fronteiriço, o gigante sisudo que viera servir de intérprete quando o povo de Sarmennyn implorara a Hengall que lhe devolvesse os seus tesouros, inclinou-se para entrar na cabana. Teve de se dobrar muito mais que os outros para atravessar a entrada baixa e quando se endireitou parecia encher o local, com a sua altura e ombros largos. Estava a ficar calvo e tinha uma barba espessa e escura num rosto que era uma máscara implacável.

O teu novo escravo, Haragg disse Lengar, cortês, indicando Saban.

Lengar! intercedeu Galeth.

Preferes que mate o vitelo? perguntou Lengar suavemente.

Não podes escravizar o teu próprio irmão! protestou Galeth.

Meio-irmão especificou Lengar. É claro que posso. Pensas que Saban foi honesto quando ontem à noite se ajoelhou? Em ti confio, tio, mas nele? Matava-

me num abrir e fechar de olhos! Não pensa em mais nada desde que entrou nesta cabana, não é verdade, Saban? Sorriu, mas este limitou-se a fixar os olhos esmaltados do irmão. Lengar cuspiu. Leva-o, Haragg.

Haragg inclinou-se e obrigou Saban a levantar-se, puxando-o com a sua mão enorme. Saban, humilhado e infeliz, retirou a faca do cinto e agitou-a ao acaso em direcção ao gigante. Porém, Haragg, sem grande alarido, limitou-se a pegar-lhe no pulso e a apertá-lo para imediatamente deixar a mão de Saban inerte e sem força. A faca caiu. Haragg apanhou-a e arrastou o jovem para fora da cabana.

O surdo-mudo, filho de Haragg, ainda maior que o seu gigantesco pai, esperava lá fora. Pegou em Saban e atirou-o ao chão, enquanto aquele voltava à cabana de Lengar. Saban ouviu o irmão pedir garantias de que o novo escravo não seria autorizado a escapar. Naquela altura Saban pensou fugir, mas o surdo-mudo sobrepunha-se-lhe; depois um gemido fê-lo voltar-se para ver a mulher de Morthor conduzir o marido para fora da antiga cabana de Gilan. Os guerreiros fronteiriços empurravam o casal em direcção à saída norte de Ratharryn.

Morthor! gritou Saban, que soltou um suspiro de espanto, pois quando o sumo sacerdote de Cathallo se voltou, Saban viu que lhe tinham arrancado os olhos. Foi Lengar que fez isso? perguntou.

Foi Lengar respondeu amargamente Morthor. Tinha o braço caído *e o* ombro magoado, de onde o pau da flecha fora extraído era uma crosta de sangue; o seu rosto era uma máscara de terror. Apontou para os olhos. É a mensagem de Lengar para Cathallo balbuciou, sendo depois empurrado pelos lanceiros.

Saban fechou os olhos como se pudesse apagar o horror do rosto de Morthor, sendo depois assaltado pela imagem de Derrewyn completamente nua, durante a noite, que o fez erguer os ombros para impedir as lágrimas.

Chora, pequeno disse uma voz trocista por cima dele e, ao abrir os olhos, Saban viu Jegar. Estava acompanhado por dois dos seus amigos que122

lhe apontaram as lanças e, por um momento, pensou que o iam matar, mas a intenção era apenas mantê-lo imóvel. Chora repetiu Jegar.

Saban olhou para o chão e depois estremeceu, pois Jegar começara a urinar sobre ele. Os dois lanceiros riram e, quando Saban tentou desviar-se, usaram as pontas

das lanças para o imobilizar de modo ao jacto de urina lhe chegar ao cabelo.

Lengar vai casar com Derrewyn disse Jegar enquanto urinava. Mas, quando se cansar dela, e vai cansar-se, já ma prometeu. Sabes porquê, Saban?

Saban não respondeu. O líquido escorria-lhe do cabelo, passava-lhe pelo rosto e formava-lhe uma poça entre os joelhos, enquanto o surdo-mudo o olhava com uma leve confusão no rosto enorme.

Porque desde que Lengar foi para Sarmennyn tenho sido os seus olhos e os seus ouvidos em Ratharryn continuou. Como soube Lengar que deveria vir ontem à noite? Porque eu lhe disse. Não foi? Fizera esta última pergunta a Lengar, que acabara de sair da cabana para assistir à humilhação do irmão.

És o mais leal dos amigos, Jegar afirmou Lengar.

Um amigo com a mão direita aleijada. Jegar baixou-se de súbito e agarrou a mão *de* Saban. Dá-me uma faca! exigiu a Lengar.

Deixa-o disse Haragg.

Tenho uma coisa a tratar com ele vociferou Jegar.

É meu escravo afirmou Haragg. Vais deixá-lo em paz.

O homem enorme não falara em voz alta, mas a seu tom profundo tinha uma tal força que Jegar obedeceu. Haragg inclinou-se diante de Saban, segurando a faca de bronze na mão direita. Saban pensou que o enorme fronteiriço planeava cumprir as intenções de Jegar, mas Haragg limitou-se a puxar-lhe uma madeixa do cabelo. Serrou-a, cortou-a e atirou-a fora. Trabalhava com rudeza, arrancando enormes mãos-cheias de cabelo e arranhando-lhe o escalpe para o fazer sangrar. Era assim que rapavam a cabeça a todos os escravos, para mostrar que os cativos nada eram. Saban nada era agora e encolhia-se enquanto a lâmina dura lhe passava pelo couro-cabeludo e o sangue lhe corria pelas faces, diluindo-se com a urina de Jegar. A mãe de Saban saiu da cabana enquanto Haragg cortava o cabelo do filho e começou a gritar para que o gigante parasse, lançando-lhe torrões de terra. Por fim, dois lanceiros de Lengar, rindo da sua ira, arrastaram-na dali.

Haragg terminou o corte de cabelo; pegou depois na mão esquerda de Saban e

colocou-a no chão.

Eu faço isso ofereceu-se Jegar desejoso.

O escravo é meu respondeu Haragg e de novo a força da sua voz obrigou Jegar a recuar. Olha para mim ordenou Haragg a Saban e depois acenou ao filho que fechou a mão enorme no pulso do cativo.

Saban, com os olhos embaciados de lágrimas, olhou para o rosto rude de Haragg. Sentia a mão esquerda presa ao chão e não via a faca, mas depois123

sentiu uma dor terrível, uma dor que lhe chegou ao ombro e o fez gritar bem alto. Haragg ergueu-lhe a mão e apertou um bocado de lã sobre o couto cortado do dedo mínimo.

Agarra ordenou-lhe Haragg.

Saban fechou a mão sobre o bocado de lã. Sentia uma dor latejante que quase o fazia desmaiar, mas cerrou os dentes, balançando-se para diante e para trás, enquanto Haragg pegava no cabelo que lhe cortara e no bocado de dedo ensanguentado para os deitar numa fogueira. Jegar intrometeu-se de novo, exigindo que o comerciante lhe desse o cabelo para poder fazer um feitiço contra Saban, mas Haragg, zangado, ignorou teimosamente a ordem, atirou com o cabelo e o dedo para as chamas e ficou a vê-los arder.

O surdo-mudo arrastou então Saban para norte, passando pelas cabanas, até chegar àquela em que Morcar, o ferreiro da tribo, tinha a sua forja. Morcar era amigo de Galeth e o seu trabalho habitual era o fabrico de lanças a partir de barras de bronze, mas hoje aquecia o metal que Haragg lhe entregara. O ferreiro evitou os olhos do rapaz enquanto trabalhava. Haragg atirou Saban ao chão. Este fechou os olhos tentando ignorar a dor da mão, sentindo a seguir outra maior no tornozelo direito que o fez gemer; abriu os olhos e viu que lhe estavam a colocar uma grilheta de bronze à volta da perna. A grilheta estava já quase dobrada num círculo fechado e Morcar martelava agora rapidamente o bronze aquecido de modo a que se encontrassem os dois extremos da barra curva. Foi-lhe acrescentada uma corrente do mesmo metal para a ligar à que foi fechada no tornozelo esquerdo de Saban. O metal estava escaldante e cortou-lhe a respiração.

Morcar despejou água por cima.

Desculpa, Saban murmurou.

De pé ordenou Haragg.

Saban ergueu-se. Um pequeno grupo de gente de Ratharryn assistia ao longe. Tinha os pés acorrentados de modo a poder andar, mas não correr, a cabeça rapada e agora Haragg rasgava-lhe a túnica atrás com a sua faca. Arrancou-lha de modo a deixá-lo nu. Por fim, cortou-lhe o colar de conchas do pescoço *e* esmagou-as no chão, pisando-as com o pé enorme, tendo também metido no bolso o amuleto de âmbar que fora oferecido a Saban pela mãe. Jegar riu-se e Lengar aplaudiu.

Agora és meu escravo disse Haragg sem mostrar emoção. Viverás ou morrerás, conforme me apeteça. Segue-me.

Saban obedeceu, numa humilhação completa.

Lengar temia os deuses. Não os compreendia, mas compreendia-se a si e sabia que traí-los ultrapassava aquilo que os homens podiam imaginar. Assim, receava-os e tomava grandes cuidados em aplacá-los o melhor que sabia. Fazia124

oferendas aos sacerdotes; enterrou simbólicos machados de greda em todos os templos de Ratharryn; permitiu até que as esposas de Hengall sobrevivessem, prometendo mesmo não as deixar morrer à fome.

O espírito do pai estava prestes a partir para o outro mundo, onde viveria com os antepassados e deuses, mas iria sem a queixada e sem o pé direito, de modo que Hengall não poderia contar o seu próprio assassinato, nem, se o seu espírito ficasse ligado à terra, perseguir Lengar. A queixada e o pé foram dados a comer aos porcos, mas o resto do cadáver foi tratado com respeito. Hengall foi queimado numa enorme pira segundo o costume do Povo da Fronteira. A fogueira foi acesa três dias depois da sua morte e permitiu-se que ardesse mais três dias, só depois um monte de greda e terra foi despejado sobre as brasas ardentes.

Na noite em que foi erguido o túmulo, Lengar ajoelhou no cimo e inclinou a cabeça, olhando o cascalho branco. Estava só, pois não quisera que ninguém testemunhasse aquela conversa com o pai.

Tinhas de morrer disse a Hengall. Eras demasiado cauteloso. Governaste bem, mas Ratharryn precisa agora de um grande chefe. Lengar fez uma pausa. Não matei as tuas esposas continuou. Até Saban está vivo. Foi sempre o teu preferido, não *é* verdade? Está vivo, pai, continua vivo.

Lengar não tinha a certeza de que deixar Saban vivo fosse boa ideia, mas Camaban convencera-o de que matar o meio-irmão seria fatal. Camaban fora ter com Lengar em Sarmennyn, não sendo já o gago imbecil que o irmão sempre desprezara. Pelo contrário, tinha-se tornado feiticeiro e Lengar ficava estranhamente nervoso na sua presença.

Os deuses têm de te perdoar a morte de Hengall, mas não a de Saban dissera-lhe Camaban. E quando Lengar exigira saber porquê, Camaban afirmara ter falado com Slaol em sonhos. Lengar obedecera à mensagem. Lamentava-o, mas receava os poderes de feiticeiro de Camaban. Por fim, este sugerira que Saban se tornasse escravo de Haragg e Lengar tinha a certeza de que os escravos deste comerciante não viviam muito tempo.

Lengar descansou a testa sobre o monte funerário. Terra e greda tinham sido grosseiramente empilhadas sobre os restos da fogueira, o fumo ainda saía fazendo-lhe arder os olhos, mas Lengar continuava respeitosamente com a cabeça baixa.

Terás orgulho em mim, pai disse a Hengall. Vou erguer Ratharryn e humilhar Cathallo. Vou ser um grande chefe... Ficou em silêncio, pois ouviu passos.

Os passos aproximavam-se, parecendo estar mesmo sobre o monte e apesar de ter cortado o pé ao pai, Lengar ficou subitamente aterrorizado, temendo que se tratasse do seu espírito que vinha para se vingar.

Não murmurou. Não.125

Sim disse uma voz profunda e Lengar soltou um profundo suspiro de alívio, endireitando-se para olhar para Camaban. Afinal resolvi vir de Sarmennyn atrás de ti.

Lengar descobriu que nada tinha para lhe dizer. Transpirava de medo.

Camaban era agora um homem. Tinha o rosto mais magro que antes e muito mais duro, com os ossos salientes, olhos profundos e uma boca grande e

sardónica. O cabelo que dantes era um emaranhado de porcaria, estava agora bem atado na nuca com uma fita de couro, de onde pendia um guizo formado por pequenos ossos. Usava um colar de costelas de crianças e trazia um bordão enfeitado com uma queixada humana. Bateu com a extremidade deste sobre o monte funerário.

Sentiste, pai?

Não faças isso pediu Lengar em voz rouca.

Tens medo de Hengall? perguntou Camaban com ironia. Bateu de novo com o bordão no monte e depois cuspiu. Sentiste? Cuspi sobre ti! Escavou o cascalho de greda com o bordão. Sentes, Hengall? Sentes arder? É Camaban!

Lengar endireitou-se sobre a sepultura.

Porque vieste para cá? perguntou.

Para ter a certeza de que fazias o que era devido, claro explicou Camaban e depois, cuspindo de novo sobre a sepultura do pai, à laia de despedida, desceu do monte e dirigiu-se ao Templo do Céu. Ainda coxeava, mas notava-se muito menos. Embora Sannas lhe tivesse endireitado o pé forçando os ossos, estes não dobravam como era devido, de modo que conservava ainda um passo defeituoso, mas que já não se parecia de maneira alguma com a sua antiga forma de caminhar grotesca e torcida.

Lengar seguiu Camaban e disse:

Não preciso que me digas o que é certo.

Voltou-te a coragem, não? perguntou-lhe Camaban com desprezo. Estavas a tremer quando te encontrei! Pensaste que eu era o espírito de Hengall, não pensaste? riu-se.

Toma cuidado, irmão avisou Lengar. Camaban voltou-se e cuspiu-lhe para cima.

Matas-me, não é? Mas, Lengar, eu sou o servo de Slaol, o amigo de Slaol. Mata-me, imbecil, o céu há-de queimar-te, *a* terra recusará os teus ossos e até os animais se encolherão ao sentir o cheiro da tua morte. Mesmo os vermes e as varejeiras hão-de recusar a tua carne putrefacta, irmão, e secarás até te

transformares numa casca amarelada que os ventos hão-de levar para os pântanos venenosos do fim do mundo.

Falava apontando com o bordão para Lengar, fazendo-o recuar com medo das ameaças. Lengar podia ser mais velho, podia ter uma invejável reputação como guerreiro, mas Camaban comandava poderes que ele não entendia.126

Mataste Saban? perguntou Camaban.

Fi-lo escravo de Haragg.

Ainda bem disse Camaban distraído.

Também fiquei com a noiva dele.

E porque não? perguntou Camaban. Alguém teria de o fazer. É bonita? Sem esperar resposta dirigiu-se para o Templo do Céu, atravessou a pequena barreira exterior, coxeou pelo fosso e trepou a alta barreira interior. Ali se deteve, olhando para as quatro pedras da Lua. Têm estado muito ocupados afirmou sarcástico. É obra de Gilan?

Lengar encolheu os ombros, pois nada sabia acerca do novo templo.

Gilan está morto.

Ainda bem respondeu Camaban. Tinha de ser obra dele. Ou dele ou de outro sacerdote da escumalha de Cathallo. Não tiveram coragem de fazer um templo a Slaol, sem se curvarem também a Lahanna.

Lahanna?

Estas são pedras da Lua explicou Camaban, apontando com o bordão os pilares duplos e as lajes dentro do anel.

Queres retirá-las? perguntou Lengar.

Eu trato daquilo que Slaol desejar disse Camaban. E tu não faças nada sem que eu te diga. Dirigiu-se ao centro do templo, onde a Lua lá no alto lançava uma pequena sombra sobre o montículo que marcava o corpo da criança surda. Camaban espetou com força o bordão na terra mole e tentou erguer o cadáver,

mas apesar de a ter remexido não conseguiu mover o corpo.

Lengar recuou perante o fedor que vinha da terra desprendida.

Que estás a *fazer?* protestou.

Estou a livrar dela este local disse Camaban.

Não podes fazer isso! disse Lengar, mas Camaban ignorou-o e ajoelhou de modo a poder revolver a terra com as mãos e a libertar o corpo. Quando o conseguiu, levantou-se e usou de novo o bordão, desta vez erguendo à luz da Lua o cadáver em decomposição.

Agora terá de voltar a ser enterrada comentou Lengar. Camaban voltou-se furioso para ele.

Este templo é meu, Lengar, e não teu. É meu! Sibilou a última palavra de tal forma, que assustou Lengar. Era eu que em criança o mantinha limpo! Adorava este local, adorava Slaol neste círculo, quando todos vocês mamavam nas tetas de Lahanna. Este sítio é meu! Bateu com a ponta do bordão sobre a criança morta, esmagando-lhe as costelas. Esta coisa era uma mensageira enviada antes de tempo, pois o templo não está terminado. Cuspiu sobre o cadáver e depois libertou o bordão. As aves e os animais podem ficar com ela disse por fim, dirigindo-se à entrada do Sol. Ignorou os dois pilares que a ladeavam, dirigindo-se para as pedras do Sol. Olhou-as127

com a testa franzida. Esta fica disse, encostando a mão à maior do par. Mas podes deitar abaixo a outra. Apontou para a pedra mais pequena. Uma pedra é suficiente para o Sol. Acenou um lacónico adeus ao irmão e, com a mesma falta de cerimónia com que chegara, partiu em direcção ao norte.

Onde vais? gritou Lengar atrás dele.

Ainda tenho coisas que aprender respondeu Camaban. E quando as souber volto.

Para fazer o quê?

Para construir o templo, claro afirmou, voltando-se. Queres que Ratharryn seja grande, não *é* verdade? Mas pensas que podes conseguir alguma coisa sem os deuses? Vou dar-te um templo, Lengar. Um templo que erguerá ao céu esta

miserável tribo. Continuou a caminhar.

Camaban! chamou Lengar.

O que é? perguntou Camaban irritado, voltando-se de novo.

Estás do meu lado, não estás? perguntou Lengar ansioso. Camaban sorriu.

Amo-te, Lengar disse. Amo-te como um irmão. E partiu na escuridão.

Saban soube que tinha sido Haragg quem guiara Lengar e os seus homens de Sarmennyn para Ratharryn, pois apenas um comerciante experiente conheceria os caminhos, saberia onde se encontravam os perigos e como os evitar, e Haragg era um dos comerciantes mais experimentado da terra. Durante dez anos atravessara o mundo com um cortejo de três cavalos peludos carregados de bronze, machados e tudo o mais que se pudesse trocar por sílex, azeviche, âmbar e ervas que faltavam em Sarmennyn. Por vezes, disse Haragg a Saban, levava dentes e ossos de monstros marinhos lançados para as praias de Sarmennyn e que podiam ser trocados por ricos metais e pedra preciosa.

Resmungou tudo isto para Saban enquanto se dirigiam para norte. Parte do tempo falava na língua do cativo, mas quase sempre insistia em falar a língua do Povo da Fronteira e chicoteava-o com uma vara se não fosse compreendido ou se Saban não lhe respondesse na mesma língua.

Aprenderás a minha língua insistia e Saban aprendeu por temer a vara.

As tarefas de Saban eram simples. À noite, acendia a fogueira que cozinhava os alimentos e impedia os animais da floresta de atacar, enquanto de dia conduzia os três cavalos, ia buscar água, cortava forragem e soprava o corno de boi de Haragg, quando se aproximavam de uma aldeia para avisar que iam chegar forasteiros. O surdo-mudo, que se chamava Cagan, sabia fazer tudo aquilo, mas Saban percebeu que o rapaz enorme, uns anos mais velho do que ele, nascera simples. Cagan era imensamente prestável e olhava para128

o pai, constantemente à espera de um sinal que lhe permitisse ser útil, mas logo a seguir atrapalhava-se com a tarefa. Se acendia uma fogueira, queimava-se, se tentava conduzir os cavalos fazia-o com demasiada força, porém Saban reparou que Haragg tratava Cagan com uma extraordinária delicadeza, como se o surdo-mudo, que era uma vez e meia mais alto que Saban, fosse um cão muito

estimado. Cagan respondia à bondade do pai com um prazer comovente. Se o pai lhe sorria, ele estremecia de alegria, ou então balançava a cabeça e sorria também, emitindo pequenos gemidos com a garganta. Todas as manhãs, Haragg tratava do cabelo do filho, penteava-o, entrançava-o e atava-o com uma tira de couro; depois, penteava-lhe a barba e Cagan contorcia-se de felicidade. Mas Saban notava que por vezes Haragg tinha lágrimas nos olhos.

O comerciante não derramava lágrimas por Saban. As grilhetas de bronze deixavam-lhe vergões na pele, que abriram e deitaram sangue e pus. Haragg tratou-os com ervas e por dentro das grilhetas metia folhas para impedir o atrito, contudo estas caíam sempre. Alguns dias depois permitiu, resmungando, que Saban atasse à volta da cintura uma miserável pele de lobo, mas ficou aborrecido porque Saban se coçava devido aos piolhos que dela saíam.

Deixa de te coçar vociferava, batendo-lhe com a vara. Não suporto ver-te fazer isso! Não és um cão.

Viajaram para oriente e depois para norte, habitualmente protegidos pela companhia de outros comerciantes, mas por vezes sós, pois apesar dos bosques estarem cheios de proscritos e caçadores, Haragg achava que havia poucos riscos de uma emboscada.

Se um comerciante for atacado, os outros também são disse a Saban. Assim os ladrões protegem-nos. Mas há ainda locais perigosos e para esses só viajo com companhia.

Haragg explicou que muitos comerciantes iam por mar, remando junto à costa nos seus barcos de madeira, trocando a mercadoria apenas com os povos que viviam junto à praia; mas esses marinheiros perdiam as maiores aldeias do interior, onde Haragg ganhava a vida.

Quando chegavam a uma aldeia, era Saban que descarregava dos cavalos a mercadoria de Haragg e a expunha em peles de lontra diante da cabana do chefe. Cagan retirava os pesados sacos de cima dos animais e depois sentava-se a ver, enquanto as gentes o olhavam espantadas, pois de facto era um gigante. As mulheres soltavam risinhos e, por vezes, os homens, apercebendo-se de que Cagan tinha a inteligência de uma criança pequena, tentavam provocá-lo, mas Haragg gritava-lhes e eles recuavam, assustados pela sua altura e pela sua fúria.

Havia alguma mercadoria que nunca era aberta: principalmente pequenas lascas

de ouro e uma mão-cheia de elegantes pregadores de bronze, que eram guardados para os chefes que Haragg calculava poderem pagar melhor.129

A discussão dos preços durava um dia inteiro, por vezes dois, e quando terminava, Saban colocava a mercadoria destinada a Sarmennyn num enorme saco de couro *e o* resto dos objectos para troca noutro, que Cagan subia para o dorso dos cavalos. Um saco mais pequeno continha apenas conchas do mar, belas e grandes, enroladas numa estranha erva que Haragg dizia crescer no oceano, mas como Saban nunca vira o mar, pouco significado aquilo tinha para ele. As conchas eram trocadas por comida.

Haragg não era mau. Saban levou muito tempo a percebê-lo, pois temia o rosto inexpressivo do comerciante e a rapidez da sua vara, mas descobriu que Haragg não sorria senão para o filho, não fazendo, contudo, má cara a ninguém; enfrentava homens, mulheres e circunstâncias com a mesma determinação soturna e, se bem que pouco falasse, escutava muito. Conversava com Saban, nem que fosse para passar o tempo das longas viagens, mas falava sem entoação, como se as informações que prestava pouco interesse tivessem.

Estavam muito a norte quando chegaram os primeiros sinais do Inverno, com ventos frios e aguaceiros. Ali as gentes falavam uma língua estranha, que até mesmo Haragg tinha dificuldade em compreender. Naquela altura trocava as suas barras de bronze e machados de pedra negra por pequenos sacos de ervas que, segundo dizia, temperavam o licor destilado pelo povo de Sarmennyn, mas trocou também de mau modo uma pequena ponta de lança, feita de bronze, por uma túnica de lã e um par de botas de pele de boi, bem cosidas, que deu a Saban.

As botas não serviam sobre as grilhetas, de modo que Haragg fê-lo sentar, retirou um machado de um dos sacos e depois bateu e alargou o metal o suficiente para as fazer sair pelos tornozelos de Saban.

Agora se fugires, morres disse sem qualquer expressão. Esta região é perigosa. Meteu as grilhetas entre a restante carga e na aldeia seguinte trocou-as por vinte sacos de ervas preciosas. Era uma daquelas aldeias em que, ao soar o chifre que indicava a chegada de um comerciante, todas as mulheres se escondiam nas cabanas de modo a que os forasteiros não lhes vissem o rosto.

Aqui em cima têm um comportamento muito estranho disse Haragg.

Nesta altura Haragg *e* Saban falavam apenas na língua fronteiriça. Ratharryn era

uma recordação dolorosa, claro, mas quase a desaparecer. Até o rosto de Derrewyn se esbatia na cabeça de Saban. Sentia ainda um terrível remorso quando pensava nela, mas agora, em vez de ter pena de si próprio, sentia um ardente desejo de vingança.

Noite após noite, consolava-se com imagens da morte de Lengar, mas essa consolação estava a diluir-se nas novas maravilhas que via e nas estranhas coisas que aprendia.130

Viu templos. Muitos eram templos importantes; uns de madeira, mais de pedra. As pedras formavam círculos vastos, enquanto os templos de madeira se erguiam para o céu e estavam cobertos de azevinho e hera. Viu sacerdotes que se cortavam com pederneira, para manchar o peito de sangue enquanto oravam. Esteve num local onde a tribo adorava um ribeiro e Haragg explicou-lhe que o povo afogava aí uma criança em cada lua nova. Noutro local, os homens adoravam um boi, um boi diferente todos os anos e matavam o animal no Solstício, comendo a sua carne antes de escolherem o seguinte. Uma tribo tinha um sacerdote louco que se contorcia, babava e dizia disparates, enquanto outra apenas permitia sacerdotes aleijados. Nesse local adoravam as víboras e ali perto havia uma aldeia governada por uma mulher. Foi o que pareceu mais estranho a Saban, pois ela não era apenas uma influente feiticeira, como Sannas, mas a chefe de toda a tribo.

Sempre tiveram mulheres como chefes contou-lhe Haragg. Desde que os conheço. Parece que foi o que a deusa deles ordenou. A mulher chefe insistiu para que Haragg dormisse uma noite com ela. Se dissesse que não, não me comprava nada explicou o gigante.

Foi nessa aldeia que Haragg ordenou a Saban que cortasse um ramo de teixo e fizesse um arco. Haragg comprou-lhe flechas, com a condição de que Saban não usasse a arma contra o seu dono.

Mas não deixes que Cagan pegue nas flechas avisou-o Haragg. Haveria de se ferir.

A cicatriz do dedo cortado tornara-se um calo duro, mas Saban descobriu que podia usar o arco tão bem como dantes. A falta do dedo era a marca da sua servidão, mas não uma deficiência. O cabelo voltara a crescer com força e certos dias até dava consigo a rir ou a sorrir. Uma manhã acordou, apercebendo-se que

gostava da vida com o austero Haragg. A ideia causou-lhe remorsos em relação a Derrewyn, mas Saban era ainda novo e o desgosto estava a ser rapidamente diluído pela novidade.

Esperaram na aldeia chefiada pela mulher até que se juntassem mais mercadores. A viagem seguinte, disse Haragg, seria perigosa e os homens sensatos não viajavam sós por aqueles caminhos. Pagaram à mulher-chefe uma peça de bronze para que ela lhes fornecesse vinte guerreiros como escolta e, numa manhã fria, os comerciantes partiram para norte, em direcção a charnecas ermas e escuras sob o céu nublado. Aqui não cresciam árvores e Saban não entendia como é que um povo podia viver num local assim. Haragg disse-lhe que na charneca havia profundas fendas nas rochas, onde se escondiam grutas e que os proscritos viviam nesses sítios frios e húmidos.

São desesperados afirmou Haragg.

No fim desse dia um bando de homens atacou-os. Saíram da urze, disparando flechas; poucos mas cautelosos, mostraram-se cedo de mais. Os lanceiros131

contratados tentaram assustar os proscritos, gritando *e* agitando as lanças, mas o inimigo era teimoso e continuava a impedir-lhes o caminho.

Têm de os atacar gritou Haragg aos guerreiros, que pareciam pouco dispostos a morrer por uns quantos comerciantes.

Cagan queria carregar sobre os homens esfarrapados, uivando como um animal, mas Haragg impediu-o e deixou Saban avançar em seu lugar. Este disparou uma flecha e viu-a falhar por pouco, de modo que avançou mais uns passos e lançou outra. Ficou bastante longe do alvo, mas Saban calculou que fosse falta de pontaria ou então devido ao vento e soltou uma terceira que acertou no ventre de um homem. As flechas do inimigo eram agora apontadas a Saban, mas os arcos eram fracos, de modo que resolveu avançar mais uns passos e puxar a corda, soltando-a para fazer recuar outro homem. Gritou-lhes, troçando da sua coragem e falta de pontaria e depois disparou outra flecha de ponta de sílex para um homem despenteado vestido com uma túnica de lã muito suja. Dançava enquanto os outros fugiam.

As vossas mães são porcas! gritava Saban. As vossas irmãs dormem com bodes! Nenhum dos inimigos teria entendido os insultos, mesmo que estivessem suficientemente perto para os ouvir.

Haragg sorriu então a Saban. Bateu-lhe mesmo no ombro e riu-se.

Devias ter sido guerreiro e não escravo disse, e Cagan, seguindo o exemplo do pai, abanou a cabeça e sorriu para Saban.

Sempre quis ser guerreiro confessou Saban.

Todos os rapazes querem. De que serve um rapaz querer ser outra coisa? perguntou Haragg. Todos os homens são guerreiros, excepto os sacerdotes. Disse as últimas palavras com intensa amargura, mas recusou-se explicar porquê.

No dia seguinte os comerciantes expuseram a sua mercadoria numa aldeia a norte das charnecas. Tinham vindo tribos de outros povoados e centenas de pessoas passeavam pelas pastagens onde regatearam desde o nascer ao pôr do Sol. Nesse dia Haragg trocou a maior parte dos seus produtos, recebendo mais ervas e a promessa de um monte de peles que lhe seria entregue no fim do Inverno.

Até lá, ficaremos aqui disse a Saban.

O local parecia soturno a Saban, pois era apenas um vale profundo entre montes altos. As encostas mais baixas estavam cobertas de pinheiros e um regato frio descia das rochas cinzentas por entre as árvores escuras.

Havia um templo de pedra mais em baixo, no vale, e mais acima encontravam-se várias cabanas. Haragg e Saban arranjaram uma para si, que não estava em muito boas condições, mas Saban arranjou as traves, depois cortou turfa para fazer o telhado.

Porque gosto de estar aqui respondeu Haragg, quando Saban lhe perguntou porque não voltava a Sarmennyn para passar o Inverno. E vai132

ser um longo Inverno avisou. Longo e frio mas, quando terminar, devolvo-te ao teu irmão.

A Lengar? perguntou Saban amargamente. O melhor seria matares-me já aqui.

Não, não é a Lengar respondeu Haragg. A Camaban. Não foi Lengar que quis que fosses meu escravo, mas sim Camaban.

Camaban? exclamou Saban, estupefacto.

Camaban confirmou calmamente Haragg. Lengar queria matar-te quando voltasse a Ratharryn, mas Camaban determinou que deverias viver. Parece que uma vez protestaste quando o teu pai o quis matar.

Protestei? perguntou Saban, mas depois recordou-se do fracassado sacrifício e do seu involuntário grito de horror. É verdade, protestei.

Então Camaban convenceu Lengar que teria má sorte se te matasse. Sugeriu a escravatura e, para um homem com o espírito de Lengar, a escravatura é pior que a morte. Mas tinhas de ser meu escravo e não de outro homem qualquer, pois Camaban afirmava que lho tinham ordenado em sonhos. Eu e o teu irmão planeámos tudo isto. Passámos noites inteiras a discutir como o faríamos. Haragg olhou para a mão de Saban, onde a cicatriz do dedo cortado era agora uma prega de pele seca. Tinha de ser feito devidamente explicou. Senão Lengar não concordaria e estarias morto. Abriu a bolsa e retirou de lá a preciosa faca que fora oferta de Hengall a Saban e com a qual o dedo deste tinha sido cortado. Entregou-lhe a faca. Toma disse, devolvendo-lhe também o amuleto de âmbar.

Saban colocou o amuleto da mãe à volta do pescoço e meteu a faca no cinto.

Estou livre? perguntou admirado.

Estás livre garantiu Haragg solenemente. Podes ir, se quiseres, mas o teu irmão desejava que eu te retivesse em segurança até podermos ir ter com ele a Sarmennyn. Não sabia de outra maneira de te conservar com vida, senão destinando-te a seres meu escravo, mas encarregou-me de te proteger, porque precisa de ti.

Camaban precisa de mim? perguntou Saban totalmente abismado por tudo aquilo que Haragg inexpressivamente lhe revelava. Saban pensava ainda no irmão como sendo aleijado e gago, uma pessoa digna de piedade, porém fora o desprezado Camaban que tratara da sua sobrevivência e que recrutara o assustador Haragg para cumprir os seus desígnios. Porque é que Camaban precisa de mim? perguntou.

Porque o teu irmão está a fazer uma coisa maravilhosa disse Haragg e pela primeira vez havia emoção na sua voz. Uma coisa que apenas um grande homem podia fazer. O teu irmão está a fazer um mundo novo.

Haragg ergueu a cortina de couro que tapava a porta da cabana e espreitou para ver que a neve caía de novo espessa e lenta para abafar o mundo.133

Durante muitos anos lutei contra este mundo e contra os seus deuses afirmou, continuando a olhar para a neve. Tentava explicar tudo. Largou a cortina e lançou a Saban um olhar que era quase de desafio. Essa luta não me deu qualquer prazer. Mas depois conheci o teu irmão. Ele não sabe, pensei, é muito novo! Mas sabia. Sabia. Encontrou a forma.

A forma? perguntou Saban confuso.

Encontrou a forma repetiu Haragg gravemente. Tudo será novo, tudo ficará bem e tudo mudará.UMA NOITE DE INVERNO EM QUE A TERRA ESTAVA DURA COMO O GELO E AS árvores cobertas de geada cintilavam sob uma Lua pálida e húmida, um homem saiu a coxear das árvores a norte de Cathallo e atravessou os campos de pousio. Era a noite mais longa, as trevas da morte do Sol e ninguém o viu chegar. Das cabanas da aldeia saía uma débil nuvem de fumo, pois as fogueiras eram agora apenas brasas, porém os cães de Cathallo dormiam e os bois, carneiros, cabras e porcos passavam o Inverno em segurança dentro das cabanas, onde não poderiam ser perturbados pelo desconhecido.

Os lobos tinham visto o homem e seguiam-no com as línguas pendentes, nas voltas que dava, porém este voltou-se e uivou-lhes, de modo que os animais primeiro ganiram e depois fugiram, abrigando-se por entre as árvores escuras cobertas de geada. O homem continuou a andar. Então, nos momentos iluminados pelas estrelas que antecediam a madrugada, chegou à entrada norte do grande santuário.

As pedras enormes dentro da alta barreira de terra cintilavam com a geada. Por um momento, ao deter-se junto à porta, pareceu-lhe que o anel enorme de blocos de pedra tremeluzia como um círculo de dançarinos passando o peso do corpo de um pé para outro. As pedras dançantes. Sorriu com a ideia, contudo apressou-se a percorrer a relva até à cabana de Sannas.

Afastou suavemente a cortina de couro que tapava a entrada, deixando entrar uma rajada de ar frio que reavivou o lume mortiço. Baixou-se para entrar, deixou cair a cortina e ficou muito quieto.

Quase não via nada. O lume não passava de brasas e cinzas, e o luar não entrava pelo buraco do telhado que servia de chaminé, de modo que se acocorou à escuta

até detectar o ruído de três pessoas a dormir. Três adormecidos.

Atravessou a cabana de joelhos, lentamente, para não fazer ruído e, quando descobriu o primeiro adormecido, uma jovem escrava, tapou-lhe a boca e passou-lhe a faca com a mão livre. A respiração difícil borbulhou-lhe na garganta cortada, estrebuchou um pouco, mas depois ficou imóvel. A segunda rapariga morreu do mesmo modo e então o homem pôs de lado as cautelas e dirigiu-se ao fogo para soprar as brasas incandescentes, alimentando-as com bufa-de-lobo e pequenos rebentos, e assim as chamas subiram luminosas para iluminar135

as caveiras penduradas, as asas de morcego e os molhos de ervas e ossos. O sangue fresco rebrilhava nas peles e nas mãos do assassino.

A última pessoa adormecida agitou-se no outro extremo da cabana.

Já é de manhã? perguntou a voz idosa.

Ainda não, minha querida disse o homem. Lançava agora para o fogo bocados maiores de madeira. Mas é quase acrescentou, consolando-a. Porém vai estar muito frio, mesmo muito frio.

Camaban! Sannas ergueu-se no monte de peles que lhe servia de cama. O seu rosto de caveira, emoldurado pela cabeleira branca, mostrava surpresa e até algum prazer. Sabia que voltarias continuou. Não se apercebeu do cheiro a sangue-vivo, disfarçado pelo odor do fumo. Por onde andaste? perguntou em tom de lamúria.

Andei pelos montes e adorei em templos mais velhos que o tempo disse Camaban em voz baixa, alimentando o fogo com mais lenha. Falei com sacerdotes, velhas e feiticeiros, até ter sugado completamente todos os conhecimentos deste mundo.

Completamente! Sannas riu. Mal lambeste a teta, jovem imbecil, quanto mais sugar. Na verdade, Sannas sabia que Camaban tinha sido o seu melhor pupilo, um homem cujos dons rivalizavam com os seus, mas tal nunca lho diria. Inclinou-se para o lado, revelando o seio pendido, semelhante ao couro, enquanto estendia a mão para apanhar o favo de mel. Pôs um bocado na boca e chupou-o ruidosamente.

O teu irmão está a combater-nos disse amargamente.

Lengar adora combater disse Camaban.

E adora fazer filhos prosseguiu Sannas. Derrewyn está grávida.

Ouvi dizer.

Que o leite dela envenene o bastardo proferiu Sannas. E o pai dele também. Puxou as peles para cima dos ombros. Lengar faz os nossos homens prisioneiros, Camaban, e sacrifica-os aos seus deuses.

Camaban voltou-se.

Lengar pensa que os deuses são como cães, que podem ser chicoteados para obedecer. Mas em breve aprenderá que têm chicotes maiores que o dele. Por enquanto faz o trabalho de Slaol, de modo que calculo que será próspero.

Slaol sussurrou Sannas com desprezo.

O grande deus disse Camaban reverente. O deus acima dos outros deuses. O único deus que tem poder para mudar o nosso triste mundo.

Sannas olhou-o enquanto um fio de mel lhe escorria dos lábios.

O único deus? perguntou incrédula.

Disse-te que desejava aprender explicou Camaban. Descobri que Slaol é o deus acima de todos. O nosso erro foi adorarmos os outros que, por sua vez, estão demasiado ocupados a adorar Slaol e não reparam em nós.136

Sorriu da expressão estupefacta de Sannas. Sou seguidor de Slaol, Sannas. Sempre o fui, desde criança. Mesmo quando te ouvia falar de Lahanna, adorava Slaol.

Ela estremeceu ao ouvir tal impropério.

Então porque voltaste cá, idiota? perguntou. Pensas que amo Slaol?

Vim para te ver, claro, minha querida respondeu calmamente Camaban. Pôs no fogo o último bocado de madeira, depois sentou-se ao lado dela, passando-lhe o

braço pelos ombros. Paguei-te para que me ensinasses, lembras-te? Agora quero uma lição final.

A velha viu-lhe o sangue nas mãos e tentou deitar-lhe as unhas ao rosto.

Não te dou nada ameaçou. Camaban voltou-se de frente para ela.

Vais dar-me uma última lição, Sannas disse em voz baixa. Paguei-a com o ouro de Slaol.

Não! respondeu em tom sibilante.

Sim insistiu gentilmente Camaban, inclinando-se e beijando-a na boca.

Ela debateu-se, mas Camaban usou o seu peso para a empurrar. Continuava a beijá-la, com a boca colada à dela, que por segundos tentou escapar ao beijo, afastando a cara. Porém não conseguia opor-se à força dele.

A velha lançou-lhe um olhar furioso quando ele lhe retirou as peles de cima dos seios, lhe rodeou o corpo com o braço *e* começou a apertá-la. Debateu-se de novo, deixando escapar um pequeno gemido, mas Camaban colou com força a sua boca à dela, apertou-a e tapou-lhe as narinas com a mão esquerda. Durante todo o tempo, manteve os seus olhos verdes nos negros da feiticeira.

Levou muito tempo. Um tempo surpreendente. A velha esperneou e estrebuchou debaixo das peles, até que algum tempo depois terminaram os espasmos, embora Camaban continuasse a beijá-la. O fogo estava de novo a apagar-se quando os fracos movimentos de Sannas esmoreceram, embora continuasse ainda com os olhos abertos. Camaban manteve os seus fixos nos da feiticeira, só os afastando quando tudo terminou e, mesmo assim, foi com muita cautela, como se esperasse qualquer artimanha da sua parte, que afastou o rosto. Esperou, com a boca a um sopro da dela, mas Sannas não se moveu. Mesmo assim esperou sem se atrever a respirar, até que, por fim, sorriu.

Mas que beijo tão doce disse para o cadáver, tocando-lhe depois com o dedo na testa. Fiquei com o teu último sopro, senhora. Roubei-te a alma.

Ficou um momento sentado, a saborear o triunfo. Com o último alento, ficara-lhe também com os poderes e engolira-lhe o espírito, mas depois lembrou-se da chegada da manhã e apressou-se a percorrer a cabana. Retirou as pedras que

formavam a pequena lareira e depois, utilizando um bocado de137

lenha, afastou as brasas e as cinzas quentes. Encontrou uma armação de veado partida e utilizou-a para escavar o chão quente por baixo do local do lume, retirando a terra de onde sabia que Sannas escondia os seus pertences mais preciosos.

Desenterrou uma bolsa de couro. Retirou-a suavemente, depois levantou a cortina da entrada da cabana onde a primeira infiltração cinzenta da manhã oferecia uma luz soturna. Desatou a bolsa e despejou o conteúdo na palma da mão. Havia onze pequenos losangos de Sarmennyn e um grande. Era o ouro que Hengall trocara pelas pedras de Cathallo e os dois que o próprio Camaban pagara a Sannas. Olhou para o tesouro por uns instantes, depois voltou a colocá-lo na bolsa, atou-a ao cinto e saiu para o frio.

Seguiu para norte. Uma criança viu-o abandonar o santuário na bruma cinzenta, mas não deu o alarme. Coxeou pelos campos cobertos de geada até à floresta escura, onde desapareceu antes que o Sol se erguesse para abrasar o templo de Cathallo.

Onde Sannas, a feiticeira jazia morta.

Haragg contratou três escravas para o Inverno. Vinham de uma tribo que vivia ainda mais a norte e falavam uma língua que nem mesmo ele compreendia, mas conheciam bem os seus deveres. A mais nova dormia com Haragg, Saban e Cagan dividiam as outras duas.

Um homem deve dormir com uma mulher disse Haragg a Saban. É uma coisa natural, como deve ser.

Haragg pouco gozo parecia tirar da mulher que tinha. O seu prazer vinha antes da vida parca e fria daquele longo Inverno. Todas as manhãs ia orar ao templo, trazendo depois água ou gelo para pôr ao lume, enquanto Cagan alimentava com feno ou folhas os três cavalos com que dividiam a cabana. O chefe da aldeia considerava Haragg um hóspede de honra e providenciava comida para todos, contudo Saban acrescentava estas ofertas, indo à caça. Preferia fazê-lo sozinho, perseguindo as raras presas pela terra coberta de gelo, embora se tenha juntado uma vez aos homens da aldeia quando encontraram um urso a dormir numa caverna. Acordaram o animal com fogo, mataram-no com sílex e bronze, depois Saban levou para a cabana um bocado de carne ensanguentada. A comida nunca

era suficiente, pelo menos para o gigantesco Cagan, mas nenhum deles morreu de fome. Comiam bagas e frutos secos que armazenavam em potes, esvaziavam os sacos de grão e ervas e, de vez em quando, banqueteavam-se com veado, lebre ou peixe.

Dia após dia, a neve cintilava sobre os montes e o ar parecia cheio de uma geada brilhante; o Sol aparecia por pouco tempo e as noites eram infinitas. Queimavam turfa, coisa que Saban nunca tinha visto, mas por vezes, para tornar mais forte a luz da cabana, acrescentavam troncos de pinho resinoso,

que ardia com muito fumo e com um cheiro picante. As longas noites eram geralmente silenciosas, contudo Haragg conversava.

Fui sacerdote disse uma noite o homem enorme, sobressaltando Saban. Fui sacerdote em Sarmennyn e tinha esposa, um filho e uma filha.

Saban não disse nada. A turfa ardia avermelhada. Os três cavalos batiam com as patas e Cagan, que os adorava, sentia a vibração e voltava-se fazendo pequenos ruídos para os acalmar. As mulheres olhavam para os homens, abrigando-se as três debaixo da mesma pele. Tinham enormes cabeleiras emaranhadas, que quase lhes escondiam as cicatrizes da testa, sinal de que eram escravas. Saban estava a aprender a língua delas, mas agora ele e Haragg falavam na língua do Povo da Fronteira.

A minha filha chamava-se Miyac disse Haragg, olhando para o brilho firme do lume. Era quase como se estivesse a falar consigo próprio, pois não olhava para Saban. Miyac acariciava o nome com a voz. Era uma criatura de grande beleza. Grande beleza. Pensei que quando crescesse se casaria com um chefe ou com um importante guerreiro e estava satisfeito, pois a riqueza do marido manter-me-ia a mim e à minha esposa quando fôssemos velhos e protegeria Cagan depois de morrermos.

Saban nada disse. Ouviu-se um ruído arrastado quando uma massa de neve escorregou do telhado de turfas.

Mas em Sarmennyn, escolhemos uma noiva do Sol todos os anos continuou Haragg. É escolhida na Primavera e durante três luas torna-se uma deusa abanou a mão para mostrar que três luas era uma data aproximada. Depois, no Solstício, na glória do Sol, matamo-la.

Matam-na? perguntou Saban chocado.

Enviamo-la para Erek. Erek era o nome que o Povo da Fronteira dava a Slaol. E um ano, escolhemos Miyac.

Saban estremeceu.

Escolheram-na?

Os sacerdotes escolheram-na disse Haragg. Eu era sacerdote. A minha esposa gritou comigo, bateu-me, mas pensei que fosse uma honra para a nossa família. Que marido mais grandioso que Erek poderia Miyac arranjar? E assim, a minha filha caminhou para a morte e a minha esposa seguiu-a uma lua depois. Eu caí numa negra tristeza e, quando saí dela, já não queria ser sacerdote, de modo que, como as minhas ideias não eram bem recebidas, comecei a andar pela terra. A fazer comércio.

Tinha a tristeza no rosto mas ao ver que o filho choramingava, Haragg inclinou-se sobre ele para lhe dar umas palmadinhas na mão, dando-lhe a entender que tudo estava bem.

Saban aproximou-se mais do lume e aconchegou a pele nos ombros, perguntando a si próprio se alguma vez mais haveria calor no mundo.139

O meu irmão gémeo era sumo sacerdote em Sarmennyn afirmou Haragg. Quando lhe disse que já não acreditava em sacrifícios, permitiu que me tornasse comerciante, em vez de sacerdote. Chama-se Scathel. Hás-de conhecê-lo, se ainda for vivo.

Houve qualquer coisa no tom em que Haragg pronunciou o nome do irmão, que fez Saban pensar que não gostaria de o conhecer.

O teu irmão ainda é sumo sacerdote? perguntou. Haragg encolheu os ombros.

Perdeu o juízo quando os tesouros foram roubados e fugiu para as montanhas. Por isso não sei se está vivo ou morto.

Quem roubou os tesouros? perguntou Saban.

O seu nome nunca é pronunciado respondeu Haragg. Mas era filho do nosso chefe e queria suceder ao pai; porém tinha três irmãos mais velhos, todos mais importantes que ele, de modo que roubou os tesouros para trazer má sorte a Sarmennyn. Ouvira falar de Sannas e acreditava que ela poderia utilizá-los para fazer uma magia que matasse o pai e os irmãos, tornando-o chefe da tribo. Sabemo-lo, pois foi o que contou à esposa, que por sua vez no-lo confessou antes de a matarmos; depois, Scathel evitou a má sorte, matando o chefe *e* toda a família. O ouro nunca chegou a Sannas, mas de qualquer modo Scathel

enlouqueceu. Só sei que o meu povo tudo faria para ter os seus tesouros de volta.

Têm de dar um templo disse Saban, recordando o que Lengar lhe dissera na manhã em que tinha sido feito escravo.

Devem ouvir Camaban declarou Haragg em voz baixa e de novo Saban ficou cheio de espanto por o seu irmão desajeitado e coxo ter subitamente conseguido uma reputação espantosa.

Uns dias mais tarde, quando o degelo começou a derreter a neve nas passagens dos montes e depois de terem sido entregues as preciosas peles brancas de Haragg, quando os dias cresceram de novo e Slaol recuperou a força, Haragg conduziu Saban e Cagan para ocidente. Ostensivamente iam comprar machados feitos de pedra negra, muito apreciados no Sul do país, porém Saban suspeitava que a viagem tivesse outra finalidade. Passado meio dia, chegaram inesperadamente a um monte alto que acabava abrupto num rochedo sobre o mar. Era a primeira vez que Saban via tal extensão de água e gemeu ao avistá-la. Nunca imaginara uma coisa tão escura, cinzenta, fria e peçonhenta. Erguia-se constantemente, como se houvesse músculos a trabalhar por baixo da sua superfície salpicada de branco; quando encontrava terra quebrava-se numa miríade de fragmentos rodopiando ao vento, para depois recuar, secar, investindo de novo *e* voltando a quebrar-se. Aves brancas grasnavam no ar. Poderia ficar a olhá-lo para sempre, mas Haragg levou-o para norte ao longo da costa. As pequenas praias nas curvas dos rochedos estavam cheias de ossos de monstros e quando chegaram à aldeia onde trocariam os machados,140

Saban ficou a dormir numa cabana cujas vigas eram feitas de enormes ossos curvos, que se arqueavam sobre ele para suportar um telhado baixo de madeira e turfa.

Na manhã seguinte, Haragg levou Cagan e Saban até um estreito fragmento de terra que avançava pelo vasto oceano. Ali, no fim da terra, no alto de um rochedo que parecia estremecer com o infinito trovão do mar, havia um templo. Era um santuário muito simples, um mero anel de oito pedras altas, das quais uma se destacava do círculo.

Erek, de novo disse Haragg. Por onde quer que viajes, descobrirás que Erek é adorado. Sempre Erek.

Saban calculou que a pedra que se destacava apontava a direcção do local em

que o Sol nascia no Solstício e que a sua sombra penetraria no círculo quando o astro desse vida à terra. Na base das pedras encontravam-se pequenos rebentos de urze seca, prova de que houvera ali preces e nem mesmo o vento uivante vindo do mar conseguia arrancar o cheiro a sangue de um animal que fora sacrificado no templo havia pouco tempo.

Temos um santuário como este, em Sarmennyn disse Haragg em voz baixa. Chamamos-lhe o Templo do Mar, embora nada tenha a ver com Dilan. Saban sabia agora que Dilan era o deus do mar de Sarmennyn. O nosso Templo do Mar não se ergue diante do Sol nascente. Olha para o local em que se põe no Solstício e, se fosse eu que mandasse, mandava-o deitar abaixo. Agarraria nas pedras e deitá-las-ia ao mar. Fá-lo-ia desaparecer. Falava com uma amargura pouco comum.

A noiva do Sol? arriscou timidamente Saban. Haragg acenou afirmativamente.

Morre no Templo do Mar. Fechou os olhos por alguns segundos. Dirige-se para o templo enfeitada com o ouro de Erek e depois despem-na, para ficar como uma noiva deve ir para o seu esposo, e enviam-na para a morte.

Haragg apertou os joelhos. Saban viu-lhe as lágrimas nos olhos ou talvez fosse o efeito do vento, que trazia os salpicos de água e fazia rodopiar no céu as aves marinhas. Saban compreendia agora a razão pela qual Haragg chegara a este local tão elevado: daqui podia avistar a vastidão do mar, para onde voara o espírito da filha junto com as enormes aves brancas.

O ouro foi uma oferta de Dilan continuou Haragg. Os tesouros chegaram à praia num barco afundado, perto do local onde está situado o Templo do Mar, de modo que os nossos antepassados decidiram que o ouro era a oferenda de um deus a outro. Talvez tivessem razão.

Talvez?

Os barcos afundam-se disse Haragg. E os comerciantes trazem ouro das terras do outro lado do mar.

Saban franziu a testa ao ouvir-lhe o cepticismo na voz.141

Estás a dizer que... começou a perguntar. Haragg voltou-se para ele, zangado.

Não estou a dizer nada. Os deuses falam connosco e talvez nos tenham mandado o ouro. Talvez Dilan tenha afundado e empurrado o barco para aquela praia por baixo do rochedo, mas porquê? Haragg franziu a testa enfrentando o vento. Nunca perguntámos porquê, limitávamo-nos a envolver em ouro uma rapariga e a matá-la, e continuamos a fazê-lo ano após ano, após ano! Estava zangado e cuspiu no templo de pedra onde ainda se via o sangue do sacrifício misturado com cabelos castanhos. E são sempre os sacerdotes que exigem os sacrifícios. De cada animal morto ficam com o fígado, os rins, os miolos e a carne de uma perna. Quando a noiva- do Sol é feita deusa, dão-lhe o tesouro, mas quem o recebe quando a matam? Os sacerdotes! Sacrifício, dizem, ou então as colheitas serão más e, quando de qualquer modo o são, dizem simplesmente que os sacrifícios não foram suficientes e exigem mais!

Cuspiu de novo.

Estás a dizer que não deveria haver sacerdotes? perguntou Saban. Haragg abanou a cabeça.

Precisamos dos sacerdotes. Precisamos de pessoas que possam transmitir-nos os desígnios dos deuses, mas porque será que os escolhemos entre os mais fracos? Lançou a Saban um olhar de esguelha. Tal como na tua tribo, escolhemos os sacerdotes por entre aqueles que falham nas provas. Eu falhei! Não sei nadar e quase me afoguei, mas o meu irmão salvou-me e, ao fazê-lo, acabou por falhar também as suas. Mas Scathel sempre quis ser sacerdote. Encolheu os ombros como se quisesse dar pouca importância à história. Assim, a maior parte dos sacerdotes são homens fracos, mas como todos, quando lhes conferem alguma autoridade, tornam-se tiranos. E por tantos sacerdotes serem imbecis não pensam; repetem simplesmente as coisas que aprenderam. Tudo muda, mas eles não. E agora a mudança é muito rápida.

Ah, sim? perguntou Saban. Haragg lançou-lhe um olhar infeliz.

O nosso ouro foi roubado! Mataram o teu pai! São sinais dos deuses, Saban! A dificuldade está em saber o que significam.

E tu sabes? Haragg abanou a cabeça.

Não, mas o teu irmão Camaban, sabe.

Por um momento a alma de Saban revoltou-se contra este fado, que o tinha

trazido a um estranho templo sobre um mar implacável. Pensou que Camaban e Haragg o tinham envolvido numa loucura e sentia um enorme ressentimento contra o destino, que o arrancara a Ratharryn e aos braços de Derrewyn.

Só quero ser guerreiro protestou.142

Pouca importância tem aquilo que queres disse Haragg lacónico. Mas o que o teu irmão deseja, tem muita, e foi ele quem te salvou a vida. Estarias morto, esquartejado pela espada de Lengar, se Camaban não o tivesse convencido de outra coisa. Deu-te a vida, Saban, e, aquela que te resta, deves pô-la ao seu serviço. Foste escolhido.

Para transformar o mundo, pensou Saban, sentindo-se tentado a rir. Mas fora apanhado no sonho de Camaban e, quer quisesse quer não, deveria levar a cabo a sua visão.

Camaban voltou a Sarmennyn no início da Primavera. Passara o Inverno na floresta, num antigo templo de madeira. Encontrara-o cheio de arbustos e a apodrecer, mas limpara-o; observava o Sol a retirar-se perto do anel de postes, iniciando depois o caminho para a plenitude do Verão. Durante todo o tempo falara com Slaol até discutira com o deus, pois por vezes lamentava o fardo que lhe fora imposto. Só ele compreendia os deuses e o mundo, sabia que só ele o poderia fazer voltar ao início, mas ao meditar nas suas ideias, gemia infeliz, balançando-se para diante e para trás. Uma vez um grupo de Fronteiriços em busca de escravos ouvira-o, vira-o e fugira dele pois apercebera-se de que era um homem santo. Estava também cheio de fome quando regressou a Sarmennyn: chegou num dia de festa, esfomeado, magro e amargo, à aldeia do chefe da tribo, tal como um corvo sarnoso pousando no meio de um bando de cisnes. A entrada principal da aldeia estava enfeitada com grinaldas de erva cicutária e flores de pereira, pois chegara o dia em que a nova noiva do Sol seria saudada pelo povo.

Kereval, chefe de Sarmennyn, recebeu calorosamente Camaban. À primeira vista, não parecia ser o chefe apropriado para uma nação tão guerreira, pois não era o mais alto, nem o mais forte da tribo. Porém, dizia-se que era sábio e, depois da perda dos seus tesouros, fora o que Sarmennyn procurara no seu novo chefe. Era um homem pequeno e magro, com olhos escuros que espreitavam do emaranhado de tatuagens cinzentas que lhe cobria as faces; tinha o cabelo negro preso com espinhas de peixe e usava uma capa de lã tingida de azul. O seu povo pedia-lhe apenas uma coisa: que recuperasse os tesouros e que procurasse fazê-

lo mediante uma aliança com Lengar. Nas negociações tinham cedido um pequeno grupo dos temidos guerreiros de Sarmennyn para ajudarem Lengar a derrotar Cathallo, bem como um templo da tribo que seria oferecido a Ratharryn em troca da devolução dos losangos de ouro.

Há quem pense que não se pode confiar no teu irmão disse Kereval a Camaban. Os dois homens estavam acocorados à entrada da cabana do chefe, onde o feiticeiro comia avidamente uma tigela de caldo de peixe e um bocado de pão duro e seco.143

Claro que sim retorquiu Camaban, embora na verdade não se importasse com o que pensavam os outros e a sua cabeça estivesse cheia da glória de Slaol.

Pensam que deveríamos entrar em guerra afirmou Kereval, espreitando para a entrada do templo para ver se a noiva do Sol já tinha chegado.

Então, entrem disse Camaban, despreocupado e com a boca cheia. Pensas que me importa que devolvam ou não os vossos miseráveis tesouros?

Kereval nada disse. Sabia que não poderia esperar conduzir um exército até Ratharryn, visto ser demasiado longe e os seus lanceiros encontrariam muitos inimigos pelo caminho, apesar do facto de serem famosos pela sua bravura e temidos por todos os vizinhos, já que eram duros e impiedosos como a terra de onde provinham. Sarmennyn era uma terra rochosa, um local amargo enfiado entre o mar e as montanhas, onde as árvores já cresciam dobradas como os velhos, embora poucos da tribo tivessem uma vida longa. As dificuldades da vida faziam vergar as pessoas como o vento vergava as árvores, vento esse que raras vezes deixava de gemer no cimo pedregoso das montanhas por baixo das quais vivia o povo de Sarmennyn, em cabanas baixas feitas de pedra, cobertas de madeira, algas, palha e turfa. O fumo das cabanas atarracadas misturava-se com a bruma, a chuva e o granizo. Dizia-se que era uma terra que ninguém queria, de modo que a tribo do Povo da Fronteira tinha-a ocupado, para aí viver do que o mar dava, de fabricar machados com a pedra escura das montanhas e do que roubava aos vizinhos. Tinham prosperado naquela região estéril, mas desde que os tesouros foram roubados, nada nela corria bem. Houvera mais doenças do que o habitual, doenças que tinham também chegado ao gado e às ovelhas. Tinha-se perdido no mar uma dezena de barcos e os corpos das tripulações chegavam a terra, brancos, inchados e mordidos pelos peixes. As tempestades tinham danificado as poucas colheitas, de modo que havia fome. Os lobos tinham

descido dos montes e os seus uivos pareciam um lamento pelos tesouros perdidos.

Se o teu irmão não mantiver o acordo... começou Kereval.

Se o meu irmão quebrar a sua palavra, então encarregar-me-ei de devolver o ouro interrompeu-o Camaban. Eu, Camaban, enviar-te-ei o ouro. Confias em mim, não é verdade?

Claro respondeu Kereval e assim era, pois da primeira vez que visitara Sarmennyn, Camaban curara a esposa favorita do chefe, nessa altura a morrer de uma doença que a definhava. Os sacerdotes e curandeiros de Kereval nada tinham conseguido, mas Camaban dera à mulher uma poção que aprendera com Sannas e esta recuperara rápida e completamente.

Camaban limpou o caldo da tigela com o resto do pão e voltou-se para a multidão que se juntara na entrada engrinaldada e que de repente se ajoelhara.

Chegou a vossa última noiva? perguntou sarcástico a Kereval. Outra criança de dentes tortos e cabelo emaranhado para atirarem ao deus?144

Não, disse Kereval, erguendo-se para se juntar com a multidão à entrada. Chama-se Aurenna e os sacerdotes disseram-me que nunca tínhamos enviado ao Sol uma jovem tão bela. Nunca. Esta é uma maravilha.

Dizem o mesmo todos os anos afirmou Camaban e era verdade, pois as noivas do Sol eram sempre consideradas belas. A tribo dava o seu melhor ao deus, mas por vezes, em anos anteriores, se os pais tinham uma filha bonita, escondiam-na quando os sacerdotes vinham em busca de uma noiva: mas os pais da noiva do Sol daquele ano não a tinham ocultado, nem casado com um jovem qualquer que, ao tirar-lhe a virgindade, a teria tornado inaceitável para o leito do deus do Sol. Tinham-na antes guardado para Erek, embora Aurenna fosse uma rapariga tão bela que alguns homens ofereceram a seu pai rebanhos inteiros pela sua mão; também um chefe guerreiro do outro lado do mar, um homem cujos comerciantes traziam ouro e bronze para Sarmennyn, oferecera o peso de Aurenna em metal, se ela se metesse num barco e rumasse para a sua ilha distante.

O pai rejeitara todos os pretendentes, mesmo precisando desesperadamente de bens, pois não tinha gado, rebanhos, campos ou barcos. Partia pedra dia após dia.

Ele, a mulher e os filhos partiam a pedra escura, esverdeada, que chegava das montanhas para fabricar cabeças de machado, que as crianças poliam com areia; depois lá vinha um comerciante que levava as peças, deixando alguma comida para a família de Aurenna. Só Aurenna nunca partira nem polira pedra. Os pais não o permitiam, pois era muito bela e um sacerdote da tribo profetizara que haveria de ser a noiva do Sol. Assim, a família tinha-a protegido até os sacerdotes virem buscá-la. O pai chorara e a mãe abraçara-a quando chegara o momento.

Quando fores deusa, olha por nós implorou a mãe.

Agora a nova noiva do Sol chegava à aldeia de Kereval e a multidão que a esperava tocou com as testas no solo, enquanto os sacerdotes a escoltavam pela entrada florida. Kereval deitou-se ao comprido na entrada da aldeia e não se mexeu até Aurenna lhe dar permissão para se erguer; porém um dos sacerdotes teve que lhe indicar que o fizesse, pois a jovem ainda não compreendera perfeitamente que se iria transformar em deusa. Kereval levantou-se e sentiu um enorme alívio ao ver que Aurenna era tudo o que lhe tinham descrito. O nome dela significava ”dourada” na língua fronteiriça, o que era adequado, já que a sua cabeleira brilhava como ouro pálido. Tinha a pele mais branca e limpa que Kereval alguma vez vira, um rosto comprido, olhos calmos *e* um estranho ar de autoridade. Era de facto uma beleza. Kereval gostaria de a ter levado para casa, mas seria impossível. Escoltou-a então até à cabana, onde as esposas dos sacerdotes a lavaram, lhe pentearam o longo cabelo dourado e a cobriram com um vestido branco de lã.

É muito bela disse Camaban, mal-humorado, a Kereval.

Muito repetiu Kereval e atreveu-se a desejar que o deus do Sol recompensasse a tribo por esta lhe oferecer uma noiva de tão etérea beleza.145

Linda disse Camaban em voz baixa e soube de súbito que Aurenna teria de ser incluída no seu grande esquema. Num mundo em que toda a gente era curvada, marcada, desdentada e suja, se não fosse vesga, aleijada e coberta de verrugas, Aurenna era uma pálida, serena e ofuscante presença, que fez Camaban entender que o seu sacrifício tornaria aquele ano especial para Slaol.

Mas e se o deus a rejeitar? perguntou.

Kereval tocou nas partes baixas, o mesmo gesto que o povo de Camaban

utilizava para evitar a má sorte.

Não o fará disse Kereval orgulhoso, mas na verdade receava essa mesma rejeição.

No passado, as noivas do Sol dirigiam-se calmamente para a morte para serem arrebatadas por um braseiro de luz, mas desde o desaparecimento dos tesouros, todas elas eram difíceis de morrer. A última fora a pior, pois berrara como uma porca durante a matança. Estrebuchara, guinchara e os seus gemidos de dor tinham sido piores que os uivos dos lobos ou o suspiro do mar sempre frio ao afastar-se das rochas escuras à volta da lúgubre terra de Sarmennyn. Kereval acreditava que a morte de Aurenna seria a pedra-de-toque da sua sabedoria. Se o deus aprovasse a transacção com Lengar, então Aurenna morreria sossegada, se não, a sua morte seria uma agonia e os inimigos de Kereval dentro da tribo rejeitar-lhe-iam a chefia.

No extremo sul da aldeia, ao lado do rio, no local onde se encontrava uma dezena de barcos puxados para cima por causa da maré cheia, havia um círculo de rudes pilares de pedra: o templo da noiva do Sol. A tribo dançava à volta do círculo, entoando cânticos, enquanto esperavam que a noiva aparecesse, vinda da cabana onde a lavavam e vestiam. Leckan, o feiticeiro coxo que fora a Ratharryn quando o povo de Sarmennyn tentara reaver o ouro e que era agora o sacerdote superior na aldeia de Kereval, olhou para o céu e viu que as nuvens estavam a desaparecer, de modo que havia a possibilidade de o Sol ver a jovem. Era um bom presságio. Depois os cânticos e as danças pararam e a tribo prostrou-se no chão.

Aurenna aparecera e, conduzida por dois sacerdotes, dirigiu-se ao seu templo. Tinham-lhe penteado o cabelo, que fora recolhido numa trança e preso por uma fita de couro rematada com primaveras e flores de abrunheiro. O vestido limpo e branco caía-lhe liso dos ombros. Normalmente estaria enfeitada com ouro, com uma cascata de losangos à volta do pescoço e as peças maiores cosidas no vestido, porém, mesmo tendo o ouro desaparecido, a jovem estava deslumbrante. Era uma rapariga alta, esguia e direita, de modo que pareceu a Camaban, que era o único que a via desfilar por entre a tribo prostrada, que ela se movia com uma graça etérea.

Aurenna não estava segura do que deveria fazer. Hesitava ao entrar no círculo, até que um dos sacerdotes lhe murmurou que era naquele momento que se ia

tornar deusa, que aquele era o seu templo e poderia fazer o que desejasse,146

mas que era costume a noiva ir ao centro do círculo e aí ordenar à tribo que se erguesse e dançasse. Aurenna fez como lhe mandaram, embora tivesse a voz presa, quando falou. Nesse preciso momento, o Sol apareceu por entre as nuvens e as pessoas suspiraram satisfeitas, pois tratava-se de um bom presságio.

Kereval, o chefe, trazia uma bolsa de couro que entregou a Leckan; este abriu-a para descobrir dentro dela novos tesouros, encomendados à terra do outro lado do mar e que lhe tinham custado caro em bronze, âmbar e azeviche. Embora não substituíssem os tesouros perdidos, podiam mesmo assim honrar Erek e a sua noiva. O sacerdote retirou um enorme losango de ouro e três cadeias de outros mais pequenos, enfiados em cordões feitos de tendão, e colocou-os ao pescoço de Aurenna. Depois exibiu uma faca de lâmina de bronze com pregos de ouro enterrados no cabo de madeira. Guardou-a como símbolo de que o fio da vida de Aurenna seria cortado quando chegasse a altura.

Trouxeram oferendas para a deusa: sacos de cereal, ostras, mexilhões, muito peixe seco. Havia também cabeças de machado e lascas de bronze que foram guardadas pelos sacerdotes para seu uso, mas a comida foi amontoada aos pés de Aurenna e levada para o templo por homens que se atreveram a lançar um olhar à deusa antes de se prostrarem. Esta agradeceu a todos com sedutora timidez. Riu-se mesmo quando um homem trouxe peixes secos, enfiados pelas guelras num pau e um deles caiu. Quando o homem se voltou para o apanhar caiu outro na outra ponta do pau; quando o apanhou caiu um terceiro. O riso de Aurenna era luminoso como o seu prometido que ainda brilhava por entre as nuvens.

É costume dar os alimentos às viúvas disse-lhe em voz baixa Leckan, o sacerdote.

Os alimentos devem ir para as viúvas disse Aurenna em voz clara. Leckan deu-lhe mais instruções. Era agora uma deusa, de modo que não deveria ser vista a comer ou a beber, embora para onde quer que fosse em Sarmennyn tivesse uma cabana para o fazer com privacidade. Teria duas mulheres constantemente a servi-la e quatro lanceiros para a guardarem.

És livre de ir onde quiseres, senhora murmurou a Aurenna. Mas o costume é viajar para levar bênçãos à região.

E... Aurenna começou uma pergunta, mas as palavras morreram-lhe na garganta.

Quando... recomeçou, mas mesmo assim não pôde terminar.

E no fim estarás aqui para te escoltarmos ao teu esposo disse Leckan calmamente. Não é doloroso. Apontou para o Sol que agora brilhava por entre as nuvens. O teu esposo não desejará esperar um momento mais do que o necessário. Não haverá dor.

Não haverá dor? gritou de súbito uma voz por trás deles. Não haverá dor? Tem de haver! Que noiva não sente dor? Dor e sangue! Sangue e dor! O homem que gritara estas palavras entrava agora no templo, para se deixar cair no chão e estender as mãos para os pés de Aurenna. Claro147

que haverá dor! gritou com a boca na erva. Dor inimaginável! O teu sangue ferverá, os teus ossos estalarão e a tua pele enrugar-se-á. É uma agonia. Não podes imaginar uma dor assim, nem que vivesses atormentada até ao fim dos tempos! Voltou a levantar-se. Deves gritar de dor vociferou a Aurenna. És uma noiva!

O homem aparecera com uma dúzia de seguidores, todos nus como o seu chefe e todos os sacerdotes, mas apenas o homem que gritara se aproximara de Aurenna. Era uma criatura alta e magra, com cara esfomeada e olhos ardentes, dentes compridos e amarelos, cabelo emaranhado e a pele marcada por cicatrizes. A sua voz parecia o grasnar de um corvo, os ossos pesados, nodosos como o sílex e os dedos escurecidos aduncos como garras.

A dor é o preço que pagas! gritou para a aterrorizada rapariga. Levava uma pesada lança com cabeça de sílex que manobrava descontroladamente enquanto pulava por entre as pedras. Vão saltar-te os olhos, mirrar-te os tendões e os teus gritos farão eco pelos rochedos! gritou.

Camaban observou a exibição a sorrir, mas Kereval correra para o templo.

Scathel? gritou zangado. Scathel!

Scathel era o sumo sacerdote de Sarmennyn, cargo que detinha quando os tesouros foram roubados mas, culpando-se pela perda do ouro, fugira para os montes, onde uivara às rochas e ferira o corpo com sílex. Seguiram-no outros sacerdotes e, depois de lhe passar a loucura, construíram um novo templo nas rochas altas, para orarem, jejuarem, humilharem-se, redimindo-se da perda do ouro. Muitos membros da tribo pensavam que Scathel tinha desaparecido para

sempre; porém, agora, estava de volta.

Ignorou Kereval e, com a lança, obrigou Leckan a sair-lhe do caminho, para poder avançar para a aterrorizada Aurenna. Se Scathel estava impressionado com a sua beleza, não o demonstrava, pois intrometeu o seu rosto avermelhado junto ao dela.

És uma deusa? perguntou.

Aurenna não conseguia falar, mas acenou nervosamente com a cabeça, para responder à pergunta.

Então tenho uma petição a fazer-te gritou Scathel de modo a toda a gente da aldeia o conseguir ouvir. Os nossos tesouros têm de nos ser devolvidos! Têm de nos ser devolvidos! Enquanto gritava, salpicava-a com cuspo, o que a fez recuar para o evitar. Construí um templo! Scathel berrava sobre o ombro de Aurenna, dirigindo-se à multidão que o olhava horrorizada. Construí um templo com as minhas próprias mãos, sacrifiquei ao deus com sangue e ele falou comigo! Temos de ir buscar os tesouros!

Os tesouros ser-nos-ão devolvidos interrompeu Kereval.

Tu! Scathel voltou-se para o chefe, erguendo a lança, de modo que uma dúzia de guerreiros acorreu para junto de Kereval. Que fizeste para recuperar os tesouros?

Emprestámos homens a Ratharryn respondeu calmamente Kereval. Vamos também mandar-lhes um templo.

Ratharryn! exclamou Scathel com desprezo. Um local pequeno, miserável, um pântano de gente enfezada, porcos gordos e serpentes enroladas. És chefe, não comerciante! Não podes trocar o nosso ouro, tens de o ir buscar! Leva as lanças e as flechas e recupera os tesouros! Desviou-se para o lado e ergueu os braços para conseguir a atenção da tribo. Temos de ir para a guerra! gritou. Para a guerra! Começou a bater com a lança nas pedras. Temos de levar as nossas lanças, espadas e arcos, temos de matar e ferir até essa gente de Ratharryn implorar a nossa misericórdia! O pau da lança quebrou-se e a rudimentar cabeça de pedra saltou sem fazer mal a ninguém. Temos de lhes queimar as cabanas, arrasar-lhes os templos, esquartejar-lhes o gado e atirar as crianças para as fogueiras de Erek! Voltou-se para Kereval, agitando o pau partido. Lengar tem os nossos homens para combaterem nas suas guerras, tem o nosso ouro e quando as suas guerras forem ganhas, vai voltar-se contra os nossos homens e matá-los. Dizes tu que és chefe? Um chefe estaria a conduzir os jovens para a guerra!

Kereval desembainhou a espada. Era uma arma de bronze, maravilhosamente equilibrada, parte do tributo que cada comerciante chegado da ilha pelo mar ocidental tinha de pagar ao povo de Sarmennyn para poder transportar a sua mercadoria para oriente. De repente, Kereval bateu no pau da lança e a violência do ataque obrigou Scathel a recuar.

Guerra? perguntou Kereval. Que sabes tu de guerra, Scathel? Desferiu um novo golpe afastando ferozmente a arma para o lado. Para ir para a guerra, Scathel, tenho de levar os homens a atravessar os montes negros e depois as terras do povo de Salar. Combatê-los-ias? A espada cortou uma terceira vez, lascando o rude pau de freixo. E depois de enterrarmos os nossos mortos, sacerdote e de atravessarmos mais montes, chegaríamos às tribos do grande rio. Não nos têm em grande estima. Mas talvez os pudéssemos combater também. Bateu de novo no pau com a espada. E depois de atravessarmos o rio e de subirmos mais montes, os aliados de Ratharryn estariam à nossa espera com as suas lanças. Com centenas de lanças!

Então como chegou Vakkal a Ratharryn? perguntou Scathel. Vakkal era o

homem que conduzira as forças para ajudar Lengar a tomar a chefia.

Foram por caminhos escondidos, conduzidos pelo teu irmão disse Kereval. Mas eram apenas cinquenta homens. Pensas que conseguias levar secretamente todos os nossos lanceiros? Para conquistarmos Ratharryn teríamos de levar todos os homens e quem ficaria aqui para proteger as mulheres?

O deus protegê-las-ia insistiu Scathel.

Kereval brandiu de novo a espada. Desta vez Scathel deixou cair o pau e abriu as mãos como se convidasse Kereval a meter-lhe no ventre a pesada espada, porém o chefe limitou-se a abanar a cabeça.149

Dei a minha palavra afirmou Kereval. Daremos a Lengar de Ratharryn tempo para cumprir a sua. Ergueu a espada e esta desapareceu no nojento emaranhado da barba de Scathel. Tem cuidado com o que fazes nesta tribo, sacerdote, porque ainda sou eu quem manda aqui.

E eu ainda sou o sumo sacerdote respondeu Scathel cheio de cólera.

Os tesouros ser-nos-ão devolvidos! gritou Kereval. Voltou-se para olhar a tribo. Escolhemos uma noiva mais bela do que qualquer outra já enviada para o leito de Erek anunciou. Ela levará as nossas preces.

Scathel repetiu então a tímida pergunta de Saban:

Que farás se o deus rejeitar a noiva? Voltou-se e arrancou de súbito a faca de bronze da mão de Leckan. Por um instante parecia disposto a atacar Aurenna, mas segurou antes na sua longa barba com a mão esquerda e cortou-a com a faca, arrancando enormes tufos de pêlo sujo. Depois atirou-a para o centro do templo.

Com a minha barba lanço uma maldição a Kereval, se o deus recusar a noiva! E se tal acontecer, haverá guerra, nada mais que guerra! Guerra, morte, sangue e matança, até que os tesouros nos sejam devolvidos! Dirigiu-se aos saltos para a sua antiga cabana, abrindo caminho por entre a tribo, que o deixou passar, enquanto no seu templo Aurenna estremecia de terror.

Camaban assistiu a tudo e depois, quando ninguém o via, pegou nos tufos da barba de Scathel e formou com eles um anel que mostrou a Slaol já coberto de

nuvens.

Ele vai combater-me disse ao deus. Porém ama-te tanto como eu. Deves mudar-lhe a forma dos pensamentos, tal como eu mudei a forma do seu cabelo.

A seguir lançou a coroa de cabelos ao rio que passava junto à aldeia de Kereval. Duvidava que o pequeno encantamento pudesse efectuar essa mudança, mas poderia ajudar e Camaban sabia que necessitava de auxílio, pois o deus encarregara-o de uma gigantesca tarefa. Fora por isso que voltara a Sarmennyn durante o governo da noiva do Sol, já que nessa altura a tribo do Povo da Fronteira era mais vulnerável à sugestão, magia e mudanças.

E Camaban tinha todo o mundo para mudar.SABAN E CAGAN CHEGARAM À ALDEIA DE KEREVAL NO MESMO DIA que Aurenna, mas era de noite e o bom tempo transformara-se num pesado aguaceiro que fustigava a terra escura e encharcava o cabelo e a túnica de Saban. Haragg descarregou os cavalos e conduziu os animais cansados para uma decrépita cabana, evidentemente a sua casa, antes de levar Saban e Cagan para uma outra enorme que ficava no terreno mais elevado, dentro da paliçada de madeira da aldeia. A água escorria do telhado de colmo, que era maior do que algum que Saban já tivesse visto; tão grande que, quando se inclinou para entrar, viu que a sua viga mestra precisava do apoio de cinco tábuas. O recinto cheirava a peixe, fumo, peles e suor e estava cheio de homens que se banqueteavam à luz de duas enormes fogueiras. A um canto, um homem tocava um tambor de peles enquanto outro soprava uma flauta de osso de garça.

Fez-se silêncio quando Haragg entrou e Saban percebeu que as pessoas estavam desconfiadas do gigantesco mercador, porém este não lhes deu importância, apontando antes para um homem sentado numa ponta do compartimento, junto ao lume fumacento. Tinha o cabelo encaracolado metido num círculo de bronze e o rosto cheio de cicatrizes cor de cinza.

O chefe, murmurou Haragg a Saban. Chama-se Kereval. É um homem como deve ser.

Camaban estava sentado ao lado de Kereval, embora a princípio Saban não reconhecesse o irmão, vendo um feiticeiro de faces encovadas e olhos baixos com o rosto terrível emoldurado pelos ossos que lhe adornavam o cabelo. Só depois deste lhe ter espetado e dobrado o dedo comprido, indicando-lhe com o

gesto que se aproximasse e sentasse entre ele e o chefe, é que Saban se apercebeu tratar-se do irmão.

Levaste muito tempo a cá chegar resmungou Camaban, sem mais saudações, indicando mal-humorado o nome do irmão a Kereval, que sorria para o receber e bateu depois as palmas para dizer aos que festejavam quem era o recém-chegado. Os homens olhavam para Saban quando souberam que era irmão de Lengar, depois Kereval ordenou a um escravo que lhe trouxesse comida.

Duvido que queira comer disse Camaban.151

Quero afirmou Saban, que estava esfomeado.

Queres comer esta porcaria? perguntou Camaban, mostrando a Saban uma taça de peixe estufado e carneiro viscoso. Ergueu um fio de algas.

Isto é para eu comer? perguntou a Kereval.

Kereval ignorou a repugnância de Camaban e disse para Saban:

O teu irmão curou a minha melhor esposa de uma doença que ninguém mais conseguia resolver! O chefe sorriu para Camaban. Está boa outra vez! O teu irmão faz milagres.

Limitei-me a tratá-la convenientemente disse Camaban. Ao contrário desses imbecis a quem chamais curandeiros e sacerdotes. Não conseguem curar uma verruga!

Kereval tirou as algas das mãos de Camaban e comeu-as.

Tens viajado com Haragg? perguntou a Saban.

Foi um longo caminho respondeu este.

Haragg gosta de viajar disse Kereval. Tinha olhos pequenos e brilhantes num rosto bem-humorado e de sorriso fácil. Haragg acredita que se viajar para longe, vai encontrar um mágico que dê ao filho língua e ouvidos

continuou, inclinando-se para Saban.

O que Cagan precisa é de um bom soco na cabeça disse Camaban em tom de desprezo. Curava-se.

Verdade? perguntou Kereval ansioso.

Isto é licor? perguntou Camaban, servindo-se do conteúdo de um vaso enfeitado que estava ao lado de Kereval. Levou-o à boca e bebeu avidamente.

Agora ficas por cá? Talvez durante o Verão? perguntou Kereval a Saban, com um sorriso.

Não sei porque estou aqui confessou Saban, olhando para Camaban. Estava estupefacto com a mudança do irmão. Camaban, o gago aleijado, estava sentado no lugar de honra.

Estás aqui, irmãozinho, para me ajudares a mover um templo. O sorriso de Kereval desapareceu.

Nem todos estão de acordo em que cedamos um templo.

Claro que não! disse Camaban, sem se preocupar em baixar a voz.

Há aqui tantos imbecis como em qualquer outra tribo, mas não interessa aquilo que pensam. Apontou para os outros com ar de desprezo. Os deuses pedem a opinião destes tolos, antes de mandarem a chuva? Claro que não, então porque o faríamos tu ou eu? Só interessa que obedeçam.

Kereval mudou imediatamente de conversa, preferindo falar da alteração do tempo, enquanto Saban olhava à volta do recinto iluminado pelo lume. A maioria dos homens tinha bebido bastante do famoso licor forte dos Fronteiriços, de modo que estavam agitados e barulhentos. Uns discutiam acerca das expedições de caça enquanto outros, aos berros, pediam silêncio para152

poderem escutar o flautista, cujas notas agudas eram abafadas pelo tumulto. As escravas traziam comida e bebida, mas depois, quando Saban viu quem se sentava do outro lado da fogueira, o seu mundo mudou.

Naquele momento pareceu-lhe que o coração lhe deixava de bater, o mundo e os seus ruídos a chuva no colmo, as vozes ásperas, os estalos da madeira que ardia, as notas etéreas da flauta e o ritmo do tambor desapareceram. Tudo ficou então

em suspenso, como se nada mais existisse senão ele e a jovem de vestes brancas, sentada num estrado de madeira, ao fundo do compartimento.

A princípio, quando a viu através do fumo esvoaçante, Saban pensou que não poderia ser humana, pois estava muito limpa. O vestido era branco, adornado com losangos brilhantes, enquanto o cabelo lhe caía numa cascata de ouro cintilante, emoldurando o rosto mais pálido e belo que alguma vez contemplara. Sentiu uma onda de remorsos por Derrewyn, uma onda que desapareceu assim que a viu. Ficou a olhá-la fixamente, imóvel, como se tivesse sido atingido por uma seta semelhante à que atravessara o crepúsculo para matar o seu pai. Não comeu e recusou o licor que Camaban lhe oferecia, observava apenas a jovem etérea através do fumo, enquanto esta parecia pairar sobre a ruidosa festa. Não comia, não bebia, não falava. Estava apenas ali entronizada como uma deusa.

A voz rouca de Camaban soou ao ouvido de Saban.

Chama-se Aurenna e é uma deusa. É a noiva de Erek e esta festa serve para lhe dar as boas-vindas à aldeia. Não é bela? Quando falares com ela, tens de ajoelhar. Mas se lhe tocares, irmão, morrerás. Morrerás até se sonhares em lhe tocar.

É a noiva do Sol? perguntou Saban.

E vai ser queimada daqui a menos de três luas continuou Camaban. É assim que se casam as noivas do Sol. Saltam para uma fogueira à beira-mar. Entre assobios de gordura e estalos dos ossos. Chamas e gritos. Morrer. É essa a sua finalidade. É por isso que vive, para morrer. Por isso não olhes para ela como um vitelo tonto, porque não podes tê-la. Arranja uma escrava para te divertires pois morres se tocares em Aurenna.

Mas Saban não conseguia desviar o olhar da noiva do Sol. Valeria a pena morrer, pensou atrevidamente, só para tocar naquela jovem dourada. Calculou que tivesse catorze ou quinze Verões de idade, a mesma que ele, uma noiva na sua perfeição; depois foi subitamente assaltado por uma enorme sensação de perda. Primeiro Derrewyn e agora esta rapariga. Miyac, a filha de Haragg teria presidido a uma festa assim? Seria assim tão bela? E teria algum jovem olhado para ela com desejo antes de ela se entregar às chamas, à beira-mar?

Os seus pensamentos foram interrompidos quando a cortina de couro da enorme entrada foi puxada para o lado com tanta violência, que se arrancou das pegas de

madeira que a seguravam ao lintel. Uma rajada de vento gelado

e húmido fez estremecer as duas fogueiras quando um homem esquelético e de cabelo hirsuto entrou na cabana.

Onde está ele? gritou, com a capa de pele de lobo a escorrer água. Haragg levantou-se, pensando que o homem de cabelos em desalinho vinha procurá-lo, mas o recém-chegado cuspiu-lhe, voltando-se antes para Kereval.

Onde está ele? gritou. Entrara na cabana seguido por mais três homens, todos sacerdotes, pois tinham ossos entrançados nas barbas.

Onde está quem? perguntou Kereval.

O irmão de Lengar!

Estão aqui os dois irmãos de Lengar disse Kereval, apontando para Camaban e Saban. São ambos meus hóspedes.

Hóspedes! disse o louco, com desprezo, abrindo os braços e olhando para os que festejavam, que entretanto estavam já em silêncio. Não devia haver hóspedes em Sarmennyn gritou. Não devia haver festas, música ou danças, não devia haver alegria até nos devolverem os tesouros! E essas coisas, deu a volta para apontar um dedo ossudo na direcção de Camaban e Saban, esses pedaços de esterco podem devolver-nos o ouro de Erek.

Scathel! gritou Kereval. São convidados!

Scathel empurrou os homens sentados e olhou para Saban e Camaban, franzindo a testa quando viu os ossos presos ao cabelo deste último.

És sacerdote? perguntou.

Camaban fingiu não ouvir. Bocejou. De súbito, Scathel curvou-se, pegou na túnica de Saban e com uma força extraordinária para um homem tão magro e ossudo, puxou-o para cima.

Vamos usar a magia do irmão disse a Kereval.

É um hóspede! protestou Kereval de novo.

A magia do irmão? perguntou Camaban, num tom de genuína curiosidade. Fala-me dela.

O que eu lhe fizer explicou Scathel, enfiando um dedo nas costelas de Saban será feito também ao irmão. Arranco-lhe um olho, Lengar perde um olho. Bateu no rosto de Saban. Pronto. Lengar tem a face a arder.

A minha não está disse Camaban.

És um sacerdote continuou Scathel para explicar a razão por que Camaban não sentira a dor de Saban.

Não disse Camaban. Não sou sacerdote. Sou feiticeiro.

Um feiticeiro que não conhece a magia do irmão? escarneceu Scathel.

Que feiticeiro és tu? Riu-se, voltando Saban de modo a que todos o pudessem ver. Lengar de Ratharryn nunca entregará os tesouros! gritou.

Nem que lhe ofereçamos todos os templos de Sarmennyn! Nem que arranquemos todas as pedras de todos os campos e lhas lancemos aos pés! Mas se lhe arrancar os olhos, as mãos, os pés e a virilidade, então cederá.154

Os homens que escutavam bateram com as mãos no chão em sinal de concordância e Camaban, observando-os em silêncio, viu quanta oposição ao acordo com Lengar havia na tribo de Kereval. Não acreditavam que Ratharryn alguma vez devolvesse o ouro. Tinham aceite o contrato, pois na altura não parecera haver alternativa, mas agora Scathel viera dos montes a rugir e propunha-se usar magia, tortura e feitiçaria.

Abrimos uma cova e metemos lá dentro esta desgraça dizia Scathel. Vai ficar lá dentro até que o irmão nos entregue os tesouros!

Os homens concordaram aos gritos.

Mete o meu irmão numa cova ameaçou Camaban quando houve silêncio e eu encho-te a bexiga de carvões, de modo que quando urinares estrebuches na agonia do fogo líquido. Inclinou-se, serviu-se um bocado de peixe da tigela de

Kereval e comeu-o calmamente.

Tu? Um feiticeiro coxo? Ameaças-me? Scathel apontou para o pé esquerdo de Camaban, que estava ainda deformado, embora já não grotescamente torto. Pensas que os deuses ouvem coisas como tu?

Camaban retirou da boca a espinha do peixe e dobrou-a delicadamente entre o polegar e o indicador.

Vou fazer os deuses dançarem nas tuas entranhas, enquanto as almas dos mortos te chupam o cérebro pelas órbitas disse calmamente. Vou dar o teu fígado a comer aos corvos e os teus intestinos aos cães. Partiu a espinha em duas. Solta o meu irmão.

Scathel inclinou-se para Camaban e Saban, ao observá-los, apercebeu-se de como os dois homens eram parecidos. O feiticeiro fronteiriço, irmão gémeo de Haragg, era mais velho, mas tal como Camaban, era muito magro, alto e forte.

Vai para dentro da cova esta noite, coxo, disse Scathel a Camaban, em tom sibilante. Vou urinar-lhe em cima.

Vais soltá-lo! ordenou uma voz de mulher. Ouviu-se um suspiro de admiração na assistência e os homens voltaram-se na direcção de Aurenna, que estava de pé, e apontava um dedo ao raivoso sacerdote. Vais soltá-lo insistiu. Imediatamente!

Scathel estremeceu por um instante, mas depois engoliu em seco e soltou Saban com alguma relutância.

Arriscas-te a perder tudo! disse a Kereval.

Kereval cumpre os desejos de Erek disse Camaban ainda calmamente, respondendo pelo chefe; depois inclinou-se para diante e deitou na fogueira as duas metades da espinha do peixe. Há muito que te queria conhecer, Scathel de Sarmennyn continuou. Ouvi falar de ti muitas vezes e pensei, imbecil que sou, que poderia aprender contigo. Mas vejo que, pelo contrário, eu é que terei de te ensinar.

Scathel olhou para o lume onde os dois bocados de espinha se encontravam sobre o tronco em brasa. Olhou para eles por um instante, depois estendeu155

o braço e apanhou primeiro um depois o outro; chamuscou os pêlos do braço e sentiu-se um cheiro a carne queimada que fez estremecer os homens, mas Scathel manteve-se impávido. Cuspiu na espinha e apontou uma das metades a Camaban.

Nunca levarás daqui um templo nosso, coxo, nunca! atirou-lhe os bocados de espinha, aconchegou mais ao corpo magro as húmidas peles de lobo e retirou-se, deixando todos em silêncio.

Bem-vindo a Sarmennyn disse Camaban a Saban.

Que faço eu aqui? perguntou Saban.

Amanhã digo-te. Amanhã dou-te uma vida nova. Mas esta noite, meu irmão, come, se puderes. E mais não disse.

No dia seguinte, no turbilhão de vento fresco que se seguiu à noite de chuva, Camaban conduziu Haragg, Saban e Cagan ao Templo do Mar. Ficava a alguma distância da aldeia, sobre um promontório, onde o mar rebentava em ondas brancas. Cagan não quis aproximar-se do templo onde a irmã morrera, escondendo-se numas rochas próximas a chorar. Haragg consolou o seu gigantesco filho, dando-lhe palmadinhas como se de uma criança se tratasse e falando-lhe ternamente, embora o rapaz não o ouvisse. Depois Haragg deixou Cagan no seu abrigo de pedra e seguiu os dois irmãos até ao templo deserto, onde se ouvia o enorme ruído proveniente dos gritos aflitivos das aves brancas.

O templo era um simples anel de doze pedras, cada uma delas da altura de um homem, e dele saía um pequeno corredor que, ladeado por outras doze mais pequenas, levava à ponta do rochedo. Este não era nem alto nem alcantilado e, logo por baixo da parte mais elevada, encontrava-se um enorme parapeito com um monte de madeira.

Já começaram a empilhar a lenha para a fogueira disse Haragg com desagrado.

Kereval disse-me que este ano vão fazer uma fogueira maior disse Camaban. Querem que a rapariga morra rapidamente.

O vento levantava-lhe o cabelo, fazendo entrechocar os pequenos ossos que lhe franjavam a túnica. Olhou para Saban.

Despem a rapariga dentro do círculo, depois esperam que o Sol toque no mar para que ela percorra a avenida de pedra e salte para dentro das chamas. Assisti o ano passado continuou. A rapariga assustou-se. Tentou atravessar as chamas. Riu-se ao recordar. Que morte teve!

Então não vão de livre vontade? perguntou Saban.

Algumas vão afirmou Haragg. A minha filha foi. O gigante chorava. Dirigiu-se ao seu esposo como uma noiva, sorrindo a cada passo.

Saban estremeceu. Olhou para a beira do rochedo e tentou imaginar a filha de Haragg a entrar na fogueira. Ouviu-a gritar, viu os seus longos cabelos156

rebrilharem mais do que o Sol que iria desposar e quis de súbito gritar por Aurenna. Não conseguia afastar-lhe o rosto dos pensamentos.

Os ossos queimados de Miyac foram reduzidos a pó e espalhados pelos campos prosseguiu Haragg. E para quê? Para quê? gritou as últimas palavras.

Para o bem da tribo replicou Camaban amargamente. Nessa altura eras sacerdote e queimaste as filhas de outros homens sem qualquer escrúpulo.

Haragg encolheu-se como se tivesse sido atingido. Era muito mais velho que Camaban, mas inclinou a cabeça, aceitando a autoridade de um homem mais jovem.

Estava enganado disse simplesmente.

A maior parte das pessoas também o está disse Camaban. O mundo está cheio de imbecis e é por isso que temos de o mudar. Acenou a Haragg e a Saban para que se acocorassem, embora se mantivesse de pé como um mestre dirigindo-se aos seus pupilos. Lengar concordou em devolver o ouro de Erek, se Sarmennyn lhe desse um templo. Fez esse contrato porque não acredita que seja possível levar um templo para Ratharryn, mas vamos provar-lhe que está enganado.

Levamos este disse Haragg, apontando com a cabeça para os fortes pilares do Templo do Mar.

Não disse Camaban. Escolheremos o melhor templo de Sarmennyn e será esse que levamos.

Porquê? perguntou Saban.

Porquê? respondeu-lhe agressivamente Camaban. Porquê? Slaol enviou o ouro para Ratharryn. É um sinal, imbecil, que quer alguma coisa de nós. E que quer ele? Quer um templo, evidentemente, porque é nos templos que os deuses tocam na terra. Slaol quer um templo, e quere-o em Ratharryn, portanto enviou-nos o ouro de Sarmennyn para nos mostrar de onde deve vir. Será assim tão difícil de compreender? Lançou a Saban um olhar compadecido e começou a percorrer a turfa de um lado para o outro. Quer um templo de Sarmennyn porque é aqui que Slaol é adorado acima de todos os outros deuses. Aqui as pessoas entreviram parte da verdade e essa verdade tem de ser levada à região central. Mas há uma verdade ainda maior. Deteve-se a olhar para os outros dois, com uma expressão feroz. Vi as coisas até ao âmago disse, em voz baixa, esperando que algum deles o desafiasse, porém Haragg limitou-se a olhá-lo com ar de adoração, enquanto Saban nada tinha a dizer. Os sacerdotes acreditam que o mundo é fixo continuou Camaban em tom de desprezo. Acreditam que nada muda e que se obedecermos às suas regras e fizermos os seus sacrifícios, então nada será alterado. Mas o mundo está a mudar. Já mudou. O p... alterou-se.157

O padrão? perguntou Saban. Haragg falara de um padrão quando estavam na região norte, mas não quisera explicar. Agora Camaban teria de o fazer.

Assim, Camaban inclinou-se e retirou uma flecha da aljava de Saban, pois este não ia a parte alguma sem o seu arco de teixo, símbolo de que já não era escravo. Camaban usou a ponta de sílex da flecha para desenhar na turfa um largo círculo, fazendo tanta força que a terra castanha apareceu sob a erva amarelada.

O círculo representa o ano solar disse. Conhecemo-lo. Marcámo-lo. Aqui em Sarmennyn matam uma rapariga em todos os Solstícios para mostrar que quando um círculo termina, outro começa. Percebes? Olhava para Saban, pois Haragg já conhecia o padrão interrompido.

Compreendo disse Saban. Em Ratharryn marcavam também o fim e o princípio do círculo no Solstício, embora o fizessem matando um vitelo ao nascer do Sol e não uma rapariga ao ocaso.

Agora, quanto ao mistério disse Camaban, desenhando um círculo muito mais pequeno, colocando-o junto ao maior como uma conta sobre um círculo de fio de bronze. Esta é Lahanna disse batendo no círculo menor.

Nasce, cresce percorria a conta com o dedo e morre de novo. Depois volta a nascer. Desenhou um novo círculo, do mesmo tamanho do primeiro e a seu lado. Cresce, morre e renasce mais uma vez. Desenhou um terceiro círculo. Aquilo que Camaban desenhara, pareciam três contas que quase enchiam o quadrante do grande círculo do Sol. Nasce, morre repetiu uma e outra vez, desenhando mais círculos até ter doze contas, e depois parou.

Vês? perguntou, apontando com a cabeça da flecha para o intervalo entre a última e a primeira conta.

O círculo tinha então doze contas.

Doze luas em cada ano, mas o mistério está aqui disse Camaban, batendo no pequeno espaço que havia entre o primeiro e o último círculo lunar.

Haragg voltou-se para Saban, desejoso de que este compreendesse.

O ano lunar é mais curto do que o ano solar.

Saban percebera-o. Os sacerdotes de Ratharryn, e afinal de todas as partes, havia muito que tinham reparado que o ano lunar com doze aumentos e diminuições era mais curto do que o grande circuito do Sol no céu, mas Saban nunca pensara muito nesta disparidade. Era um dos mistérios constantes da vida, como o facto de os veados terem armações só uma parte do ano, ou para onde iam as andorinhas no Inverno. Viu então Camaban retirar da bolsa um osso de perna de homem.

Quando era pequeno disse Camaban sentava-me no nosso Velho Templo a olhar para o céu. Ia à casa dos mortos roubar ossos e marcava-os, como este. Entregou o osso a Saban. Olha instruiu-o, apontando para158

uma série *de* pequenas marcas cortadas a todo o comprimento. Estas marcas são os dias do ano solar.

Saban teve de chegar a si o osso, pois as marcas eram muito pequenas, mas conseguia ver centenas de cortes, demasiados para se poderem contar, e cada pequeno arranhão marcava um dia e uma noite, acrescentados ao ano.

Estas marcas são os dias em que a Lua cresce *e* diminui. Camaban mostrou a Saban um segundo grupo de golpes, paralelo ao primeiro. Mostravam doze

nascimentos e doze mortes. O segundo grupo de marcas era fraccionariamente mais curto que o primeiro.

De novo Saban aproximou o osso dos olhos e usou a unha para contar os dias a mais na linha do Sol.

Onze dias? perguntou.

Tanto quanto sei respondeu Camaban. O tom de desprezo desaparecera-lhe da voz, sendo substituído por uma humildade sincera. Mas é difícil contá-los. Usei muitos ossos no decorrer dos anos e por vezes havia muitas nuvens, assim, tinha de adivinhar os dias da Lua; nalguns anos a diferença era de mais de onze, noutros menos. Camaban devolveu-lhe o osso.

Mas este osso é do ano melhor e tem a mesma mensagem que todos os outros. Diz-me que o padrão se quebrou.

O padrão?

Os círculos deveriam encontrar-se! disse Camaban, batendo furiosamente no diagrama que desenhara na turfa. Esta diferença colocou os dedos no espaço entre as contas tem a duração de onze dias. Mas não deveria existir. Ergueu-se de novo e começou a andar de um lado para o outro. Há uma finalidade para tudo no mundo, pois sem finalidade não há significado. O significado está no padrão. Noite e dia, homem e mulher, caçador e presa, estações *e* marés! Todos têm um padrão! As estrelas têm um padrão. O Sol segue um padrão, a Lua segue um padrão, mas ambos diferentes e o mundo está a dividir-se em dois. Apontou para o mar. Alguns padrões seguem o Sol, outros a Lua. As colheitas aparecem e são cortadas seguindo o Sol, mas as marés seguem a Lua. Porquê? E porque mandou Dilan o ouro a Erek? Utilizava os nomes fronteiriços dos deuses do mar e do Sol e depois respondeu furiosamente à sua pergunta: Enviou-o para que as marés retomassem o padrão do Sol!

As mulheres seguem o padrão da Lua disse Haragg lugubremente.

Ah, sim? Camaban parecia surpreendido.

Quando sangram disse Haragg encolhendo os ombros. Pelo menos assim mo disseram.

Mas tudo, tudo, deveria seguir o Sol declarou Camaban. Tudo deveria ser regular, mas não é. Apontou de novo para o esquema na turfa.

O mistério está em como acertar o padrão.

Como? perguntou Saban.159

Diz-me tu pediu Camaban e Saban apercebeu-se de que o pedido não fora feito sem pensar.

Olhou para o padrão. Pensa nele, disse para consigo, como em contas enfiadas num fio de bronze e a resposta tornou-se óbvia. Poderiam fazer-se mais contas, mais pequenas e tentar enfiá-las no fio, até este estar preenchido, porém a tarefa seria laboriosa. A maneira mais simples seria encurtar o fio, tarefa fácil para qualquer ferreiro. Se o fio fosse encurtado, o círculo grande tornar-se-ia mais pequeno e as contas tocar-se-iam.

Teremos de trazer Slaol para mais perto da terra? perguntou Saban timidamente.

Muito bem disse Camaban entusiasmado. E o que é que isso te diz?

Saban pensou bastante, durante algum tempo, e por fim encolheu os ombros.

Não sei.

Contamos histórias acerca do amor de Slaol e Lahanna e de como se tornaram inimigos, mas não passam disso mesmo. Deixam coisas por explicar. Nós... Porque estamos aqui? Sabemos que os deuses nos fizeram, mas porquê? Porque fazemos nós coisas? Fazemos um arco, para matar. Fazemos um vaso, para conter coisas. Fazemos um pregador, para apertar uma capa. Portanto fomos feitos com uma finalidade, mas qual? Esperou uma resposta, mas nem Haragg, nem Saban lhe responderam. E porque seremos imperfeitos? Faríamos um arco que fosse fraco? Ou um vaso rachado? Não fomos feitos defeituosos! Os deuses não nos fariam com defeitos, tal como um oleiro não faria um vaso com uma racha ou um ferreiro não faria uma faca romba; porém adoecemos, ficamos defeituosos e somos aleijados. Os deuses fizeram-nos perfeitos, mas somos defeituosos. Porquê? Fez uma pausa, antes de sugerir uma resposta. Porque ofendemos Slaol.

Ah, sim? perguntou Saban. Estava habituado à história de que Lahanna ofendera

Slaol, tentando ofuscar-lhe o brilho, mas agora Camaban acusava a humanidade.

Ofendemo-lo adorando deuses inferiores com tanto fervor como o adoramos a ele afirmou Camaban. Insultámo-lo, de modo que se retirou e agora temos de o fazer voltar, adorando-o como deve ser, oferecendo-lhe o seu devido lugar, acima de todos os outros deuses e construindo-lhe um templo que lhe revele que compreendemos o padrão. Assim, ele voltará e quando voltar já não haverá Inverno.

Não haverá Inverno? perguntou Saban, atónito.

O Inverno é o castigo de Slaol explicou Camaban. Ofendemo-lo, de modo que nos castiga todos os anos. Como? Retirando-se para longe de nós. Como sabemos? Porque quanto mais longe estivermos de uma fogueira, menos lhe sentimos as chamas quentes. No Verão, quando Slaol está perto de nós, sentimos o seu calor, mas no Inverno, quando as coisas morrem, este160

desaparece. Desaparece pois está longe de nós, portanto, se o pudermos trazer de volta, não haverá mais Inverno. Voltou-se de frente para o Sol. Não haverá mais Inverno disse de novo. Não haverá mais doenças, mais desgostos ou mais crianças a chorar na noite. Tinha lágrimas nos olhos e Saban recordou-se da noite em que morrera a mãe do irmão e em que a criança deformada uivara como a cria de um lobo.

Nem mais raparigas a saltar para dentro da fogueira afirmou Haragg em voz baixa.

E tu? Camaban ignorou as palavras de Haragg e voltou-se para Saban. Tu não serás guerreiro. Retirou o arco de teixo do ombro de Saban e, num esforço que o fez contorcer o rosto, partiu-o sobre o joelho. Lançou o arco partido do cimo do rochedo, para que caísse no mar. Serás construtor, Saban, e vais ajudar Haragg a levar o templo de Sarmennyn para Ratharryn, de modo a podermos recuperar o deus.

Se o meu irmão o permitir disse Haragg, referindo-se a Scathel.

No seu devido tempo afirmou confiante Camaban Scathel juntar-se-á a nós, porque entenderá que vimos a verdade. Ajoelhou e inclinou-se na direcção do Sol. Vimos a verdade disse humildemente e mudaremos o mundo.

Saban sentia-se entusiasmado. Mudariam o mundo. Naquele momento, ali sobre o mar, sabia que o poderiam fazer.

No tempo entre a sua elevação a deusa e a sua morte no fogo do Sol, Aurenna deveria visitar a região e escutar as preces do povo, para as levar ao seu esposo. Deixou a aldeia de Kereval escoltada por quatro lanceiros para a guardarem, duas mulheres para a servirem e por muitas outras pessoas que apenas queriam seguir os passos da noiva do Sol.

Kereval governava uma região de maiores dimensões do que a de Ratharryn, embora menos povoada, pois o solo de Sarmennyn era duro; Aurenna tinha o dever de se mostrar a toda a tribo *e* aos mortos nos seus túmulos comunitários. Todas as noites os habitantes e animais saíam de uma cabana para que a noiva do Sol tivesse privacidade para dormir e todas as manhãs havia um grupo de peticionários a esperá-la à saída. As mulheres pediam que lhes concedesse varões, os pais que lhes curasse os filhos, os guerreiros que lhes abençoasse as espadas e os pescadores inclinavam-se quando ela tocava nos barcos e nas redes. Os sacerdotes conduziam-na de templo em templo e de túmulo em túmulo. Abriam as sepulturas, afastando as enormes pedras para que Aurenna pudesse inclinar-se para o seu cavernoso interior e falar com os mortos, cujos ossos se misturavam nas sombras húmidas.

Camaban e Saban também a acompanhavam, seguindo a jovem dourada pelos vales abrigados da costa sul de Sarmennyn, onde o povo lavrava a terra161

e levava para o mar os seus compridos barcos de madeira. Seguiram depois para as terras altas e nuas do Norte, onde o gado, as ovelhas e o fabrico de machados de pedra oferecia uma vida difícil a algumas famílias, distantes umas das outras. Onde quer que fosse, Camaban inspeccionava os templos, procurando um que quisesse transportar para Ratharryn. As gentes, reconhecendo-o como feiticeiro, inclinavam-se.

Sabes fazer mágica? perguntou-lhe um dia Saban.

Transformei-te num escravo, não é verdade? retorquiu Camaban. Saban olhou para a cicatriz que tinha na mão.

Foi muito cruel disse.

Não sejas absurdo disse Camaban em tom cansado. De que outra maneira

haveria de te poupar a vida? Lengar queria matar-te, o que era afinal a coisa mais sensata a fazer, mas pensei que acabasses por me ser útil. Assim, impingi-lhe uma história imbecil acerca da vingança dos deuses sobre aqueles que matavam os meios-irmãos, dando-lhe depois a ideia de te escravizar. Gostou. E queria que conhecesses Haragg.

Gosto dele disse calorosamente Saban.

Gostas de quase toda a gente disse Camaban com desprezo. Haragg é muito esperto continuou. Mas não podes confiar em todas as suas ideias. Ficou absurdamente influenciado pela morte da filha! Desconfia dos rituais, mas não há nada de mal neles. Mostram aos deuses que lhes reconhecemos poder. Se nos fiássemos das suas ideias, não queimaríamos Aurenna; de que serviria a existência dessa rapariga, senão para queimar?

Saban olhou em frente, para o local onde Aurenna caminhava por entre os sacerdotes acompanhantes. Naquele momento odiou Camaban, mas nada disse e este, que sabia exactamente o que o irmão estava a pensar, riu-se.

Nessa tarde chegaram a outro templo, um simples círculo de cinco pedras, típico dos santuários da parte norte de Sarmennyn. Alguns, muito poucos, chegavam a ter doze pedras, não sendo porém nenhum dos blocos tão grande como os que ficavam dentro dos muros de Cathallo. As pedras de Sarmennyn raramente eram mais altas que um homem ou mais largas que a sua cintura e todas elas estavam cortadas em forma de pilar.

Camaban não gostou de nenhum dos santuários que viram.

Queremos um templo que cause espanto disse a Saban. Temos de encontrar um que diga a Slaol o muito que nos esforçámos por ele. Qual será a dificuldade em deslocarmos quatro ou cinco pedrinhas para Ratharryn?

Saban calculava que transportar uma pedra que fosse seria já uma proeza e começava a duvidar que Camaban alguma vez encontrasse o templo que queria.

Porque não escolhes um templo qualquer? perguntou uma noite. Slaol saberá o muito esforço que despenderemos para o transportar.162

Se eu quisesse terminar a tarefa depressa e sem dificuldade, mandava-te à procura do templo, em vez de perder o meu tempo disse Camaban. Não sejas

absurdo, Saban.

Estavam a comer numa cabana cheia de gente, onde os acompanhantes de Aurenna tinham recebido ofertas de peixe, carne, peles e vasos de licor. Um vaso de licor retirava a um homem o poder do cérebro e das pernas, embora Camaban nunca parecesse afectado. Bebia-o como se fosse água, arrotava, bebia mais e nunca arrastava as palavras nem cambaleava. De manhã, enquanto a cabeça de Saban lhe latejava de dor, Camaban estava cheio de energia.

Nessa noite encontravam-se na morada do chefe de um clã, senhor de toda a sua família, cujas cabanas estavam agrupadas na encosta da montanha, abrigadas do vento. O chefe era um velho desdentado que, em honra da chegada de Aurenna, usava um círculo de ouro à volta do pescoço escanzelado. As suas esposas tinham preparado num lume fumacento uma mistura desagradável de algas e marisco; depois de comerem, um dos seus filhos, tão velho e desdentado como o pai, pegou numa casca polida de tartaruga do mar que estava pendurada numa viga e usou-a para marcar o ritmo, enquanto entoava um cântico, aparentemente infinito, sobre os feitos do progenitor, na terra do outro lado do mar ocidental; aí tinha dizimado muitos inimigos e de lá trouxera muitos escravos e ouro.

O que provavelmente isto significa disse Camaban a Saban é que o velho idiota andou pela praia três dias e voltou com umas quantas pedrinhas às riscas e uma pena de gaivota.

Chegou gente das outras cabanas enquanto o cântico continuava. Entravam cada vez mais pessoas, até Camaban e Saban serem empurrados contra a parede baixa de pedra. Deveriam ter ouvido a história muitas vezes, pois de vez em quando juntavam-se ao cântico e o velho acenava satisfeito, sempre que se ouvia o coro; depois, os batimentos e o cântico terminaram de súbito. O velho abriu os olhos e olhou indignado para o silêncio, até ver que Aurenna que comera na privacidade da sua cabana, acabara de entrar. O chefe do clã sorriu, indicando à noiva do Sol que se deveria sentar a seu lado; porém Aurenna abanou a cabeça, olhou à volta, depois avançou delicadamente por entre os corpos e sentou-se ao lado de Saban. Acenou ao cantor, indicando-lhe que podia recomeçar e o homem bateu na carapaça da tartaruga, fechou os olhos e retomou o fio da história.

Saban sentiu-se fortemente consciente da proximidade de Aurenna. Falara-lhe algumas vezes, enquanto percorriam os caminhos rudes de Sarmennyn, mas como ela nunca procurara a sua companhia, sentia-se desajeitado, tímido e sem

saber o que dizer, quando viu a seu lado. Doía-lhe até o ter de olhar para ela, pensando no que em breve lhe iria acontecer. O seu destino e o de Derrewyn tinham-se misturado no seu espírito, parecendo-lhe que a alma163

desta, entrara no corpo da noiva do Sol e lhe seria arrancada de novo. Fechou os olhos e baixou a cabeça, tentando afastar os pensamentos da violação de Derrewyn e da morte iminente de Aurenna.

Depois esta inclinou-se para ele, de modo a que a sua voz pudesse ser ouvida por cima da voz do cantor.

Haveis encontrado o vosso templo? perguntou.

Não respondeu ele, tremendo de nervosismo.

Porque não? inquiriu Aurenna. Deveis ter visto pelo menos um por dia.

São demasiado pequenos respondeu Saban corando. Não olhou para ela, com medo de gaguejar.

Como ides transportar o templo? perguntou Aurenna. Pedireis ao deus que o faça voar até Ratharryn?

Saban encolheu os ombros.

Não sei.

Devíeis falar com Lewydd disse ela, indicando um dos lanceiros que a guardava acocorado junto ao poste central da cabana. Ele diz que sabe como o podem fazer.

Se Scathel alguma vez nos deixar ficar com um templo lamentou-se Saban.

Eu derrotarei Scathel afirmou Aurenna, confiante.

Saban atreveu-se então a olhá-la nos olhos. Eram escuros, embora reflectissem a luz da lareira. De repente teve vontade de chorar porque ela ia morrer.

Derrotarás Scathel? perguntou.

Detesto-o respondeu em voz baixa. Cuspiu sobre mim quando me levaram pela

primeira vez ao meu templo. Foi por isso que não o deixei meter-te na cova. Assim, quando for para o fogo, direi ao meu esposo que te deixe levar um templo para Ratharryn. Desviou os olhos de Saban, pois outro homem pegou no tambor de carapaça de tartaruga e deu início a um novo cântico, desta vez em louvor da própria noiva do Sol. Aurenna escutou-o respeitosamente, como cumprimento ao cantor que descrevia a solidão do Sol e o seu desejo de uma noiva humana, mas quando ele passou a retratar a beleza da noiva do Sol, Aurenna pareceu perder o interesse, pois inclinou-se de novo para Saban.

É verdade que em Ratharryn não enviais uma noiva para o deus?

É.

E em Cathallo também não?

Não.

Aurenna suspirou, olhando depois para o fogo. Saban observou-a enquanto os guardas o vigiavam.

Amanhã, Aurenna voltou a inclinar-se para Saban tenho de voltar para a aldeia de Kereval, mas tu deves subir ao monte que há aqui por trás.164

Porquê?

Porque há lá um templo respondeu. A gente daqui falou-me dele. É o novo templo de Scathel, o que construiu enquanto recuperava da sua loucura. Diz que o vai consagrar quando os tesouros forem devolvidos.

Saban sorriu, pensando em como Scathel ficaria furioso se soubesse que o seu templo poderia ir para Ratharryn.

Iremos lá vê-lo prometeu Saban, se bem que preferisse ficar com Aurenna, mesmo sem saber dizer com que finalidade. Em breve estaria morta, morta e na glória do céu abrasador.

Na manhã seguinte, enquanto um cerrado nevoeiro rolava, vindo do mar, Aurenna começou a sua viagem para sul, mas Camaban e Saban seguiram para norte, subindo o monte por entre a brancura da bruma.

Vai ser uma perda de tempo resmungou Camaban. Mais outro insignificante círculo de pedras.

Mas, mesmo assim conduziu Saban pela encosta íngreme coberta de ervas e pedras, até que por fim saíram das nuvens para um Sol glorioso. Estavam agora sobre o nevoeiro que cobria tudo abaixo deles, como um mar branco e silencioso no qual o pico da montanha parecia uma ilha de rochedos partidos, emaranhados e recortados, martelados por um deus furioso. Saban percebia agora a razão de todos os pilares dos templos de Sarmennyn serem iguais: a rocha, esmagadora desde o pico, caía naturalmente em blocos quadrados e tudo o que um homem precisava para fazer um templo era transportar a pedra pela montanha abaixo.

Não havia qualquer templo à vista, mas Camaban calculava que se encontrasse algures por entre o cerrado nevoeiro, de modo que se sentou num parapeito de pedra à espera.

Saban andava de um lado para o outro.

Para que queremos o templo de Scathel, se ele é nosso inimigo?

Não é meu inimigo. Saban suspirou com desprezo.

Então o que é?

É um homem como tu, irmão respondeu Camaban. Um homem que detesta que as coisas mudem. Mas é bom servidor de Slaol e dentro em breve será nosso amigo. Voltou-se e olhou para oriente, onde os picos de outras montanhas se destacavam como uma linha de ilhas sobre a brancura. Scathel deseja a glória de Slaol e isso é bom. Mas e tu que queres, irmão? Não me digas que é Aurenna acrescentou. Em breve estará morta.

Saban corou.

Quem disse que eu a queria?

O teu rosto di-lo. Olhas para ela como um vitelo sequioso para as tetas da mãe.

É muito bela disse Saban.

Derrewyn também, mas o...

que importa a beleza? À noite numa cabana escura, quem o pode saber? Não importa, diz-me o que queres.

Uma esposa respondeu Saban. Filhos. Boas colheitas. Muitos veados.

Camaban riu-se.

Pareces o nosso pai.

E que mal haverá nisso? perguntou em tom de desafio.

Não há mal nenhum disse Camaban com ar cansado. Mas tens pouca ambição! Queres uma esposa? Procura-a! Filhos? Hão-de vir, quer queiras, quer não, metade partir-te-á o coração e a outra metade morrerá. Colheitas e veados? Já os tens.

E tu o que queres? perguntou Saban, ofendido pelo desprezo do irmão.

Já te disse respondeu calmamente Camaban. Quero que tudo mude e depois nada há-de mudar, pois chegaremos a um equilíbrio. O Sol não viajará, não haverá Inverno, doenças ou lágrimas. Mas para isso temos de fazer um templo digno de Slaol, e é isso que quero. Um templo que honre Slaol. Terminando estas palavras ficou de súbito em silêncio, observando o nevoeiro lá em baixo, com os olhos muito abertos. Saban voltou-se para ver o que atraíra a atenção do irmão.

A princípio via apenas nevoeiro, mas depois, aos poucos, tal como a terra vai aparecendo quando a noite termina, emergiu uma forma da brancura.

E que forma. Era um templo, mas diferente de todos os que Saban já contemplara. Em vez de um círculo de pedras tinha dois, um metido dentro do outro, mas a princípio Saban apenas via as pontas escuras das pedras saindo do vapor. Tentou contar os pilares, mas eram muitos e no ponto mais afastado daquele círculo duplo, voltado para o local do horizonte onde o Sol se punha no Inverno, havia uma entrada formada por cinco pares de pilares de pedra, com outra pedra colocada atravessada sobre os cimos, formando uma fila de cinco arcadas na direcção do ocaso. Saban olhava fixamente e, por um tempo mágico, todo o templo pareceu flutuar na bruma; mas depois o nevoeiro levantou do vale e deixou as pedras enraizadas na terra escura.

Camaban estava agora de pé, com a boca aberta.

Scathel não era louco disse calmamente, mas logo deu um grito, saltou por cima dos rochedos e correu pela encosta abaixo, espantando as ovelhas malhadas. Saban seguiu-o mais devagar, mantendo-se depois entre os círculos de pedra, enquanto Camaban se acocorara no lado nordeste do templo, espreitando pelo túnel formado pelos arcos de pedra.

Os portões de Slaol! exclamou Camaban, maravilhado.

O templo fora construído num vale sobranceiro às terras mais baixas que ficavam a sul e, no Solstício de Inverno, com o Sol no horizonte longínquo, brilharia sobre o oceano e chegaria a terra entrando pelas portas de pedra.166

Tudo o mais ficaria na escuridão disse Camaban em voz baixa. Tudo sombreado pelas pedras, mas no centro da sombra haveria uma fenda de luz! É um templo de sombras! Apressou-se a chegar à pedra oposta à entrada e aí, de frente para a porta do templo, abriu os braços e encostou-se como se a luz do pôr do Sol o pregasse ao bloco. Scathel é magnífico! exclamou. Magnífico!

Os pilares, naturalmente quadrados, não eram grandes. Os da entrada do Sol eram um pouco mais altos que Camaban, mas os outros eram mais baixos que um homem, sendo alguns deles da altura de uma criança pequena. Todas as pedras tinham sido empurradas ou erguidas no cimo recortado da montanha e postas a deslizar pela encosta íngreme elevada até este vale, onde tinham sido metidas em pequenas covas no solo fino. Saban encostou-se a uma delas, que balançou perigosamente. Esta era realmente formada por dois pilares, ambos muito finos, que tinham sido reunidos escavando uma ranhura de lado num deles e esculpindo uma língua no outro, de modo que as duas pedras se adaptavam uma à outra, como um homem se adapta a uma mulher.

As duas metades de um círculo disse Camaban, reverente, reparando nas pedras juntas. O lado do Sol apontou para sul, indicando as pedras sobre as quais o Sol viajaria no seu caminho diário e o lado da noite; juntam-se aqui e a união tem de ser selada com sangue no momento do ocaso.

Como sabes? perguntou Saban. Estivera a contar as pedras e já chegara a mais de setenta.

De que outra maneira seria? perguntou Camaban concisamente. É óbvio.

Rodopiava excitado. O Templo do Mar para o Solstício de Verão e o Templo das Sombras para o de Inverno! Scathel é maravilhoso! Mas este será nosso. Será nosso! Começou a andar em círculo, batendo com o seu bordão nas pedras até chegar à entrada em arco, onde se baixou para espreitar pelo túnel formado pelos cinco arcos de pedra.

Um portal para Slaol disse maravilhado; depois endireitou-se e limpou a pedra mais próxima. A humidade do nevoeiro deixara as pedras cobertas por uma estranha película azul-esverdeada, que começava a escurecer à medida que o Sol da Primavera e o vento vindo do mar a secavam. Camaban, para horror de Saban, tentou empurrar um lintel como se o quisesse deitar abaixo, porém este não se moveu.

Como os assentam? interrogava-se.

Quem poderá sabê-lo?

Suponho que tu! não, respondeu Camaban, distraído. Depois franziu a testa. Já te disse que Sannas morreu?

Não. Saban ficou estranhamente chocado, não porque sentisse algum afecto pela velha, mas porque desde que se conhecia ela fora parte nada insignificante do seu mundo com a sua presença imponente. Como?167

Como hei-de saber? retorquiu Camaban. Está morta e pronto. Um comerciante trouxe a notícia e como ela era inimiga de Slaol, a notícia é boa.

Olhou de novo para o templo. Agora, livre da humidade do nevoeiro era um anel duplo, negro, num vale escuro metido por entre as rochas escuras da montanha. Era enorme e esplêndido, o tributo de um sacerdote louco ao seu deus. Camaban tinha lágrimas nos olhos.

É o nosso templo disse reverente e vai pôr fim ao Inverno. Teriam de arranjar uma maneira de convencer Scathel a deixá-los levá-lo

e de o transportarem depois através de metade do mundo, até Ratharryn.f

n

a NEVOEIRO CERRADO QUE AMORTALHARA O TEMPLO DAS

SOMBRAS DEU LUGAR a dias de sol quente e vento fraco. Os velhos estavam maravilhados com o Verão prematuro, dizendo que não recordavam um assim, enquanto Kereval afirmava que a generosidade do tempo era sinal de que o deus do Sol aprovava a noiva. Alguns pescadores, donos de uma pequena cabana cheirando a sal situada junto ao rio, onde faziam oferendas a um deus do tempo chamado Malkin, *faziam* profecias de terríveis tempestades, mas dia após dia, o seu pessimismo era negado. A feiticeira favorita de Kereval, uma mulher cega que pronunciava sábias afirmações durante os espasmos de violentos ataques, também previa tempestades, mas os céus mantinham-se teimosamente limpos e os ventos suaves.

Os temidos guerreiros de Kereval faziam os seus ataques de Verão aos territórios vizinhos, de onde traziam escravos e gado; os comerciantes chegavam a terra, vindos do outro lado do mar ocidental, trazendo ouro; as colheitas cobriam os campos de verde. Tudo estava bem em Sarmennyn, ou deveria estar, mas quando Camaban e Saban voltaram à aldeia de Kereval, encontraram o povo de mau humor.

O regresso de Scathel amargara Sarmennyn. O sumo sacerdote pregava, irado, contra o acordo de Kereval com Ratharryn, afirmando que Lengar nunca devolveria os tesouros, a menos que a isso fosse forçado e assim, enquanto Camaban e Saban viajavam com Aurenna, cavara um buraco monstruoso diante da cabana do chefe; colocara sobre ele um entrançado de fortes ramos, de modo a que a cova pudesse servir de jaula-prisão para Saban. Aí Scathel poderia torturá-lo, confiando em que cada mutilação fosse magicamente repetida em Lengar. Porém, as esperanças de Scathel frustraram-se, quando Kereval recusou dar autorização. Kereval insistia teimosamente que Lengar devolveria os tesouros, apontando satisfeito para o céu brilhante e perguntando que melhor presságio poderia a tribo desejar.

O deus já ama a sua noiva afirmava Kereval. Quando ela for ter com ele, há-de recompensar-nos. Não há necessidade de se usar a magia do irmão.

Porém, Scathel pregava constantemente a necessidade de se arrancarem os olhos a Saban e de se lhe cortarem as mãos. Percorria as cabanas dentro da

aldeia e

visitava as outras moradas que ficavam a cerca de meio dia de viagem, para arengar ao povo de Sarmennyn, que o escutava.

Ratharryn nunca nos levará um templo! berrava Scathel. Nunca! Os templos são nossos, foram construídos pelos nossos antepassados, feitos com a nossa pedra! Se Ratharryn quiser um templo, que empilhem o seu estrume *e* se inclinem diante dele!

Ajudava, se o teu irmão nos enviasse uma parte do ouro disse Kereval a Camaban em tom melancólico, mas este abanou a cabeça, dizendo que tal coisa nunca fizera parte do acordo. O ouro chegaria quando o templo fosse transportado; porém tivera o cuidado de omitir que era o santuário de Scathel que desejava, pois as paixões da tribo encontravam-se já muito agitadas. Kereval fazia os possíveis para acalmar a raiva crescente.

O povo há-de acalmar-se quando vir a noiva do Sol em toda a sua glória garantia o chefe preocupado a Saban.

Dia após dia, Saban visitava o templo da noiva do Sol, observando a sombra da pedra que o limitava. Receava essa sombra que se aproximava cada vez mais da pedra central e que quando a tocasse indicaria que Aurenna deveria entrar na fogueira. Ela própria evitava o templo, como se, ignorando a sombra, prolongasse a vida; procurava antes Haragg nos dias em que esperava pelo casamento.

Quando fores ter com o teu marido dizia-lhe ele deves convencê-lo a acabar com este desperdício. Tem de rejeitar as noivas! Mas Haragg não conseguia convencer a tribo a abandonar o seu sacrifício anual, tal como Kereval não conseguia persuadi-la de que Lengar manteria a sua palavra. Assim, Aurenna teria de morrer.

À medida que os dias cresciam, a jovem passava mais tempo com Saban e Haragg e este deixava-os sós, pois compreendia que Aurenna se sentisse atraída pelo jovem alto e moreno, que deixara a região central, com falta de um dedo e uma tatuagem azul no peito. Outros jovens exibiam as suas cicatrizes de morte,

mas em vez de se gabar, Saban contava histórias à jovem. A princípio eram as que a mãe lhe contara, como a de Dickel, irmão de Garlanna, que tentara roubar a primeira colheita da terra e de como a irmã, para o castigar, o tinha transformado num esquilo. Aurenna gostava de histórias e estava sempre desejosa de ouvir mais.

Nunca se encontravam os dois sozinhos, pois a noiva do Sol estava sempre guardada. Não podia ir a lado algum sem ser seguida por quatro lanceiros, excepto na privacidade da sua cabana. Saban habituou-se aos guardiães e era até amigo de um deles. Lewydd era filho de um pescador e herdara do pai a forma atarracada. Tinha o peito largo e os braços extremamente fortes.

Desde que comecei a andar que o meu pai me obrigou a puxar redes disse a Saban. Puxar redes e remar! É o que torna um homem forte. Fora Lewydd que imaginara um modo de transportar até Ratharryn as pedras do170

templo. Tens de as levar de barco disse, Lewydd que era três anos mais velho que Saban e já entrara em dois ataques para arranjar escravos nos territórios orientais. Quase toda a viagem até Ratharryn pode ser feita por água afirmava.

Ratharryn está longe do mar argumentou Saban.

Não é por mar, é por rio! disse Lewydd. Podes atravessar o mar até ao rio que nos levará à ponta de Drewenna e aí precisaremos de levar os barcos e as pedras até aos rios de Ratharryn. Mas pode fazer-se.

Os barcos de Sarmennyn, tal como em Ratharryn as embarcações do rio, eram feitos de troncos de árvores grandes, já antigas. Havia poucas matas em Ratharryn, de modo que os sacerdotes marcavam certas árvores para serem conservadas para a construção de barcos até crescerem o necessário; quando o tronco atingiu a medida, a árvore era cortada e escavada. Um dia Lewydd levou Saban ao mar, mas este escondeu a cabeça nas mãos ao ver as enormes vagas virem na sua direcção. Então Lewydd riu-se, voltou o barco e deixouo correr até à calma do rio.

Aurenna gostava de atravessar o rio num desses barcos. Ela e os lanceiros caminhavam pelos bosques da margem oriental até chegarem inevitavelmente ao enorme bloco de pedra cinzento-esverdeado com lascas brilhantes e pequenas marcas cor-de-rosa. Sentava-se na rocha e via o rio correr. Quando ia acompanhada por Saban, pedia-lhe mais histórias. Uma vez ele contou-lhe como

Arryn, deus do vale, perseguira Mai, a deusa do rio, e de como ela tentara iludi-lo transformando em pântanos enormes faixas de terreno; então Arryn fizera cair árvores para formar caminhos no paul apanhando-a na nascente onde ela se erguia da terra. Mai ameaçara transformá-lo em pedra, mas Arryn chamara discretamente Lakka, o deus do ar, e este enviara o nevoeiro, de modo que Mai não conseguia ver Arryn, que saltou sobre ela e a fez sua esposa. Porém, contou Saban, para lembrar a Arryn que apenas conseguira a felicidade através de um engano, ergueu-se uma bruma do rio de Mai nas manhãs frias.

Os homens usam enganos comentou Aurenna.

Os deuses também afirmou Saban.

Não, insistiu ela. Os deuses são puros. Saban não discutiu, pois ela era uma deusa e ele não passava de um homem.

Por vezes, Saban trabalhava enquanto conversava. Encontrara um teixo no bosque, cortara-lhe um ramo, retirara-lhe a casca e o cerne para dar forma a um arco enorme que substituía aquele que Camaban atirara ao mar. Pusera-lhe pontas de chifre entalhado, untara a madeira com gordura de boi e Lewydd arranjara-lhe tendões para fazer a corda; Aurenna cortou algumas madeixas do seu cabelo dourado para entrançar neles de modo que a corda do arco cintilava à luz do Sol.

Pronto disse ela a rir. Já tens cabelo de deusa no arco. Não podes falhar!171

No dia em que experimentou o arco pela primeira vez lançou uma flecha que atravessou o rio e se perdeu nos bosques distantes. Aurenna quis experimentar a arma, mas não teve força suficiente para puxar a corda a metade da sua amplitude. Lewydd conseguiu-o, mas estava habituado ao pequeno arco dos Fronteiriços e a flecha girou desajeitadamente indo cair no rio.

Conta-me outra história ordenou Aurenna a Saban. Assim, ele contou-lhe a história de Keri, deusa dos bosques, que fora amada por Fallag, o deus da pedra. Contudo, Keri rejeitara-o e Fallag transformara-se para sempre em machados que cortassem as árvores de Keri.

Um ou dois dias mais tarde, cansado das histórias dos deuses, Saban falou a Aurenna acerca de Derrewyn, de como quisera casar com ela e de como Lengar chegara da escuridão, lançando uma flecha que lhe mudara a vida. Aurenna

escutou-o, observando o rio que ali corria e a seguir olhou para ele.

Lengar matou o próprio pai?

Sim.

Estremeceu e franziu a testa durante muito tempo.

Lengar vai devolver os tesouros? perguntou, quebrando o silêncio.

Kereval pensa que sim.

E tu?

Saban não respondeu logo.

Só se o obrigarem confessou por fim. Aflita, Aurenna estremeceu ao ouvir tal resposta.

Erek vai obrigá-lo disse.

Ou Scathel.

Que quer meter-te na cova. Saban encolheu os ombros.

Pode fazer ainda pior. Depois pensou no que dentro de dias aconteceria a Aurenna, sentiu o coração pesado e não conseguiu falar. Espantado com a sua serenidade, olhou para ela, maravilhado com o brilho do seu cabelo, a curva da face e a doçura do rosto pálido. Em breve arderia na fogueira, mas enfrentava esse destino com uma placidez que perturbava e impressionava Saban. Atribuía aquela calma à sua divindade, pois não encontrava outra explicação.

Falarei com Erek disse Aurenna em voz baixa. Vou convencê-lo a fazer com que Lengar mantenha o acordo.

Lengar dirá que Erek lhe enviou o ouro e que tem direito a ficar com ele.

Mas afinal não quer o templo? perguntou Aurenna. Saban abanou a cabeça.

É Camaban que quer deslocar o templo. Lengar disse-me que não acreditava que fosse possível fazê-lo. Lengar quer poder. Quer governar numa grande terra e ter

centenas de pessoas a trazerem-lhe tributos. É Camaban e não Lengar quem sonha em trazer o deus à terra.172

Então Erek deve matar Lengar?

Quem me dera disse Saban energicamente.

Eu peço-lhe sugeriu delicadamente Aurenna.

Saban olhou para o rio. Era muito mais largo que o Mai; as águas escuras rodopiavam no local em que as marés do mar empurravam e puxavam a corrente.

Não estás aterrorizada? perguntou. Não quisera fazê-lo, mas a pergunta escapara-se-lhe.

Claro que sim respondeu Aurenna. Era a primeira vez que falavam do casamento e agora, também pela primeira vez, Saban via lágrimas nos olhos dela.

Não quero arder pelo deus disse em voz baixa para evitar que o lanceiro a ouvisse. Toda a gente me diz que é rápido! O fogo é tão grande, tão violento, que não há tempo de sentir outra coisa senão o abraço de Erek e depois ficarei abençoada. É o que me dizem os sacerdotes, mas por vezes desejava viver para assistir à devolução dos tesouros. Fez uma pausa, lançando a Saban um breve sorriso. Viver para ver os meus filhos.

Já alguma noiva do Sol ficou viva? perguntou Saban.

Uma, respondeu Aurenna. Saltou por cima das chamas e caiu no mar. Não se sabe como, mas não morreu e apareceu na praia perto do rochedo. Trouxeram-na para cima e lançaram-na para a fogueira. Foi uma morte muito lenta, pois nessa altura o lume já estava baixo. Estremeceu. Não tenho escolha, Saban. Tenho de saltar para dentro do fogo de Erek.

Podias... começou Saban.

Não! disse ela decidida, impedindo-o de continuar. Como posso não fazer o que Erek deseja? Que seria eu se fugisse? Franziu a testa a pensar. Desde que me lembro de ter começado a pensar por mim, tive a certeza que ia ser uma pessoa especial. Não seria importante ou rica, mas especial. Os deuses querem-me,

Saban, e eu tenho de querer o mesmo que eles. Por vezes atrevo-me a desejar que Erek me poupe para que eu possa fazer aqui na terra o seu trabalho, mas se me quiser a seu lado, então devo ser a pessoa mais feliz que já viveu.

Ele olhou para a rocha em que estavam sentados. Cintilava à luz da tarde, como se raios de luar tivessem ficado presos na pedra verde pálida, enquanto as manchas vermelhas davam a impressão de haver sangue aprisionado nela. Pensou em Derrewyn. Fazia-o muitas vezes e isso preocupava-o, pois não sabia como conciliar esses pensamentos com o desejo que sentia de Aurenna. Camaban dissera-lhe que Derrewyn estava grávida e ele perguntava a si mesmo se não teria já dado à luz. Gostaria de saber se ela se reconciliara com Lengar, se se lembrava do tempo com ele, antes da morte de Hengall.

Em que pensas? perguntou Aurenna.

Em nada respondeu Saban. Em nada.173

Na noite seguinte, Saban reuniu-se com os sacerdotes para irem ver até onde chegava a sombra da pedra no templo de Aurenna. Scathel cuspiu-lhe e em seguida inclinou-se para observar que faltavam ainda dois dedos para chegar à pedra central. Saban teve vontade de apanhar um maço para martelar a superfície do pilar, mas preferiu rezar, apercebendo-se ainda, enquanto implorava a Slaol, que as suas preces eram em vão. Procurou presságios, mas não encontrou nenhum que fosse bom. Viu um melro voando de asas abertas e pensou que fosse um bom augúrio, porém apareceu um falcão que fez saltar um tufo de penas e salpicos de sangue.

Faltava um ou dois dias para o Solstício e o Sol continuava a brilhar, embora os pescadores, colocando as suas oferendas de algas e peixe diante do santuário de Malkin, jurassem que o deus da tempestade estava agitado. Camaban subiu o monte, encontrou-o brilhante de erva-leiteira e orquídeas pintalgadas de carmesim e afirmou ter visto uma linha acastanhada no horizonte, a ocidente; porém, essa ameaça longínqua nem por sombras provocou um entusiasmo semelhante ao da chegada de cinco jovens que tinham feito parte do grupo de guerreiros que acompanhara Lengar a Ratharryn. Os cinco lanceiros tinham feito uma longa viagem, escondendo-se nos bosques, de modo a evitar tribos hostis, estavam fracos e cansados quando chegaram à aldeia.

Nessa noite Kereval ordenou uma festa de boas-vindas e, depois dos jovens

guerreiros terem comido, o povo da tribo reuniu-se para ouvir as notícias que traziam. Juntaram-se à entrada da grande cabana de Kereval, ao longo da cova que Scathel abrira para Saban; os homens da tribo acocoraram-se junto aos que iam contar a história e as mulheres ficaram mais atrás. Já conheciam o êxito de Lengar ao tomar Ratharryn ao pai, mas agora os cinco homens falavam de um ano de batalhas que tinham ocorrido nas terras altas entre Ratharryn e Cathallo. Disseram que as tropas de Ratharryn, reforçadas pelo bando guerreiro de Sarmennyn, infligiram uma série de derrotas a Cathallo. Oito homens de Sarmennyn morreram nas escaramuças, havendo mais dez feridos; havia baixas entre os homens de Ratharryn, mas as de Cathallo eram inúmeras.

A grande feiticeira morreu este Inverno explicou um dos guerreiros. E esse presságio fê-los esmorecer.

E Kital, o chefe deles? perguntou Saban.

Kital de Cathallo morreu respondeu o espadachim. Foi chacinado por Vakkal numa das batalhas. Os ouvintes batiam com os cabos das lanças no chão seco para mostrar o prazer que sentiam em saber que um herói de Sarmennyn tinha matado o chefe do inimigo.

O seu sucessor enviou-nos inúmeros presentes na esperança de paz.

Foram aceites? quis saber Kereval.

Em troca de uma aldeia chamada Maden.

Onde estão os presentes? perguntou Scathel.174

Metade deles foram guardados respondeu o guerreiro. Mais tarde serão trazidos para Sarmennyn.

Houve ainda maior contentamento com estas novidades, mas Scathel silenciou os sinais de aprovação e ergueu-se em toda a sua altura.

E o nosso ouro? perguntou aos cinco guerreiros. Lengar de Ratharryn mandou algum ouro convosco?

Não confessou o chefe dos jovens. Mas mostrou-no-lo.

Mostrou-vo-lo? Mas que bondade a sua! Scathel falava em tom irónico.

O sumo sacerdote honrara a festa vestindo uma ampla capa de lã com centenas de penas de gaivota presas nela, de modo que parecia abafado em branco e cinzento. Prendera o cabelo escorrido com uma fita de couro onde colocara mais penas, enquanto à volta do pescoço trazia um colar de pequenos ossos.

O ouro de Erek está em exposição em Ratharryn! exclamou com desprezo. Todo?

Esta última pergunta fora feita em tom zangado e provocara um silêncio expectante na multidão de ouvintes. Os cinco homens pareciam desconcertados.

Nem todo confessou o chefe pouco depois. Havia apenas três peças das maiores.

E algumas das mais pequenas tinham também desaparecido acrescentou outro guerreiro.

Desaparecido para aonde? perguntou Scathel em voz furiosa.

Antes de chegarmos respondeu o primeiro essas peças tinham sido entregues por Hengall.

Entregues a quem? perguntou Kereval chocado.

A Cathallo.

E quando derrotastes Cathallo rugiu Scathel não exigistes a devolução do ouro?

Afirmaram que o ouro desapareceu disse o jovem com ar infeliz.

Desapareceu? gritou Scathel. Desapareceu! Voltou-se para Kereval numa fúria cega. O chefe, dizia, tinha sido estupidamente crédulo. Acreditara nas promessas de Lengar, enquanto parte do precioso ouro tinha sido já espalhado como porcaria de passarinho. E quanto mais não seria desperdiçado? A multidão estava agora toda do lado de Scathel. Em breve Lengar sentir-se-á em segurança gritou Scathel. Obrigou o inimigo implorar a paz e logo deixará de precisar dos nossos homens! Vai matá-los e ficar com o ouro. Mas nós temo-lo! Apontou para Saban. Posso fazer Lengar de Ratharryn pedir misericórdia. Posso fazê-lo suar à noite, posso enchê-lo de dores, posso fazer bolhas saírem-lhe da pele, posso

cegá-lo! Primeiro um olho, depois o outro, depois as mãos, depois os pés e, por fim, antes de lhe tirar a vida, a virilidade. Pensais que Lengar não implorará às águias que nos tragam

o ouro, quando vir as feridas aparecer na sua carne podre? Os homens aclamaram este discurso, batendo com os cabos das lanças no solo. Kereval ergueu a mão para ordenar que se fizesse silêncio.

Lengar prometeu devolver-nos o tesouro? perguntou aos cinco guerreiros.

Disse que o trocaria pelo nosso templo respondeu o chefe.

Já escolheste o templo? perguntou Kereval a Camaban. Camaban pareceu surpreendido por ter sido chamado, como se não tivesse dado pela acalorada discussão.

Com certeza que hei-de encontrar um, disse com ar distraído.

Mas se o encontrares disse Scathel a Camaban em tom de escárnio e se o levares, o teu irmão devolve-nos o ouro?

Camaban acenou afirmativamente ao sumo sacerdote.

Concordou em fazê-lo.

Concordou disse Scathel. Concordou! Mas nunca nos disse que parte do nosso ouro já tinha desaparecido! Que mais nos esconderá? Que mais?

E com esta pergunta o sacerdote escanzelado baixou-se de súbito metendo a cabeça entre as mãos, de modo que o seu longo cabelo arrastava pelo chão. Gemeu durante algum tempo, aparentemente estrebuchando de dor e a multidão sustinha o fôlego, sabendo que ele estava a falar com Erek. Saban olhou ansiosamente para Camaban, perguntando a si próprio porque seria que o irmão não fazia uma exibição igual, mas este limitou-se a bocejar uma vez mais.

Scathel lançou a cabeça para trás e uivou ao céu claro da noite.

O uivo transformou-se num leve gemido e os olhos do sacerdote reviraram-se de modo que só se lhes via o branco.

O deus fala! dizia ofegante numa voz rouca. Fala!

Saban tentava afastar o terror, suspeitando, com razão, de qual seria a mensagem do deus. Olhou de novo para Camaban, mas este apanhara um gatinho vadio e catava-lhe despreocupadamente as pulgas do pêlo.

Precisamos de sangue! gritou Scathel e ao dizer estas palavras apontou para Saban. Segurem-no!

Uma dúzia de guerreiros competiu entre si para segurar Saban, que nem tivera tempo de se defender. Haragg tentou afastar alguns homens, mas foi deitado abaixo com o golpe do cabo de uma lança. Cagan rugiu e carregou em socorro do pai, de tal modo que foram precisos seis homens para aquietar o gigante mudo, segurando-o de barriga para baixo junto à cova. Saban debatia-se, mas os lanceiros prendiam-no com força, de encontro à parede da cabana de Kereval. Ignoraram os protestos do chefe, pois a notícia de que parte do ouro de Erek tinha desaparecido enchera-os de raiva.

O sumo sacerdote deixou cair a capa de penas de gaivota. Ficou nu.

Erek! gritou. Aquilo que fizer a este homem, faço-o ao seu irmão! Saban nada podia fazer senão ver Scathel caminhar para ele.176

Lia-se o triunfo no rosto do sacerdote, triunfo e emoção, de modo que Saban percebeu que Scathel tinha prazer naquela crueldade. Camaban ignorava o confronto, fazendo cócegas no pescoço do gatinho, enquanto Scathel pegava na lâmina de sílex pertencente a um dos sacerdotes.

Arranca o olho de Lengar! gritou Scathel ao deus, enquanto estendia a mão esquerda e agarrava uma madeixa de cabelo de Saban. Os lanceiros seguraram-no com mais força e Saban apenas se esforçava por voltar o rosto à aproximação da lâmina.

Não! gritou a voz de Aurenna.

A faca estremeceu como uma sombra enorme junto aos olhos de Saban.

Não! disse Aurenna de novo. Enquanto eu viver, não! Scathel fez um ruído sibilante e voltou-se para ela.

Enquanto eu viver, não repetiu calmamente. Atravessara a multidão e enfrentava Scathel com ousadia. Poisa a faca.

O que te é ele a ti? perguntou Scathel.

Conta-me histórias disse Aurenna. Olhava Scathel nos olhos e Saban, que pensava que o sacerdote era alto, via agora que a noiva do Sol ficava quase ao mesmo nível. Enfrentava-o no seu esplendor branco e dourado, de costas direitas e rosto calmo, como de costume. Quando for ter com o meu esposo disse ao sacerdote ele vos enviará um sinal acerca do ouro.

O rosto de Scathel contorceu-se. Estava a receber ordens de uma jovem, porém tratava-se de uma deusa, de modo que nada podia fazer, excepto obedecer; assim, inclinou a cabeça com dificuldade e afastou-se.

Metam-no na cova ordenou aos lanceiros. Mas Aurenna intercedeu de novo.

Não! disse. Ele ainda tem histórias para me contar.

Tem de ir para a cova! insistiu Scathel.

Não, até eu partir disse Aurenna e olhou Scathel nos olhos até ele ceder. Fez sinal aos lanceiros para soltarem os braços de Saban.

Na tarde seguinte o pilar do templo da noiva do Sol não tinha sombra, pois o céu a oeste encontrava-se cheio de nuvens. Porém, de todas as maneiras, os sacerdotes decidiram que era tempo.

Sairiam de madrugada para o Templo do Mar e ao fim da tarde lançariam Aurenna no fogo.

Naquela noite levantou-se um vento que se metia por entre o colmo e agitava as árvores. Saban estava estendido na sua pele, cheio de infelicidade e poderia jurar que não tinha dormido, todavia não vira nem ouvira Camaban escapar-se silenciosamente da cabana a meio da noite.

Camaban foi ao santuário *de* Malkin e aí orou ao deus do tempo. Orou durante muito tempo, enquanto o vento soprava por entre a paliçada da aldeia e salpicava de branco as pequenas ondas do rio. Inclinou-se diante do deus, beijando os pés negros do ídolo e voltou para a cabana de Haragg, onde se177

enrolou numa capa de pele de urso. Escutou o ressonar de Cagan, ouviu Saban gemer no sono e fechou os olhos, pensando no templo da montanha, o Templo

das Sombras: viu-o o transportado como que por magia até à colina verde perto de Ratharryn, viu o deus do Sol lá em cima, enorme e brilhante, abraçando tudo, e começou a chorar, pois sabia que poderia fazer feliz o mundo a menos que disso fosse impedido por alguns imbecis. E havia tantos! Mas depois, também ele adormeceu.

Saban foi o primeiro a acordar, de madrugada. Rastejou até à entrada da cabana e viu que o bom tempo tinha terminado. O vento agitava o cimo das árvores e as nuvens cinzento-escuras corriam sobre os montes.

Está a chover? perguntou Camaban.

Não.

Dormiste bem?

Não.

Eu sim afirmou Camaban. Toda a noite!

Saban não conseguia suportar a alegria do irmão, de modo que saiu para fora, onde a tribo recém-acordada se preparava para o dia e para a noite que tinha diante de si. Levariam sacas de comida e odres com água para o Templo do Mar, pois a cerimónia durava a maior parte do dia e quando a noiva partisse para as chamas iriam dançar à volta do templo até a fogueira arrefecer o suficiente para os ossos carbonizados de Aurenna serem retirados e desfeitos em pó.

Kereval, envolto numa capa de pele de castor e trazendo na mão uma enorme lança com uma cabeça de bronze polido, ordenou aos lanceiros que abrissem o porão da aldeia. Os guerreiros tinham pintado os rostos com ocre vermelho e atado os cabelos com tiras de pele. Naquele dia ninguém pescava. Quase toda a tribo iria para o Templo do Mar. O povo de todo Sarmennyn iria reunir-se para enviar a noiva do Sol na sua viagem. Haragg assistia aos preparativos e depois, incapaz de os suportar, voltou-se abruptamente.

Vem caçar comigo disse a Saban.

O teu irmão não me deixa disse Saban, apontando para os lanceiros que o vigiavam a mandado de Scathel.

Naquele dia Saban tornar-se-ia refém do sumo sacerdote. Perguntava a si próprio porque não teria fugido para oriente durante a noite, mas sabia que fora por causa de Aurenna. Amava-a e não era capaz de a deixar, mesmo que ficando, nada pudesse fazer em seu auxílio.

Haragg e Cagan atravessaram o rio num barco feito de um tronco e desapareceram por entre as árvores. Momentos depois, Scathel surgiu da cabana grande de Kereval. O sumo sacerdote trazia a sua capa de penas que se entufava e estremecia ao vento. Tinha o cabelo empastado de lama vermelha e um colar com dentes de monstro marinho à volta do pescoço. De um cinto pendiam-lhe duas facas embainhadas. Leckan, o segundo sacerdote mais velho,178

trazia uma capa curta feita *de* pele humana escurecida; os rostos de dois homens esfolados pendiam-lhe nas costas com os cabelos a arrastar pelo chão. Outro sacerdote trazia uma armação de veado na cabeça. Saíram da cabana a dançar e a tribo, que os esperava, começou a arrastar os pés de um lado para outro. Um tocador de tambor marcou o ritmo, que foi seguido pelo movimento dos pés, enquanto alguém começava a cantar. Camaban participou na dança. Vestia uma capa de pele de veado e pintara a cara com traços de fuligem. Scathel apontou para Saban.

Levem-no! ordenou e uma dúzia de guerreiros pintados de vermelho rodeou Saban com as suas lanças. Conduziram-no até à beira da cova, mas antes de o lançarem lá para dentro Aurenna apareceu.

Tinha o rosto pálido cansado e sombrio; um novo vestido de lã envolvia-lhe o corpo alto e o ouro substituto cintilava-lhe no peito e no pescoço. Trazia o cabelo penteado liso, mas o vento imediatamente o levantou enquanto se dirigia para os sacerdotes que dançavam. Não olhou para Saban, mantendo os olhos no chão e, depois, quando Scathel a chamou, voltou-se obediente na direcção da entrada. A multidão suspirava e os dançarinos avançaram para se juntar ao cortejo que a levaria ao Templo do Mar.

Scathel acenou aos lanceiros que guardavam Saban; dois deles puxaram-lhe a capa dos ombros, enquanto um terceiro lhe enfiava uma faca na túnica, rasgando-lha de alto a baixo, afastou depois a peça de vestuário deixando o rapaz nu.

Salta! ordenou o lanceiro.

Saban olhou uma última vez à sua volta. Camaban não olhara para ele e Aurenna tinha já saído o portão; depois, o lanceiro impaciente ameaçou-o e ele, resignado, saltou para a cova que lhe iria servir de prisão. Era funda, e o impacto tornou a queda dolorosa. Quando se levantou, viu que não chegava à beira da cova. O grande entrançado de ramos foi colocado sobre a sua prisão e apertado com pregos de madeira, que foram espetados na terra.

Depois só se ouvia o suspiro do vento e o som do tambor que se afastava à medida que a tribo saía da aldeia. Um dos dois lanceiros que tinham sido deixados de guarda a Saban atirou-lhe um odre de água pelo entrançado de ramos e foi-se embora, deixando-o enrolado num canto, abraçando os joelhos e com a cabeça encostada a um braço.

Aurenna morreria. E ele seria torturado, ficaria cego e aleijado. Porque o ouro fora para Ratharryn.

Em Ratharryn os sacerdotes tinham também determinado que aquele era o dia do Solstício, de modo que, à medida que o crepúsculo se aproximava, a tribo acendia as fogueiras e preparava-se para a dança do boi e para saltar as chamas. Derrewyn ignorava esse entusiasmo. Estava acocorada num canto da179

cabana de Lengar, escondida dos homens por uma cortina de couro. Estava nua. Lengar insistia que assim fosse, pois agradava-lhe humilhá-la e chamava-lhe a prostituta de Cathallo. Era esposa de Lengar, obrigada a casar com ele no templo de Slaol, mas nas últimas luas, qualquer dos amigos dele a podia mandar chamar e Derrewyn teria de ir ou arriscava-se a ser espancada. Tinha cicatrizes no rosto, nos ombros e nos braços, onde lhe tinham batido quando estavam embriagados. Jegar era o pior de todos, pois ela troçara dele. Troçava de todos e fora essa a sua maior defesa. Agora, acocorada e escondida pela cortina, ouvia os três homens falar enquanto sentia a criança mexer-se no seu ventre. Sabia que o filho era de Lengar e tinha a certeza de que seria um *rapaz.* Nasceria dentro de duas ou talvez três luas. Os homens tinham menos interesse nela, agora que estava grávida, mas mesmo assim insultavam-na. Porém nenhum deles detectara a raiva crescente que ardia dentro de si. Pensavam tê-la derrotado.

Os três homens que estavam na cabana, Lengar, Jegar e Vakkal, falavam de Cathallo. Vakkal era o chefe guerreiro de Sarmennyn que ajudara Lengar a tomar o poder; exibia agora cicatrizes azuis como os guerreiros de Ratharryn e falava a língua deles. Era outro dos que tinham autorização para mandar buscar

Derrewyn sempre que o desejasse, privilégio dos amigos de Lengar. Ouvia-o declarar que Cathallo estava pronta a ser derrotada. A tribo nunca recuperara da morte de Sannas e com ela fora-se a feitiçaria que Lengar acreditava ter mantido a aldeia em segurança. Assim, no fim do Verão, dizia Lengar, Ratharryn atacaria de novo Cathallo, só que desta vez queimariam a aldeia do inimigo. Deitariam abaixo o grande templo, nivelariam o Monte Sagrado e urinariam no túmulo dos seus antepassados.

Ouviste, prostituta? gritou Jegar. Derrewyn não respondeu. A prostituta está amuada continuou, e Derrewyn ouviu-lhe a voz arrastada e ficou a saber que ele estava a beber o licor dos Fronteiriços.

Naquela noite, dizia Vakkal, queimariam a noiva do Sol em Sarmennyn.

Talvez devêssemos queimar Derrewyn sugeriu Jegar.

Slaol não a quereria afirmou Lengar. Se mandássemos uma prostituta, Slaol voltava-nos as costas.

Também não nos vai agradecer se esta noite não virmos o pôr do Sol disse Vakkal.

As fogueiras já ardiam nos campos de Ratharryn e os homens-boi esperavam para dançar por entre os postes de madeira do templo de Slaol.

Temos de ir disse Lengar. Tu, prostituta, ficas aqui! gritou para trás da cortina, para Derrewyn, deixando um dos seus jovens guerreiros na cabana para guardar os tesouros escondidos por baixo do chão e sob montanhas de preciosas peles. Se a prostituta te der que fazer, bate-lhe disse Lengar ao jovem lanceiro.

O lanceiro instalou-se junto do lume. Era muito jovem embora possuísse já duas cicatrizes azuis, que representavam dois guerreiros de Cathallo que180

dizimara numa batalha nos montes acima de Maden. Como a maior parte dos jovens da tribo, admirava Lengar, pois o novo chefe tornara temidos os lanceiros de Ratharryn e ricos os seus apoiantes. O jovem sonhava possuir muito gado e esposas. Sonhava com uma grande cabana só para si e cânticos heróicos acerca dos seus feitos.

Um som fê-lo voltar a cabeça e viu Derrewyn aparecer detrás da cortina. Estava

de joelhos e quando o guerreiro olhou para ela, inclinou a cabeça com ar submisso. Tinha penteado o longo cabelo e pendurado ao pescoço um pendente de âmbar, mas de resto estava nua. Mantinha os olhos baixos e gemia, avançando de joelhos. O lanceiro olhou instintivamente para a porta a ver se alguém estava a olhar, mas não havia vivalma. Apenas os velhos e os doentes tinham ficado em Ratharryn; o resto do povo estava no templo de Slaol, onde os homens-boi cobriam as raparigas em honra do deus do Sol.

O lanceiro viu Derrewyn aproximar-se. O fogo empalidecia as sombras dos seus pequenos seios e iluminava-lhe o ventre inchado. Depois olhou para ela com uma intensa tristeza nos seus grandes olhos. Gemeu de um modo que inspirava piedade, depois avançou para o calor da fogueira. O guerreiro franziu a testa.

Tens de voltar para trás disse nervoso.

Abraça-me implorou ela. Sinto-me só. Abraça-me.

Tens de voltar para trás! insistiu ele. Receava que o ventre inchado e luzidio rebentasse se usasse a força para a fazer recuar para dentro da cabana.

Abraça-me repetiu ela, afastando a lança e passando-lhe o braço esquerdo pelo pescoço. Por favor, abraça-me.

Não disse ele. Não. Porém estava demasiado assustado para a empurrar de maneira que a deixou puxar a cabeça para junto da sua. Sentiu-lhe o cheiro do cabelo. Tens de voltar para trás.

Derrewyn meteu a mão entre as coxas onde escondera a faca de bronze, de lâmina curta e erguendo-a, enfiou-lha no ventre; os olhos do lanceiro abriram-se muito, ofegou enquanto ela lhe girava a faca nas entranhas, fazendo-a subir pela cinta de músculos sob os pulmões até ao emaranhado de canais junto ao coração, e fê-lo de tal forma que sentiu o jorro quente do sangue correr-lhe sobre o pulso e as coxas. Ele tentava afastá-la, mas perdera as forças. Derrewyn ouviu-lhe o gorgolejar na garganta e viu os olhos do rapaz tornarem-se sombrios. Sentiu então a sua primeira alegria desde o regresso de Lengar, era como se tivesse sido percorrida pelo espírito irrequieto de Sannas; a ideia fê-la ficar muito quieta, mas quando o peso do morto caiu sobre ela, soltou a faca ensanguentada e empurrou-o para o lado, de modo a que a cabeça lhe caísse dentro da fogueira. O cabelo gorduroso, pois tinha passado nele as mãos depois de comer, estalava e rebrilhava na penumbra.

Derrewyn atravessava agora a cabana. Dirigiu-se ao monte de peles que servia de cama a Lengar, afastou-as para o lado e começou a escavar o solo181

com a lâmina suja de sangue. Abriu o solo, revolvendo-o até que a faca bateu no couro. Depois afastou a terra e ergueu a bolsa à luz da fogueira.

Lá dentro estava um dos losangos grandes de Sarmennyn e dois dos mais pequenos. Tivera esperanças de que todo o ouro ali estivesse, mas Lengar devia ter dividido o tesouro e escondido as outras peças noutro local da cabana. Por momentos pensou em destruí-la, revolvendo as peles e escavando a terra, mas com certeza que aquelas três peças seriam suficientes.

Vestiu uma túnica de Lengar, enfiou uns sapatos de couro nos pés e tirou a preciosa espada de bronze do marido, que estava pendurada num dos postes da cabana. Pegou na bolsa com as três peças de ouro e dirigiu-se à porta, onde se deteve. Ainda não estava completamente escuro, mas não via ninguém, de modo que agarrou as dobras da túnica e meteu a cabeça por baixo do lintel.

Havia lanceiros a guardar os dois caminhos que atravessavam a grande barreira de Ratharryn, pelo que Derrewyn correu para o fosso que ficava a meio caminho das entradas. Como chovera nesse Verão, o fundo estava lamacento; atravessou-o a chapinhar e depois trepou a grande barreira, caminhando lentamente, de forma a misturar-se com as sombras e, ou os guardas das entradas não viram Derrewyn, ou naquela noite Lahanna olhava por ela, pois chegou ao cimo sem que dessem por ela. Aí deteve-se um momento, voltando-se para ver o Sol brilhar por uma fenda entre as nuvens que obscureciam todo o horizonte a sudoeste. A tribo dançava em volta dos postes do templo, enquanto ao longe, nas terras mais altas, o novo Templo do Céu estava mais uma vez deserto.

Voltou-se para o Sol, proferindo um ruído sibilante como o de um gato. Lengar adorava Slaol, de modo que Slaol era inimigo de Derrewyn; encolheu-se por entre as caveiras que encimavam a barreira e cuspiu para o Sol que transformara as nuvens arroxeadas em vermelho e ouro. Depois, instantaneamente, o brilho desapareceu.

Derrewyn desapareceu com ele. Deslizou pela barreira exterior, através das árvores escuras, até chegar ao rio, onde voltou para norte e quando passou pela ilha onde pela primeira vez se deitara com Saban, lembrou-se dele, mas não havia vestígios de afecto naquela recordação. O afecto abandonara-a, juntamente

com a bondade, o riso e a piedade, arrastados pelas lágrimas. Transformara-se na prostituta de Cathallo e agora trataria da vingança da sua tribo.

Dirigiu-se para norte enquanto caía a curta noite do Solstício.

Mais tarde, muito mais tarde, ouviu cães a ladrar atrás dela, mas metera-se no rio e os cães não podem seguir um espírito pela água, e assim Derrewyn sabia que estava livre. Tinha ainda de passar pelos lanceiros da guarnição de Maden e de atravessar os pântanos, mas sentia-se confiante, pois Lahanna brilhava sobre ela e tinha na mão parte do precioso poder do Sol para oferecer à deusa.

Fugira, carregava o filho de Lengar e agora faria a guerra.182

Em Sarmennyn começara a chover à tarde. Levantara-se vento, a chuva era mais forte e debaixo do entrançado de ramos Saban via que o Sol estava agora de um cinzento turbulento com algumas nuvens negras. O vento agitava o colmo das cabanas e a chuva começava a inundar a cova.

Quando soou o primeiro trovão, Saban lançou a cabeça para trás e gritou ao seu deus, depois escavou os lados encharcados até conseguir soltar uma pedra aguçada que utilizou para fazer um degrau no solo. Arrancou um segundo degrau, depois um terceiro e tentou subi-los, mas os pés nus escorregavam na terra molhada e caía constantemente na água cada vez mais alta.

Soluçou, frustrado, pegou de novo na pedra e tentou aumentar os degraus. A água subira-lhe já até aos tornozelos. A chuva fustigava o entrançado de ramos e pingava-lhe no rosto, o vento fazia um ruído constante e tão alto, que não ouviu quando o entrançado foi retirado do cimo da cova. Só se apercebeu que ia ser salvo quando viu que alguém lhe baixava uma capa encharcada e a voz de Haragg lhe gritou que a agarrasse.

Saban viu Haragg e Cagan na penumbra, por cima de si. Agarrou-se à capa e Cagan puxou-o como se fosse uma criança, balançando-o para o tirar da cova e fazendo-o cair na relva. Ali ficou, encharcado e a tremer, olhando para as nuvens de tempestade vindas do mar para assolar e castigar a costa. As árvores vergavam-se ao vento uivante, enquanto dos telhados das casas voavam braçadas de colmo que eram lançadas para o outro lado do rio. Não havia sinais dos homens deixados de guarda a Saban.

Temos de ir disse Haragg, erguendo Saban da relva, mas este recusou a mão do

amigo. Dirigiu-se à cabana de Kereval *e* afastou a cortina, quase esperando encontrar aí os guardas; mas a cabana estava vazia, de modo que se enxugou rolando sobre uma pele enorme e vestiu uma túnica de pele de veado.

Haragg seguira-o até à cabana.

Temos de ir repetiu.

Ir aonde?

Para longe. Aqui só há loucura. Temos de te afastar de Scathel.

É a loucura de Erek disse Saban, servindo-se de umas botas e de uma capa, bem como de uma das espadas de lâmina de bronze pertencentes a Kereval. Temos de ir ao Templo do Mar disse a Haragg.

Para a ver morrer? perguntou Haragg.

Para ver que sinal Erek envia respondeu Saban e empurrou a cortina de couro, olhando para a chuva torrencial. Um dos lanceiros estava agora no centro da aldeia, espreitando para a cova vazia. Quando se voltou para chamar o companheiro, viu Saban e correu para ele de arma em riste.

Tens de voltar para a cova! gritou, mas as suas palavras perderam-se na fúria do vento.

Saban ergueu a lança. O guarda abanou a cabeça, como que para indicar que não tinha intenção de apunhalar Saban, mas que queria simplesmente que183

ele entrasse de livre vontade na cova de Scathel. Porém, enquanto o guarda investia para o evitar, Saban dirigiu-se para entrada, acabando por lhe derrubar a lança. Sentiu-se de súbito vencido por todas as frustrações das últimas semanas, pela impotência de ter de ver Aurenna dirigir-se placidamente para a morte, e isto fê-lo erguer a lança contra o guarda como se fosse um machado de modo a atingi-lo no rosto. O sangue jorrou e foi espalhado pelo vento como um aguaceiro vermelho. Saban, gritando de fúria, mergulhou a lança no ventre do homem fazendo-o cair na lama, calcando-o depois com a bota para soltar a arma.

Depois fugiu, seguido de Haragg e Cagan.

Saban não fugia com medo do espírito do moribundo, mas porque o longo dia estava a terminar, apesar da escuridão ser aparentemente provocada pela tempestade e não pelo pôr de Sol. Parecia-lhe que aquela tempestade era semelhante à que trouxera o ouro para Ratharryn, a tempestade que causara a guerra entre os deuses. Saban vacilava empurrado pelas rajadas de vento. A capa quase lhe fora arrancada e batia-lhe nos ombros como a monstruosa asa de um morcego; desfez o nó dos atilhos e viu a cobertura de couro afastar-se através de uma terra cheia de água. Avançou à chuva, quase cego e surdo devido ao vento.

Chegou aos montes sobranceiros ao mar e olhou espantado para o oceano, que tentava desfazer a terra em bocados. As vagas eram irregulares, esbranquiçadas e da altura de montanhas, a rebentação batia nas rochas, saltando a seguir até às nuvens negras, antes de voar para terra, impelida pelo vento. Saban prosseguia com a cabeça baixa, mordido pelo sal castigado pelo vento; o céu parecia mais escuro que nunca. Haragg e Cagan acompanhavam-no. Certamente naquele dia Slaol não seria visto e Saban pensou que, talvez, nunca mais o pudessem observar. Talvez fosse o fim do mundo; a ideia fê-lo gritar.

Um golpe de luz percorreu o mar, tornando o mundo preto e branco, depois soou o ribombar do trovão *e* Saban gemeu, temendo os deuses. Subia uma pequena colina *e* ao chegar ao cume, a luz rasgou de novo o céu, permitindo-lhe ver lá em baixo o Templo do Mar. Ao princípio pensou que estava deserto, mas depois divisou a multidão que se espalhara pelos campos, em busca de abrigo junto às pedras caídas. Apenas alguns homens se encontravam no interior do círculo e a sua presença chamou a atenção de Saban. Haragg e Cagan ficaram no cimo do monte, ao abrigo dos blocos de pedra.

Um mar enorme quebrava-se, indiferente, na base do rochedo, enquanto a espuma se erguia até acima, molhando as pedras do templo. No rebordo onde deveria ter sido acesa a enorme fogueira, apenas se divisavam rolos de vapor ou fumo. Os sacerdotes e os lanceiros acocoravam-se dentro do anel de pedra e, ao aproximar-se a correr, Saban viu que o vestido branco de Aurenna se encontrava entre eles.184

Ainda estava viva.

Os lanceiros transportavam lenha para a beira do rochedo, atirando a madeira molhada para dentro da fogueira. Scathel gritava, as penas arrancadas das vestes pela fúria do vento e, se deu pela chegada de Saban, não reagiu. Kereval parecia

aborrecido, receoso daquele presságio.

Camaban viu Saban e foi nessa altura que realizou os rituais. Arrastou Aurenna para o princípio da avenida que conduzia à fogueira, retirou a faca do cinto e cortou as peças de ouro que Kereval trouxera em substituição dos tesouros perdidos de Erek. Aurenna parecia estar em transe. Scathel caminhou contra o vento, para protestar com Camaban, mas este respondeu-lhe aos gritos e foi Scathel que recuou, enquanto Saban chegava junto ao irmão.

Tem de ir para a fogueira! gritou Camaban.

Não há fogueira!

Tem de ir para a fogueira, imbecil! gritou Camaban, agarrando na gola do vestido branco e encharcado de Aurenna, rasgando-o de alto abaixo com a faca.

Saban agarrou no braço do irmão para *o* deter, mas Camaban afastou-o.

É assim que se faz! gritou Camaban, sobre a fúria da ventania. E tem de ser feito devidamente! Não percebes? Tem de ser feito devidamente!

De súbito, Saban entendeu. Aurenna tinha de cumprir o seu dever e encaminhar-se para a fogueira; se não houvesse lume, a culpa não era sua. Saban afastou-se então para ver o irmão abrir o vestido de Aurenna. A pesada lã batia violentamente ao vento enquanto era cortada e Camaban puxou o vestido com força, até este cair aos pés da jovem, deixando-a nua.

Assim tinha de ser, porque era nua que uma noiva ia ter com o seu esposo e chegara a altura de Aurenna se reunir com Slaol. Camaban gritava-lhe: ”Caminha! Caminha!” E Aurenna assim fazia, embora com dificuldade, pois os elementos lutavam contra o seu corpo esguio; mesmo assim, como que em transe, esforçou-se por avançar, seguida de perto por Camaban, que a incentivava, enquanto os sacerdotes, horrorizados, observavam a cena do anel de pedra do templo.

Algum fumo ou vapor subia ainda do cimo do rochedo para se transformar em nada. Saban caminhava paralelamente a Aurenna, mas fora das pedras que marcavam a avenida sagrada, sentindo que o vento parecia ainda mais violento quando se aproximaram da beira. Os pés dela escorregavam na turfa molhada e o seu cabelo encharcado esvoaçava, mas mesmo assim curvava-se obediente,

enfrentando a tempestade.

Continua! gritava-lhe Camaban. Continua!

Saban viu que na beira do rochedo havia ainda restos de lume sobre a madeira. A pilha de lenha era enorme, devendo ter sido acesa ao meio-dia e alimentada com qualquer combustível, de modo a que o calor fosse muito intenso; todavia, o vento, os salpicos e a chuva tinham-no diminuído, vencido185

e reduzido a troncos molhados e enegrecidos, embora no meio, lá muito fundo, algumas brasas lutassem ainda contra a tempestade.

Pronto! gritou Camaban exultante. Pronto!

Saban e Aurenna ergueram ambos a cabeça e viram que o horizonte a sudoeste não estava totalmente negro, havendo no céu uma pequena ferida vermelha. Ali estava o deus do Sol. Vigiava e o seu sangue aparecia por entre as nuvens.

Agora salta! gritou Camaban a Aurenna. O martelar de um trovão ensurdeceu o mundo. Os relâmpagos percorriam os rochedos. Salta! gritou de novo Camaban e Aurenna gritou assustada ou talvez triunfante, enquanto saltava da beira do rochedo, para cair sobre os restos da fogueira encharcados pela chuva e pela água do mar. Vacilou ao cair, desequilibrando-se com o vento e por causa dos carvões que rangiam debaixo dos seus pés; depois caiu sobre o rochedo, Saban viu um último penacho de fumo e de repente já não havia fogo. Aurenna fizera o que lhe era devido, mas o deus rejeitara-a.

Saban saltou para o parapeito. Despiu a sua túnica e enfiou-a pela cabeça de Aurenna. Esta parecia incapaz de erguer os braços, de modo que ele puxou o pano para lhe abrigar o corpo da chuva. Foi então que ela olhou para ele e ele rodeou-a com os seus braços nus, apertando-a contra si; depois ela, exausta, soluçou-lhe no ombro sobre o mar tempestuoso.

Mas estava viva. Tinha feito o que lhe era devido e a desgraça chegara a Sarmennyn.

A tempestade começou a perder força. O mar ainda batia nos rochedos desfeito em espuma na penumbra do ar, mas o temporal reduzira-se a algumas rajadas e a chuva caía mais calmamente.

Saban ajudou Aurenna a erguer-se no cimo do rochedo. Esta tinha metido os braços nas mangas da túnica e agora agarrava-se a ele como que num sonho.

Ela entrou na fogueira! gritava Camaban aos sacerdotes. Haragg descera do monte e juntou a sua voz à de Camaban.

Entrou!

Kereval parecia desgostoso. Acreditava-se que o destino da noiva do Sol previsse a sorte da tribo no ano seguinte *e* nunca ninguém vira uma noiva entrar na fogueira e de lá sair.

Scathel gritava agonizante e, na sua fúria, pegou na lança de um dos guerreiros e avançou para Camaban.

Foste tu! vociferou. Foste tu! Trouxeste a tempestade! Viram-te no santuário de Malkin ontem à noite! Trouxeste a tempestade! Nessa altura, uma dezena de guerreiros juntou-se ao sumo sacerdote, avançando para Camaban com a morte estampada nos rostos.186

Saban tinha largado a lança para ajudar Aurenna, que agora se agarrava a ele; assim nada podia fazer para salvar o irmão. Porém, Camaban não precisava de ajuda.

Limitou-se a erguer uma mão.

Nela tinha um losango dourado. O maior, que viera da cabana de Sannas.

Scathel deteve-se. Olhou para a peça de ouro e em seguida ergueu a mão para imobilizar os lanceiros.

Queres que atire o tesouro ao mar? perguntou Camaban. Abriu a outra mão para mostrar onze pequenos losangos. Não me importo! riu-se de súbito, como se estivesse louco. O que *é* para mim o ouro de Erek? O que é para ti? perguntou num guincho. Tu deixaste-o ir, Scathel! Nem conseguiste guardar os teus tesouros! Deixa-os ir outra vez! Devolve-os ao mar. Voltou-se, fingindo que os ia atirar ao vento, agora mais fraco.

Não! implorou Scathel. Camaban voltou-se.

Porque não? Perdeste-o, Scathel! Tu, miserável estrume de lagarto, perdeste o ouro de Erek! Eu consegui trazer parte dele. Ergueu as peças de ouro, bem alto no ar. Sou um feiticeiro, Scathel de Sarmennyn disse em voz forte. Sou um feiticeiro e tu és terra debaixo dos meus pés. Fiz os espíritos do ar e do vento viajarem a Cathallo para trazerem o ouro, o ouro que veio ter a Sarmennyn, apesar de teres quebrado o acordo feito com o meu irmão. Tu, Scathel de Sarmennyn, desafiaste Erek! Ele quer que levem o seu templo e lhe restaurem a glória, e afinal, o que faz Scathel de Sarmennyn? Intromete-se no caminho do deus, babando-se como um porco capado diante de um veado. Opuseste-te a Erek! Porque hei-de dar-te o ouro que Erek te tirou? Vai para o mar.

Ergueu-se sobre o rochedo, sobre a fogueira apagada e ameaçou de novo atirar o ouro para a espuma das ondas.

Não! gritou Scathel. Olhava para o ouro como para o próprio Erek. Corriam-lhe as lágrimas pelo rosto magro, onde havia também um olhar de puro espanto. Caiu de joelhos. Não, por favor! implorou a Camaban.

Levas o templo para Ratharryn? perguntou Camaban.

Levo o templo para Ratharryn respondeu humildemente Scathel, ainda ajoelhado.

Camaban apontou para norte.

Na tua loucura, Scathel, construíste nas montanhas um duplo anel de pedra. É esse templo que eu quero.

Então tê-lo-ás afirmou Scathel.

Garantes-me? perguntou Camaban a Kereval.

Garanto confirmou este.

Camaban continuava a segurar bem alto o losango de ouro.

Erek rejeitou a noiva porque tu rejeitaste a sua ambição! Erek quer o seu templo em Ratharryn! O povo saíra dos abrigos e ouvia Camaban, alto187

e terrível na beira do rochedo escuro, enquanto o vento lhe fazia esvoaçar o

cabelo e entrechocar os ossos presos às pontas. Nada é feito *em* troca de nada gritou. A perda do teu ouro foi uma tragédia, mas uma tragédia com um significado, e qual é ele? É que Erek quer aumentar o seu poder! Vai espalhar a sua luz até ao centro da terra! Vai reclamar a noiva que lhe convém, a própria terra! Vai-nos trazer vida e felicidade, mas apenas se fizerdes o que ele deseja. Levai este templo para Ratharryn e sereis todos como deuses. Caiu exausto. Sereis como deuses... repetiu.

Obrigado por a teres salvado disse Saban com um braço sobre Aurenna.

Não sejas absurdo respondeu-lhe Camaban cansado. Depois avançou e ajoelhou diante de Scathel. Pousou o ouro, as doze peças, na erva entre eles e os dois homens abraçaram-se como se fossem irmãos que se reencontrassem após uma longa ausência. Choraram ambos, jurando cumprir o pedido do deus do Sol.

Assim, Aurenna sobreviveu, Camaban vencera. E Ratharryn teria o seu templo.SCATHEL NÃO SABIA O QUE FAZER COM AURENNA: PERCORRERA O CAMINHO PARA a fogueira e sobrevivera, coisa que nenhuma outra noiva alguma vez fizera. O seu primeiro instinto tinha sido matá-la, mas Kereval queria tomá-la como sua própria noiva, porém Camaban, cuja autoridade era agora praticamente impossível de desafiar em Sarmennyn, decidira libertá-la.

Erek permitiu-lhe que vivesse disse à tribo, o que significa que deve querer usá-la. Se a matarmos ou a forçarmos a um casamento, estamos *a* desafiá-lo.

Assim, Aurenna dirigiu-se para norte, para onde vivia o seu povo e aí ficou durante o Inverno, mas na Primavera voltou para sul, trazendo consigo dois dos seus irmãos.

Os três desceram o rio num barco feito de ramos de salgueiro e coberto de peles. Aurenna estava vestida com peles de veado e tinha o cabelo dourado atado na nuca. Chegou à aldeia de Kereval ao fim da tarde, com o brilho do ocaso no rosto, e passou pelas cabanas vendo o povo afastar-se receoso. Havia quem acreditasse que ainda era uma deusa, no entanto outros pensavam que a rejeição de Erek a transformara num espírito maligno; todos lhe temiam o poder.

Inclinou-se para entrar na cabana de Haragg. Saban estava sozinho lá dentro, afiando bocados de sílex para os transformar em setas. Gostava daquele trabalho, sentindo-se satisfeito ao ver as lascas saírem de toscos bocados de pedra; quando

reparou que a luz que lhe iluminava o trabalho fora obstruída, levantou os olhos irritado, sem reconhecer Aurenna, que era apenas uma forma contra a luminosidade vinda do exterior.

Haragg não está informou.

Vim ver-te respondeu Aurenna, e só nessa altura Saban a reconheceu; sentiu o coração tão agitado, que nem conseguia falar. Sonhara voltar a vê-la, mas temia que tal nunca acontecesse; agora ela voltara. Curvara-se para entrar na cabana, sentando-se em frente dele, enquanto os dois irmãos se acocoravam fora da porta.

Orei a Erek, que me disse para te ajudar a transportar o templo disse em tom grave. É esse o meu destino.189

O teu destino? Transportar pedras? Saban quase sorria.

Para estar contigo disse Aurenna, olhando-o ansiosa, como se ele pudesse recusar a sua ajuda.

Saban não sabia o que dizer.

Para estares comigo? disse nervosamente, perguntando a si próprio o que quereria ela dizer exactamente.

Se me quiseres, disse, corando, embora a cabana estivesse na penumbra e Saban não o pudesse notar. Orei a Erek durante todo o Inverno continuou Aurenna em voz baixa. Perguntei-lhe porque não me tinha levado. Teria vergonha da minha família? Falei com o nosso sacerdote e este deu-me a beber um líquido que me fez sonhar um sonho estranho: Erek disse-me que eu seria a mãe do guardião do seu novo templo em Ratharryn.

Serias a mãe? perguntou Saban sem se atrever a acreditar naquilo que ela tão calmamente lhe propunha.

Se tu me quiseres disse ela humildemente.

Não tenho sonhado com outra coisa confessou Saban. Aurenna sorriu.

Ainda bem. Então fico contigo e os meus irmãos podem transportar as pedras.

Explicou-lhe que os irmãos, Caddan e Makin, estavam habituados a trazer enormes blocos de pedra do cimo para o sopé das montanhas, onde o resto da família os partia para fazer cabeças de machado.

Ouvi dizer continuou com sinceridade que achas difícil o trabalho de deslocar as pedras.

Não era Saban, mas sim Haragg, quem achava a tarefa penosa, pois Kereval encarregara o comerciante de transportar o templo e aquele homem enorme parecia perplexo com os problemas. Passara todo o Verão e Outono anteriores a viajar entre o templo de Scathel e a aldeia do chefe, não tendo ainda decidido como deslocar as pedras ou mesmo se afinal poderiam ser transportadas. Estava preocupado, escutava as sugestões e depois caía na indecisão. Lewydd e Saban estavam certos do modo a utilizar, mas Haragg sentia-se nervoso em aceitar os seus conselhos.

Pode fazer-se dizia agora Saban a Aurenna, mas só quando Haragg decidir confiar em mim e em Lewydd.

Vou dizer-lhe que confie em ti afirmou Aurenna. Vou contar-lhe o meu sonho e ele obedecerá ao deus.

A volta de Aurenna agitou os sacerdotes, que temiam que o poder dela rivalizasse com o seu. Assim, Saban fez-lhe uma cabana na outra margem do rio, mais perto do mar, para onde foi viver com ela. Vinha gente de toda Sarmennyn e até de terras junto aos limites do povoado, só para serem tocados por ela. Os pescadores traziam os barcos para serem abençoados e as mulheres estéreis para que lhes conferisse o dom de terem filhos. Aurenna negava190

os seus poderes, mas mesmo assim continuavam a vir, alguns dos quais até construíam as suas cabanas perto da dela a ponto de o local passar a ser conhecido pela aldeia de Aurenna. Lewydd, o lanceiro que era filho de pescador, veio também viver para ali, trazendo a esposa. Os irmãos de Aurenna fizeram as suas casas junto à dele e também tomaram esposas. Haragg e Cagan chegaram também e o comerciante inclinou-se diante de Aurenna, aliviado quando ela o informou que Erek tinha decretado que seriam Saban *e* Lewydd a transportar as pedras do templo.

Os meus irmãos descerão as pedras das montanhas, Saban construirá os barcos e Lewydd levá-los-á para Ratharryn disse a Haragg.

Este aceitou a palavra da jovem, juntando-se em seguida a Camaban, que viajava por toda Sarmennyn contando a sua visão, já que necessitaria da ajuda de toda a tribo para deslocar as pedras e o povo teria de ser convencido. Dizia ele que no princípio dos tempos os deuses tinham dançado todos juntos e o povo da Terra vivera feliz na sua sombra; mas homens e mulheres tinham começado a amar as deusas da Lua e da Terra mais do que ao próprio Erek e assim, este havia interrompido a dança. Porém, se conseguisse trazer de volta o deus do Sol, a antiga alegria seria restaurada. O Inverno terminaria, acabariam as doenças e mais nenhum órfão ficaria a chorar na escuridão. Haragg pregava o mesmo e as promessas eram recebidas com espanto e esperança. Apenas num ano, a oposição desconfiada quanto ao transporte do templo fora transformada num apoio entusiástico.

Uma coisa era convencer o povo de Kereval a deslocar as pedras, outra era ter a certeza de que Lengar aceitaria o templo, de modo que Scathel, agora fiel aliado de Camaban, foi a Ratharryn na Primavera.

Diz a Lengar que o templo que lhe vamos enviar é um santuário da guerra foram as instruções dadas por Camaban ao sumo sacerdote.

Mas não é! protestou Scathel.

Mas se ele acreditar que é um templo da guerra, ficará desejoso de o receber explicou pacientemente Camaban. Diz-lhe que se trocar o ouro pelas pedras conferirá invencibilidade aos seus lanceiros. Diz-lhe que se tornará o maior guerreiro de todo o mundo. Diz-lhe que cânticos às suas proezas serão entoados por muitos anos.

Assim, Scathel foi dizer estas mentiras a Lengar e este ficou tão impressionado pelo sacerdote alto e escanzelado, bem como pelas suas promessas de invencibilidade que lhe entregou de facto mais meia dúzia de pequenos losangos, embora nada dissesse acerca dos que Derrewyn roubara.

Quando Scathel voltou de Ratharryn trouxe consigo Mereth, filho de Galeth para ajudar Saban. Mereth era um ano mais novo que o primo e herdara a força e a sabedoria do pai. Sabia trabalhar a madeira, erguer pedras, levantar um poste de templo e partir sílex. Fazia todas estas coisas com destreza, velocidade e arte. Tal como o pai, tinha mãos enormes e um coração191

generoso, embora ao chegar a Sarmennyn viesse com ele pesado por trazer a

notícia de que a mãe de Saban tinha morrido.

Saban chorou por ela, enquanto escutava a descrição de Mereth de como tinham levado o corpo para a casa dos mortos.

Partimos-lhe vasos no templo de Lahanna disse Mereth. Lengar quer deitar abaixo esse santuário.

Quer destruir o templo de Lahanna? perguntou Saban, estupefacto.

Cathallo adora Lahanna, de modo que Ratharryn já não tem permissão para o fazer explicou Mereth, acrescentando que Derrewyn tinha reorganizado o povo dessa aldeia.

Também aquilo era novidade para Saban. Derrewyn fugira para Cathallo levando um filho no ventre. Saban insistiu com Mereth para lhe contar todos os pormenores que pudesse revelar, embora este pouco mais soubesse do que o que já tinha dito. Saban sentiu um prazer feroz naquela notícia, o que por sua vez o fez sentir culpado em relação a Aurenna.

Derrewyn já terá tido o bebé? perguntou.

Não sei de nada disse Mereth.

Mereth e Saban construíram trenós e barcos, enquanto Caddan e Makin, irmãos de Aurenna, foram às montanhas para deslocar do vale as pedras do templo de Scathel. Usaram os trenós, cada um deles com duas vezes a altura de um homem *e* metade da sua largura, feitos com dois fortes patins de carvalho separados por toros de madeira. Nesse primeiro ano, Saban construiu uma dúzia de trenós e Lewydd transportou-os rio acima, desde a aldeia de Aurenna, num barco com dois cascos unidos por traves de madeira. O rio serpenteava pelos bosques depois da aldeia de Kereval, entrando numa região mais erma, onde as árvores eram raras e torcidas pelo vento, voltando depois para norte, até se tornar muito baixo para o barco de Lewydd, mas nessa altura passava já à sombra da montanha onde o templo se encontrava.

Os irmãos de Aurenna precisavam de dezenas de homens para deslocar as pedras, mas o povo de Sarmennyn fora inspirado por Camaban e Haragg *e* não havia falta de ajudantes. As mulheres entoavam cânticos enquanto os homens arrastavam os trenós montanha acima. As primeiras pedras do templo foram

soltas das suas bases e colocadas nos trenós. Os irmãos de Aurenna começaram com as mais pequenas, que podiam ser erguidas por apenas uma dúzia de homens e cabiam duas num só trenó. Esses doze homens arrastaram o primeiro pela beira do vale, de onde começou a escorregar, sendo então necessários trinta não para o puxar, mas para o impedir de deslizar livremente pela encosta íngreme. Levaram um dia inteiro para conduzir as primeiras duas pedras até lá abaixo e outro para arrastar o trenó do sopé da montanha até à margem do rio. Levariam dois anos para fazer descer todo o templo e, durante todo esse tempo, apenas perderam o controle de um dos trenós, que deslizou monte abaixo com enorme ruído, voltou-se e partiu-se, de modo que o pilar192

se estilhaçou em milhares de bocados. As pedras maiores, que precisavam de trinta ou quarenta homens para ser erguidas, estavam acondicionadas nos seus trenós junto ao rio, enquanto os pilares mais pequenos, que podiam ser manobrados por uma dúzia de homens, foram deixados sobre a relva. Lewydd haveria de transportar as pedras para Ratharryn, pois o templo seguiria viagem por mar na maior parte do caminho e ele era marinheiro.! Lewydd idealizara os barcos. No primeiro ano, depois das primeiras pedras] terem sido descidas da montanha, carregou duas das mais pequenas no mesmo barco que levara os trenós rio acima. Manobrou os dois cascos com uma dúzia de remos e partiu rio abaixo. O barco movia-se com rapidez, levado pela corrente, e Lewydd tinha confiança suficiente para levar as pedras até onde o rio se alargava no mar. Queria descobrir como se aguentava o barco nas vagas maiores; porém, mal as primeiras ondas verdes se quebraram nas proas, o peso das pedras empurrou os cascos para diante, o barco partiu-se em dois e os pilares afundaram-se. Haragg gritou com toda a força, afirmando que o trabalho estava a ser mal feito, mas Camaban assegurou aos homens que assistiam dos rochedos, que Dilan, o deus do mar, cobrara o seu preço e não se perderiam mais pedras. Sacrificaram um vitelo na praia, deixando que o sangue do animal corresse para a água; momentos depois apareceram três golfinhos ao longe e Scathel declarou que Dilan tinha aceite o sacrifício. Três cascos e não dois disse Lewydd a Saban. Este e a tripulação tinham chegado a terra a nado, em segurança, e o jovem marinheiro decidiu que não fora Dilan quem lhe retirara as pedras, mas a desproporção do barco. Quero três barcos para cada casco explicou. Ao lado uns dos outros, E quero dez barcos, mais até se conseguirmos arranjar árvores.

Trinta cascos! exclamou Saban, perguntando a si próprio se haveria árvores suficientes nas escassas florestas de Sarmennyn. Pensara em usar os barcos que já existiam na tribo, mas Camaban insistiu em que se fizessem barcos novos,

dedicados unicamente à glória de Erek e que, depois de transportarem as pedras para ocidente, fossem queimados.

Nesse Verão ardeu a nova noiva do Sol, morrendo num braseiro de glória.; O povo de Sarmennyn nunca vira Erek tão vermelho, tão grande e tão majestoso como nesse fim de tarde do Solstício em que a noiva morrera sem um grito. Aurenna ficou na cabana e não foi à cerimónia do Templo do Mar. Estava grávida.

A criança nasceu no princípio do ano seguinte. Era um rapaz e a mãe chamou-lhe Leir, que significa ”Aquele que foi salvo”, porque ela fora salva da fogueira.

Nunca pensei que realmente fosse morrer confessou Aurenna a Saban, numa noite de Inverno, depois do nascimento de Leir. Estavam sentados na pedra que era deles, o bloco esverdeado com manchas rosadas que ficava na margem do rio, junto à sua cabana, e partilhavam uma pele de urso para se aquecerem.193

Pensei que morresses admitiu Saban. Ela sorriu.

Costumava orar a Erek todos os dias e sabia que ele haveria de me deixar viver.

Porquê?

Aurenna abanou a cabeça, como se a pergunta de Saban fosse irrelevante.

Sabia disse. Contudo, mal me atrevia a acreditar nessa esperança. Claro que queria ser sua noiva, mas também queria servi-lo acrescentou apressadamente, franzindo a testa. Quando era deusa, tinha sonhos e, neles, Erek disse-me que iria chegar o tempo da mudança. Que terminara o tempo da sua solidão.

Saban ficava sempre pouco à vontade quando ela falava do tempo em que fora deusa. Não tinha bem a certeza de acreditar, mas admitia a si próprio que não tinha crescido em Sarmennyn, portanto não estava habituado à ideia de que uma jovem se transformasse em deusa para, logo a seguir, deixar de o ser.

Orei para que vivesses admitiu.

Ainda tenho sonhos disse Aurenna, ignorando-lhe as palavras. Penso que me falam do futuro, só que é como olhar para a bruma. Lembras-te de me teres contado que quando viste pela primeira vez o templo de Scathel era apenas uma

forma no nevoeiro? Os meus sonhos são assim, mas penso que se tornarão mais claros. Fez uma pausa. Espero que se tornem mais claros repetiu. Pelo menos ainda oiço Erek falar-me dentro da cabeça e penso por vezes que estou realmente casada com ele, que talvez seja a noiva que ele deixou na terra para fazer o seu trabalho.

Transportar um templo? perguntou Saban, subitamente ciumento de Erek.

Acabar com o Inverno e pôr fim à infelicidade. É por isso que o teu irmão veio para Sarmennyn e te salvou de Lengar. Tu e eu, Saban, somos servos de Erek.

Nesse Inverno, Saban e Mereth percorreram os bosques a sul de Sarmennyn e descobriram carvalhos e olmos, altos *e* direitos, maiores até que os postes mais altos do templo de Ratharryn. Tocaram com a testa nos troncos, implorando o perdão dos espíritos das árvores; depois cortaram-nas, retiraram-lhes os ramos e usaram uma junta de bois para puxar os troncos para a aldeia de Aurenna. Aí, transformaram as árvores enormes em embarcações de proa dupla. Primeiro deram forma ao exterior dos cascos, depois voltaram os troncos e escavaram-nos com enxós feitas de sílex, pedra ou bronze. Uma dúzia de homens trabalhava na margem do rio cantando enquanto manobravam as lâminas e empilhavam as aparas da madeira no chão. Aurenna e as outras mulheres trabalhavam ali próximo, entoando cânticos, e transformavam peles em correias que seriam usadas para ligar as traves aos cascos e as pedras às194

traves. Naqueles dias Saban sentia-se feliz. Fora aceite como homem principal da aldeia de Aurenna e toda a gente partilhava aí do mesmo objectivo e tinha prazer em observar o progresso da obra. Eram tempos bons, cheios de risos e de trabalho honesto.

Quando os primeiros três cascos ficaram prontos e antes de os colocar ao lado uns dos outros, Lewydd entalhou um olho em cada proa, para que o deus protector dos barcos estivesse atento às tempestades e às rochas. As embarcações tinham o comprimento de três homens e a largura dos três barcos juntos tinha metade dessa medida; Saban juntava-os agora com três enormes traves de carvalho tão grossas como a cintura de um homem. As traves eram aparadas com sílex e bronze, sendo as metades inferiores metidas em fendas talhadas na borda do casco. Uma vez ligadas as traves aos cascos, estas eram fortemente atadas com compridas tiras de pele. Aquele primeiro barco era uma coisa monstruosa, e os pescadores abanaram as cabeças dizendo que nunca haveria de flutuar, mas

flutuou. Vinte homens levaram-no para a margem durante a maré baixa, de modo a que a subida da água levantasse o triplo casco sem dificuldade. Chamaram ao barco *Molot,* que significava monstro, e Lewydd tinha a certeza que aguentaria com o peso da pedra maior e que sobreviveria à malevolência do mar.

Camaban viajara para Ratharryn no fim do Inverno, tendo voltado a Sarmennyn justamente na altura em que o *Molot* foi acabado. Admirou o enorme barco, olhou para os outros cascos que estavam a ser trabalhados e acocorou-se junto a Saban para lhe dar notícias de casa. Lengar, disse, estava mais poderoso que nunca, mas Melak de Drewenna morrera e houvera uma luta pela chefia da tribo entre o filho do falecido e um guerreiro chamado Stakis. Stakis vencera.

Não era o que queríamos disse Camaban. Pegou numa tigela de papa de aveia que Aurenna lhe estendia e acenou em sinal de agradecimento

O que tem Stakis de mal? perguntou Saban.

Teremos que fazer flutuar as pedras através do seu território, claro explicou Camaban. Mas ainda não sabemos se é nosso amigo. Mesmo assim, concordou em encontrar-se connosco.

Connosco?

Com todos nós disse Camaban vagamente, fazendo com a mão um aceno que poderia incluir o mundo inteiro. Um encontro de tribos. Nós, Ratharryn e Drewenna. Uma lua antes do Solstício. O problema é fez uma pausa para comer a aveia, o problema é que continuou, com a boca cheia Stakis não gosta de Lengar. Não o posso censurar. O nosso irmão tem de manter os seus lanceiros ocupados, de modo que anda a atacar o gado de Drewenna

Já não combate contra Cathallo?

Sempre. Só que eles se escondem para lá dos pântanos e novo chefe é um bom guerreiro. É Rallin, um dos filhos de Kital.195

O primo de Derrewyn disse Saban, recordando-se do nome.

O cãozinho de Derrewyn, para ser mais exacto disse Camaban, vingativo. Agora chama-se a si própria feiticeira e vive na antiga cabana de Sannas, onde uiva a Lahanna, enquanto Rallin não urina sem lhe pedir licença. É estranho, não é?

Fez uma pausa para comer mais papa de aveia. Cathallo gosta de ser governada por uma mulher. Primeiro Sannas, agora Derrewyn! Que bela feiticeira! Escava a terra em busca de ervas e faz ameaças. Isso não é feitiçaria.

Teve o filho de Lengar? perguntou Saban. Lembrou-se de súbito da imagem de Derrewyn a rir, com o rosto moreno emoldurado pelo cabelo negro e depois a mesma face a chorar e a gritar. Estremeceu.

O bebé morreu disse Camaban com ar distraído, fazendo depois um ruído de desprezo. Que bela feiticeira que nem consegue manter vivo o seu próprio filho! Pousou a tigela. Lengar quer que leves Aurenna ao encontro das tribos.

Porquê?

Porque eu lhe disse que ela é muito bela respondeu Camaban. Ora, é uma boa razão para a deixar aqui.

Lengar não se atreveria a tocar-lhe disse Saban.

Lengar toca em todas as mulheres que quer e ninguém se atreve a recusá-lo com medo dos seus lanceiros afirmou Camaban. O nosso irmão, Saban, é um tirano.

Kereval, Scathel, Haragg, Camaban e uma dúzia de anciãos e sacerdotes viajaram para assistir ao encontro das tribos. Foram necessários sete barcos para transportar a delegação, tendo Saban seguido num barco de pesca movido por oito remadores. O tempo estava tempestuoso e os mares prometiam ser alterosos, mas Lewydd não se mostrava preocupado.

Dilan há-de poupar-nos prometeu a Saban, que encarava com emoção a sua primeira viagem marítima a sério.

A frota saiu numa madrugada de Verão, remando pelo rio até chegar ao mar, onde esperaram, ao abrigo de um cabo.

As marés disse Lewydd para explicar a paragem.

O que é que têm?

As marés não se limitam a subir e a baixar, são como os ventos na água. Sobem e descem na costa mas, ao contrário dos ventos, mantêm um ritmo. Vamos para

oriente com o vento e quando ele se voltar contra nós, descansamos até que nos ajude de novo.

Lewydd sacrificara um leitão no templo de Malkin, em seguida salpicara a proa do barco com o sangue e agora atirava a carcaça do animal pela borda fora. As tripulações dos outros seis barcos fizeram o mesmo.

Saban não se apercebeu da mudança da maré, mas Lewydd ficou satisfeito e os seus oito remadores soltaram um grito e fizeram avançar o barco para o196

mar. Afastaram-se bastante da costa antes de voltarem para oriente e quando o vento passou para trás deles, Lewydd ordenou que se içasse uma vela. Esta era feita com duas peles de boi penduradas num pau curto e suspensas no alto de um mastro tosco; assim que o vento as apanhou pareceu a Saban que o barco voava, embora as ondas fossem ainda mais rápidas. As grandes vagas erguiam-se atrás do barco, fazendo Saban recear que este fosse engolido, Depois a popa erguia-se, os remadores redobravam os seus esforços e por um instante aflitivo a onda impelia o barco para a frente, num movimento agitado, antes da crista passar debaixo do casco, fazendo o barco balançar e a vela estalar como um chicote. Seguiam-nos as outras tripulações, remando com tanta força que a espuma chegava ao Sol. Cantavam enquanto trabalhavam, rivalizando cada uma delas na música e na velocidade, embora fizessem por vezes uma pausa para os homens retirarem a água dos barcos com conchas.

No fim da manhã, os sete barcos voltaram-se para terra. Lewydd explicou que havia mudança de maré e, embora fosse possível que os remos e a vela os levassem contra a corrente, o progresso seria mínimo e o esforço grande; assim abrigaram-se numa pequena enseada. Não foram a terra, todavia lançaram uma pedra enorme ao mar na qual fora escavado um buraco por onde tinham sido passadas tiras de pele entrançadas. Os sete barcos descansaram toda a tarde. A maior parte das tripulações dormia, mas Saban mantinha-se desperto e viu aparecerem homens armados de lanças e arcos sobre os rochedos sobranceiros à pequena enseada. Olharam para os barcos, mas não fizeram qualquer tentativa de interferência.

As tripulações acordaram ao princípio da noite e prepararam uma refeição de peixe seco e água; em seguida as pedras foram puxadas do fundo do mar, as velas erguidas e os remos mergulharam nas águas. Slaol punha-se num braseiro vermelho, entrecortado por riscas de nuvens; todo o mar cintilava atrás, numa

tonalidade de sangue, até a cor se esgotar e o cinzento ceder ao negro, à medida que navegavam em direcção à noite. A princípio não havia Lua e a terra estava escura, mas o céu nunca parecera ter tantas estrelas. Lewydd mostrou a Saban como seguir a estrela de um grupo a que os Fronteiriços chamavam Vitelo da Lua e o povo de Ratharryn conhecia como Veado. A estrela deslocava-se pelo céu, mas Lewydd, como todos os pescadores, conhecia o seu movimento, bem como os contornos escuros dos montes baixos na margem norte, que para Saban eram apenas sombras. Mais tarde, quando este acordou de um sono leve, viu que havia terra de ambos os lados porque o mar era mais estreito. Erguera-se a Lua, quase cheia, permitindo a Saban ver os outros barcos junto ao seu com a luz de Lahanna incidindo sobre o movimento rítmico dos remos.

Voltou a adormecer e apenas acordou de madrugada. Os remadores levavam os barcos em direcção ao nascente. De um lado e outro havia grandes lençóis de lama brilhante, por onde passava gente que olhava para os barcos.

Andam à procura de marisco disse Lewydd, erguendo a lança, pois da costa a sul vinham à volta de doze barcos. Mostra-lhes o arco ordenou Lewydd e Saban, obediente, ergueu a arma. Todos os homens que seguiam nos barcos de Sarmennyn ergueram as suas lanças ou arcos e os barcos desconhecidos afastaram-se. Provavelmente eram apenas pescadores disse Lewydd.

O mar estreitou-se entre os enormes bancos de lama, onde complicadas armadilhas para peixes desenhavam padrões escuros, entrelaçando centenas de pequenos ramos. Olhando pela borda, Saban viu agitar-se o leito do mar.

Enguias disse Lewydd. São apenas enguias. Bom apetite! Mas não havia tempo para pescar, pois a maré mudava de novo e os remadores cantavam em voz alta, enquanto conduziam o barco em direcção à foz de um rio, que deslizava para o mar por entre margens escorregadias. Lewydd disse tratar-se do rio Sul, o mesmo nome que era usado em Ratharryn. Os pássaros levantavam voo nas margens de lama, protestando contra a interferência dos barcos, enquanto enchiam o céu de asas brancas e gritos roucos.

Esperaram que a maré mudasse de novo, deixando-a depois conduzi-los, subindo o rio Sul. Naquela noite dormiram em terra e, na manhã seguinte, livres da influência da maré, remaram rio acima, deslizando por baixo de árvores enormes que por vezes se dobravam num arco e formavam um túnel verde.

Tudo isto são terras de Drewenna disse Lewydd.

Já cá estiveste?

Quando perseguia os teus jovens na altura das provas respondeu Lewydd com um sorriso.

Talvez eu te tivesse visto disse Saban. Mas tu não me viste.

Se calhar vimos-te contrariou Lewydd. Mas decidimos que não valia a pena perseguir um patife como tu. Riu-se e baixou o pau da lança pela borda para medir a profundidade do rio. É por este caminho que traremos as pedras afirmou.

Só três dias de viagem? perguntou Saban, satisfeito por a jornada ter sido tão

rápida.

As pedras vão levar muito mais tempo avisou-o Lewydd. O peso atrasa o andamento dos barcos e teremos de esperar por bom tempo. Seis dias, sete? E mais alguns para subir o rio com elas. Poderemos dar-nos por felizes se conseguirmos fazer uma viagem por ano.

Só uma?

Se não quisermos morrer de fome disse Lewydd, explicando que os remadores não poderiam abandonar por muito tempo a pesca ou o trabalho do campo. Talvez num ano bom consigamos fazer duas viagens. Meteu o pau da lança na água, não para medir a profundidade, mas para empurrar o barco para a frente. As sete embarcações navegavam agora contra a forte corrente198

do rio e a maior parte das tripulações abandonara os remos e usava as lanças do mesmo modo que Lewydd. De vez em quando, viam campos de trigo e cevada por entre as árvores, ou então pastagens com vacas. Os porcos andavam pela margem dos rios e as garças faziam os ninhos no alto das árvores. Os guarda-rios coloridos esvoaçavam nas duas margens.

E daqui até Ratharryn? perguntou Lewydd. Não sei quanto tempo levaremos.

Explicou como poderiam seguir o rio Sul até este ficar muito baixo para os barcos passarem, de modo que nessa altura, pedras e embarcações teriam de ser içadas para as margens e arrastadas em trenós até outro rio, que ficava talvez a um dia de viagem. O rio corria para o Mai e, uma vez nele, os barcos poderiam subi-lo até Ratharryn.

Mais trenós? perguntou Saban.

O povo de Ratharryn construí-los-á. Ou o de Drewenna disse Lewydd, pois fora essa a razão pela qual o novo chefe de Drewenna tinha convocado o encontro das tribos. As pedras teriam de passar pelas suas terras, o que sem dúvida necessitaria do seu auxílio. Então, Stakis queria, sem a mínima dúvida, uma boa recompensa para deixar os blocos seguirem em segurança por entre os seus lanceiros.

O rio estreitava por baixo das árvores verdes, levando cada barco um ramo cheio de folhas, mostrando que os homens de Sarmennyn vinham em paz; mesmo

assim, as poucas gentes que os viam escondiam-se ou fugiam.

Já alguma vez estiveste em Sul? perguntou Saban a Lewydd.

Nunca respondeu-lhe este. Contudo, por vezes realizámos ataques lá perto. Explicou que a aldeia de Sul era muito grande e bem guardada, de modo que os atacantes de Sarmennyn evitavam sempre o local.

A aldeia era famosa, pois era o lar de uma deusa, Sul, que fazia surgir água quente do solo e por isso dera o nome ao rio que serpenteava à volta da fenda nos rochedos, de onde brotava a maravilhosa nascente. Drewenna governava a aldeia e guardava-a ciosamente, pois Sul atraía dezenas de pessoas que procuravam cura e traziam oferendas para terem acesso às águas. Saban ouvira muitas histórias a esse respeito; a mãe contara-lhe que antigamente vivia lá um monstro, um animal enorme, maior que os auroques, com a pele dura como um osso, um enorme corno saindo-lhe da testa e cascos mais pesados que pedras. Quem tentasse chegar à água quente, tinha de passar pelo monstro, e ninguém o conseguira, nem sequer o grande herói Yassana, filho de Slaol e de cujas partes descendia todo o povo de Ratharryn. Mas nessa altura, Sul cantara uma canção de embalar, o monstro encostara a enorme cabeça ao seu colo, ela deitara-lhe no ouvido um líquido e o monstro transformara-se em pedra, levando-a consigo. O monstro e a deusa ainda lá estavam e, dissera a mãe de Saban, à noite ouvia-se a canção triste saindo das rochas de onde emanava a água quente.199

A famosa aldeia encontrava-se na margem norte do rio. A jusante espalhavam-se campos, roubados às florestas que dantes enchiam o vale fértil; havia uma dezena de barcos na margem, por trás dos quais Saban via sair fumo dos telhados de colmo. De ambos os lados havia montes íngremes, mas verdes e luxuriantes, quando comparados com as encostas batidas pelo vento de Sarmennyn.

O povo de Sul ouvira dizer que vinham barcos a subir o rio e um grupo de dançarinas esperava a sua chegada, para receber Kereval e os seus homens. Scathel foi o primeiro a ir a terra. O sacerdote estava nu e empunhava um enorme osso curvo, a costela de um monstro marinho; acocorou-se na lama, farejando o ar em busca de perigos e deu três voltas antes de declarar que o local era seguro.

Stakis, o jovem guerreiro cheio de cicatrizes que era agora chefe de Drewenna, deu as boas-vindas aos fronteiriços e Saban deu por si a traduzir os floreados.

Stakis abraçou Saban, dizendo que estava contente por conhecer o irmão do poderoso Lengar, embora Saban percebesse que tal prazer era fingido. De facto, diziam os rumores que Stakis apenas obtivera a chefia de Drewenna porque fora considerado suficientemente forte para resistir às exigências insistentes de Ratharryn, enquanto o filho de Miak, que esperara suceder ao pai, fora visto como muito fraco. Lengar ainda não chegara, embora uma coluna de fumo no céu limpo, sobre os montes a oriente, indicasse que o seu grupo já fora avistado.

As dançarinas escoltaram os visitantes de Sarmennyn até umas cabanas novas, erguidas para o encontro das tribos e, por trás delas, na charneca a norte da aldeia, havia uma fileira de abrigos para o povo que viera assistir ao encontro. Por entre a multidão viam-se malabaristas e homens que domavam animais selvagens: lobos, martas e um pequeno urso. Havia um outro, maior, um macho já velho, com a pele marcada e garras cor de madeira queimada, preso numa jaula de madeira. Stakis prometera que, quando chegassem os homens de Lengar, arranjaria um combate entre o urso e os seus melhores cães. Uma dezena de escravas esperava nas cabanas.

São vossas disse Stakis. Vossas, para que se gozem delas. Lengar chegou ao princípio da noite. Os tambores anunciaram a sua vinda e a multidão dirigiu-se para oriente, de modo a receber o cortejo. Em primeiro lugar vinham seis dançarinas, nuas da cintura para cima e varrendo o solo com ramos de freixo; atrás delas vinham doze sacerdotes nus, a pele branqueada com greda e armações de veado coroando-lhes a cabeça. Neel, que Saban se lembrava ser o mais jovem de Ratharryn, usava agora chifres enormes, indicando ser o sumo sacerdote.

Atrás destes sacerdotes vinha uma dezena de guerreiros e foram eles que fizeram a multidão murmurar de espanto, pois apesar do dia quente, traziam capas feitas de pele de raposa e chapéus do mesmo pêlo, mas enfeitados com200

penas de cisne. Empunhavam lanças com cabeças de bronze e espadas do mesmo metal, todas iguais, que lhes davam um ar estranhamente avassalador.

No meio deles, vinham os senhores da guerra de Ratharryn, conduzidos pelo seu famoso chefe. Lengar, mais pesado e de barba grande, parecia-se com o pai, mas os seus olhos com os chifres tatuados pareciam mais espertos que nunca. Trazia a sua túnica de couro, onde brilhavam placas de bronze e na cabeça tinha do mesmo metal que Saban nunca antes vira. Sorriu astuto ao ver Saban, indo

depois cumprimentar Stakis. As dançarinas de Drewenna rodearam os recém-chegados, levantando uma fina poeira com os pés. Atrás dos guerreiros vinha um grupo de escravos, alguns transportando pesados sacos, que Saban calculava conterem presentes para Stakis.

Lengar chegou-se a Saban depois de terminar os cumprimentos.

Irmãozinho disse. Já não és um escravo.

Mas não graças a ti respondeu Saban. Não abraçara nem beijara o irmão; nem sequer lhe estendera a mão, mas Lengar não esperara uma saudação afectuosa.

Saban, estás vivo graças a mim afirmou Lengar. Depois encolheu os ombros. Mas agora podemos ser amigos. A tua mulher veio?

Não pode viajar.

Os olhos de Lengar semicerraram-se.

Porque não?

Está grávida mentiu Saban.

E então? Dá à luz um cachorro e temos o prazer de lhe meter outro lá dentro. Lengar fez má cara. Ouvi dizer que era muito bonita.

É o que dizem.

Devias tê-la trazido. Não to ordenei? Esqueceste que sou teu chefe? Sentia a raiva aumentar, embora se esforçasse por escondê-lo. A tua mulher pode esperar por outra altura disse e depois bateu com a mão na tatuagem azul do peito nu de Saban. Apenas uma cicatriz, irmãozinho? E apenas um filho, segundo ouvi dizer. Já reconheci sete, mas tenho muitos outros. Puxou a túnica de Saban guiando-o em direcção às cabanas preparadas para o povo de Ratharryn. Esse templo? perguntou em voz baixa. É mesmo um templo da guerra?

É o maior templo da guerra de Sarmennyn afirmou Saban. Um templo secreto.

Lengar parecia impressionado.

Vai trazer-nos vitória?

Vai fazer de ti o maior senhor da guerra de todos os tempos disse Saban.

Lengar pareceu satisfeito.

E o que fará o povo de Sarmennyn se eu me apossar do seu templo e não lhes devolver o ouro?201

Pode ser que não façam nada respondeu Saban. Mas certamente Slaol castigar-te-á.

Castigar-me-á! Lengar levantou a cabeça e afastou-se. Pareces Camaban! Onde está ele?

Foi ver o templo da deusa. Saban acenou com a cabeça na direcção de uma alta paliçada de madeira que rodeava a aldeia e a nascente da deusa; quando se voltou viu que Jegar se aproximava.

Saban espantou-se com a onda de ódio que sentiu ao avistar Jegar e por momentos invadiu-o toda a antiga tristeza que sentira por Derrewyn. O rosto certamente o reflectia, pois Lengar parecia satisfeito com a reacção.

Lembras-te de Jegar, irmãozinho? perguntou Lengar.

Lembro-me disse Saban olhando o inimigo nos olhos. Jegar era agora rico, pois cobria-o uma bela capa de pele de lontra, tinha ao pescoço um colar de ouro, bem como vários anéis nos dedos; Saban reparou que os da mão direita ainda estavam dobrados e imóveis. Tinha o cabelo pintado com ocre vermelho e a barba entrançada.

Só uma cicatriz de morte, Saban? perguntou Jegar em tom de desprezo.

Se quisesse poderia ter mais uma desafiou-o Saban.

Mais uma! Jegar fingiu-se impressionado, deixando a seguir cair a capa, para revelar o peito cheio de tatuagens. Cada cicatriz azul era uma fila de pontos metidos na pele com um pente de osso. Cada cicatriz é o espírito de um homem gabou-se Jegar. E cada ponto de cada cicatriz é uma mulher deitada de costas. Colocou o dedo sobre uma marca azul. Lembro-me bem desta. Lutou! Gritou!

Olhou de lado para Saban. Lembras-te dela? Saban não respondeu e Jegar sorriu. E depois chorou e prometeu que te vingarias.

Cumpro as promessas feitas em meu nome disse Saban severamente. Jegar desatou a rir e Lengar bateu devagar no peito do irmão.

Deixa Jegar em paz, porque amanhã terá de falar em meu nome. Apontou para a enorme clareira marcada por um anel de postes esguios, onde teriam lugar as negociações entre as três tribos.

Não vais ser tu a falar? perguntou Saban espantado.

Disseram-me que há auroques na floresta a norte explicou Lengar distraidamente. Estou com vontade de ir caçar. Jegar sabe o que há-de dizer a Stakis.

Stakis sentir-se-á insultado protestou Saban.

Ainda bem. Ele é Drewenna e eu sou Ratharryn. Merece o insulto. Lengar já se afastava mas voltou para trás. Lamento que não tenhas trazido a tua mulher, Saban. Gostaria de saber se *é* tão bela como toda a gente diz.

É, com certeza disse Jegar, desafiando Saban. A última também o era. Sabes que agora é feiticeira em Cathallo? Faz encantamentos contra nós,202

mas como vês, estamos ambos vivos. E bem vivos. Fez uma pausa. Estou desejoso de conhecer a tua mulher, Saban. Sorriu e foi depois atrás de Lengar, rindo ambos à gargalhada.

O urso matou sete cães e depois morreu também. Três homens foram assassinados em lutas provocadas pelo forte licor que Stakis oferecera e os sacerdotes, temendo combates de sangue, mataram os assassinos; depois a noite caiu e Lahanna baixou os olhos lá de cima, de um céu estrelado, enquanto, um a um, os guerreiros adormeceram e a paz chegou ao vale.

Camaban não assistiu ao encontro tribal. Preferiu isolar-se com Neel, o novo sumo sacerdote de Ratharryn, e instruí-lo acerca da construção do templo. Camaban trouxera estacas de madeira, talhadas por Saban, para imitar a pedra e espetou-as no solo para construir o duplo anel com o seu corredor de entrada, que ficaria diante do local onde o Sol nascia no Solstício.

Em Sarmennyn as portas do Sol estão viradas para o ocaso explicou Camaban. Mas em Ratharryn têm de ficar voltadas para o nascer do Sol.

Porquê? perguntou Neel.

Porque desejamos saudar o Sol e não despedirmo-nos dele. Neel olhou para as pequenas lascas de madeira.

Porque não vens tu construí-lo? perguntou, insolente. Sentia-se à vontade com Camaban, pois recordava-o como uma criança aleijada, patética e suja, não conseguindo conciliar essa recordação com o feiticeiro seguro de si que agora lhe dava ordens. Não sou construtor queixou-se.

És um sapo disse Camaban. Dizes ao meu irmão aquilo que ele quer ouvir, em vez do que o que os deuses lhe ordenam, mas se fizeres o que te mando, os deuses aguentarão a tua peçonha. E porque hei-de eu ir a Ratharryn? Tem construtores que cheguem sem que eu precise de desperdiçar o meu tempo.

Camaban queria visitar a região do outro lado do mar ocidental, pois ouvira dizer que lá os sacerdotes e feiticeiros sabiam coisas que eram ainda ignoradas pelo povo da região central e, além do mais, aborreciam-no as coisas práticas, como o levantamento das pedras.

Não será difícil de construir afirmou, mostrando a Neel como deveriam ser metidas as pedras de acordo com o tamanho: a mais alta junto às entradas do Sol e a mais pequena no lado oposto. Depois mostrou uma bolsa de couro contendo um enorme fio de tendão.

Não percas isto.

O que é?

As medidas do templo. Prende o tendão no centro do Velho Templo e depois desenha um círculo com a outra ponta. Esse círculo marca o limite exterior do anel exterior de pedra, o anel interior fica um passo para dentro.203

Neel assentiu.

O que fazemos com o templo actual?

Deixem-no ordenou Camaban em tom definitivo. Não faz qualquer mal. Em seguida obrigou Neel a repetir duas vezes todas as instruções, pois queria ter a certeza *de* que o novo templo seria construído exactamente como estava no elevado vale de Sarmennyn.

Enquanto Camaban e Neel falavam, as três tribos encontravam-se. Lengar, tal como prometera, fora à caça, levando consigo doze homens, alguns escravos e uma dezena de cães. Assim, foi Jegar quem, coberto com a grossa capa de pele de lontra, apesar do calor do dia, conduziu os homens de Ratharryn até ao local do encontro.

Trocaram-se os presentes. Stakis foi generoso com os seus hóspedes, o que não admirava, pois tencionava conseguir um preço alto pelo privilégio de transportar as pedras de Sarmennyn pelo seu território. Ofereceu a Kereval peles de carneiro, de gado, pontas de sílex, vasos e um saco de âmbar precioso. Deu-lhe também pentes, alfinetes e um belo machado de cabeça polida, feito de uma pedra esverdeada, recebeu em troca a carapaça de uma tartaruga, dois machados de bronze, oito vasos decorados de licor e um colar de dentes pontiagudos, extraídos a um estranho animal marinho.

Stakis presenteou Jegar exactamente com as mesmas ofertas que fizera a Kereval e, se ficou ofendido por ter sido este a recebê-las e não Lengar, escondeu a sua zanga. Depois de ter entregue os presentes e de Jegar ter feito um discurso de agradecimento cheio de floreados, Stakis retomou o seu lugar na parte sul do círculo e dois dos guerreiros de Ratharryn levaram as ofertas de Lengar ao novo chefe de Drewenna. Vinham numa armação de ramos de salgueiro entrançados, coberta por uma pele que colocaram diante de Stakis; retiraram a cobertura mostrando um enorme cesto de cabeças de lança feitas de bronze. Depois trouxeram uma segunda armação e esta, depois de destapada, trazia uma espada de bronze, um feixe de arcos e mais de uma dúzia de machados de pedra. Os homens que assistiam estavam impressionados, pois as ofertas de Lengar excediam de longe as expectativas. Mas não era tudo, pois os dois guerreiros transportavam uma terceira armação contendo afinal seis machados de bronze, dois chifres de auroque e um monte de peles de texugo e de lobo. Stakis estava deliciado, principalmente pelo maior dos chifres de auroque que assentou no colo e observou com os olhos muito abertos; entretanto foi trazida uma quarta armação, ainda maior que as outras, das cabanas de Lengar. Porém esta última foi colocada no chão diante de Jegar e a cobertura não foi levantada, sugerindo que a oferta final só seria entregue quando Stakis acedesse ao que Ratharryn

queria.

Saban pensou que para um homem que sempre tivera relutância em dar presentes, o irmão tinha sido notavelmente generoso. Por sua vez, Scathel parecia satisfeito sorrindo até, pois como poderia agora o chefe de Drewenna204

obstruir a passagem das pedras? E quanto mais rapidamente as pedras estivessem em Ratharryn, tanto mais cedo o ouro de Erek seria devolvido a Sarmennyn. Todavia Stakis, apesar da sua gratidão pelas ofertas de Lengar, queria mais. Queria a ajuda de Ratharryn para apanhar o homem que fora seu rival na obtenção da chefia de Drewenna. Dizia-se que o filho de Melak era agora um proscrito da floresta, tendo levado consigo três dezenas de guerreiros e esses homens atacavam constantemente o território de Stakis.

Tragam-me a cabeça de Kellan num cesto concedeu Stakis e então podem transportar todas as pedras de Sarmennyn pela minha terra.

Haragg aproximou-se timidamente de Jegar e insistiu para que aceitasse a proposta, mas Jegar parecia confuso. Queria saber onde estava Kellan, exactamente quantos homens tinha e quais as suas armas. E porque não poderia ser Stakis a perseguir o seu rival?

Stakis explicou que tentara fazê-lo, mas Kellan recuava sempre para o sul de Ratharryn.

Se os teus homens forem para ocidente e os meus para oriente, encurralamo-lo.

Parecia uma proposta bastante simples, porém Jegar mostrava-se preocupado. Como poderia Stakis ter a certeza que Kellan não fora para sul e oeste em direcção ao povo de Duran? Stakis teria já falado com o chefe?

Claro afirmou Stakis. Ele não viu Kellan.

Nós também não o vimos, mas se um homem não deseja ser encontrado, então a floresta esconde-o para sempre. O meu amigo Saban nesta altura dirigiu a Saban um sorriso de troça deseja transportar as pedras o mais depressa possível. Talvez possa até trazer algumas este Verão! Mas se tiver de esperar até procurarmos atrás de cada árvore e batermos cada arbusto, então as pedras nunca mais chegarão. Além do mais, Kellan pode já estar morto!

Está vivo! afirmou Stakis. Mas para mim basta que concordes em me ajudar a persegui-lo concedeu. Faz essa promessa, Jegar, e autorizo a que as pedras passem pelo meu território.

Sem qualquer outro pagamento? perguntou Jegar, deixando por decidir o assunto de Kellan.

Um homem merece pagamento pela passagem dos deuses pela sua terra disse Stakis, voltando-se para os emissários de Sarmennyn. Têm de me pagar com uma peça de bronze de tamanho suficiente para fazer a cabeça de uma lança por cada pedra que entre em Drewenna e por cada dez pedras, quero mais outra.

Damos-te uma cabeça de lança de bronze por cada dez pedras ofereceu Saban. Não tinha direito de falar em nome de Kereval, mas sabia que o preço de Stakis era exorbitante. Traduziu as palavras ao chefe de Sarmennyn, que concordou com um aceno.

Quantas pedras são? perguntou Stakis.205

Dez vezes sete respondeu Saban. E mais duas.

Houve suspiros de espanto da parte dos homens de Drewenna. Tinham pensado que talvez Sarmennyn trouxesse duas ou três dúzias de pedras, mas não duas vezes essa conta.

Quero uma cabeça de lança de bronze por cada pedra insistiu Stakis.

Deixa-me falar com Kereval disse Saban, inclinando-se para o chefe e utilizando a língua fronteiriça. Ele quer demasiado.

Dou-lhe dez cabeças de lança disse Kereval. Nem mais uma. Olhou para onde estavam as ofertas, do lado oposto do círculo.

Já tem um cesto de cabeças de lança! Será que quer armar todos os homens com armas de metal?

Por cada dez pedras continuou Saban para Stakis damos-te uma cabeça de lança. Nem mais uma.

Jegar observava divertido a discussão. Antes de Stakis poder responder à oferta

de Saban soou um corno nos montes arborizados, mesmo a norte do local da reunião. Stakis franziu a testa com o ruído, mas Jegar sorriu para o descansar.

Lengar foi à caça explicou.

Não há auroques tão perto de Sul afirmou Stakis, olhando para as árvores.

Talvez os tenham trazido sugeriu Jegar. Como querias que trouxéssemos Kellan de encontro às tuas lanças de bronze?

Fá-lo-ás? perguntou Stakis ansioso. Nesta altura o corno soou pela segunda vez e Jegar inclinou-se para diante, de modo a retirar a cobertura da quarta armação. Esta não continha ofertas, mas sim armas. Os homens vinham sempre desarmados para um encontro, mas os guerreiros de Ratharryn vieram a correr e apanharam espadas e arcos; um grupo de lanceiros tinha entretanto aparecido entre as árvores e, de súbito, as primeiras flechas voavam para cair entre os homens de Stakis.

Para trás! gritou Jegar a Saban. Vão para as cabanas. O combate não é com Sarmennyn! Lançara para trás a capa e Saban viu que tinha uma espada de bronze na mão aleijada. Estava presa a ela com tiras de couro, o que explicava a razão pela qual se sentara tão desconfortável com a capa de lontra que lhe escondia a arma.

Para trás! repetia Jegar.

Afinal Lengar não fora à caça, juntando-se sim ao resto dos seus lanceiros na floresta a norte de Sul e atacava agora os homens desarmados de Drewenna. Com ele estava Kellan e os renegados guerreiros. Stakis fora traído, enganado e surpreendido, e agora morreria.

Saban correu para as cabanas com o resto dos guerreiros desarmados de Sarmennyn. Agarrou no arco e numa aljava de flechas, mas Kereval pôs-lhe a mão no braço.206

Esta luta não é nossa disse o chefe.

Não era uma luta, mas sim uma matança. Alguns dos homens de Stakis tinham fugido para o rio onde tentaram meter-se nos barcos, mas um grupo de archeiros de Lengar atacava-os de um local mais elevado na margem. Só deixaram de

atirar quando os lanceiros de Ratharryn chegaram ao rio e mataram os poucos sobreviventes. Os cães uivavam, as mulheres gritavam e os moribundos gemiam. O próprio Stakis, com a maior parte dos seus seguidores fugira em direcção à aldeia de Sul, perseguidos de perto por Jegar e Lengar. Poucos, muito poucos homens de Drewenna correram na mesma direcção que os seus assaltantes, escapando-se por entre os grupos atacantes para conseguirem chegar às árvores; quando Lengar os viu a fugir, gritou a Jegar para que os perseguisse. Depois saltou para o cimo da paliçada que rodeava a aldeia e içou-se com agilidade. Vários lanceiros tentaram segui-lo, mas depois um pensou em partir a paliçada com um machado; a seguir os outros alargaram a abertura e invadiram as cabanas de telhado de colmo que rodeavam a nascente sagrada. Kellan e os seus homens juntaram-se à matança dentro da muralha destruída.

Os homens de Sarmennyn assistiam pouco à vontade das suas cabanas, onde Camaban se lhes reunira.

O problema é com Lengar disse. Não é connosco. Lengar não tem qualquer questão com Sarmennyn.

É vergonhoso disse Saban zangado. Ouvia os moribundos chamarem os seus deuses, via as mulheres gemendo sobre os mortos e o rio com redemoinhos de sangue. Alguns atacantes dançavam alegremente, enquanto outros montavam guarda junto às ofertas que Jegar tão traiçoeiramente trouxera a Stakis. É vergonhoso repetiu Saban.

Se o teu povo quebrar a trégua disse Scathel em tom de desprezo não é nada connosco, embora nos beneficie. Sem dúvida, Kellan deixar-nos-á transportar as pedras pela sua terra, sem requerer nada em troca.

Jegar desaparecera por entre as árvores com uma dúzia de lanceiros, perseguindo os últimos fugitivos de Drewenna. Saban recordou-se da promessa que Derrewyn fizera em seu nome, bem como dos juramentos para se vingar e ergueu a lança.

Que fazes? Lewydd quis contê-lo e quando Saban tentou afastar-se, este agarrou-o por um braço.

Esta luta não é nossa insistiu.

A luta é minha! afirmou Saban.

Não é sensato lutar com os lobos avisou Camaban.

Fiz uma promessa disse Saban, libertando o braço da mão de Lewydd e correndo para a floresta. Lewydd pegou na sua lança e seguiu-o.

Havia mortos e moribundos por entre as árvores. Como todos aqueles que tinham assistido ao encontro das tribos, os guerreiros de Stakis tinham207

trazido os seus melhores ornamentos e os homens de Jegar roubavam-lhes agora colares, amuletos e roupas. Olharam assustados quando Saban e Lewydd apareceram, mas a maior parte conhecia o primeiro e não temia o segundo, já que o Fronteiriço de tatuagens cinzentas não era naquela altura o inimigo. Saban subiu a encosta, procurando Jegar; ouviu então um grito à direita e correu através das árvores para ver o seu inimigo espetar uma espada num moribundo. A arma estava presa à mão aleijada, mas mesmo assim brandia-a com força doentia.

Jegar! gritou Saban, erguendo a lança. Teria sido mais fácil lançar uma flecha da corda dourada do seu arco, contudo o acto seria cobarde. Jegar! exclamou de novo.

Jegar voltou-se, com os olhos brilhantes de excitação, depois viu que Saban trazia na mão a sua lança de caça e apercebeu-se de que não se tratava de um aliado, mas sim de um inimigo. A princípio parecia estupefacto, mas depois riu-se. Baixou-se, apanhou também a sua pesada lança de guerra e endireitou-se para enfrentar Saban com ambas as armas.

Dizimei sessenta e três homens disse. Alguns deles tinham mais cicatrizes que eu.

Que eu saiba, matei dois respondeu Saban. Agora serão três e sessenta e três espíritos na outra vida ficarão meus devedores. Derrewyn também me há-de agradecer.

Derrewyn! exclamou Jegar com desprezo, Uma prostituta. Morrerias por uma prostituta? De repente investiu contra Saban enterrando a lança e riu-se quando aquele se afastou desajeitadamente para o lado. Vai-te embora Saban disse Jegar, baixando a lâmina *da lança.* Que orgulho posso ter em matar um boi castrado como tu?

Saban atacou com a sua lança, mas Jegar afastou-a com insolência. Depois

atacou de novo, quase que ao acaso; Saban aparou o golpe e viu a espada chegar rapidamente do outro lado, de modo que se viu obrigado a saltar para escapar ao movimento rápido. Depois veio de novo a lança, a seguir a espada, fazendo-o recuar para cima de um monte de folhas, fascinado pelas lâminas cintilantes que Jegar usava com habilidade confiante. A vida de Jegar era combater e praticava todos os dias com armas, de modo que aprendera a compensar a sua mão aleijada. Voltou a espetar a lança, recuando rapidamente no ataque e abanando a cabeça.

Não és digno que eu te mate disse com desprezo. Alguns homens tinham subido a colina para assistir à luta, mas Jegar mandou-os embora com um gesto.

A luta é nossa disse. Já acabou.

Não acabou disse Saban, atacando com a lança, recuando assim que Jegar começou a defender-se, para investir de novo em direcção à garganta do inimigo, mas Jegar desviou-se para o lado e aparou o golpe com a espada.208

Queres mesmo morrer, Saban? perguntou Jegar. Mas não morres. Se combateres comigo, não te matarei. Prefiro obrigar-te a ajoelhar e urinar sobre a tua cabeça como já fiz.

Eu urino no teu cadáver respondeu Saban.

Imbecil! exclamou. Investiu com a lança, com a velocidade de uma serpente, obrigando Saban a recuar e investindo de novo.

Saban saltou para uma pedra, de modo que ficou acima de Jegar, mas este lançou-lhe a espada *as* pernas, obrigando-o a subir ainda mais. Jegar riu ao ver o medo no rosto de Saban; avançou então para o atingir com a lança, mas Slaol atingiu-o.

O raio de luz desceu numa miríade de cintilantes folhas verdes, como uma espada de luz que, vinda dos ramos, o atingiu nos olhos, cegando-os. O deslumbramento durou apenas um momento, porém Jegar estremeceu e afastou o rosto no preciso instante em que Saban saltava da rocha e investia com a lança em direcção à garganta de Jegar. Ao mesmo tempo, Saban soltou um berro pelo tormento de Derrewyn, pela sua vitória e pela satisfação que sentiu ao ver o vermelho do sangue inimigo.

Jegar caiu. Deixou cair a lança e agarrou-se à garganta onde o fôlego lhe borbulhava com o sangue escuro. Estrebuchou, ergueu os joelhos para o ventre e revirou os olhos, enquanto Saban fazia girar uma e outra vez a espada de bronze, de modo a que mais sangue corresse para as folhas. Soltou a lança e, sob o olhar incrédulo de Jegar, enfiou-lhe a lâmina no ventre.

Jegar estremeceu, ficando depois imóvel. Saban, com os olhos muito abertos e respirando com dificuldade, olhava-o, sem querer acreditar que Jegar estava morto. Pensara-se inferior e era-o, porém Slaol interviera. Retirou a lança do cadáver de Jegar, voltando-se depois para olhar os espantados guerreiros de Ratharryn.

Vão dizer a Lengar que Derrewyn está vingada exclamou. Cuspiu sobre o cadáver de Jegar.

Os homens afastaram-se, enquanto Saban se curvava para desatar as correias que ligavam a espada à mão de Jegar.

Quanto tempo ficas em Sul? perguntou a Lewydd, que ficara junto a ele durante o breve combate.

Pouco respondeu Lewydd. Temos de voltar à aldeia antes do Solstício. Porquê?

Volto dentro de quatro dias disse Saban. Depois viajo para Sarmennyn contigo. Espera por mim.

Quatro dias disse Lewydd, estremecendo ao ver o que Saban fazia. Onde vais? perguntou.

Volto dentro de quatro dias repetiu Saban e nada mais disse. Depois pegou no fardo e subiu a encosta

Terminara a matança em Sul.SABAN ESTAVA CANSADO, COM FOME E DORIDO. CAMINHARA A MAIOR PARTE DE um dia e de uma noite, viajando a partir de Sul, primeiro para oriente, seguindo depois um conhecido caminho de comerciantes em direcção ao norte, através de uma floresta interminável. Agora, na segunda noite, depois de sair de Sul, subia uma encosta suave na qual as árvores tinham sido cortadas, apesar das colheitas que lá pudessem ter sido semeadas já terem desaparecido e sido substituídas por fetos. Não se viam porcos, o único animal que comia estas plantas, nem qualquer outra

criatura viva. Naquela noite quente e opressiva, até o ar estava vazio de pássaros e quando se deteve para escutar, nada ouviu, nem sequer o vento através da folhagem; percebeu então que o mundo deveria ter sido assim, antes dos deuses terem criado os animais e o homem. No ocaso viam-se enormes nuvens de cor violeta, lançando sombras sobre a terra atrás de si.

Saban entregara o arco, a aljava e a lança a Lewydd, e transportava apenas a túnica ensanguentada de Jegar contendo o seu pesado fardo. Estava sujo, com o cabelo escorrido. Desde que saíra de Sul que perguntava a si próprio porque empreendera aquela jornada; contudo, não encontrava resposta que o satisfizesse, excepto a que lhe ditavam as razões do destino e do dever. Tinha uma dívida a pagar e a vida estava cheia delas; teriam de ser honradas, para que o destino lhe fosse favorável. Toda a gente o sabia. Um pescador com uma boa apanha teria de dar alguma coisa aos deuses. Se a colheita era generosa, uma parte teria de ser sacrificada. Um favor gerava outro e uma maldição era tão perigosa para a pessoa que a pronunciava como para aquela a quem era destinada. Havia sempre um equilíbrio entre tudo o que era bom e mau neste mundo e era por isso que as gentes davam tanta importância aos presságios; porém alguns, como Lengar, ignoravam o desequilíbrio. Limitavam-se a amontoar o mal sobre o mal e desafiar os deuses, mas Saban não podia ser tão descuidado. Preocupava-o que parte da sua vida estava desequilibrada, de modo que percorrera aquele caminho até à encosta coberta de fetos onde nada se mexia nem se ouvia. A floresta continuava pelo monte o que, quando a noite caiu, o fez recear o caminho através das sombras escuras; o seu medo foi maior quando chegou junto às árvores, pois aí, no princípio da210

floresta, de ambos os lados do atalho como se fossem guardiães, encontravam-se dois postes com cabeças humanas.

Não passavam agora de caveiras, já que os pássaros lhes tinham bicado os olhos e a carne, embora uma delas ainda retivesse restos de cabelo junto ao escalpe amarelado. As órbitas enviavam um aviso sinistro pela encosta. Volta para trás, diziam, volta para trás.

Saban continuou.

Entoava um cântico à medida que caminhava, mas não queria que aparecesse uma flecha sibilante vinda da folhagem, de modo que seria melhor anunciar a sua presença aos lanceiros que guardavam o território. Cantava a história de

Dickel, o deus dos esquilos. Era um cântico infantil com uma alegre melodia que contava como Dickel quisera enganar uma raposa para que esta lhe desse a sua boca enorme e dentes afiados; porém a raposa voltara-se na altura que Dickel lhe lançara o feitiço e o esquilo ficou antes com a enorme cauda peluda e avermelhada.

Cauda torcida, cauda torcida cantava Saban, recordando-se da mãe lhe entoar estas mesmas palavras. Então ouviu atrás de si o ruído de passos nas folhas e deteve-se.

Quem és tu, cauda torcida? perguntou uma voz trocista.

Chamo-me Saban, filho de Hengall respondeu. Ouviu um respirar fundo e soube que o homem atrás de si estava a pensar matá-lo. Acabara de anunciar que era irmão de Lengar, o suficiente para o condenarem naquela terra, de modo que voltou a falar: Trago um presente disse, erguendo o fardo ensanguentado que trazia na mão.

Um presente para quem? perguntou o homem.

Para a vossa feiticeira.

Se ela não gostar, vai matar-te avisou o homem.

Se ela não gostar do presente, mereço morrer ripostou Saban. Voltou-se e viu que não era apenas um homem, mas sim três, todos com cicatrizes de morte no peito, todos com arcos e lanças, e todos com rostos amargos e desconfiados de quem trava uma interminável batalha, mas combate com paixão. Guardavam uma fronteira protegida pelas caveiras, o que fez com que Saban perguntasse a si próprio se todo o território de Cathallo estaria rodeado pelos crânios dos inimigos mortos.

Os homens hesitavam e Saban percebia que continuavam tentados a matá-lo; porém estava desarmado e não mostrava medo pelo que, embora contrariados, deixaram-no viver. Seguiu para oriente escoltado por dois deles, enquanto o terceiro corria adiante para anunciar à aldeia a chegada de um intruso. Os dois homens apressaram Saban, pois a noite chegava, contudo o crepúsculo de Verão era longo e quando chegaram a Cathallo ainda se mantinha no céu uma débil luz

Rallin, o novo chefe, aguardava Saban à entrada da aldeia. Com ele

encontravam-se doze guerreiros, enquanto a tribo se reunira lá atrás para ver o irmão211

de Lengar que se atrevera a vir ali, à terra deles. Rallin teria a mesma idade de Saban, mas parecia terrível, pois era um homem alto, com ombros largos e rosto sem sorrisos, marcado pela cicatriz de uma ferida que lhe ia da barba até ao olho esquerdo.

Saban de Ratharryn saudou severamente.

Agora, Saban de Sarmennyn disse este, inclinando-se respeitosamente.

Rallin ignorou-lhe as palavras.

Aqui matamos os homens de Ratharryn. Matamo-los onde quer que os encontremos, cortamos-lhes as cabeças e enfiamo-las em postes. A multidão murmurava que a cabeça de Saban deveria ser acrescentada a esse número.

É mesmo Saban? perguntou uma outra voz.

Saban voltou-se e viu Morthor, o sumo sacerdote com as suas órbitas vazias, no meio da multidão. Tinha agora a barba branca.

Que bom ver-te, Morthor disse Saban desejando imediatamente não ter pronunciado aquelas palavras.

Mas Morthor sorria.

Que bom ouvir-te respondeu, voltando os seus olhos cegos na direcção de Rallin. Saban é bom homem.

É de Ratharryn argumentou Rallin simplesmente.

Foi Ratharryn que me fez isto respondeu Saban erguendo a mão esquerda em que faltava o dedo. Ratharryn fez de mim escravo e baniu-me. Não venho de lá.

Mas foste criado em Ratharryn insistiu Rallin, obstinado.

Se um vitelo nascer na tua cabana, Rallin, quererá dizer que é teu filho? perguntou Saban.

Rallin considerou a resposta por um instante.

Então porque vieste cá? perguntou.

Para trazer um presente à filha de Morthor respondeu Saban.

Que presente? inquiriu Rallin.

Isto. Saban ergueu a trouxa mas recusou desatá-la. Depois ouviu-se um berro que mais parecia um grito de raposa e Rallin voltou-se para a enorme barreira do santuário.

Uma figura solitária erguia-se sozinha na escuridão do templo. Fez um gesto e Rallin habituado a obedecer a ordens, afastou-se para deixar Saban encaminhar-se para a mulher que o esperava no local onde as pedras emparelhadas da avenida ocidental se encontravam com a barreira do templo. Era Derrewyn, e Lahanna brilhava sobre ela tornando-a muito bonita. Vestia uma túnica simples de pele de veado que lhe caía até aos tornozelos e que ao luar parecia quase branca; tinha um colar de ossos ao pescoço. Mas quando Saban se aproximou viu que a sua beleza estava no reflexo da Lua e pouco mais, pois estava agora muito mais magra e tinha o rosto zangado, marcado e fino.212

Trazia o cabelo negro apanhado atrás, enquanto a boca, antigamente tão pronta a sorrir, era uma fenda de lábios finos. Na mão direita trazia o osso da coxa que pertencera a Sannas, que ergueu quando Saban chegou ao último par de pedras da avenida.

Atreveste-te a vir cá? perguntou.

Vim trazer-te um presente respondeu Saban.

Ela olhou para a trouxa, acenou abruptamente e Saban desatou a túnica e, à luz da Lua, lançou entre os dois o seu conteúdo.

Jegar disse Derrewyn, reconhecendo-lhe as feições, apesar do sangue que lhe empastava a barba e manchava a pele.

É Jegar confirmou Saban. Cortei-lhe a cabeça com a sua própria espada.

Derrewyn olhou-a fixamente.

Para mim?

Porque outra razão te traria a cabeça?

Ela olhou-o e nessa altura a máscara caiu-lhe pois esboçou um sorriso cansado.

Agora és Saban de Sarmennyn?

Sim.

E tens mulher? Uma adoradora de Slaol? Saban ignorou a amargura da pergunta.

Todos os Fronteiriços adoram Slaol disse.

Porém, vieste ter comigo fez notar Derrewyn, voltando a colocar a máscara de ira. Rastejaste até mim com um presente! Porquê? Porque precisas de ser protegido de Lengar?

Não protestou Saban.

Mas precisas. Mataste-lhe o amigo. Pensas que não irá devolver-te o favor? Toca numa dessas larvas de Ratharryn e o resto persegue-te. Franziu a testa. Pensas que Lengar não te matará? Pensas que não ficará com a tua mulher como ficou comigo? Ofendeste-o!

Vim trazer-te isto disse Saban, apontando para a cabeça de Jegar e mais nada. Na verdade nem pensara na reacção de Lengar à morte de Jegar. O irmão deveria estar cheio de raiva, disso tinha a certeza, provavelmente quereria vingança, porém Saban acreditava estar em segurança em Sarmennyn.

Então trouxeste-me o teu presente e nada mais disse Derrewyn. Que esperavas Saban? A minha gratidão? Ergueu as suas vestes de pele de veado quase até à cintura. É isto que queres?

Saban voltou-se para olhar os campos escuros.

Queria que soubesses que não me esqueci. Derrewyn baixou as saias.

Não te esqueceste de quê? perguntou amargamente.213

Que nos amámos disse Saban. Que contigo conheci a felicidade. Desde então até

hoje, não houve um único dia que não pensasse em ti.

Derrewyn olhou-o durante muito tempo, depois suspirou.

Sabia que não tinhas esquecido disse. Sempre esperei que voltasses. Encolheu os ombros. Agora estás aqui. E então? Ficas? Queres ajudar-nos a combater o teu irmão?

Vou voltar para Sarmennyn respondeu Saban. Derrewyn fez um ruído de desprezo.

Para transportares o teu famoso templo? O templo que levará para Ratharryn o grande Slaol! Queimando o céu para aceder ao teu pedido? Acreditas que virá?

Sim respondeu Saban. Acredito.

Mas para fazer o quê? Desta vez Derrewyn falava sem desprezo.

Aquilo que Camaban promete explicou Saban. Não mais haverá Inverno, doenças ou tristeza.

Derrewyn olhou para ele e depois deu uma gargalhada, lançando a cabeça para trás. A sua troça ecoou até ao extremo da grande barreira de greda branca que brilhava na penumbra.

Não mais haverá Inverno! Não mais haverá tristeza! Estás a ouvir, Sannas? Estás a ouvir? Ratharryn vai banir o Inverno! Dançara enquanto fazia troça, mas agora detivera-se e apontara para Saban com o osso enorme. Não preciso de dizer isso a Sannas, pois não? Ela sabe o que Camaban quer, visto que foi ele que lhe roubou a vida. Não esperou resposta, mas cuspiu e avançou para pegar na cabeça de Jegar pela sua cabeleira ensanguentada. Vem comigo, Saban de Ratharryn disse e descobriremos se conquistarás o Inverno com as tuas belas pedras vindas do Ocidente. Como se fosse possível! Poderíamos ser felizes de novo! Poderíamos ser jovens e felizes, sem dores nos ossos.

Conduziu-o ao santuário. Não estava lá mais ninguém, apenas o luar brilhava sobre os enormes blocos de pedra, que pareciam estar embebidos em pequenos fragmentos da luz das estrelas. Derrewyn levou Camaban à antiga cabana de Sannas, que era ainda a única dentro da barreira; aí, atirou a cabeça de Jegar para a entrada, antes de despir a túnica pela cabeça.

Tu também ordenou, fazendo-lhe sinal para também tirar a sua. Não te vou violar, Saban, apenas quero falar com a deusa. Ela gosta que o façamos nus, tal como os sacerdotes, para que nada haja entre eles e os seus deuses. Baixou a cabeça para passar pela porta.

Saban despiu a túnica, tirou as botas e seguiu-a. Alguém, possivelmente Derrewyn, tinha colocado sobre a porta a caveira de um bebé. Este morrera muito pequenino, pois tinha a fontanela ainda aberta. O interior da cabana não se alterara. Havia as mesmas trouxas penduradas do telhado sombrio, bem como os montes revolvidos de peles, os cestos de ossos e os vasos com ervas e unguentos.214

Derrewyn sentou-se com as pernas cruzadas de um lado da fogueira, fazendo sinal a Saban para se sentar em frente. Ateou o lume, espevitando-o de modo a que, com a sua luz, afastasse as sombras agoirentas das asas de morcego e armações de veado suspensas da viga do tecto. As chamas iluminavam-lhe o corpo e Saban notou que se tinha tornado incrivelmente magra.

Já não sou bela, pois não?

És respondeu Saban. Ela sorriu.

Dizes mentiras, tal como os teus irmãos. Estendeu a mão para um enorme vaso e retirou de lá umas ervas secas, que lançou para o fogo. Continuou a fazê-lo, mão-cheia a mão-cheia, de modo que as pequenas folhas pálidas, primeiro brilhavam, começando depois a abafar as chamas. A luz diminuiu e a cabana enchia-se de um fumo espesso.

Respira o fumo ordenou-lhe Derrewyn e Saban inclinou-se e inspirou. Quase sufocou, sentindo a cabeça andar à roda, mas obrigou-se a inspirar de novo, notando qualquer coisa de doce e enjoativo no fumo acre.

Derrewyn fechou os olhos, balançando-se para um lado e para outro. Respirava pelo nariz, deixando de vez em quando escapar um suspiro *e*, de repente, começou a chorar. Os seus ombros magros agitavam-se, o rosto contorcia-se *e* as lágrimas corriam. Parecia ter o coração partido. Gemia, arfava e soluçava, com as lágrimas manchando-lhe o rosto; depois inclinou-se para diante como se fosse vomitar e Saban receou que fosse enfiar a cabeça na fogueira. De repente, porém, arqueou o corpo para trás e ficou a olhar para o pico do telhado, enquanto tentava retomar fôlego.

O que vês? perguntou ela.

Não vejo nada respondeu Saban. Sentia a cabeça tonta, como se tivesse bebido demasiado licor, mas nada via. Nem sonhos, nem visões, nem aparições. Receara ver Sannas, que voltasse dos mortos, mas não havia mais que sombras, fumo e o corpo branco de Derrewyn com as suas costelas salientes.

Vejo morte sussurrou Derrewyn, com as lágrimas ainda a correrem-lhe pelas faces. Haverá muitas mortes murmurou. Farás um templo de morte.

Não protestou Saban.

O templo de Saban disse Derrewyn, a voz não mais que um pequeno suspiro do vento, passando pelos postes do templo. O santuário de Inverno, o Templo das Sombras. Balançou-se de um lado para o outro. O sangue escorrerá pelas pedras como bruma.

Não!

E a noiva do Sol aí morrerá sussurrou Derrewyn.

Não.215

A tua noiva do Sol. Derrewyn voltara-se agora para Saban, mas não o via, pois os seus olhos estavam revirados, com o branco à mostra. Morrerá aí, sangue sobre a pedra.

Não! Saban gritou e a sua veemência arrancou-a ao transe. Quando os olhos se fixaram, pareceu surpreendida.

Apenas digo o que vejo afirmou calmamente. E aquilo que Sannas me dá para ver. Ela vê claramente Camaban, pois foi ele quem lhe roubou a vida.

Roubou-lhe a vida? perguntou Saban, confuso.

Viram-no, Saban disse Derrewyn, cansada. Uma criança viu um homem coxo sair do santuário de madrugada, na mesma manhã em que encontraram Sannas morta. Encolheu os ombros. Assim, Sannas não pode ir ter com os seus antepassados, até que Camaban a liberte e eu não o posso matar, pois com ele mataria Sannas e teria o mesmo destino dela. Parecia desesperada, mas depois

abanou a cabeça. Quero ir para Lahanna, Saban. Quero ir para o céu. Aqui na terra não há felicidade.

Haverá disse firmemente Saban. Faremos com que Slaol volte de modo que não haja mais Inverno nem mais doença.

Derrewyn sorriu pesarosa.

Não haverá Inverno disse melancólica. Basta recuperar o padrão. Gozou da surpresa de Saban. Sabemos tudo o que se passa em Sarmennyn continuou. Os comerciantes falam connosco. Sabemos tudo a respeito do vosso templo e das vossas esperanças. Mas como sabem que o padrão se quebrou?

Porque sabemos respondeu Saban.

Sois como ratos disse com desprezo. Tal como eles, pensais que a cevada cresce para vosso benefício e que, se pronunciardes preces, podereis impedir a colheita.

Olhou para o brilho fraco do lume, enquanto Saban se voltava para ela. Tentava ver a jovem que conhecera, naquela amarga feiticeira, e talvez ela pensasse o mesmo já que olhou de súbito para ele.

Nunca desejas que tudo fosse como era dantes? perguntou.

Sim respondeu Saban. A toda a hora. Ela sorriu ao notar-lhe o fervor na voz.

Eu também murmurou. Tu e eu éramos felizes, não é verdade? Mas também éramos crianças. Não foi assim há tanto tempo, mas agora tu transportas templos e eu digo a Rallin o que tem de fazer.

Que lhe dizes?

Que mate tudo o que vier de Ratharryn, claro. Que mate e volte a matar. Atacam-nos a todo o momento, mas os pântanos protegem-nos e quando tentam contorná-los, encontramo-los na floresta e matamo-los um a um. Tinha na voz o tom da vingança. E quem começou a matança? Lengar! E *216*

quem adora Lengar? A Slaol! Esteve em Sarmennyn e lá aprendeu a adorá-lo acima de todos os deuses; desde aí a matança não tem tido tréguas. Slaol foi solto, Saban, e traz-nos sangue.

É o nosso pai protestou Saban. Ama-nos.

Ama-nos! vociferou Derrewyn. É um deus cruel, Saban, e porque haveria de nos retirar o Inverno? Ou de nos poupar a tristezas? Estremeceu. Quando adoramos Slaol como um dos muitos deuses, ele é controlado, há um equilíbrio. Mas puseste-o à cabeça deles todos e agora vais sentir sobre ti o seu chicote.

Não, contrariou Saban.

Vou opor-me a ele ameaçou Derrewyn. É essa minha missão. Sou agora inimiga de Slaol, Saban, porque teremos que vergar a sua crueldade.

Não é cruel insistiu Saban.

Diz isso às jovens que todos os anos são queimadas em Sarmennyn afirmou Derrewyn mordaz. Embora tenha poupado a tua Aurenna, não foi? Sorriu. Sei o nome dela, Saban. É boa esposa?

Sim.

Bondosa?

Sim.

E bela? perguntou Derrewyn, sem rodeios.

Sim.

Mas foi mostrada a Slaol, não foi? Foi-lhe oferecida! Pronunciou aquelas últimas palavras em tom sibilante. Pensas que ele a esquecerá? Ela foi marcada, Saban. Marcada por um deus. Camaban também! Têm uma lua no ventre. Não confies em gente marcada pelos deuses.

Aurenna não foi marcada protestou Saban. Derrewyn sorriu.

A beleza marca-a, Saban. Sei-o, porque também fui bela.

Ainda és disse Saban com sinceridade, mas ela limitou-se a rir.

Farias melhor em construir centenas de templos a centenas de deuses, ou apenas um para mil, mas esse? Seria melhor não fazeres nenhum. Seria melhor pegar

nas pedras e lançá-las ao mar. Abanou a cabeça como se soubesse que o seu conselho seria em vão. Apanha o colar que deixei cair ali fora ordenou.

Saban obedeceu, pegando nos ossos que se entrechocavam pendurados no seu fio de tendão. Percebeu com sobressalto que se tratava de ossos de um bebé, pequenas costelas e minúsculas falanges. Entregou-lho por cima dos restos do fogo e Derrewyn mordeu o tendão e retirou do fio uma pequena vértebra. Estendeu um braço para pegar num vaso de boca larga, avermelhado e selado com cera de abelha que estava atrás de si. Usou uma faca para erguer a tampa e imediatamente um cheiro horrível se espalhou pela cabana, sobrepondo-se aos restos do fumo acre, sem que no entanto Derrewyn parecesse217

importar-se, apesar de ter a cabeça sobre ele. Enfiou o pequeno osso no vaso, depois retirou-o e Saban viu que estava coberto com uma pasta pegajosa e esbranquiçada.

Pôs o vaso de lado, puxou um cesto baixo, procurou por entre o seu conteúdo e, finalmente, retirou dele duas metades de uma casca de avelã. Colocou o osso dentro da casca e franzindo a testa para se concentrar, fechou as duas metades e atou-as com um bocado de tendão. Enrolou o fio repetidas vezes à volta da avelã, pegou numa tira de couro e transformou a avelã num amuleto para Saban usar ao pescoço. Entregou-lho.

Põe-no.

O que é? perguntou Saban, recebendo nervosamente o amuleto.

Um talismã disse ela em tom final, cobrindo o vaso malcheiroso com um bocado de couro.

Que espécie de talismã?

Lengar deu-me um filho disse ela calmamente. O osso dentro dessa avelã pertence a essa criança e o unguento é o que resta da sua carne.

Saban estremeceu.

Um osso do teu próprio filho?

Do filho de Lengar disse Derrewyn. Matei-o como se mata um piolho. Nasceu,

Saban, começou a chorar com fome e cortei-lhe o pescoço. Ficou a olhar para Saban, sem pestanejar. Ele estremeceu de novo e tentou imaginar o ódio que entrara naquela alma. Mas um dia terei outro filho continuou. Será uma rapariga e criá-la-ei para ser feiticeira, como eu. Esperarei até que Lahanna me indique a altura certa, depois deitar-me-ei com Rallin, e gerarei uma rapariga para guiar a tribo quando eu morrer. Suspirou, olhando para o amuleto. Diz a Lengar que a sua vida está presa dentro dessa casca de avelã e se ele te ameaçar, atacar ou mesmo ofender, destrói-a. Calca-a com uma pedra ou queima-a e ele morrerá. Diz-lhe isso.

Saban pendurou a casca de avelã ao pescoço junto ao pendente de âmbar que lhe fora oferecido pela mãe.

Se o odeias tanto disse porque não esmagas tu o talismã? Derrewyn sorriu.

O filho também era meu, Saban.

Então... começou Saban, mas não conseguiu continuar.

Esmaga o amuleto disse ela e também me magoas. Talvez não me mates, mas magoas-me. Magoas-me. Não! Vira que ele ia retirar o amuleto. Precisas dele, Saban. Trouxeste-me um presente e agora tens de levar também um da minha parte. Ofereceste-me a vida de Jegar, portanto ofereço-te a do teu irmão porque, acredita, ele quer a tua. Esfregou os olhos, depois passou por ele de gatas e saiu para o exterior. Saban seguiu-a.

Derrewyn enfiou a túnica de pele de veado pela cabeça e depois inclinou-se para observar a cabeça de Jegar. Voltou-a e cuspiu-lhe nos olhos.218

Vou enfiar isto num pau à entrada desta cabana disse. Talvez um dia ponha a de Lengar a seu lado.

Saban vestiu-se.

Parto de madrugada disse. Com a tua permissão.

Com a minha ajuda respondeu Derrewyn. Vou mandar uns lanceiros contigo para que vás em segurança. Com o pé, lançou a cabeça de Jegar para dentro da cabana. Voltaremos a encontrar-nos, Saban disse e depois, abruptamente, voltou-se e abraçou-o, encostando o rosto à túnica dele e apertando-o com uma força

espantosa. Ele sentiu-a tremer e pôs os braços à volta dela.

Derrewyn afastou-se imediatamente.

Vou dar-te comida e um sítio para dormires disse friamente. Amanhã de manhã podes partir.

De manhã, ele partiu.

Lengar tinha já voltado para Ratharryn quando Saban regressou a Sul.

Pensou que tinhas fugido disse-lhe Lewydd.

Não lhe disseste que eu voltava?

Não lhe disse nada. Porque haveria de o fazer? Mas quanto mais depressa fores para Sarmennyn, melhor. Quer ver-te morto.

Saban tocou na forma de avelã que tinha por baixo da túnica, mas nada disse a esse respeito. Daria resultado? Precisaria do amuleto? Se ficasse na distante Sarmennyn, não mais precisaria de enfrentar Lengar e ficou satisfeito quando, um dia depois do seu regresso de Cathallo, Kereval se afastou da nascente de água quente onde se metera, afirmando que lhe curava as dores dos ossos. A viagem por mar em direcção ao Ocidente foi muito mais difícil, pois o vento estava contra os barcos e embora as marés ainda os guiassem parte do tempo, a volta exigiu que remassem muito e levou um dia mais do que a ida. Todavia, os barcos voltaram, por fim, para a região central e as tripulações cantavam enquanto a maré ajudava as embarcações a subir o rio em direcção à aldeia de Kereval.

No dia seguinte, Saban colheu ísatis numa encosta, Aurenna pôs a planta em infusão e, quando a tinta ficou pronta, colocou uma segunda tatuagem de morte no peito de Saban. Introduziu as marcas com um pente, inserindo a tinta profundamente na pele e, enquanto trabalhava, Saban contou-lhe o que acontecera em Sul e de como tinha levado a Derrewyn a cabeça de Jegar. Depois, enquanto o sangue lhe secava no peito, ele e Aurenna sentaram-se junto ao rio e ela tocou na casca de avelã.

Fala-me de Derrewyn pediu.

Agora está muito magra declarou Saban. Muito amarga.

Quem a poderá censurar? perguntou Aurenna. Franziu a testa à casca de avelã. Não gosto disto. Uma maldição pode prejudicar quem a solta.

Pode manter-me vivo disse Saban retirando-lha das mãos. Vou conservá-la até à morte de Lengar e depois enterro-a.

Pendurou-a ao pescoço. Não se atrevia a mostrá-la a Camaban, pois temia que o irmão utilizasse o encantamento para prejudicar Derrewyn, de modo que o manteve escondido. Receava ainda que Camaban o interrogasse acerca da sua viagem a Cathallo e lhe chamasse imbecil por tê-lo feito; porém Camaban estava ocupado em tentar encontrar um comerciante que o levasse à ilha do outro lado do mar ocidental. Acabou por encontrar uns homens que faziam a jornada com uma carga de sílex e, assim, Camaban partiu de Sarmennyn.

Aprenderei os segredos dos seus sacerdotes disse a Saban. Voltarei quando for tempo disso.

E quando será?

Quando eu voltar, claro disse Camaban, entrando para o barco. Um dos comerciantes entregou-lhe um remo, mas Camaban pô-lo de lado com desprezo.

Não remo disse. Sento-me, e remais vós. Agora, levai-me. Agarrou-se à borda do barco e foi levado rio abaixo para o mar. Estavam já prontos dez barcos para transportar os pilares do templo,

todos eles com triplo casco muito bem apertado; encontravam-se a montante do local onde a erva crescia, junto às enormes pedras do templo. As mais pequenas, de cerca da altura de um homem, podiam ser carregadas duas a duas em cada barco, mas as maiores precisavam de um barco para cada *e* Saban começou por carregar um dos enormes blocos de pedra. Na maré cheia um dos barcos foi empurrado para a beira-rio e a popa presa firmemente à margem. Saban ergueu um dos extremos da pedra que ainda se encontrava assente no trenó, enfiando-lhe uma tábua por baixo. Ergueu a outra ponta, para que pudessem ser colocadas outras três traves por baixo; estas foram depois erguidas por quarenta homens que, a hesitar, a levaram para o barco. Os homens tinham de carregar o peso apenas alguns passos, porém ficaram nervosos quando entraram na água e foram necessários mais doze para firmar a pedra. Suavam, mas avançaram até o bloco ser colocado por cima do quadrado de madeira que ligava os três cascos. Baixaram a pedra e o barco afundou tanto na água que um dos cascos encalhou

no leito do rio. Lewydd e mais doze homens libertaram-no e Saban notou que o casco tinha muito pouco bordo livre; contudo Lewydd calculou que sobrevivessem à jornada até Ratharryn, se Malkin, o deus do tempo, fosse benevolente. Ele e mais doze homens entraram no barco e remaram rio abaixo, seguidos na margem por uma horda de homens entusiasmados.

Levaram três dias a carregar os dez barcos. Cinco embarcações levavam as pedras grandes, enquanto cada uma das outras cinco, duas das mais pequenas. Uma vez colocadas as pedras nas tábuas, os barcos flutuavam todos rio abaixo. Havia dois locais em que este era muito baixo e os homens tiveram de220

erguer os barcos para atravessar esses sítios como se fossem trenós, mas dois dias depois tinham chegado todos em segurança à aldeia de Aurenna, onde foram presos às árvores. Na maré baixa os enormes cascos descansavam na lama, enquanto na maré alta flutuavam livremente, puxando incansavelmente pelos ancoradouros.

Esperavam o bom tempo. Já se estava no fim do Verão, mas Lewydd orava no santuário de Malkin todas as manhãs e subia a encosta atrás da aldeia para espreitar o Ocidente. Esperava que o vento caísse e que o mar acalmasse, mas as rajadas pareciam inexoráveis nesses dias e as ondas cinzentas rugiam interminavelmente a oeste, para se quebrarem em espuma branca na costa rochosa.

Passou a época das colheitas e chegaram as chuvas, rugindo do oceano em aguaceiros imensos, de tal forma que, todos os dias, Saban tinha de esvaziar a água da chuva dos barcos ancorados. Os céus continuavam escuros, de modo que começava a desesperar de alguma vez conseguir deslocar as pedras, contudo Lewydd nunca perdeu a esperança; o seu optimismo foi por fim justificado, pois uma bela manhã Saban acordou numa estranha calma. O dia estava quente, os ventos tinham caído e os pescadores calculavam que o bom tempo viera para durar. Diziam que muitas vezes era o que acontecia e com o ano já muito avançado, Malkin enviava dias de abençoada calma antes do Outono trazer os ventos uivantes. Assim, os dez barcos foram carregados com odres de água potável, sacas de peixe seco e cestos de pão feito sobre as pedras quentes, depois Scathel salpicou cada um deles com sangue de um boi acabado de matar e, ao meio-dia, com doze remadores em cada embarcação, a primeira pedra do templo partiu para o mar.

Muitos homens da tribo diziam que as tripulações não mais seriam vistas. No alto-mar, afirmavam, os barcos afundar-se-iam e o peso das pedras arrastá-los-ia para o fundo, onde os esperavam os escuros monstros das profundidades. Saban e Aurenna foram à beira-mar ver os dez barcos, escoltados por duas esguias embarcações de pesca, darem a volta à terra e remarem para o mar. Os pessimistas tinham-se enganado. Os dez barcos vogavam com facilidade sobre as pequenas ondas, depois içaram-se as velas de couro sobre as pedras, os remos entravam com força na água e a pequena frota navegava para oriente empurrada pela maré e por uma brisa suave.

Restava agora a Saban esperar o regresso de Lewydd. Aguardou enquanto os dias se encurtavam, o vento aumentava e o ar arrefecia. Algumas vezes, Saban e Aurenna dirigiam-se à ponta sul, e tentavam lobrigar do cimo dos rochedos os barcos de Lewydd. No entanto, apesar de verem embarcações de pesca com os homens de pé lançando pequenas redes, e muitas embarcações de comerciantes carregadas de mercadoria, não avistavam nenhum dos barcos de casco triplo que tinham transportado as pedras. Dia após dia o vento agitava mais o mar, que rebentava sobre as rochas, desfazendo em espuma a

crista das ondas, mas Lewydd não voltava. Havia dias em que os pescadores não saíam porque a água e o vento estavam furiosos. Nesses dias Saban temia por Lewydd.

Chegou a primeira geada e depois o primeiro nevão. Aurenna estava de novo grávida e algumas manhãs acordava a chorar, porém negando sempre serem por Lewydd as suas lágrimas.

Está vivo insistia. Está vivo.

Então porque choras?

Porque é Inverno explicava. Erek morre no Inverno e eu estou tão próxima dele que sinto a sua dor. Encolheu-se quando Saban lhe tocou na face.

Por vezes este sentia que a mulher se distanciava dele, aproximando-se mais de Erek. Sentava-se na pedra, junto ao rio, com as mãos estendidas, afirmando escutar o seu deus e Saban, que não ouvia vozes dentro da cabeça, tinha ciúmes.

Chegará a Primavera dizia ele.

Como sempre respondia Aurenna, voltando-lhe as costas. Saban e Mereth fizeram mais barcos. Encontraram os últimos carvalhos

grandes na floresta próxima e desses troncos conseguiram exactamente mais cinco barcos. Se Lewydd regressasse, trazendo consigo as embarcações, ficariam com quinze, quinze barcos que poderiam transportar para oriente todas as pedras em quatro viagens. Mas se Lewydd não voltasse, então o templo não poderia ser mudado. Os dias passavam e enquanto a garra do Inverno se apertava mais sobre a terra, não havia sinais nem notícias de Lewydd.

A longa ausência de Lewydd começou a perturbar o povo de Sarmennyn. Espalhavam-se rumores. Um deles afirmava que os dez barcos se tinham afundado e as tripulações afogado, arrastadas pelas pedras, que Erek não queria que fossem deslocadas. Outros afirmavam que Lewydd e os seus homens tinham sido dizimados pelo povo de Drewenna que, em vez de fornecer os trenós como o seu novo chefe tinha prometido, depois do massacre em Sul, decidira ficar com as pedras para si. Os rumores alimentavam-se a si próprios e, pela primeira vez, desde que Aurenna saíra da fogueira, ouviam-se murmúrios de que Camaban e Kereval se tinham enganado. Haragg tentava manter a fé da tribo, mas cada vez mais gente afirmava que o templo nunca deveria ter sido deslocado. Mais de uma centena de jovens da tribo desaparecera juntamente com os barcos e a tribo receava nunca mais ver esses homens. Tinham deixado viúvas e órfãos, tinham saído de Sarmennyn perigosamente desprovidos de lanças e, porque muitos dos desaparecidos eram pescadores, haveria fome em Sarmennyn nesse Inverno; a culpa era toda daqueles que preconizaram a deslocação do templo. Scathel, Haragg e Kereval tentavam conter a ira, aconselhando as pessoas a esperar por notícias. Mas mesmo assim, os rumores multiplicavam-se e numa noite de Inverno transformaram-se numa súbita raiva,

quando uma multidão de gente ressentida abandonou a aldeia de Kereval, atravessou o rio com tochas acesas e dirigiu-se para sul, para a aldeia de Aurenna.

Scathel desceu o rio de barco para avisar Saban que os homens vinham queimar a aldeia e destruir os barcos novos. Kereval tentara detê-los, dissera o sumo sacerdote, mas Kereval estava doente e a sua autoridade enfraquecida.

Quem os conduz? perguntou Haragg zangado ao irmão. Scathel nomeou alguns dos homens e Haragg estremeceu de raiva.

Não passam de vermes disse com desprezo, empunhando uma lança.

Deixa-me falar com eles pediu Saban.

O que disseres não os vai deter retorquiu Haragg, correndo pelo atalho com a lança na mão. Cagan seguia-o. Saban ordenou a Mereth que levasse as mulheres da aldeia para as árvores e correu atrás de Haragg, apanhando o homem gigantesco justamente na altura em que enfrentava a multidão munida de archotes no estreito caminho da floresta. Haragg ergueu a lança.

Ides lutar contra Erek gritou, mas antes de puder dizer mais alguma coisa foi atingido no peito por uma flecha saída da multidão, que o fez recuar e tombar junto a um carvalho. Cagan vociferou aflito, arrancou a flecha do pai e investiu contra a multidão. Foi recebido com mais flechas e uma saraivada de pedras, mas mais valera terem lançado setas a um auroque. O gigantesco surdo-mudo agitava desajeitadamente a lança, fazendo recuar os homens; Saban correu em seu auxílio, mas nessa altura Cagan tropeçou e caiu. A multidão atirou-se a ele, as lanças erguiam-se e baixavam, enquanto o gigante estrebuchava debaixo delas. Saban pegou no braço de Haragg, obrigou-o a levantar e arrastou-o para que não assistisse à morte do filho.

Cagan! gritou.

Foge! ordenou-lhe Saban. Uma flecha assobiou-lhe junto aos ouvidos e outra acertou na árvore.

A multidão avançava, com o sangue estimulado pela morte de Cagan. Alguém atirou uma lança que deslizou pelo atalho, quase atingindo o tornozelo de Saban, que acabava de avistar Aurenna no centro do caminho.

Volta para trás! gritou-lhe Saban, mas ela acenou para que se afastasse. Tinha solto o cabelo loiro e a túnica de pele de veado caía larga sobre o seu ventre grávido. Vai! disse Saban. Acabaram de matar Cagan. Vai!

Tentou afastá-la, mas Aurenna desviou-lhe a mão, recusando que ele a retirasse dali. Esperou calmamente, placidamente, tal como o fizera para entrar na fogueira da noiva do Sol e, quando avistou a multidão em tumulto, avançou lentamente para ir ter com ela.

Não ergueu as mãos, não falou, limitou-se a ficar ali e os atacantes hesitaram. Tinham morto um homem, mas agora enfrentavam a noiva de Erek,223

uma mulher, nem deusa, nem feiticeira, mas muito poderosa, de modo que ninguém teve coragem de a atacar, embora um homem se tivesse já destacado da multidão direito a ela. Chamava-se Kargan, sobrinho de Kereval e era um famoso guerreiro de Sarmennyn. Usava asas de corvo no cabelo, bem como penas da mesma ave atadas ao pau da lança, que era mais longa e pesada que qualquer outra de Sarmennyn. Tinha queixo comprido, olhos pesados e enormes cicatrizes cinzentas a exibir o número de pessoas que matara em combate; porém inclinou a cabeça ao ver Aurenna.

Não temos nenhuma questão contigo, senhora.

Então, com quem é, Kargan? perguntou Aurenna em voz baixa.

Com aqueles que roubaram os nossos jovens respondeu Kargan. Com os imbecis que quiseram deslocar o nosso templo pelo mundo!

Quem roubou os teus jovens, Kargan? perguntou Aurenna.

Sabes quem foi, senhora. Aurenna sorriu.

Os nossos jovens voltarão amanhã. Virão nos seus barcos e os seus cânticos serão ouvidos no rio. Amanhã haverá alegria, então porquê causar hoje mais tristeza? Fez uma pausa, aguardando, mas ninguém falou. Voltai ordenou à multidão. Os nossos homens voltarão amanhã. Erek prometeu-o. Depois, com

um último sorriso calmo, voltou-se e partiu.

Kargan hesitou, mas a certeza de Aurenna retirara a raiva à multidão, que lhe obedeceu. Saban viu-os partir e seguiu a esposa.

E amanhã quando os barcos não voltarem? perguntou-lhe. Como vais impedir que nos matem?

Mas os barcos vão chegar afirmou Aurenna. Erek disse-mo num sonho. Estava muito confiante, até espantada por Saban duvidar. As brumas dissiparam-se disse-lhe alegremente. Vi o futuro de Erek. Sorriu-lhe, levando depois Haragg para a sua cabana onde o consolou do seu desgosto. Este respirava com dificuldade, pois a flecha atingira-o com profundidade e saía-lhe sangue da boca, mas Aurenna garantiu-lhe que viveria, dando-lhe uma poção a beber e soltando o pau da flecha.

Na manhã seguinte, depois do corpo de Cagan ter ardido na pira, quase toda a tribo se encaminhou para sul, para o local onde a terra se encontrava com o mar e aí esperaram por cima das águas cinzentas. Pássaros brancos voaram em círculos e os seus gritos pareciam gemidos de afogados. Saban estava no cimo do rochedo com Scathel e Mereth; Kargan viera com aqueles que o tinham seguido na noite anterior, mas Aurenna não foi.

Os barcos chegarão, dissera nessa manhã a Saban. Não preciso vê-los. Ficou com Haragg.

Passou a manhã e apenas chegaram rajadas de vento. A chuva sussurrava sobre o mar e o vento frio fazia-a bater no rosto dos que estavam à espera. Scathel orava, Saban acocorara-se ao abrigo do vendaval, junto a uma rocha,224

enquanto Kargan andava de trás para a frente no cimo do rochedo, batendo com a pesada lança na erva pálida. O Sol escondera-se atrás de uma nuvem Kargan enfrentou finalmente Saban.

Tu e o teu irmão trouxeram a loucura a Sarmennyn disse com simplicidade.

Não vos trouxe nada retorquiu Saban. A vossa loucura começou quando perderam o vosso ouro.

O ouro foi roubado! gritou Kargan.

Mas não por nós.

E o templo não pode ser transportado!

O templo tem de ser transportado disse Saban com ar cansado. De contrário, tu e eu não voltaremos a ser felizes.

Felizes? exclamou Kargan. Pensas que os deuses querem a nossa felicidade?

Se desejas saber o que querem os deuses, pergunta a Scathel disse Saban. Ele é que é sacerdote. Apontou para o homem magro que estivera a orar na borda do rochedo, mas que já não erguia os braços ao céu. Olhava antes para oriente, perscrutando as nuvens cinzentas e erguendo os véus de chuva. De súbito gritou uma e outra vez, apontando com o bordão, de modo que todos os que ali estavam se voltaram na direcção para onde olhava o sumo sacerdote.

Viram então os barcos.

Viram uma frota: uma frota que regressava a casa, lutando contra a chuva e contra o vento, enquanto eram transportados no final da maré cheia. Lewydd separara os enormes cascos de modo que cada barco triplo se transformara em três e as traves que tinham suportado as pedras haviam sido arrumadas dentro dele, por homens enregelados, desejosos de voltar. A multidão que assassinara Cagan na noite anterior e que estivera pronta a dizimar toda a gente na aldeia de Aurenna, aclamava-os agora. Lewydd estava de pé no barco da frente, acenando com o remo. Saban contava os barcos e viu que estavam todos, nenhum faltava. Saíam das ondas soturnas, abrigando-se do vento, junto à boca do rio, onde os remadores exaustos esperavam a mudança da maré.

A maré da noite levou os barcos rio acima, tal como Aurenna prometera. As tripulações cantavam, enquanto os dirigiam para a aldeia. Entoavam o cântico de Dilan, o deus do mar, manejando os remos ao ritmo da música, e a multidão que os seguira cantava com eles.

Lewydd saltou para terra e foi saudado carinhosamente, mas furou por entre a multidão para abraçar Saban.

Conseguimos disse exultante. Conseguimos.

Saban acendera uma enorme fogueira no espaço aberto junto aos barcos quase

acabados. As mulheres tinham pisado raízes e cereal e Saban ordenara que se assasse um veado na fogueira. As tripulações dos barcos receberam225

peles secas e Kargan regressou da aldeia de Kereval com vasos de licor e ainda mais gente, de modo que Saban teve a impressão de que toda Sarmennyn se encontrava à volta da sua casa para ouvir a história de Lewydd. Este contou-a tão bem, que os ouvintes gemiam, ofegavam ou aclamavam, enquanto descrevia como os barcos tinham transportado as pedras até ao rio Sul, no fim do Verão. A viagem não fora difícil, dissera. Os barcos tinham navegado bem, as pedras permaneceram seguras e chegaram finalmente ao rio; mas nessa altura começaram os problemas.

Os apoiantes de Stakis, derrotados por Lengar, andavam ainda por Drewenna e alguns deles exigiam um tributo que Lewydd não possuía. Assim, manteve-se na foz do Sul, onde construiu uma paliçada e esperou que chegassem os homens enviados por Kellan, novo chefe de Drewenna, para afastar os vagabundos.

Os lanceiros de Kellan escoltaram os barcos na subida do Sul, mas quando chegaram às águas baixas, onde os barcos já não podiam flutuar, não havia trenós à espera. Kellan prometera construí-los, mas faltara à sua palavra, de modo que Lewydd dirigiu-se a Ratharryn, onde discutiu e os exigiu a Lengar, que finalmente aceitou convencer Kellan. Porém, nessa altura os ventos outonais eram frios e a chuva caía, pelo que foram precisos muitos dias de trabalho cansativo para deitar abaixo as árvores e cortar os troncos para fazer os enormes trenós, nos quais colocaram as pedras e depois os barcos.

Os barcos e os trenós foram puxados por bois para subir os montes até ao rio que corria para oriente, aí foram voltados a carregar com as pedras e postos na água. A seguir Lewydd levou a frota para oriente até chegarem ao rio Mai, o qual subiram, para transportar as pedras até Ratharryn.

E fora aí que as tinham deixado. Dividira os barcos enormes em três e retomara o caminho de volta, arrastando os barcos para terra e voltando a colocá-los no rio Sul. Porém, quando chegaram à foz, o Inverno apresentava-se frio e duro, de modo que não se atrevera a regressar atravessando um mar tão turbulento. Assim, aguardara na foz do Sul até o tempo melhorar.

Agora voltara para casa com os seus homens. As primeiras pedras já se encontravam em Ratharryn. E Saban chorou não só porque Cagan fora morto e

incinerado, mas também porque havia alegria em terra. O templo começara a ser transportado.O SEGUNDO BEBÉ DE AURENNA ERA UMA MENINA E A MÃE PÔS-LHE O NOME de Lallic, que na língua do Povo da Fronteira significava ”a Escolhida”. A princípio Saban não ficou satisfeito com o nome, pois parecia querer impor à criança um destino antes dos fados terem tido a possibilidade de decidir a sua vida; contudo, Aurenna insistiu e Saban acabou por se habituar. Aurenna não voltou a conceber, mas o filho e a filha cresceram saudáveis e fortes. Viviam junto ao rio e Leir aprendeu a nadar antes de saber andar. Aprendeu a remar um barco, a disparar o arco e a apanhar peixes com uma lança nas poças do rio. Enquanto cresciam, os dois irmãos viam passar pela sua cabana as pedras que seguiam em direcção ao mar.

Levaram cinco anos a deslocá-las todas. Lewydd esperara poder fazê-lo com maior brevidade, mas se o tempo não estivesse perfeito, não levava para o mar a sua frota improvisada; assim, houve um ano em que não deslocaram uma única pedra e no seguinte apenas foi possível uma viagem. Porém, quando os barcos saíam, os deuses eram bondosos e não se perdeu uma única pedra, nem se afogou homem algum.

Lewydd trouxe notícias de Ratharryn que diziam que o templo estava a ser construído e que a guerra entre Lengar e Cathallo continuava.

Nenhum dos lados vencerá disse Lewydd. Nenhum deles cederá, mas o teu irmão acredita que o templo lhe trará boa sorte. Continua a pensar que se trata de um templo da guerra.

Um ano trouxe notícias de que Derrewyn tinha dado à luz um bebé.

Uma filha disse Saban.

Já sabias? perguntou Lewydd. Saban abanou a cabeça.

Calculei. Ela está bem? Lewydd encolheu os ombros.

Não sei. Só ouvi dizer que os sacerdotes do teu irmão amaldiçoaram mãe e filha.

Naquela noite, Saban foi ao templo da noiva do Sol, na aldeia de Kereval, e enterrou junto a uma das pedras o talismã de âmbar que a mãe lhe oferecera. Inclinou-se a Slaol, para pedir ao deus que retirasse as maldições feitas a227

Derrewyn e à filha. Sabia que a mãe o haveria de perdoar, embora não soubesse se Aurenna seria tão compreensiva: quando lhe perguntou o que acontecera ao amuleto fingiu que o tendão tinha rebentado e o âmbar caíra ao rio.

Foi na Primavera do quinto ano que as últimas pedras do Templo das Sombras foram trazidas rio abaixo. Restavam apenas onze pilares, estando todos eles já colocados nos seus barcos de casco triplo, a flutuar rio abaixo em direcção a um ancoradouro perto da aldeia de Aurenna. Lewydd estava desejoso de fazer o último carregamento para oriente, mas quer Scathel, quer Kereval, queriam acompanhar as pedras, porque com a entrega em segurança dos últimos blocos terminava a parte do acordo que competia a Sarmennyn, e Lengar teria de entregar o resto do tesouro de Erek. Scathel e Kereval queriam estar presentes quando o ouro fosse restituído à tribo e insistiam em que um pequeno exército de trinta lanceiros viajasse com eles, de modo que levaria algum tempo para juntar a comida de que todos esses homens necessitavam.

Assim que os barcos suplementares ficaram preparados, o vento mudou para leste trazendo consigo rajadas frias e ondas estreitas e altas. Lewydd recusou-se a arriscar os barcos, de modo que esperaram no rio, balançando no ancoradouro sob o impacto do vento forte e da mudança das marés. Dia após dia o vento mantinha-se frio e, quando por fim virou a oeste, era demasiado forte e Lewydd continuava a não querer levar a frota para o mar.

Assim, esperaram até quase ao fim da Primavera e, um dia em que o vento uivava no cimo das árvores e a espuma se desfazia nos rochedos, apareceu um barco a ocidente, vindo da terra do outro lado do mar. Manobravam-no cerca de doze remadores, que lutavam contra a tempestade. Gritavam contra ela, vazavam o barco, remavam de novo, amaldiçoavam o deus do vento e oravam ao do mar, conseguindo, sem saber como, fazer com que a frágil embarcação dobrasse o cabo coberto de espuma e entrasse no rio. Navegaram por ele acima na maré baixa, demasiado zangados para esperar que subisse, gabando-se da sua vitória sobre a tempestade.

Esse barco trazia Camaban de volta a Sarmennyn.

Apenas ele não tinha mostrado medo do mar. Apenas ele não esvaziara a água do barco, não remara, não praguejara, nem cantara. Sentara-se, silencioso e sereno, e agora, que o barco chegava à aldeia de Aurenna, desembarcava com aparente despreocupação. Cambaleava um pouco, como se esperasse que o mundo

também balançasse, e encaminhou-se depois para a cabana de Aurenna.

A princípio Saban não reconheceu o irmão. Camaban continuava magro como um junco e esguio como uma lâmina de sílex, mas tinha agora um rosto aterrorizador pois traçara nas faces e na testa fundas cicatrizes de cortes verticais nos quais esfregara fuligem, de modo que tinha o rosto quase negro. Apanhara o seu longo cabelo numa centena de pequenas tranças que serpenteavam como víboras e eram rematadas com falanges infantis. Leir e Lallic228

afastaram-se do desconhecido que se sentava junto à lareira de Saban sem nada dizer, sem mesmo responder quando Aurenna lhe ofereceu de comer.

Ali ficou toda a noite, mudo, sem comer, sempre acordado.

De manhã, Aurenna espevitou o lume e aqueceu as pedras para fazer o caldo, mas nem então Camaban falou. O vento passava pelo colmo, agitava os barcos ancorados e açoitava com chuva a aldeia onde a tripulação do barco de Camaban encontrara abrigo.

Saban ofereceu comida ao irmão, mas este limitou-se a olhar fixamente o fogo. Uma vez uma única lágrima correu-lhe pela cicatriz negra, mas poderia ter sido o fumo agitado pelo vento que lhe irritara *a* vista.

Só se mexeu a meio da manhã. Primeiro franziu a testa, afastou o cabelo do rosto e depois pestanejou como se tivesse acordado de um sonho.

Têm um grande templo na terra do outro lado do mar disse abruptamente.

Aurenna olhou em transe para Camaban, mas Saban franziu o sobrolho. Temia que o irmão exigisse que fosse de barco buscar aquele novo santuário.

Um templo enorme disse Camaban com o espanto na voz. Um templo dos mortos.

Um templo a Lahanna? perguntou Saban, pois esta tinha sido sempre guardiã dos falecidos.

Camaban abanou a cabeça. Um piolho saiu-lhe do cabelo, passando para a barba, que estava também entrançada e decorada com mais falanges pequeninas. Cheirava a água do mar.

É um templo a Slaol murmurou. Aos mortos que estão unidos com Slaol! Sorriu de repente e o esgar pareceu tão horrível aos filhos de Saban, que estes se afastaram ainda mais daquele estranho tio. Camaban delineou com as mãos a forma de um montículo. O templo é uma colina, Saban. Rodeado de pedras e oco, com uma casa dos mortos de pedra, mesmo no meio descreveu entusiasmado. No dia da morte de Slaol, o Sol entra por uma fenda nas pedras, no centro da casa. Sentei-me aí. Sentei-me entre as aranhas e os ossos e Slaol falou comigo. Franziu a testa sem deixar de olhar para o lume. Claro que não foi construído para Lahanna! disse em tom irritado. Ela roubou-nos os mortos, por isso teremos de lhos reclamar.

Lahanna roubou os mortos? perguntou Saban, confundido pela ideia.

Claro! gritou Camaban voltando para Saban o rosto fantasticamente manchado. Porque nunca o terei percebido? O que acontece quando morremos? Claro que vamos para o céu, para viver com os deuses, mas vamos para Lahanna! Ela roubou os nossos mortos. Somos como filhos sem pais. Estremeceu. Conheci um homem que acreditava que os mortos vão para o nada, que se perdem no caos por entre as estrelas e ri-me dele. Mas talvez tivesse razão! Quando me sentei naquela casa dos mortos, rodeado de ossos, ouvia os cadáveres de Ratharryn chamarem por mim. Querem ser resgatados,

Saban, querem reunir-se com Slaol! Temos de os salvar! Temos de os devolver à luz!

Tens de comer disse Aurenna.

Tenho de ir disse Camaban. Olhou de novo para Saban. Já começaram a construir o templo em Ratharryn?

É o que Lewydd diz confirmou Saban.

Temos de o alterar afirmou Camaban. Precisa de uma casa de mortos. Tu e eu vamos reconstruí-lo. Sem túmulos, claro. As pessoas do outro lado do mar estão enganadas a esse respeito. Mas terá de ser um local para arrancar os mortos a Lahanna.

Podes reconstruí-lo disse Saban. Mas eu fico aqui.

Tu vens! gritou Camaban e Aurenna correu a consolar Lallic que tinha começado a chorar. Camaban apontou o dedo ossudo para Saban.

Quantas pedras faltam ainda transportar?

Onze disse Saban. Aquelas que vês além no rio.

Tu vais com elas ordenou Camaban. É o teu dever para com Slaol. Levas as pedras para Ratharryn e eu vou lá ter contigo. Franziu a testa. Haragg está cá?

Saban acenou com a cabeça, indicando que o gigante se encontrava na sua cabana.

Morreu-lhe o filho disse Saban.

Foi o melhor que lhe podia ter acontecido afirmou Camaban asperamente.

Haragg também foi ferido continuou Saban. Mas já está bem, embora ainda chore Cagan.

Então temos de lhe dar que fazer declarou Camaban, levantando-se e saindo para

a chuva e para o vento. Tens o dever de ir a Ratharryn, Saban! Poupei a vida de Aurenna para ti! Não o fiz para que ficasses a apodrecer aqui na margem do rio; fi-lo por Slaol e tens de mo pagar, construindo o seu templo.

Dirigiu-se à cabana de Haragg e bateu com o punho fechado no colmo musgoso.

Haragg! gritou. Preciso de ti.

Haragg apareceu à entrada com expressão espantada. Estava agora completamente calvo e estranhamente magro, de modo que parecia velho antes de tempo. A flecha deixara-o doente por muito tempo, havendo mesmo dias em que Saban pensara que veria o gigante exalar o último suspiro; porém Haragg sobrevivera. Contudo, o amigo calculava que a ferida do espírito fosse bem mais grave que a do corpo. Agora Haragg olhava para Camaban e por um instante não reconheceu aquele homem de rosto manchado, mas depois sorriu.

Voltaste!230

Claro que voltei! vociferou Camaban. Sempre disse que voltava, não disse? Não fiques a olhar para mim, Haragg, anda! Tu e eu temos muito que discutir e que viajar.

Haragg hesitou por um instante, depois acenou de súbito com a cabeça, e, sem sequer olhar para trás, para dentro da cabana e muito menos ir lá dentro buscar alguma coisa de que necessitasse, seguiu Camaban em direcção ao bosque.

Onde ides? perguntou Saban atrás deles.

Para Ratharryn, claro! respondeu Camaban.

A pé? inquiriu Saban.

Nunca mais quero ver um barco, enquanto viver disse Camaban fervorosamente, e deste modo partiu para fazer o seu templo ainda maior. Para ligar Slaol aos vivos e os mortos a Slaol. Para fazer um sonho.

Camaban tem razão disse Aurenna nessa noite.

Tem?

Erek salvou-nos disse ela. Portanto teremos de viajar para onde ele quiser. É o nosso dever.

Saban balançou-se nos calcanhares. Era noite, as crianças dormiam e o fogo ardia baixo, enchendo a cabana de fumo. O vento caíra e a chuva cessara, embora as pontas do colmo continuassem a pingar.

Camaban não falou em que fosses para Ratharryn disse Saban.

Erek quer-me lá retorquiu Aurenna.

Saban resmungou intimamente, pois sabia que agora teria de discutir com o deus.

O meu irmão Lengar está desejoso que te leve para Ratharryn. Vai ver-te, desejar-te e tomar-te. Claro que terei de lutar por ti, mas os seus guerreiros impedir-me-ão, serás obrigada a deitar-te sobre as peles dele e há-de violar-te.

Erek não o permitirá disse placidamente Aurenna.

Além do mais, estou bem aqui acrescentou Saban com petulância. Não quero ir para Ratharryn.

Mas o teu trabalho aqui terminou argumentou Aurenna. Não há mais barcos a construir, nem mais pedras para fazer descer da montanha. A obra de Erek vai para Ratharryn; ele salvou-nos a vida, de modo que iremos sorriu. Iremos para Ratharryn e faremos o mundo voltar ao princípio.

Saban não conseguia vencer a discussão, pois Erek estava contra ele e, assim, Aurenna aprontou-se a si e às crianças para a viagem. Porém os ventos do mar não abrandaram e as ondas altas continuavam a desfazer-se em espuma sobre o promontório, de modo que os dias passaram, até que o Verão fez florir os silvados, as narças, os bons-dias e as verónicas. Mesmo assim, Lewydd não se arriscava a fazer a viagem.

Os deuses querem reter-nos disse uma noite.231

São as pedras que faltam disse Aurenna. As duas que se perderam no rio e a que se partiu na montanha. Se não as substituirmos, o templo nunca ficará completo.

Saban nada disse, no entanto olhou para Lewydd, para ver como este reagiria à ideia de trazer mais pedras das montanhas.

Aurenna fechou os olhos e balançou-se para a frente e para trás.

É um templo a Erek disse em voz baixa. Mas está a ser construído para o trazer de novo a Modron. Modron era o nome fronteiriço de Garlanna. Assim, deveremos enviar uma pedra para ela. Uma pedra grande para substituir as três que se perderam.

Podemos ir buscar mais uma pedra da montanha concordou Lewydd de mau humor.

Da montanha, não. Daqui afirmou Aurenna. De manhã mostrou a Lewydd o bloco esverdeado junto ao rio, onde ela e Saban gostavam de se sentar, a grande pedra com pontos brilhantes e centelhas rosadas no seu âmago. A pedra-mãe, como Aurenna lhe chamava, pois estava agarrada à mãe-terra, enquanto os outros blocos tinham sido arrancados do vale elevado no céu de Erek.

A pedra-mãe era enorme, tinha duas vezes o peso do mais volumoso pilar do templo e estava profundamente enterrada na margem cheia de ervas. Saban observou-a durante dois dias, tentando imaginar como haveria de a mover; depois ele e Mereth foram ao bosque, onde encontraram seis árvores altas que cortaram. Apararam os troncos de modo a formar rolos macios e cortaram-nos em dezoito partes mais pequenas.

No dia seguinte ergueram a pedra-mãe da terra com alavancas de carvalho. Saban cavou dos dois lados, abrindo buracos bem profundos como tocas de texugo na rocha, as alavancas foram lá enfiadas e com seis homens de cada a lado, a parte da frente da pedra foi erguida com alguma dificuldade. Os homens tiveram de escavar a terra por baixo do bloco para o soltar do solo, mas por fim ergueram-no e Mereth conseguiu meter um dos rolos mais pequenos por baixo dele.

Trabalharam durante três dias para erguer a pedra até que esta assentou sobre os dezoito rolos. Nessa altura Lewydd trouxe um dos barcos vazios de casco triplo para a margem do rio. Amarrou-o com a proa voltada para a pedra e esperou que a maré baixasse, de modo que o barco ficasse preso na lama. Assim que isso aconteceu, os homens de Saban empurraram a pedra para diante, enquanto outros se mantinham na lama da margem do rio e passavam cordas para puxar a

pedra-mãe sobre os rolos. O bloco tinha quase três vezes a altura de um homem, mas era estreito e rolava bastante bem. Os homens arrastavam para a frente os rolos que emergiam por trás da rocha e assim, palmo a palmo, a grande laje foi arrastada e empurrada até uma ponta sobressair da margem, ficando sobranceira ao barco encalhado.232

Cuidado, agora! exclamou Saban. Um dos rolamentos fora colocado no barco seguro por dois homens, enquanto outros doze manobravam as alavancas na parte detrás da pedra. Levantem outra vez! gritava Saban e a grande pedra avançou, começando depois a inclinar-se. Deixem que se incline, deixem que se incline! continuava Saban, vendo que o extremo anterior da pedra fazia balançar o barco. Os três cascos gemeram perigosamente sob o peso. Foram colocados no barco mais rolos e os homens usaram de novo as alavancas; enquanto a chuva salpicava o rio e as mulheres viam a maré subir, a enorme língua de pedra foi empurrada para o barco. A pedra-mãe era tão comprida que ocupava quase toda a embarcação.

Agora vejamos se flutua disse Lewydd e ele, Saban e Aurenna esperaram na margem do rio, enquanto a noite caía e a maré continuava a subir. À luz da fogueira que acenderam viram subir a água escura que rodopiava à volta dos três cascos. A maré subia cada vez mais até que Saban teve a certeza de que iria entrar pela borda dos barcos e inundar os cascos; contudo, nessa altura, a lama debaixo do barco soltou um som de sucção e os três cascos vogaram na corrente.

Nunca pensei que conseguíssemos fazer mover esta pedra comentou Lewydd incrédulo.

Ainda temos de a levar para Ratharryn disse Saban.

Erek ajudará afirmou Aurenna confiante.

O barco está muito baixo na água avisou Lewydd preocupado, explicando que no mar as ondas ultrapassariam inevitavelmente a borda, inundando os barcos. Os cascos exteriores, onde se albergavam os remos, podiam ser facilmente despejados, mas a pedra-mãe era tão comprida, que mal havia espaço para um homem se acocorar no casco central.

Ponham lá um rapazinho sugeriu Saban.

De manhã perceberam que apenas havia lugar para um rapaz acocorado à frente

da pedra e outro atrás. Lewydd calculou que se os dois rapazes fossem esvaziando a água do mar, então o barco, extremamente carregado, poderia sobreviver à viagem.

Desde que o tempo esteja bom.

Mas o tempo continuou agreste. Os barcos esperavam, os guerreiros estavam prontos para a viagem, no entanto os ventos encrespavam os mares, continuando a trazer chuva torrencial. Passou outra lua, o Verão decorria e Saban começou a recear que nunca mais partissem. Ou a ter esperança que isso acontecesse, pois de facto não queria regressar a Ratharryn. O seu lar era em Sarmennyn, junto ao rio, onde pensara viver a sua vida, vendo os filhos crescer e tornarem-se membros da tribo de Kereval. Faria no rosto as cicatrizes de Sarmennyn, cobrindo-as de cinza para ficarem escuras. Só que agora Camaban e Aurenna insistiam para que voltasse à região central e ele não queria ir. Assim, alegrava-se com o mau tempo que o mantinha junto ao rio de Sarmennyn, onde233

ele e Mereth deixavam passar o tempo dando forma e escavando um tronco que fora rejeitado por ser demasiado curto para ser transformado em casco para o transporte das pedras, mas que daria uma bela embarcação de pesca. Pensavam oferecê-la a Lewydd como recompensa por ter transportado o templo. Mereth tomara esposa entre as mulheres de Sarmennyn e também ele se interrogava se haveria ou não de ficar.

Gostaria de ver mais uma vez o meu pai disse. E Rai queria conhecer Ratharryn. Rai era a sua esposa.

Saban despejou uma saca de areia da praia sobre o novo barco, esfregando-a para trás e para a frente de modo a amaciar a madeira.

Será bom voltar a ver Galeth disse Saban, pensando que também gostaria de visitar o túmulo do pai, mas não encontrava mais razões para visitar o lar da sua infância. Tocou na casca de avelã que trazia debaixo do gibão e depois deu meia volta, perguntando *a* si próprio por que razão sentiria tanta relutância em voltar. Claro que tinha receio de Lengar, mas Saban possuía o talismã e acreditava nele, então porquê tanto medo de voltar? Se o templo fosse construído, Slaol regressaria e tudo estaria bem, pensou, olhando para o rio onde as pedras flutuavam sobre os barcos. Quando chegassem ao Templo do Céu, o sonho ficaria completo. E que aconteceria depois? Mudaria tudo? Slaol arderia no céu

para anular o Inverno e as doenças? Ou o mundo mudaria lentamente? Aconteceria alguma coisa?

Pareces preocupado disse Mereth.

Não respondeu Saban, embora o estivesse. Estava preocupado com a sua falta de fé. Camaban acreditava, Aurenna acreditava, afinal a maior parte do povo de Kereval acreditava que iam mudar o mundo, mas Saban não estava tão certo de partilhar aquelas certezas. Concluiu que talvez fosse porque apenas ele conhecera Camaban como a criança torcida, o gago banido, o filho desprezado. Ou talvez porque se apaixonara por aquele rio e pelas suas margens.

Estava a pensar se não poderia partilhar o barco com Lewydd disse. E se me fizesse pescador?

Só apanharias frio respondeu Mereth. Alisou um traço da madeira, de modo que a curva da proa parecia perfeita. Não, disse. Creio que tu e eu vamos voltar a casa, Saban, e teremos de nos habituar à ideia. É o que desejam as nossas esposas e parece que conseguem aquilo que querem.

O Verão passou e os ventos não caíram. Saban duvidava que as pedras saíssem do rio naquele ano, mas depois, tal como acontecera da primeira vez, a aproximação do Outono trouxe um período de calmaria nos mares e ventos suaves. Lewydd esperou dois dias, falou com os pescadores, orou no santuário de Malkin e declarou finalmente que a pequena frota podia partir. De novo meteram alimentos e água nos barcos e os guerreiros tomaram os seus lugares; Mereth e Saban instalaram as famílias em duas embarcações compridas de um só casco, que escoltariam as pedras para oriente. Scathel sacrificou um vitelo234

e salpicou com o seu sangue as pedras fortemente atadas, Kereval beijou as suas muitas esposas e chegou a altura de partirem.

Os barcos pesadamente carregados desceram o rio até à foz, ao abrigo do cabo, com os remadores a entoar um cântico a Erek. O povo que ficara manteve-se na margem do rio, ouvindo as vozes que se afastavam. Escutaram até não haver qualquer outro som senão o murmúrio do correr do rio e o suspiro do vento. Sarmennyn mantivera a sua promessa. Enviara o seu templo para Ratharryn e tudo o que o povo podia agora fazer era esperar o regresso do chefe, do sumo sacerdote e dos tesouros.

O tempo estava calmo, felizmente, pois o barco que transportava a pedra-mãe parecia desajeitado e lento. Quando Saban fizera a viagem pela primeira vez, parecera-lhe rápida, mas também partira num barco só de um casco que rasgava as águas como uma faca cortava carne; todavia as enormes embarcações de casco triplo pareciam arrastar-se pelas ondas. A maré levava-as e os remadores esforçavam-se até à exaustão, mas mesmo assim a viagem parecia agonizantemente lenta. Saban e a família partilhavam um dos barcos que levava os guerreiros de Kereval, o que era frustrante, pois o barco poderia ter avançado à frente da frota, mas assim tivera de acompanhar lentamente o transporte das pedras. O mais lento era o da pedra-mãe e os dois rapazinhos do barco central estavam constantemente a despejar água. Scathel avisara-os que se o barco se afundasse, seriam considerados culpados e ninguém os salvaria de morrer afogados. Assim, este aviso mantinha-os diligentes no trabalho, despejando água com as suas conchas. Aurenna agarrava Lallic, enquanto Leir tinha uma correia atada à cintura, de modo que se caísse pela borda poderia ser içado como um peixe. O Sol brilhava, prova que Erek aprovava a viagem.

Ancoravam a cada mudança de maré e partiam quando a água os levava de novo para oriente. Não interessava se a mudança se dava de dia ou de noite; dormiam no intervalo e, a maior parte das vezes, viajavam sob as estrelas. A Lua era uma foice, baixa no céu, de modo que parecia não haver o perigo do ciúme de Lahanna estragar a viagem. Dia após dia, noite após noite, as pedras seguiam para oriente, até que, por fim, depois de nove dias e nove noites, o Sol ergueu-se para mostrar as colinas verdes em ambas as margens, com enormes pântanos cintilantes que secavam à medida que o rio estreitava. Remavam com força, o mais rapidamente possível para acompanhar o movimento da maré, competindo uns com os outros, enquanto as margens se aproximavam, até que por fim avistaram a foz do Sul. Os remadores conduziram os barcos para o rio, por entre os pântanos, por entre as armadilhas para peixe e enguias, até uma pequena aldeia de pescadores, cujas cabanas ficavam perto da paliçada que Lewydd erguera na primeira viagem para transportar as pedras. Aí puderam finalmente descansar. Scathel ofereceu um machado de pedra ao chefe, em troca da cabra escanzelada que sacrificou a235

Erek, dando graças por a parte mais perigosa da jornada ter terminado. Os pescadores olhavam estupefactos, enquanto os guerreiros fronteiriços dançavam ao pôr do Sol. Em tempos passados não haveria senão animosidade entre os dois grupos, mas a aldeia era fiel a Drewenna e o povo do rio habituara-se às pedras em viagem.

Lewydd enviou um pescador com uma mensagem para Kellan, o chefe de Drewenna, pedindo-lhe que mandasse homens para erguerem os trenós que esperavam no fim do primeiro dia de viagem pelo rio e, na manhã seguinte, partiram pelo Sul acima, aproveitando a enchente. O primeiro dia foi bastante fácil, mas depois a maré pouco os ajudou e tiveram de impelir os barcos com a ajuda de varas. Demoraram três dias a chegar a Sul onde Kereval decretou que descansassem dois dias. Aurenna e Saban levaram as crianças a chapinhar na nascente de água quente que brotava sobre as rochas, fazendo um charco entre fetos e musgo. As rochas sobre o pequeno lago estavam cheias de pedaços de lã, assinalando os locais em que os suplicantes tinham feito as suas preces à deusa, pois durante todo esse dia uma sucessão de coxos, aleijados e doentes foram ao santuário pedir a ajuda de Sul. Aurenna lavou o cabelo na nascente e Saban penteou-lho, sob o olhar espantado do povo de Sul que a via tão alta, limpa e calma. Um homem perguntou a Saban se ela era uma deusa, enquanto outro lhe ofereceu sete bois, duas cabeças de machado, uma espada de bronze e três das suas filhas para que Aurenna se tornasse sua esposa.

Passaram a noite numa das cabanas que Stakis fizera para o encontro das tribos. Saban acendeu uma fogueira na qual assaram trutas e depois observou Aurenna, até esta se cansar do escrutínio.

Que se passa? perguntou.

És uma deusa? perguntou Saban.

Saban! exclamou, repreendendo-o.

Penso que és uma deusa.

Não replicou ela com um sorriso. Mas Erek quer-me para qualquer coisa especial. É por isso que fazemos esta viagem. Sabia que o marido estava preocupado com ela, de modo que estendeu a mão e tocou na dele. Erek vai proteger-nos, verás.

Saban acordou na manhã seguinte e descobriu que um grupo de guerreiros de Ratharryn chegara ao santuário durante a noite. O chefe do bando era Gundur, um dos companheiros mais chegados a Lengar e o homem que arrastara Saban da cabana na manhã em que este fora escravizado a Haragg. Gundur viera do sul do rio, de Drewenna, e Saban viu-o percorrer as cabanas com os companheiros. O território pertencia a Kellan, mas os lanceiros de Ratharryn eram aqui

senhores. Saban comeu com os homens de Gundur e ouviu-os descrever os combates do irmão: como se apropriara de uma manada de bois de Cathallo; como invadira a terra das gentes que viviam a oriente de236

Ratharryn e como obrigara as pessoas que viviam junto ao mar na foz do rio Mai a pagar um pesado tributo. Agora, disse Gundur, naquele preciso momento, Lengar estava em Drewenna. Fora lá, explicara Gundur, para trazer os lanceiros de Kellan.

Começaram as colheitas afirmou Gundur. Não há melhor altura para atacar Cathallo. Vamos acabar com eles para sempre. Podes juntar-te a nós, Saban. Dividimos o saque, queres? Gundur sorria ao fazer-lhe o convite. Parecia amigável, calculando que a longa inimizade entre Saban e Lengar há muito estaria ultrapassada.

Que te trouxe a Sul? perguntou Saban.

Tu respondeu Gundur. Lengar ouviu dizer que as últimas pedras tinham chegado e mandou-nos para ver se era verdade.

É verdade confirmou Saban, apontando para os barcos. Deves dizer a Lengar que Kereval de Sarmennyn veio com elas para receber os seus tesouros.

Eu digo-lhe prometeu Gundur, voltando-se para olhar para Aurenna, que se dirigia ao rio, tendo saído das cabanas. Levava um odre de água, baixou-se para o encher e levou-o de volta. Gundur seguiu-lhe todos os gestos com o olhar.

Quem é? perguntou com voz espantada.

A minha esposa respondeu Saban friamente.

Direi a Lengar que estais ambos aqui. Vai ficar satisfeito. Gundur ergueu-se. Hesitou um instante e Saban perguntou a si próprio se iria mencionar a morte de Jegar, que tivera lugar tão perto do local onde tinham acabado de comer; porém, Gundur limitou-se a perguntar a Saban se tencionava levar as pedras rio acima ainda naquele dia.

Sim afirmou Saban.

Então vejo-te em Ratharryn disse Gundur, e conduziu os homens para sul,

enquanto Saban e a família voltavam para junto das pedras e continuavam a cansativa viagem a puxar os pesados barcos contra a corrente do rio. Agora Lengar sabia que Aurenna viera à região do centro e que era muito bela. Saban tocou sub-repticiamente na casca de avelã que trazia ao pescoço.

A viagem tornou-se mais fácil dia e meio depois de terem saído de Sul, pois agora o rio era suficientemente baixo para que os homens erguessem os barcos. No dia seguinte chegaram a um local onde um rio mais pequeno se juntava ao Sul, vindo de sul e Lewydd meteu aí os barcos. A corrente era mais fraca, quase calma, de modo que os progressos notavam-se, tendo as embarcações chegado nessa noite a um local em que a água era demasiado baixa para navegarem e onde os grandes trenós as esperavam. No dia seguinte apareceram os homens de Drewenna, que ergueram dos barcos as onze pedras pequenas e as colocaram nos trenós, tendo a seguir içado também as embarcações para outros trenós ainda maiores.**237**

A pedra-mãe ficou e foi preciso um dia inteiro para conseguir alinhar o barco com o trenó que estava na margem e cortar mais rolos; no dia seguinte, utilizando bois para arrastar o bloco, fizeram-no deslizar do barco para o trenó. No outro dia subiram o barco para a margem enquanto, nessa altura, as primeiras pedras estavam já a ser arrastadas para oriente.

Levaram três dias para atravessar a baixa bacia hidrográfica. Seguiram um atalho de erva que subia e descia suavemente até à margem do rio, que corria para oriente. Aqui os barcos eram içados dos trenós, lançados de novo à água e as pedras transportadas para bordo. Durante cinco anos Lewydd e os seus homens tinham feito isto. Cinco anos a erguer pedras, a usar alavancas, a fazer força e a suar; agora a enorme tarefa estava a chegar ao fim. Levaram três dias a descarregar as pedras dos trenós e a transportá-las para os barcos, mas por fim terminaram um trabalho que nunca mais precisaria de ser feito.

Na manhã seguinte os barcos flutuavam pelo rio e os homens entoavam cânticos enquanto sulcavam a corrente. Não se apressavam e o único esforço necessário era, de vez em quando, um golpe dado com o remo, para afastar o barco de um obstáculo. O Sol brilhava, filtrando-se pelas últimas folhas verdes, e o rio serpenteava lentamente por entre as margens cobertas de erva macia e salgueirinha. Dos campos vinha o som rouco do codornizão e os pica-paus bicavam as árvores. Quando passaram Cheol, a aldeia mais a sul de Ratharryn, o povo juntou-se na margem do rio para dançar e cantar, dando as boas-vindas às

pedras.

Amanhã! gritou-lhes Saban. Chegaremos amanhã a Ratharryn! Dizei-lhes que estamos a chegar!

Depois de passarem Cheol, o rio penetrou de novo por entre as árvores. A corrente era agora mais rápida, de tal modo que os homens que preferiram seguir pela margem, quase tinham de correr para acompanhar a frota. Havia ali uma atmosfera de entusiasmo. A grande obra estava tão próxima do fim, que Saban tinha vontade de gritar triunfalmente em direcção ao Sol. Tudo aquilo fora feito por Slaol e decerto a inimizade de Lengar se afastaria com a glória da aprovação do deus. Saban não sabia como essa aprovação seria demonstrada, mas poucas dúvidas tinha acerca do sonho de Camaban. Fora a viagem em si que lhe restaurara a fé, pois vira por si o muito esforço que fora necessário fazer para mover barcos e pedras, portanto não queria acreditar que aqueles cinco anos não tivessem tido qualquer finalidade. Slaol teria de responder! Tal como uma curta alavanca de madeira podia deslocar uma pedra enorme, assim os pequenos homens podiam demover um imenso deus. Decerto Camaban tinha razão.

Não se deixem levar pela corrente! gritava Lewydd, fazendo Saban sair do seu feliz devaneio, ao ver que o rio quase chegara à sua confluência com o Mai e que era tempo de arrastar os barcos para a margem e aí os resguardar durante a noite. Na manhã seguinte teriam de içar as pedras contra a corrente,**238**

rio acima, até Ratharryn, portanto passariam aquela última noite da jornada por entre as árvores que cresciam na estreita língua de terra entre os dois rios.

Amarraram os barcos à margem e depois acenderam fogueiras. A noite estava quente e seca, de modo que os abrigos não eram necessários, porém fizeram um cordão de fogo de uma à outra margem do rio para deter os espíritos malignos e os guerreiros de Kereval foram incumbidos de vigiar para lá das chamas e de as alimentar na escuridão. O resto dos viajantes reuniu-se para entoar cânticos, até que o cansaço os venceu. A seguir, envolveram-se nas suas capas e adormeceram debaixo das árvores. Saban escutava os ruídos do rio até os sonhos chegarem. Sonhou com a mãe, viu-a martelar uma pega no poste da cabana e quando lhe perguntou por que o fazia, ela não lhe deu resposta.

De súbito, o sonho encheu-se de novos ruídos, de gritos e de terror; acordou, apercebendo-se que não estava a sonhar, sentando-se para ouvir os gritos além

do cordão de fogo e um estranho e intenso ruído por cima da cabeça. Depois, qualquer coisa embateu numa árvore e apercebeu-se de que se tratava de uma flecha e de que o outro som era o de outras flechas que zumbiam por entre as árvores. Pegou no arco e na aljava e correu para o cordão de fogo. Imediatamente surgiram junto dele duas flechas vindas do escuro, o que o fez aperceber-se que as chamas o tornavam um alvo. Acabou por se esconder atrás *de* uns arbustos onde Mereth e Kereval também se abrigavam.

Que se passa? perguntou Saban.

Nenhum deles sabia. Dois dos guerreiros de Kereval tinham sido feridos, mas nenhum vira o inimigo ou sabiam quem este era, porém Kargan, sobrinho de Kereval, apareceu a correr e a gritar ao tio, provocando uma nova onda de flechas vinda do escuro.

Estão a roubar-nos uma pedra disse Kargan.

Estão a roubar-nos uma pedra? Saban não acreditava no que ouvia.

Estão a puxar um dos barcos rio acima! continuou Kargan. Scathel ouvira-os.

Temos de os seguir disse.

E as mulheres e as crianças? perguntou Kereval. Não podemos deixá-las sós.

Porque haveriam de querer roubar-nos uma pedra? perguntou Mereth.

Pelo seu poder? sugeriu Saban.

Os ruídos da floresta afastavam-se e não surgiram mais flechas vindas do escuro.

Deveríamos ir atrás deles exigiu de novo Scathel, mas quando Saban e Kargan percorreram a escuridão por detrás do cordão de fogo, nada encontraram. O inimigo desaparecera e, de manhã, enquanto a bruma pairava sobre as águas, descobriram que um dos barcos de casco triplo fora arrastado. Um dos dois homens feridos morreu nessa altura.239

Saban notou que a Lua ficara no céu depois do nascer do dia e recordou-se que sonhara com a mãe, que sempre adorara Lahanna. Receou que a deusa se quisesse vingar, mas depois descobriu as flechas e reparou que estavam

enfeitadas com penas de corvo. Penas negras, como as que eram usadas pelos homens de Ratharryn; porém, nada disse das suas suspeitas, já que a grande obra estava quase terminada.

A última parte da viagem foi a subida do Mai. O Sol quente brilhava, mas a atmosfera parecia sombria e a recordação das flechas da noite anterior era aterradora. Os homens vigiavam cautelosamente as margens arborizadas, enquanto puxavam os barcos pela água que lhes dava pela cintura. O cadáver do lanceiro seguia sobre a comprida pedra-mãe. Scathel insistira para que o cadáver fosse transportado para Ratharryn, pois queria encostar os tesouros à pele do homem, de modo a que o espírito que partia soubesse que a sua viagem e a sua morte não tinham sido em vão.

Saban subiu o rio dando a mão a Leir. Aurenna levava Lallic ao colo e ouvia Saban falar dos montes por onde passavam. Aquele era onde um urso enorme tinha sido morto e o outro fora onde Rannos, deus do trovão, atingira um ladrão, matando-o; e este, disse, apontando para um monte cheio de árvores à esquerda, é onde fica a nossa casa dos mortos.

Casa dos mortos? perguntou Leir.

Não queimamos os mortos em Ratharryn explicou Saban. Colocamo-los num pequeno templo, de modo que os pássaros e animais lhes possam comer a carne. Depois enterramos os ossos, ou então metemo-los num túmulo.

Leir fez uma careta.

Preferia ser queimado a ser comido.

Desde que vás para os teus antepassados disse Saban que importância tem isso?

Deram a volta ao monte e, na margem do rio, em frente deles, havia uma enorme multidão que os recebeu a cantar, assim que se avistaram os primeiros barcos.

Qual deles é Lengar? perguntou Aurenna.

Não o vejo disse Saban e, ao aproximar-se, apercebeu-se de que o irmão não se encontrava ali. Estavam os meios-irmãos mais novos de Mereth, bem como as irmãs de Saban, juntamente com muitos outros de quem se lembrava e que, quando se aproximou, correram na sua direcção querendo tocar-lhe, como se

tivesse poderes de feiticeiro. Quando viram Saban pela última vez, este não passava de um rapazinho e agora era um homem, alto, barbado e direito, com rosto duro e um filho. Olharam espantados para Aurenna, estupefactos ao verem o seu cabelo dourado e rosto delicado, miraculosamente intacto de cicatrizes de qualquer doença. O povo disse a Saban, que Lengar se240

encontrava ainda em Drewenna e depois abriram alas para deixar passar Galeth. Estava envelhecido, envelhecido e de cabelo grisalho, com um olho branco leitoso, as costas curvadas e a barba rala. Primeiro abraçou Mereth, o seu filho mais velho e, a seguir, estreitou Saban.

Voltaste de vez? perguntou.

Não sei, tio.

Deverias ficar disse Galeth em voz baixa. Ficar para ser o chefe.

Já têm um chefe.

Temos um tirano disse Galeth, irritado, com as mãos nos ombros de Saban. Temos um homem que ama mais a guerra que a paz, um homem que pensa que todas as mulheres são suas. Olhou para Aurenna. Leva-a daqui, Saban acrescentou. Não a tragas enquanto não fores chefe.

Lengar construiu o templo?

Está a ser construído respondeu Galeth. Todavia, Camaban veio na Primavera e ele e Lengar discutiram. Camaban veio com Haragg e ambos disseram que o templo teria de ser alterado, mas Lengar insistiu em que deveria ser terminado tal como está, pois dar-lhe-ia poder, de modo que Camaban e o companheiro partiram. Galeth olhou de novo para Aurenna.

Leva-a daqui, Saban! Leva-a daqui! Ele vê-a e vai querer ficar com ela!

Primeiro quero ver o templo disse Saban e conduziu Aurenna na subida do monte, por um largo atalho aberto na turfa pela passagem dos trenós que transportavam as pedras vindas do rio. Kereval e os homens seguiram-no, querendo ver como ficava o templo no seu novo lar.

Lengar garante-nos que é um grande templo de guerra disse Galeth, coxeando ao

lado de Saban. Acredita que Slaol não é apenas o deus do Sol, mas também o deus da guerra! Já lhe disse que tínhamos um deus da guerra, mas Lengar afirma que Slaol é o grande deus da guerra e da matança. Acredita que vai terminar o templo e depois, Saban, vai governar o mundo.

Saban sorriu.

O mundo pode não concordar.

O que Lengar quer, Lengar consegue disse Galeth tristemente, lançando de novo a Aurenna um olhar de ansiedade.

Saban tocou na casca de avelã.

Estamos em segurança, tio, estamos em segurança.

O atalho conduzia-os para norte, subindo por entre campos lavrados e passando perto das enormes árvores onde estava escondida a casa dos mortos, voltando depois para ocidente. Saban viu então à sua direita a grande muralha de terra de Ratharryn. Mostrou a barreira a Leir, dizendo-lhe que fora ali que crescera. Agora, de ambos os lados encontravam-se os túmulos dos antepassados, pelo que Saban caiu de joelhos e inclinou a cabeça para a relva, dando graças pela protecção concedida em todos aqueles anos.241

Uma vez passados os túmulos, o atalho virava a sul, descendo até um pequeno vale, para depois se juntar ao caminho sagrado que Gilan mandara construir na altura da chegada das primeiras pedras vindas de Cathallo. O monte parecia mais alto, servindo, tal como a dupla curva do caminho sagrado de Cathallo, para até ao último momento esconder o templo de quem se aproximasse. Saban sentia uma emoção cada vez maior ao atravessar o fosso e as barreiras de greda. Vira pela última vez o Templo das Sombras no vale elevado de Sarmennyn, e vê-lo-ia de novo, embora maravilhosamente transportado através de uma enorme extensão de terra e de mar verde e frio. Pegou na mão de Aurenna e esta sorriu, compartilhando a sua ansiedade.

Primeiro avistaram apenas a única pedra que restava do Templo do Sol, erguendo-se bem alta no caminho sagrado; depois dela avistaram-se os pilares gémeos da entrada do Sol do santuário e, por fim, quando se voltaram de frente para a encosta, o templo estava diante deles.

A construção já ia a mais de metade. O corredor da entrada, com pedras em arco, estava terminado e o duplo círculo de pilares a dois terços, erguendo-se no centro do templo e guardado pelas quatro pedras da Lua. Saban calculou que apenas faltassem ser colocadas trinta pedras e viu que as covas para esses pilares já tinham sido feitas. Entretanto, notou que de um dos lados do templo, para lá do fosso e das barreiras, um monte de pedras de Sarmennyn esperava a colocação. Apenas faltava que os pilares fossem transportados pelo caminho da entrada e as últimas pedras chegassem do rio para o templo ficar completo. Porém, o que estava feito dava para ver que aspecto teria o santuário quando a última pedra fosse colocada. Saban deteve-se junto à pedra do Sol coberta de líquenes, contemplando o que ele, Lewydd e tantos outros tinham conseguido ao longo de cinco anos.

Então? perguntou Galeth.

Saban nada disse. Esperara aquele momento e lembrava-se do espanto que sentira quando vira pela primeira vez o anel duplo saindo do nevoeiro de Sarmennyn. Contudo, ali em Ratharryn o espanto desaparecera. Pensara sentir-se esmagado pelo templo, que talvez caísse de joelhos em espontânea adoração, mas afinal os dois anéis eram aparentemente menores ali e as pedras pareciam ter encolhido. Em Sarmennyn, aninhadas no escuro vale e colocadas sobre aquele golfo de ar, as pedras arrancavam um poder espantoso ao céu e ao vento, enquanto olhavam para a terra e para o Sol que se punha no mar distante. Em Sarmennyn as pedras formaram uma armadilha para capturar o deus, mas aqui os escuros pilares ficavam diminuídos pela charneca enorme. Diminuídos também pelas sete pedras maiores e mais claras, vindas de Cathallo.

Então? perguntou de novo Galeth. Saban não queria responder.

Ontem à noite fomos atacados foi o que disse.242

Galeth tocou nas partes baixas.

Por proscritos?

Não sabemos quem foi respondeu Saban, lembrando-se das flechas enfeitadas com penas pretas.

Os proscritos têm-se tornado atrevidos afirmou Galeth. Colocou a mão no braço do sobrinho e baixou a voz. Houve pessoas que fugiram.

Dos proscritos?

De Lengar! Galeth inclinou-se mais. Correm rumores, Saban, que os espíritos dos mortos se reuniram para matar Lengar. O povo está assustado!

Não vimos nenhum morto ontem à noite afirmou Saban, indo depois colocar-se entre os pilares da entrada, vindos de Cathallo. Tinha de olhar para cima para ver o extremo dessas pedras, enquanto as mais altas dos novos anéis não eram muito maiores do que o próprio Saban e muitas delas eram bem mais baixas. Que disse Camaban do templo? perguntou a Galeth.

Queria refazê-lo respondeu Galeth, abanando a cabeça. Não sei que mais exigia, mas não pareceu muito satisfeito e Lengar começou a gritar com ele; discutiram e Camaban partiu com o companheiro.

Era assim em Sarmennyn afirmou Saban, olhando ainda para as pedras.

Estás desapontado? perguntou Aurenna.

O meu desapontamento não importa garantiu Saban. Só importa o que Slaol pensa. Olhava agora para lá do templo, para os túmulos a sul, que se juntavam no alto do monte. Havia lá novos montículos, com os flancos de greda branca brilhando ao sol; supôs que uma das novas sepulturas pertencesse ao pai.

Onde está agora Camaban? perguntou a Galeth.

Não o vimos em todo o Verão disse o velho.

Queria que eu viesse cá para terminar o templo proferiu Saban.

Não! insistiu Galeth acaloradamente. Tens de partir, Saban. Leva a tua mulher e vai! Voltou-se para Aurenna. Não deixes que ele te retenha aqui. Suplico-te.

Aurenna sorriu.

Devemos ficar aqui. Erek corrigiu-se, Slaol quer-nos aqui.

Camaban insistiu para que viéssemos acrescentou Saban.

Mas Camaban partiu garantiu Galeth. Há quatro luas que cá não está. Devíeis

segui-lo.

Para onde? perguntou Saban. Conduziu Aurenna pela parte exterior do templo, seguindo a barreira mais baixa que ficava do lado de fora do fosso, até chegar ao lugar onde se sentara na relva com Derrewyn, no longínquo dia das suas provas. Lembrava-se de que ela tecera uma coroa de margaridas e sentiu-se subitamente invadido pela tristeza, ao aperceber-se de que cinco anos de trabalho não serviriam para nada. O templo fora transportado,**243**

mas Slaol nunca seria atraído por aquelas pequenas pedras. A maior parte pouco mais altas eram do que uma criança! O templo deveria chamar o deus à terra, mas aquele minúsculo padrão de pedras passaria pelo olhar de Slaol como uma formiga pelo de um falcão. Saban pensou que não admirava que Camaban tivesse fugido, pois toda aquela labuta fora em vão.

Talvez devamos ir para casa disse a Aurenna.

Mas Camaban insistiu... começou ela.

Camaban partiu! disse Saban asperamente. Partiu e não temos necessidade de ficar, se ele cá não está. Vamos voltar para Sarmennyn.

A música de Sarmennyn tornara-se sua, as histórias daquela tribo também, a linguagem era a que agora falava e não sentia qualquer afinidade com aquele local aterrorizado nem com o seu templo insignificante. Voltou-se e dirigiu-se para o local onde Kereval se encontrava encostado à pedra do Sol.

Com a tua permissão disse Saban ao chefe volto contigo.

Ficaria triste se não o fizesses disse Kereval a sorrir. O chefe tinha agora o cabelo branco e as costas curvadas, mas estava feliz por ter vivido o suficiente para ver o contrato cumprido.

Scathel interveio.

Não voltamos sem que o ouro e os outros tesouros nos sejam devolvidos.

O meu irmão sabe disso afirmou Saban, mas nesse preciso momento um grito de alerta fê-lo voltar-se para ver que seis cavaleiros tinham aparecido a sul, por entre os túmulos. Todos transportavam lanças e traziam ao ombro arcos curtos,

fronteiriços. Todos seis eram guerreiros que havia muito se tinham dirigido a Ratharryn para ajudar Lengar a conseguir a chefia. Vakkal era o chefe, cujo rosto tinha as cicatrizes cinzentas de Sarmennyn, mas cujos braços exibiam agora as tatuagens azuis de Ratharryn. Era um homem alto, de rosto áspero e barba negra *e* curta, com uma risca branca como a de um texugo. Vestia uma túnica de couro, reforçada com tiras de bronze, trazia uma espada do mesmo metal à cintura e caudas de raposa entrançadas no seu longo cabelo. Ao chegar junto a Kereval desmontou e caiu de joelhos em sinal de submissão.

Lengar envia saudações disse ao chefe.

Vem atrás de ti? perguntou Kereval.

Virá amanhã respondeu Vakkal e afastou-se para que os outros cinco guerreiros fronteiriços viessem saudar o chefe. Saban reparou no modo como a gente de Ratharryn abrira caminho àqueles homens, como se tinham afastado, parecendo sentirem a má sorte por estar perto de um lanceiro. Vakkal admirava Aurenna que, sentindo-se pouco à vontade com aquele olhar, se chegou mais a Saban.

Não te conheço disse Vakkal a Saban em tom de desafio.

Já nos encontrámos afirmou Saban. Quando vieste a Ratharryn pela primeira vez.

Vakkal sorriu, mas sem que os olhos reflectissem qualquer prazer.

És Saban disse. Aquele que matou Jegar. E meu amigo! exclamou bem alto Kereval. Somos todos amigos disse Vakkal, continuando a olhar para Saban.

Lengar vai trazer-nos o ouro? perguntou Scathel.

Vai afirmou Vakkal, desviando por fim o olhar de Saban. Vai trazer o ouro e até chegar pede apenas que tu e os teus homens sejam seus hóspedes de honra. Voltou-se e apontou na direcção de Ratharryn. Diz que sois bem-vindos ao seu lar e que fará uma festa para vós. E receberemos o ouro? perguntou ansiosamente Kereval. Todo prometeu Vakkal com um sorriso sincero. Todo ele. Kereval ajoelhou em sinal de gratidão. Enviara um templo e mantivera a fé no seu deus; agora os tesouros seriam devolvidos à sua tribo.

Amanhã disse alegremente. Amanhã pegaremos no ouro e partiremos para casa.

Para casa, pensou Saban, para casa. Amanhã. Tudo terminaria e poderia ir para casa.ATHARRYN TINHA CRESCIDO. HAVIA O DOBRO DAS CABANAS DESDE QUE SABAN partira. Eram agora tantas, que enchiam mais de metade do espaço dentro do círculo da muralha, enquanto uma nova aldeia fora construída para lá da barreira, numa terra mais alta, perto do templo de madeira a Slaol. Contudo, a mudança mais espantosa era que o templo de Lahanna tinha sido substituído por um enorme edifício de telhado de colmo.

Dantes era o templo disse Galeth a Saban. Só que agora é a cabana de Lengar.

A cabana dele? Saban estava chocado. Parecia-lhe uma coisa terrível transformar um templo em morada.

Derrewyn adora Lahanna, em Cathallo explicou Galeth, de modo que Lengar decidiu insultar a deusa. Deitou abaixo a maior parte dos postes, colocou um telhado e agora festeja aqui.

Galeth conduzira Saban pela enorme porta até um interior cavernoso, muito mais alto e largo que o grande edifício de Kereval, em Sarmennyn. Deixara uma dúzia de postes do templo, mas estes suportavam agora um alto telhado de colmo, que culminava num pico com um buraco, por onde saía o fumo, embora essa abertura fosse praticamente invisível, uma vez que nas traves estava pendurada uma enorme quantidade de lanças e caveiras escurecidas pelo fumo.

As lanças e cabeças dos seus inimigos disse Galeth em voz baixa. Não gosto deste sítio.

Saban detestou-o, pensando que decerto Lahanna haveria de se vingar da dessacralização do seu santuário. O recinto era tão grande, que todos os homens de Kereval, em número superior a uma centena, poderiam dormir no chão coberto de juncos e fetos. Naquela noite todos comeram ali, banqueteando-se com carne de porco, trutas, lúcios, pão, azedas, cogumelos, pêras e amoras. Saban e Aurenna comeram na cabana de Galeth, onde ouviram as histórias do governo de Lengar. Eram ataques infindáveis, forasteiros dizimados, guerreiros que enriqueciam e inúmeros membros das tribos vizinhas feitos escravos, porém, apesar de tudo, disse Galeth, Cathallo resistia.

Aqueles que detestam Ratharryn, são amigos de Cathallo afirmou.246

Assim, Cathallo e Ratharryn continuavam a combater, embora fosse Ratharryn que mais provocava. Nenhum jovem se tornava agora adulto em Ratharryn sem que trouxesse uma cabeça para acrescentar às que Lengar tem na cabana grande.

Agora já não basta sobreviver na floresta continuou Galeth. Um rapaz tem também de mostrar a sua bravura em combate e se parecer cobarde, tem de passar um ano inteiro vestido de mulher. Tem de se agachar para urinar e ir buscar água com os escravos. Até as mães os desprezam! Abanou a cabeça, fazendo um ruído mordaz.

Mas, mesmo assim, Lengar está a construir o templo? perguntou Aurenna confundida por aquele homem que tanto amava a guerra estar a construir um santuário que deveria trazer tempos de paz e felicidade.

É um templo de guerra! explicou Galeth. Afirma que Kenn e Slaol são apenas um!

Kenn? perguntou Aurenna.

O deus da guerra esclareceu Saban.

Slaol é Kenn e Kenn é Slaol alegou Galeth, abanando a cabeça. Mas Lengar também diz que um grande chefe tem de ter um grande templo e gosta de se gabar, afirmando que o seu foi roubado no outro lado do mundo.

Roubado? perguntou Aurenna com a testa franzida. Vai trocá-lo por ouro!

Está a construí-lo para sua glória continuou Galeth. Todavia há rumores de que o templo nunca será terminado.

Que rumores? perguntou Saban.

O velho balançava-se para trás e para diante. O lume iluminava-lhe o rosto magro, lançando sombras na parte interior do telhado de colmo.

Tem havido sinais disse calmamente. Há mais proscritos que nunca na floresta e estão mais atrevidos. Lengar lançou contra eles todos os seus lanceiros, mas estes apenas encontraram corpos pendurados nas árvores. Dizem que os proscritos são conduzidos por um chefe já morto e nenhum dos nossos lanceiros se atreve agora a defrontá-los, a menos que vá com eles um sacerdote para fazer

encantamentos e feitiços.

Lidda, a mulher de Galeth, agora curvada e sem dentes, chorava alto e encolheu-se debaixo da pele para tocar nas partes baixas.

Morreram crianças saudáveis continuou Galeth. Um raio atingiu o templo de Arryn e May. Um dos postes está agora enegrecido e rachado!

Lidda suspirou.

Viram cadáveres a passar atrás do Templo do Céu gemeu. E não tinham sombra.

Já não é um Templo do Céu disse Saban amargamente. A leveza etérea das primeiras pedras fora roubada pelo pequeno anel de Ratharryn. Nem sequer era um Templo de Sombras, apenas uma coisa insignificante e inadequada.247

Cortaram um teixo na floresta que chorou como uma criança moribunda! afirmou Galeth. Eu não ouvi. Os machados ficam rombos antes de serem usados.

A Lua nasceu da cor do sangue Lidda continuava o seu lamento. Um texugo matou um cão. Nasceu uma criança com seis dedos.

Há quem diga, Galeth baixou a voz e olhou cautelosamente para Aurenna que o templo do Povo da Fronteira trouxe má sorte. E quando Camaban cá veio na Primavera, disse que tinha de ser refeito, que estava mal calculado.

Lengar discordou? perguntou Saban.

Lengar diz que Camaban enlouqueceu respondeu Galeth. Que os inimigos de Slaol o querem impedir de completar o templo. Chamou a Camaban inimigo de Slaol! Por isso ele foi-se embora.

E os sacerdotes? perguntou Saban. Que dizem eles?

Não dizem nada. Receiam Lengar, desde que matou um deles!

Matou um sacerdote? perguntou Saban, chocado.

O sacerdote tentou impedi-lo de transformar o templo de Lahanna em cabana, por isso Lengar matou-o.

E Neel? perguntou Saban. Que fez ele?

Neel! Galeth cuspiu ao mencionar o nome do sumo sacerdote. Não passa de um cão, atrás de Lengar. Galeth voltou-se para Aurenna. Tens de ir, senhora, antes que Lengar regresse.

Lengar não me toca disse Aurenna, usando a língua de Ratharryn, que aprendera com Saban.

Estamos aqui com guerreiros de Sarmennyn que a vão proteger explicou Saban. Tocou na avelã por baixo da túnica.

Galeth pareceu duvidar da afirmação.

Enquanto o meu irmão foi chefe disse para Aurenna éramos felizes.

Éramos felizes ecoou Lidda.

Vivíamos em paz garantiu Galeth. Ou pelo menos tentávamo-lo. Havia fome, claro, há sempre fome, mas o meu irmão sabia dividir a comida. Mas tudo mudou, tudo mudou.

Na manhã seguinte, sob um céu sem nuvens e um sol quente, uma centena de homens fez deslizar para terra a pedra-mãe, erguendo-a depois para um trenó, ao qual estavam presos dezasseis bois. Os animais arrastavam a pedra do rio, enquanto Galeth levava Saban e Aurenna para o Templo do Céu, perguntando onde deveria colocar a pedra. Foi Aurenna quem decretou que deveria ficar sozinha dentro do duplo anel e em frente do arco da entrada do Sol. Assim, disse, o nascer do Sol no Solstício tocaria na pedra-mãe como símbolo da união da terra com o Sol. Não havia mais ninguém para tomar decisões, de modo que Galeth ordenou a uma dúzia de homens que abrisse uma cova no local indicado por Aurenna.248

Galeth via como a turfa era retirada e as picaretas de chifre de veado atacavam a greda que estava por baixo.

Já não consigo cavar disse a Saban. Doem-me as articulações. Já nem consigo manobrar o machado.

Já trabalhaste muito afirmou Saban.

Se um homem não trabalha, não come, não é? comentou Galeth, voltando-se depois para observar os bois puxando a pedra-mãe, tão comprida, que saía de ambos os lados do trenó. Seguiam-na duas das pedras mais pequenas, em trenós puxados por homens. São todos escravos disse Galeth a Saban. Os nossos lanceiros atacam constantemente, em busca de comida e escravos. É o comércio destes que enriquece Lengar.

Soou um corno a sul. O ruído era ensurdecedor, mas estremecia no quente ar outonal. Saban olhou interrogativamente para Galeth, que acenou afirmativamente.

O teu irmão disse com ar cansado.

Saban atravessou as barreiras e o fosso e foi ter com Aurenna. Rodeou-lhe o corpo com um braço e colocou a outra mão no ombro do filho. O corno soou de novo, seguindo-se um longo silêncio. Saban olhou para o cume ali próximo, quebrado pelos montículos dos túmulos. Mais ao longe, as árvores escureciam o horizonte distante, já esbatido pelo ar quente.

Esperaram, mas nada apareceu no cume. O vento agitava o cabelo de Aurenna e a relva, empalidecendo-a e escurecendo-a de novo. Lallic agitava-se nos braços da mãe e Aurenna acalmava a filha. Os homens que cavavam o buraco para a pedra-mãe tinham deixado cair as picaretas e olhavam para sul. Até os bois que puxavam os blocos de pedra se tinham imobilizado, com as cabeças baixas e os flancos sangrando dos aguilhões. Um falcão atravessou o caminho sagrado, lançando a sua sombra negra contra as barreiras de greda.

Vem aí um homem mau? perguntou Leir ao pai. Saban sorriu.

É o teu tio disse, despenteando o cabelo do filho. Tens de o tratar com respeito.

O corno do boi voltou a soar, mais alto e mais perto, e Leir, assustado pelo som, estremeceu debaixo da mão do pai, embora nada se visse no alto do monte. Depois o corno soou uma quarta vez e um único homem correu sobre os túmulos. Levava consigo um bordão enorme, do qual pendia uma insígnia de caudas de raposa e de lobo. O porta-estandarte trazia uma capa feita de pele de lobo que não tinha sido cortada e uma máscara do mesmo animal na cabeça, como se se tratasse de um segundo rosto. Agitava o estandarte, recortado contra o céu e, no instante seguinte, o cume ficou cheio de homens.

Tinham chegado numa longa fila e, se a intenção era impressionar, conseguiram-no. Num momento o cimo estava vazio, no seguinte encontrava-se249

invadido por uma fila de lanceiros, tantos que Saban calculou estar a ver os exércitos unidos de Ratharryn e Drewenna. As lanças descreviam uma linha dentada e o grito súbito assustou Lallic. Tratava-se de uma espantosa exibição de poder, porém o exército não estava formado diante de um inimigo, mas sim em frente da aldeia do próprio Lengar. Este sabia que Cathallo ouviria falar das suas hostes e queria que temessem o seu poder.

O próprio Lengar, alto e coberto por uma capa, de lança em riste e espada a cinta, apareceu no centro do exército. Rodeavam-no uma dúzia de homens, os seus chefes guerreiros, enquanto a seu lado, baixo e gordo, encontrava-se Kellan, chefe de Drewenna e lacaio de Lengar. Este deteve-se por um instante e depois mandou avançar as escoltas.

Como lhes dará de comer? perguntou Aurenna em voz alta.

No Verão é fácil explicou Saban. Há veados e porcos. Mais porcos do que se possa imaginar. É uma região abundante. No Inverno continuou, atacam-se os vizinhos.

Lengar viu Saban e dirigiu-se a ele. O chefe de Ratharryn trazia vestida a sua longa túnica de couro com tiras de bronze, e pendia-lhe dos ombros uma capa de lã; empunhava uma enorme lança de lâmina polida. Tiras de pêlo de raposa pendiam do cabo, tendo também algumas atadas às pernas e aos braços. Entrançara penas de águia no cabelo, que engordurara de modo a puxá-lo para trás, chegado à cabeça, fazendo com que Saban recordasse aquele longínquo dia em que morrera o forasteiro e Lengar perseguira-o até à aldeia. As cicatrizes de morte estendiam-se agora, cobrindo-lhe as costas das mãos e os dedos, enquanto os chifres tatuados lhe davam uma estranha intensidade ao rosto. Saban sentiu que Leir estremecia involuntariamente e afagou-lhe a cabeça para o sossegar.

Lengar deteve-se a uns passos de distância. Olhou para Saban por uns instantes e depois falou com ele com ironia.

O meu irmãozinho. Pensei que não te atreverias a voltar para casa.

Porque haveria um homem de recear voltar a casa? perguntou Saban.

Mas Lengar não o ouvia. Olhava para Aurenna. Esta era alta, esguia e de costas direitas, como no dia em que Saban a conhecera, era ainda uma mulher que poderia fazer chefes atravessar o mar. Olhou Lengar calmamente, enquanto este estava verdadeiramente espantado, como se não acreditasse nos seus próprios olhos. Olhou Aurenna várias vezes da cabeça aos pés.

Esta é Aurenna? perguntou.

A minha esposa, Aurenna respondeu Saban, rodeando-lhe ainda os ombros com o braço.

Gundur falou verdade disse Lengar em voz baixa.

A respeito de quê? perguntou Saban. Lengar continuava a olhar Aurenna.250

A respeito da tua mulher, claro respondeu bruscamente. Tinha atrás de si os seus chefes guerreiros, como cães de guarda, todos eles altos, empunhando lanças compridas, vestindo enormes capas, usando cabelo entrançado e grandes barbas, todos eles olhando com ar esfomeado para a mulher alta e loira de Sarmennyn. Por fim, Lengar fez um esforço para deixar de olhar Aurenna.

É o teu filho? perguntou a Saban, apontando com a cabeça para Leir.

Chama-se Leir, filho de Saban, filho de Hengall.

E aquela criança é uma rapariga? Lengar apontou para Lallic, que estava nos braços de Aurenna.

Chama-se Lallic declarou Saban. Lengar sorriu com ironia.

Só um filho, Saban? Tenho sete! Olhou de novo para Aurenna. Podia dar-te muitos filhos.

Estou satisfeita com o filho do teu irmão respondeu Aurenna.

O filho do meu meio-irmão esclareceu Lengar com desprezo. E se o rapaz morrer, toda a tua vida terá sido em vão. De que serve uma mulher que apenas gera um filho? Mantinhas uma porca que só desse um leitão? E os filhos morrem. Continuava a olhar Aurenna, parecendo realmente incapaz de olhar para outro lado. Voltou a observá-la da cabeça aos pés, sem se preocupar em

esconder a sua admiração.

Lembras-te, Saban perguntou sem desviar os olhos, de como o nosso pai nos estava sempre a dizer para casarmos com mulheres de traseiro grande? As mulheres são como o gado, costumava dizer. Não vale a pena conservar as magras. Mas tu escolheste esta mulher. Talvez tivesses mais filhos, se seguisses o conselho de Hengall.

Não quero tomar outra esposa declarou Saban.

Vais fazer o que eu te disser, irmão disse Lengar. Agora estás em Ratharryn. Virou a ponta da lança para um novo montículo no cume baixo. É o túmulo de Jegar. Pensas que me esqueci dele?

Um homem deve recordar os seus amigos afirmou Saban. A espada apontava agora para ele.

Deves à família de Jegar o preço da sua morte. Serão muitos bois, muitos porcos. Prometi-lhes.

E cumpres as promessas que fazes? perguntou o irmão.

Tu cumprirás esta, ou tiro-te uma coisa que para ti é de grande valor. Olhou para Aurenna e forçou um sorriso. Mas não briguemos. Hoje é um dia feliz! Voltaste, trouxeste as últimas pedras e poderemos completar o templo!

E tu devolverás os tesouros à nossa tribo declarou Aurenna.

O rosto de Lengar contorceu-se. Não gostava que uma mulher lhe dissesse o que haveria de fazer, mas assentiu.251

Devolverei os tesouros disse bruscamente. Kereval veio?

Está na aldeia respondeu Saban.

Então não o façamos esperar. Vinde! Lengar estendeu o braço para Aurenna, mas esta recusou sair do lado de Saban e Lengar fingiu não reparar.

Os lanceiros passaram por Saban e Aurenna.

Creio que deveríamos ir disse Saban. Partir, simplesmente. Aurenna abanou a cabeça.

Devemos ficar aqui disse ela.

Só porque Camaban nos mandou vir! protestou Saban. E ele foi-se embora! Fugiu! Deveríamos fazer o mesmo.

Erek, Slaol, disse para virmos. Com ou sem Camaban, é aqui que devo ficar. Voltou-se para olhar as pequenas pedras do templo incompleto. Slaol tem falado comigo em sonhos ainda com maior clareza disse em voz baixa. Quer-me aqui. Foi para isso que me poupou a vida, para me trazer para aqui. Saban queria discutir, mas era inútil argumentar com um deus. Não falava com nenhum deles em sonhos. Aurenna voltou-se, franzindo a testa ao ver a massa de lanceiros que se dirigia à aldeia.

Para que precisa o teu irmão de tantos homens?

Porque vai atacar Cathallo respondeu Saban. Chegámos a tempo de ver uma guerra.

Voltaram para a aldeia. Rapazinhos conduziam porcos dos bosques para uma faixa de terra junto do velho templo de Slaol, onde os animais iriam ser chacinados. As mulheres e as crianças separavam a carne dos ossos, enquanto os cães rastejavam e farejavam, à espera dos restos; porém, estes estavam a ser batidos em almofarizes, misturados com cevada e enfiados nas tripas de porco, que seriam depois cozidas em cinzas quentes. Os grunhidos dos animais que morriam eram constantes e o sangue acre suficiente para correr pela encosta abaixo em pequenos ribeiros, que eram lambidos por cães esfomeados. Dentro da aldeia o cheiro era pior, pois aí as mulheres misturavam vasos de veneno viscoso para cobrir as lanças dos guerreiros no seu ataque a Cathallo. Outras preparavam os festejos da noite. Depenavam cisnes, assavam porcos e trituravam cereal com mós. Os poços de tanino cheios de estrume e urina juntavam-se ao fedor. Os homens atavam as setas de sílex aos paus e batiam a borda das lâminas das lanças para as afiar.

Aurenna foi à cabana de Galeth dar de comer às crianças, enquanto Saban deambulava pela aldeia em busca de antigos amigos. No templo de Arryn e Mai, onde se espantou ao ver o poste rachado e queimado, depois de ter sido atingido pelo raio, encontrou Geil, a viúva mais velha do pai, que colocava um pequeno

ramo de salgueirinhas macias na entrada do templo. Abraçou Saban e começou a chorar.

Não devias ter regressado soluçou. Ele mata tudo aquilo de que não gosta.252

Valeu a pena voltar afirmou Saban nem que fosse só para te ver.

Não chego ao Inverno disse a mulher, limpando os olhos com as pontas do cabelo branco. O teu pai era um bom homem. Olhou para as flores que colocara junto às pedras que assinalavam a entrada. Os nossos filhos morrem todos acrescentou tristemente e afastou-se para a sua cabana.

Saban entrou no templo e encostou a testa ao poste que ele e Galeth tinham erguido havia muitos anos. Naquela altura ainda nem era um homem. Fechou os olhos e teve a súbita visão de Derrewyn vinda do ribeiro, nua, com a água a escorrer-lhe do cabelo. Teria sido Mai, a deusa do rio, que lha enviara? Que significaria? Orou a Mai para que lhe protegesse a família, depois quando raspava o poste para chamar a atenção da deusa para a sua prece, ouviu um grito que o fez voltar-se.

Saban! era a voz de Lengar. Saban! Lengar passava pelas cabanas com dois lanceiros que evidentemente eram os seus guardas. Saban! gritou de novo e quando viu o irmão no templo, apressou-se a caminhar até ele. As pessoas que estavam junto ao santuário afastaram-se.

Lengar estava furioso, descansava a mão direita no punho de madeira da espada de lâmina de bronze que lhe balançava da cintura.

Porque não me disseste que uma das pedras foi roubada ontem à noite? perguntou.

Saban encolheu os ombros.

Por homens com flechas com penas negras respondeu. Porque haveria de te dizer aquilo que já sabes?

Lengar pareceu apanhado de surpresa.

Estás a dizer...

Sabes bem o que estou a dizer interrompeu-o Saban. Lengar obrigou-o a calar-se.

Tenho um acordo com Sarmennyn! gritou. O acordo diz que me devem trazer um templo. Não parte dele!

Foram os teus homens que roubaram a pedra acusou Saban.

Os meus homens vociferou Lengar com desprezo. Os meus homens nada fizeram! Perdeste a pedra! Esmurrou o peito de Saban. Perdeste-a, Saban!

Os dois lanceiros observavam cautelosamente Saban, não fosse este responder à raiva do irmão com a sua, mas Saban limitou-se a abanar a cabeça com ar cansado.

Pensas que foste enganado porque falta uma pedra? Uma pedra entre tantas?

Se eu te cortasse a pila, irmão, sentir-lhe-ias a falta? Porém não passa de um bocadinho de carne. Lengar cuspiu. Diz-me, quando esses homens te atacaram com flechas com penas pretas, mataste algum? Fizeste prisioneiros?

Não.253

Então como sabes quem eram?

Não sei confessou Saban, mas apenas Ratharryn usava flechas com penas negras. Cathallo misturava penas azuis de gaio às negras dos corvos, enquanto Drewenna enfeitava as suas com uma mistura de preto e branco.

Não sabes escarneceu Lengar porque não combateste com eles, pois não? Abriu a túnica do irmão. Apenas duas cicatrizes, Saban? Continuas cobarde?

Uma delas é por Jegar respondeu Saban em tom de desafio. Ele não me achou cobarde.

Mas Lengar não respondeu à provocação. Encontrara a casca de avelã pendurada do seu fio de couro e, antes do irmão o poder impedir, puxou-o de dentro da túnica.

Cathallo mete os seus feitiços dentro da casca de avelãs disse com uma voz

perigosamente baixa. Ergueu os olhos para os de Saban. Que talismã é este?

Uma vida.

De quem?

É o osso de alguém disse Saban. E a carne da carne. Lengar fez uma pausa, reflectindo sobre a resposta, depois puxou com força o cordão, impelindo Saban para diante, mas conseguindo soltar a avelã.

Perguntei-te de quem era a vida.

Tua, irmão respondeu Saban. Lengar sorriu.

Pensas tu, irmãozinho, que esta casca de avelã protegerá a tua mulher?

Slaol protegerá Aurenna.

Mas este talismã, irmãozinho, não é de Slaol continuou Lengar segurando a avelã diante dos olhos de Saban. É de Lahanna. Rastejaste de novo para Derrewyn?

Não rastejei respondeu Saban. Fui levar-lhe um presente.

Um presente? À minha inimiga?

Ofereci-lhe a cabeça de Jegar disse Saban. Sabia que era perigoso provocar Lengar, principalmente porque estava desarmado, mas não pôde evitá-lo.

Lengar recuou e gritou por Neel, o sumo sacerdote.

Neel! Vem cá! Neel!

O sacerdote saiu da sua cabana. Coxeava por causa da flecha que lhe furara a perna na noite em que Lengar matara Hengall. Tinha o cabelo espetado com lama seca, um colar de ossos à volta do pescoço e pendiam-lhe do cinto várias bolsas, nas quais guardava ervas e encantamentos. Curvou a cabeça diante de Lengar, que lhe entregou a casca de avelã.

Isto é um encantamento à minha vida disse Lengar. Uma coisa feita por Derrewyn. Diz-me como foi feito.254

Neel olhou nervosamente para Saban, depois retirou de uma bolsa uma pequena lâmina de sílex e cortou os cordões que atavam a casca. Abriu as duas metades e depois cheirou o conteúdo. Fez uma careta ao sentir o fedor, e depois tocou no ossinho com um dedo.

Deve ser do filho de Derrewyn concluiu.

Meu filho, também afirmou Lengar.

Ela matou-o afirmou Neel. Depois usou os ossos e a carne para te amaldiçoar.

Uma maldição de Lahanna?

Nunca usaria outro deus confirmou Neel.

Lengar pegou de novo na casca e fechou-a cuidadosamente.

Dará resultado? perguntou ao sacerdote. Neel hesitou.

Lahanna não tem poderes aqui disse, muito nervoso.

É isso que afirmas sempre disse Lengar. Agora poderemos ver se é verdade. Olhou para Saban. Irmãozinho, que terias de fazer para me matar? Esmagá-la?

Saban nada disse. Lengar riu-se.

Um dia darei a tua carne a comer aos porcos e usarei a tua caveira para urinar.

Disse estas palavras em tom de desafio, mas o rosto traía algum nervoso ao colocar a avelã entre as mãos para fazer pressão. Fez uma pausa, decerto para se interrogar se desafiar a deusa seria sensato, mas Lengar não era temido em Ratharryn por ser sensato. Um homem tem de correr riscos se quer conseguir grandeza, por isso Lengar estava disposto a apostar a própria vida se a recompensa fosse suficientemente grande, de modo que apertou de novo. Foi preciso mais força do que pensava, mas por fim a casca cedeu e o talismã quebrou-se. Manteve os bocados peganhentos entre as mãos e esperou, com a respiração suspensa. Nada aconteceu.

Riu baixinho e passou cuidadosamente os restos para uma só mão. Entregou-os a Neel.

Atira-os para a fogueira mais próxima ordenou, ficando a ver o sacerdote dirigir-se obediente ao lume mais próximo e a lançar para lá o talismã.

O fogo tornou-se mais brilhante e assobiou por causa da gordura mas, mesmo assim, Lengar ficou vivo.

Porque hei-de importar-me com a maldição de Lahanna? perguntou Lengar em voz alta. Vivo no seu templo e ela nada faz. Somos o povo de Slaol! O povo de Kenn! gritava, fazendo com que as pessoas olhassem para ele nervosas, enquanto esfregava as mãos. Grande coisa, essa maldição de Derrewyn disse para Saban. Ou estarei morto?

Neel riu da brincadeira.

Não estás morto! exclamou o sumo sacerdote.**255**

Lengar bateu com a mão em si próprio.

Parece que estou vivo!

Estás vivo! exclamou o sumo sacerdote, dando uma gargalhada.

Mas Derrewyn está a sofrer, não? perguntou Lengar ao sacerdote.

Oh, sim respondeu Neel. Sim, está a sofrer! Contorceu-se para mostrar a dor que havia de afligir Derrewyn. Está a sofrer!

E Saban está desapontado disse Lengar com ar compadecido. Depois lançou ao irmão um olhar tão gelado que este ficou à espera de o ver desembainhar a espada para lha espetar no ventre. Surpreendentemente, porém, Lengar sorriu.

Vou fazer-te uma oferta, irmãozinho. Tenho razões para te matar, mas qual o mérito de dizimar um cobarde? Assim, podes voltar de rastos para Sarmennyn, mas se voltar a ver-te, corto-te a cabeça.

Não desejo mais nada do que voltar para Sarmennyn respondeu Saban.

Mas vais sem a tua esposa disse Lengar. Para que não fiques desapontado, irmão compro-ta. O preço é o valor da vida de Jegar.

Aurenna não está à venda disse Saban. E pertence ao povo de Sarmennyn. Pensas que a deixarão ficar para satisfazer os teus apetites?

Lengar fez um gesto de desprezo ao ouvir a pergunta.

Creio, irmãozinho, que esta noite a tua esposa será minha e serás tu a entregar-ma. Empurrou Saban com um dedo. Ouviste? Serás tu a entregar-ma. Esqueces, Saban, que estamos em Ratharryn, que aqui governo eu e que tenho o amor dos deuses. Deu meia volta, mas depois veio ainda dizer-lhe a sorrir: Talvez tu pudesses governar. Bastava que me matasses.

Aguardou ainda uns instantes como que à espera que Saban o atacasse; depois estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha na face antes de se afastar, seguido dos seus sorridentes lanceiros.

Saban foi a correr em busca de Aurenna e ficou aliviado ao encontrá-la

em segurança.

Temos de partir! mas Aurenna troçou do seu terror.

Devo ficar disse. Erek quer-me aqui. Viemos para fazer grandes coisas.

A casca de avelã não tinha resultado. Aurenna estava perdida no seu sonho com o deus do Sol e Saban sentia-se encurralado.

Nessa noite Lengar organizou um enorme festejo para os homens de Sarmennyn. Era uma refeição abundante de ostras, cisnes, trutas, carne de porco e de veado. Os escravos serviram-na na enorme cabana e Lengar forneceu generosos vasos de inebriante licor.

Os homens de Lengar, tal como os guerreiros de Drewenna, festejavam lá fora, pois dentro do recinto não havia espaço suficiente para tanta gente;256

além do mais, preparavam-se para o combate e por isso tinham-se reunido em primeiro lugar no velho templo de Slaol, onde sacrificaram um vitelo e o dedicaram à batalha; depois pegaram nos vasos de licor e beberam excessivamente, porque acreditavam que a forte bebida lhes dava coragem. As mulheres reuniram-se no templo de Arryn e Mai, onde oraram pelos homens.

Aurenna e Saban comeram com Kereval e os seus homens. Scathel queixou-se de que uma mulher não deveria estar no recinto, mas Kereval acalmou o exaltado sacerdote.

É dos nossos. É dos nossos só esta noite. Além do mais, o destino de Aurenna não estará ligado à devolução dos tesouros?

Lengar veio à cabana depois de escurecer. O cavernoso recinto encontrava-se iluminado por duas enormes fogueiras que lançavam fumo até às caveiras avermelhadas pela luz do lume. O fumo rodopiava à volta delas, antes de sair pelo buraco do pico do telhado. A comida fora abundante, o licor forte e os homens de Kereval estavam de bom humor quando Lengar chegou, escoltado por seis lanceiros. O chefe de Ratharryn vinha vestido para o combate, exibindo o bronze cintilante na sua túnica e penas de águia na lâmina da lança. Bateu com o cabo desta no poste da entrada da cabana para pedir silêncio.

Homens de Sarmennyn! gritou, usando a língua do Povo da Fronteira. Viestes aqui buscar o vosso ouro! Os vossos tesouros! Sou eu que os tenho!

Houve murmúrios de apreço. Lengar deixou que se desvanecessem e depois sorriu.

Mas apenas concordei em devolver-vos esses tesouros se me trouxésseis um templo.

Já o trouxemos! Já o trouxemos! gritou Scathel.

Trouxestes a maior parte disse Lengar. Falta uma pedra. Roubaram-vos uma pedra.

Os murmúrios eram agora zangados, de tal modo que os lanceiros avançaram para proteger o seu chefe, mas Lengar afastou-os.

O templo terá poderes com menos uma pedra? perguntou Lengar. Quando enterramos o cadáver de um inimigo cortamos-lhe uma mão ou um pé, de modo que fica incompleto. Porquê? Para que o espírito do defunto não tenha poderes. Agora o meu templo está incompleto. Será que Erek o vai reconhecer?

Vai! insistiu Scathel. O escanzelado sacerdote estava de pé, rígido de raiva. Viu o seu transporte! Viu o nosso trabalho!

Mas suponhamos que está zangado porque falta uma pedra? sugeriu Lengar e depois abanou tristemente a cabeça. Pensei muito a este respeito, falei com os meus sacerdotes e juntos encontrámos a resposta que vos permitirá transportar o ouro para a vossa aldeia. Não foi por isso que viestes? Para levar o ouro e gozar a felicidade?257

Fez uma pausa. Scathel estava confuso e nada disse, de modo que Kereval se levantou.

Qual é essa resposta? perguntou cortesmente o chefe. Lengar sorriu.

Tenho de atrair Erek a este templo. A um templo que não está completo. Que melhor maneira de o fazer do que com a sua noiva? Apontou para Aurenna. Dai-me esta mulher disse. E entregar-vos-ei o vosso ouro. Dar-vos-ei até mais! Voltareis esta noite mais ricos do que éreis antes de vo-lo terem roubado! Dar-vos-ei o dinheiro, mas só se o meu irmão me entregar a noiva do deus. Sorrindo, apontou a lança a Saban. Tens de me trazer Aurenna.

Não! gritou Saban. Sabia agora a razão pela qual Lengar enviara homens para roubar a pedra e também que ninguém acreditaria na sua história. Não! gritou de novo.

Enviai-ma disse Lengar a Kereval. Assim, entregar-vos-ei os tesouros e assim *se* retirou, afastando a cortina, que caiu de novo sobre a entrada.

Não! gritou Saban pela terceira vez.

Sim! berrou Scathel ainda mais alto. Sim! Porque outra razão a teria Erek poupado no Templo do Mar? Nenhuma outra noiva foi rejeitada, uma única vez em toda a existência da tribo! Havia uma intenção e agora sabemos qual foi.

Ele não a quer para Erek gritou Saban. Quere-a para si! Lewydd estava agora de pé, junto a Saban, acrescentando a sua voz ao protesto, bem como alguns dos seus remadores, os homens que durante cinco anos tinham trabalhado para trazer as pedras do outro lado do mar. Estes batiam no chão, apoiando Saban, porém os guerreiros, aqueles que tinham vindo para escoltar de volta os tesouros, esses não olhavam nem para Saban, nem para Aurenna, apenas para o chão.

Scathel cuspiu.

Durante cinco anos escravizámo-nos para recuperar os tesouros gritou. Derramámos sangue e desperdiçámos esforços. Fizemos aquilo que a maior parte dos homens achava que não poderia ser feito e agora negam-nos a recompensa? Apontou a Saban o dedo ossudo. Porque haveria Erek de lhe ter poupado a vida? Qual seria a sua intenção, se não este momento?

Boa pergunta afirmou Kereval em voz baixa.

Isto não vai ser feito por Erek, mas sim pela luxúria do meu irmão! gritou Saban, mas o seu protesto foi vaiado pelos guerreiros. Eram os tesouros que importavam, nada mais.

Aurenna levantou-se com Lallic ao colo. Tocou na mão de Saban.

Não tem importância disse em voz baixa. Olha. Olhou para cima, para o sítio por onde o fumo desaparecia pelo buraco do telhado, depois de passar pelas caveiras coloridas pelo fogo.258

O que é que tem? perguntou Saban.

Aurenna ofereceu-lhe um dos seus sorrisos mais delicados.

É de noite disse suavemente. Uma maldição de Lahanna não terá efeito ao sol, pois não? Sabia que Lengar tinha destruído o talismã de Derrewyn e franzira o rosto ao ouvir a história. Vai ser mau para ele dissera naquela altura e agora tentava sossegar Saban. Ele provocou os deuses e eles não gostam de ser desafiados.

Arrastem-na cá para fora! gritou Scathel, impaciente com a demora, de modo que Kargan, chefe dos lanceiros de Kereval, fez sinal aos companheiros mais próximos.

Deixai-a ordenou Kereval. Aurenna olhava ainda para o rosto de Saban.

Tudo correrá bem disse ela, encaminhando-se para a saída do recinto, com Lallic nos braços. Lewydd segurou Leir, enquanto Saban foi ter com Aurenna, tentando retê-la. Esta franziu a testa.

Agora não me podes deter disse, soltando-se.

Prefiro matar-te a entregar-te ao meu irmão afirmou Saban. Nunca tinha perdoado a si mesmo o destino de Derrewyn; como haveria agora de deixar Aurenna encaminhar-se para a cama dele?

Erek quer-me aqui afirmou Aurenna.

Erek quer que sejas violada? gritou Saban.

Confio em Erek respondeu placidamente Aurenna. Toda a minha vida não é uma dádiva sua? Como poderá ocorrer algum mal? Não serei violada. Erek não o permitirá.

Kereval avançou para interceder, mas nada tinha a dizer. Gostava tanto de Saban como de Aurenna, mas a tribo tinha feito sacrifícios para recuperar o ouro e agora teria de se sacrificar ainda mais. Queria dizer que o lamentava, mas as palavras não lhe saíam, de modo que lhes voltou as costas. Scathel tinha razão, pensou o chefe. Aurenna deveria ter morrido por Erek e ganhara anos de vida com a sua fuga no Templo do Mar, de modo que nada era assim tão trágico como parecia. A intenção do deus estivera escondida, fora até misteriosa, mas agora tornara-se evidente. O destino era inexorável.

Fez-se silêncio no recinto da festa quando Aurenna ergueu a cortina. Inclinou-se para sair para a noite, seguida por Saban e Lewydd e viu que Lengar a esperava a alguns passos de distância. Estava ladeado pelos seus guerreiros armados de bronze, que rodeavam o recinto da festa, com lanças e arcos na mão. Alguns empunhavam tochas acesas para iluminar a noite sem Lua. Embriagados, zombavam de Saban, que olhou para o céu.

Não há Lua!

Vai correr tudo bem disse Aurenna em voz baixa. Sei que Erek não me abandonou.

Trá-la para mim ordenou Lengar.259

Saban hesitou, mas Aurenna empurrou-o e encaminhou-se orgulhosa na direcção da alta figura de Lengar em cujo rosto se espelhava o triunfo.

Bem disse que haverias de ma trazer, Saban afirmou Lengar. És um carneiro. Fez um gesto com a cabeça, de modo que quatro dos seus homens separaram

Aurenna de Saban utilizando as lanças. Empurraram-na em direcção a Lengar, enquanto outros homens, com o hálito cheirando a licor, detiveram Lewydd e Saban, forçando-os a afastarem-se, passando por um cordão de guerreiros. Saban olhou para trás e viu Aurenna entre dois guardas, mesmo atrás de Lengar.

Porém, naquele momento Lengar ignorava-a. Olhava na direcção do recinto da festa e ergueu a lança.

Agora! gritou alegremente. Agora!

Os guerreiros que empunhavam os archotes atiraram-nos para o telhado do recinto, enquanto outros lançavam paus em chamas, embrulhados em palha para os largos beirais da cabana. As chamas atearam-se à inclinada cobertura de colmo com enorme velocidade e apenas uns instantes depois o primeiro homem aterrorizado tentava escapar ao fogo; todavia, assim que apareciam à saída da cabana eram recebidos pelas flechas que os faziam recuar com força brutal. O colmo em chamas caía para dentro do recinto onde o fumo se adensava. O tempo estivera seco, de modo que o fogo ateara como bufa-de-lobo. Foram lançados mais archotes para cima do telhado, que era agora uma amálgama de chamas e escuridão. Os fogos espalharam-se e juntaram-se, ardendo em conjunto, enquanto os homens gritavam sob as caveiras penduradas. Alguns tentaram partir as paredes e sair, mas eram atingidos pelas flechas. Um homem que conseguiu libertar-se caiu atingido por meia dúzia de setas e atirado ao chão por um machado de bronze.

Aurenna assistia, cobrindo a boca com a mão, os olhos aterrados e a filha apertada contra si, de modo a que Lallic não pudesse ver a carnificina. Agora ardiam as paredes. O cabelo comprido de um morto que ficara preso na fenda de uma parede, pegou fogo. Parte do telhado ruiu, cuspindo na noite um ribeiro de fagulhas. As caveiras caíam, enquanto a palha incendiada se erguia na direcção das estrelas. Os guerreiros de Lengar olhavam enfeitiçados. Entre os espectadores encontravam-se aqueles homens de Kereval, os guerreiros que tinham seguido Vakkal até Ratharryn e que agora prestavam vassalagem a seu chefe cruel; esses Fronteiriços aclamavam também. Através das fendas, viam os homens incendiados contorcerem-se em remoinhos de fogo. Um rapaz, um dos dois que viera a escoar a água do barco da pedra-mãe, gritava freneticamente. Saban sentia o cheiro da carne queimada. Os gritos morreram lentamente, embora aqui e ali uma figura enegrecida vacilasse no fumo e no fogo; porém em breve não havia qualquer movimento, excepto o colapso das traves, as fagulhas,

os pequenos fogos e o fumo. Todo o telhado ruíra, deixando apenas de pé os doze postes do templo. As chamas lambiam-nos. Uma caveira260

fumacenta rolava na erva. Lewydd pusera Leir no chão e estrebuchava nos braços de dois lanceiros, mas por fim, deixou-se cair de joelhos enterrando a cabeça nas mãos. Saban acocorou-se junto a ele.

Desculpa disse, passando o braço pelos ombros do amigo. Segurava Leir contra si.

Lengar nunca iria devolver o ouro disse Saban a Lewydd. Já o deveria saber. Já o deveria saber.

Aqueles dois ainda estão vivos? perguntou a voz de Lengar por trás de Saban. Estrangulai-os. Não, lançai-os às chamas.

Os lanceiros dirigiram-se a Saban e Lewydd. A Lua acabava de se erguer a ocidente, vinda detrás das árvores das terras altas. Estava quase cheia, enorme, achatada e vermelha, um luar inchado, monstruoso na noite assassina, mas a sua luz era afogada pelas chamas. Todavia foi a luz de Lahanna que, ao percorrer as enormes árvores, mostrou a Saban algumas formas no cimo da barreira. Viu as sombras moverem-se por entre as caveiras brancas que protegiam a aldeia dos espíritos e que atravessavam a barreira de terra; voltou-se para oriente, lutando contra os lanceiros que o queriam erguer e viu que mais formas se agitavam aí. Mais ninguém em Ratharryn as via, pois olhavam para o braseiro onde uma centena de homens de Sarmennyn perecera sufocada pelo fumo, ardendo agora sob uma camada de caveiras queimadas e colmo incandescente.

Quando os lanceiros conseguiram erguer Saban e Lewydd, as primeiras flechas cintilaram à luz das chamas. Um homem caiu ali perto, com uma delas no pescoço. Saban fez força para trás com o cotovelo, ouviu o arfar do seu captor e soltou-se. Caíam mais enquanto Saban se baixava e envolvia Leir nos seus braços. Pouco conseguia ouvir sobre o rugido do fogo, mas via as flechas voarem na luz do incêndio. Lewydd também se soltara, pois o seu captor fora atingido por um dos projécteis. Os lanceiros de Lengar, entorpecidos pelo licor que tinham bebido, não viram os atacantes descer do cimo da barreira para entrar nas sombras, de onde lançavam agora flecha atrás de flecha. As setas de sílex entravam na carne. Outras atingiam as cabanas e outras perdiam-se no fogo.

Saban puxou por Lewydd.

Vem! pegou em Leir e correu na direcção de Aurenna, que ainda não se apercebera do perigo. Os homens de Lengar, embriagados, só agora despertavam para o ataque ignorando ainda de onde vinha. Saban estendeu um braço para a esposa, mas um dos guardas viu-o e avançou para o interceptar, abrindo a boca num grito para avisar Lengar, porém uma flecha entrou-lhe directamente na garganta. O homem recuou, sufocado pelo sangue que lhe jorrava para a barba e caiu no chão. Mesmo assim, Lengar voltou-se e Saban bateu-lhe com a mão que tinha livre. Fora um soco desesperado, mas atingira o rosto do irmão e fê-lo cair. Saban agarrou Aurenna com a mão magoada e261

puxou-a para as sombras entre as cabanas, onde as mulheres gritavam e os cães uivavam.

Foge! gritava Saban. Foge!

Mas não havia para onde. Os inimigos tinham atravessado a parte norte da barreira, tendo já chegado aos poços dos curtumes, lançando flechas que mergulhavam no colmo junto a Saban; este, aflito, dirigiu-se à cabana de Galeth. Empurrou Aurenna e Lallic lá para dentro, depois Leir e por fim foi ele próprio a entrar.

Uma arma! pediu a Galeth, que se recusara assistir ao braseiro assassino.

Pegou na velha lança do tio, que era enorme e pesada e entregou outra a Lewydd.

Lá fora já não havia gritos. Os lanceiros passavam por Saban a correr, quando este saiu para o luar. Ninguém reparava nele. Ele e Lewydd não passavam agora de dois lanceiros no caos da noite, onde uma mão-cheia de gente tentava extinguir os múltiplos fogos pequenos ateados ao colmo das cabanas, atingido pela palha que voara do recinto incendiado. No entanto, a maior parte da turba em pânico e embriagada procurava o inimigo, mas quando os guerreiros de Ratharryn descobriram os archeiros *e* correram em direcção a eles, os atacantes retiraram-se para lá da muralha, desaparecendo na escuridão.

Quem são? gritou Lewydd para Saban.

Cathallo alvitrou este. Não conseguia pensar noutro inimigo e desconfiava que Rallin, sabendo que seria atacado no dia seguinte, enviara os seus archeiros durante a noite para ferir e humilhar os homens de Lengar.

Os archeiros tinham desaparecido todos. Tinham chegado, ferido e morto, desaparecendo em seguida, contudo o pânico não se desvaneceu. Alguns dos guerreiros de Ratharryn atacaram os homens de Drewenna, tomando-os por inimigos e os lanceiros desta aldeia responderam quando Lengar se meteu entre eles, gritando para que parassem. Saban espreitava-o furtivamente.

Aos poucos, a luta terminou. Homens *e* mulheres batiam no colmo em chamas com capas e peles, ou então retiravam a palha a arder de cima dos telhados das suas cabanas. Os feridos rastejavam ou ficavam no chão a sangrar. Os doze postes do templo ali estavam, queimados e fumegantes sobre o fogo vermelho que ainda consumia o recinto das festas. Lengar separou dois guerreiros que combatiam e depois voltou-se, quando um dos postes caiu espalhando o fogo por toda a aldeia. Aí, na luz subitamente lívida, viu Saban de lança na mão. Sorriu.

Queres ser chefe, irmãozinho? Queres matar-me?

Deixa-me a mim disse Lewydd vingativo. Deixa-me!

Não. Saban empurrou o amigo para o lado e avançou.

Lengar deixara cair a sua lança e puxou da espada. Parecia aborrecido, como se o trabalho de matar Saban fosse coisa de pouca monta. Saban deveria262

ter-se acautelado com a confiança do irmão, mas estava demasiado furioso para tal. Queria simplesmente matá-lo e Lengar sabia-o, tal como sabia que a fúria de Saban o tornaria desastrado e fácil de vencer.

Vem, irmãozinho provocava-o.

Saban ergueu a lança, respirou fundo e preparou-se para uma violenta carga impulsionada pela raiva. Nessa altura um homem gritou e apontou para a entrada a sul da aldeia, de modo que Lengar e Saban se voltaram nessa direcção: ambos olhavam de boca aberta. E ambos, por instantes, esqueceram a sua luta.

Porque um homem morto caminhava pela noite.

TERCEIRA PARTE

O Templo da Morte267

HOMEM MORTO CAMINHAVA Ao LUAR E O POVO DE RATHARRYN soltou *um* enorme gemido assustado com os horrores que estavam a chegar à tribo.

O cadáver, que caminhava completamente nu, era esquelético. Os olhos eram buracos negros numa máscara pálida, a pele fantasmagoricamente branca, as costelas acentuadas a negro, e grisalho o cabelo escorrido. Bocados de pele e cabelo caíam *e* flutuavam no ar como se entrassem em decomposição à medida que andava. A Lua estava agora mais alta, mais alta, mais pequena, mais pálida e mais brilhante; um lanceiro junto de Lengar soltou um grito de terror.

Não tem sombra! Não tem sombra! Os guerreiros, que tinham combatido embriagados, fugiam ou atiravam-se ao chão, escondendo os rostos. Apenas Lengar se atrevia a avançar na direcção do morto que não tinha sombra, mas até ele tremia.

Depois Saban, que ficara pregado ao chão de medo, viu que o espectro tinha sombra ao luar. Viu também que, de cada vez que o cadáver passava o peso do corpo para o pé esquerdo, dava um pequeno salto. E os farrapos cinzento-esbranquiçados não eram flocos de pele, mas sim cinza levada pela brisa leve. O homem molhara-se no rio, escurecera os olhos e as costelas com fuligem, cobrira-se de cinza e esta secara transformando-se em pó que lhe caía do cabelo e da pele.

Camaban! rosnou Lengar. Também ele reconhecera o defeito do pé e pronunciava zangado o nome do irmão, envergonhado por ter sentido medo da figura fantasmagórica.

Irmão! exclamou Camaban. Abriu os braços a Lengar que respondeu ao gesto erguendo a espada. Irmão! exclamou de novo, em tom de censura. Vais matar-me? Como haveremos de derrotar Cathallo, se me queres matar? Como derrotaremos Cathallo sem feitiçaria? executou uns passos de dança desajeitados e gritou à Lua: Feitiçaria! Sortilégios! Feitiços no escuro e encantamentos ao luar! uivou e estremeceu, como se os deuses lhe comandassem o corpo e depois, quando o ataque passou, franziu a testa interrogativamente para Lengar. Não precisas da minha ajuda para contrariar as maldições de Derrewyn?268

Lengar manteve a espada em riste.

Da tua ajuda? perguntou.

Vim disse Camaban em voz alta, para que os guerreiros que tinham fugido para as cabanas o pudessem ouvir para derrotar Cathallo. Vim para desfazer Cathallo, para que fique em pó. Vim soltar os deuses contra Cathallo, mas primeiro, irmão, tu e eu temos de fazer as pazes. Temos de nos abraçar.

Avançou de novo em direcção a Lengar, que recuou, olhando para Saban.

Haverá tempo para o matares disse Camaban. Mas primeiro faz as pazes comigo. Lamento a nossa discussão. Não está certo que sejamos inimigos.

Lengar tocou com a espada em Camaban.

Vieste para derrotar Cathallo?

Ratharryn nunca será grande enquanto Cathallo prosperar exclamou Camaban. Desejo que Ratharryn recupere a sua grandeza. Empurrou suavemente a espada de Lengar. Não há necessidade de discutirmos, irmão. Quanto mais tu e eu discutirmos, mais tempo levará Cathallo a ser conquistada. Portanto, abraça-me, irmão, a bem da vitória. Depois cairei a teus pés, para mostrar ao teu povo que tu tinhas razão e eu não.

A ideia de derrotar Cathallo foi mais que suficiente para convencer Lengar a pôr fim à questão com Camaban, de modo que abriu os braços, permitindo que o irmão o viesse estreitar nos seus.

Saban, que estava perto dos dois, recordou o dia em que Hengall fizera a paz com Cathallo, abraçando Kital. Todavia acabou por perceber que Camaban não viera fazer o mesmo. Quando passou o braço direito sobre o pescoço de Lengar tinha um objecto negro a brilhar-lhe na mão e Saban apercebeu-se de que ali havia uma faca, uma faca de sílex com uma lâmina negra suficientemente curta para Camaban a poder esconder. A faca passou por trás da cabeça de Lengar e cortou-lhe o pescoço, de modo que o sangue saltou de repente, quente e escuro. Lengar tentou afastar-se, mas o irmão segurou-o com uma força surpreendente. Sorriu através da máscara preta e branca e afundou mais a lâmina, serrando para trás e para a frente a fim de o gume ligeiro cortar o músculo rígido e as artérias latejantes. O sangue de Lengar derramou-se por cima das cinzas que cobriam o

corpo magro do irmão. Lengar sufocava, o sangue saía-lhe da boca aos borbotões, mas mesmo assim Camaban não o largava. A faca cortou de novo e, por fim, Camaban libertou-o, deixando-o cair de joelhos. Camaban deu-lhe um pontapé na boca, fazendo com que a cabeça de Lengar se inclinasse para trás e, depois, agitou mais uma vez a pequena faca e abriu completamente a garganta do irmão.

Lengar sucumbiu. Estrebuchou uns instantes com o sangue a latejar na garganta cortada, mas as pulsações diminuíram, até que terminaram. Saban olhava fixamente a cena. Nem se atrevia a acreditar que Lengar estava morto269

e Aurenna salva. A Lua de Lahanna brilhava, fazendo refulgir a poça de sangue negro ao lado do cabelo oleoso de Lengar.

Camaban inclinou-se e pegou na espada de bronze do morto. Os guerreiros tinham assistido incrédulos à morte do seu chefe, mas agora rugiam zangados, avançando sobre Camaban que ergueu a espada para os manter à distância.

Sou feiticeiro! gritou. Posso meter vermes nos vossos ventres, transformar as vossas tripas em lesmas e fazer os vossos filhos agonizar. Os guerreiros detiveram-se. Usariam as lanças em inimigos humanos, mas a feitiçaria reduzia-lhes a coragem a nada.

Camaban voltou-se para o cadáver de Lengar espetando-o repetidas vezes com a espada, acabando por lhe cortar a cabeça com uma série de golpes mal dados. Só depois olhou para Saban.

Ele não queria reconstruir o templo explicou Camaban com voz calma. Pedi-lhe, mas recusou. Está mal feito, sabes? As pedras de Sarmennyn não têm altura suficiente. A culpa é minha, inteiramente minha. Escolhi o templo, mas errei. Haragg sempre me disse que aprendemos à medida que crescemos e eu aprendi, mas Lengar não me queria ouvir. Assim, decidi voltar e começar tudo de novo. Deitou fora a espada. Quem vai ser chefe aqui, Saban, tu ou eu?

Chefe? perguntou Saban surpreendido.

Pensou que devo ser eu o chefe continuou Camaban. Afinal sou mais velho do que tu e muito mais esperto. Não concordas?

Queres ser chefe? perguntou Saban, ainda estupefacto com os acontecimentos

dessa noite.

Sim disse Camaban. Quero. E também quero outras coisas. Que acabe o Inverno, a doença, que as crianças não chorem mais à noite. É isso que quero. Aproximara-se de Saban enquanto falava. Quero a união dos deuses disse em voz baixa. Um Verão sem fim. Abraçou Saban enquanto este sentia o cheiro do sangue de Lengar na pele do irmão. Sentiu os braços de Camaban à volta do pescoço e depois ficou rígido ao sentir a faca negra tocar-lhe a garganta.

Aurenna está cá? perguntou calmamente Camaban.

Sim.

Ainda bem disse Camaban, encostando a faca à pele do irmão enquanto falava. O que eu quero, irmão, é construir um templo como não haja outro na terra. Um templo para unir os deuses. Para devolver a morte a Slaol. Um templo para fazer o mundo de novo. É isso que quero. De súbito, Camaban troçou de Saban encostando-lhe com força a aguçada lâmina de sílex contra a pele, para em seguida e também rapidamente a retirar. Será um templo que ficará para sempre. E tu meu irmão apontou a faca para Saban vais construí-lo. Camaban voltou-se para olhar os restos dos pôstes270

de madeira e as chamas vivas que ardiam na cabana de Lengar. Aspirou o fedor a carne queimada. Quem estava no recinto?

Os teus amigos de Sarmennyn.

Kereval? Scathel?

Ambos e cerca de mais cem. Apenas Lewydd está vivo.

Lengar sempre foi apurado nas suas matanças disse Camaban com evidente admiração, voltando-se depois para olhar para os lanceiros. Sou Camaban! gritou. Filho de Hengall, filho de Lock, que foi gerado por uma cabra fronteiriça tomada num ataque! Slaol enviou-me aqui. Enviou-me aqui para ser o vosso chefe! Eu! O aleijado! A criança torta! E, se algum homem o disputar, que venha lutar agora comigo; pico-lhe os olhos com urtigas, transformo-lhe o ventre num caldeirão cheio de urina ardente e enfio-lhe a cabeça nos poços do esterco! Há alguém que me desafie?

Ninguém se mexeu, ninguém falou sequer, limitando-se todos a olhar para aquela figura nua e coberta de cinzas que os invectivava.

Slaol falou comigo! declarou Camaban. Sempre falou comigo! E Slaol quer agora que esta tribo faça o que ele pede, e o seu desejo é o meu! O meu!

Um guerreiro apontou para trás de Camaban, em direcção à entrada norte da aldeia e Saban voltou-se para ver um grupo de homens que atravessava a barreira, armados com arcos. Saban percebeu que eram estes os homens que tinham atacado Ratharryn lançando o pânico por entre os guerreiros que se tinham regozijado com o ardente massacre de Kereval e dos seus homens. Afinal, o ataque não viera de Cathallo, mas sim dos proscritos da floresta, aqueles de que se ouviam rumores *de* serem conduzidos por um morto por Camaban. Os recém-chegados, de barbas *e* cabelos desgrenhados, eram os fugitivos do governo de Lengar que se tinham refugiado na floresta, onde durante o Verão encontraram Camaban, que falara com eles, os inspirara e recrutara. Voltavam agora a casa, conduzidos por Haragg, cuja calva cintilava ao luar. O gigante empunhava uma lança e tinha o rosto manchado com traços de fuligem.

Esses homens também são meus! gritou Camaban, apontando para os proscritos. São meus amigos e voltam a partir de agora a ficar integrados na tribo. Ergueu os braços, olhando com ar de desafio para os estupefactos guerreiros de Ratharryn. Há alguém que me desafie? perguntou de novo.

Ninguém o fez, pois temiam-no a ele e à sua feitiçaria. Foram para as suas cabanas em silêncio, enquanto a pira funerária de Sarmennyn ardia na noite.

Terias transformado os ventres deles em urina ardente? perguntou Saban ao irmão naquela noite.

Aprendi uma verdade com Sannas replicou Camaban cansado. A feitiçaria está nos nossos receios, os nossos receios estão nos nossos espíritos271

e apenas os deuses são verdadeiros. Mas agora sou chefe no lugar do meu pai e tu, Saban, vais construir-me um templo.

De manhã, os homens de Drewenna voltaram para casa. O chefe declarou que Camaban estava doido e que não queria tomar parte naquela loucura, por isso os guerreiros pegaram nas espadas e partiram através da charneca.

Os lanceiros de Ratharryn queixaram-se que a melhor possibilidade de derrotarem Cathallo desaparecera com a deserção de Drewenna, e Rallin, diziam, haveria em breve de atacar a aldeia. Camaban podia ser um feiticeiro, resmungavam, mas não era um chefe guerreiro. Cathallo tinha os seus feiticeiros que certamente haveriam de contrariar os encantamentos dele, de modo que os homens de Ratharryn nada mas previam que vergonha e derrota.

Claro que têm disse Camaban quando foi avisado por Saban da amargura da tribo. Fora na manhã depois do regresso de Camaban e o novo chefe tinha convocado os sacerdotes e os homens proeminentes da tribo para o aconselharem. Sentaram-se com as pernas cruzadas no templo de Mai e Arryn, perto dos destroços fumarentos da cabana da festa, de onde saíam onze postes chamuscados.

Os lanceiros são supersticiosos explicou Camaban. Têm o cérebro entre as pernas e é por isso que tem de se manter ocupados. Quantos filhos tinha Lengar?

Sete respondeu Neel, o sumo sacerdote.

Então os lanceiros que comecem por matá-los decretou Camaban. Lewydd protestou.

São crianças disse. Não viemos para cá para encharcar a terra de sangue!

Camaban franziu a testa.

Viemos para cumprir o desejo de Slaol e ele não deseja que as crianças vivam. Se encontrares um ninho de víboras, matas os animais adultos e deixas vivas as crias? Encolheu os ombros. A mim também não me agrada, meu amigo, mas Slaol falou-me num sonho.

Lewydd olhou para Haragg, esperando o apoio do gigante, mas este afirmou que provavelmente a morte dos rapazes seria necessária para garantir a segurança do novo chefe.

Nada tem a ver com os deuses afirmou.

Tudo tem a ver com os deuses vociferou Neel. Este fora um ávido apoiante de Lengar, mas da noite para o dia transferira a sua lealdade para Camaban. Slaol também me falou num sonho ontem à noite afirmou. A decisão de Camaban está

certa.

Fico aliviado afirmou secamente Camaban, olhando depois para Gundur que as pessoas diziam ser o melhor guerreiro de Ratharryn. Trata272

da morte dos rapazes ordenou e, momentos depois, as mães gritavam, enquanto os filhos de Lengar eram arrastados. Levados para o fosso dentro da barreira, foram mortos e os seus corpos dados a comer aos porcos. Foi o desejo de Slaol disse Neel entusiasmado a Camaban.

Também é desejo de Slaol que Haragg seja o novo sumo sacerdote, Neel contorceu-se, como se lhe tivessem batido, depois abriu a boca para protestar, mas dela não saía palavra. Olhou para Camaban, depois para Haragg, que parecia igualmente estupefacto. Haragg foi o primeiro a recompor-se.

Há muitos anos que deixei de ser sacerdote disse suavemente.

E eu sou o sumo sacerdote! queixou-se Neel em voz estridente. Não és nada disse Camaban calmamente. És menos que nada.

És lodo debaixo de uma pedra e vais para a floresta, de contrário enterro-te vivo nos poços de esterco. Apontou com o dedo ossudo para o caminho sul, indicando que Neel fora proscrito. Vai!

Neel não se atreveu a dizer mais nada; limitou-se a obedecer.

Era um homem fraco disse Camaban depois de Neel ter partido. O meu sumo sacerdote tem de ser forte.

Não sou sacerdote insistiu Haragg. Nem sequer pertenço à tua tribo.

És da tribo de Slaol respondeu Camaban. Serás o nosso sumo sacerdote.

Haragg respirou fundo e olhou para o cimo da barreira, pensando nos locais longínquos, nos rochedos do mar, nas estranhas tribos e nos caminhos ainda não percorridos em todo o mundo.

Não sou sacerdote protestou de novo.

Mas o que queres tu? perguntou Camaban.

Uma terra onde o povo se dê bem respondeu Haragg, franzindo a testa enquanto ponderava as palavras. Onde se viva como os deuses querem que vivamos. Uma terra sem combates, sem maldade.

Falas como um sacerdote disse Camaban.

Os homens são fracos disse Haragg. E as exigências dos deuses são fortes.

Então faz-nos mais fortes! insistiu Camaban. Como haveremos de trazer os deuses à terra, se somos fracos? Fica Haragg, ajuda-nos a fazer o templo, ajuda-nos a ser dignos! Quero que sejas o meu sacerdote e Aurenna será sacerdotisa.

Aurenna! exclamou Saban.

Camaban dirigiu a Saban um olhar mal-humorado.

Pensas que Slaol poupou a vida de Aurenna para que criasse os teus filhos? Queres que seja uma porca? Uma ovelha de tetas inchadas? Foi para isso que desafiámos o trovão em Sarmennyn? Abanou a cabeça. Não273

basta manter os homens ocupados continuou. Temos também de os inspirar, e quem melhor que Aurenna? Tem visões e é a amada de Slaol.

Slaol deve querer alguma coisa dela concordou Haragg. Por que outra razão a pouparia?

E poupou-te a ti disse Camaban energicamente. Na noite em que morreu o teu filho. Pensas que não houve uma intenção naquilo? Sê o pai da minha tribo. Sê o meu sumo sacerdote.

Haragg ficou uns instantes em silêncio, com o rosto implacável e inexpressivo, mas depois fez, com alguma relutância, um aceno afirmativo.

Se é da vontade de Slaol disse.

É garantiu Camaban, cheio de confiança. Haragg suspirou.

Então serei sumo sacerdote, aqui.

Ainda bem! Camaban sorriu, embora o seu sorriso mal se notasse por entre a sujidade do rosto. Tinha lavado a maior parte das cinzas do cabelo, rodeando a cabeça com as longas tranças, antes de as prender com compridos espigões de osso, mas o seu rosto conservava ainda as inerradicáveis tatuagens negras.

Haragg será sumo sacerdote, Aurenna sacerdotisa, Gundur conduzirá os lanceiros e Saban construirá o templo. Que farás tu, Lewydd?

Lewydd olhou para os restos fumarentos do recinto da festa.

Enterro o meu povo disse tristemente. Depois volto para casa.

Então terás de levar isto contigo disse Camaban, entregando a Lewydd uma bolsa que, quando foi aberta, mostrou conter os losangos de ouro de Sarmennyn.

Faltam três explicou Camaban. Soube ontem à noite que tinham sido roubados por Derrewyn, mas haveremos de recuperar essas peças e de as devolver. Camaban inclinou-se e bateu amigavelmente no ombro de Lewydd. Leva o vosso tesouro disse e torna-te chefe de Sarmennyn. Engorda, enriquece, torna-te sábio e não nos esqueças.

i De súbito, Saban começou a rir e Camaban olhou-o com ar inquiridor.

Saban encolheu os ombros.

Durante anos tudo o que fizemos foi conduzido por esse ouro. Agora terminou.

Não terminou retorquiu Camaban. É apenas o princípio. O ouro deslumbrou-nos, de modo que procurámos o nosso destino em Sarmennyn, mas nunca lá se encontrou. Está em Cathallo.

Em Cathallo? perguntou Saban atónito.

Como poderei fazer um templo digno de Slaol se não tiver blocos de pedra? perguntou Camaban. Quem tem os blocos de pedra? Cathallo.

Cathallo dar-te-á as pedras afirmou Saban. Ou há-de trocá-las.

Isso não replicou ferozmente Camaban. Estive este Verão com Derrewyn. Sabes que tem uma filha? Merrel é como se chama a maldita274

criança. Derrewyn deitou-se com Rallin porque queria uma filha do chefe e disse-me que a ia criar para ser feiticeira como ela. Feiticeira! Esfrega ossos uns nos outros, resmunga sobre as cascas dos caracóis, transforma linária e manteiga numa pasta, olha para os vasos de urina e pensa que influencia os deuses.

Mesmo assim, este Verão fui ter com ela. Em segredo, na escuridão da noite, e inclinei-me perante ela. Rebaixei-me. Dá-me as pedras, implorei-lhe e faço a paz entre Ratharryn e Cathallo, mas nem um seixo me deu. Contava amargamente a humilhante recordação. Um dia Sannas disse-me que orava ao deus dos lobos quando ia a lugares em que houvesse esses animais, mas porquê? Porquê oferecer-lhe preces? Porque haveria o deus dos lobos de a escutar? É matar e não poupar a vida que está na natureza dos lobos. Ao implorar a Derrewyn, cometi o mesmo erro que Sannas. Orei ao deus errado.

Dá-lhe a cabeça de Lengar sugeriu Saban. Talvez te dê todas as pedras de Cathallo.

Não nos dará nada afirmou Gundur, ainda com as mãos cheias de sangue da morte dos filhos de Lengar.

Camaban olhou para o guerreiro.

Se amanhã atacar Cathallo, poderei vencer?

Gundur hesitou, depois olhou para Vakkal, o chefe guerreiro dos Fronteiriços, cuja lealdade era agora para com Ratharryn, e ambos encolheram os ombros.

Não admitiu Gundur.

Então, se não conseguimos o que queremos pela guerra, devemos tentar a paz disse Camaban. Voltou-se para Saban. Leva a cabeça do nosso irmão a Derrewyn e oferece-lhe a paz. Diz-lhe que apenas queremos algumas pedras.

Orando o deus dos lobos? sugeriu Haragg.

Ameaçando ao deus dos lobos insistiu Camaban. Diz-lhe que tem de nos dar as pedras, ou haverá uma guerra como nunca viram.

Assim, Saban pegou na cabeça do irmão mais velho, meteu-a num saco e na manhã seguinte dirigiu-se para norte.

Saban não levava armas, pois ia em paz, mas sentia-se ainda nervoso quando atravessou os ribeiros perto de Maden e subiu os montes do território marcado por caveiras, pertencente a Cathallo. Ninguém o interceptou, embora mais de uma vez tivesse a sensação de estar a ser observado e estremeceu ao pensar que

uma flecha poderia sair da folhagem e atingi-lo nas costas.

Era já noite quando atravessou o ribeiro, para subir ao monte que levava ao pequeno templo e ao caminho sagrado. Não tinha ainda dado mais de trinta passos depois do rio, quando apareceu uma dúzia de lanceiros, vinda dos bosques atrás dele; atravessara o curso de água e formara uma escolta275

silenciosa, guardando-o de ambos os lados. Não só o tinham seguido pelos bosques, como pareciam esperá-lo, pois nenhum contestou o seu direito de ali estar, limitando-se a conduzi-lo por entre as pedras emparelhadas do caminho sagrado. Passaram a curva dupla e entraram no santuário, onde, no exterior da antiga cabana de Sannas ardia uma fogueira na semiobscuridade e três pessoas esperavam por ele. Aí se encontrava Rallin, chefe de Cathallo, ladeado por Derrewyn e pelo pai, o cego Morthor. Por trás desse grupo estavam os guerreiros de Cathallo, pintados de azul para a guerra e empunhando lanças. Rallin ergueu-se para saudar Saban.

Trazes-nos novidades disse simplesmente.

Morthor também se ergueu. Tinha a pele pintada de branco e as órbitas vazias acentuadas com ocre vermelho.

És tu, Saban?

Sou. Morthor sorriu.

Estás bem?

Rasteja como um verme à sombra do irmão disse Derrewyn, mantendo-se sentada.

Estava mais magra que nunca e a sua pele pálida achava-se esticada sobre as maçãs do rosto, fazendo parecer enormes os seus olhos escuros. Tinha o cabelo apanhado na nuca, mas Saban reparou que já não usava o colar com os ossos do filho morto. Talvez fosse por ter agora outra criança, a filha que trazia nos braços, uma menina de cabelo escuro, com a mesma idade de Lallic.

Pai, Saban veio dizer-nos continuou Derrewyn que Lengar morreu, que Camaban é o chefe e que Ratharryn ameaça declarar a guerra se não lhes permitirmos humildemente que levem as pedras dos nossos montes.

É verdade? perguntou Rallin.

Claro que é verdade! afirmou Derrewyn num tom sibilante. Senti aqui a morte de Lengar! Bateu no ventre, fazendo Merrel dar um grito. Com uma delicadeza surpreendente, Derrewyn acariciou a testa da filha e murmurou umas palavras que a acalmaram. Senti a morte quando a avelã se partiu. Trouxeste-me a sua cabeça, Saban?

Ele estendeu-lhe o saco.

Está aqui.

Vai ficar ao lado da de Jegar disse ela, fazendo um gesto para que Saban deixasse cair a bolsa.

Ele obedeceu, atirando para a relva a cabeça ensanguentada de Lengar e, olhando para a cabana dela, viu que o crânio de Jegar estava exposto, enfiado num pau ao lado da porta.

Rallin e Morthor sentaram-se e Saban imitou-os.

Então porque vieste cá, Saban? perguntou Rallin.276

É verdade aquilo que Derrewyn disse afirmou Saban. Camaban é agora o chefe de Ratharryn e não quer combater convosco. Quer paz e deseja levar pedras dos vossos montes. Foi só o que aqui vim dizer.

Lengar morreu verdadeiramente? perguntou o cego Morthor.

Verdadeiramente confirmou Saban.

Foi Lahanna! afirmou Morthor e ergueu as órbitas ao céu. Se eu pudesse chorar acrescentou deitaria lágrimas de alegria.

Derrewyn ignorou a satisfação do pai.

E para que quereis as pedras? perguntou.

Queremos construir um templo explicou Saban. Será um grande templo para nos trazer a paz. É tudo o que queremos, paz.

Temos aqui um grande templo disse Rallin. O teu povo pode vir aqui.

O vosso templo não trouxe paz à terra disse Saban.

E o vosso trará? perguntou Derrewyn amargamente.

Trará paz e felicidade garantiu Saban.

Paz e felicidade! Derrewyn riu-se. Pareces uma criança, Saban! Camaban já cá esteve. Este Verão rastejou até mim e implorou-me as pedras, de modo que vou dar-te a mesma resposta que nessa altura lhe dei. Podes ter as pedras, Saban de Ratharryn, quando devolveres o espírito de Sannas aos seus antepassados.

O espírito de Sannas? perguntou Saban.

Quem lhe roubou o último alento? perguntou ferozmente Derrewyn. Foi Camaban! E ela não terá paz, enquanto este se encontrar no ventre dele. Por isso, traz-me a cabeça de Camaban, Saban, e eu troco-a por uma pedra.

Saban olhou para Rallin, esperando uma resposta mais favorável.

Não temos qualquer questão com Cathallo afirmou.

Não tendes questão! gritou Derrewyn, sobressaltando de novo a criança. Ratharryn trouxe o Povo da Fronteira para a região central e, pior que isso, trouxe também um templo fronteiriço. Quanto tempo falta para que conduzais as noivas à fogueira? E para quê? Para Slaol! Slaol que nos abandonou, Slaol que trouxe para a nossa terra os parasitas fronteiriços, Slaol que nos manda o Inverno, Slaol que nos destruiria, se não tivéssemos Lahanna e Garlanna a protegerem-nos. Não têm uma questão? Eu tenho uma questão

Empurrou de súbito a filha, que chorava, para os braços de uma escrava, depois arrancou a capa da parte superior do corpo, para mostrar a Saban os três losangos, um grande e dois pequenos que lhe pendiam entre os pequenos seios.

Queima! disse, batendo na peça maior de ouro. Queima-me dia e noite, mas recorda-me a maldade de Slaol. Gemeu, balançando-se de um lado para outro. Porém, Lahanna prometeu-nos a vitória. Prometeu que277

vos haveríamos de destruir. Prenderemos o teu Slaol e queimaremos os vossos

cadáveres para lhe encher o nariz de fedor. Ergueu-se, deixando a capa no chão e brandindo o osso humano que Sannas outrora empunhara. Não tereis as pedras declarou. E não tereis paz. Saban tentou pela última vez.

Queria que os meus filhos crescessem numa terra de paz.

Também quero respondeu Rallin, olhando para Merrel nos braços da escrava. Mas não haverá paz, enquanto Camaban possuir o espírito de Sannas.

Os nossos antepassados estão infelizes explicou Morthor. Querem que Sannas se junte a eles. Saban, envia-nos Camaban, e dar-te-emos as pedras.

Ou então diz a Camaban que nos venha combater disse Derrewyn em tom de desprezo. Pensas que é um guerreiro? Deixa-o vir de encontro às nossas espadas! E diz-lhe, Saban, que quando vier havemos de lhe tirar pouco a pouco a carne dos ossos e fazê-lo gritar três dias e três noites e no fim tomarei a sua alma e a alma de Sannas. Cuspiu no fogo, depois apanhou a capa do chão para cobrir a sua nudez. Agradeço-te a cabeça de Lengar disse friamente mas nada tenho para te dar em troca. Voltou a pegar na filha, e dirigiu-se à sua cabana, baixando-se para entrar.

Saban olhou para Rallin.

São as mulheres que fazem a lei aqui?

Lahanna faz disse Rallin em tom seco. Ergueu-se e ajudou Morthor a pôr-se de pé. Deves partir agora disse a Saban.

Vai haver guerra, se eu partir?

Vai haver guerra, quer partas quer fiques disse Rallin. Desde que o teu pai morreu que apenas conhecemos a guerra em relação a Ratharryn. Pensavas que era assim tão fácil fazer a paz? Rallin abanou a cabeça. Vai. Vai-te embora.

Saban partiu então. E a guerra continuaria.

Camaban não pareceu surpreendido nem desapontado quando a missão de Saban falhou.

Querem guerra disse. Camaban estava no Templo do Céu, onde Saban o

encontrou, amuado entre os dois anéis de pedras de Sarmennyn. Cathallo pensa que por Lengar ter morrido, seremos presas fáceis para as suas lanças continuou. Pensam que não sei conduzir os homens em combate.

Foi o que disseram confessou Saban.

Ainda bem! respondeu Camaban satisfeito. Agrada-me um inimigo que me menospreze, torna a humilhação muito mais fácil. Ergueu a278

voz, de modo a poder ser ouvido por Gundur e Vakkal, os chefes guerreiros de Ratharryn que se encontravam entre o seu séquito. Os homens pensam que a guerra é a aplicação da força, mas não é. A guerra é a aplicação do pensamento. É inteligência. Creio que amanhã deveríamos marchar directamente sobre os pântanos até aos montes de Cathallo. Gundur fez um meio sorriso.

Já antes o tentámos disse em voz baixa. Não deu resultado.

Tentaram tudo e nada resultou retorquiu Camaban.

Soubemos que Cathallo está cheio de lanceiros acrescentou Vakkal. Pensaram ter de defrontar as nossas forças e os homens de Drewenna, de modo que reuniram os seus aliados.

Mas hão-de saber que Drewenna nos abandonou disse Camaban. Não vão acreditar que nos atrevamos a atacá-los. Que melhor altura para o fazer?

Provavelmente estão a planear atacar-nos, disse Gundur com ar soturno.

Pensas sempre nas dificuldades! gritou-lhes Camaban, sobressaltando-os a ambos. Como quereis vencer uma guerra, se só vos importais em perdê-la? Sois mulheres? Coxeou em direcção aos guerreiros. Partiremos amanhã de manhã, atacaremos na madrugada seguinte e venceremos Slaol prometeu-o. Entendeis? Slaol prometeu-o!

Gundur inclinou a cabeça, embora se sentisse claramente infeliz com a decisão de Camaban.

Marcharemos amanhã concordou relutante. Depois pegou no cotovelo de Vakkal e voltou para aldeia para avisar os homens.

Camaban viu partir os dois guerreiros e riu-se.

Será melhor vencermos ou aqueles dois vão querer a minha cabeça.

Será difícil vencer disse Saban cauteloso. Cathallo parece saber tudo o que fazemos. Devem ter espiões aqui e saberão que vamos chegar.

Que outra alternativa terei? perguntou Camaban. Tenho de combater agora, não apenas para trazer as pedras ou convencer Gundur e Vakkal que não podem puxar-me com se eu fosse um cão. Se quero governar a aldeia, então tenho de me mostrar melhor chefe que Lengar. É fácil ser mais inteligente que ele, mas os homens não admiram a inteligência. Admiram o poder. Assim, ao derrotar Cathallo consigo uma coisa que Lengar nunca conseguiu. Claro que o problema vai ser o que fazer com todos esses lanceiros assim que conseguirmos a paz. Os guerreiros não gostam de paz.

Pensas que teremos paz? perguntou Saban.

Penso, que Slaol nos dará a vitória, irmão respondeu Camaban. Penso que me vais construir um templo e que a tua primeira tarefa será arrancar aquelas pedras. Fez um gesto para os pilares que tinham sido trazidos pelo mar para serem enterrados na turfa de Ratharryn. Pareciam tão imponentes279

em Sarmennyn continuou Camaban, franzindo a testa. Lembras-te? Sentíamos a presença de Slaol. Perturbadora! Sempre ali! Preso na pedra. Porém, aqui não. Mortas, é como estão, mortas! Empurrou uma pedra, tentando fazê-la cair, mas estava bem presa ao solo. Têm de sair todas, todas! Quantos homens precisas para as retirar?

Trinta sugeriu Saban. Quarenta?

Vais precisar de mais disse Camaban confiante. E vais precisar de homens e bois para arrancar as pedras novas de Cathallo. Ficou em silêncio, olhando para os círculos de pedra inacabados. Quem me dera não ter de lutar disse finalmente, voltando-se para o irmão. Já viste algum combate entre tribos inteiras?

Não.

Mas devias. Antes do início cada homem é um herói, mas assim que as flechas começam a voar, metade deles descobre que torceu um pé ou tem a barriga

desarranjada. Sorriu. Creio que acabarás um herói, Saban.

Pensei que devia ser construtor.

Primeiro guerreiro, depois construtor disse Camaban. Não vou combater sem ti, irmão.

Passara já muito tempo desde que Saban observara guerreiros aprontando-se para combater, mas na madrugada seguinte viu os homens despirem-se completamente e untarem o corpo com uma pasta feita de água e ísatis; em seguida mergulhavam a lâmina das lanças e a cabeça das flechas numa mistura viscosa de fezes e suco de ervas. Quando o Sol se encontrava a pino, os lanceiros dançaram à volta do templo de Mai e Arryn e um cativo de Cathallo, que fora mantido bem guardado desde a última escaramuça entre as tribos, foi arrastado para o templo e esquartejado. Camaban ficou com curiosidade acerca desse ritual que, segundo Gundur, tinha começado com Cathallo a matar os seus cativos antes do combate e, por isso, Lengar ordenara que Ratharryn também o fizesse em sinal de vingança. Haragg protestou contra a morte, mas Gundur garantiu-lhe que não se tratava de um sacrifício e assim o sumo sacerdote segurou o pau de caveira, enquanto Gundur, nu, pintado de azul e com o cabelo ao vento, pegou numa espada de bronze e abriu lentamente o homem desde as virilhas até ao esterno. Os lanceiros de Ratharryn mergulharam então a mão direita no sangue da vítima, cujo longo grito de morte fora uma mensagem para dizer aos deuses que a tribo ia combater.

Saban não mergulhou a mão, nem dançou à volta dos postes do templo enquanto os homens tocavam tambor a um ritmo rápido nos seus aros de pele. Ficou antes acocorado junto a Aurenna, que olhava a cabeça do cativo sem se impressionar.

Vais vencer o combate disse. Vi a vitória num sonho.

Ultimamente tens tido muitos sonhos disse ele amargamente.

É porque estou aqui, onde Slaol me quer respondeu Aurenna.280

Quem me dera que voltássemos para casa com Lewydd afirmou Saban. Ajudara o amigo a arrastar das cinzas do recinto os corpos queimados e enrugados de Kereval e dos seus homens. Os cadáveres seriam enterrados no alto da encosta coberta de relva, sobre o velho templo de Slaol e finalmente Lewydd levaria o ouro de volta para Sarmennyn.

A minha casa agora é aqui disse Aurenna. Via os guerreiros baixarem-se um a um junto ao cadáver esventrado. Tudo isto tinha de acontecer disse satisfeita. Não sabíamos quais as intenções de Slaol quando chegámos de Sarmennyn. Pensámos que vínhamos apenas trazer as pedras! Mas ele quer-nos aqui para fazermos a sua glória.

Então, os últimos anos foram desperdiçados? perguntou amargamente Saban. Dedicara os melhores tempos da sua vida ao transporte das pedras desde Sarmennyn e via-as recusadas assim que o trabalho estava terminado.

Aurenna abanou a cabeça.

Os anos não foram desperdiçados disse calmamente. Foram oferecidos a Slaol, como prova das grandes coisas que podemos fazer por ele *e* agora temos de fazer mais. O templo de Scathel foi um local de morte, um templo como o Templo do Mar e o nosso novo santuário tem de ser um templo da vida.

Saban estremeceu.

Derrewyn profetizou uma vez que o nosso templo ficaria cheio de sangue. Disse que a noiva do Sol morreria aí. Disse que haverias de morrer lá.

Aurenna riu baixinho.

Saban, Saban! Derrewyn é inimiga. Como haveria de falar bem daquilo que fazemos? E não haverá sangue. Haragg detesta sacrifícios! Detesta! Tocou-lhe no braço. Confia em nós pediu. Slaol está dentro de nós! Sinto-o como a um filho no meu ventre.

Haragg deveria acompanhar o bando de guerreiros. Era o que se esperava de um sumo sacerdote, embora Saban ficasse surpreendido por vê-lo tão entusiasmado.

Nunca gostei de mortes confessou o obstinado sumo sacerdote mas a guerra é diferente. Se não lhes tivesses oferecido a paz, Saban, sentir-me-ia infeliz, mas tiveram a sua oportunidade e recusaram, de modo que temos de cumprir o dever de Slaol.

Haragg empunhava o pau de caveira da tribo, que levara para o templo de Arryn e Mai, onde os guerreiros se tinham juntado. Camaban vestira uma das antigas túnicas de Lengar, com tiras de bronze cosidas ao peito e pendia-lhe ao lado a

espada de bronze de Lengar. Mergulhara a mão no sangue do morto, depois passara-a pelo rosto tatuado de modo que, com o cabelo negro solto, parecia saído de um pesadelo. Ordenou com um gesto a Haragg que baixasse a caveira, depois colocou a mão ensanguentada sobre os ossos amarelados e gritou:281

Juro pela alma dos nossos antepassados que havemos de destruir Cathallo!

Mais de duzentos guerreiros assistiram ao voto solene. A maior parte eram veteranos das guerras de Lengar. Alguns, poucos, jovens que tinham feito as suas provas, mas que ainda não estavam tatuados como homens, por ainda não terem morto ninguém em combate, enquanto que os lanceiros mais perigosos eram os proscritos que tinham vindo das florestas com Camaban.

Saímos agora e chegamos a Cathallo na madrugada de amanhã exclamou Camaban. Será nessa altura que atacaremos. Slaol falou comigo. Falou sempre comigo. Mesmo quando eu era criança Slaol vinha ter comigo, mas agora fala-me com maior clareza e diz-me que teremos uma enorme vitória! Conquistaremos Cathallo! Mataremos muitos lanceiros e faremos prisioneiros. Terminaremos para sempre com a ameaça dessa tribo e os nossos filhos crescerão numa terra de paz!

Aclamaram-no e as mulheres da tribo juntaram os seus gritos de aprovação; depois soaram os tambores e o bando guerreiro seguiu Camaban em direcção às florestas a norte. Caminharam toda a tarde e era quase noite quando chegaram aos pântanos de Maden, todavia o caminho através da terra húmida estava iluminado pela luz branca do luar; este fazia cintilar a água e brilhava sobre as fantasmagóricas caveiras brancas que Cathallo colocara à entrada dos montes arborizados para deter os lanceiros de Ratharryn. Camaban retirou uma caveira do seu pau e atirou-a ao chão, depois o resto do bando seguiu-o, entrando na floresta. Os fora-de-lei de Camaban, que se sentiam em casa por entre as árvores escuras, seguiam adiante como batedores, mas não encontravam o inimigo.

Atravessavam lentamente o bosque, pois as folhas obscureciam a luz de Lahanna e os lanceiros caminhavam com cautela. Detiveram-se ao chegar a uma terra mais elevada e aí esperaram no frio da noite. Gundur e Vakkal estavam nervosos, porque Cathallo nunca antes autorizara os guerreiros de Ratharryn a atravessar os pântanos sem tentar impedi-los; estavam agora no interior do território inimigo e temiam uma emboscada, mas nem flechas nem lanças surgiram do escuro.

No passado, disse Gundur, Cathallo forçara os guerreiros de Ratharryn a abrir caminho por estes montes, onde eram constantemente emboscados por archeiros, mas agora os bosques estavam vazios, levando todos os guerreiros a acreditar que Cathallo ignorava a sua chegada. A bruma pairava por entre as árvores ao aproximar-se a madrugada. Filhotes de raposa fugiam em todas as direcções numa clareira quando retomaram a marcha e os homens tomaram a presença das crias como um bom presságio, pois os animais nunca teriam deixado as suas tocas se os guerreiros de Cathallo estivessem escondidos entre as árvores. Porém, nessa altura, mesmo quando crescia nos espíritos282

a esperança numa vitória fácil, um rugido terrível obrigou os homens a acocorarem-se e até o rosto manchado de Camaban mostrou um súbito receio. Ouviu-se um tropel nos arbustos, não tão rápido como o movimento de um veado, nem tão deliberado como o de um homem, mas alguma coisa enorme e pesada soava através da bruma para fazer estremecer todos os guerreiros O som terrível aproximou-se mais. Saban meteu uma flecha no arco, embora duvidasse que uma cabeça de flecha feita de sílex pudesse evitar um feitiço de Cathallo; depois apareceu o monstro com uma enorme cabeça coroada por chifres que se retorciam para a frente. Saban puxou a corda do arco mas não soltou a flecha. Não era feitiçaria nem um monstro, mas sim um auroque duas vezes maior do que qualquer boi que Saban já tivesse visto: uma criatura de músculos enormes, pele negra, chifres afiados e olhos brilhantes. Deteve-se ao ver os homens, agitou a cauda coberta de esterco e em seguida bateu no solo com um casco enorme antes de mugir de novo, em tom de desafio. Ergueu a cabeça e a baba escorreu-lhe da boca cavernosa. Os olhinhos pareciam vermelhos, na bruma luminosa. Por um instante, Saban pensou que o animal ia carregar sobre o bando de guerreiros, mas afinal afastou-se, dirigindo-se para norte

Um presságio! disse Camaban. Sigamo-lo!

Saban nunca vira Camaban tão entusiasmado. A habitual confiança sardónica do irmão fora substituída por uma verve infantil, nascida da emoção que o tornava ruidoso e falador. Saban suspeitava que, nas mesmas circunstâncias, Lengar manter-se-ia silencioso, porém os guerreiros, de boa vontade, seguiram Camaban. Poderia estar vestido para a guerra, mas os lanceiros acreditavam que era um feiticeiro que poderia derrotar Cathallo, mais com encantamentos do que com lanças, e a ausência do inimigo nos bosques convencera-os de que a sua magia dava resultado.

O Sol ergueu-se logo que chegaram à beira das árvores. A bruma era branca e húmida, abafando o mundo. Os homens, que naquela noite se tinham mostrado tão confiantes, eram agora assaltados pela inquietação. Nunca tinham penetrado tanto no território de Cathallo e esse acontecimento deveria tê-los encorajado, porém a bruma assustava-os, pois, após passarem as árvores, parecia-lhes estarem a atravessar um vazio esbranquiçado. Por vezes o Sol mostrava-se como um disco pálido no vapor, logo voltando a desaparecer quando o nevoeiro húmido se adensava. Alguns homens lançaram flechas em direcção às sombras, onde a vista já não alcançava, mas estas não lhes foram devolvidas e nenhum inimigo gritou por estar ferido.

Deveríamos voltar disse Gundur.

Voltar? interrogou Camaban. O sangue do seu rosto era agora uma crosta seca e gretada.

Gundur apontou para o nevoeiro, sugerindo que seria inútil continuar, mas nessa altura, um homem que seguia do lado esquerdo do grupo de guerreiros chegou a um antigo túmulo, construído como uma saliência longitudinal**283**

e não em forma de montículo. Camaban dirigiu-se a ele e reuniu os seus homens no terreno diante da sepultura, que estava cercada por uma meia-lua de pedras enormes.

Sei onde estamos disse-lhes Camaban. Cathallo fica para ali apontou na direcção da bruma. Já não é longe.

No meio deste nevoeiro *é* muito longe disse Gundur e os lanceiros resmungaram, concordando com ele.

Então deixemos o nevoeiro levantar um pouco concordou Camaban. E vamos causar dano ao inimigo enquanto esperamos.

Ordenou a uma dúzia de homens que afastassem para o lado as pedras mais pequenas da meia-lua de grandes blocos e, quando as lajes foram retiradas, apareceu um túnel escuro com mais pedras ainda. Camaban entrou nele de rastos, murmurou um encantamento para proteger dos mortos a sua alma e começou a retirar ossos e caveiras. Estes pertenciam aos antepassados de Cathallo, espíritos que protegeriam os descendentes em qualquer batalha. Assim, Camaban ordenou que fizessem com eles um monte junto à fachada de pedra do

túmulo e depois, um a um, os guerreiros subiram a saliência e urinaram sobre os seus inimigos. O gesto restaurou a confiança, de modo que riram e vangloriaram-se, tal como tinham feito na noite anterior.

Saban foi o último homem a trepar ao monte. Tinha a bexiga vazia e temia o desprezo do bando de guerreiros, mas quando olhou para norte viu uma pessoa sair do nevoeiro. A figura estava muito longe e por um momento sentiu-se aterrorizado, pensando que fosse um espírito que caminhasse à superfície da bruma; depois percebeu que era alguém que acabara de subir ao Monte Sagrado de greda branca e olhava para sul. A figura olhou fixamente Saban que lhe devolveu o olhar. Seria Derrewyn? Pensou que fosse ela e sentiu uma súbita dor por ser agora seu inimigo. À direita, muito ao longe, os montes onde se encontravam as grandes pedras emergiam da bruma, mas ali estavam apenas Derrewyn e Saban diante um do outro, cada um do seu lado do vale silencioso e branco.

O que foi? perguntou Camaban.

Vem cá disse Saban e Camaban deu a volta ao flanco da saliência, subindo com dificuldade a íngreme encosta de turfa.

A figura longínqua deixou cair a capa e começou a erguer e baixar os braços.

Maldições disse Camaban e cuspiu naquela direcção.

Será Derrewyn? perguntou Saban.

Quem mais? retorquiu Camaban. Derrewyn encontrava-se sobre o monte de Lahanna, implorando à deusa que ferisse os inimigos de Cathallo.

Saban tocou nas partes baixas.

Então sabem que estamos a chegar?

Trouxeram o nevoeiro disse Camaban esperando que nos perdêssemos dentro dele. Mas não estamos perdidos. Sei o caminho a partir284

daqui. Ergueu a mão para a figura distante, depois arrastou Saban pelo monte abaixo. Seguimos um atalho para norte, que atravessa a floresta, e um ribeiro, antes de chegarmos ao caminho sagrado. Este levá-los-ia ao santuário de

Cathallo.

A molha dos ossos restaurara o moral dos guerreiros do bando. Estavam agora desejosos de seguir Camaban para norte. Este caminhava rapidamente por um atalho aberto na charneca pela passagem de inúmeros pés. Descia suavemente o monte através de um enorme grupo de carvalhos e, à medida que os lanceiros passavam pelas árvores, o vento remexia as folhas e ao mesmo tempo o nevoeiro, tornando-o mais fino, de modo que os principais guerreiros de Ratharryn conseguiram ver o caminho sagrado que atravessava o pequeno vale. Aí, aguardando numa forte fileira junto aos blocos de pedra cinzenta, encontrava-se o exército de Cathallo.

Esperava-os Rallin, chefe da aldeia. Estava pronto. Ali estavam todos os guerreiros de Cathallo e não apenas eles, mas também os seus aliados, os lanceiros das tribos que odiavam Ratharryn, devido aos ataques de Lengar. A hoste inimiga enchia a avenida e soltou um grito feroz ao ver os homens de Camaban sair de entre os carvalhos; depois o nevoeiro adensou-se de novo e os dois exércitos ficaram ocultos um do outro.

São mais do que nós disse Gundur, nervoso.

Estão tão nervosos como nós disse Camaban. Mas nós temos Slaol.

Deixaram-nos vir, para nos esmagarem aqui explicou Gundur. Depois perseguirão os que sobreviverem pelos montes e matá-los-ão um a um.

O que eles querem é uma batalha para terminar a guerra alvitrou Camaban.

Sim, e vão vencê-la afirmou Gundur. Deveríamos retirar! Falava furiosamente e Vakkal assentiu com a cabeça.

Slaol não quer que retiremos disse Camaban. Tinha os olhos brilhantes de emoção. Estão aqui reunidos todos os nossos inimigos e Slaol quer destruí-los.

São demasiados insistiu Gundur.

Nunca há demasiados inimigos para matar afirmou Camaban. Tinha o espírito de Slaol dentro de si e estava certo da vitória, de modo que abanou a cabeça ao conselho de Gundur e puxou da espada. Lutaremos gritou e todo o seu corpo estremeceu enquanto o deus o enchia de poder. Lutaremos por Slaol gritou. E

venceremos!a BRUMA LEVANTOU LENTAMENTE, ARRASTADA POR UM VENTO CAPRICHOSO, cedendo relutante à força de Slaol para se erguer. Dois cisnes voaram sobre o ribeiro e o bater das suas asas foi de súbito o ruído mais forte do vale limitado pelos dois exércitos. O auroque tinha desaparecido havia muito, partindo, pensava Saban para as florestas mais profundas a ocidente; porém agarrava-se à crença de que o aparecimento do animal fora um bom presságio. Agora todos os lanceiros dos exércitos inimigos observavam os cisnes, na esperança que estes se voltassem para o seu lado. Contudo, as aves voaram rapidamente entre as duas forças e partiram para as brumas do Oriente.

Dirigiram-se ao Sol nascente! gritou Camaban. Significa que Slaol está connosco.

Poderia estar a falar sozinho, pois ninguém do lado de Ratharryn reagira ao seu grito. Continuaram a olhar para o outro lado do vale, onde as forças de Cathallo formavam um linha formidável, armados de lanças, machados, arcos, clavas, paus, enxós e espadas. A linha de batalha começava perto do pequeno templo na colina, seguia o caminho das pedras emparelhadas para ocidente e dirigia-se ao Monte Sagrado. Nas colinas baixas atrás dessa linha, encontravam-se os grupos de mulheres e crianças que tinham vindo ver os seus homens esmagar Ratharryn.

Quatrocentos homens? Mereth contara-os e falava agora com Saban em voz baixa.

Nem todos são homens disse Saban. Alguns mal parecem rapazes.

Um rapaz pode matar com um arco resmungou Mereth. Estava armado com um dos preciosos machados que pertenciam ao pai

e tinha um aspecto formidável, pois herdara a altura e o peito largo de Galeth. Porém, estava tão nervoso como Saban. Os homens de ambos os exércitos sentiam-se todos eles inquietos, excepto os guerreiros empedernidos que sonhavam com aqueles momentos. Era sobre esses homens que se entoavam cânticos, que se contavam as histórias nas longas noites de Inverno; eram os heróis das matanças, lutadores como Vakkal, o Fronteiriço, que agora caminhava à frente da força de Camaban para gritar insultos para o outro lado do vale. Chamava estrume quente aos inimigos, afirmava que as suas mães eram286

cabras com papeira, acusava-os de urinarem as peles e todas as noites convidava dois deles para lutarem contra si na margem do ribeiro. Os guerreiros principais

de Cathallo gritavam os mesmos insultos e desafios. Enfeitados com penas e caudas de raposa, a pele cheia de marcas de morte, estavam cobertos de bronze. Dantes, Saban sonhava ser um guerreiro assim, mas tornara-se um construtor e não um destruidor, de modo que sentia um certo receio, senão mesmo medo, quando avistava um inimigo. Espalhem-se! gritou Gundur aos homens de Ratharryn. Gundur não quisera lutar naquela manhã, temendo que Cathallo e os seus aliados fossem demasiado numerosos, mas Camaban chamara-o à parte e a confiança de Gundur ficara milagrosamente restaurada por o que quer que fosse que o feiticeiro lhe tivesse dito, de modo que agora alinhava os homens.

Espalhem-se! gritava. Formem uma linha! Não se juntem como crianças! Espalhem-se!

O bando de guerreiros espalhou-se com relutância ao longo dos carvalhos, formando uma linha que, tal como a do inimigo, não era contínua. Os homens ficavam junto aos familiares ou amigos e havia enormes espaços entre os grupos. Os sacerdotes de ambos os lados estavam agora em frente, agitando os ossos e guinchando maldições ao inimigo. Haragg levava o pau de caveira de Ratharryn, para que os antepassados pudessem ver o que estava a ser feito dentro da bruma e Morthor, o sumo sacerdote cego de Cathallo, empunhava um pau semelhante. Agitava-o de modo tão ameaçador, que a caveira de Cathallo caiu do pau fazendo erguer as aclamações dos homens de Ratharryn que tomaram a queda do crânio como um sinal agoirento para o inimigo. Derrewyn estava ainda no Monte Sagrado onde, ladeada por meia dúzia de lanceiros, proferia mais maldições para Camaban.

Quero a feiticeira morta! gritou Camaban ao seu exército. Um prémio em ouro para aquele que me trouxer a cabeça da cabra! Encho a caveira dela de ouro e ofereço-a ao homem que a matar!

Está a pensar que vai vencer? perguntou Mereth amargamente.

Slaol está connosco disse Saban e de facto Sol tinha saído por entre os restos de bruma, tornando o vale mais verde e fazendo cintilar a luz sobre o ribeiro por entre os exércitos.

Será melhor que Slaol esteja connosco resmungou Mereth. O inimigo tinha o dobro dos homens de Ratharryn.

Quero ver morto o chefe deles! gritava Camaban aos seus homens. A ele e aos

filhos! Se tiver esposas grávidas, matem-nas também! E matem a cria da feiticeira, matem-na! Matem-na, matem a filha, matem todos!

Rallin caminhava ao longo da sua linha, encorajando sem dúvida os seus lanceiros a executarem uma matança semelhante. Os sacerdotes de ambos os lados tinham avançado para as margens do ribeiro, a pequena distância um287

do outro e, daí, vociferavam insultos e cuspiam maldições, saltavam no ar, estremeciam como se tivessem sido agarrados pelos deuses e guinchavam, apelando aos espíritos invisíveis para que viessem esventrar o inimigo. Apenas Haragg não tinha ido para junto do ribeiro. Mantinha-se antes alguns passos à frente da linha e erguia o pau da caveira na direcção do Sol.

Os mais corajosos guerreiros tinham-se aproximado dos sacerdotes para gritar mais insultos, mas nenhuma das linhas de batalha avançava. Grupos de homens dançavam num frenesim, para arranjar coragem para avançar, outros entoavam hinos de guerra ou cantavam os nomes dos seus deuses. A bruma tinha desaparecido por completo e o dia estava mais quente. Mereth recuou para o bosque que ficava atrás da linha de Camaban e começou a apanhar amoras, mas este, voltando da ala esquerda das suas forças, retirou-o dos arbustos e obrigou-o a voltar.

Todos os homens com arcos devem voltar para as árvores e abrir caminho até ao centro da linha. Ouviram? disse Camaban. Continuou a andar, repetindo as instruções, de modo que os archeiros deslizaram em direcção às árvores e, sem serem vistos pelo inimigo, correram para o centro da fraca linha de Ratharryn. Apenas Saban desobedeceu, relutante em deixar a companhia de Mereth.

Nas linha de Cathallo começou a bater um tambor e o ritmo pesado imprimiu coragem aos homens de Rallin que, em pequenos grupos, avançaram para desafiar as forças de Camaban. Os mais corajosos meteram-se no ribeiro e ficaram de pé, mostrando os corpos nus manchados de azul, como se quisessem convidar os archeiros de Ratharryn a disparar sobre eles.

Vakkal e alguns dos seus lanceiros fronteiriços correram de encontro a esses inimigos mais ousados que imediatamente retiraram, sendo vaiados pelos homens de Ratharryn. Os sacerdotes mantinham-se no centro de todos esses ataques e contra-ataques, ignorando e sendo ignorados pelos lanceiros.

Alguns archeiros deixaram a linha de Cathallo para dispararem as suas flechas

pelo vale. Muitas delas ficaram para trás, embora outras zumbissem lá em cima fazendo restolhar as folhas da floresta. Os rapazinhos correram a apanhar as setas, entregando-as aos próprios archeiros de Ratharryn, alguns dos quais tinham avançado para afastar o inimigo. Ainda ninguém fora ferido, muito menos morto, e apesar dos múltiplos insultos, nenhum dos exércitos parecia inclinado a atravessar o ribeiro e começar o ataque. Rallin andava para trás e para a frente ao longo da sua linha, exortando e gritando, enquanto as mulheres levavam vasos de licor aos seus homens.

Vamos deixar que venham ter connosco. Camaban caminhava de novo por trás da linha. Ficamos aqui disse. Vamos deixar que nos venham atacar. Parecia satisfeito. Quando avançarem, ficai quietos e esperai por eles.288

Agora toda a linha da Cathallo cantava em coro, juntando as vozes nos versos de batalha de Lahanna.

Estão a preparar-se, não é verdade? observou Mereth, com os lábios manchados de sumo das amoras.

Preferia estar a fazer barcos em Sarmennyn disse Saban.

Eu preferia estar a fazer barcos num lugar qualquer disse Mereth, que não tinha uma única cicatriz de morte no peito. Creio que se atravessarem o ribeiro, vou fugir e só paro de correr quando chegar ao mar.

Estão tão assustados como nós disse Saban.

Pode ser verdade observou Mereth mas ali há dois assustados para cada um dos nossos.

Soou um grito estridente vindo da linha do Cathallo e Saban viu um enorme grupo de guerreiros desatar a correr em direcção ao ribeiro. Vinham do centro da linha de Rallin e gritavam o nome de Lahanna, à medida que avançavam; contudo, alguns passos depois, olhavam à direita e à esquerda e viram que o resto da linha tinha ficado imóvel. Assim, pararam também, contentando-se em gritar insultos para Camaban, que voltava para o centro da linha de Ratharryn. Saban viu que Derrewyn descera do Monte Sagrado e caminhava ao longo da frente da relutante linha de batalha de Cathallo. Tinha soltado o cabelo negro e longo que, tal como a capa clara que trazia, esvoaçava ao vento. Saban apercebeu-se de que ela gritava e conseguia imaginar que estivesse a exortar a

coragem dos seus homens, insultando Ratharryn e impelindo os lanceiros para a frente. Trouxeram mais vasos de licor para os homens de Rallin. O homem do tambor tocava na sua pele de cabra com força redobrada e os outros arrastavam os pés numa dança grotesca, enquanto ganhavam ânimo. Os sacerdotes de ambos os lados, com as gargantas doridas de tanto gritar, juntaram-se na margem do ribeiro onde beberam com as mãos em concha e depois falaram um com o outro.

Não era assim que Lengar teria combatido resmungou um homem perto de Saban.

Como o teria feito? perguntou este.

O teu irmão atacava sempre respondeu o homem. Não haveria esta espera. Gritava em altos berros e de seguida investia em direcção do inimigo numa corrida terrível. Cuspiu. Quebravam sempre.

Saban perguntou a si próprio se seria isso que Gundur planeava agora, pois juntara os seus melhores guerreiros no centro da linha, onde se encontrava o pau de caveira de Ratharryn. Os homens ali reunidos tinham sido os melhores de Lengar, os lanceiros com mais cicatrizes de morte, com pêlo de raposa entrançado no cabelo e pendurado nos paus das lanças. Gundur exortava-os, embora Saban estivesse longe de mais para ouvir o que ele dizia. Juntaram-se-lhes Vakkal e os seus escolhidos guerreiros fronteiriços e por trás desse temível grupo estavam os maciços archeiros de Camaban.**289**

O Sol subia. Rallin e Derrewyn percorriam a linha para a frente e para trás, todavia nem um lado nem outro atacava, embora alguns archeiros de Cathallo se tornassem atrevidos e ousassem atravessar o ribeiro e disparar algumas flechas. Atingiram um homem na perna e o inimigo fez uma ovação a essa ferida; depois Camaban enviou meia dúzia dos seus para a frente para os afugentar e foi a vez de Ratharryn gritar.

Talvez nem haja batalha disse Mereth satisfeito. Talvez fiquemos aqui todo o dia, a gritar até ficarmos roucos e depois vamos para casa vangloriar-nos de corajosos que fomos. Por mim, estava muito bem.

Ou talvez Rallin esperasse que atacássemos do mesmo modo que Lengar sugeriu Saban.

Teria pensado que nós atacaríamos?

Provavelmente aventou Saban. Mas agora, que não estamos a fazer o que esperava, tem de vir contra nós, se quiser vencer.

Rallin tinha evidentemente chegado à mesma conclusão, pois ele e Derrewyn exortavam agora o exército a avançar, afirmando que os vermes de Ratharryn eram demasiado tímidos para atacar e demasiado teimosos para retirar sem combate, pelo que estavam apenas à espera de ser dizimados. Rallin gritava que a glória esperava Cathallo e que qualquer homem que morresse iria direito às bênçãos de Lahanna no céu. O chefe de Cathallo prometia que os primeiros homens a entrar na linha de Ratharryn poderiam escolher entre as mulheres e os rebanhos do inimigo e esse encorajamento tornou-os mais afoitos. O licor estava também a fazer efeito e o soar dos tambores enchia os céus para que os homens avançassem a matar. O barulho era constante, gritos e berros, bater de tambores, cânticos, canções e bater de pés. Os capitães de guerra de Rallin Tinham-se espalhado pela linha e continuavam a arrastar homens para diante;

o seu exemplo e as promessas de Rallin conseguiram por fim pôr toda a massa excitada em movimento.

Ponham-se de pé e esperem! gritava Camaban. Ponham-se de pé e esperem!

Os deuses ajudam-nos disse Mereth, tocando nas partes baixas. O inimigo veio lentamente. Nenhum queria ser o primeiro a chegar à linha de Ratharryn, de modo que avançavam, soltando gritos de encorajamento uns aos outros, sendo os archeiros os únicos a correr adiante de todos mas *até mesmo eles faziam-no com cuidado para não* avançarem muito. *Rallin* encontrava-se no centro da sua linha, onde conseguia dar mais velocidade aos seus melhores guerreiros. Queria que o resto do exército visse esses heróis esmagarem o centro da linha de Ratharryn e começarem a matança, que se transformaria num massacre, quando os homens de Camaban abrissem brechas e fugissem. Os guerreiros soltavam os seus gritos de combate, abanavam as suas lanças e, mesmo assim, nenhum dos de Ratharryn se prestou a responder ao ataque.290

De pé e esperem! gritou Camaban. Slaol dar-nos-á a vitória!

Os archeiros inimigos chegavam agora à outra margem do ribeiro e hesitaram um pouco por entre a espessa salgueirinha antes de saltar para dentro de água. Cuidado com as flechas! gritou um homem perto de Saban. As primeiras foram disparadas e Saban viu-as atravessar o céu. Nenhuma chegou perto dele, embora

noutros sítios os homens saltassem para o lado ao verem-nas mergulhar em direcção a si. Os archeiros de Cathallo estavam espalhados ao longo de toda a linha, de modo que havia poucas flechas num só local, embora certeiras nos seus alvos. Estes ferimentos encorajaram os lanceiros a avançar por entre os archeiros. Entraram no ribeiro, evitando os sacerdotes, que continuavam placidamente a conversar.

Vais usar esse arco? perguntou Mereth a Saban e este retirou uma flecha da aljava, meteu-a na corda, mas não a puxou. Já houvera um tempo em que tudo o que sonhara era ser o herói dos cânticos da sua tribo, mas aqui não sentia qualquer desejo de derramar sangue. Não conseguia odiar Derrewyn, ou o seu povo e limitava-se a olhar fixamente para o inimigo que avançava, interrogando-se como pensaria Camaban repelir tal morticínio.

Eles que venham! gritava Camaban. Nenhum dos archeiros de Ratharryn replicara às flechas dos inimigos,!

o que deu coragem aos de Rallin; estes aproximaram-se mais ainda de modol que as suas flechas eram lançadas directa e rapidamente. E eram impossíveis de evitar; assim os homens atingidos gritavam, vacilavam e caíam para trás. A vista dos feridos fez com que um grupo de guerreiros experimentados de Rallin desatasse a correr e a gritar insultos enquanto subia a suav” encosta. Agora! gritou Camaban e os seus próprios lanceiros afastaram-se para os archeiros dispararem uma nuvem assassina de flechas direitas à carga de Rallin. Uma dúzia de homens do inimigo estava já caída, um deles com uma flecha num olho; assim se detiveram os outros lanceiros de Cathallo, espantados com a súbita saraivada de setas de sílex, a que se seguiu um segundo voo que os atravessou e depois um terceiro. Foi então que Gundur soltou o grito de guerra de Ratharryn e os seus combatentes escolhidos, caudas de raposa ao vento, gritaram e carregaram. Os archeiros de Camaban estavam agora espalhados, à direita e à esquerda, fazendo recuar os inimigos. Os homens de Ratharryn pareciam esperar placidamente o seu súbito contra-ataque que, rápido como o de uma víbora, espantou o inimigo. Gundur e Vakkal conduziam a carga por entre os homens feridos de Rallin. Vakkal com brilhantes penas de cisne ornamentando-lhe o cabelo, investia com um machado de cabo comprido, enquanto Gundur usava uma pesada lança com eficiência doentia. Por breves instantes, o centro do campo transformou-se num emaranhado de homens que apunhalavam e espetavam, porém291

os archeiros de Camaban tinham ferido gravemente o inimigo e agora os guerreiros escolhidos de Ratharryn entravam pelo centro de Rallin. Mataram os principais heróis de Cathallo no ribeiro onde Rallin os tentava reagrupar, antes de Vakkal brandir o machado e a pesada lâmina o atingir na cabeça, fazendo com que o chefe do inimigo caísse entre as salgueirinhas. Gundur gritou e atravessou o ribeiro, chapinhando, para enterrar a lança no peito de Rallin; depois, Camaban passou por ele, agitando a arma em enormes cutiladas que tanto faziam perigar o inimigo como o seu próprio lado. A louca aparição de Camaban, com o seu rosto às riscas, o cabelo enfeitado com ossos e pele ensanguentada, aterrorizou os homens de Cathallo, que se afastaram pouco a pouco e depois ainda mais depressa, enquanto os guerreiros enfeitados de caudas de raposa atacaram, investindo ruidosamente.

Agora! gritou Camaban para o resto da linha. Vinde matá-los! Vinde matá-los! As vidas deles são vossas! E os homens de Ratharryn tão espantados como o inimigo pelo sucesso do centro da sua linha, vendo que Cathallo retirava cheio de medo, deram um enorme grito e carregaram em direcção ao ribeiro.

Matai-os! gritava Camaban. Matai-os! Os seus gritos reagrupavam o centro vitorioso, conduzindo-o numa ruidosa carga que se transformou numa perseguição ao inimigo, por enquanto ainda mais numeroso que as forças de Camaban, mas aterrorizado pela morte do chefe.

Os homens de Ratharryn gritavam vitória enquanto atacavam por trás o inimigo que fugia. Os machados e as clavas esmagavam os crânios, despedaçavam ossos, regressando ensanguentados. Os homens matavam num frenesim de medo, guinchando e apunhalando, cortando e desgastando, e o pânico transformou-se em tumulto, quando o pau de caveira de Cathallo foi tomado por Vakkal. Atacou o cego Morthor com uma espada, pegou no pau e esmagou a caveira com a espada. À vista desta destruição, ouviu-se um enorme clamor nas desorganizadas hostes inimigas.

As mulheres de Cathallo fugiram em direcção ao grande santuário e os lanceiros fugitivos seguiram-nas em pânico. Agora era o caos, com os homens de Camaban perseguindo e encurralando a gente em fuga. Cathallo estava derrotada, Cathallo fugia e os homens de Ratharryn ensopavam as armas no morticínio.

Só Saban não perseguia o inimigo. Mereth levara o seu enorme machado para a

matança sangrenta que cobria a avenida entre as pedras sagradas, mas Saban estivera a observar Derrewyn, que ficara no extremo ocidental da sua linha, enquanto Gundur e Vakkal tinham atacado os homens de Rallin e assistia estupefacta ao colapso da tribo. Saban vira dois homens de Cathallo tentarem levá-la para a aldeia, mas Derrewyn deveria saber que era para ali que o exército de Camaban iria dirigir a sua perseguição, de modo que correu alguns passos para ocidente e quando viu a ruidosa carga de Cathallo atravessar292

o rio e convergir para a avenida sagrada, dirigiu-se para as árvores que ficavam por trás da linha de Camaban. Não havia outro lado onde esconder-se. Saban pensou que ela chegaria lá em segurança, mas depois dois archeiros de Ratharryn viram-na partir apressada em direcção ao sul e dispararam as suas flechas. Uma delas atingiu Derrewyn numa perna, fazendo-a tropeçar, mas dois dos seus lanceiros acudiram-lhe e quase a arrastaram para as árvores, enquanto os archeiros, desejosos de conseguir a recompensa de Camaban a perseguiam.

Saban seguiu-os na floresta. Não via Derrewyn nem os seus perseguidores, mas ouviu depois a corda de um arco ser solta e Derrewyn gritando um insulto. Saban voltou-se na direcção do som, mergulhou numa moita de aveleiras e chegou a uma pequena clareira onde viu que um dos lanceiros de Cathallo tinha caído morto com uma flecha de penas negras na garganta. Derrewyn com o rosto pálido e contorcido de dor, estava sentada encostada ao tronco coberto de musgo de um carvalho, enquanto o seu último protector enfrentava os dois archeiros de Ratharryn. Estes sorriam, satisfeitos com a facilidade da vitória esperada, mas franzindo a testa quando Saban entrou na clareira.

Encontrámo-la disse um dos guerreiros com ar categórico.

Descobriste-la concordou Saban portanto é vossa a recompensa. Não a quero. Não conhecia nenhum dos jovens, que pouco mais eram que rapazes. Sorriu para o que estava mais próximo e depois colocou uma flecha na corda.

Tendes uma faca? perguntou-lhes.

Uma faca? estranhou um deles.

Tendes de cortar a cabeça da feiticeira explicou Saban, puxando a flecha para trás e apontando a sua longa cabeça de sílex ao lanceiro inimigo. Lembrais-vos da recompensa pela sua morte? É a sua caveira cheia de ouro, de modo que tereis de a levar ao meu irmão se quereis enriquecer. Olhou para Derrewyn que o

observava com o rosto inexpressivo. Mas sabeis como afastar a sua maldição de morte? perguntou Saban aos dois archeiros.

A maldição dela? perguntou o homem que estava mais próximo num tom preocupado.

É uma feiticeira disse Saban com ar agoirento.

Tens a certeza? perguntou o archeiro. Saban sorriu.

É assim que se mata a maldição disse, voltando-se com tanta rapidez que a flecha ficou apontada para o archeiro mais próximo. Soltou-a, viu o sangue espirrar cintilante por entre as sombras verdes, depois largou o arco, saltou sobre o corpo do moribundo e empurrou o segundo archeiro para um monte de folhas. Esmurrou-lhe o rosto e gemeu, quando o oponente o atingiu também. Depois viu os olhos do homem abrirem-se numa agonia e293

ouviu o ranger das suas costelas quando o lanceiro de Derrewyn lhe meteu a lâmina de bronze no peito.

Saban levantou-se. Tinha o coração a bater e o suor picava-lhe nos olhos.

Pensei que chegaria ao fim de toda esta batalha sem ter de matar ninguém.

O primeiro archeiro, que tinha a flecha de Saban na garganta, ergueu-se com a dor e depois ficou imóvel.

Não querias matar ninguém perguntou Derrewyn em tom de desprezo. A tua mulher fronteiriça pôs-te contra a morte?

Não tenho qualquer questão contigo disse Saban. Nunca tive qualquer questão contigo.

O lanceiro sobrevivente empunhava ameaçador a arma ensanguentada, mas Derrewyn fez sinal para que a baixasse.

Não quer fazer-me mal disse ao seu protector. Saban percorre a vida sem querer causar mal, mas causa-o muito. Vai guardar o extremo da floresta.

Viu partir o lanceiro, fez sinal para que Saban avançasse, depois dobrou a perna

ferida e gemeu de dor. A flecha entrara no músculo da coxa direita, tendo saído de um lado a orgulhosa cabeça de sílex, enquanto do outro apareciam as penas de corvo de Ratharryn. Quebrou o extremo emplumado, fez uma careta e depois partiu o outro extremo. Não havia muito sangue, pois a carne tinha-se fechado sobre o pau.

Posso tirar-te o resto da flecha propôs Saban.

Posso fazê-lo sozinha afirmou Derrewyn. Fechou os olhos por um instante, à escuta dos gritos fracos que vinham de norte. Obrigada por os teres morto disse, apontando os dois archeiros. É verdade que o teu irmão prometeu uma recompensa por mim?

Pelo teu cadáver disse Saban.

Então agora podes ficar rico se me matares? perguntou com um sorriso.

Saban retribuiu-lho.

Não disse acocorando-se diante dela. Quem me dera que nada disto tivesse alguma vez acontecido. Quem me dera que tudo fosse como dantes.

Pobre Saban disse Derrewyn. Encostou a cabeça à árvore. Deverias ter sido chefe de Ratharryn. Nada disto teria acontecido.

Se fores para sul disse ele ficas em segurança.

Duvido que alguma vez esteja em segurança disse ela, começando a rir. Deveria ter dado as pedras a Camaban quando mas veio pedir. Esteve cá no Verão passado, uma noite, em segredo e implorou-me que lhe desse as pedras. Fez um esgar. Sabes o que me ofereceu em troca delas?

Paz? sugeriu Saban.294

Paz! exclamou Derrewyn. Ofereceu-me mais do que paz, Saban. Ofereceu-se a si próprio! Queria casar-se comigo. Ele e eu, disse, éramos dois grandes feiticeiros e entre nós poderíamos governar Ratharryn e Cathallo e fazer os deuses dançar como lebres na Primavera.

Saban ficou a olhar para ela, perguntando a si próprio se seria verdade e depois

decidiu que era, com certeza. Sorriu.

Como os filhos de meu pai te amam.

Tu amaste-me respondeu Derrewyn. Lengar violou-me e Camaban receia-me.

Ainda te amo exclamou Saban, ficando muito mais surpreendido com as suas próprias palavras do que ela. Corou, sentindo-se envergonhado por causa de Aurenna, mas sabia também que tinha dito a verdade, uma verdade que de facto nunca reconhecera naqueles anos todos. Olhou-a, como se não visse o rosto magro e envelhecido da feiticeira de Cathallo, mas sim a rapariga alegre, cujo riso encantara toda a tribo.

Pobre Saban afirmou Derrewyn, encolhendo-se quando a dor lhe invadiu a perna. Devíamos ser tu e eu, Saban, só tu e eu. Teríamos tido filhos, teríamos vivido e morrido e nada teria mudado. Mas agora? Encolheu os ombros. Slaol vence e a sua crueldade andará à solta pelo mundo

Ele não é cruel.

Veremos, não é verdade? perguntou Derrewyn, abrindo depois a capa para mostrar a Saban os três losangos de ouro que trazia pendurados ao pescoço com um fio de couro. Levou à boca uma das pequenas peças de ouro, mordeu o tendão e entregou o fragmento cintilante *a* Saban. Toma disse ela.

Ele sorriu.

Não preciso.

Toma! insistiu e ficou à espera que ele obedecesse. Guarda-o bem

Deveria devolvê-lo a Ratharryn disse.

Por uma vez disse ela tristemente não sejas imbecil, pois em breve precisarás do meu auxílio. Lembras-te da ilha de Mai?

Ele acenou afirmativamente.

Claro que me lembro.

Estivemos debaixo de um salgueiro que tem uma bifurcação no tronco mais acima do sítio a que um homem pode chegar disse ela. Deixa a peça de ouro nessa bifurcação e virei em teu auxílio.

Ajudas-me? perguntou Saban delicadamente divertido, pois Ratharryn vencera a batalha e Derrewyn não passava de uma fugitiva.

Vais precisar da minha ajuda afirmou. E ofereço-ta, quando ma pedires. Agora, Saban, vou transformar-me num fantasma e assombrar Ratharryn. Fez uma pausa. Suponho que Camaban queira também a minha filha morta.295

Saban acenou afirmativamente.

Pois quer.

Pobre Merrel disse Derrewyn.

Camaban, não a há-de encontrar, mas que vida lhe poderei dar agora? Ficou em silêncio e Saban viu que estava a chorar, porém, não saberia dizer se era de desgosto ou de dor.

Chegou junto a ela e passou-lhe os braços à volta, deixando-a soluçar no seu ombro.

Odeio os teus irmãos disse algum tempo depois, soltando um profundo suspiro e afastando-se dele. Vou viver como uma proscrita disse. Farei um templo a Lahanna lá no fundo da floresta, onde Camaban nunca me descobrirá. Estendeu-lhe a mão. Ajuda-me a levantar.

Ele *pô-la de pé. Ela* gemeu ao passar o peso do corpo para a perna ferida, mas recusou-lhe o auxílio e chamou o lanceiro. Parecia que haveria de partir sem qualquer sinal de despedida, mas depois, voltou-se de repente e beijou *Saban. Nada disse, beijou-o uma segunda vez e depois seguiu em direcção ao* sul, a coxear, perdendo-se entre as árvores.

Saban seguiu-a com o olhar até as árvores a esconderem e depois fechou os olhos, pois receou começar a chorar.

Haveria muitas lágrimas naquele dia. A avenida de pedras estava juncada de cadáveres, muitos com o crânio esmagado por machados ou paus e mais ainda

com as cabeças cortadas. Mas houvera tantas para levar como trofeu que, algum tempo depois, os corpos já não eram decapitados e algumas delas tinham sido mesmo deitadas fora pelos perseguidores. Alguns homens do inimigo ainda viviam, embora horrivelmente feridos. Um homem com o sangue a pingar do cabelo, agarrava-se a um pilar de pedra quando Saban passou. Quantos cânticos não comporiam a este respeito em Ratharryn, pensou amargamente. Os corvos batiam as asas e os cães vinham banquetear-se com a carne dos mortos. Dois rapazinhos que tinham seguido os homens de Camaban tentavam arrancar a cabeça a uma mulher. Saban enxotou-os de ao pé do cadáver, pensando que haveriam de encontrar outro. As pedras da avenida pingavam sangue e lembrou-se da profecia de Derrewyn a respeito das pedras do novo templo de Ratharryn estarem encharcadas em sangue. Estava enganada, pensou, enganada.

As primeiras colunas de fumo subiam dos telhados de colmo da aldeia em que os guerreiros de Camaban, tendo arrancado tudo o que tinha valor dentro das cabanas, acendiam fogueiras até aos telhados. Enquanto destruíam as cabanas deste modo, os sobreviventes da tribo derrotada procuravam abrigo no grande santuário. Foi aí que Saban encontrou Camaban. Estava sozinho no cimo da enorme muralha de onde lançava sistematicamente com pontapés as caveiras guardiãs para dentro do fosso.

Onde tens estado? perguntou.296

À procura de Derrewyn respondeu Saban.

Encontraste-a?

Não.

Provavelmente morreu disse Camaban em tom vingativo. Espero bem que sim. Mas mesmo assim, gostaria de urinar sobre o cadáver dessa cadela. Deu um pontapé na caveira de um lobo que foi parar ao fundo da vala. Tinha sangue no longo cabelo e nos ossos atados às tranças, mas não era seu. A espada de bronze que lhe pendia de um aro no cinto estava toda manchada. Espero que já tenham encontrado os filhos de Rallin continuou. Quero-os mortos.

Não representam qualquer perigo para nós protestou Saban.

São da família de Rallin e quero-os todos mortos. E também a cria de Derrewyn. Deu outro pontapé num crânio, que caiu da barreira. Chama-se a si própria

feiticeira! Ah! Vê onde a feitiçaria lhe levou a tribo! Sorriu de súbito. Gosto da guerra.

Eu detesto-a.

É porque não prestas para ela, mas não é difícil. Gundur queria retirar, porque não tinha pensado no problema, mas eu sabia que Rallin seguiria com os seus melhores homens de modo que seria fácil estender-lhes uma armadilha e, honra seja feita a Gundur, este viu como as coisas poderiam funcionar. Gundur combateu bem. E tu?

Eu matei um homem disse Saban.

Só um? perguntou Camaban divertido. Dantes, quando era criança, tinha tanta inveja tua. Eras como Lengar, alto e forte, e pensava que viesses a ser um guerreiro e que eu seria sempre um aleijado. Mas foi o aleijado que conquistou Cathallo. Não foi Lengar, nem tu, mas sim eu! Riu-se, orgulhoso do trabalho que fizera, voltando-se depois para olhar a multidão de gente de Cathallo que se reunira junto à antiga cabana de Sannas. Creio que é tempo de os assustar disse, encaminhando-se para o caminho, entrando depois no centro do templo.

Só menos de uma dúzia de lanceiros de Ratharryn tinha aí entrado, de modo que Camaban estava virtualmente sem guarda, mas não demonstrava qualquer receio enquanto se encaminhava para o meio do santuário, para o espaço entre os dois círculos de pedra que estavam rodeados pelo anel maior de blocos de pedra. Aí ergueu os braços ao céu, mantendo-os nessa posição até aquietar a multidão assustada.

Conheceis-me! gritou. Sou Camaban, a criança torta! Camaban, o aleijado! Camaban de Ratharryn! E agora sou Camaban, o chefe de Cathallo. Alguém o disputa? Olhou para a multidão. Havia pelo menos duas dezenas de homens ali, a maior parte deles armados, mas nenhum se moveu. Sou mais que Camaban! gritou. Há muitos anos vim aqui durante a noite e roubei a alma de Sannas, juntamente com o seu último sopro de vida!297

Eu, Camaban, tenho Sannas dentro de mim. Sou Sannas! Sou Sannas! gritava, começando de súbito a cantar com a voz de Sannas, a sua voz exacta, antiga e seca como ossos velhos, de modo que, se Saban fechasse os olhos, era como se a velha feiticeira ainda estivesse viva. Sou Sannas de volta à terra, que vim salvar-vos do castigo!

Começou a contorcer-se, a dançar, a saltar, a girar, gemendo desesperadamente como se a alma da velha lutasse de facto contra o espírito dele e a exibição fez as crianças, aterrorizadas, esconderem o rosto na roupa das mães.

Sou Sannas! berrava Camaban. Slaol conquistou-me! Slaol tomou-me! Slaol deitou-se entre as minhas coxas e estou cheio dele! Mas lutarei por vós! gritou de novo, abanando a cabeça, de modo que o seu longo cabelo ensanguentado esvoaçava para baixo e para cima. Têm de obedecer, têm de obedecer continuava usando ainda a voz de Sannas.

Matem-nos... Falava agora na sua própria voz, puxando da espada coberta de sangue e avançando sobre a multidão, enquanto entoava as palavras. Matem-nos, matem-nos, matem-nos. A multidão recuava.

Toma-os como escravos! Mudara de novo a voz para a de Sannas. Serão bons escravos! Chicoteia-os se não forem bons! Chicoteia-os! Começou *de* novo a contorcer-se, a rugir, e de repente, ficou imóvel.

Slaol fala em mim disse com a sua própria voz. Fala comigo e através de mim. O grande deus vem ter comigo e pergunta-me porque não estais todos mortos. Porque não pegamos nos vossos bebés e não lhes esmagamos a cabeça contra as pedras do templo? As mulheres choravam ruidosamente. Porque não entregar os vossos filhos ao fogo de Slaol? perguntava Camaban. Porque não entregar as vossas mulheres para serem violadas, porque não enterrar os vossos homens vivos nos poços de esterco? *Porque não? Estas* duas últimas palavras foram emitidas num guincho.

Porque eu não deixo. Era Sannas de novo. O meu povo obedecerá a Ratharryn! Há-de obedecer! De joelhos, escravos! De joelhos! E o povo de Cathallo ajoelhou diante de Camaban. Alguns estendiam as mãos para ele. As mulheres agarravam-se aos filhos, apelando para que ficassem vivos, mas Camaban virou as costas, dirigiu-se até à pedra mais próxima e encostou a ela a sua cabeça.

Saban soltou a respiração, que nem sabia estar suspensa. O povo de Cathallo continuava de joelhos, com o terror no rosto e foi assim que os lanceiros de Gundur o encontraram quando atravessaram a entrada ocidental.

Gundur foi ter com Camaban.

Matamo-los?

São escravos disse Camaban calmamente. Escravos mortos não trabalham.

Então mato os velhos?298

Mata os velhos concordou Camaban mas deixa viver os outros. Voltou-se para a multidão ajoelhada. Porque eu sou Slaol e estes são os escravos que construirão o meu templo. Ergueu os braços ao Sol. Porque eu sou Slaol! gritou de novo, triunfante. E eles vão construir o meu santuário.

Camaban deixou Gundur a governar Cathallo. Mantém as pessoas vivas, disse-lhe, pois na Primavera o seu trabalho será necessário. Gundur também tinha ordens para percorrer os bosques em busca de Derrewyn, cujo corpo nunca fora encontrado, e da filha, que também desaparecera. As esposas e filhos de Rallin tinham sido descobertos e os seus corpos apodreciam agora numa cova rasa. Morthor fora enterrado num túmulo e o novo sumo sacerdote nomeado, mas apenas depois de ter beijado o pé aleijado de Camaban e jurado obedecer-lhe.

Assim, Camaban voltou triunfante para Ratharryn onde durante todo o Inverno brincou com blocos de madeira. Pedira a Saban que lhos fizesse, insistindo para que a madeira fosse trabalhada em forma de pilar e exigiu mais e mais, desaparecendo depois dentro da cabana onde os alinhava de várias formas, obsessivamente. A princípio formou com eles círculos gémeos, um aninhado dentro do outro, como o templo inacabado que Saban desmontava agora; mas depois de algum tempo rejeitou os dois anéis e modelou um templo como o santuário de Slaol já existente à entrada de Ratharryn. Imaginou uma floresta de pilares, mas após olhar para o modelo durante vários dias, pô-lo de lado. Tentou refazer em pedra o padrão de Slaol e Lahanna: doze círculos impostos a um outro maior; mas quando se baixou para ver os blocos com um olho fechado, junto ao solo, apenas viu desordem e confusão, de, modo que rejeitou também esse arranjo.

Foi um Inverno frio e de fome. Lewydd levou para a sua aldeia o ouro de Erek, sendo acompanhado por meia dúzia de homens de Vakkal que queriam viver os seus dias em Sarmennyn, mas mesmo assim ainda ficou em Ratharryn uma horda para ser alimentada. Lengar nunca fora cuidadoso como o pai a armazenar alimentos, o que significava que os poços de cereal estavam vazios. Camaban não se importava, pois em pouco mais pensava do que no seu templo. Era chefe de duas tribos, porém não desempenhava nenhuma das tarefas que o pai realizara. Permitia que outros homens conduzissem os seus bandos de guerra,

insistia em que Haragg dispensasse justiça e contentava-se em deixar que Saban se preocupasse em arranjar comida suficiente para que Ratharryn passasse o Inverno. Camaban não tomou esposas, não gerou filhos, nem juntou tesouros, embora começasse a vestir-se com algumas coisas boas que descobrira na cabana de Lengar. Usava a enorme fivela de ouro que o forasteiro trazia quando viera ao Velho Templo, havia tantos anos, cobria-se com a capa de pele de lobo debruada a raposa nos ombros e empunhava a299

pequena clava que Lengar tomara ao sacerdote de uma tribo derrotada. Hengall empunhara a clava como símbolo de poder e Camaban divertia-se a imitar o pai, troçando da sua memória. Enquanto a clava de Hengall fora um pedaço de pedra rude capaz de esmagar crânios, a de Camaban era um objecto delicado e precioso. Tinha um punho de madeira rodeado de anéis de osso esculpidos em forma de raios, sendo a cabeça um ovo de pedra castanha com veios negros, perfeitamente entalhado e maravilhosamente polido, que deveria ter custado ao artesão vários dias de meticuloso trabalho. Alisara a cabeça, depois brocara-lhe um buraco circular para o punho e quando o trabalho terminou, o homem tinha feito uma arma útil apenas em cerimónias; a pequena cabeça era demasiado leve para infligir danos a não ser num crânio extremamente delicado. Camaban gostava de executar floreados com ela, provando que a pedra podia ser trabalhada tão bem como a madeira.

Não usaremos blocos de pedra rude como os de Cathallo disse a Haragg. Vamos dar-lhe forma, esculpi-la. Acariciou a cabeça da clava. Alisá-la.

Saban juntou numa cabana todo o cereal da tribo, comprou mais algum a Drewenna e racionou-o durante os dias frios. Os guerreiros caçavam, trazendo veados, javalis e lobos. Ninguém morria de fome, embora muitos dos velhos e doentes tivessem falecido. Durante todo esse Inverno, Saban retirou também todos os pilares escuros trazidos de Sarmennyn. Não foi uma tarefa difícil. As pedras eram retiradas dos buracos, deitadas na relva e arrastadas para o pequeno vale que ficava a oriente do templo. Os homens escavavam a greda branca do fosso e enchiam os buracos das pedras com cascalho de modo que o centro do templo estava novamente liso e vazio. Apenas as pedras da Lua se mantinham dentro do fosso, bem como os três pilares por trás delas, mas depois Saban ergueu a pedra-mãe para junto do centro. Foram precisos sessenta homens, um tripé de carvalho e sete dias para erguer a pedra, que foi colocada em frente da entrada do templo, de modo que no dia do Solstício o Sol brilharia, descendo a avenida até ao pilar. A pedra-mãe era alta, muito mais alta do que tinham ficado

os outros pilares vindos de Sarmennyn e, ao baixo sol de Inverno, a sombra alongava-se sobre a turfa pálida.

Camaban passava dias inteiros no templo, meditando e raramente dando conta dos homens que trabalhavam para desmantelar o Templo das Sombras. À medida que os dias ficavam mais curtos e o ar mais frio, ia lá mais vezes e, algum tempo depois, começou a transportar lanças, enterrando as lâminas no chão duro, espreitando depois pelo cimo dos paus. Estava a usá-las para calcular a altura a que queria os pilares de pedra, mas estas não o satisfaziam, de modo que ordenou a Mereth que cortasse uma dúzia de postes, pedindo depois a Saban que os enterrasse na turfa. Os postes eram compridos mas leves e o trabalho ficou pronto num só dia. Camaban passou o seguinte a olhar para eles, imaginando padrões.300

Por fim, restavam apenas dois paus. Um tinha duas vezes a altura de um homem e o outro o dobro do comprimento, ficando ambos alinhados com o nascer do Sol no Solstício, o mais alto atrás da pedra-mãe e o mais baixo junto à entrada do santuário. À medida que o Inverno se aproximava, Camaban ia todas as tardes ao templo e ficava a olhar os postes finos, que pareciam estremecer ao vento gelado.

Chegou o Solstício de Inverno. Fora sempre uma altura em que se ouviam os lamentos do gado que normalmente era sacrificado para apaziguar a fraqueza do Sol; todavia Haragg não queria tais mortes nos seus templos, de modo que a tribo dançou e cantou sem sentir nas narinas o cheiro a sangue fresco. Algumas pessoas queixaram-se que os deuses ficariam zangados devido às susceptibilidades do sacerdote, afirmando que o sacrifício era necessário para que o novo ano não trouxesse pestes, mas Camaban apoiou Haragg e, nessa tarde, depois da tribo ter cantado o lamento ao Sol moribundo, Camaban afirmou que os antigos costumes estavam amaldiçoados e que, se Ratharryn mantivesse a fé, então o novo templo iria assegurar que o Sol não voltasse a morrer. Festejaram nessa noite com carne de veado e porco e depois acenderam enormes fogueiras para que Slaol voltasse na madrugada a seguir ao dia do Solstício de Inverno.

Nessa manhã havia neve: não muita, mas o suficiente para cobrir de branco o solo mais alto, no qual Camaban deixou pegadas quando se dirigiu ao templo. Insistiu para que Saban o acompanhasse e os irmãos envolveram-se em peles, pois o frio era cortante e um vento agreste soprava do céu pálido, coberto de

pequenas nuvens rosadas. As nuvens de neve, mais pesadas, tinham levantado ao meio-dia e o sol da tarde era já suficiente para lançar sombras sobre a neve que cobria os montículos feitos pelos buracos das pedras já tapados. Camaban olhava para os postes gémeos, mas abanou a cabeça, irritado, quando Saban lhe perguntou a sua finalidade. Depois, voltou-se para olhar as quatro pedras da Lua de Gilan, os pares de pedras em arco que mostravam o caminho das viagens mais distantes de Lahanna.

É tempo disse Camaban de perdoar Lahanna.

De a perdoar?

Lutámos contra Cathallo para termos paz continuou Camaban. Slaol quer a paz entre os deuses. Lahanna revoltou-se contra ele, mas perdeu a batalha. Nós vencemos. É tempo de a perdoarmos. Olhou para os bosques, distante. Crês que Derrewyn ainda esteja viva?

Queres perdoar-lhe? perguntou Saban.

Nunca! respondeu o irmão amargamente.

O Inverno vai matá-la alvitrou Saban.

É preciso mais que um Inverno para matar essa cadela disse Camaban de mau modo. Enquanto trabalhamos pela paz, estará orando a Lahanna nalgum sítio escuro e eu não quero que a deusa se nos oponha.301

Quero que se junte a nós. É tempo de a levar de volta para Slaol e, por isso, deixaremos as quatro pedras que lhe mostram que lhe pertence.

Ah, sim? perguntou Saban. Camaban sorriu.

Se te colocares junto a qualquer dos pilares disse apontando para a mais próxima das pedras da Lua e olhares para a laje do outro lado do círculo, consegues ver por onde Lahanna vagueia?

Sim disse Saban, recordando-se de como Gilan colocara as quatro pedras.

Mas e se olhares para a outra laje? perguntou Camaban.

Saban franziu a testa sem entender, de modo que Camaban lhe pegou no braço e o levou até ao pilar, apontando em seguida para a grande laje do outro lado do círculo. É para ali que Lahanna vai, não é verdade?

Sim concordou Saban.

Camaban voltou-se para Saban, olhando ao mesmo tempo na direcção da segunda laje.

E o que vês, se olhares naquela direcção?

Saban tinha tanto frio que achou difícil pensar, mas o dia ia avançado e o Sol estava baixo por entre as nuvens rosadas; viu que Slaol tocava o horizonte alinhado exactamente com as pedras da Lua.

Vê-se a morte de Slaol no Solstício de Inverno respondeu.

Exactamente! E se olhares para o outro lado? Se ficares junto a esse pilar Camaban apontava na diagonal para o outro lado do círculo e olhares nesta direcção para a outra laje?

O nascer de Slaol no Verão.

Sim! gritou Camaban. O que quer isso dizer? Quer dizer que Slaol e Lahanna estão ligados. Estão juntos, Saban, como uma pena está à asa ou um chifre à cabeça. Lahanna pode revoltar-se, mas voltará. A tristeza deste mundo é o resultado da separação de Slaol e Lahanna, mas o nosso templo vai juntá-los. As pedras dizem-nos isso. As pedras dela são as dele, não compreendes?

Sim disse Camaban, interrogando-se por que razão nunca percebera que as pedras da Lua podiam facilmente apontar tanto os limites dos passeios de Slaol, como dos de Lahanna.

O que faremos, Saban, é cavar um fosso e formar uma barreira à volta dos dois pilares disse Camaban entusiasmado. São as pedras vigilantes. Vais fazer-me dois anéis de terra e os sacerdotes podem ficar neles e observar Slaol através das lajes. Óptimo! Começou a caminhar apressadamente de volta para a aldeia, mas deteve-se junto à pedra do Sol que estava mais afastada do santuário. E mais um fosso e uma barreira à volta desta pedra. Bateu nela. Três círculos à volta de três pedras. Três locais apenas acessíveis aos sacerdotes. Dois locais para assistir à

morte do Sol e aos passeios de302

Lahanna e um local para ver Slaol erguer-se em toda a sua glória. Agora apenas temos de decidir o que ficará no centro.

Temos coisas mais importantes do que decidir tal coisa disse Saban.

O quê?

Cathallo está com falta de alimentos.

Camaban encolheu os ombros, como se fosse coisa de pouca monta.

Os escravos mortos disse Saban em voz soturna ecoando as palavras do próprio Camaban não podem trabalhar.

Gundur que tome conta deles disse Camaban, irritado pela discussão. Não queria pensar em mais nada senão no seu templo. Foi por isso que mandei Gundur para Cathallo. Ele que lhes dê de comer.

Gundur está apenas interessado nas mulheres de Cathallo afirmou Saban. Tem uma dezena das mais novas na sua cabana e o resto da aldeia morre de fome. Queres que o que resta da tribo se revolte contra ti? Queres que passem a proscritos, em vez de os teres como escravos?

Então vai tu governar Cathallo disse Camaban descuidado, caminhando através da neve fina.

Como posso construir o teu templo se estiver em Cathallo? gritou Saban atrás dele.

Camaban bradou aos céus a sua frustração, depois deteve-se e olhou a tarde escura.

Aurenna disse.

Aurenna? perguntou Saban confuso. Camaban voltou-se.

Cathallo sempre foi governado por mulheres disse. Primeiro Sannas, depois Derrewyn, então porque não Aurenna?

Matá-la-iam! protestou Saban.

Vão adorá-la, irmão. Não é ela a amada de Slaol? Ele não lhe poupou a vida? Crês que o povo de Cathallo poderá matar aquilo que Slaol poupou? Camaban executou alguns passos de dança desajeitados, arrastando os pés sobre a neve. Haragg dirá ao povo de Cathallo que Aurenna era a noiva do Sol e na sua ideia vão pensar que é Lahanna.

É minha esposa disse Saban com voz rouca.

Camaban encaminhou-se lentamente em direcção a Saban.

Irmão, não temos esposas, não temos esposos, não temos filhos, não temos filhas, não temos nada até o templo estar construído.

Saban abanou a cabeça ao ouvir tal absurdo.

Vão matá-la insistiu.

Vão adorá-la repetiu Camaban. Coxeou até junto de Saban e depois, com ar grotesco, caiu de joelhos na neve e ergueu as mãos. Deixa a tua esposa ir para Cathallo, Saban. Imploro-te! Deixa-a ir! Slaol deseja-o! Olhou para Saban. Por favor!**303**

Aurenna pode não querer ir afirmou Saban.

Slaol deseja-o disse de novo Camaban e depois franziu a testa. Vamos tentar fazer voltar o mundo aos seus princípios. Terminar o Inverno. Afastar a tristeza e o cansaço da face da terra. Sabes como isso é difícil? Um passo em falso e poderíamos ficar para sempre na escuridão, mas por vezes, de súbito, Slaol diz-me o que fazer. E foi ele que me disse para enviar Aurenna para Cathallo. Imploro-te, Saban! Imploro-te! Deixa-a ir!

Queres que ela vá governar Cathallo?

Quero que ela traga Lahanna de volta! Aurenna é a noiva do Sol. Se queremos ter alegria neste mundo, Saban, temos de ter Slaol e Lahanna de novo unidos. Só Aurenna o pode fazer. Slaol disse-mo, e tu, meu irmão, tens de a deixar ir. Estendeu a mão para que Saban o pudesse pôr de pé. Por favor! pediu Camaban.

Se Aurenna o desejar disse Saban, calculando que a esposa não quereria ficar isolada, tão longe do novo templo, mas para sua surpresa ela não rejeitou a ideia. Pelo contrário, falou longo tempo com Camaban e Haragg e a seguir foi ao velho templo de Slaol, onde se submeteu ao ritual de viuvez, deixando que lhe cortassem o seu longo cabelo louro com uma faca de bronze. Haragg queimou-o, as cinzas foram colocadas num vaso e este foi quebrado de encontro a um dos postes de madeira.

Saban, horrorizado, viu Aurenna afastar-se do templo com o seu cabelo, outrora tão belo, arruinado em rudes tufos manchados de sangue, onde a faca lhe tinha arranhado o couro-cabeludo. Porém no rosto dela havia um olhar de alegria. Ajoelhou-se junto a Saban.

Deixas-me ir? perguntou.

Se queres mesmo respondeu ele relutante.

Quero! exclamou com fervor. Quero!

Mas porquê? perguntou Saban. E porquê um ritual de viuvez?

A minha antiga vida acabou disse Aurenna, pondo-se de pé. Fui dada a Slaol e, embora ele me tenha rejeitado, sempre o adorei. Mas a partir de hoje, Saban, sou sacerdotisa de Lahanna.

Porquê? perguntou ele de novo, com voz dorida. Ela sorriu calmamente.

Em Sarmennyn costumávamos oferecer ao deus uma noiva humana em cada ano, mas, um ano mais tarde o deus exigia outra noiva. Rapariga após rapariga, Saban, ardiam, ardiam! As raparigas não satisfaziam Slaol. Como haveriam de o fazer? Ele quer uma noiva para sempre, uma noiva que iguale a sua glória no céu; apenas pode ser Lahanna.

Os Fronteiriços nunca adoraram Lahanna protestou Saban.

Mas fizemos mal disse Aurenna. Lahanna e Slaol! Foram feitos um para o outro, tal como o homem é feito para a mulher. Porque me poupou Slaol da fogueira no Templo do Mar? Deve ter tido uma intenção e agora**304**

percebo qual era. Rejeitou uma noiva humana porque quer Lahanna e o meu

dever será levá-la aos seus braços. Fá-lo-ei por meio de preces, danças, bondade. Sorriu para Saban e tomou-lhe o rosto nas mãos. Vamos fazer uma coisa muito importante, tu e eu! Vamos fazer o casamento dos deuses Tu farás o santuário e eu levarei a noiva ao leito de Slaol. Não podes proibir-me de o fazer, pois não?

Vão matar-te em Cathallo resmungou Saban. Aurenna abanou a cabeça.

Vou confortá-los e a seu tempo virão adorar no nosso novo templo e partilhar a nossa alegria. Sorriu. Foi para isso que nasci.

Partiu no dia seguinte, levando consigo Leir e Lallic. Gundur voltou a Ratharryn, mas deixou uma dezena de guerreiros atrás de si. Aurenna mandou esses homens à floresta para caçarem javalis e veados, de modo a alimentar a aldeia.

Saban ficou em Ratharryn. Camaban queria-o lá, pois estava preocupado com o desenho do seu templo e necessitava do conselho do irmão. Qual seria a pedra maior que poderia ser erguida como pilar? Poderiam colocar uma pedra sobre outra? Como se deslocariam as pedras? Uma pedra poderia ser talhada? As perguntas não tinham fim, mesmo quando Saban não tinha respostas. O Inverno terminou e a Primavera pôs um toque de verde nas árvores, porém Camaban continuava a pensar.

Por fim, um dia não houve mais perguntas, pois a entrada da cabana de Camaban ficou com a cortina caída e ninguém, nem sequer Saban ou Haragg tinham autorização para lá entrar. A bruma cobria Ratharryn, escondendo as caveiras no cimo da barreira. Nesse dia não havia vento e o mundo estava silencioso e branco. A tribo, sentindo que os deuses estavam próximos da aldeia, falava em voz baixa.

Ao pôr do Sol, Camaban gritou:

Encontrei!

E o vento afastou as brumas.

Haragg e SABAN FORAM CHAMADOS À CABANA DE CAMABAN, ONDE UM bocado do chão fora varrido, de modo a ficar limpo e liso. Saban esperava ver o modelo final, mas os blocos de madeira estavam amontoados numa pilha desordenada, ao lado da qual, Camaban estava acocorado com os olhos muito brilhantes e a pele coberta de suor, pelo que Saban perguntou a si

próprio se o irmão não teria febre; porém a febre não era doença, mas sim excitação.

Vamos construir um templo melhor que qualquer já construído, ou que alguma vez se possa construir afirmou Camaban à laia de saudação a Saban e Haragg. Vamos fazer os deuses dançar de alegria. Camaban estava nu, com a pele avermelhada pelo brilho do fogo que aquecia e iluminava a cabana.

Esperou até que Saban e Haragg se acomodassem para depois colocar um único pilar de madeira perto do centro do espaço vazio.

Aqui está a pedra-mãe, que nos recorda que todos somos terra e que a terra é tudo o que existe. Os ossos que tinha pendurado no cabelo entrechocavam-se, enquanto se balançava apoiado nos calcanhares. À volta da pedra-mãe construiremos uma casa dos mortos, só que esta será também a casa de Slaol e irá recordar-nos que a morte é uma passagem para a vida. Faremos a casa de Slaol com pedras tão altas como os postes de madeira do templo. Pegou nos dois blocos mais compridos e colocou-os por trás da pedra-mãe. Tocaremos o céu disse em tom reverente e depois pegou num bocado mais pequeno de madeira que colocou sobre o cimo de duas pedras de modo que as três formavam um arco alto e muito estreito. O arco de Slaol! disse em tom respeitoso. Uma fenda por onde podem passar os mortos para chegar a ele.

Saban olhou para o grande arco.

Qual é a altura das pedras? perguntou.

Têm a mesma altura que o mais alto dos dois postes do templo respondeu Camaban e Saban estremeceu, ao lembrar-se da altura das varas esguias que o irmão plantara no templo vazio. Camaban exigia que o arco ficasse com mais de quatro vezes a altura de um homem, mais alto do que qualquer pedra que Saban alguma vez vira; era tão alto, que ele não conseguia306

imaginar o modo de erguer as pedras e muito menos como haveria de içar a pedra horizontal até ao alto, porém nada disse. Ficou a ver Camaban colocar mais oito pilares a ladear os dois primeiros, não numa linha recta, mas numa curva estreita para diante, em forma de chifres de boi, de modo que constituíssem uma baía envolvendo a pedra-mãe. Colocou blocos em cada par de pilares, pelo que a casa do Sol era agora formada por cinco arcadas. O arco central era o mais alto, mas os quatro que o ladeavam elevavam-se muito acima

do solo.

Estes arcos, Camaban bateu com a mão nos quatro mais altos apontam para as pedras da Lua. Deixarão escapar os mortos de Lahanna. Onde quer que ela vá, para norte, sul, oriente ou ocidente, os mortos encontrarão uma entrada para a casa de Slaol.

E da casa de Slaol, os mortos fugirão pelo arco mais alto? perguntou Haragg.

E assim tomaremos os mortos de Lahanna e entregá-los-emos a Slaol concordou Camaban. É ele que dá a vida.

Portões da Lua disse Haragg em tom de aprovação e uma arcada para o Sol.

Não está terminada disse Camaban, pegando em trinta blocos de madeira e colocando-os num enorme círculo de pilares à volta da casa do Sol

Todas as pedras, excepto uma, eram do mesmo tamanho, todas estavam bem cortadas e eram mais baixas do que os arcos centrais, mas o último pilar, embora fosse tão alto como os outros, tinha apenas metade da largura.

Estes pilares mostram os dias da Lua explicou Camaban e Haragg acenou afirmativamente, pois compreendeu que as trinta pedras representavam os vinte e nove dias e meio nos quais a Lua viajava do nada à plenitude. Assim, Lahanna verá que a reconhecemos.

Mas Slaol... começou Haragg, tencionando protestar, uma vez que Camaban rodeara a casa do deus com um anel dedicado à Lua.

Camaban mandou-o calar e pegou em mais trinta blocos de madeira, que colocou um a um sobre o círculo de pilares, até ter completado o anel de lintéis

Vamos construir um círculo de pedras que reflectirá Slaol explicou. Lahanna levará o anel e entenderá que o seu dever é ser subserviente a Slaol.

Um anel no céu disse Saban em voz baixa. Não sabia como poderia ser feito, mas sentia uma onda de entusiasmo ao olhar para os blocos de madeira. Seria magnífico, pensou, depois disse para consigo que eram apenas brinquedos e o templo teria de ser feito com blocos de pedra, que Camaban partia do princípio que poderiam ser transportados e cortados tão facilmente como se fossem de

madeira.

Camaban pegou no último bloco e colocou-o bem distante dos outros, na colina onde a avenida sagrada tinha sido aberta.307

Ali é a nossa pedra do Sol disse, batendo no último bloco e no Solstício a sua sombra chegará à casa do Sol; o Sol do Solstício de Inverno passará pelo arco alto e atingirá a pedra. Assim, quando Slaol morrer, a sua última luz tocará na pedra que marcou o seu maior poder.

E Slaol lembrar-se-á disse Haragg.

Lembrar-se-á concordou Camaban. E quererá de novo o seu poder, de modo que há-de lutar contra o Inverno, aproximando-se assim de nós. Cada vez mais próximo, até que o seu anel tocou no anel do céu feito de pedras, emparelhe com as doze estações de Lahanna. Nessa altura, Slaol *e* Lahanna casarão e então teremos bonança. Teremos bonança.

Ficou em silêncio, olhando para o modelo de madeira do templo, mas na sua imaginação via-o feito de pedra, situado na encosta verde, onde ficaria rodeado pela barreira e pelo fosso da mais branca greda. Um círculo de greda e outro de pedra, uma casa de arcos para atrair ao lar os deuses longínquos.

Saban olhou para os blocos de madeira. As sombras formavam um padrão complexo que cintilava a vermelho e negro. Saban pensou que Camaban tinha razão. Não haveria nada como aquilo em toda a terra, nada como aquilo debaixo do céu ou entre os mares cinzentos. Saban nunca sonhara com um templo tão esplêndido, tão perfeito e tão difícil de construir.

Poder-se-á fazer? perguntou Camaban com laivos de nervosismo na voz.

Se o deus quiser que se faça respondeu Saban.

Slaol quer que se faça replicou Camaban, confiante. Slaol exige que se faça! Quer que se faça em três anos.

Três anos! Saban fez uma careta ao pensar naquilo.

Vai levar mais tempo disse suavemente, esperando uma resposta indelicada.

Camaban negou o pessimismo abanando a cabeça.

Exige tudo aquilo que precisares. Homens, madeira, trenós, bois, tudo o que quiseres.

Serão precisos muitos homens avisou Saban.

Utilizaremos escravos sentenciou Camaban. Quando estiver pronto, reunir-te-ás com Aurenna.

Assim, Saban começou a trabalhar. Fazia-o com satisfação, pois fora inspirado pela visão de Camaban e desejava ver o dia em que os deuses fossem reconduzidos ao devido padrão, para que pusessem fim às aflições deste mundo. Mandou Mereth arranjar um grupo de homens para cortar carvalhos nas florestas à volta de Maden, pois era nessa aldeia que as árvores deveriam ser cortadas, trabalhadas e transformadas em trenós. Cada trenó teria dois largos patins unidos por três grandes tábuas, sobre as quais se colocaria uma pedra, e uma quarta em frente, para atar os bois. Os homens poderiam puxar as pedras mais pequenas, mas as grandes, as dez mais altas que formariam a308

casa do Sol e as trinta que conteriam o anel do céu por cima, precisariam de juntas de bois, de modo que estes teriam de ser contados. As juntas de bois precisariam de cordas, o que significava a morte de outros animais, a secagem das peles, o seu corte para a elaboração de fortes correias. Não havia bois suficientes em Ratharryn e Cathallo, de modo que Gundur e Vakkal conduziram os seus guerreiros em grandes ataques para arranjarem mais. Saban fez outras cordas molhando casca de tília às tiras nos poços cheios de água e, quando as fibras se separavam, entrelaçava-as de modo a formar correias compridas que eram enroladas e guardadas dentro de um armazém.

Camaban desenhou o plano do templo na turfa onde dantes se erguiam as pedras de Sarmennyn. Com um pau de arar ligado por uma pega ao centro do santuário inscreveu um círculo na terra, mostrando o anel desenhado onde deveriam ser colocadas as pedras do círculo do céu. Marcou a localização dos trinta pilares, depois martelou as pegas no chão, indicando onde deveria ser construída a grande casa do Sol. O centro do santuário estava agora desprovido de erva, pois eram tantos os pés que o pisavam todos os dias, enquanto o cascalho de greda que fora usado para encher os buracos onde dantes se tinham erguido as pedras de Sarmennyn estava espalhado por todo o círculo.

Camaban dera a Saban seis varas de salgueiro, cada uma cortada com um determinado comprimento e cuidadosas instruções de quantas pedras eram necessárias com determinada medida. O poste mais longo tinha quatro vezes a altura de um homem, o que representava apenas o comprimento da pedra fora da turfa. Saban sabia que um terço dela teria de ficar enterrada para resistir a ventos e tempestades. Camaban exigia duas pedras assim grandes, mas quando Saban visitou Cathallo, apenas encontrou um bloco de tamanho suficiente. O seguinte era pequeno de mais, porém, se fosse pouco enterrado, poder-se-ia manter. Era muito simples escolher as pedras mais pequenas, pois havia muitas espalhadas pelos montes verdes, mas, de vez em quando, Saban voltava à rocha monstruosa que formaria o pilar do maior arco do Sol.

Era de facto monstruosa. Era um bocado de pedra tão grande que parecia até ser uma costela do mundo. Não era grossa, pois o seu cimo coberto de líquenes mal lhe chegava ao joelho, embora grande parte estivesse enterrada no solo. No entanto, na sua maior largura tinha mais de quatro passos e mais de treze de comprimento. Treze! Se se pudesse erguer, pensou Saban, tocaria de facto no Sol, mas como levantá-la? E como retirá-la da terra e transportá-la para Ratharryn? Afagou a pedra, sentindo o calor do Sol na sua superfície musgosa. Conseguia imaginar como retirar as pedras mais pequenas das suas camas de turfa e colocá-las nas traves de um trenó de madeira, mas duvidava que houvesse homens suficientes em toda a terra para erguerem de dentro do solo este enorme bloco.

Porém, se conseguisse levantar a pedra, sabia que seria necessário um trenó três vezes maior do que o que tinha sido feito antes e decidiu fazê-lo em309

Cathallo com tábuas de carvalho, que guardaria numa cabana alta e estreita, de modo a deixar secar a madeira. A madeira seca era tão forte como a verde, mas pesava muito menos e Saban calculava que deveria fazer o trenó o mais leve possível, para erguer o bloco de pedra da colina. Deixaria secar a madeira durante cerca de um ano ou mais e nesse intervalo resolveria o problema do levantamento da pedra.

Encontrou Aurenna no santuário de Cathallo. Usava um estranho vestido feito de pele de veado cortada numa miríade de pequenas tiras nas quais tinha cosido penas de gaio, de modo que a veste parecia estremecer entre o branco e o azul, sempre que soprava a brisa.

As pessoas esperam que uma sacerdotisa seja diferente disse ela, explicando o que tinha vestido, e Saban achou-a muito bela. A sua pele pálida não tinha ainda marcas, o olhar era firme e gentil, enquanto o cabelo cortado crescia a rodear-lhe o rosto como se fosse uma suave touca dourada. Parecia feliz, mesmo radiante, e riu-se das preocupações de Saban, que temia que o derrotado povo de Cathallo lhe queimasse as madeiras que secavam.

Vão trabalhar muito, para que o nosso templo seja um êxito prometeu.

Achas? perguntou Saban, surpreendido.

Quando o templo terminar, serão de novo livres. Prometi-lhes isso.

Prometeste-lhes a liberdade? perguntou Saban. E o que diz Camaban a isso?

Camaban obedecerá a Slaol disse Aurenna. Conduziu Saban através da aldeia e embora proclamasse uma jovial crença na bondade do povo de Cathallo, este pareceu a Saban mal-humorado e ressentido. O seu chefe estava morto, a sua feiticeira desaparecera e viviam sob as lanças dos guerreiros de Ratharryn. Saban temeu também pela vida de Aurenna e dos dois filhos, mas esta riu-se dos seus cuidados. Explicou que recusara a protecção dos guerreiros de Ratharryn e que se deslocava sozinha pela aldeia humilhada. Gostam de mim disse com simplicidade e contou a Saban como se esforçara para manter o templo inviolado. Haragg queria deitar abaixo as pedras do templo e transportá-las para Ratharryn, mas Aurenna persuadira Camaban que as deixasse onde estavam. A nossa tarefa é atrair Lahanna, não ofendê-la. Assim, o templo manteve-se e o povo de Cathallo sentiu-se até certo ponto reconfortado.

Era evidente que recebiam mais conforto de Aurenna. Proclamara-se sacerdotisa de Lahanna e embora, obedecendo a Haragg, não permitisse o sacrifício de coisas vivas, encarregara-se de aprender as preces rituais da tribo. Todas as noites entoava cânticos à Lua e, de madrugada, voltava três vezes para lamentar o seu desaparecimento. Consultava os sacerdotes de Cathallo, racionava os alimentos da aldeia, para que ninguém morresse de fome e, principalmente, provava ser uma curandeira tão eficaz como Sannas ou Derrewyn.310

De facto, pensava-se que era melhor que Derrewyn, pois Aurenna amava todas as crianças e quando as mulheres lhe traziam os filhos e filhas, Aurenna mitigava-lhes as dores com a bondade e a paciência que Derrewyn nunca mostrara. Uma dúzia de crianças pequenas vivia agora na cabana de Aurenna,

todos eles órfãos, alimentados, vestidos e ensinados por ela; assim a cabana transformara-se no ponto de encontro das mulheres de Cathallo.

Sou feliz aqui.

E eu seria feliz contigo disse Saban alegremente.

Comigo? Aurenna parecia alarmada.

Saban sorriu. Não via a mulher desde o Solstício de Inverno e tinha-lhe sentido a falta.

Em breve começaremos a transportar as pedras disse-lhe. Primeiro as mais pequenas, depois as maiores, de modo que passarei algum tempo aqui. Muito tempo.

Aurenna franziu a testa.

Aqui não declarou. Na minha cabana, não. Um grupo de crianças, conduzido por Leir saiu lá de dentro. Saban ergueu o filho, fê-lo girar e atirou-o ao ar, mas Aurenna, quando viu o rapaz em segurança no chão, afastou-o de Saban e tomou-lhe o braço. Não podemos ficar juntos como dantes. Não seria apropriado.

O que é que não seria apropriado? resmungou Saban. Aurenna deu alguns passos em silêncio. As crianças seguiram-na com os rostinhos ansiosos a observar os adultos.

Tu e eu tornámo-nos servos do templo que vais construir disse Aurenna. O templo é o santuário nupcial de Lahanna.

E o que tem isso a ver comigo e contigo?

Lahanna vai lutar contra o casamento explicou Aurenna. Tentou rivalizar com Slaol, mas agora vamos entregá-la para sempre à sua guarda e ela vai resistir. O meu dever é tranquilizá-la. Foi por isso que fui enviada para aqui. Fez uma pausa, franzindo o rosto. Já ouviste o rumor de que Derrewyn ainda é viva?

Ouvi resmungou Saban.

Vai encorajar Lahanna a opor-se a nós, de modo que terei de me opor a Derrewyn. Sorriu placidamente, como se a explicação fosse satisfatória para Saban.

Ele olhou para o fosso sombrio onde as flores rosadas e castanhas das orquídeas silvestres cresciam em grande número. As crianças rodeavam Aurenna, que partia favos de mel para lhos entregar nas mãos ávidas. Saban voltou-se para a olhar e ficou, como sempre, deslumbrado com a sua espantosa beleza.

Eu posso viver aqui disse apontando para a velha cabana de Sannas. É um local melhor que Ratharryn, pelo menos enquanto transportarmos as pedras.311

Oh, Saban! Ela sorriu com ar de censura. Não percebeste nada do que te disse? Cortei o cabelo! Abandonei a outra vida! Estou agora dedicada a Lahanna, só a Lahanna. Não a Slaol, não a ti, a ninguém, senão a Lahanna! Quando o templo estiver construído, então poderemos ficar juntos, porque será nesse dia que Lahanna terá de abandonar a sua solidão, mas até lá terei de a partilhar com ela.

Somos casados! protestou Saban zangado.

E sê-lo-emos de novo disse placidamente Aurenna. Mas por enquanto sou sacerdotisa de Lahanna e esse será o meu sacrifício.

Foi Camaban quem te disse isso? perguntou-lhe amargamente Saban.

Sonhei disse firmemente Aurenna. Lahanna vem ter comigo em sonhos. Claro que está relutante, mas eu sou paciente com ela. Vejo-a como uma mulher vestida com uma longa veste cintilante! É tão bela, Saban! Tão bela e magoada. Vejo-a no céu, chamo-a e por vezes escuta-me. Tenho a certeza de que quando trouxermos Slaol para o templo, virá ter connosco. Sorriu, esperando que Saban partilhasse a sua felicidade. Mas até esse dia continuou teremos de ser calmos, obedientes e bons. Voltou-se para fazer a pergunta aos filhos. Como deveremos ser?

Calmos, obedientes e bons responderam em coro. Olhou para trás, para Saban.

Não posso impedir-te de vires para a cabana disse em voz baixa. Mas se o fizeres, afastarás Lahanna e o templo será inútil, inútil.

Saban foi ter com Haragg quando voltou a Ratharryn e contou ao sumo

sacerdote o que Aurenna lhe dissera. Haragg escutou-o, pensou algum tempo e encolheu os ombros.

É o preço que se paga respondeu e temos de o pagar pelo templo. O teu irmão é torturado por visões, eu voltei a ser sacerdote e tu perderás Aurenna por algum tempo. Nada é fácil para nós.

Então não devo insistir em dormir com ela?

Arranja uma escrava disse Haragg na sua voz triste. Esquece Aurenna. Por enquanto terá de partilhar a solidão de Lahanna, mas tu tens um templo para construir. Assim, arranja uma escrava e esquece a tua mulher. E constrói, Saban, constrói.

Antes de Saban poder construir, tinha de trazer as pedras de Cathallo. Sabia que não poderia transportá-las pelo caminho directo, pois este atravessava os pântanos junto a Maden e subia a encosta íngreme a sul dessa aldeia. Os enormes blocos nunca passariam esses obstáculos, e assim passou todo o Verão em busca de um caminho melhor. Insistiu em que Leir o acompanhasse pois, segundo disse a Aurenna, era altura de o rapaz aprender a sobreviver longe de qualquer aldeia. Ele e Leir percorreram o campo em busca de um312

atalho que evitasse as terras húmidas e os montes mais íngremes. A exploração levou a maior parte do final do Verão, mas por fim Saban descobriu um caminho por onde retiraria as pedras de Cathallo em direcção ao pôr do Sol, dando depois a volta num enorme arco, aproximando-se do Templo do Céu pelo ocidente.

Saban gostava da companhia do filho. Estavam atentos aos proscritos, mas não viram nenhum, pois a zona ocidental era muito atacada pelos guerreiros de Ratharryn. Saban ensinou Leir a usar o arco e, no último dia, depois de ter derrubado um veado pequeno com uma única flecha, deixou que o filho matasse o animal com uma lança. O rapaz fê-lo de boa vontade, mas pareceu surpreendido com a força que era necessária para espetar a pele do animal. Conseguiu evitar os cascos que se agitavam e enfiou a lâmina de bronze no local exacto; como era a primeira morte do filho, Saban manchou a cara do rapaz com o sangue do veado.

O veado vai voltar à vida? perguntou Leir ao pai.

Não creio disse Saban sorrindo. Rasgou a pele do ventre do animal *e* enfiou nele

uma faca para rasgar os músculos que cobriam as entranhas. Comeremos grande parte dele!

A mãe diz que todos voltaremos à vida disse Leir com ar sério. Saban deu a volta. Tinha as mãos e os pulsos cobertos de sangue.

Disse o quê?

Diz que as sepulturas ficarão vazias quando o templo for construído continuou Leir no mesmo tom. Todos aqueles que amámos voltarão à vida. É isso que ela diz.

Saban perguntou a si próprio se o filho não teria interpretado mal as palavras de Aurenna.

Como daremos de comer a todos? perguntou em tom divertido. Já é difícil sustentar os vivos, quanto mais os mortos.

E nunca mais ninguém ficará doente continuou o *rapaz. E* nunca ninguém mais será infeliz.

Certamente é por isso que estamos a construir o templo disse Saban, voltando à carcaça quente *e* rasgando-lhe a carne com a faca, de modo a soltar as tripas enroladas do animal. Calculou que Leir deveria estar confundido, pois nem Camaban nem Haragg tinham alguma vez afirmado que o templo conquistaria a morte. Mas naquela noite, depois de ele e Leir terem levado a maior parte do veado para Ratharryn, Saban interrogou Camaban a respeito das palavras de Aurenna.

Ninguém mais morrerá, é? disse Camaban. Os dois irmãos estavam na antiga cabana do pai, onde Camaban mantinha agora meia dúzia de escravas para olharem por ele. Os irmãos tinham dividido uma refeição de carne de porco e Camaban rapava com os dentes uma das costelas. Foi isso que disse Aurenna?
313

Foi o que Leir afirmou.

E ele é um rapaz inteligente disse Camaban, olhando para o sobrinho com o rosto manchado de sangue, que dormia a um canto da cabana. Creio que será possível continuou cauteloso.

Os mortos voltarem à vida? perguntou Saban atónito.

Quem sabe o que poderá acontecer quando os deuses se reunirem? perguntou Camaban, procurando outra costela. O Inverno desaparecerá, isso tenho a certeza, e a morte também? Porque não? Franziu a testa a pensar no assunto. Porque adoramos os deuses?

Para obter boas colheitas e filhos saudáveis disse Saban.

Adoramo-los corrigiu-o Camaban porque a vida não é o fim. A morte não é o fim. Vivemos depois da morte. Mas onde? Com Lahanna, na noite. Mas Lahanna não dá vida, Slaol, sim, de modo que o nosso templo levará os mortos de Lahanna para Slaol. Assim, talvez Aurenna tenha razão. Temos aqui umas amoras. São as primeiras deste ano e muito boas.

Uma das suas escravas trouxe as bagas e instalou-se ao lado de Camaban. Era uma jovem magra de Cathallo, com enormes olhos ansiosos e uma grande cabeleira encaracolada. Encostou a cabeça no ombro de Camaban, que distraidamente lhe meteu o braço por baixo da túnica para lhe acariciar o seio.

Há muito tempo que Aurenna pensa nessas coisas continuou. Entretanto eu tenho estado distraído com o templo. Deve pensar que os deuses nos recompensarão por os unirmos, o que parece possível, não achas? E que melhor recompensa haverá do que o fim da morte? Meteu uma amora na boca da rapariga. Quando estarás pronto para transportar algumas pedras?

Logo que a geada endureça o solo.

Precisas de escravos disse Camaban, dando outra amora à rapariga. Ela mordiscou-lhe os dedos, divertida, e ele beliscou-a, o que a fez soltar uma gargalhada. Vou mandar sair grupos de guerreiros este Inverno para capturarem mais escravos.

Não é de escravos que preciso disse Saban distraidamente. Tinha inveja da rapariga do irmão. Não seguira os conselhos de Haragg, embora por vezes se sentisse tentado a isso. Preciso de bois.

Arranjamos-te bois prometeu Camaban. Mas também vais precisar de escravos. Lembra-te de que tens de dar forma às pedras. Os bois não o podem fazer.

Dar forma? perguntou Saban em voz tão alta que acordou Leir.

Claro! respondeu Camaban. Apontou com a mão livre para os blocos de madeira do seu modelo do templo. As pedras têm de ser lisas como esses blocos. Qualquer tribo pode erguer pedras rudes, como as de Cathallo, mas as nossas serão alisadas. Serão belas. Serão perfeitas.

Saban franziu a cara à descuidada exigência do irmão.

Sabes qual é a dureza da pedra? perguntou.314

Sei que tem de se dar forma às pedras e que tu tens de o fazer respondeu obstinadamente Camaban. Sei que quanto mais tempo passares a falar disso, mais tempo te levará.

Saban e Leir voltaram para Cathallo no dia seguinte. O sangue do veado, seco e em flocos estava ainda no rosto do rapaz quando este correu em direcção à mãe e Aurenna ficou horrorizada. Cuspiu nos dedos para retirar o sangue e depois repreendeu Saban.

Não precisa de aprender a matar! protestou.

É uma capacidade de que qualquer homem precisa respondeu Saban. Quem não souber matar, não come.

Os sacerdotes não caçam para se alimentar disse Aurenna zangada. Leir há-de ser sacerdote.

Pode não o desejar.

Sonhei-o! insistiu Aurenna em tom de desafio, afirmando novamente uma autoridade que Saban não podia desafiar. Os deuses decidiram-no disse e afastou Leir.

Foi depois das colheitas que Saban transportou a primeira pedra da colina. Era uma das mais pequenas, contudo necessitou de vinte e quatro bois para puxarem o trenó monte abaixo. Os bois estavam dispostos em três filas, oito em cada uma e por trás de cada grupo de animais, como uma grande barra atrás das caudas, estava um tronco de árvore ao qual se atavam as correias. Cada tronco estava ligado ao trenó por duas longas tiras de pele de boi entrançada, de modo a ser

puxado. Depois dos primeiros passos, Saban descobriu que os bois que estavam atrás tinham tendência a tropeçar nas tiras, enquanto os da frente vacilavam. Assim, a pedra imobilizou-se e na aldeia tiveram de arranjar uma dúzia de rapazinhos e ensiná-los a caminhar por entre os animais e a segurar nas correias sempre que estas não estavam esticadas. Entregaram-lhes paus aguçados para espicaçar os bois, enquanto que outra dúzia de rapazes e homens caminhavam adiante da pedra para retirar ramos caídos ou moitas que pudessem impedir os patins do trenó. Seguiam mais dez bois atrás da pedra, alguns serviriam para substituir qualquer animal que ficasse doente, e os outros levavam forragem e mais correias.

Foi preciso um dia inteiro para arrastar a pedra do monte, fazendo-a passar pelo santuário de Cathallo onde, enquanto os bois caminhavam pesadamente, Aurenna tinha um coro de mulheres a entoar um cântico de louvor a Lahanna. Haragg chegara de Ratharryn e sorrira quando a primeira pedra passou pelos blocos do templo. Enfeitou os chifres dos bois com coroas de flores violeta, e os sacerdotes de Cathallo espalhavam rainhas-dos-prados sobre a pedra. Estes sacerdotes tinham sido os primeiros a reconciliar-se com a conquista de Ratharryn, talvez porque Camaban tivera o cuidado de lhes pagar bem em bronze, âmbar e azeviche.315

Os arreios dos bois eram enormes argolas de couro, mas logo no primeiro dia essas correias punham o pescoço dos animais em carne viva, de modo que Saban mandou que os rapazes esfregassem gordura de porco no couro. No dia seguinte afastaram a pedra da vista de Cathallo. A maior parte dos homens e dos rapazes voltou para a aldeia a fim de comer e dormir, mas alguns ficaram com Saban a guardar a pedra. Fizeram uma fogueira e partilharam uma refeição de carne seca, pêras e amoras que descobriram no bosque ali perto. Para além de Saban, havia três homens e quatro rapazes à volta do fogo; eram todos de Cathallo e a princípio estavam pouco à vontade com ele, mas depois de comerem e da fogueira lançar faúlhas em direcção às estrelas, um dos homens voltou-se para Saban.

Eras amigo de Derrewyn? perguntou.

Era.

Ainda está viva disse o homem em tom de desafio. Tinha uma cicatriz no rosto no local em que uma flecha lhe tinha furado a face durante a batalha que

destruíra o poder de Cathallo.

Espero que ainda viva respondeu Saban.

Esperas? O homem estava confuso.

Tal como disseste, era amigo dela. E se ela ainda vive disse Saban firmemente o melhor seria ficares em silêncio, a menos que queiras que mais lanceiros de Ratharryn a vão procurar à floresta.

Outro homem tocava uma pequena ária numa flauta feita de um osso de perna de grou.

Podem procurá-la à vontade disse quando o outro terminou, que nunca a encontrarão. Nem à filha.

O primeiro homem, cujo nome era Vennar, remexeu o fogo, causando uma saraivada enorme de faúlhas e lançou a Saban um olhar de lado.

Não tens medo de estar aqui connosco?

Se tivesse, não estaria aqui respondeu.

Não precisas de ter receio disse Vennar muito baixo. Derrewyn disse que tu não deves ser morto.

Saban sorriu. Durante todo o Verão suspeitara que Derrewyn estava perto, escondida dos conquistadores de Cathallo, mantendo contactos com a sua tribo. Sentiu-se tocado por ela ter ordenado que o poupassem.

Mas se tentardes impedir que as pedras cheguem a Ratharryn disse combaterei contra vós e tereis de me matar.

Vennar abanou a cabeça.

Se não formos nós a transportar as pedras, outros o farão.

Além do mais acrescentou o tocador de flauta as nossas mulheres receariam a ira de Lahanna se tu morresses.

A ira de Lahanna? perguntou Saban confuso. A vingança de Ratharryn, talvez,

mas a ira de Lahanna, decerto que não.316

Vennar franziu a testa.

Algumas das nossas mulheres dizem que Aurenna é a própria Lahanna.

É muito bela disse melancólico o segundo homem.

Slaol não aceitaria a sua vida disse Vennar. Não é verdade?

Ela não é Lahanna disse firmemente Saban, receoso do que Derrewyn pudesse fazer, se ouvisse tal história.

As mulheres dizem que é insistiu Vennar e Saban percebeu pelo seu tom de voz que Vennar não tinha a certeza em quem acreditar, pois estava dividido entre a sua antiga lealdade a Derrewyn e o seu assombro em relação a Aurenna.

Saban duvidava que a própria Aurenna tivesse encorajado tal rumor, mas gostaria de saber se teria sido Camaban. Parecia provável. O povo de Cathallo perdera uma feiticeira e quem melhor para a substituir do que uma sacerdotisa?

Os Fronteiriços não a adoram como deusa? perguntou Vennar.

É uma mulher insistiu Saban. Apenas uma mulher.

Sannas também o era replicou Vennar.

O teu irmão afirma ser Slaol disse o tocador de flauta. Então porque não poderá Aurenna ser Lahanna? Mas Saban não quis falar mais daquilo. Preferiu adormecer, ou antes, enrolou-se na sua capa e olhou para as estrelas brilhantes que se encontravam em tão grande número para lá do fumo tremeluzente, começando a pensar se Aurenna não estaria de facto a transformar-se em deusa. A sua beleza não desaparecia e era de uma inquebrantável serenidade e inabalável confiança.

Levaram onze dias a transportar a primeira pedra para Ratharryn e assim que esta lá chegou, Vennar e os seus homens levaram os bois e o trenó de volta para Cathallo para carregar outra. Entretanto, Saban ficava no Templo do Céu. A primeira pedra era uma das mais pequenas, destinada a formar a trigésima parte do anel do céu erguido nos seus pilares. Camaban marcara-o no chão,

desenhando dois círculos concêntricos e insistia agora para que a pedra fosse colocada nessa zona.

Tem de se dar forma à pedra disse a Saban para que a face exterior se curve, de modo a acompanhar o círculo maior e a face interior se curve para acompanhar o mais pequeno.

Saban olhou para o pedregulho. Era bulboso, saindo em grande parte das linhas desenhadas, porém Camaban insistia para que fosse trabalhado de modo a transformar-se num pequeno segmento de um grande círculo.

Todas as trinta pedras do anel do céu deverão ter o mesmo comprimento continuou Camaban entusiasmado. Mas não podes cortar-lhe os extremos. Pegou num bocado de cré e desenhou na superfície lisa da pedra. Um extremo tem de ter uma língua e o outro uma ranhura, para que a língua de uma pedra sirva na ranhura da seguinte, tudo à volta do anel317

Seria mais fácil entalhar o Sol, pensou Saban, limpar o leito do mar com a lanugem do cardo ou contar as folhas da floresta. E não eram só as pedras do anel para alisar, mas outras trinta que seriam erguidas, mais quinze, enormes, para a casa do Sol, que ficariam ainda mais altas. Camaban calculara as dimensões de cada pedra e cortara ramos de salgueiro para registar as dimensões. Saban guardou os paus numa cabana erguida junto ao templo. Essa cabana tornou-se então a sua morada. Tinha escravos para lhe trazerem lenha e água e lhe cozinharem os alimentos, bem como outros para alisar as seis primeiras pedras que tinham chegado por volta do Solstício do Inverno.

Os seis blocos cinzentos, como todas as pedras que vinham do monte de Cathallo, eram lajes. Tinham as faces de cima e de baixo paralelas e quase lisas, eram quase todas da mesma espessura, de modo que para fazer um pilar ou um lintel apenas era necessário cortá-las até que os extremos ficassem rectos e os lados estivessem do tamanho das varas de salgueiro que Saban guardava na cabana. Mas a pedra era terrivelmente dura, muito mais do que os blocos de Sarmennyn e, a princípio, os escravos *de* Saban mais não faziam do que quebrar os martelos, de modo que Saban teve de fazê-los de pedra mais dura. Os martelos de pedra eram bolas do tamanho de caveiras que os escravos erguiam e baixavam, erguiam e baixavam, provocando a cada pancada uma nuvem de pó e fragmentos de pedra; assim, bocado a bocado, fragmento a fragmento, grão de pó a grão de pó, as pedras estavam a ser esculpidas.

Os escravos aprendiam enquanto trabalhavam. Descobriram que era mais rápido cortar regos pouco profundos na superfície da pedra e depois martelar as linhas de junção entre eles. Algumas pedras traziam uma linha castanha quase apagada, traçada na superfície cinzenta e Saban descobriu que a descoloração traía uma fraqueza nos blocos, que por vezes poderia ser explorada se passasse por onde o excesso de pedra tinha de ser retirado. Uma dúzia de martelos a trabalhar num lado da linha castanha podia por vezes arrancar um grande pedaço. Contudo, se esse método falhava, Saban acendia uma fogueira ao comprimento da mancha, alimentava o fogo até este rugir, depois voltava a alimentá-lo com um pouco de gordura de porco que transportava o calor pela superfície da pedra. Deixava a gordura ferver e ficar incandescente até a rocha estar quase em brasa. Então os trabalhadores deitavam água fria para o fogo e quase sempre a pedra abria uma racha a todo o comprimento da mancha. Por vezes os blocos já estavam rachados e os escravos conseguiam meter cunhas na fenda e separar a pedra, martelando-a; ou então, nas noites mais frias, enchiam as fendas com água e deixavam-na congelar, para que os espíritos da água, presos no gelo, partissem a pedra para fugir. Porém, a maior parte das pedras tinha de ser moldada com muito trabalho, trituração repetitiva e pancadas contínuas. Assim, o ruído dos martelos e o raspar das pedras de amolar nunca parava. Mesmo em sonhos, Saban ouvia o arranhar, o rachar318

e o guinchar de pedra na pedra, estando a sua pele já tão cinzenta como os blocos e o cabelo e a barba cheios de poeira áspera.

No segundo ano vieram oito pedras, no terceiro onze e Saban teve de arranjar mais trabalhadores para as alisar, martelar, partir e queimar; mais trabalhadores tornavam necessários mais escravos para trazer alimentos e água até ao templo. Camaban tinha agora grupos de guerreiros a atacar permanentemente as outras regiões em busca de cativos. Conduzia ele próprio alguns desses grupos. Usava uma espada e uma túnica forrada com tiras de bronze, bem como um capacete feito de placas do mesmo metal, a que tinha habilmente dado forma de tigela. Era considerado um guerreiro tão bom como Lengar e um feiticeiro melhor que Sannas, porque aqueles a quem as suas lanças não podiam derrotar, submetiam-se por recear a sua reputação.

Porém, a feitiçaria não conseguia moldar as pedras e Camaban, por entre os seus ataques guerreiros, estava cada vez mais impaciente com os lentos progressos. Ouvia os escravos cantar enquanto trabalhavam e o som enfurecia-o.

Fá-los trabalhar mais!

Trabalham o mais que podem respondia Saban.

Então porque têm fôlego para cantar?

O cântico imprime-lhes ritmo ao trabalho explicou ao irmão.

Um chicote imprimiria um ritmo mais acelerado resmungou Camaban.

Não haverá chicotes disse Saban. Se queres que trabalhem mais depressa, então manda-lhes mais comida. Manda peles para fazer roupas. Não são nossos inimigos, irmão, são o povo que construirá o nosso sonho.

Camaban podia estar desagradado com o progresso do templo, mas isso não o impedia de arranjar ainda mais trabalho para os construtores. Queria os pilares unidos às pedras superiores, de modo que o anel do céu nunca caísse. Saban pensara que seria suficiente apoiar as pedras no cimo dos pilares, mas Camaban insistira que deveriam ficar fixos, de modo que cada pilar tinha de ter saliências esculpidas no cimo. Depois os lintéis teriam necessidade de buracos na sua superfície a fim de encaixarem nas saliências; porém Saban não faria esse trabalho antes dos pilares estarem erguidos para poder medir exactamente a localização dos buracos.

Camaban continuava a aprimorar o templo. Visitava Cathallo e conversava durante horas com Aurenna, tantas horas passavam juntos, que o povo murmurava já; contudo Haragg contrariava os rumores, dizendo que apenas falavam a respeito do templo. Saban temia aquelas conversas, pois traziam inevitavelmente novas e impossíveis exigências. No quarto ano do trabalho, Camaban exigiu saber se Saban alguma vez reparara que alguns pilares do templo pareciam ter a mesma largura do chão ao céu.

Saban estivera a ajudar na colocação de lenha junto ao flanco de um bloco de pedra. Endireitou-se, franzindo a testa.

Parecem direitos e regulares porque é assim que crescem.

Não, disse Camaban. Aurenna esteve a observar a construção de uma cabana em Cathallo e disse que o poste central era afunilado, mas depois de erguido parecia direito. Falei a esse respeito com Galeth e ele disse-me que era uma ilusão.

Uma ilusão? Queres dizer que se trata de magia? perguntou Saban.

Que Slaol me poupe aos imbecis! Camaban pegou num bocado de cré e afastou a linha de lenha que Saban colocara com tanto cuidado. Os troncos das árvores são mais largos numa ponta do que noutra disse, fazendo um desenho exageradamente afunilado na superfície rugosa da pedra. Mas por vezes Galeth encontra um tronco exactamente com a mesma largura em baixo e em cima e esses, diz ele, parecem todos mais largos no cimo. Os que têm cimos mais estreitos parecem direitos e os direitos ficam deformados. Por isso quero que afuniles as pedras. Fá-las ligeiramente mais estreitas no cimo. Camaban deitou fora a cré e sacudiu as mãos. Não tens de os afunilar muito. Digamos que uma mão-travessa de cada lado? Assim parecerão todos regulares.

Uma lua mais tarde, Camaban disse que Aurenna sonhara que as faces das pedras tinham sido polidas e brilhavam, mas nessa altura Saban estava tão entorpecido pela imensidade da tarefa que se limitou a acenar afirmativamente. Não tentou dizer a Camaban como era enorme o esforço de voltar cada uma das pedras acabadas, de modo a que os quatro lados fossem polidos numa superfície cintilante. Disse antes a seis dos escravos mais jovens que começassem a polir um dos pilares já terminados. Esfregavam os martelos de pedra para trás e para diante e por vezes despejavam fragmentos de sílex, areia e pó-de-pedra sobre a superfície, moendo a mistura abrasiva na pedra renitente. Durante todo o Verão empurraram as ferramentas para a frente e para trás, ficando com as mãos em carne viva, enquanto esfregavam, o pó de sílex. No fim do Verão havia um bocado de pedra, do tamanho de uma pele de carneiro que estava macia e, quando molhada, brilhava.

Mais! exigia Camaban. Mais! Façam-na cintilar!

Tens de me arranjar mais trabalhadores dizia Saban.

Porque não chicoteias os que tens? perguntou Camaban.

Não devem ser chicoteados disse Haragg. O sumo sacerdote já coxeava, tinha as costas curvadas, embora houvesse ainda enorme força na sua voz. Não podem ser chicoteados repetia rispidamente.

Porque não? quis saber Camaban.

É um templo para acabar com as tristezas deste mundo explicou Haragg. Queres que nasça do sangue e da dor?

Quero-o feito! gritou Camaban. Por instantes pareceu querer esmagar a sua preciosa clava num dos blocos de pedra e Saban estremeceu ao pensar na cabeça macia estilhaçada em milhares de fragmentos; porém Camaban controlou a fúria.320

Slaol quere-o construído. Afirmou-me que pode ser feito, porém, aqui, nada acontece! Nada! Bem podias urinar nas pedras com os progressos que tem havido aqui.

Dá mais trabalhadores a Saban sugeriu Haragg. Assim, Camaban conduziu grupos de ataque às terras mais a norte e trouxe cativos que falavam línguas desconhecidas, escravos que tatuavam os rostos de vermelho, que adoravam deuses de que Saban nunca ouvira falar, contudo eram precisos mais, pois o trabalho era cruelmente difícil e dolorosamente lento e Saban tinha ainda de transportar os longos blocos de pedra que formariam os pilares da casa do Sol no centro do templo. Tinha cortado e alisado os enormes patins do trenó cujas madeiras haviam sido secas em Cathallo; porém ainda não se atrevera a transportar as gigantescas pedras.

Foi pedir conselho a Galeth. O tio já estava velho e fraco, com o pouco cabelo embranquecido e a barba um mero tufo de pêlos. Lidda, a mulher, morrera e Galeth estava cego, embora na sua cegueira conseguisse imaginar pedras, alavancas e trenós.

O transporte de uma pedra grande não é diferente do de uma pequena disse a Saban. Só que tudo tem de ser maior: o trenó, as alavancas e o número de bois. Galeth estremeceu. A noite estava quente, mas tinha acendido uma enorme fogueira dentro da cabana e aconchegara aos ombros uma pele de urso.

Estás doente? perguntou Saban.

É uma febre de Verão respondeu Galeth, sem lhe dar importância. Saban franziu a testa.

Posso construir o trenó e fazer as alavancas, mas não sei como colocar as pedras sobre os trenós. São demasiado grandes.

Então tens de construir o trenó sob a pedra sugeriu Galeth. Fez uma pausa, o corpo agitado por tremuras. Não é nada, nada, só uma febre de Verão. Esperou que passasse e descreveu como escavaria primeiro uma trincheira debaixo dos lados compridos de cada pedra. Uma vez que as trincheiras tivessem chegado à cama de greda, os patins enormes poderiam ser colocados debaixo de cada flanco. Depois a pedra poderia ser erguida, usando como fulcro os patins do trenó. Faz um extremo de cada vez aconselhou Galeth e coloca as traves debaixo da pedra. Assim não terás de passar a pedra para o trenó, mas constróis o trenó debaixo da pedra.

Saban pensou no assunto. Concluiu que daria resultado, daria óptimo resultado. Diante do trenó seria construída uma rampa que teria necessariamente de ser comprida e baixa, de modo que os bois pudessem puxar o bloco de dentro do solo para a turfa. Quantos bois? Galeth não sabia, mas calculava que Saban necessitaria de mais animais do que os que alguma vez tinha atrelado a um trenó. Mais cordas, mais tábuas, para dividir o peso das cordas e mais homens para guiar os bois.321

Mas hás-de conseguir disse o velho. Depois estremeceu de novo e gemeu.

Estás doente, tio.

É só febre, rapaz. Galeth aconchegou melhor a pele de urso aos seus velhos ombros. Mas ficarei contente por ir para a casa dos mortos, juntar-me à minha querida Lidda. Levas-me, Saban?

Claro que sim prometeu Saban. Mas faltam ainda muitos anos!

Camaban disse-me que voltarei a viver na terra disse Galeth ignorando o optimismo do sobrinho. Só que não sei como será isso.

Disse o quê?

Que voltarei. Que a minha alma usará as portas do seu novo templo para voltar à terra. O velho ficou algum tempo em silêncio. As chamas da fogueira faziam com que as rugas do seu rosto parecessem cortes de faca. Devo ter erguido vinte templos em toda a minha vida disse, quebrando o silêncio. Nada melhorou com nenhum deles. Mas este será diferente.

Este será diferente concordou Saban.

Espero que sim continuou o velho. Mas não posso deixar de pensar que o povo de Cathallo disse o mesmo quando construiu o seu enorme santuário. Galeth riu-se e Saban reflectiu que o tio não era tão lento como o povo pensava. Ou será que pensas que deslocaram as pedras por não terem nada melhor que fazer? Pensou um pouco e depois estendeu a mão para tocar na bolsa de pele de veado onde guardava os ossos já limpos de Lidda. Queria que os seus fossem juntos aos dela antes de serem enterrados. Estremeceu novamente, depois acenou com a mão para evitar a expressão de preocupação de Saban. A pedra mais comprida perguntou algum tempo depois é estreita?

Saban encontrou uma acendalha sobre um monte a um canto da cabana e meteu-a na mão de Galeth.

É assim.

Galeth apalpou o bocado de madeira comprido e estreito.

Sabes o que deverias fazer?

Diz-me.

Põe-na de lado no buraco aconselhou o velho e mostrou o que queria dizer dobrando o fino bocado de madeira. Uma pedra comprida e lisa pode partir-se em duas ao tentares erguê-la explicou. Voltou o bocado de madeira de lado e nenhuma pressão lateral poderia dobrá-la ou quebrá-la, porém, quando a dobrou de frente partiu-se facilmente. Mete-a de lado no buraco disse de novo, deitando fora os paus.

Assim farei prometeu Saban.

E levas o meu corpo para a casa dos mortos. Promete!

Levo-te, tio prometeu Saban pela segunda vez.322

Agora vou dormir disse Galeth e Saban saiu, deixando a cabana e indo ter com Camaban para lhe dizer que o tio estava doente. Este prometeu levar-lhe uma infusão de ervas, mas quando Saban voltou à cabana não conseguiu acordar o velho. Galeth deitara-se de costas, com a boca aberta, mas os pêlos do bigode não se moviam, pois não havia respiração. Saban tocou delicadamente na face de Galeth e os olhos do cego abriram-se, mas neles não havia vida. Morrera tão suavemente como o cair de uma pena.

As mulheres da tribo lavaram o corpo de Galeth e Saban colocou-o numa padiola feita de madeira de salgueiro. Na manhã seguinte as mulheres encomendaram o corpo à entrada da aldeia, antes de Mereth e Saban o transportarem para a casa dos mortos. Haragg caminhava à frente do cadáver, enquanto um jovem sacerdote seguia atrás, entoando um lamento numa flauta de osso. O corpo estava coberto com uma pele de boi na qual Saban colocara hera. Camaban não apareceu e os únicos acompanhantes, para além destes, foram os dois filhos mais novos de Galeth, meios-irmãos de Mereth.

A casa dos mortos ficava a sul de Ratharryn, não muito longe do Templo do Sol, escondida por um bosque de faias e avelaneiras. A casa dos mortos era, só por si, um templo dedicado aos antepassados, embora nunca fosse usado para preces, ou para danças de bois ou casamentos. Era para os mortos, de modo que era abandonado sem ser cuidado ou cortarem-lhe os arbustos. Cheirava mal, principalmente no pino do Verão, e logo que o fedor chegou ao nariz do grupo que acompanhava o funeral, o jovem sacerdote apressou-se a caminhar em frente para dispersar os espíritos que se juntavam no templo. Chegou à entrada do Sol e gritou em direcção às almas invisíveis. Os corvos responderam-lhe com um piar rouco e depois, relutantes, abriram as asas e voaram para as árvores mais próximas, embora as aves mais afoitas se instalassem nos restos do anel de curtos postes de madeira que ficava dentro da baixa barreira do templo. Por entre as urtigas do fosso, uma raposa espreitou os homens que se aproximavam e correu em direcção às árvores.

Agora está em segurança afirmou o jovem sacerdote.

Mereth e Saban fizeram Galeth atravessar a entrada que ficava diante do nascer do Sol no Solstício de Inverno e abriram caminho através das estacas dos pequenos espíritos, que estavam espalhadas por todo o templo. Haragg descobriu

um espaço vazio e foi aí que os dois homens pousaram a padiola. Mereth puxou a pesada pele de boi de cima do corpo nu, depois ele e Saban atiraram Galeth para a erva malcheirosa que crescia espessa por entre os mortos. O velho ficou de lado, de boca aberta e Saban puxou-lhe o ombro rígido para que o tio ficasse a olhar para o céu nublado. Perto encontrava-se uma escrava de Camaban que tinha morrido apenas dois dias antes; o seu ventre grávido tinha sido já aberto pelos animais e o rosto picado pelos corvos. Na casa dos mortos encontrava-se cerca de uma dúzia de outros corpos, dois deles já quase reduzidos a esqueletos. Um tinha ervas daninhas a crescer-lhe323

por entre as costelas e o jovem sacerdote inclinou-se para averiguar se tinha chegado a altura de os retirar. Os espíritos dos mortos mantinham-se naquele triste local até a carne ter desaparecido e só nessa altura se erguiam ao céu para se juntar aos antepassados.

Os filhos mais novos de Galeth tinham trazido uma estaca afiada *e* uma marreta de pedra que entregaram a Mereth. Este acocorou-se junto ao cadáver do pai e martelou a estaca do espírito na turfa até esta ter batido no fundo de rocha, depois deu-lhe mais três pancadas para avisar Lahanna que outra alma tinha passado ao seu domínio. Saban fechou os olhos e limpou uma lágrima.

O que é isto? perguntou Haragg. Saban voltou-se e viu o sumo sacerdote franzindo a testa, apontando para a turfa junto a um cadáver já em decomposição. Saban passou o pé por cima do corpo para ver que uma forma de losango tinha sido desenhada na erva amarelada. É o símbolo de Lahanna disse Haragg espantado.

Tem alguma importância? perguntou Saban.

Não é o templo dela respondeu e depois apagou o símbolo com o pé, fazendo desaparecer da turfa a forma do losango. Talvez seja apenas uma brincadeira de crianças disse. Vêm para aqui?

Não deveriam disse Saban mas fazem-no. Eu fazia-o.

Brincadeira de crianças. Haragg esqueceu o losango. Terminámos?

Terminámos respondeu Saban.

Mereth olhou uma última vez para o pai, depois saiu do templo e atirou a hera

que tinha coberto o corpo para dentro da funda cova que levava à mansão de Lahanna. E ele e os meios-irmãos caminharam entre as avelaneiras e as faias, até que Mereth reparou que Saban se mantinha ainda junto ao corpo.

Não vens? gritou.

Quero dizer aqui uma prece respondeu Saban. Sozinho. Assim, Mereth e os outros partiram, enquanto Saban ficou entre o mau cheiro. Sabia quem tinha desenhado a forma do losango no solo sujo da casa dos mortos, de modo que ficou junto ao pálido cadáver do tio até ouvir um restolhar nas árvores.

Derrewyn disse então, voltando-se na direcção do ruído, surpreendendo-se pela ansiedade da sua voz.

Derrewyn surpreendeu-o também ao sorrir enquanto saía das árvores e espantou-o ainda mais porque depois dele ter atravessado a barreira baixa e o fosso, colocou-lhe as mãos nos ombros e beijou-o.

Pareces mais velho.

Estou mais velho respondeu Saban.

Cabelos brancos. Tocou-lhe nas têmporas. Estava tristemente magra e tinha o cabelo emaranhado e sujo. Vivia como uma proscrita, atormentada324

de bosque em bosque, coberta por peles sujas de lama e folhas mortas. Tinha a pele muito esticada sobre as maçãs do rosto, fazendo lembrar a Saban a caveira de Sannas. Pareço-te mais velha? perguntou.

Tão bela como sempre respondeu Saban. Ela sorriu.

Mentes disse delicadamente.

Não deverias aqui estar aconselhou-a Saban. Os lanceiros de Camaban andam à tua procura. Os rumores da sobrevivência de Derrewyn nunca tinham desaparecido e Camaban enviava dezenas de guerreiros e de cães para percorrerem as florestas.

Eu vejo-os disse Derrewyn com ar de desprezo. Lanceiros desajeitados que andam no meio das árvores, seguindo os cães, mas nenhum desses animais

consegue ver o meu espírito. Sabes que Camaban me enviou um mensageiro?

Ah, sim? Saban estava surpreendido.

Colocou um escravo na floresta transportando na cabeça as suas palavras.

Vem para Ratharryn disse. Ajoelha-te diante de mim e deixo-te viver e adorar Lahanna. Derrewyn riu ao lembrar-se. Enviei o escravo de volta para Ratharryn. Ou antes, deixei-lhe a cabeça na barreira de Ratharryn com a língua cortada. O resto dei aos cães. Ainda tens o losango?

Claro. Saban tocou na bolsa que continha o fragmento de ouro de Sarmennyn.

Guarda-o bem disse Derrewyn, depois encaminhou-se para o fosso da casa dos mortos e olhou para os corpos. Ouvi dizer que a tua esposa se tinha transformado em deusa disse por cima do ombro.

Ela nunca afirmou tal coisa garantiu Saban.

Mas não se deita contigo.

Andaste todo esse caminho para mo dizeres? perguntou Saban, ofendido.

Derrewyn riu-se.

Não sabes de onde eu vim. Tal como não sabes que a tua mulher se deita com Camaban.

Não é verdade! vociferou Saban, zangado.

Ah, não? perguntou Derrewyn, voltando-se. Porém os homens dizem que Camaban é Slaol e as mulheres afirmam que Aurenna é Lahanna. Achas que não os hás-de unir com as tuas pedras? Um casamento sagrado? Talvez andem a ensaiar o noivado, Saban.

Saban tocou nas partes baixas para evitar o mal.

Estás a contar-me histórias disse amargamente. Sempre contaste histórias.

Derrewyn encolheu os ombros.325

Se assim quiseres, Saban. Viu que o tinha perturbado, de modo que se aproximou dele e tocou-lhe ao de leve na mão. Não vou discutir contigo disse humildemente. Ainda por cima num dia em que te vim implorar um favor.

Não é verdade aquilo que disseste!

Eu conto histórias disse Derrewyn humildemente. Desculpa. Saban respirou fundo.

Um favor? perguntou cauteloso.

Derrewyn fez um gesto abrupto em direcção às árvores e Saban teve a impressão de que havia seis ou sete pessoas à sombra das faias, mas apenas duas saíram de lá. Uma era uma mulher alta de cabelo claro, com uma túnica de pele de veado rasgada, meia coberta com uma capa de pele de carneiro, enquanto que a outra era uma criança, talvez da idade de Lallic ou um ano mais nova. Era uma menina de cabelo escuro, com olhos enormes e rosto assustado. Olhava para Saban, mas agarrava-se com força à mão da mulher e tentava esconder-se debaixo da capa de pele de carneiro.

As florestas não são lugares para crianças disse Derrewyn. Vivemos com dificuldade, Saban. Roubamos e matamos para obter alimentos, bebemos dos regatos e dormimos onde encontramos segurança. A criança tem estado enfraquecida. Tínhamos uma outra connosco mas morreu no Inverno passado e temo que aconteça o mesmo a esta, se continuar aqui.

Queres que eu crie uma criança? perguntou Saban.

Kilda encarrega-se dela disse Derrewyn, apontando a mulher alta.

Kilda era uma das escravas do meu irmão e conhece Merrel desde que nasceu. O que quero de ti *é* que arranjes um local seguro para Kilda e Merrel.

Saban olhou para a criança, embora mal lhe visse o rosto, já que este estava escondido na capa da escrava.

É a tua filha disse para Derrewyn.

É a minha filha admitiu ela. Camaban nunca deverá saber que ela está viva, de modo que a partir de hoje terá outro nome. Ouviste? E tira o dedo da boca! A

criança arrancou abruptamente a mão do rosto e olhou para Derrewyn com ar solene. Esta inclinou-se ficando com o rosto junto ao da criança. O teu nome será Hanna, porque *és* filha de Lahanna. Quem és?

Hanna disse a menina com voz tímida.

Kilda *é* a tua mãe e vais viver para uma cabana decente, Hanna, terás roupa, comida e amigos. Um dia virei buscar-te. Derrewyn endireitou-se.

Fazes isso por mim, Saban?

Saban acenou afirmativamente. Não sabia como explicar a chegada de Kilda ou de Hanna, mas não se importava. Sentia-se só e o trabalho no templo parecia infindável; tinha saudades da filha, de modo que a de Derrewyn seria bem recebida.326

Derrewyn curvou-se e abraçou a menina. Manteve o abraço durante muito tempo, depois ergueu-se, fungou e voltou para as árvores.

Saban ficou com Kilda e a criança. A pele de Kilda estava suja e o cabelo era um emaranhado gorduroso, mas tinha um rosto largo, de ossos fortes e ar de desafio.

Vem resmungou.

Que vais fazer connosco? perguntou Kilda.

Vou arranjar um sítio para viverdes respondeu Saban conduzindo as duas para fora do bosque, em direcção à colina. Do outro lado do vale via o Templo do Céu onde os escravos cavavam, martelavam e raspavam as inflexíveis pedras. Mais perto, a oriente do atalho sagrado, havia um grupo de cabanas de escravos de onde se erguiam espirais de fumo.

Vais fingir que somos escravas? perguntou Kilda.

Toda a gente sabe que não sois minhas parentas disse Saban. E como não pertenceis à tribo, de que outro modo poderíeis estar em Ratharryn? Claro que sereis escravas.

Mas se formos escravas disse Kilda os teus lanceiros quererão usar-nos.

Os nossos escravos estão sob a protecção dos sacerdotes disse Saban. Estamos a construir um templo e, quando estiver terminado, libertaremos os escravos. Mas não há chicotes, nem lanceiros a vigiar o trabalho.

E os teus escravos não fogem? perguntou Kilda.

Alguns sim admitiu Saban. Mas a maioria trabalha de boa vontade. Essa fora a proeza de Haragg. Falara com os escravos, entusiasmara-os

com a promessa do templo e, embora alguns tivessem desaparecido nas florestas, a maior parte queria ver o santuário construído. Quando este estivesse terminado seriam livres, de ficar ou partir, livres de gozar as bênçãos de Slaol. Governavam-se a si próprios e não tinham qualquer sinal de escravatura, como o dedo cortado de Saban.

E à noite? perguntou Kilda. Nas cabanas dos escravos. Achas que uma mulher e uma criança estarão a salvo?

Saban sabia que havia apenas uma maneira de ter Hanna em segurança.

Viverão ambas na minha cabana disse. Direi que sois minhas escravas. Vinde.

Fê-las descer o vale que cheirava muito mal, pois era aí que os escravos cavavam os seus poços de esterco e, depois subiram o anel de greda, onde a atmosfera era ruidosa devido ao martelar da pedra.

Conduziu Kilda e Hanna para a sua cabana e naquela noite ouviu a escrava orar a Lahanna. Orava como costumava fazer em Cathallo: que Lahanna protegesse os seus fiéis do desprezo de Slaol e do flagelo de Ratharryn. Se Camaban ouvisse aquela prece, então Kilda e Hanna seguramente seriam mortas. Pensou em protestar com Kilda, exigindo que ela alterasse as suas preces, mas327

calculou que os deuses seriam suficientemente poderosos para escolher uma prece de outra sem a sua ajuda.

No dia seguinte Camaban foi ao templo e quis saber quando Saban transportaria as pedras mais compridas de Cathallo.

Em breve disse Saban.

Quem é aquela? Camaban vira Kilda à entrada da cabana de Saban.

A minha escrava respondeu este brevemente.

Tem ar de quem foi encontrada na floresta afirmou Camaban mordaz, pois Kilda estava ainda suja, com o longo cabelo em desalinho. Mas onde quer que a tenhas encontrado, irmão, leva-a para Cathallo e traz-me as pedras grandes.

Saban não queria levar Kilda para Cathallo. Certamente seria reconhecida aí e poria em risco a vida de Hanna, mas Kilda não queria deixá-lo. Temia Ratharryn e apenas confiava em Saban.

Derrewyn disse-me que só estaria segura contigo insistiu.

E a segurança de Hanna?

Está nas mãos de Lahanna declarou Kilda. Assim, foram os três para Cathallo.DEVERIAS VIR PARA CATHALLO RESMUNGOU SABAN PARA KiLDA.

Levava Hanna ao colo e a menina agarrava-se-lhe ao pescoço e via o mundo com os olhos muito abertos. Vais ser reconhecida e a criança morrerá. Kilda cuspiu para os arbustos. Parara num regato, onde lavara o rosto e passara água no cabelo, que depois atou na nuca. Tinha um rosto ossudo com enormes olhos azuis e um nariz comprido. Saban pensou, com alguns remorsos, que se tratava de uma mulher muito bela.

Achas que serei reconhecida? perguntou Kilda em tom de desafio. Tens razão, serei, mas o que importa isso? Pensas que o povo de Cathallo nos vai trair? Que sabes tu de Cathallo, Saban? Consegues ler-lhe o coração? O povo de Cathallo deseja a volta dos velhos tempos, de Derrewyn, de quando Lahanna era adorada como devia ser. Dar-nos-ão as boas-vindas, mas manter-se-ão em silêncio. A menina está tão segura em Cathallo como nos braços da própria Lahanna.

Tens essa esperança disse Saban amargamente. Mas não tens a certeza.

Estivemos muitas vezes em Cathallo retorquiu Kilda. O teu irmão procurou-nos nos bosques, mas algumas noites chegámos a dormir na aldeia e ninguém nos traiu. Sabemos o que se passa em Cathallo. Uma noite mostro-te.

Mostras-me o quê?

Espera disse ela concisamente.

Aurenna recebeu-os delicadamente. Lançou a Kilda um olhar desconfiado, acariciou Hanna e mandou preparar uma cabana para Saban.

A tua mulher fica lá também? perguntou.

É minha escrava, não minha mulher.

E a criança?

É dela disse Saban, sem mais explicações. A mulher cozinha para mim enquanto eu trabalho aqui. Daqui a uns dias precisarei de alguns homens, mas poucos, depois de mais.

Depois das colheitas podes ficar com todos disse Aurenna.

Por agora bastam-me vinte disse Saban.

Decidira deslocar a pedra maior em primeiro lugar. Se a enorme rocha presa à terra podia ser removida, então as outras seriam ainda mais fáceis.329

De modo que reuniu vinte homens e mandou-os cavar a terra à volta do bloco. Os homens trabalharam de boa vontade, embora se recusassem acreditar que tal pedra pudesse ser erguida. Porém, Galeth dissera a Saban o que deveria fazer e este tornou a tarefa mas fácil martelando, raspando e queimando a pedra enorme, para reduzir a sua largura e assim diminuir o peso. Levou uma lua inteira e quando o trabalho ficou pronto, o enorme bloco começou a parecer-se com o alto pilar que estava destinado a ser.

Leir gostava de ir ver a pedra a ser martelada e Saban recebia bem o filho, pois vira muito pouco o rapaz nos últimos anos. Enquanto os homens trabalhavam grosseiramente a pedra, as crianças de Cathallo subiam para cima dela, disputando um lugar na sua longa superfície. Usavam aguilhões de boi como lanças, tornando-se por vezes violentas as batalhas a fingir; Saban reparou satisfeito que Leir não se queixara ao ser picado num braço, com tanta força que o sangue lhe escorria por entre os dedos. Leir riu-se da ferida pegou na lança de brinquedo e foi atrás do rapaz que o tinha atacado.

Uma vez aliviado o peso da pedra escavaram duas trincheiras ao longo dos lados. Levaram seis dias e mais dois para trazer da aldeia os patins do trenó já secos. Os enormes patins foram colocados nas trincheiras e a seguir, usando duas dúzias de homens e alavancas até que as pontas exteriores tivessem de ser puxadas para baixo com as cordas de pele. Saban ergueu uma ponta da enorme pedra, de modo à tábua poder ser colocada debaixo dela. Erguer essa extremidade, levou um dia inteiro, sendo necessário passar outro a levantar a parte de trás da pedra e a meter mais três tábuas por baixo dela. Saban atou as tábuas aos patins, depois cavou uma rampa longa e suave, para a subir da sua cama de greda.

Tinha agora de esperar, pois era a época das colheitas e todo o povo de Cathallo estava ocupado nos campos ou nas eiras, mas esses dias deram a Saban a possibilidade de passar algum tempo com Leir. Ensinou o rapaz a construir um arco, a castrar um vitelo e a apanhar peixe no rio. Pouco viu a filha. Lallic era uma criança nervosa, com medo de aranhas, traças e cães e sempre que Saban aparecia escondia-se atrás da mãe.

É frágil dizia Aurenna.

Está doente? perguntava Saban.

Não, é só delicada. Frágil. Aurenna dava pancadinhas amorosas em Lallic. A menina parecia de facto frágil a Saban, mas era também muito bela. Tinha a pele muito clara, pestanas louras muito compridas e delicadas e o cabelo tão brilhante como o da mãe. Foi escolhida acrescentava Aurenna.

Escolhida para quê? perguntava Saban.

Ela e Leir vão ser os guardiães do novo templo respondeu orgulhosamente Aurenna. Ele será sacerdote e ela sacerdotisa. Estão já dedicados a Slaol e Lahanna.330

Saban pensou no entusiasmo do filho pelos jogos de guerra que as crianças executavam à volta da pedra.

Creio que Leir preferia ser guerreiro.

Tu é que lhe dás ideias disse Aurenna em tom de reprovação. Mas Lahanna escolheu-o.

Lahanna? Não foi Slaol?

É Lahanna que governa aqui respondeu Aurenna. A verdadeira Lahanna, não a falsa deusa que dantes adoravam.

Quando terminou a colheita o povo de Cathallo foi dançar ao seu templo, passando por entre as pedras para deixar oferendas de cevada, aveia e fruta dentro do anel de pedras. Nessa noite houve uma festa na aldeia e Saban ficou intrigado ao ver que os seus dois filhos e todos os órfãos que viviam com Aurenna lá se encontravam, mas que esta permanecera no templo. Lallic sentia a falta da mãe e quando Saban a acariciou pareceu ficar com vontade de chorar. Havia uma fogueira a arder no templo e o seu brilho acentuava o cimo da barreira, coberto de caveiras. Porém, quando Saban se dirigiu para lá foi impedido por um sacerdote.

Esta noite há uma maldição.

Esta noite?

Só esta noite. O sacerdote encolheu os ombros e conduziu-o de volta para a festa. Os deuses não te querem ali disse.

Kilda viu que Saban voltava e, deixando Hanna com outra mulher, veio pegar-lhe num braço.

Disse que te mostrava afirmou.

Que me mostravas o quê?

O que eu e Derrewyn vimos. Puxou-o para as sombras e afastou-o da aldeia em direcção ao norte. Eu disse-te que ninguém nos trairia.

Mas foste reconhecida?

Claro.

E Hanna? O povo sabe quem ela é?

Provavelmente disse Kilda em tom descuidado. Mas cresceu muito desde que aqui esteve e eu digo a toda a gente que é minha filha. Fingem acreditar. Saltou o

fosso e voltou para oriente. Ninguém trairá Hanna.

Tu não és de Cathallo? perguntou Saban. Ainda sabia muito pouco a respeito de Kilda, mas a sua voz denunciava que tinha aprendido a língua já tarde. Sabia que ela pouco mais tinha do que vinte e dois Verões, mas de resto era-lhe completamente estranha.

Fui vendida como escrava quando era pequena respondeu. O meu povo vive junto ao mar oriental. Aí a vida é dura e as filhas são mais valiosas se forem vendidas. Adoramos o deus do mar, Crommadh, e é ele que as escolhe.331

Como?

Levavam-nos para as terras de lama e faziam-nos correr quando a maré subia. As mais velozes eram guardadas para casar e as mais lentas vendidas. Estremeceu. As muito lentas eram afogadas.

Foste lenta?

Fui-o deliberadamente disse ela decidida. O meu pai queria usar-me à noite. Quis fugir dele.

Dirigiu-se depois para sul, aproximando-se do templo. Nenhum sacerdote ou guarda tinha assistido às suas voltas nos campos e havia apenas uma tira de luar a iluminar a erva.

Agora está calado preveniu Kilda. Se nos virem matam-nos.

Quem?

Silêncio acautelou-o. Em seguida subiram os dois a íngreme encosta de greda da barreira sob o olhar sinistro das caveiras dos lobos. Kilda chegou primeiro ao cimo e deitou-se no chão. Saban deixou-se cair ao lado dela.

A princípio nada viu no enorme templo. A grande fogueira ardia junto à cabana de Aurenna e as chamas violentas enviavam as trémulas sombras dos blocos de pedra para além do fosso negro, até à barreira de greda interior. A coluna de fumo da fogueira erguia-se às estrelas com a parte inferior colorida de vermelho pelos lumes da aldeia.

O teu irmão chegou esta tarde a Cathallo murmurou Kilda ao ouvido de Saban e depois apontou para o outro lado do templo, onde Saban viu uma sombra negra separar-se de um bloco de pedra.

Sabia que se tratava de Camaban, pois mesmo àquela distância e apesar do homem estar envolvido numa capa de boi dançarino, percebia-se o seu ligeiro coxear. A enorme pele caía-lhe dos ombros, a cabeça do boi pendia-lhe para o rosto, enquanto os cascos e a cauda do animal morto caíam ou arrastavam-se pelo chão. O homem-boi executou a coxear uma dança desajeitada, saltando de um lado para o outro, detendo-se, continuando, espreitando à volta. Depois gritou e Saban reconheceu-lhe a voz.

Na tua tribo, o boi representa Slaol, não é verdade? murmurou Kilda.

Sim.

Então estaremos a ver Slaol disse Kilda em tom irónico. Depois Saban viu Aurenna. Ou antes, avistou uma figura cintilante que

saía das sombras da cabana e corria agilmente pelo templo. À sua volta esvoaçavam fragmentos brancos.

Penas de cisne disse Kilda e Saban apercebeu-se de que a esposa usava uma capa como a de penas de gaio, mas com penas de cisne. Parecia brilhar, tornando-a etérea. Dançou, afastando-se de Camaban, que rugia numa fúria fingida e depois correu para ela. Ela escapou-se-lhe com facilidade, correndo pela margem do templo.332

Saban sabia como terminaria a dança e escondeu a cabeça nos braços. Queria lançar-se pela barreira e matar o irmão, mas Kilda colocou-lhe a mão nas costas.

É o sonho deles disse simplesmente. O sonho que conduz o templo que estás a construir.

Não declarou Saban.

O templo serve para reunir Slaol e Lahanna disse ela sem remorsos. Devem mostrar o caminho aos deuses. Lahanna tem de aprender os seus deveres.

Saban olhou e viu que Camaban abandonara a perseguição e se encontrava agora

junto à colheita empilhada no anel de pedras. Aurenna olhava-o, por vezes escapando-se para o lado, depois aproximando-se timidamente antes de saltar de novo, caprichosa; porém os seus passos errantes aproximavam-na sempre do boi monstruoso.

Saban percebia que era aquele o sonho, porém sentia-se invadido pela ira. Pensou que se agora matasse Camaban, então o sonho morreria, pois apenas ele tinha energia para construir o templo. E o templo reuniria Slaol e Lahanna. Terminaria o Inverno, acabaria com os desgostos deste mundo.

Derrewyn disse-te que me trouxesses aqui? perguntou a Kilda. Para que eu matasse o meu irmão?

Não. Parecia surpreendida por ele ter perguntado. Trouxe-te para veres o sonho do teu irmão.

E o da minha esposa disse amargamente.

É tua esposa? perguntou Kilda em tom de desprezo. Disseram-me que tinha cortado o cabelo como as viúvas.

Saban olhou de novo para o templo. Aurenna estava agora junto a Camaban, parecendo porém relutante em unir-se-lhe; recuou rapidamente alguns passos, dançando depois para o lado, com suavidade e graça. Depois, lentamente, caiu de joelhos e a figura escura do boi avançou. Saban fechou os olhos, sabendo que Aurenna se rendia ao irmão, tal como Lahanna deveria fazer com Slaol, quando o templo estivesse terminado. Quando abriu de novo os olhos viu que a capa de penas tinha sido retirada e o corpo de Aurenna ficou nu, esguio e branco à luz da fogueira. Saban enfureceu-se, mas Kilda manteve-o firmemente com a mão.

Estão a fingir que são deuses disse.

Se os matasse disse Saban não haveria templo. Não era isso que Derrewyn queria?

Kilda abanou a cabeça.

Derrewyn acredita que os deuses usarão o seu templo conforme lhe aprouver e não como quer o teu irmão. O que Derrewyn quer de ti é a vida da filha. Foi por isso que te entregou Hanna. Se os matasses agora, não haveria vingança?

pensa que são deuses. Acenou com a cabeça em direcção ao templo, mas agora, Saban via apenas a forma corcovada da pele do boi e sob ela sabia que a esposa e o irmão acasalavam. Fechou os olhos e estremeceu, mas depois Kilda tomou-o nos seus braços e estreitou-o contra si.

Derrewyn falou com Lahanna murmurou ela e agora o que tens de fazer é criar Hanna. Rolou sobre ele, segurando-o com o seu corpo, e quando ele abriu os olhos viu que ela sorria e que era muito bela.

Não tenho esposa disse. Ela beijou-o.

Estás a fazer o trabalho de Lahanna disse em voz baixa. E foi por isso que Derrewyn me enviou.

Na manhã seguinte apenas havia cinzas no templo, mas a colheita estava feita e o trabalho das pedras mais compridas poderia finalmente ser retomado.

Tinham construído *o* trenó debaixo da pedra maior, a rampa estava terminada, as cordas de pele estendidas sobre a relva e juntava-se agora na colina o maior grupo de bois que Saban já vira. Tinha cem animais; nem ele nem qualquer boieiro tinham alguma vez conseguido uma manada tão numerosa e, a princípio, quando os tentaram ligar à pedra, os animais emaranharam-se uns nos outros. Levaram três dias para aprender como haveriam de ligar as cordas a troncos de árvores, dos quais saíam outras cordas para prender os bois.

Camaban saíra de Cathallo tão secretamente como chegara, deixando Saban numa confusão de raiva e alegria. Raiva porque Aurenna era sua esposa; alegria porque Kilda se tornara sua amante e não falava com os deuses, não o aconselhava em relação ao seu comportamento, amando-o com uma feroz rectidão que lhe aliviava os anos de abandono. Porém essa alegria não vencia a raiva que havia em Saban e sentiu-a ao ver Aurenna subir ao monte para ver a comprida pedra ser arrastada do seu local. Trazia a sua capa de penas de gaio, de modo que reluzia a branco e azul, levando Lallic pela mão. Saban virou-lhe as costas e não a saudou. Leir estava junto a ele, empunhando o aguilhão de um boi, olhando para Kilda e Hanna, que transportavam ambas trouxas.

Vais voltar para Ratharryn? perguntou ao pai.

Vou acompanhar a pedra disse Saban. Não sei quanto tempo levará, mas sim, vou voltar para Ratharryn. Juntou as mãos. Façam-nos avançar! gritou para os boieiros e uma dezena de homens e rapazes picaram os animais, que seguiram em frente até que as correias ficaram todas retesadas.

Não quero ser sacerdote! exclamou Leir. Quero ser um homem. Saban levou uns instantes a compreender o que o rapaz tinha dito. Tinha-se concentrado nas cordas de couro, vendo-as esticarem-se e perguntando a si próprio se seriam suficientemente fortes.334

Não queres ser sacerdote? perguntou.

Quero ser guerreiro. Saban juntou as mãos. Agora! gritou. Para a frente! Os aguilhões picaram os animais, o sangue dos bois corria, enquanto estes se esforçavam por apoiar as patas na turfa e as cordas estremeciam de tensão.

Vá! gritava Saban. Vá! As cabeças dos bois baixavam-se e de súbito o trenó deu um ruidoso solavanco. Saban temeu que as cordas se partissem, mas afinal a pedra movia-se. Movia-se! O enorme bloco saía das garras da terra e o povo, que assistia, aclamou-os.

Não quero ser sacerdote disse de novo Leir, com tristeza na sua voz baixa.

Queres ser guerreiro afirmou Saban. O trenó subia agora a rampa, deixando um traço de greda esmagada atrás dos enormes patins.

Mas a minha mãe diz que não vou fazer as provas, porque não é necessário. Leir levantou os olhos para o pai. Ela diz que tenho de ser sacerdote. Lahanna ordenou-o.

Todos os rapazes devem fazer as provas declarou Saban. O trenó tinha agora chegado à turfa e deslizava firmemente através de esterco de boi

e erva.

Saban seguiu-o e Leir correu atrás, com lágrimas nos olhos.

Quero passar as provas! gemeu.

Então vem para Ratharryn ordenou Saban. Podes fazê-las lá. Leir olhou para o

pai.

Posso? perguntou com a voz incrédula.

Queres mesmo?

Sim!

Então fá-las-ás declarou Saban, erguendo o filho encantado e colocando-o sobre a pedra para que Leir conduzisse o bloco que se deslocava.’

Saban levou o desajeitado trenó para norte, rodeando o santuário de Cathallo, porque a manada era demasiado grande para atravessar os intervalos da barreira do templo. Aurenna seguia ao lado, acompanhada pela multidão e quando o bloco de pedra passou junto do templo ordenou a Leir que saltasse do trenó e a seguisse até casa. Leir olhou para ela, mas ficou teimosamente onde estava.

Leir! gritou Aurenna zangada.

Leir vai comigo disse Saban. Vai para Ratharryn. Viverá lá ao pé de mim.

Aurenna pareceu surpreendida, mas depois o espanto transformou-se em fúria.

Vai viver contigo? A sua voz tinha um tom ameaçador.**335**

Vai aprender o que eu aprendi quando era pequeno disse Saban.

Vai aprender a usar o machado, a enxó e *a* sovela. Vai aprender a construir um arco, a matar um veado e a manejar uma lança. Vai tornar-se um homem.

Os bois mugiam e o ar fedia a esterco e sangue. A pedra deslocava-se a menos do passo de um homem, mas avançava.

Leir! gritou Aurenna. Vem cá!

Fica onde estás exclamou Saban para o filho e apressou-se a seguir o passo do trenó.

Ele vai ser sacerdote gritou Aurenna. Correu atrás de Saban, com as penas de gaio a esvoaçar da capa.

Primeiro vai tornar-se um homem declarou Saban. Se depois de ser homem, desejar ser sacerdote, que o seja. Mas o meu filho será um homem antes e sacerdote depois.

Não pode ir contigo! gritou Aurenna. Saban nunca a tinha visto tão zangada, nem tinha alguma vez percebido que houvesse dentro dela uma emoção tão feroz; porém ela gritava com o cabelo despenteado e o rosto contorcido. Como pode viver contigo? Metes uma escrava na tua cama! Apontou Kilda e Hanna que seguiam o trenó juntamente com o povo de Cathallo, que ouvia avidamente a discussão. Leir continuava sobre a pedra de onde olhava para os pais, enquanto Lallic escondia o rostinho nas saias de Aurenna. Manténs uma escrava prostituta e a sua bastarda! vociferava Aurenna.

Pelo menos não me cubro com uma pele de boi para acasalar com ela! disse rispidamente Saban. É minha prostituta, não de Slaol!

Aurenna deteve-se e a fúria do seu rosto transformou-se numa ira gelada. Ergueu a mão para bater em Saban, mas este pegou-lhe no pulso.

Saíste da minha cama, mulher, porque, segundo afirmavas, um homem assustaria Lahanna. Nessa altura fiz o que tu querias, mas não vou deixar que negues a virilidade ao meu filho. É meu filho e será um homem!

Será sacerdote! Aurenna tinha agora lágrimas nos olhos. Lahanna exige-o!

Saban percebeu que a estava a magoar, de modo que lhe largou o pulso.

Se a deusa quiser que ele seja sacerdote, então sê-lo-á disse. Mas primeiro será um homem. Voltou-se para os boieiros que tinham abandonado os animais para assistir à confrontação. Atenção às cordas! gritou. Não os deixem abrandar. Leir! Desce e usa o aguilhão! Trabalha!

Afastou-se de Aurenna, que ficou imóvel a chorar. Saban tremia, quase temendo uma maldição terrível, mas Aurenna limitou-se a voltar as costas e levar Lallic para casa.

Vai querer vingar-se avisou-o Kilda.

Vai tentar recuperar o filho e mais nada. Mas ele não irá, não irá. Levaram vinte e três dias a deslocar a comprida pedra até Ratharryn e

Saban acompanhou o enorme trenó durante a maior parte da viagem; porém,

quando estava a um ou dois dias do Templo do Céu, apressou-se a avançar com Kilda, Hanna e Leir sabendo que a entrada do santuário precisaria de ser alargada para que a pedra passasse por ela. O fosso teria de ser cheio, retiradas as pedras do portal, e queria as duas tarefas executadas antes da chegada do comprido bloco.

A pedra chegou dois dias mais tarde *e* Saban mandou quarenta escravos esculpirem-na, para a transformarem num pilar. Podia ter sido rudemente alisada em Cathallo, mas agora necessitava ficar macia, polida e afunilada. Outros doze escravos começaram a fazer o buraco para a pedra, escavando a greda por baixo do solo.

Saban não desceu à aldeia e Camaban não foi ao templo nos primeiros dias após a chegada da enorme pedra, mas Saban sentia no ar o cheiro de dissabores, como se fosse o fedor do poço de um curtidor. As pessoas que vinham da aldeia evitavam Saban, ou disfarçavam a conversa, parecendo não reparar que Leir vivia agora com o pai. Os escravos trabalhavam, Saban fingia que não existia qualquer perigo e a pedra ficava mais pequena e com uma forma macia.

Chegaram as primeiras geadas. O céu parecia branco e descorado até que, por fim, Camaban foi ao templo. Chegou com uma dezena de lanceiros, todos eles vestidos para combater e conduzidos por Vakkal, com as armas enfeitadas com os escalpes dos homens que tinham morto na batalha de Cathallo.

Camaban vinha envolvido na capa de urso do pai e usava uma espada de bronze à cintura. Tinha o cabelo todo emaranhado *e* empeçado, cheio de ossos de crianças, que também lhe pendiam da barba, agora com uma risca branca de texugo. Fez sinal aos seus lanceiros que o esperassem à entrada do templo e coxeou em direcção a Saban. Um único sacerdote jovem veio com ele, empunhando o pau de caveira.

Fez-se silêncio enquanto Camaban atravessava o caminho da entrada entre os dois pilares, derrubados de modo a permitir a entrada no círculo das pedras mais compridas. Vinha com ar zangado. Os escravos junto a Saban recuaram, deixando-o só, junto à pedra-mãe, onde Camaban se deteve para olhar à volta do templo com o sacerdote do pau de caveira dois passos atrás de si.

Não ergueste ainda nenhuma pedra. Falava para Saban em voz baixa, mas de testa franzida. Porque não foi ainda erguida nenhuma pedra?

Primeiro tem de se lhes dar forma.

Estas já estão disse Camaban apontando a clava para alguns pilares no círculo do céu.

Se fossem erguidas explicou Saban impediam a entrada das outras maiores. Essas têm de ser erguidas primeiro.

Camaban acenou afirmativamente.**337**

Mas onde estão as pedras mais compridas? Falava em tom razoável, como se não tivesse qualquer questão com Saban, mas essa reticência apenas aumentava a ameaça da sua presença.

Está aqui a primeira disse Saban, apontando para o monstruoso bloco, que se encontrava no meio de montes de pedra, aparas e pó. Mereth levou o trenó grande de volta para Cathallo e vai trazer outra. Mas aquela apontou para a mais comprida será erguida antes do Solstício de Inverno.

Camaban acenou de novo, aparentemente satisfeito. Puxou da espada, dirigiu-se à pedra comprida e começou a afiar a lâmina sobre a borda da rocha.

Falei com Aurenna disse em voz ainda calma. E ela contou-me uma estranha história.

A respeito de Leir? perguntou Saban, irritado e na defensiva, tentando esconder o seu nervosismo.

Falou-me de Leir, claro que sim. Camaban fez uma pausa, tocou no gume da espada, achou-o rombo e começou a raspá-lo de novo na pedra. Fazia um ruído metálico. Concordo contigo a respeito de Leir, irmão continuou olhando para Saban. Deve tornar-se homem. Não o vejo como sacerdote. Não tem sonhos como a irmã. Parece-se mais contigo. Mas não creio que deva viver aqui. Precisa de aprender os costumes dos guerreiros e os trilhos dos caçadores. Pode viver em casa de Gundur.

Saban concordou cauteloso. Gundur não era cruel e os filhos cresciam, sendo

rapazes honestos.

Pode viver na cabana de Gundur concordou.

Não, disse Camaban, franzindo a testa devido a uma pequena mossa no gume da espada. A estranha história que Aurenna me contou era a respeito de Derrewyn. Levantou os olhos para Saban. Ainda é viva. Sabias?

Como haveria de saber? perguntou Saban.

Mas a filha não está com ela disse Camaban. Endireitara-se, deixando a pedra e olhava agora Saban directamente nos olhos. Parece que a mandou viver para uma aldeia, porque temia que ela adoecesse e morresse na floresta. Assim, mandou-a embora. Para Cathallo, achas? Ou talvez para aqui? Para Ratharryn? A história conta-se nas cabanas de Cathallo, mas Aurenna ouve tudo. Já sabias da história, Saban?

Não.

Camaban sorriu, depois fez um gesto com a espada e Saban voltou-se e viu que dois lanceiros tinham descoberto Hanna e a arrastavam da cabana. Kilda gritava-lhes, mas um terceiro impedia-lhe o caminho enquanto a criança aterrorizada era trazida para junto de Camaban. Saban avançou para retirar a criança aos lanceiros, mas um deles ergueu a arma na sua direcção, enquanto o outro entregava a menina a Camaban que lhe colocou a espada recém-afiada junto à garganta.338

A mãe dela, se é que essa tua mulher é mãe dela, tem o cabelo claro disse Camaban. Esta criança é morena. Saban tocou no seu cabelo escuro.

Camaban abanou a cabeça.

Tem muita idade para ser tua filha, Saban, a menos que tenhas conhecido a mãe ainda antes de começares a construir o templo. Apertou a pressão da espada e Hanna ofegou. É a bastarda de Derrewyn, Saban? perguntou Camaban.

Não disse Saban. Camaban riu baixinho.

Foste amante de Derrewyn disse. Talvez até ainda a ames. Talvez o suficiente para a ajudares?

E tu quiseste casar com ela, irmão sussurrou Saban. Mas isso não quer dizer que a queiras ajudar agora. Saban viu o espanto de Camaban por o irmão ter conhecimento da sua proposta de casamento a Derrewyn e esse espanto fê-lo sorrir. Queres que eu grite bem alto essas novidades, irmão?

Hanna gritou enquanto Camaban se contorcia de raiva.

Ameaças-me, Saban?

Eu? Saban riu-se. Ameaçar-te a ti, o feiticeiro? Mas como construirás o templo, irmão, se combateres contra mim? Sabes montar um tripé? Sabes forrar um buraco com madeira? Sabes pôr os arreios num boi? Sabes como uma pedra se parte naturalmente? Tu, que te gabas de nunca ter erguido um machado na vida, conseguirás construir este templo?

Camaban riu-se com a pergunta.

Posso arranjar uma centena de homens para erguer as pedras! disse, em tom de desprezo.

Saban sorriu.

Então esses homens que te digam como hão-de colocar uma pedra sobre as outras. Apontou para a pedra comprida. Quando esse pilar for erguido, irmão, ficará a quatro vezes a altura de um homem. Quatro vezes! E como erguerás outra pedra para a colocares no seu cimo? Sabes? Desviou o olhar de Camaban e fez a pergunta em voz ainda mais alta. Algum de vós sabe? gritou aos lanceiros. Vakkal? Gundur? Podem dizer-me? Como erguerão uma pedra horizontal por cima daquele pilar? E não é apenas uma, mas todo um anel de pedras! Como o farão? Dizei!

Ninguém respondeu. Limitavam-se a olhá-lo. Camaban encolheu os ombros

Com uma rampa de terra, claro disse.

Uma rampa de terra? perguntou Saban com ar de desprezo. Tens trinta e cinco pedras para erguer, irmão. Vais fazer trinta e cinco rampas? Quanto tempo irás demorar? E como escavarás essas rampas neste solo plano? Ergue as pedras com terra e os nossos netos não verão este templo terminado.

Então como o farias tu?339

Como deve ser respondeu Saban.

Diz-me! gritou Camaban.

Não respondeu Saban. E sem mim, irmão, nunca terás um templo. Terás um monte de pedras. Apontou para Hanna. Se matares essa criança eu saio deste templo e nunca mais volto, nunca mais! É a cria de uma escrava, mas gosto dela. Pensas que é filha de Derrewyn? Saban cuspiu o seu desprezo sobre a pedra comprida. Pensas que Derrewyn enviaria a filha para uma tribo governada por ti? Procura pela terra inteira, irmão, deita abaixo todas as cabanas, mas não venhas procurar aqui a filha de Derrewyn.

Camaban olhou-o durante algum tempo.

Juras que esta criança não é filha de Derrewyn?

Juro respondeu Saban, sentindo um arrepio percorrê-lo, pois um julgamento em falso não se fazia de ânimo leve; porém, se tivesse hesitado, ou dito a verdade, Hanna teria morrido instantaneamente.

Camaban olhava-o, depois fez sinal ao sacerdote que se aproximasse e baixasse a caveira para Saban. Camaban mantinha ainda a espada junto ao pequeno pescoço de Hanna.

Põe a mão sobre a caveira ordenou. Jura diante dos antepassados que esta criança não é a cria de Derrewyn.

Saban estendeu lentamente a mão. Era o juramento mais solene que poderia fazer e mentir aos antepassados seria trair toda a tribo, todavia colocou os dedos sobre os ossos e acenou afirmativamente.

Juro disse.

Pela vida da tua filha? exigiu Camaban.

Saban suava já. O mundo parecia estremecer à sua volta, mas Hanna olhava-o de modo que se sentiu novamente a acenar com a cabeça.

Pela vida de Lallic disse, sabendo que estava a pronunciar uma temível mentira. Teria de oferecer compensações para que Lallic continuasse viva e não sabia como o poderia fazer.

Camaban empurrou Hanna que correu para Saban e se agarrou a ele a chorar. Ele pegou-lhe ao colo e abraçou-a.

Constrói-me o templo, irmão disse Camaban, metendo a espada no cinto de couro. Constrói-me o templo, mas depressa! Elevava agora a voz. Estás sempre com desculpas! Esta pedra é dura, o chão está demasiado molhado para os trenós, os cascos dos bois estão a partir-se. E nada fazes! pronunciou com um guincho estas últimas palavras.

Estremeceu e Saban perguntou a si próprio se Camaban iria revirar os olhos e entrar em transe, aos gritos, enchendo o templo de sangue e de medo, mas ele limitou-se a gemer como se tivesse dores, após o que se voltou abruptamente e partiu.

Constrói-me o templo! gritou e Saban agarrou Hanna com força, pois a criança chorava de medo.340

Enquanto Camaban atravessava o caminho do templo, seguido dos seus guerreiros, Saban encostava-se à pedra comprida, soltando um enorme suspiro. O dia estava frio, mas continuava a suar. Kilda correu para ele e tirou-lhe Hanna dos braços.

Pensei que matasse os dois! exclamou.

Jurei a vida de Hanna pela vida da minha filha disse Saban tristemente. Ele sabia quem era Hanna e eu jurei que não era. Fechou os olhos a tremer. Jurei em falso.

Kilda ficou em silêncio. Os escravos olhavam Saban.

Arrisquei Lallic disse Saban, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, fazendo riscos no pó branco da pedra.

Que vais fazer? perguntou Kilda em voz baixa.

Os deuses têm de me perdoar disse Saban. Mais ninguém o pode fazer.

Se construíres o templo aos deuses, eles perdoam-te alvitrou Kilda. Então constrói-o, Saban, constrói-o. Estendeu o braço e limpou-lhe uma lágrima do rosto. E como vais erguer as pedras horizontais? perguntou.

Não sei respondeu ele. De verdade que não sei.

Mas se descobrisse, pensou, talvez então os deuses lhe perdoassem e deixassem Lallic viver. Agora apenas o templo a poderia salvar, de modo que se voltou para os escravos.

Trabalhai! disse-lhes. Trabalhai! Quanto mais depressa estiver pronto, mais depressa ficaremos todos livres.

Trabalharam. Martelaram, desfizeram em pó bocados de pedra, escavaram rocha e terra, poliram pedra até não aguentarem as dores nos braços, terem as narinas cheias de pó e os olhos a arder. Os mais fortes trabalhavam no bloco comprido que, conforme Saban prometera, estava pronto antes do Solstício de Inverno. Chegou o dia em que não podia ser mais alisado, tendo sido transformado num monólito esguio, elegante e afunilado. Saban sabia que teria de o erguer. Recordou o conselho de Galeth e propôs-se a levantá-lo de lado, pois temia que o peso da pedra estreita a partisse em duas. Mas primeiro teve de a manobrar para a beira do buraco, o que levou seis dias de alavancas, suor e impropérios. Depois teve de ser voltada para um dos lados mais compridos, o que levou mais um dia inteiro, mas por fim ficou colocada nos rolos e Saban pôde passar as cordas a todo o comprimento da pedra, ligando-as a sessenta bois que a ergueriam para dentro da cova.

O buraco era o mais fundo que Saban já cavara. A sua profundidade era quase duas vezes a altura de um homem, pelo que protegera a rampa e a face oposta a ela com troncos de árvores cortados untados com gordura de porco. As cordas ligadas à pedra passavam por cima do buraco e depois sobre o fosso e as barreiras, de modo que o bafo dos sessenta bois formava um nevoeiro. Saban fez sinal para que os boieiros picassem os animais e as cordas341

de pele torcida ergueram-se do chão, endireitaram-se, estremeceram, esticaram e, por fim, a pedra moveu-se.

Agora, devagar! Devagar! gritou Saban. Temia que pudessem derrubar a laje, mas esta avançou em segurança, fazendo sair lascas dos rolos feitos de troncos. Os escravos retiravam os troncos de trás do pilar, à medida que a sua face

dianteira começou a projectar-se sobre a rampa. Uma das cordas quebrou-se e houve enormes gritos e uma longa espera, até trazerem outra e a atarem ao arnês.

Os bois foram de novo picados e, pouco a pouco, a pedra avançava até metade estar colocada por cima da rampa e a outra metade descansar ainda sobre os rolos. Depois os bois puxaram de novo e Saban gritou aos boieiros que os detivessem porque, finalmente, a pedra estava a inclinar-se. Por um momento pareceu vacilar à beira da rampa, depois a metade dianteira bateu nas madeiras. O solo tremeu com o impacto, após o que o enorme bloco de pedra deslizou, indo alojar-se contra a face do buraco.

Saban deixou-o aí nessa noite. Uma ponta do pilar projectava-se em direcção ao céu formando um ângulo e a saliência talhada, que tinha na ponta e que seguraria a pedra de cima do arco maior, via-se, resoluta, contra as estrelas.

No dia seguinte mandou vir para a beira do buraco cinquenta escravos com cestos cheios de cascalho de greda e pedras do rio, depois atou dez cordas à volta da pedra enviesada. Ergueu as cordas, passando-as sobre um tripé, com quatro vezes a altura de um homem e depois sobre os bois, que esperavam do outro lado do fosso. O encaixe no vértice do tripé, sobre o qual deslizariam as cordas, estava alisado e engordurado. As próprias cordas tinham sido também untadas. Camaban e Haragg tinham ambos vindo ver e o sumo sacerdote mal podia conter a excitação.

Calculo que nunca se ergueu uma pedra maior! exclamou Haragg. Saban pensou que, se a pedra se quebrasse naquele momento, o templo nunca seria construído pois não haveria outra laje suficientemente grande para substituir aquele gigantesco primeiro pilar.

Levaram a maior parte da manhã a organizar os grupos de bois, a segurar as pernas do tripé em pequenos poços escavados no chão dentro da barreira, e a prender as cordas; mas, por fim, tudo estava pronto, Saban acenou aos boieiros e ficou a ver as dez cordas erguerem-se do solo. O tripé firmou-se na terra, rangeu, e as cordas ficaram esticadas como barras de bronze. Os homens do outro lado do fosso picavam os bois com aguilhões, de modo que o sangue escorria pelas patas traseiras dos animais. As cordas pareceram render-se no cimo do tripé pois houve um solavanco e um estremeção, mas a seguir deslizaram, aparecendo de súbito a uma pequena distância entre o pilar e a rampa que os escravos se apressaram a encher com as pedras trazidas do rio.

Guiem-nos! gritava Saban. Guiem-nos!342

Os bois baixavam a cabeça e o tripé estremecia e rangia enquanto a pedra era puxada, a face fronteira esmagando a madeira em frente do profundo buraco, mas quanto mais a pedra subia, mais fácil se tornava erguê-la, porque as cordas que saíam do vértice do tripé puxavam agora em ângulo recto à pedra. Saban olhava, com a respiração suspensa. A pedra continuava a erguer-se, a sua base esmagando a face do buraco, enquanto os escravos, desesperados, despejavam os cestos de cascalho de greda e pedras para a rampa, de modo que se a pedra se inclinasse para trás, não tombasse completamente.

Guiem-nos! Guiem-nos! gritava Camaban e os aguilhões picavam os animais, as cordas estremeciam, os bois mugiam e a pedra erguia-se, vacilante.

Agora, devagar! Devagar! acautelou Saban. O pilar estava quase completamente erguido e, se os bois puxassem com muita força, havia o perigo de retirarem a pedra para fora do buraco. Só mais um passo! gritava Saban e os bois foram picados uma última vez. A pedra moveu-se mais um pouco, depois o próprio peso encarregou-se de o fazer e o pilar caiu direito, o lado dianteiro esmagando-se contra as madeiras protectoras, emitindo um ruído doentio. Saban susteve a respiração, mas a pedra ficou onde estava; gritou então aos escravos que enchessem as bordas dos buracos e comprimissem a terra. Camaban saltava desajeitadamente e Haragg chorava de alegria. A primeira pedra, a mais alta do templo, estava erguida.

As cordas foram retiradas, encheu-se o buraco e, por fim, Saban pôde afastar-se para ver o que tinha feito.

Viu a maravilha que excedia qualquer uma de Cathallo, uma maravilha como homem algum tinha visto neste mundo.

Viu uma pedra erguida a uma altura superior à de uma árvore.

Quando olhou, o coração parecia não lhe caber no peito e tinha lágrimas nos olhos. A pedra parecia esguia, alta e flexível contra o cinzento céu invernal. Achou-a maravilhosa. Era macia, torneada e terrível; dominava de súbito a paisagem circundante. Erguia-se sobre a pedra-mãe que ele já pensara tão grande. Era magnífica.

É esplêndida disse Camaban, com os olhos muito abertos.

É uma obra de Slaol afirmou Haragg humildemente.

Até os escravos estavam impressionados. O trabalho fora deles, de modo que olhavam maravilhados o pilar. Em nenhuma das suas tribos, em nenhum dos seus templos, em nenhuma das suas terras, em nenhum dos seus sonhos havia uma pedra tão grande, esculpida e forte. Naquele momento Saban soube que os deuses teriam de reconhecer o que Camaban fazia e até Kilda estava impressionada.

E vais pôr outra pedra sobre aquela?

Claro respondeu. Isto é apenas o pilar de um arco.

Mas ainda não sabes como?

Talvez os deuses mo digam.**343**

Estavam sós junto à grande pedra. Caía a noite, tornando negra a rocha cinzenta. Saban olhou para o monólito e sentiu-se de novo estupefacto, atónito por ter conseguido deslocar, moldar e erguer a grande pedra; soube nesse instante que terminaria o templo. Havia homens que diziam que não se poderia fazer e até mesmo Camaban não sabia como seria, mas Saban sabia que o faria. Teve a súbita certeza de que, construindo o templo, apaziguaria os deuses, que lhe perdoariam o juramento sobre a vida de Lallic.

Por vezes penso que nenhum de nós sabe realmente porque está a construir o templo disse a Kilda. Camaban diz que sabe e Aurenna tem a certeza de que juntará os deuses no leito matrimonial, mas eu não sei o que querem os deuses. Excepto que querem que o construa. Creio que nos surpreenderá a todos quando estiver terminado.

Foi isso que Derrewyn sempre disse.

Chegou o Solstício de Inverno, a tribo acendeu as suas fogueiras e festejou. Os escravos comeram junto ao templo e depois desse dia, quando chegaram as primeiras neves, começaram a alisar o segundo pilar do enorme arco. Essa era a segunda pedra mais alta, mas era demasiado pequena, pois Saban fora incapaz de encontrar outra tão alta como a primeira. Assim, deixou deliberadamente a base desse pilar torta e bulbosa, tal como o pé de Camaban, antes de Sannas o ter quebrado e endireitado. Esperava que segurasse o pilar à terra. Metê-lo-ia num

buraco que sabia ser pouco fundo, mas que assim teria de ser para que o segundo pilar ficasse à mesma altura do primeiro.

Ergueu a pedra na Primavera. O tripé foi colocado, os bois arreados e quando os animais tomaram o peso da pedra, Saban ouviu ranger o pé do pilar sobre a greda e a madeira, erguendo-se por fim, de modo que o buraco pudesse acabar de se encher e houvesse agora dois pilares na terra, lado a lado e tão próximos na sua base que um gatinho mal poderia passar entre eles. Os pilares afunilavam no cimo, formando um intervalo através do qual brilhava o Sol de Inverno.

Quando colocas a pedra de cima? perguntou Camaban.

Daqui por um ano respondeu Saban. Ou talvez dois.

Um ano! protestou Camaban.

As pedras têm de assentar explicou Saban. Estaremos a abrir e a encher buracos durante esse tempo.

Então cada pilar tem de esperar um ano? perguntou Camaban, estupefacto.

Dois anos seria melhor.

Nessa altura Camaban ficou ainda mais impaciente. Sentia-se frustrado quando os bois eram teimosos ou as cordas se partiam ou, como aconteceu por duas vezes, um tripé se desfez em estilhaços. Detestava que as pedras ficassem inclinadas e era preciso dias de muito trabalho para as endireitar e encher as bases de pedras e terra.344

Os dez enormes pilares da casa do Sol levaram três anos a alisar e levantar. A parte mais fácil era o erguer das pedras; a mais difícil, alisá-las e dar-lhes forma, o que ainda enchia o templo de ruído e pó. As saliências do cimo dos pilares, que aguentariam as pedras horizontais, foram difíceis de esculpir, pois cada uma delas tinha duas vezes o tamanho da mão de um homem e para isso os escravos tinha de retirar o resto da ponta do pilar, grão de pó a grão de pó. Saban mandou-os também deixar uma borda à volta da aresta da pedra, para que as pedras atravessadas pudessem ficar seguras dos lados, bem como pelas protuberantes saliências.

Leir tornou-se homem no ano em que o último pilar da casa do Sol foi levantado,

no mesmo ano em que seis das pedras do anel do céu foram metidas no solo. Leir passou as suas provas e esmagou alegremente em pequenos fragmentos a bola de greda do seu espírito. Saban ofereceu-lhe uma espada de bronze e gravou as tatuagens da virilidade no peito do filho.

Vais mostrar-te à tua mãe? perguntou-lhe.

Não vai querer ver-me.

Vai ficar orgulhosa de ti disse Saban firmemente, embora duvidasse que fosse verdade.

Leir fez uma careta.

Ficará desapontada comigo.

Então vai ver a tua irmã disse Saban. Diz-lhe que tenho saudades dela.

Não via Lallic desde que tirara Leir à mãe, nem desde que jurara pela vida dela sobre o pau de caveira.

Lallic não quer ver ninguém disse Leir. Está assustada. Fica a tremer dentro da cabana e chora quando a mãe a deixa.

Saban receou que o seu falso juramento tivesse lançado uma maldição terrível sobre a filha e decidiu falar daquilo a Haragg, depois de obrigar o sumo sacerdote a jurar silêncio; confessaria a verdade e cumpriria a penitência que ele lhe impusesse.

Mas não tinha de ser. Porque uma noite, depois de terminadas as provas e antes de Saban o conseguir encontrar, Haragg deu um grito enorme e morreu.

E Camaban ficou como louco.

CAMABAN GRITOU, COMO O FIZERA AQUANDO DA MORTE DA MÃE. UIVAVA O SEU desgosto sem alívio, afirmando que Haragg fora o seu pai.

Foi o meu pai e a minha mãe gritava. A minha única família! Afastou da cabana as escravas e açoitava-se com sílex, de modo que,

quando saiu à luz do Sol tinha o corpo nu coberto de sangue. Lançou-se sobre o cadáver de Haragg, gemendo e dizendo que o sumo sacerdote não podia ter morrido, estando sim a dormir, embora quando tentasse instilar vida na alma de Haragg, o cadáver se mantivesse teimosamente morto. Nessa altura Camaban voltou-se para Saban.

Se tivesses terminado o templo, irmão, ele não teria morrido! Camaban estremecia, lançando pingos de sangue sobre o corpo de Haragg, apanhando depois tufos de erva que atirava a Saban. Vai-te embora! gritava. Vai-te embora! Nunca gostaste de mim! Nunca gostaste de mim! Vai-te!

Gundur apressou-se a afastar Saban para trás da cabana, longe da vista de Camaban.

Se ficares aqui, ainda te mata. O guerreiro franzia a testa ao ouvir os gemidos de Camaban. Tem os deuses dentro dele resmungou Gundur.

Foi essa a tragédia de Haragg respondeu Saban secamente.

Que tragédia?

Saban encolheu os ombros.

Haragg adorava ser comerciante. Adorava. Era curioso, sabes? Percorria a terra em busca de respostas, mas entretanto conheceu Camaban e acreditou que ele tivesse descoberto a verdade. Mas sentia a falta da vida de comerciante. Nunca deveria ter aqui ficado como sumo sacerdote, pois não mais foi o mesmo homem.

Camaban insistiu para que o corpo de Haragg não fosse levado para a casa dos mortos, mas sim para o templo, pelo que o cadáver foi transportado numa padiola e colocado entre a pedra-mãe e os pilares mais altos, que ainda esperavam pela pedra horizontal. Toda a tribo acompanhou o corpo. Camaban

chorou todo o caminho. Continuava nu, o corpo uma teia de sangue seco, lançando-se por vezes sobre a turfa e tinha de ser convencido a avançar por346

Aurenna, que viera de Cathallo ao saber da morte de Haragg. Trazia um vestido de pele de lobo cinzenta, no qual esfregara cinzas. Tinha o cabelo em desalinho. Lallic, já crescida, vinha a seu lado. Era uma menina esguia e magra, com olhos pálidos e expressão assustada. Pareceu espantada quando Saban se aproximou dela.

Vou mostrar-te as pedras disse a Lallic. E como lhes damos forma.

Ela já sabe afirmou Aurenna, irritada. Lahanna mostra-lhe as pedras em sonhos.

Ah, sim? perguntou Saban a Lallic.

Todas as noites respondeu timidamente a rapariga.

Lallic! Aurenna chamou-a e depois olhou para Saban. Já roubaste um filho à deusa. Não levarás outro.

Os escravos mantiveram-se nas cabanas nesse dia, enquanto as mulheres da tribo dançaram no fosso e na barreira do templo, entoando o lamento de Slaol. Os homens dançavam dentro do templo, executando os seus passos pesados entre as pedras inacabadas e os trenós vazios. Camaban, com algumas das suas feridas reabertas e sangrando, ajoelhou-se ao lado do corpo e gritou aos céus enquanto Aurenna e Lallic, as únicas mulheres autorizadas a percorrer o caminho do templo, choravam ruidosamente de ambos os lados do cadáver.

O que chocou Saban, foi que dois sacerdotes conduziram um boi para dentro do templo. Haragg detestara o sacrifício de qualquer criatura viva, mas Camaban insistira em que a alma do defunto tinha necessidade de sangue. O animal tinha os tendões cortados e depois levantaram-lhe a cauda para que baixasse a cabeça e Camaban brandiu o machado de bronze; porém este mal passou pelos chifres e bateu no pescoço do animal. Este mugiu. Camaban bateu-lhe mais uma vez e de novo falhou; quando um sacerdote tentou retirar-lhe o machado, fê-lo girar à sua volta num arco perigoso, quase atingindo um homem, batendo depois no animal num frenesim maníaco. O sangue salpicou a pedra-mãe, o cadáver, Aurenna, Lallic e Camaban, mas por fim o animal, já fraco, caiu e ele atingiu-o na espinha com o machado, para pôr termo ao seu tormento. Lançou o machado para o chão e caiu de joelhos.

Vai viver! gritou. Vai viver de novo!

Vai viver! repetiu Aurenna, abraçando Camaban e erguendo-o. Haragg viverá disse em voz baixa acariciando Camaban, que lhe chorava no ombro.

O corpo do vitelo foi arrastado e Saban, zangado, lançou pó de greda sobre os salpicos de sangue.

Nunca aqui deveria haver um sacrifício disse a Kilda.

Quem disse? Haragg.

Mas Haragg morreu respondeu ela em voz triste.347

Haragg morrera e o seu corpo ficou na casa do Sol, onde apodreceu lentamente, de modo que o fedor do defunto sacerdote entrou para sempre nas narinas dos homens que abriam os buracos e alisavam as pedras. Os corvos banquetearam-se com o corpo e as varejeiras sobrevoaram a sua carne podre. O corpo levou um ano a ficar reduzido a ossos e, mesmo assim, Camaban recusou-se a que fosse enterrado.

Tem de ficar ali decretou e os ossos ali ficaram. Alguns foram levados pelos animais, mas Saban tentou manter o esqueleto intacto. Camaban recuperou o juízo durante aquele ano e declarou que substituiria Haragg, o que significava que seria sumo sacerdote, bem como chefe. Insistiu em que os ossos de Haragg precisavam do sangue de sacrifícios e, portanto, trouxe carneiros, cabras, bois, porcos e até aves para o templo, matando-os sobre os ossos secos que tinham já manchas escuras de tanto sangue. Os escravos evitavam-nos, embora um dia Saban ficasse chocado ao ver Hanna acocorada sobre o esqueleto árido.

É verdade que vai viver de novo? perguntou.

É o que diz Camaban respondeu Saban.

Hanna estremeceu, imaginando o esqueleto do sacerdote a recuperar a sua carne e pele, a pôr-se de pé com dificuldade e a dar passos vacilantes, como se estivesse embriagado entre as pedras altas.

Quando morreres perguntou a Saban, vais ficar aqui no templo?

Quando eu morrer respondeu-lhe ele, deverão enterrar-me num local em que não haja pedras. Nenhuma.

Hanna olhou-o franzindo a testa e depois, de súbito, riu-se. Crescia depressa e dentro de um ou dois anos seria considerada mulher. Sabia quem era a sua mãe verdadeira e também de que a sua vida dependia de nunca o admitir, de modo que chamava mãe a Kilda e pai a Saban. Por vezes perguntava-lhe se a mãe ainda era viva e Saban apenas podia responder-lhe que esperava que fosse, embora na verdade receasse o contrário. Hanna fazia-lhe lembrar cada vez mais a jovem Derrewyn; era também morena e bonita, tinha o mesmo vigor e os jovens de Ratharryn estavam profundamente conscientes da sua existência. Saban calculava que dentro de um ano teria de colocar um falo de barro e uma caveira no telhado da cabana. Leir fazia parte dos admiradores de Hanna, que por sua vez se sentia fascinada pelo filho de Saban, já tão alto, que usava o cabelo entrançado pelas costas abaixo e tinha no peito as primeiras marcas de morte. Dizia-se que Camaban queria que Leir fosse o próximo chefe e muita gente lhe dava razão pois era já conhecido pela sua coragem. Combatia no bando de Gundur e estava sempre ocupado a defender as enormes fronteiras de Ratharryn ou a participar nos ataques que tinham lugar para lá delas, de modo a trazer bois e escravos. Saban tinha orgulho no filho, embora pouco o visse, pois Camaban, nos anos que se seguiram à morte de Haragg, exigia que o trabalho do templo fosse apressado.348

Procuraram-se mais escravos; para os alimentar, a eles e à tribo, mais bandos de guerra partiam em busca de porcos, bois e cereal. O templo transformara-se numa enorme boca a ser alimentada; as pedras continuavam a chegar de Cathallo, para tomarem forma por meio de martelos, suor e fogo. Camaban continuava a insistir.

Porque leva tanto tempo? perguntava constantemente.

Porque a pedra é dura replicava constantemente Saban.

Chicoteia os escravos! exigia Camaban.

E levaria o dobro do tempo ameaçava Saban; então Camaban zangava-se e garantia que o irmão era seu inimigo.

Quando metade dos pilares do círculo do céu estavam no seu lugar, Camaban exigiu um novo apuramento.

O anel do céu ficará por igual, não é verdade? perguntou a Saban.

Por igual?

Liso! disse Camaban, zangado, fazendo com a mão o gesto de alisar. Liso como a superfície de um lago.

Saban franziu a testa.

O templo é inclinado disse apontando para a descida do solo. Portanto, se os pilares do templo do céu são todos da mesma altura, o anel de pedras tem de acompanhar a encosta.

O anel tem de ser liso! insistiu Camaban. Tem de ser liso! Fez uma pausa para olhar com um meio sorriso para Hanna, que saía de dentro da cabana. Parece-se com Derrewyn.

É jovem e tem o cabelo escuro disse Saban em tom descuidado. Mais nada.

E a vida da tua filha diz que ela não é filha de Derrewyn disse Camaban, continuando a sorrir. Não é verdade?

Ouviste o meu juramento afirmou Saban e para o distrair prometeu-lhe que o anel do céu seria liso, embora soubesse que ainda demoraria mais tempo. Colocou madeiras leves sobre o cimo dos pilares e em cada uma delas um recipiente de barro; ao enchê-los de água via se os pilares adjacentes estavam ou não nivelados. Alguns eram demasiado altos e os escravos tiveram de subir a escadas de cavilhas, para retirar o excesso do cimo com marteladas. Depois, como Saban não se atrevia a erguer uma pedra que fosse demasiado pequena, fez deliberadamente os pilares novos levemente mais compridos e, assim, cada um deles teve de ser martelado e raspado até ficar à mesma altura dos seus vizinhos.

Uma pedra quase se partiu quando a ergueram. Escorregou dos rolos, bateu com força nos troncos e uma racha enorme corria-lhe em diagonal pela face.

Vai servir dizia Camaban. Vai servir!

Dois anos depois, todas as pedras tinham já chegado de Cathallo e metade dos pilares do Templo do Céu estavam já colocados, mas antes desses349

pilares poderem ficar completos, Saban sabia que teria de arrastar as pedras atravessadas da casa do Sol para o centro do templo e foi o que fez nesse Verão. As pedras foram erguidas por dezenas de escravos que manobraram os trenós de modo que cada uma delas ficasse em ângulo recto com os pilares gémeos, sobre os quais seria colocada.

Saban passara dias e noites a pensar como haveria de erguer aquelas pedras. Trinta e cinco teriam de ser levantadas em direcção ao céu, trinta para o anel do céu e cinco para os arcos da casa do Sol, mas a resposta chegou-lhe no meio de uma noite de Inverno.

A resposta era madeira. Uma enorme quantidade teria de ser cortada das florestas e arrastada para o templo onde, com um grupo de dezasseis escravos, Saban tentaria que a ideia desse resultado.

Começou pelo arco maior. O trenó com a pedra que formaria o arco encontrava-se paralelamente aos pilares gémeos, a cerca de dois passos de distância. Saban ordenou aos escravos que colocassem troncos oblongos no trenó, para que quando estivessem prontos parecesse que a pedra comprida descansava numa plataforma de madeira. Os escravos usavam agora alavancas de carvalho para erguer uma ponta da pedra e Saban meteu-lhe por baixo outro tronco, também comprido, em cruz com os que formavam a camada do fundo. Fez o mesmo no outro extremo da pedra e agora esta descansava em dois troncos, à altura de um braço, sobre um estrado oblongo.

Trouxeram mais troncos, colocando-os à volta dos dois suportes até que, uma vez mais, a pedra parecia estar colocada sobre uma plataforma; depois foi de novo erguida e sustentada sobre dois blocos de madeira. Fez-se uma nova plataforma à volta dos blocos, utilizando troncos que ficassem paralelos aos da primeira camada. Esta tinha agora três camadas e largura e comprimento suficientes para que os homens pudessem meter as alavancas por baixo da pedra a cada subida subsequente.

Camada a camada, a pedra era erguida até chegar ao cimo dos pilares gémeos e aí ficou colocada numa monstruosa pilha de troncos. Vinte e cinco camadas de madeira suportavam agora a pedra, mas ainda não podiam fazê-la deslizar sobre os pilares, pois Saban tinha de medir as duas saliências do cimo destes e fazer marcas de greda na pedra, onde se abriram as respectivas ranhuras. Levara onze dias a erguer a pedra e mais vinte para martelar e raspar os buracos; depois a

pedra teve de ser voltada com alavancas e acrescentadas mais duas camadas de madeira por baixo dela, antes de os escravos a poderem erguer, pouco a pouco, de um e de outro lado da plataforma e sobre duas tábuas que a aguentaram até as ranhuras estarem colocadas directamente sobre as saliências gémeas do cimo dos pilares.

Três homens ergueram uma ponta da pedra e Saban retirou a trave que a aguentara; os escravos retiraram a alavanca, de modo que a pedra caiu sobre o pilar. O estrado estremeceu, mas nem a pedra horizontal, nem o pilar se350

quebraram. Libertaram a segunda tábua, a pedra embateu de novo e o primeiro e mais alto dos cinco arcos enormes estava completo.

A plataforma foi desmantelada, levada para o segundo par de pilares e, quando os escravos começaram a colocar a primeira camada de troncos em volta da segunda pedra horizontal, Saban recuou e olhou para a primeira.

Sentiu-se humilde. Sabia, melhor que ninguém, quanto trabalho, quantos dias a raspar e martelar, quanto suor e desgosto lhe tinham custado aquelas três pedras. Sabia que um dos pilares era demasiado baixo e ficava sobre uma base grotescamente torta num buraco muito raso, mas mesmo assim, a arcada era magnífica. Quase lhe tirava a respiração. Pairava nos ares. E a pedra horizontal, um bloco tão pesado, que tinham sido necessários dezasseis bois para a arrastar de Cathallo, estava agora erguida junto ao céu, fora do alcance do homem. Aí ficaria para sempre e Saban estremecia enquanto perguntava a si próprio se algum homem alguma outra vez ergueria um tal peso àquela altura no céu. Voltou-se e olhou para o Sol que se punha por trás das nuvens pálidas no Ocidente do horizonte. Decerto Slaol o estaria a observar, pensou. Decerto o deus recompensaria aquele trabalho com a vida de Lallic e essa esperança trouxe lágrimas aos olhos de Saban que caiu de joelhos e tocou o chão com a testa.

Quantos dias levaram? quis saber Camaban.

Alguns dias mais do que uma lua completa respondeu Saban, mas as outras serão mais rápidas, pois os pilares são mais baixos.

Há mais trinta e quatro pedras para erguer! exclamou Camaban. São três anos! gritava o seu desapontamento, depois voltou-se para olhar os escravos que continuavam a martelar e raspar, alisando os restantes pilares do círculo do Sol. Nem todas as pedras têm de estar perfeitamente trabalhadas disse Camaban.

Quando ficarem quase quadradas, leva-as para cima. Esquece as faces exteriores, podem ficar ásperas.

Saban olhou para o irmão.

Queres que eu faça o quê? perguntou. Durante anos, Camaban exigira perfeição, agora estava disposto a deixar erguer pedras meio trabalhadas?

Faz como te digo! gritou Camaban, voltando-se a seguir para os escravos que o escutavam. Nenhum de vós sairá daqui até o trabalho estar terminado, nenhum! Portanto, trabalhai! Trabalhai! Trabalhai!

Agora era já possível ver como ficaria o templo depois de terminado, pois os últimos pilares estavam a ser erguidos e a ocidente e a norte o círculo já parecia completo. A casa do Sol estava construída, mais alta que o enorme anel de pedra, e Saban afastava-se por vezes cem passos ou mais para ver o que tinha feito, sentindo-se espantado. Aquele templo levara anos, mas era belo. Gostava principalmente do padrão de sombras regulares e direitas que lançava, diferentes de todas as outras que já tinha visto e compreendia que estava351

a *ver o retomar do padrão do mundo naquela colina; nesses momentos,* maravilhava-se com o sonho do irmão. Outras vezes, ficava no centro do templo e sentia-se muito pequeno, diante dos pilares e oprimido pelas suas sombras. Mesmo nos dias com mais sol, havia no interior das pedras uma escuridão que parecia pairar sobre ele, de modo que não conseguia libertar-se do receio de que uma das pedras horizontais caísse. Sabia que era impossível. Tinham ranhuras e os cimos dos pilares estavam preparados para segurar os lintéis com firmeza mas, mesmo assim, e principalmente encontrando-se junto aos ossos de Haragg, no estreito intervalo entre o arco maior e a pedra-mãe, sentia-se esmagado pelo obscuro peso do templo. Porém, se se afastava dele, atravessava o fosso e voltava a olhar de novo, a escuridão desaparecia.

Este templo não era insignificante, como as pedras de Sarmennyn. Preenchia o seu próprio espaço, sem estar diminuído pelo Sol e pela longa encosta coberta de erva. Os visitantes, alguns vindos de terras desconhecidas do outro lado do mar, ajoelhavam muitas vezes quando viam as pedras pela primeira vez, e agora os escravos falavam em voz baixa, enquanto trabalhavam.

Está a tomar vida disse um dia Kilda a Saban.

O último pilar do anel do céu, que tinha apenas metade da largura dos outros, pois representava o meio-dia do círculo da Lua, foi erguido no dia do Solstício de Inverno. Subiu facilmente e Camaban, que viera vê-lo ser erguido, ficou no templo enquanto o Sol se punha. Estava um dia bonito, frio, mas claro e o céu a sudoeste estava delicadamente coberto de nuvens finas, que passavam de brancas a cor-de-rosa. Um bando de estorninhos, parecendo cabeças de flecha de pederneira, voavam em círculo sobre o templo. Os pássaros eram numerosos, escuros contra o vazio do céu, agitando-se em conjunto, mudando ao mesmo tempo de direcção, o que fez sorrir Camaban. Havia muito tempo que Camaban não sorria de prazer.

Tem tudo a ver com o padrão disse em voz baixa.

O Sol afundou-se mais, fazendo aumentar as sombras do templo e Saban começou a sentir as pedras estremecerem. Pareciam agora negras, pois encontrava-se com Camaban junto à pedra do Sol, na avenida sagrada, e as sombras alongavam-se imperceptivelmente até eles. À medida que o Sol baixava, o templo parecia crescer em tamanho até as pedras parecerem enormes e escuras. Depois, o Sol desapareceu por trás da pedra horizontal do arco mais alto e as primeiras sombras da noite envolveram os dois irmãos. Atrás deles, em Ratharryn, as grandes fogueiras do Solstício de Inverno eram acesas e Saban pensou que Camaban voltaria para presidir às festividades do dia, porém este esperou, olhando esperançoso para as pedras sombrias.

Em breve disse Camaban suavemente. Muito em breve.

Momentos depois, a ponta mais baixa da mais alta pedra horizontal apresentava um toque lívido de vermelho e seguidamente o Sol ardeu no intervalo entre os dois pilares mais altos; Camaban bateu as palmas de pura alegria.352

Dá resultado! exclamou. Dá resultado.

À volta deles, a terra estava envolta na escuridão, pois as sombras dos pilares do anel do céu fechavam-se, lançando uma pala enorme sobre a avenida sagrada; mas no meio dessa enorme sombra havia um raio de luz. Era o último raio do Sol, a última luz do ano, lançada sobre o horizonte, sobre os bosques, sobre a relva e sobre o arco para ofuscar Camaban, que se encontrava ao lado da pedra do Sol.

Aqui! exclamou de novo, depois ficou a olhar fascinado, enquanto o Sol

deslizava por trás das pedras e as sombras destas se dissolviam numa enorme escuridão que se espalhava pela campina. Vês o que fizemos? perguntou Camaban excitado. O Sol moribundo verá a pedra que marca a sua maior força, desejá-la-á e livrar-se-á da sua fraqueza de Inverno. Vai dar resultado! Vai dar resultado! Voltou-se e agarrou os ombros de Saban. Quero-o pronto no próximo Solstício de Inverno!

Estará pronto prometeu Saban.

Camaban olhou o irmão nos olhos e depois franziu a testa.

Perdoas-me, irmão?

Perdoou-te o quê? perguntou Saban, compreendendo muito bem o que o irmão lhe estava a pedir.

Camaban fez uma careta.

Slaol e Lahanna têm de ser um só. Largou os ombros de Saban. Sei que é difícil para ti, mas os deuses são assim para nós. São difíceis. Há noites em que oro a Slaol para que afaste o seu aguilhão, mas ele faz-me sangrar. Faz-me sangrar.

E Aurenna dá-te alegria? perguntou Saban. Camaban estremeceu, mas acenou afirmativamente.

Dá-me alegria e aquilo que fizeste, irmão, dar-nos-á alegria a todos. Apontou para o templo. Termina-o. Termina-o e pronto. Afastou-se.

Os pilares da entrada tinham sido levados para o caminho e voltados a pôr nos respectivos buracos. Depois, o que apenas faltava fazer era erguer as últimas pedras horizontais no anel do céu. Saban estava preocupado, pois os últimos pilares não tinham tido tempo de assentar na terra, mas agora Camaban não suportaria qualquer demora.

Tem de ser feito insistiu. Tem de estar pronto.

Mas pronto para quê? Por vezes Saban olhava durante muito tempo as pedras sombrias que lhe pareciam ter vida própria. Se estava cansado e a luz era fraca, as pedras pareciam agitar-se, como enormes dançarinos, embora, se erguesse a cabeça e olhasse directamente para os pilares, estes estivessem imóveis. Porém

os deuses estavam nas pedras, disso tinha a certeza. O templo não estava ainda consagrado, mas os deuses haviam-no encontrado. Pairavam sobre as pedras altas. Orava-lhe algumas noites. Uma tarde Kilda encontrou-o a fazê-lo, sentou-se à espera que terminasse e perguntou-lhe o que lhes tinha pedido.353

filha.

O mesmo de sempre disse Saban. Que poupem a vida da minha

Agora a tua filha é Hanna disse Kilda. E minha também.

Pensas que Derrewyn morreu?

Penso que está viva disse Kilda. Porém penso que tu e eu seremos sempre os pais de Hanna.

Saban acenou afirmativamente, mas continuou a orar por Lallic. Seria sacerdotisa aqui e ele era o construtor do templo, pensava que, em devido tempo, ela perderia o medo que tinha e confiaria nele; veria certamente que aquele local era muito belo, um lar para os deuses e saberia que tinha sido o pai a fazê-lo.

E agora estava quase terminado.

Os bois dançarinos saltavam no Solstício de Verão. As fogueiras assustavam os espíritos malignos e, na madrugada seguinte, pela primeira vez o Sol nascente lançaria a sombra da pedra do Sol através do anel de pilares já completo até ao coração do santuário, onde repousavam os ossos da Haragg.

As últimas pedras horizontais foram trabalhadas. Uma delas tinha as ranhuras demasiado próximas, pois Camaban insistiria que seria mais rápido do que fazer os buracos depois dos lintéis terem sido erguidos e Saban teve de ordenar a abertura de outro. Seria, esperava, o último atraso.

A colheita estava terminada. As mulheres dançaram nas eiras deixando-as lisas e os sacerdotes debulharam os primeiros grãos. Não viriam mais escravos para Cathallo pois mal havia trabalho para os que já se encontravam no templo. Porém Camaban recusou libertá-los.

Podemos alimentá-los até à consagração do templo disse. Construíram-no, devem vê-lo terminado e depois ficarão livres.

O Inverno chegou e o povo tinha esperança de que seria o último Inverno na terra. Kilda abortara e chorara durante dias a fio.

Sempre quis ter um filho disse a Saban. Mas os deuses não querem dar-mo.

Tens Hanna disse Saban, tentando consolá-la, tal como ela já fizera com ele.

Já é quase uma mulher disse Kilda. Em breve terá um destino a cumprir.

Um destino?

Kilda encolheu os ombros.

É filha de Derrewyn. Tem o sangue de Sannas. Tem um destino que em breve chegará, Saban.

Chegou no dia seguinte. Havia muito frio e as pedras do templo estavam brancas de geada. Havia apenas mais dois lintéis para erguer e Saban começava354

a plataforma para o primeiro quando Leir chegou da aldeia. Estava vestido com as galas de um guerreiro de Ratharryn, tendo entrançado no cabelo caudas de raposa, o peito azul das tatuagens e empunhava uma lança de onde pendiam penas de uma rara águia marinha que tinha feito parte de um tributo trazido por um chefe admirador de uma praia distante. Leir atravessou o caminho e olhou para as pedras.

O templo estará pronto no Solstício? perguntou ao pai.

Com certeza respondeu Saban.

Leir fez-lhe um meio sorriso e depois apontou com a cabeça na direcção da avenida sagrada, sugerindo-lhe que caminhassem por ali. Saban, espantado, seguiu o filho e atravessou o caminho.

Camaban diz que o corpo de Haragg precisa de sangue disse Leir com simplicidade.

Saban acenou afirmativamente.

Como sempre. Já naquela manhã, Camaban trouxera um cisne atado, que

assobiara em direcção às pedras antes de lhe cortarem o pescoço. O templo fedia a sangue, pois ainda antes do de um sacrifício secar, já havia outro animal ou ave para ser morto junto aos ossos de Haragg.

E quando estiver consagrado continuou Leir tristemente vão prometer-nos que todos os mortos, não só Haragg, encontrarão uma nova vida por entre as pedras.

Ah, sim? perguntou Saban. Tinha pensado que os mortos sairiam da guarda de Lahanna e enviados para o cuidado de Slaol, mas os efeitos do templo estavam constantemente sujeitos a histórias e rumores. De facto, quanto mais se aproximava a consagração, menos se tinha a certeza da finalidade do templo. Todos sabiam que o Inverno seria banido, mas esperava-se muito mais. Algumas pessoas declaravam que os mortos caminhariam, enquanto outras afirmavam que apenas os mortos que fossem colocados no templo voltariam à vida.

E para dar vida aos mortos continuou Leir, Camaban quer mais sangue. Deteve-se junto da pedra do Sol e olhou para trás. Alguns escravos poliam as pedras erguidas, enquanto uma dezena de mulheres arrancava as ervas daninhas do fosso. Estes escravos não voltarão para casa quando o templo estiver terminado.

Alguns ficarão disse Saban. Prometemos a liberdade a todos e a maior parte quererá partir, se é que ainda se lembram de onde são.

Leir abanou a cabeça.

Camaban embebedou-se ontem à noite disse. Contou a Gundur que quer uma avenida de cabeças que vá desde a aldeia até ao templo. Será um caminho para os mortos, para mostrar como voltaremos da morte para a vida. Fixava o rosto de Saban. Diz que o sonhou e que Slaol o exige. Os homens de Gundur deverão matar os escravos.

Não! protestou Saban.355

Vão ser mortos no templo para que o seu sangue encharque o solo, depois cortar-lhes-ão as cabeças e colocá-las-ão nos lados da avenida. Leir falava impiedosamente. Nós, os lanceiros, deveremos executá-los.

Saban estremeceu. Olhou para a sua cabana, onde Kilda acendia uma fogueira e viu Hanna passar pela porta baixa com lenha seca. A rapariga viu Leir, mas deve ter sentido que ele queria estar só com o pai, e ficou junto a Kilda.

O que pensas da ideia de Camaban? perguntou Saban a Leir.

Pai, se eu concordasse teria vindo falar contigo? Leir fez uma pausa e olhou para Hanna. Camaban quer matar os escravos todos, pai, todos.

E que queres tu que eu faça?

Falas com Camaban? Saban abanou a cabeça.

Pensas que me escuta? Seria melhor falar com um javali enraivecido.

Acariciou a pedra do Sol. Calculava que dentro de algum tempo, todas as pedras do templo perderiam a sua pureza cinzenta e ficariam escuras dos líquenes. Podíamos falar com a tua mãe sugeriu.

Ela não fala comigo confessou Leir. Fala com deuses, não com homens. Falava em tom amargo. Gundur diz que há ainda outra razão para matar os escravos. Diz que se tiverem autorização para partir para as suas terras, levarão com eles os segredos da construção do templo e construirão outros como este; assim Slaol não virá para nós, mas sim para eles.

Saban olhou para a poeira cinzenta que alisava o chão.

Se eu disser aos escravos para fugirem disse em voz baixa os lanceiros arranjarão mais.

Nada podes fazer? perguntou Leir indignado.

Tu podes disse Saban.

Voltou-se e chamou Hanna que correu ansiosamente para junto de Leir e parecia-se tanto com a mãe, que Saban susteve a respiração. Uma dúzia de lanceiros tinha-lhe já pedido para casar com Hanna e a recusa tinha causado algum ressentimento. Diziam que Hanna era apenas uma escrava e uma escrava deveria sentir-se lisonjeada por ser cortejada por um guerreiro, mas Hanna gostava apenas de um, que era Leir. Sorria-lhe agora timidamente, depois olhou obediente para Saban, curvando a cabeça como uma rapariga deveria fazer em relação ao pai.

Quero que leves Leir para aquela ilha do rio disse-lhe Saban. A ilha que te

mostrei há um ano.

Hanna acenou afirmativamente, embora parecesse admirada, pois nunca antes tivera a liberdade de ir para a floresta com um jovem. Saban pegou na sua bolsa e tirou de lá o bocado de pele que envolvia o losango de ouro.

Quero que leves isto disse Saban a Leir, desembrulhando o losango

e o coloques no ramo bifurcado de um salgueiro. Hanna mostra-te qual é a árvore. Meteu o ouro na mão do filho.356

Leir franziu a testa ao fragmento brilhante.

O que vai fazer isto?

Vai mudar as coisas afirmou Saban, esperando que fosse verdade, pois nem sequer sabia se Derrewyn ainda estava viva; porém o ouro tinha sempre mudado as coisas. A sua chegada a Ratharryn mudara tudo, e agora soltaria de novo a magia daquele metal cheio de sol.

Hanna vai explicar-te o que o ouro fará disse Saban ao filho. É tempo que ela te conte tudo.

Beijou a rapariga na testa, pois sabia que com aquelas últimas palavras libertara a filha de Derrewyn dos seus cuidados. Entregava-lhe a ela e a Leir a verdade, e esperava que o filho não se sentisse incomodado quando Hanna lhe contasse que era filha da pior inimiga de Ratharryn.

Hanna vai contar-te tudo disse. Agora vão.

Viu-os partir em direcção ao rio e lembrou-se que havia tantos anos percorrera o mesmo caminho com Derrewyn. Nessa altura pensara que a felicidade não teria fim e mais tarde acreditara que a sua alegria não havia de voltar. Viu Hanna estender a mão para pegar na de Leir e sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas. Voltou-se para olhar para o templo e viu a intrincada mistura de luz e sombra nas enormes pedras; soube que o irmão tinha sonhado uma coisa fantástica, mas apercebia-se de que esse sonho enorme se transformara em loucura.

Voltou para as pedras. Havia só mais duas para erguer antes do templo estar

terminado e Saban calculava que, seria nessa altura, e apenas então, que descobriria porque os deuses o tinham querido construir.

A última pedra foi colocada três dias antes do Solstício de Inverno. Era a pedra horizontal que descansava sobre o pilar mais pequeno do círculo exterior. Saban mostrara-se preocupado acerca do pilar, pois Camaban insistira que deveria ter apenas metade da largura dos outros, uma vez que representava o meio-dia da viagem da Lua e deixava também um intervalo maior entre as pedras exteriores, através do qual o povo poderia passar para o centro do santuário; porém, no seu cimo muito estreito, havia muito pouco espaço para abrir as ranhuras para as pedras horizontais e Saban temia que ficassem em posição precária.

Não deveriam ser esses os seus receios. Não era o espaço que era inadequado, mas sim a pedra, pois quando se construiu a plataforma de troncos, depois da pedra ter sido subida, camada a camada, até lá acima, depois de ter sido erguida e a sua língua pairar sobre a fenda do lintel seguinte, quando foi largada para cair no lugar certo, o pilar rachou.

As pedras horizontais assentavam sempre no seu lugar com um estrondo desagradável. Saban temia sempre o momento, preocupado que o lintel ou os**357**

pilares por baixo se partissem sobre o impacto. A pedra dura tinha defeitos que Saban por vezes usava para a moldar e sabia que muitas dessas falhas deveriam estar escondidas nas suas profundezas, embora nenhuma se tivesse traído até àquele momento. Os cinco lintéis da casa do Sol e as vinte e nove pedras horizontais do anel do céu tinham sido erguidos em segurança, cada um deles colocado na devida posição para que os buracos da base se alinhassem com as saliências dos pilares; todos tinham sido largados, caindo com estrondo, porém todas as pedras tinham ficado intactas, até àquela. Não caíra com estrondo, mas com o som de se estar a rachar, que ecoou agoirento do outro lado do círculo.

Saban ficou muito quieto, à espera da desgraça, mas o silêncio aumentou. A pedra horizontal estava no devido lugar, o estreito pilar também, mas quando desceu das camadas de madeira viu que este tinha uma profunda racha, que lhe corria diagonalmente pela face. Começava no cimo da pedra e vinha de lado até meio. Um escravo saltou ao lado de Saban e meteu o dedo na fenda.

Se cede... disse sem terminar a frase.

Se cedesse, Saban sabia que a pedra horizontal cairia.

Nem sequer lhe toques disse ao escravo e quando Camaban chegou à tardinha. Saban contou-lhe as tristes notícias.

Camaban espreitou a racha e depois olhou para cima para o lintel.

A pedra aguenta, não é verdade?

Aguenta. Mas por quanto tempo? perguntou Saban. Deveria ser substituída.

Substituída! exclamou Camaban atónito.

Teremos de trazer outra pedra de Cathallo.

E quanto tempo levará? perguntou Camaban.

A transportar a pedra? A alisá-la? A retirar esta? Saban pensou alguns momentos. Precisamos retirar os dois lintéis do pilar mais estreito disse. Foi por isso que deixei a plataforma montada. Encolheu os ombros. Poderá estar pronto no Verão que vem.

No Verão que vem? gritou Camaban. íamos consagrar o templo daqui a três dias! Três dias! Não pode esperar! Está acabado! Está acabado! Está acabado! É claro que não cairá. Bateu com a palma da mão no pilar rachado e Saban recuou instintivamente, mas a pedra não estilhaçou. Depois Camaban bateu-lhe com a pequena clava e a seguir, como viu que Saban se encolhia, pegou num dos malhos de pedra redondos e pesados que eram usados para dar forma aos blocos de pedra e bateu com ele com toda a força no pilar. Voltou a bater uma e outra vez, grunhindo e suando, enchendo o templo com os ecos de cada martelada; porém a pedra mantinha-se inteira.

Estás a ver? perguntou Camaban, deixando cair o malho e depois, muito irritado, como sempre acontecia quando o seu templo encontrava um358

obstáculo, colocou-se entre a pedra rachada e o pilar seguinte e começou a atirar-se com todo o seu peso de encontro à pedra defeituosa, balançando-se para diante e para trás entre os pilares.

Estás a ver? gritou e os escravos olhavam com ar nervoso para Saban.

O pilar não se quebrou. Camaban atirou-se uma última vez de encontro à pedra e

depois tentou abaná-la com as mãos.

Estás a ver? perguntou de novo, endireitando a capa. Está feito. Terminado. Afastou-se do anel do céu e olhou para os lintéis. Está terminado! gritou estas palavras como um triunfo e depois, inesperadamente, voltou-se e abraçou Saban. Foste esplêndido, Saban, foste esplêndido. Construíste o templo. Está terminado! Terminado! gritou esta última palavra e saltitou, executando alguns passos de dança desajeitados; depois caiu de joelhos e prostrou-se no chão.

Estava de facto terminado. Havia apenas a última plataforma a desmontar e a limpeza dos muitos destroços de todos aqueles anos. As pedras de Sarmennyn seriam deixadas na zona mais baixa, a oriente do templo, enquanto a madeira dos trenós já tinha sido empilhada em dois montes enormes que seriam queimados na consagração do templo.

Faltavam três dias para cerimónia e Camaban, quando terminou as preces, disse que era altura de destruírem as cabanas dos escravos, para que a madeira e a palha fossem acrescentadas aos montes de madeira para a fogueira.

As cabanas ardem bem vociferou.

Se eu destruir as cabanas dos escravos, onde irão eles dormir? perguntou Saban.

Podem seguir em liberdade disse Camaban em tom definitivo.

Já? perguntou Saban.

Ainda não respondeu com a testa franzida. Quero agradecer-lhes. E se fizéssemos uma festa para eles?

Bem merecem respondeu Saban.

Então vou tratar de tudo disse Camaban descuidado. Terão a festa na véspera do Solstício de Inverno. Uma grande festa! E tu poderás deitar abaixo as cabanas na manhã da cerimónia. Afastou-se, embora se voltasse continuamente para olhar para as pedras.

Leir e Hanna viviam agora na cabana de Saban. O casal voltara da ilha onde Leir deixara o losango, e como não houvera qualquer resposta da parte de Derrewyn, Saban temia que ela tivesse morrido. Leir, longe de ter ficado chocado com os

progenitores de Hanna, parecia muito entusiasmado e exigiu ouvir as antigas histórias de Cathallo e Ratharryn, de Lengar e Hengall, de Derrewyn e Sannas.

Derrewyn não morreu afirmou teimosamente Kilda na noite em que o templo foi terminado. As pedras estavam desertas e ela e Saban caminhavam359

de mãos dadas por entre os escuros pilares tocados pelo luar, de modo que as pequenas partículas incrustadas na rocha cintilavam como o reflexo de inúmeras estrelas. De qualquer modo as pedras pareciam mais altas à noite, mais altas e mais juntas, portanto quando Saban e Kilda passaram entre dois pilares da casa do Sol, era como se estivessem envolvidos em pedra. Os ossos de Haragg estavam na sombra, mas o cheiro a sangue mantinha-se no ar.

Parece mais pequeno quando se está cá dentro disse Kilda.

Como um túmulo disse Saban.

Será um templo de morte? sugeriu Kilda.

Que é o que Camaban quer disse uma voz rouca saída das sombras que cobriam os fedorentos ossos de Haragg. Pensa que dará vida, mas é um templo de morte.

Kilda ficou sem fala quando a voz os interrompeu e Saban colocou-lhe o braço sobre os ombros quando se voltaram e viram uma figura encapuçada de pé, ao lado dos ossos, dirigir-se a eles. Por instantes, Saban pensou que era Haragg de volta à vida, mas, de repente, Kilda desprendeu-se do seu abraço, correu para a figura escura e deixou-se cair a seus pés.

Derrewyn! exclamou. Derrewyn!

A figura retirou o capuz e Saban viu que era de facto ela. Uma Derrewyn mais velha, de cabelo branco, com um rosto magro como o de uma caveira, que se parecia com Sannas.

Deixaste-me o losango, Saban.

O meu filho e a tua filha deixaram-no lá.

Derrewyn sorriu. Kilda abraçava-lhe as pernas e Derrewyn soltou-se suavemente para se dirigir a Saban. Ainda coxeava um pouco, herança da flecha que lhe

perfurara a coxa.

O teu filho e a minha filha disse. Já são amantes?

São.

Ouvi dizer que o teu Leir é um bom homem afirmou Derrewyn. Então, porque me mandaste chamar? É porque o teu irmão quer matar todos os escravos? Já sabia. Sei tudo, Saban. Não se produz um sussurro em Ratharryn ou em Cathallo, que eu não oiça. Olhou à sua volta, para as pedras altas. Já cheira a sangue, mas há-de cheirar mais. Ele alimentá-lo-á com sangue, até que o milagre aconteça. Riu em tom de desprezo. Acabar com o Inverno? Acabar com a doença? Acabar até com a morte? Mas imagina que o milagre não acontece, Saban? O que fará nessa altura o teu irmão? Outro templo? Ou alimentará este com sangue, sangue e mais sangue, até que a própria terra seja vermelha?

Saban nada disse. Derrewyn acariciou o flanco da pedra-mãe, que reflectia o luar com maior brilho do que as pedras de Cathallo.

Talvez o seu milagre resulte continuou Derrewyn. Talvez vejamos os mortos caminhar aqui. Todos os mortos, Saban, com os corpos brancos360

e magros, caminhando por entre as pedras, rangendo as articulações, cuspiu. Não abrirás mais túmulos em Ratharryn, pois não? Dirigiu-se às pedras exteriores, de onde olhou para o brilho das fogueiras nas cabanas dos escravos no pequeno vale.

Daqui a dois dias, Saban disse, o teu irmão planeia matar todos aqueles escravos. Vai fingir que lhes fará uma festa, mas os seus guerreiros hão-de rodear as cabanas com as suas lanças e conduzi-los-ão até às pedras para os matar. Como sei? Ouvi dizer, às mulheres de Cathallo, Saban, onde o teu irmão se vai deitar com a tua esposa. Fornicam os dois, só que claro não lhe dão esse nome. Fornicar foi o que tu e eu fizemos, o que tu e Kilda fazem, o que provavelmente o teu filho faz com a minha filha, agora mesmo enquanto estás aí de boca aberta. Não, Camaban e Aurenna ensaiam o noivado de Slaol e Lahanna. É o seu dever sagrado. Fez um ruído de desprezo. Mas de todas as maneiras é fornicar, por muito que o enfeitem com preces; quando terminam, conversam e pensas que as mulheres de Cathallo não me contam tudo aquilo que ouvem?

Enviei-te o losango para que me ajudasses disse Saban. Não quero que os

escravos morram.

Mesmo que signifique que o milagre de Camaban não se realize? Saban encolheu os ombros.

Penso que Camaban está receoso de que não se realize e é por isso que foi tocado pela loucura alvitrou em voz baixa. Essa loucura não terminará senão quando consagrar o templo. Talvez Slaol apareça. Quem me dera.

E se não aparecer? perguntou Derrewyn.

Então terei construído um grande templo disse Saban com firmeza. Quando a loucura terminar viremos para aqui, dançar e orar aos deuses, e eles que usem as pedras como melhor lhes aprouver.

E foi só isso que fizeste? perguntou amargamente Derrewyn. Construíste um templo?

Saban recordou-se do que Galeth lhe tinha dito muito pouco tempo antes de morrer.

Que pensava o povo de Cathallo estar a fazer, enquanto arrastava aqueles enormes blocos de pedra dos seus montes? perguntou a Derrewyn. Que milagre iriam essas pedras realizar?

Derrewyn olhou-o por momentos, mas não lhe deu resposta. Voltou-se para Kilda.

Amanhã ordenou vais dizer aos escravos que serão mortos na véspera do Solstício de Inverno. Diz-lho em meu nome. Diz-lhes também que amanhã à noite haverá um atalho luminoso para os conduzir em segurança. E tu, Saban voltou-se, apontando com o dedo ossudo. Amanhã à noite dormirás em Ratharryn e mandarás Leir *e* a minha filha de volta para a ilha.361

Se Hanna ficar na aldeia, provavelmente morrerá, pois é ainda escrava deste templo, embora fornique com o teu filho. Saban franziu a testa.

Voltarei a ver o meu filho?

Voltaremos afirmou Derrewyn. Voltaremos e deixa-me prometer-te uma coisa, e

faço-o pela minha vida. O teu irmão tem *razão,* Saban. No dia em que este templo for consagrado, os mortos caminharão. Vais ver. Daqui a três dias, quando a noite cair em Ratharryn, os mortos caminharão.

Puxou o capuz sobre a cabeça e, sem olhar para trás, partiu.362

KILDA NÃO QUIS IR COM SABAN PARA A ALDEIA. Sou escrava disse-lhe. Se ficar em Ratharryn matam-me.

Não o permitirei respondeu Saban.

O templo fez enlouquecer o teu irmão respondeu Kilda. Aquilo que tu não permites só lhe dá satisfação. Ficarei aqui e percorrerei o atalho luminoso de Derrewyn.

Saban aceitou a sua decisão, embora sem qualquer prazer.

Estou a ficar velho, doem-me os ossos disse-lhe. Não consigo suportar perder uma terceira mulher.

Não me perderás prometeu Kilda. Quando a loucura terminar juntar-nos-emos de novo.

Quando a loucura terminar, caso-me contigo prometeu Camaban. Depois dessa promessa, dirigiu-se a Ratharryn. Sentia-se nervoso, mas

descobriu que toda a aldeia o estava também, pois pairava no ar uma sensação de expectativa incómoda. Todos esperavam a consagração do templo, embora ninguém, a não ser Camaban parecesse ter a certeza das mudanças que iriam acontecer daí a dois dias, mas até ele era vago.

Slaol vai voltar ao seu devido lugar era tudo o que dizia. As nossas dificuldades desaparecerão com o Inverno.

Naquela noite, Saban comeu na cabana de Mereth, onde se tinham reunido mais doze pessoas. Trouxeram comida, cantaram e contaram histórias antigas. Eram aquelas noites que Saban apreciava na sua juventude, porém desta vez o canto era indiferente, pois todos os que lá se encontravam estavam a pensar no templo.

Podes contar-nos o que se vai passar pediu um homem a Saban.

Não sei.

Pelo menos os teus escravos ficarão felizes disse outro.

Felizes? perguntou Saban.

Vão ter uma festa.

Uma festa com licor interrompeu Mereth. Ordenaram a todas as mulheres de Ratharryn que fabricassem três frascos e amanhã os levassem ao templo como recompensa aos escravos. Já não há mel em Ratharryn!STONEHENGE

363

Saban desejou poder acreditar que Camaban tencionava de facto oferecer uma festa aos construtores do templo, mas suspeitava que a finalidade do licor era apenas estupidificar os escravos antes de os lanceiros assaltarem o acampamento. Fechou os olhos, pensando em Leir e Hanna, que naquela altura deveriam seguir o rio Mai em direcção a norte. Abraçara-os a ambos, depois vira-os partir sem nada, excepto as armas de Leir. Saban esperara até terem desaparecido pelas árvores do Inverno, pensando como a vida era simples, quando o pai adorava May, Arryn e Lahanna e quando os deuses não faziam exigências extravagantes. Depois chegara o ouro e com ele as ambições de Camaban tinham mudado o mundo.

Estás doente? perguntou Mereth, preocupado por ver Saban tão pálido e mal-encarado.

Estou cansado respondeu. Apenas cansado. Encostou-se à parede da cabana, enquanto os outros entoavam o cântico da vitória de Camaban sobre Rallin. Ouviu-o e depois sorriu, quando a esposa fronteiriça de Mereth começou a cantar uma ária de Sarmennyn. Era a história de um pescador que apanhara um monstro e lutara com ele em direcção à praia, por entre as ondas batidas pelo vento; Saban recordou-se dos anos que vivera junto ao rio dessa aldeia. A esposa de Mereth cantava na sua língua e a gente de Ratharryn escutava-a, mais por delicadeza do que por interesse, mas Saban lembrava-se dos dias felizes em Sarmennyn, quando Aurenna ainda não tinha aspirações a deusa e se interessava pela construção dos barcos e pelo transporte das pedras. Recordava Leir a aprender a nadar, quando se ouviu um súbito grito vindo da escuridão. Saban voltou-se para entrada da cabana e viu os lanceiros a correr para sul, em direcção

a um clarão que se avistava no horizonte. Ficou a olhar, parecendo-lhe um breve momento de loucura que aquele fogo significava que as próprias pedras estavam a arder, depois gritou a Mereth que estava a acontecer qualquer coisa de estranho no templo e desapareceu na noite.

Derrewyn, não poderia ser outra pessoa, acendera os grandes montes de bocados de madeira e partes dos trenós que esperavam a consagração. Fizera mesmo mais, pois quando Saban chegou à avenida sagrada viu que as cabanas dos escravos estavam já a arder, a sua também, e os ruidosos incêndios iluminavam as pedras, tornando-as mais belas na escuridão.

Depois um guerreiro gritou que os escravos tinham partido.

Ou pelo menos a maior parte. Alguns, demasiado assustados para fugir, ou sem quererem acreditar no rumor que Kilda espalhara sistematicamente durante todo o dia, estavam acocorados junto à pedra do Sol, mas o resto desaparecera para sul, seguindo o atalho luminoso de Derrewyn. Saban subiu ao monte a sul do templo, vendo o caminho que tinha sido feito com tochas metidas na turfa e depois acesas, para que as chamas marcassem o atalho para a liberdade. As tochas ardiam com lume baixo, serpenteando pelos montes e desaparecendo por entre as árvores a seguir à casa dos mortos. O atalho364

luminoso estava agora deserto, pois os escravos tinham partido havia muito. Naquela altura, pensou Saban, já estariam nas profundezas da floresta e, enquanto as observava, as tochas derretidas começavam já a apagar-se.

Camaban ficou furioso *e* estupefacto. Aos gritos pediu água para apagar as chamas, mas o rio estava muito longe e os incêndios eram demasiado grandes.

Gundur! gritou. Gundur! E quando o guerreiro veio ter com ele, Camaban ordenou que todos os lanceiros e todos os cães de caça de Ratharryn fossem atrás dos fugitivos. Entretanto, leva-os para o templo e mata-os apontou a espada em direcção ao pequeno grupo dos escravos que tinham ficado.

Mato-os? perguntou Gundur.

Mata-os! gritou Camaban começando por dar o exemplo derrubando um homem que tentava explicar o que tinha acontecido durante a noite. O escravo, que ficara no templo à espera de gratidão, pareceu por momentos atónito e caiu de joelhos enquanto Camaban brandia cegamente a espada. Quando terminou,

Camaban estava salpicado com o sangue do homem e depois, não tendo saciado o apetite, buscou em volta outro para matar e viu Saban.

Onde estavas? perguntou Camaban.

Na aldeia disse Saban, olhando para a sua cabana em chamas. Os seus poucos pertences estavam lá dentro. As armas, roupas e vasos. Não há necessidade de matar os escravos protestou.

Eu decido o que é necessário! gritou Camaban. Fez recuar a espada ensanguentada. O que aconteceu aqui? perguntou. O que aconteceu?

Saban ignorou a espada ameaçadora.

Diz-me tu respondeu friamente.

Digo-te eu? Camaban continuava de espada erguida. Que sei eu disto?

Irmão, aqui nada acontece sem que tu o decidas. Este é o teu templo, o teu sonho, a tua obra. Saban controlou a sua raiva crescente. Olhou para a luz tremeluzente das chamas quando tocava nas pedras, enchendo o interior do templo de um emaranhado de sombras interligadas. A obra é toda tua, irmão disse amargamente, eu aqui nada fiz, excepto aquilo que tu me mandaste.

Camaban olhou-o e Saban pensou que a espada fosse avançar, pois viu uma loucura terrível nos olhos do irmão iluminados pelas chamas, mas nessa altura porém, subitamente, Camaban começou a chorar.

Tem de haver sangue! soluçou. Nenhum de vós compreende! Nem mesmo Haragg compreendia! Tem de haver sangue.

O templo está encharcado em sangue disse Saban. Para que precisa de mais?

Tem de haver sangue. Se não houver, o deus não virá. Não virá! Camaban gritou. Os homens olhavam-no com os rostos espantados, pois começara365

a estrebuchar como se tivesse dores no ventre. Não quero que haja morte exclamou mas os deuses querem. Temos de lhes dar sangue, ou nada nos darão! Nada! E nenhum de vós o compreende!

Saban empurrou a espada para baixo e depois agarrou os ombros do irmão.

Não viste sangue, quando pela primeira vez sonhaste com o templo disse em voz baixa. Não há necessidade de sangue. O templo já vive.

Camaban olhou-o, lendo-se a confusão no seu rosto manchado.

Achas?

Senti-o disse Saban. Vive. E os deuses recompensar-te-ão, se deixares partir os escravos.

Achas? perguntou de novo Camaban em voz assustada.

Acho disse Saban. Prometo.

Camaban encostou-se a Saban e chorou-lhe no ombro como se fosse uma criança. Saban consolou-o até ele se endireitar.

Vai ficar tudo bem? perguntou, limpando as lágrimas.

Vai ficar tudo bem garantiu Saban.

Camaban acenou afirmativamente, parecendo querer falar; porém foi-se embora. Saban viu-o partir, soltou um suspiro e foi ao templo dizer a Gundur que os restantes escravos poderiam ficar vivos.

Mas fujam disse-lhes tristemente. Fujam e para bem longe!

Está louco disse Gundur, que cuspiu na sombra das pedras.

Sempre foi louco declarou Saban. Desde o dia em que nasceu deformado. E nós fomos atrás da sua loucura.

O que vai acontecer depois do templo ser consagrado? perguntou Gundur. Onde o levará depois toda a sua loucura?

É essa ideia que torna tudo ainda pior disse Saban. Mas já que chegámos até aqui, podemos conceder-lhe mais duas noites.

Se os mortos não caminharem disse Gundur tristemente as outras tribos voltar-

se-ão contra nós, como lobos.

Mantende então as lanças afiadas aconselhou Saban.

O vento mudara de noite, levando o fumo para norte e trazendo uma forte chuva que apagou os fogos e limpou o templo dos restos do pó-de-pedra. Quando os céus clarearam, antes da madrugada, viram um mocho voar em círculo sobre o templo e depois dirigir-se ao nascer do Sol. Não poderia haver melhor augúrio.

O templo estava pronto e os deuses aproximavam-se. O sonho transformara-se em pedra.

Aurenna viera para Ratharryn nessa manhã, trazendo consigo Lallic e uma dúzia de escravos. Foi para a cabana de Camaban, onde ficou. Estava um366

dia estranhamente quente de modo que homens e mulheres caminhavam sem capas, maravilhados com o novo vento sul que trouxera tão bom tempo. Slaol afastava-se já do Inverno, diziam, e o calor garantia ao povo que o templo tinha de facto poder.

Estavam agora muitos forasteiros em Ratharryn. Nenhum deles fora convidado, mas tinham vindo todos por curiosidade. Havia dias que começaram a chegar. A maior parte pertencia aos povos vizinhos, de Drewenna e outras tribos da costa sul, outros do Norte distante e outros ainda tendo enfrentado uma viagem marítima para ver o milagre das pedras. Muitos deles vinham das tribos que tinham sofrido os cruéis ataques de Ratharryn em busca de escravos, mas chegavam em paz, trazendo os seus próprios alimentos, portanto eram autorizados a construir abrigos entre os arbustos cheios de bagas dos bosques mais próximos. No dia seguinte aos escravos terem fugido Lewydd chegou acompanhado por doze lanceiros de Sarmennyn. Saban abraçou o seu velho amigo e arranjou-lhe lugar na cabana de Mereth.

Lewydd era agora chefe de Sarmennyn e tinha uma barba grisalha e duas novas cicatrizes no rosto tatuado a cinzento.

Quando Kereval morreu disse a Saban os nossos vizinhos pensaram que seríamos facilmente conquistados. De modo que durante anos andei envolvido em combates.

E venceste-os?

Venci os suficientes disse Lewydd lacónico. Depois perguntou por Aurenna, Haragg, Leir e Lallic, abanando a cabeça quando ouviu as novidades de Saban. Deverias ter voltado para Sarmennyn.

Sempre o desejei.

Mas ficaste a construir o templo.

Era meu dever disse Saban. Foi para isso que os deuses me puseram na terra e estou satisfeito por tê-lo feito. Ninguém recordará as batalhas de Lengar, podem até esquecer a derrota de Cathallo, mas hão-de ver sempre o meu templo.

Lewydd sorriu.

Foste um bom construtor. Nunca vi nada assim na terra. Estendeu as mãos para o lume de Saban. O que vai acontecer amanhã?

Terás de perguntar a Camaban. Se quiser falar contigo.

Contigo não fala? perguntou Lewydd. Saban encolheu os ombros.

Não fala senão com Aurenna.

O povo diz que Erek virá à terra afirmou Lewydd.

O povo diz tantas coisas respondeu Saban. Dizem que nos tornaremos deuses, que os mortos caminharão e que o Inverno desaparecerá, mas não sei o que vai acontecer.

Em breve descobriremos disse Lewydd, consolando-o.

367

Durante todo esse dia as mulheres prepararam comida. Camaban não revelara quaisquer planos para a consagração do templo, mas o Solstício de Inverno sempre fora um dia festivo, de modo que as mulheres cozeram, bateram e mexeram até que toda a alta barreira ficou cheia com os cheiros da comida. Camaban manteve-se na sua cabana, o que agradou a Saban, pois temia que o irmão reparasse na falta de Leir e exigisse saber onde tinha ido, mas nem ele nem Aurenna questionaram a sua ausência.

Poucos dormiram bem nessa noite; havia muita ansiedade. Os bosques estavam iluminados com as fogueiras dos forasteiros e a oeste via-se a Lua nova, que desapareceu de madrugada dentro do nevoeiro, enquanto as gentes de Ratharryn vestiam as suas melhores roupas. Pentearam o cabelo e enfeitaram-se com colares de osso, azeviche, âmbar e conchas do mar. O tempo continuava estranhamente quente. O nevoeiro levantou e um súbito aguaceiro fez as pessoas correrem para as suas cabanas, mas quando terminou, apareceu um magnífico arco-íris a ocidente. Uma ponta entrava no templo e o povo trepou à barreira para se maravilhar com tão bom presságio.

As nuvens afastaram-se para norte, deixando o céu nu e pálido. Ao meio-dia havia centenas de pessoas de inúmeras tribos sobre a relva à volta do templo e embora houvesse

dezenas de potes de licor, ninguém se tinha embriagado. Alguns dançavam, outros cantavam e as crianças brincavam, mas ninguém se aventurava a atravessar o fosso e as barreiras, excepto uma dúzia de homens que conduziram o gado por entre as pedras e depois limparam o esterco de dentro do círculo sagrado. As pessoas ficavam ao lado da baixa barreira exterior a olhar para as pedras, que pareciam esplêndidas, limpas, plácidas e cheias de mistério. Cumprimentavam Saban e este tinha de contar e recontar histórias da construção do templo: de como alguns pilares eram muito baixos; de como tinha erguido os lintéis; do suor que cada pedra representava.

O vento caíra e o dia tornara-se estranhamente parado, o que apenas fazia aumentar a sensação de expectativa. O Sol mergulhava já em direcção a sul e nenhum cortejo chegara ainda de Ratharryn, embora o povo dissesse que os dançarinos e músicos se tinham já reunido à volta do templo de May e Arryn. Saban conduziu Lewydd através da entrada do Sol e disse-lhe quantas pedras tinha enterrado no chão e erguido ao céu. Acariciou o flanco da pedra-mãe, a única pedra de Sarmennyn que restava no anel e depois apanhou algumas lascas de rocha que ainda se encontravam na relva à volta dos ossos de Haragg. A chuva lavara-os do sangue do último sacrifício e o templo cheirava bem. Lewydd observava os arcos da casa do Sol e parecia ter perdido a fala.

É... começou sem conseguir terminar.

É maravilhoso disse Saban. Conhecia todas as pedras. Sabia quais as que tinham sido difíceis de erguer e quais as que tinham facilmente entrado nos buracos.

Sabia o sítio onde um escravo caíra da plataforma e partido uma368

perna e onde outro fora esmagado por uma pedra que estava a ser voltada para a começarem a trabalhar; atrevia-se a ter esperança que todas as dificuldades da sua vida terminariam naquele dia em que Slaol cauterizasse a sua nova casa.

Nessa altura alguém gritou que os sacerdotes estavam a chegar e Saban apressou-se a fazer sair Lewydd do templo, deixando-o vazio. Empurraram a multidão para ver que o cortejo estava, finalmente, a chegar da aldeia.

Primeiro chegaram doze dançarinas, passando no solo ramos de faias sem folhas e atrás delas os homens dos tambores; depois mais dançarinas e os sacerdotes de pele nua esbranquiçada com desenhos de greda e hastes de veado na cabeça. Por fim, chegava um bando de guerreiros, todos eles com caudas de raposas penduradas nos cabelos e nas lanças. Saban nunca vira trazerem armas para a consagração de um templo, mas calculou que nada naquela tarde seria o mesmo, já que a criança torta estava a endireitar o mundo.

Um dos sacerdotes que se aproximava trazia o pau de caveira da tribo e Saban via os ossos brancos avançarem e deterem-se, enquanto os sacerdotes aplacavam os espíritos. Oraram no local em que o homem tinha tombado morto, gemeram ao deus dos ursos no local em que uma criança tinha sido esquartejada e depois pararam junto aos túmulos para contar aos antepassados os grandes acontecimentos daquele dia em Ratharryn. A visão da caveira recordava a Saban o seu falso juramento, portanto tocou nas partes baixas e orou para que os deuses o perdoassem. Por trás dos sacerdotes que se aproximavam, o fumo da aldeia erguia-se verticalmente no céu limpo de nuvens, embora a primeira sombra da noite obscurecesse o norte.

O cortejo voltou a avançar, descendo para o vale e seguindo depois por entre as barreiras do caminho sagrado. A multidão começara a dançar, ao som dos tambores que se aproximavam, arrastando os pés para a esquerda e para a direita, executando passos que não terminariam sem que as batidas cessassem.

Camaban e Aurenna não tinham vindo com os sacerdotes, que agora se dispunham num anel à volta do fosso do templo, enquanto as dançarinas passavam os ramos de faia por todo o círculo de greda, para afastar os espíritos malignos. Os guerreiros, depois do círculo limpo, formaram um anel protector à volta do fosso de greda.

As mulheres de Ratharryn entoavam o cântico nupcial de Slaol. Dançavam ao som das suas próprias vozes, detendo-se ao mesmo tempo que o cântico, recomeçando quando o maravilhoso lamento era retomado. A música era tão plangente e bonita, que Saban sentiu as lágrimas nos olhos e começou também a dançar, sentindo o espírito dentro de si; à sua volta toda a multidão balançava, movendo-se ao som das vozes que aumentavam e se calavam, subiam e desciam sempre a cantar. Agora o Sol estava baixo, mas mesmo assim luminoso, sem ter ainda sido tocado pelo vermelho cor de sangue da sua morte invernal.369

Soou um murmúrio por trás da multidão e Saban voltou-se para ver chegar três figuras vindas de Ratharryn. Uma vinha toda de preto, outra toda de branco e a terceira com uma túnica de pele de veado. Lallic trazia essa túnica e caminhava entre Camaban e Aurenna, que se cobriam com capas de penas. A de Camaban era de cisne, muito espessa, enquanto que Aurenna com o cabelo tão luminoso como no dia em que Saban a conhecera envolvia-se em penas de corvo. Branco e negro, Slaol e Lahanna, e o rosto de Aurenna transfigurado por um olhar de prazer estático. Não reparava na multidão que ali esperava, nos sacerdotes silenciosos, nem mesmo nas pedras enormes, porque o seu espírito tinha já sido levado para o novo mundo que o templo lhe traria. A multidão fez silêncio.

Camaban ordenara que duas novas pilhas de madeira fossem colocadas dos dois lados do templo, mas afastadas das pedras, e uma centena de homens tinha trabalhado todo o dia anterior para reconstruir o que Derrewyn queimara. Agora essas novas pilhas de madeira tinham sido incendiadas. As chamas subiam famintas nas aJtas fogueiras onde foram colocadas árvores inteiras, para *que ardessem durante toda a longa noite do Solstício de Inverno. Os fogos* chiavam e estalavam, sendo o maior ruído da tarde, pois os dos tambores, do canto e da dança tinham terminado quando as três figuras apareceram no caminho sagrado.

Camaban deteve-se junto à pedra do Sol e Lallic, obediente à ordem que ele lhe tinha dado em voz baixa, ficou diante da pedra a olhar para o templo.

É a tua filha? perguntou Lewydd num murmúrio.

A minha filha confirmou Saban. Vai ser sacerdotisa aqui. Queria caminhar junto dela, mas dois lanceiros avançaram imediatamente

para o caminho.

Tens de ficar quieto disse um, baixando a lâmina da lança de modo que esta

apontava para o peito de Saban. Camaban insistiu para que todos ficassem imóveis explicou o lanceiro.

Aurenna caminhava para a longa sombra das pedras e depois ela própria desaparecia dentro do templo.

A multidão esperava. O Sol estava agora baixo, mas as sombras do templo não chegavam até à sua pedra. No céu, havia um leve tom rosado que tocava as pedras mais a sul, enquanto o interior do santuário estava já na escuridão. O padrão das sombras tornava-se claro, à medida que as pedras ganhavam profundidade; entretanto, do escuro centro do templo, Aurenna começou a cantar.

Cantou durante muito tempo e a multidão esforçava-se por ouvir, pois não possuía uma voz forte e, mesmo assim, esta era abafada pelas barreiras dos altos pilares; mas quem estava mais perto dos lanceiros ouvia as palavras e repetia-as num murmúrio para os que estavam atrás. Slaol construíra o mundo, cantava Aurenna, fizera com que os deuses o conservassem, fizera370

com que as pessoas vivessem nele, fizera com que as plantas e os animais abrigassem e protegessem as pessoas e no princípio, quando tudo fora construído, nada mais havia do que vida, amor e riso, pois os homens e as mulheres eram companheiros dos deuses.

Todavia alguns deuses tinham invejado Slaol, pois nenhum era tão luminoso e forte como o criador. Lahanna era a que mais inveja tinha, e tentava ofuscar-lhe o brilho, passando diante da sua face; como não o conseguiu, convenceu a humanidade de que conseguiria afastar a morte, se a adorassem a ela e não a Slaol. Fora nessa altura, cantava Aurenna, que começara a infelicidade do homem. Infelicidade, doença, trabalho e dor; a morte não fora vencida, pois Lahanna mentira e Slaol afastara-se do mundo, deixando o Inverno assolar a terra para que as pessoas conhecessem o seu poder.

Mas agora, continuava Aurenna, o mundo voltaria ao princípio. Lahanna inclinar-se-ia perante Slaol e este voltaria, pondo fim à infelicidade. Não haveria Inverno nem tristeza, Slaol ocuparia o seu devido lugar, os mortos iriam ter com ele, e não com Lahanna e caminhariam na sua vasta luz. A voz de Aurenna estava aflautada e sibilante, chegando entrecortada pelas pedras. Viveremos na glória de Slaol, cantava ela, partilharemos o seu favor, e com aquelas palavras, a

sombra do arco mais alto estendeu-se até tocar a pedra do Sol. Slaol estava equilibrado, deslumbrante, terrível e vasto, mesmo por cima do templo. A tarde arrefecia e o primeiro arrepio do vento da noite agitou as colunas de fumo das fogueiras.

Slaol *é* quem dá a vida, cantava Aurenna, o único que a dá e só no-la dá se antes também lha entregarmos. A sombra trepava pela pedra do Sol. Todo o solo entre essa pedra e o templo estava agora na escuridão, enquanto o resto da colina permanecia verde com a última luz do dia. Naquela noite, cantava Aurenna, daremos a Slaol uma noiva da terra e ele devolvê-la-á.

Saban levou alguns instantes a perceber essas palavras, compreendendo a finalidade da presença de Laliic, a mesma que Aurenna evitara no Templo do Mar, em Sarmennyn. Nessa altura o seu juramento foi-lhe devolvido em sangue.

Não! gritou, quebrando o silêncio solene da multidão. Um dos lanceiros bateu-lhe na cabeça com o punho da arma. Atirou-o ao chão e outro homem encostou-lhe a lâmina ao pescoço. Camaban não se voltou para ver o que se passava, Laliic também não; Aurenna continuou imperturbável.

Daremos uma noiva ao Sol, entoava Aurenna e veremos a noiva regressar viva; saberemos que o deus nos ouviu, que nos ama e que tudo ficará bem. Os mortos caminharão, continuava, os mortos dançarão e quando a noiva regressar à vida ninguém mais chorará de noite, nem haverá mais soluços de desgosto, pois a humanidade viverá com os deuses para ser como eles. Saban esforçou-se por se erguer, mas os dois lanceiros seguravam-no e viu que o Sol se escondia por trás do arco maior, enquanto iluminava todo o perímetro do templo.371

Camaban voltou-se para Lallic. Sorriu-lhe, ergueu as mãos, retirando-as de baixo da sua capa de penas brancas e desatou-lhe suavemente o cordão do decote da túnica. Ela estremeceu levemente e um gemido escapou-se-lhe da garganta.

Vais partir numa viagem disse Camaban, acalmando-a.

Não será longa e terás de saudar Slaol frente a frente, devolvendo-nos depois as suas saudações.

Ela acenou afirmativamente e Camaban fez-lhe deslizar dos ombros a túnica de pele de veado, deixando-a cair; o seu corpo alvo estremeceu contra o cinzento da pedra do Sol.

Aí vem ele murmurou Camaban, retirando de baixo da capa uma faca de bronze com cabo de madeira cravado de mil pregos de ouro. Aí vem repetiu, voltando-se para as pedras.

Nesse instante, o Sol lançou-se através do arco mais alto do templo, enviando uma espada de luz brilhante em direcção à sua pedra. Esse raio de luz, estreito, forte e luminoso, deslizou pela pedra horizontal do outro lado do anel do céu, por entre o arco e por baixo do lintel mais próximo, para atingir Lallic, que estremeceu quando viu a faca. A lâmina de bronze cintilava na luz.

Não! gritou de novo Saban e os lanceiros encostaram-lhe ao pescoço as lâminas de bronze, enquanto as gentes sustinham a respiração.

Mas a faca não se moveu.

A multidão esperava. O raio de luz não duraria muito. Estava já mais estreito, enquanto o Sol se afundava no horizonte, por trás do templo, mas mesmo assim a lâmina pairava e Saban viu que não estava firme. Lallic tremia de medo, alguém sussurrou a Camaban que desferisse o golpe com a faca, antes que o Sol se pusesse, mas tal como Hirac ficara paralisado pelo ouro na sua língua, também ele ficara imobilizado.

Porque os mortos caminharam.

Tal como Derrewyn tinha prometido, os mortos caminharam.

Havia um pequeno grupo de pessoas no extremo da avenida sagrada. Ninguém reparara na sua presença, calculando que era gente atrasada para a cerimónia, que se reunira num local inferior enquanto Aurenna cantava a história do mundo. Desse grupo saiu então uma figura sozinha, que subiu o caminho sagrado por entre os fossos de greda branca. Caminhava lentamente, hesitante, e fora ao vê-la que Camaban ficara com a mão paralisada. Continuava a não se mover, sem conseguir tirar os olhos da mulher que avançava para a enorme sombra do templo. Estava envolvida numa capa de peles de texugo e tinha um xaile de lã a cobrir-lhe o longo cabelo branco; os olhos que espreitavam do capuz eram malévolos, inteligentes e terríveis. Caminhava lentamente, pois era velha, tão velha que ninguém lhe conhecia a idade. Era372

Sannas que viera recolher a sua alma e Camaban gritou-lhe, de súbito, que se fosse embora. A faca tremeu.

Agora! gritava-lhe Aurenna do templo. Agora!

Mas Camaban não conseguia mover-se. Olhava para Sannas, que estava junto à pedra do Sol. Daí, sorria-lhe com um único dente dentro da boca.

Guardaste bem a minha alma? perguntou-lhe numa voz seca como os ossos que descansavam havia gerações dentro dos escuros túmulos. A minha alma está bem guardada, Camaban? perguntou.

N-n-não me mates, p-p-por favor implorou Camaban. A velha sorria-lhe, lançando-lhe os braços ao pescoço e beijando-o na boca. A multidão assistia, estupefacta; muitos conheciam a velha e tocavam nas partes baixas, tremendo de medo. Foi nessa altura que Lewydd afastou com os ombros os guardas aterrorizados que prendiam Saban ao chão. Este pôs-se de pé, pegou numa das lanças dos guardas e correu em direcção à pedra do Sol, onde diminuía o raio do Sol moribundo.

Agora! gritou de novo Aurenna e a multidão gemia e chorava, com medo da feiticeira morta na sua capa preta e branca. Os lanceiros não se atreveram a interferir, pois tinham sido contagiados pelo terror que viam em Camaban.

Sannas retirou a boca dos lábios de Camaban.

Lahanna! orou em voz rouca. Dá-me o seu último alento. Beijou-o de novo e Saban lançou a lança com toda a força para as costas do irmão. Não hesitou, pois fora o seu juramento que pusera em risco a vida da filha e só ele a poderia salvar. Atingiu as costas de Camaban de tal modo, que a lança lhe trespassou as costelas e o coração. Camaban gritou ao ser atingido e a força do impulso para o matar impeliu-o para a frente, fazendo-o cair morto, mas com a boca da mulher ainda colada à dele.

Sannas agarrou-se a Camaban, depois esperou até ver o inimigo verdadeiramente morto antes de lançar para trás o capuz para que Saban visse que se tratava de Derrewyn, como sempre soubera que seria. Olharam um para o outro, entre eles havia sangue na relva e a luz quase desaparecera da pedra do Sol.

Tomei a sua alma murmurou Derrewyn a Saban. Tinha embranquecido o cabelo com cinzas e as gengivas ensanguentadas de onde arrancara os dentes. Tomei a sua alma disse exultante.

Nesta altura Aurenna saiu a correr do templo, aos gritos e, ao passar por Saban, retirou um punhal de cobre de dentro da capa negra de corvo. Havia ainda um risco de luz no rosto de Lallic. A luz brilhava sobre a noiva do Sol e na pedra atrás de si, na pedra que marcava o nascer do Sol no Solstício de Verão e que servia para recordar ao deus do Sol a sua força. Slaol conseguia ver a pedra e a sua força, e ao ver a oferenda que fora levada para lá, saberia o que o seu adorado povo desejava. De certo que lho daria. Acreditando nisso, Aurenna ergueu a lâmina esverdeada até à garganta da filha e o sangue espirrou,373

salpicando de vermelho as vestes de penas brancas com que Camaban se cobrira.

Não! gritou Saban tarde de mais.

Agora! Aurenna voltou-se para o Sol. Agora!

Saban olhou-a horrorizado. Pensara que Aurenna viera a correr salvar Lallic e não matá-la, mas a rapariga caíra junto à base da pedra, com o seu corpo esguio e branco coberto de sangue. Sufocou por uns instantes, com os olhos fixos em Saban, mas acabou por morrer. Aurenna atirou fora a faca e gritou de novo a Slaol.

Agora! Agora! Lallic não se mexeu.

Agora! berrou Aurenna. Tinha as lágrimas nos olhos. Prometeste! Prometeste! Vacilava em direcção ao templo, com o cabelo em desalinho, os olhos muito abertos e as mãos vermelhas do sangue da filha. Erek! Agora! Agora!

Saban voltou-se para a seguir, mas Derrewyn estendeu-lhe a mão.

Deixa que descubra a verdade disse, falando ainda com a voz de Sannas.

Agora! gemia Aurenna. Prometeste-nos! Por favor! Chorava agora, agitada por grandes soluços. Por favor! Voltava para junto das pedras, mas o raio de luz desaparecera, de modo que o templo ficara nas sombras, limitado pelo brilho moribundo do Sol, e Aurenna, gemendo e chorando, voltava-se para ver que a filha não regressava à vida. Deitou a correr por entre as pedras, dirigindo-se através dos pilares até à entrada do lado sul do anel do céu, onde se deixou cair de joelhos na enorme fenda que havia junto ao pilar esguio, juntou as mãos e gritou de novo ao Sol que se punha vermelho, vasto e descuidado no horizonte.

Prometeste! Prometeste!

Saban não viu. Ouviu. Ouviu o rachar, o ruído áspero e o estrondo que fez tremer a terra. Soube que o último pilar do anel de Lahanna se quebrara e que a pedra horizontal caíra. Calara-se o grito de Aurenna.

Slaol deslizou para debaixo da terra.

Só ficou o silêncio.

Saban não queria ser chefe de Ratharryn, mas a tribo escolheu-o e não o deixou recusar. Insistiu que Leir era mais jovem e que Gundur era um guerreiro experiente, mas os homens de Ratharryn estavam cansados de ser conduzidos por lanceiros e visionários e queriam Saban, queriam que fosse como o pai. Assim, Saban governou Ratharryn como Hengall o fizera. Ministrava justiça, armazenava o cereal e permitia que os sacerdotes lhe dissessem por que sinais os deuses tornavam conhecidos os seus pedidos.374

Derrewyn voltou para Cathallo e aí foi nomeada chefe, mas Leir e Hanna ficaram em Ratharryn, onde Kilda se tornou esposa de Saban. O templo de Slaol, o que ficava mesmo às portas da aldeia, foi oferecido a Lahanna.

O mundo era o que tinha sido. O Inverno tão frio como sempre. Nevava. Os velhos, os doentes e os amaldiçoados morriam. Saban dividia o cereal, enviava caçadores para a floresta e guardava os tesouros da tribo. Os mais velhos diziam que era como se Hengall nunca tivesse morrido, como se tivesse renascido em Saban.

Porém, na colina havia um círculo de pedra quebrado dentro de um anel de greda.

Os corpos de Camaban, Aurenna e Lallic foram colocados na casa dos mortos e aí, à sombra da pedra-mãe, os corvos alimentavam-se da sua carne até que, no fim da Primavera, apenas se viam ossos brancos sobre a relva. Os de Haragg tinham sido enterrados há muito.

O templo nunca estivera deserto. Mesmo nesse primeiro e duro Inverno, o povo viera às pedras. Tinham trazido os doentes para serem curados, os sonhos para serem realizados e oferendas para que Ratharryn continuasse abastada. Saban ficou surpreendido, pois pensara que com a morte de Camaban e a queda da

pedra horizontal o templo tivesse fracassado. Slaol não viera para a terra e o Inverno continuava a fechar o rio com gelo; contudo as pessoas que vinham para o templo acreditavam que as pedras tinham realizado um milagre.

E assim fizeram disse Derrewyn a Saban na primeira Primavera depois da morte de Camaban.

Que milagre? perguntou Saban. Derrewyn fez uma careta.

O teu irmão acreditava que as pedras controlariam os deuses. Pensava ser ele próprio um deus e Aurenna uma deusa; afinal o que aconteceu?

Morreram disse simplesmente Saban.

As pedras mataram-nos explicou Derrewyn. Os deuses vieram ao templo nessa noite e mataram o homem que afirmava ser deus e a mulher que pensava ser deusa. Olhou fixamente para o templo. É um local dos deuses, Saban. Verdadeiramente.

Também mataram a minha filha disse Saban amargamente.

Os deuses exigem sacrifícios disse Derrewyn em voz rouca. Sempre o fizeram. Sempre o farão.

Aurenna e Lallic foram enterradas no mesmo túmulo e Saban ergueu um montículo sobre ele. Levantou um outro para Camaban e foi essa segunda sepultura que trouxe Derrewyn a Ratharryn. Viu os ossos de Camaban serem enterrados no poço central do túmulo.

Não lhe retiras a queixada? perguntou a Saban.

Deixa que fale com os deuses, como sempre fez. Saban colocou a pequena clava junto ao corpo do irmão e acrescentou uma faca de punho375

dourado, outra de cobre, a grande fivela de ouro e, por fim, um machado de bronze.

Poderá trabalhar na outra vida explicou Saban. Sempre se gabou de nunca ter empunhado um machado, então que leve agora um. Pode cortar árvores, como eu.

E afinal, ficará ao cuidado de Lahanna disse Derrewyn com o seu sorriso desdentado.

Parece que sim disse Saban.

Então poderá levar-lhe uma oferenda minha. Derrewyn desceu ao poço e colocou os três losangos no peito de Camaban. Colocou o grande ao centro e os dois mais pequenos de ambos os lados. Um pisco pousou na borda do poço e Saban considerou a presença do pássaro como sinal de que os deuses aceitavam a oferenda.

Saban ajudou Derrewyn a subir da cova. Olhou uma última vez para os ossos do irmão e depois voltou-se.

Enchei-a ordenou aos homens que esperavam e estes começaram a lançar terra e greda sobre o corpo de Camaban, terminando o montículo que ficaria com os túmulos dos outros antepassados no cimo arrelvado sobranceiro ao templo

Saban voltou para casa.

Era de tarde e as sombras das pedras estendiam-se em direcção a Ratharryn. Mantinham-se cinzentas e esguias, quebradas e assustadoras, diferentes de tudo o que havia na terra, mas Saban não olhou para trás. Sabia que tinha construído um grande templo *e* que o povo adoraria aqui até ao fim dos tempos, mas não olhou para trás. Pegou no braço de Derrewyn e caminharam os dois até saírem da sombra do templo.

Havia armadilhas de peixe para reparar, o solo para lavrar, o cereal para semear e disputas para resolver.

Atrás de Saban e Derrewyn, o Sol moribundo faiscava sobre o arco mais alto do templo. Ardeu aí durante algum tempo, tocando as pedras com uma luz ofuscante e depois mergulhou no crepúsculo do templo tornando-se negra como a noite. O dia dobrou-se em escuridão e as pedras foram deixadas aos espíritos.

Que ainda as mantêm.Nota HistóricaÉ ÓBVIO QUE TODAS AS PERSONAGENS E DIVINDADES DESTE ROMANCE SÃO fictícias. O Stonehenge que vemos é a ruína de um monumento erguido no fim do terceiro milénio antes de Cristo, princípio da Idade do Bronze, nas Ilhas Britânicas, e não temos quaisquer registos de reis, chefes, cozinheiros ou carpinteiros dessa época.

Porém, alguns pormenores do romance foram retirados de vestígios arqueológicos. Sepultado junto da entrada nordeste de Stonehenge, foi encontrado um archeiro, com uma pulseira de pedra para proteger o pulso da fricção da sua arma; foi morto, evidentemente ali perto, por três setas. Os três losangos de ouro, a fivela do cinto, as facas, machado e clava cerimonial foram descobertos num dos túmulos perto do monumento e podem hoje ser vistos no Devizes Museum.

Ratharryn é aquilo que hoje chamamos Durrington Walls e a sua enorme barreira foi um dos grandes feitos do homem neolítico, embora hoje pouco mais seja do que uma sombra no chão. Dentro dela haveria provavelmente dois templos e, à saída, um terceiro, que hoje tem o nome de Woodhenge; todos esses santuários estavam perto de Stonehenge, que é aqui chamado Velho Templo ou Templo do Céu. Cathallo é Avebury, a longa elevação tumular onde os guerreiros de Camaban profanaram os ossos fica em West Kennet, o pequeno templo no fim da avenida sagrada é o Sanctuary e o Monte Sagrado é, evidentemente, Silbury Hill; todos eles podem ainda ser visitados. Drewenna é Stanton Drew, Maden é Marden, Sarmennyn fica no sudoeste do País de Gales.

Em Stonehenge propriamente dito, as ”pedras da Lua” chamam-se agora *Station Stones*, enquanto que a ”pedra do Sol” é a *Heel Stone.* Deliberadamente, a palavra *”henge”* não é utilizada no romance, pois não teria significado. Originariamente os Saxões apenas a aplicaram a Stonehenge, pois apenas Stonehenge tinha *(henges)* pedras suspensas e lintéis), mas com o passar dos anos, alargámos o seu significado, para incluir todo e qualquer monumento circular do Neolítico e do princípio da Idade do Bronze.

O que é Stonehenge? Esta é a pergunta que ocorre à maior parte dos visitantes *e* pouco há no local que forneça uma resposta diferente daquela que nos é proposta por R. J. C. Atkinson no seu impressionante livro *Stonehenge:*382

”Há uma resposta curta, simples e perfeitamente correcta: não sabemos e provavelmente nunca o saberemos.”

É de facto desanimador, pois sem fazer ideia da sua utilização e finalidade, as pedras ficam diminuídas. Podemos apreciar a imensa mão-de-obra envolvida a transportar e erguer o monumento, podemos ficar maravilhados que tal coisa tenha sido construída, mas sem penetrarmos o espírito dos seus construtores, acaba por ficar sem significado.

É evidentemente um local de culto, mas de que culto? A resposta habitual é que o templo de Stonehenge está alinhado com o nascer do Sol no Solstício de Verão e essa crença levou à ideia errada de absurdas utilizações do monumento. A renascida Ordem dos Druidas gosta de aí realizar os seus cultos todos os solstícios de Verão, embora Stonehenge nada tenha a ver com druidas, que só apareceram depois da decadência do monumento e que, em qualquer dos casos, preferiam provavelmente realizar os seus rituais em santuários escuros, nas florestas. Há sem dúvida um alinhamento com o nascer do Sol neste dia, mas não é o único existente em Stonehenge. No seu emocionante livro *Stonehenge, Neohthic Man and the Cosmos,* John North dá uma magnífica justificação para isto: acontece que em Stonehenge, no Solstício de Verão, o Sol nasce no horizonte, a nordeste, numa posição quase diametralmente oposta ao local, a sudoeste, em que se põe no Solstício de Inverno (no ano 2000 a. C, a diferença entre os dois alinhamentos era de menos de meio grau). Assim, qualquer monumento alinhado por um, teria fortuitamente de marcar o outro, e como ambos os acontecimentos são evidentemente importantes no ciclo anual das estações, suspeitamos que eram os dois celebrados com os seus próprios rituais.

O Professor North sugere ainda que os acontecimentos celestiais não eram observados de dentro para fora do monumento mas, pelo contrário, de fora para dentro. Não há dúvida que ambas as observações eram possíveis; quem quisesse ter melhor vista do nascer do Sol no Solstício de Verão, ficaria no centro do monumento, mas o observador do pôr do Sol no Solstício de Inverno teria de se encontrar fora do santuário, olhando para o seu centro. Esse eixo principal, a linha que atravessa o monumento vinda da avenida, parece ser a mais importante característica astronómica que marca o nascer do Sol no Verão e o seu ocaso no Inverno. As quatro *Stahon Stones,* das quais só restam duas, estão alinhadas com os mais importantes acontecimentos lunares, mas formam um rectângulo cujos lados mais curtos são paralelos ao principal eixo solar do monumento.

Isto levanta a questão da necessidade de um tão elaborado monumento. Afinal, se o que se desejava era apenas marcar os extremos observados do Sol e da Lua, quatro ou cinco pedras teriam sido suficientes. Mas o mesmo se passa com religiões mais recentes. Garantem-nos que Deus pode ser tão bem adorado numa mesa de cozinha como numa igreja, e isso não é o argumento383

mais convincente para a destruição da Catedral de Salisbúria. E as catedrais ensinam-nos coisas acerca de Stonehenge. Se, daqui a quatro mil anos, os arqueólogos descobrirem os vestígios de uma catedral, podem deduzir muitas

coisas das ruínas do edifício; porém a sua primeira e mais óbvia conclusão será que foi construída de frente para o nascer do Sol, de onde se poderá assumir, com bastante lógica, que o cristianismo adorava o deus do Sol.

Na verdade, o alinhamento da maioria das igrejas cristãs nada tem a ver com o Sol. Porém seria apresentada a teoria de que o cristianismo poderia ser uma religião solar (enquanto que a incidência de crucifixos certamente convenceria os nossos futuros arqueólogos de que os cristãos levavam a cabo horríveis sacrifícios humanos), acabando por nunca se suspeitar do vasto leque de actividades a realizar dentro do edifício: casamentos, coroações, funerais, missas, serviços religiosos, concertos.

O mesmo se passa com Stonehenge. Podemos ver com bastante clareza os alinhamentos solar e lunar (esperando que, ao contrário dos nossos imaginários futuros arqueólogos, não estejamos completamente enganados acerca deles), mas não podemos entrever outras actividades que lá se tenham realizado.

Assim, Stonehenge deve ter sido um centro de culto usado para diversas actividades espirituais, embora estivesse também alinhado com significativos acontecimentos solares, acontecimentos esses que devem ter sido importantes para qualquer religião ali praticada.

Porém Stonehenge não saiu do nada. O monumento que vemos hoje é apenas a última fase de um processo muito longo, de centenas de anos, cujos vestígios estão espalhados por toda a Grã-Bretanha. A maior parte dos *henges* são cercados circulares formados por barreiras e fossos. É um conceito bastante simples, que sugere a reserva de um espaço sagrado, mas que foi complicado pela adição de postes de madeira dentro dos círculos, certamente utilizados para observação de fenómenos celestiais. Com o andar dos tempos, os círculos de postes de madeira tornaram-se mais comuns, até existirem, por toda a Grã-Bretanha: verdadeiras florestas de postes reunidos em anéis concêntricos, dentro das suas barreiras de greda. Havia um desses templos no próprio Stonehenge, outro mais a norte, que é agora conhecido como Woodhenge pelo menos mais dois perto de Durrington Walls e ainda um quarto, Coneybury Henge (a Casa dos Mortos) quilómetro e meio a sudeste de Stonehenge.

Mais tarde, alguns dos postes de madeira foram substituídos por pedras e são esses os círculos que hoje vemos. Vão desde o Norte da Escócia até ao Oeste do País de Gales e ao Sul da Inglaterra. Uns são círculos duplos, outros têm

avenidas para se chegar a eles e outros têm ”grutas”, como os de Avebury; nenhum é igual a outro, porém, dois deles, separados apenas por trinta quilómetros, embora completamente diferentes um do outro, destacam-se pela sua complexidade: Avebury e Stonehenge. Assim, não nos surpreende saber que esses monumentos são o culminar da tradição da construção de templos384

no Sul da Grã-Bretanha (a norte e oeste seriam erguidos ainda por mais mil anos), tradição essa fácil de entender. O homem do Neolítico construía-os geralmente em círculo e usava-os para observar acontecimentos celestiais intimamente relacionados com as suas crenças religiosas. Digamos que é óbvia a diferença entre as Rollright Stones no Oxfordshire e Stonehenge no Wiltshire, o primeiro é simples, o segundo estranhamente engendrado e assustador, porém no fundo são a mesma coisa.

Porque eram construídos em círculos? A resposta mais fácil é que são o fim de uma longa tradição de construção de círculos, embora nem sempre. Por vezes, o homem do Neolítico preferiu erguer filas de pedra, tal como as de Carnac, em França, ou as mais pequenas em Dartmoor. Outras vezes eram estranhos monumentos *de* terra que atravessavam quilómetros de campo (é disto exemplo o Stonehenge Cursus, a norte do monumento), porém, decidiu-se quase exclusivamente pelos santuários circulares e a sugestão mais vulgar é que essa forma reflecte os céus, o horizonte ou a natureza da existência.

Todavia parece pouco provável que uma tradição tão poderosa assente unicamente numa metáfora. É certamente mais provável que a metáfora reforce o aspecto prático, que poderia ser o de os primeiros praticantes das religiões dos *henge* quererem observar os fenómenos celestiais que ocorriam por todo o céu. John North sugere que começaram com as enormes elevações tumulares, esses estranhos montículos fúnebres que ainda se vêem em toda a Grã-Bretanha e dos quais os seus construtores utilizaram a espinha dorsal da elevação como horizonte artificial do outro lado do qual avistavam estrelas, planetas, o Sol e a Lua. Os postes de madeira marcavam as suas observações. Mas uma elevação tumular apenas é útil para as fazer dos dois lados do seu longo eixo, enquanto que uma barreira circular, um *henge,* pode ser convenientemente utilizado para todos os quadrantes do céu *e o* seu interior fornece um local útil para posicionar postes, marcando as observações; assim começou a tradição circular dos templos. Quando então os construtores ergueram Avebury e Stonehenge estavam a trabalhar dentro de uma tradição, só que a levavam a novos limites de realização. Queriam, sem dúvida, impressionar.

Deus pode também ser adorado numa mesa de cozinha, mas quem entra numa catedral sente muito mais o temor e o espanto, pois os construtores realizaram uma maravilha que transcende o quotidiano; o mesmo se passa com Stonehenge e Avebury. Há templos criados para fazer eco do terrível mistério do desconhecido. O homem do Neolítico podia efectivamente marcar a posição do pôr do Sol no Solstício de Inverno com dois pequenos postes de madeira, mas estes não teriam o mesmo efeito do que o acesso a Stonehenge, ao longo do seu caminho processional, observando no horizonte a grandiosa escuridão dos blocos de pedras com os seus lintéis. Chegaria depois o momento medonho em que a terra era engolida pela longa sombra lançada pelas pedras e, no centro dessa sombra, ficava um último raio, seguindo em direcção385

à *Heel Stone.* A sombra e a lívida fenda de luz foi aquilo que realizaram os construtores de Stonehenge.

Mas, tal como uma catedral (a palavra significa ”trono” em latim) não é construída apenas para a especial entronização de um bispo, também Stonehenge não foi construído apenas para os supremos momentos do ano solar. Deve ter contido muitos rituais, alguns deles descendendo de uma tradição milenar de construção de *henges.* Não sabemos quais seriam, mas podemos adivinhá-lo, pois as exigências feitas pelos humanos aos deuses não variam muito. Haveria certamente rituais de morte (funerais), de sexo (casamentos), de acção de graças (festas das colheitas), de pedidos (encontros para oração), rituais de passagem (baptismo, primeira comunhão ou confirmação), para celebrar o poder secular (coroações ou grandes ocasiões de Estado), bem como serviços regulares, que pontuariam o ano ritual.

Sem dúvida, algumas destas actividades seriam mais proeminentes do que agora, rituais de cura, por exemplo, ou cerimónias relacionadas com o ano agrícola. A melhor discussão que encontrei do que poderia estar por trás desses rituais é feita por Aubrey Burl no seu livro *Prehistoric Avebury,* pois esse monumento também foi erguido para incluir todas as necessidades religiosas de uma comunidade. Stonehenge desempenhava a mesma função mas, ao contrário de Avebury, acentua também o pôr do Sol do Solstício de Inverno, o que sugere que o templo estava preocupado com a morte: a morte do velho ano e as esperanças de renascimento com o novo.

A morte parece intimamente ligada aos *henges.* Uma criança com a cabeça arrancada por um machado era todos os anos sepultada muito próximo do centro

de Woodhenge. Há sepultamentos em Avebury (incluindo o de uma mulher anã e aleijada, no fosso), tal como em Stonehenge. A existência desses túmulos, para além dos óbvios alinhamentos celestiais, põem em causa a moderna teoria de que a deusa da terra seria a principal divindade, governando uma pacífica sociedade matriarcal, livre dos violentos deuses masculinos. Há demasiadas provas de violência e morte associadas a estes monumentos, para que essa teoria de felicidade seja verdadeira. Os monumentos não são cemitérios, embora pareça que, durante parte da sua história, Stonehenge tenha sido usado como depósito de cinzas provenientes de cremação, mas *os* enterramentos dentro dos *henges* parecem ter sido rituais: talvez sacrifícios básicos ou outro tipo de mortes (como a do archeiro em Stonehenge) que coincidiam com uma qualquer crise na história do templo. Há a sugestão de que os mortos eram expostos dentro dos monumentos, para serem decompostos por processos naturais e que os ossos eram depois enterrados noutros sítios. Na Europa medieval acreditava-se que quanto mais perto das relíquias de um santo uma pessoa fosse sepultada, e estas encontravam-se geralmente nos altares das igrejas, mais depressa chegaria ao céu no Dia do Juízo Final (a teoria dependia de se ser ou não apanhado na esteira ascendente do santo); ter-se-ia aplicado386

uma coisa semelhante aos grandes *henges* que, como Stonehenge, ficavam entre grupos de montículos funerários. Esta congruência entre templo e sepulturas reforça a ideia de que os *henges* circulares eram vistos como uma ligação entre este mundo e o outro, para onde iam os mortos, um mundo quase certamente concebido para se situar no céu, já que, muito antes de existirem *henges,* os túmulos eram alinhados pelo Sol, pela Lua ou pelas estrelas mais importantes. O melhor exemplo disto será o magnífico túmulo neolítico em Newgrange, na Irlanda, onde se abriu um caminho através da sepultura para levar os raios do Sol do Solstício de Inverno para dentro da câmara funerária. Este espantoso monumento, esplendidamente restaurado, foi construído, pelo menos duzentos anos antes de em Stonehenge terem sido feitos a primeira barreira simples e o fosso, sugerindo que a relação entre os mortos e o céu estava já bem estabelecida no quarto milénio antes de Cristo.

Porém, a história de Stonehenge reporta-se ao oitavo milénio antes de Cristo. Nessa altura não existia qualquer círculo ou pedras, apenas uma fileira de enormes postes de pinho, talvez como os dos tóternes, erguidos numa clareira da floresta (as posições de três dos quatro postes estão actualmente marcadas com círculos brancos no parque de estacionamento, mas de futuro, se quisermos apresentar Stonehenge como deve ser, terão de ser recordados de forma mais

apropriada). Praticamente, nada sabemos a respeito dos postes, excepto que parecem ter sido demasiado grandes para pertencer a um edifício, e nada mesmo acerca do impulso que os fez erguer, nem a respeito da escolha desse sítio em particular. Também ignoramos quanto tempo lá se mantiveram. Cinco mil anos mais tarde, por volta do ano 3000 a. C., iniciaram o *henge* que agora conhecemos. A princípio não passava de um fosso circular com uma barreira alta no seu interior e uma mais baixa no exterior. Dentro da mais alta havia um anel de buracos que receberam o nome do seu descobridor, John Aubrey, um antiquário do século xviii. Os Buracos de Aubrey são outro dos mistérios de Stonehenge. Há alguma controvérsia acerca da possibilidade de terem contido postes, mas se assim foi, qualquer vestígio deles desapareceu já; ainda mais misteriosamente, parece que os cinquenta e seis buracos foram cobertos pouco tempo depois de terem sido escavados. Alguns, mas não todos, contêm restos de cremações e não temos grande ideia da sua finalidade. Poderemos culpar esses Buracos de Aubrey da teoria popular que Stonehenge serviria para prever eclipses; é verdade que se podem prever os anos destes fenómenos com um complicado vaivém de marcações à volta dos cinquenta e seis buracos, mas parece uma hipótese pouco provável. Se resultava, porque foram então abandonados? E porque não foi o sistema copiado nos outros *henges?*

Muito pouco tempo depois do círculo ter sido feito, os primeiros postes de madeira apareceram no seu centro e na entrada nordeste, que aponta o nascer do Sol no Solstício de Verão. Este *henge* de madeira, semelhante a outros387

ali perto, em Durrington Walls, ou o recém-descoberto santuário de madeira situado em Stanton Drew, durou várias centenas de anos, embora alguns entendidos creiam que nos tempos próximos aos meados ou ao fim do terceiro milénio antes de Cristo, o templo caiu em desuso. No entanto reviveu cerca de duzentos anos mais tarde.

As *Station Stones* e outras, na entrada principal, foram as primeiras a ser levantadas. É quase certo que a *Heel Stone* (a pedra do Sol) estivesse entre os primeiros blocos de pedra a serem erguidos e ainda lá se encontra, apesar de ter alguma inclinação. Não é muito notada pelos visitantes, mas provavelmente foi a pedra-chave de todo o santuário. Durante um curto espaço de tempo, o templo foi um simples arranjo de pedras erguidas, com a mesma notoriedade de dezenas de outros santuários. Depois, aconteceu alguma coisa de excepcional. As pedras azuis (assim chamadas por terem uma coloração levemente azulada) foram trazidas do distante Ocidente do País de Gales e erguidas num duplo círculo;

parece provável que algumas delas tenham tido lintéis.

As pedras azuis são outro mistério: não existem blocos de pedra adequados na planície de Salisbúria e é por isso que todas as pedras do monumento tiveram de ser trazidas de longas distâncias. Mas porquê das montanhas Preseli, no Pembrokeshire? Os montes perto de Avebury, trinta quilómetros a norte, tinham um quase inesgotável fornecimento de blocos de pedra, todavia os construtores de Stonehenge transportaram as pedras azuis de cerca de 217 quilómetros (de facto muito mais distante, pois, pela topografia eram obrigados a um determinado circuito até ao local). Era um feito espantoso, embora alguns teóricos tenham tentado diminuí-lo, afirmando que as pedras azuis foram depositadas na planície de Salisbúria por acção dos gelos durante a era glaciar. É uma teoria conveniente mas, para falar verdade, exigiria certamente que conseguíssemos encontrar outras pedras azuis na planície ou nas vizinhanças, mas tal nunca aconteceu. A explicação mais simples, embora espantosa, é a de que os construtores queriam exactamente essas pedras e, portanto, foram buscá-las.

A viagem teria sido quase impossível de conseguir por terra, pois o caminho das montanhas Preseli até à planície de Salisbúria contém muitos vales íngremes para atravessar, de modo que arqueólogos concordam geralmente entre si que as pedras foram, em primeiro lugar, transportadas por mar. Concordam também que estas (pesando entre duas a sete toneladas) foram levadas em canoas de madeira escavada, ligadas por uma plataforma de madeira, às quais seriam amarradas. Sugeriam-se dois caminhos: para sul, em direcção a Lands End, e depois para leste, ao longo da costa sul até Christchurch Harbour, onde as pedras poderiam ser postas a flutuar no Hampshire Avon (o ”rio Mai”) até a um local junto de Stonehenge. A alternativa que prefiro é uma viagem mais curta por mar, subindo o canal de Bristol e depois o Sommerset Avon (o ”rio Sul”), atravessando uns baixios e subindo de novo o rio. Quem388

quer que tenha viajado pelo canal da Mancha, e especificamente pelas águas entre a Cornualha e o Hampshire, conhece os perigos existentes nessa costa, principalmente na forma de enormes ”portas de maré”, em que as correntes rápidas são comprimidas, tornando-se muitas vezes perigosas, junto aos cabos salientes de Star Point ou Portland Bill. Uma viagem marítima pelo Sudoeste da Grã-Bretanha iria de encontro a esses obstáculos formidáveis, enquanto subindo o canal de Bristol, seria acompanhada por fortes marés e ventos predominantes. Não há qualquer prova de que os britânicos do Neolítico conhecessem as velas,

mas sabemos que essa tecnologia existia no Mediterrâneo por volta do ano 4000 a. C., de modo que parece provável que a ideia se tivesse espalhado até à Grã-Bretanha nos dois milénios seguintes. Uma viagem pelo canal de Bristol, ajudada por velas e aproveitando a vantagem das marés da Primavera, teria sido rapidamente efectuada, sem qualquer dos enormes perigos apresentados por um caminho mais longo, rodeando a sul a península da Cornualha.

Seja como for, as pedras foram trazidas, a extraordinária viagem foi completada e então aconteceu outra coisa ainda mais notável. Os construtores, tendo tido um imenso trabalho para transportar as pedras desde o actual Pembrokeshire até ao Wiltshire, decidiram que o novo templo, ainda por terminar, não era satisfatório. Demoliram-no. As pedras foram retiradas (excepto provavelmente a *Altar Stone,* a que chamei pedra-mãe e que tinha vindo também do Pembrokeshire, da margem do rio Clewydd perto de Milford Haven) sendo substituídas por outras, mais proeminentes, que hoje vemos: as *sarsen stones}* ”Sarsen” não é um nome técnico, mas uma alcunha local, provavelmente derivada da palavra ”Saracen”, indicando a singularidade dessas enormes lajes de arenito cinzento, que dantes cobriam os vales junto a Avebury e tiveram de ser arrastadas por mais de trinta quilómetros até à sua actual posição. A viagem não foi tão invulgar como a das pedras azuis, mas mesmo assim tornou-se um feito incrível, pois estas pedras eram muito maiores e mais pesadas (a mais pesada tinha mais de quarenta toneladas).

Embora estejam também entre as pedras mais duras da natureza, os construtores trabalharam esses imensos blocos para fazerem cinco enormes trílitos e o círculo de arenito com o maravilhoso anel de trinta lintéis erguidos ao céu. Alteraram também a disposição das pedras na entrada principal, das quais resta apenas uma, a reclinada Slaughter Stone, que provavelmente nada tem a ver com qualquer matança. O nome foi-lhe posto, devido a uma mancha avermelhada na superfície, que se concluiu ser sangue antigo, mas que afinal nada é de mais dramático do que metal oxidado dissolvido pela água da chuva. É neste ponto que o romance termina.

Poderia ter sido feito durante a vida de um homem? É possível e as datas dos testes de carbono 14 (feitas na sua maioria a picaretas de chifre de veado abandonadas nos buracos das pedras) são poucas e confusas para se admitir essa possibilidade, mas a maior parte dos entendidos plausivelmente escolheriam um período mais longo. Porém, não acredito que a construção de Stonehenge tenha sido feita ao acaso. Há provas de que algumas das pedras foram erguidas apressadamente (sendo colocadas em buracos pouco fundos para as aguentar, enquanto um processo meticuloso exigiria que uma pedra mais alta fosse retirada e substituída) e apenas a inalterável natureza humana sugere que, quando se leva a cabo uma obra imponente, há alguma impaciência por vê-la terminada. Estou convencido que o desenho de um Stonehenge de arenito trai um arquitecto. Os lintéis e trílitos podem ter sido cópias de originais de madeira mas, mesmo assim, o monumento é único e ousado e sugere que alguém o criou. Sem dúvida o autor estaria impaciente por ver a sua ideia terminada. Por todas essas razões, suspeito que a construção levasse menos tempo do que vulgarmente se conclui.

Porém, o próprio Stonehenge não ficou terminado ao serem colocadas as grandes pedras de arenito. Numa determinada altura, não sabemos quando, foram feitas nalguns pilares marcas de machados e punhais. Depois, logo a seguir ao ano 2000 a. C., as pedras azuis foram trazidas de novo. Algumas foram colocadas num círculo dentro do anel de arenito, enquanto o resto formou uma ferradura dentro dos trílitos. Assim terminou o processo de construção e as ruínas que vemos hoje são os restos desse Stonehenge, embora duzentos ou trezentos anos depois da volta das pedras azuis, mais buracos tenham sido escavados para um completado pelo anel de pedras, que teria envolvido o de arenitos com lintéis, porém essas pedras nunca foram erguidas. Mais ou menos na mesma altura, o caminho sagrado, a avenida de acesso, que em grande parte caíra no esquecimento, foi estendida numa enorme curva até à margem do rio. Depois, por volta do ano 1500 a. C, o templo parece ter sido finalmente abandonado e desde aí tem-se desgastado e decaído.

Mencionei a minha considerável dívida para com o livro de John North, *Stonehenge, Neolithic Man and the Cosmos* (HarperCollins, (1997) a cujas sugestões pedi emprestada a configuração do *henge* de pedras azuis. Achei os livros de Aubrey Burl igualmente úteis, principalmente *The Stonehenge People* (J. M. Dent, Londres, 1987) e *Prehistoric Avebury* (Yale University Press, 1979).

A melhor introdução ao monumento é o ilustrado e abrangente *Stonehenge, Mysteries of the Stones and Landscape* (English Hcritage, 1997). Estou também em dívida para com *The Making of Stonehenge.* de Rodney Castleden (Routledge, Londres, 1993) e ao magnífico, pesado e incrivelmente caro *Stonehenge in its Landscape, Twenty-century Excavations,* editado por R. M. J. Cleal, K. E. Walker e R. Montague (Relatório Arqueológico de English Heritage, 10,

1995).390

Também me foi muito útil *Vfar Before Civilization,* de Lawrence Keeley (Oxford University Press, 1996). Diz-se que uma imagem vale mil palavras, mas as ilustrações de Rex Nicholls nas páginas que dividem as partes do livro, valem muito mais que isso. Os meus agradecimentos a ele e a Elizabeth Cartmale-Freedman, que me fez uma valiosa investigação acerca das colheitas do fim do período neolítico, bem como das condições de vida e das descobertas feitas noutros locais arqueológicos. Os erros, equívocos e disparates, são todos meus.

O que torna Stonehenge tão especial? Algumas pessoas ficam desapontadas com as ruínas. Nathaniel Hawthorne, ao visitar o local vindo da sua Nova Inglaterra natal dos meados do século xix, escreveu que Stonehenge ”nem por isso vale a pena ver... é um dos piores espectáculos; e quando estava completo deveria ter sido ainda menos pitoresco do que agora”. Talvez um número ainda maior de visitantes considere as pedras assustadoras. Para alguns, trata-se da associação, com mais de dez mil anos, de um local do nosso planeta com os anseios espirituais da humanidade. Para outros, é a maravilha dos lintéis, única para a época, e que ainda nos faz suster a respiração pela sua ousadia arquitectónica. A sobrevivência do monumento é um completo milagre; com o passar dos anos, quebraram-se algumas pedras, outras foram retiradas para projectos de construção e ainda outras, mal enterradas, foram deitadas abaixo por rajadas de vento. Porém, o templo ergue-se até hoje, apesar de esquecidos os nomes dos seus deuses e da natureza dos seus rituais permanecer um mistério. É um santuário para aspirações a que não podemos responder com tecnologia ou esforço humano. Que se mantenha por muito tempo.

Nota: Romancista americano (1804-1864) natural de Salem, Massachusets e autor de *A Letra Escarlate.*

...FIM DO LIVRO...